

# QUESTÕES TEÓRICAS DAS PESQUISAS EM LÍNGUAS DE SINAIS

TISLR 9



9º THEORETICAL ISSUES IN SIGN  
LANGUAGE RESEARCH CONFERENCE  
Florianópolis, Brasil, Dezembro 2006.

ORGANIZADORAS  
RONICE MÜLLER DE QUADROS  
MARIA LÚCIA BARBOSA DE VASCONCELLOS



# Sumário

Apresentação	4
Arqueologia das Línguas de Sinais: Integrando Lingüística Histórica com Pesquisa de Campo em Línguas de Sinais Recentes <i>Ted Supalla</i>	22
Raízes, folhas e ramos – A tipologia de línguas de sinais <i>Ulrike Zeshan</i>	30
Um estudo interlingüístico de segmentação da palavra em três línguas de sinais <i>Diane Brentari, Ronnie Wilbur</i>	52
Revertendo os verbos reversos e seguindo em frente: sobre concordância, auxiliares e classes verbais em línguas de sinais <i>Ronice Müller de Quadros, Josep Quer</i>	65
Repensando classes verbais em línguas de sinais: O corpo como sujeito <i>Irit Meir, Carol Padden, Mark Aronoff e Wendy Sandler</i>	82
A realização morfológica dos campos semânticos <i>Irit Meir</i>	102
Posse e existência em três línguas de sinais <i>Deborah Chen Pichler, Katharina Schalber, Julie Hochgesang, Marina Milković, Ronnie B. Wilbur, Martina Vulje, Ljubica Pribanić</i>	117
Uma Comparação Lexical de Línguas de Sinais no Mundo Árabe <i>Kinda Al-Fityani, Carol Padden</i>	130
Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: Evidências interlingüísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS) <i>Elena Pizzuto, Paolo Rossini, Marie-Anne Sallandre, Erin Wilkinson</i>	140

Tipos de Representação em ASL <i>Paul G. Dudis</i>	159
Estudos de aquisição de línguas de sinais: passado, presente e futuro <i>Diane Lillo-Martin</i>	191
Modalidade e Aquisição da Língua: Estratégias e Restrições na Aprendizagem dos primeiros sinais <i>Richard P. Meier</i>	211
Aquisição de concordância verbal em HKSL: Opcional ou obrigatória? <i>Gladys TANG, Scholastica LAM, Felix SZE, Prudence LAU, Jafi LEE</i>	225
Aquisição bilíngüe da Língua de Sinais Alemã e do alemão escrito: Ausência de sincronia no desenvolvimento e contato com a língua <i>Carolina Plaza Pust, Knut Weinmeister</i>	249
Gesticulação e aquisição da ASL como segunda língua <i>Sarah Taub, Dennis Galvan, Pilar Piñar, Susan Mather</i>	275
Variação na língua de sinais americana: o papel da função gramatical <i>Ceil Lucas e Robert Bayley</i>	286
Variação Sociolingüística em Numerais da NZSL <i>David McKee, Rachel McKee, George Major</i>	314
Imagens da Identidade e Cultura Surdas na Poesia em Línguas de Sinais <i>Rachel Sutton-Spence</i>	329
O sinalizante nativo não-(existente): pesquisa em língua de sinais em uma pequena população surda <i>Brendan Costello, Javier Fernández e Alazne Landa</i>	340
Reflexões sobre a língua de sinais e a cultura surda em ambientes de comunicação mediada por computador (CMC): explorações e considerações iniciais <i>Maria Mertzani</i>	356
Glossário	370

# Apresentação

**É** com prazer que apresentamos à comunidade científica brasileira *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais* – resultado de uma seleção dos trabalhos divulgados no **TISLR 9 (Theoretical Issues in Sign language Research 9) – 9º Congresso Internacional de Aspectos teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais** – sediado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, SC, em dezembro de 2006. O TISLR, evento internacional de maior importância em estudos de línguas de sinais, reuniu pesquisadores de 33 países com várias línguas de sinais, trabalhando a partir de diferentes arcabouços teóricos e metodológicos. Essa 9ª edição do evento se voltou, especificamente, para um mapeamento das pesquisas em Estudos das Línguas de Sinais desde a década de 60 até 2007; assim sendo, nada mais oportuno do que compartilhar, com pesquisadores e estudantes brasileiros, o olhar reflexivo desse novo campo disciplinar sobre si mesmo – evidência de sua maturação enquanto área específica de estudos – via tradução dos textos selecionados para a língua portuguesa na sua variante brasileira.

O trabalho de produção deste volume foi resultado da cooperação entre duas áreas de especialização, quais sejam, Estudos Surdos e Estudos da Tradução, áreas essas aqui

representadas pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ronice Muller de Quadros e pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Vasconcellos, respectivamente. Oportuno mencionar que, estabelecendo de forma concreta a interface entre as duas áreas, a **St. Jerome Publishing Ltd. ([www.stjerome.co.uk](http://www.stjerome.co.uk))**, uma das mais importantes editoras especializadas em publicações em Estudos da Tradução, acaba de lançar o volume 1 de sua mais recente série, *THE SIGN LANGUAGE TRANSLATOR AND INTERPRETER* (ISSN 1750-3981): um dos artigos centrais do volume (Nadja Grbic, 2007, pp.15-51) apresenta uma análise bibliométrica da pesquisa publicada sobre interpretação de línguas de sinais, selando, de forma definitiva, a relação entre a pesquisa em línguas de sinais e os estudos de tradução e interpretação. Essa série re-afirma, sobretudo, a importância da tradução em seu papel de refletir e, até mesmo, criar valores sociais e culturais, o que, no caso específico do presente volume - *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais* – consolida a presença do ser surdo não apenas no contexto social, mas na comunidade científica brasileira.

O projeto tem relevância acadêmica e social, uma vez que, ao trazer os textos na Língua Portuguesa para o contexto brasileiro com reflexões sobre as pesquisas nas diversas línguas de sinais - cenário internacional - estará

oportunizando as análises comparativas entre as diferentes línguas de sinais, bem como contribuindo para a circulação do saber teórico nesta área específica, a partir de iniciativa da UFSC. Os textos traduzidos para este volume inauguram vários temas sobre as línguas de sinais no Brasil, possibilitando a socialização de discussões teóricas, bem como a disseminação de terminologias específicas em português dessa área de investigação.

Ronice Müller de Quadros vem desenvolvendo pesquisas no campo dos Estudos Surdos desde 1995, dedicando-se especialmente aos estudos da aquisição da língua de sinais no sentido de elucidar questões relativas à estrutura da Língua Brasileira de Sinais. O interesse especializado pela Língua Brasileira de Sinais possibilitou o projeto de formação de professores surdos, professores bilíngües e tradutores e intérpretes de língua de sinais tanto no nível da graduação, como no nível da pós-graduação. Na graduação, a Prof<sup>ª</sup> Ronice coordena o primeiro Curso de Licenciatura em Letras Língua Brasileira de Sinais que objetiva formar professores de língua de sinais, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este curso será reeditado com uma nova turma de Licenciatura e passará a ofertar o Bacharelado, sendo que este último objetiva formar os tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, contemplando mais oito estados brasileiros. No total, o curso estará formando 950 professores e 450 tradutores e intérpretes de língua de sinais até 2011. Além deste curso, a Prof<sup>ª</sup> Ronice coordena o Inter-Programa de formação de professores e pesquisadores com 14 alunos de mestrado e dois alunos de doutorado com pesquisas sobre a língua brasileira de sinais em diferentes programas, Programas de Pós-Graduação em Literatura, de Pós-Graduação em Linguística e de Pós-Graduação em Estudos da Tradução,

contando com vários pesquisadores integrantes destes programas.

Maria Lúcia Vasconcellos vem desenvolvendo pesquisa em Estudos da Tradução desde início da década de 90, interessando-se, de forma especial pela linguagem da tradução, o que vem explorando por meio de pesquisa de cunho descritivo, pelo viés da Linguística Sistêmico-Funcional hallidayana e por meio de atividades de formação de tradutores/as, nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras/Inglês, do Centro de Comunicação e Expressão – CCE, da UFSC. A tradução deste volume resultou do trabalho de uma equipe de tradutores coordenada pela Prof<sup>ª</sup> Maria Lúcia, que contou com a participação de um docente da UEL – Universidade Federal de Londrina (Dr. Lincoln P. Fernandes, também membro do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET) e graduandos, mestrandos e doutorandos que trabalham sob a supervisão da Prof<sup>ª</sup> Maria Lúcia, no Programa de Estudos da Tradução/PPGET, no Programa de Pós-Graduação em Inglês/ PPGI e nos cursos de Graduação em Letras.

O método de trabalho incluiu a formação da equipe de tradutores, a formação da equipe de revisores, a definição dos consultores para questões terminológicas (Ronice Quadros trabalhando como consultora “natural” do projeto), bem como a definição de procedimentos de tradução a serem adotados e a seleção do programa de apoio à tradução (PAT) a ser usado nos trabalhos.

Valem algumas palavras sobre o Programa de Apoio à Tradução (PAT) selecionado para os trabalhos. O PAT utilizado, no nosso caso específico, foi o *Wordfast Versão 5.5* ([www.wordfast.net](http://www.wordfast.net)), um sistema de memória de tradução criado por Yves Champollion (para uma avaliação detalhada do *Wordfast* ver, Nogueira & Nogueira, 2004 – [www.cadernos](http://www.cadernos)).

ufsc.br/online/volume14.html). Não é nosso objetivo detalhar o funcionamento desse programa; entretanto, salientamos o fato de que, com o uso do *Wordfast*, os ganhos de produtividade foram grandes, sobretudo pelo fato de o trabalho ter sido feito com um conjunto de artigos sobre o mesmo tema (pesquisa em línguas de sinais) e por ter sido desenvolvido por uma equipe de tradutores: o processo exigiu uma rigorosa uniformização terminológica, o que foi possibilitado por meio dos recursos de memórias de tradução e criação de glossários, disponibilizados pelo *Wordfast*.

Cumpramos ressaltar que o projeto de tradução de *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais* contribuiu, de forma substancial, como laboratório para os tradutores-em-formação da UFSC. A participação em um projeto real de tradução – em todas as suas etapas, desde o contato inicial entre as coordenadoras, passando por todas as etapas intermediárias, incluindo o processo negociação de significados e de revisão e, finalmente, de entrega do produto à Editora Arara Azul – constituiu uma oportunidade didática única que veio por desenvolver, nos tradutores-em-formação, uma noção de profissionalismo que, de outra forma, não teriam adquirido.

No que tange o conceito de tradução que informou os trabalhos, entende-se tradução como uma nova produção textual – certamente vinculada a uma produção textual anterior – em novo contexto, em uma nova língua. Nesse sentido, e em termos do arcabouço teórico hallidayano, entendemos a tradução como uma *re-textualização*, ou seja, embora em uma nova configuração vinculada ao novo contexto lingüístico e cultural de recepção, o texto traduzido sempre se relaciona, no mínimo, ao conteúdo *ideacional*

(ver Halliday, 2001, “Towards a theory of a ‘good’ translation”) do texto de partida, anteriormente *textualizado* em outra língua. A noção de tradução como *retextualização* foi proposta por Coulthard (1986, 1992) e explorada por Costa (1992), que desenvolveu o seguinte argumento: “por meio de tradução, um dado texto adquire sua expansão máxima, uma vez que transcende os limites lingüísticos dentro dos quais foi concebido” (p. 138, tradução nossa), tornando-se o ponto de partida que possibilita ao tradutor produzir um novo texto no contexto tradutório da chegada: aqui sua mais importante decisão instala-se na dimensão do *o que* e *para quem* retextualizar. As implicações e conseqüências de tais decisões irão afetar a seleção de significados a serem realizados e a configuração textual da tradução. Decidir ‘*o que*’, ‘*para quem*’ e, adicionamos, ‘*como*’, são as dimensões que vêm por informar a definição das características textuais de um texto a ser traduzido, em um dado contexto tradutório (Vasconcellos, 1997).

Nesse sentido, os procedimentos adotados neste trabalho de tradução estão intimamente ligados às convenções que regem a produção de textos do tipo específico aqui trabalhado – textos acadêmicos escritos – no contexto de chegada. No contexto dos procedimentos de tradução, é importante destacar três preocupações que permearam os trabalhos: (I) a adoção de convenções genéricas do contexto de chegada; (II) o uso de nominalizações; e, (III) o uso de procedimento ‘explicitação’.

No que diz respeito ao item (I), o gênero em questão é artigo acadêmico, que, no contexto brasileiro (ocidental?), segue a tradição hegemônica da escrita acadêmica veiculada em inglês, caracterizada por um uso de linguagem dita ‘objetiva’, tipicamente despida de



colorido ‘emocional’ (ver Bennett, 2007). Embora estejamos cientes da ideologia embutida nesse tipo de ‘receita’ de discurso - que exclui a circulação de conhecimento veiculada de forma não canônica - optamos por seguir essa convenção. Entretanto, uma vez que a natureza da interface em que *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais* foi produzido – Estudos Surdos/Estudos da Tradução – é inerentemente não-essencialista e busca o encontro do “outro”, tentamos relativizar esse poder do discurso hegemônico da escrita acadêmica, respeitando as diferenças culturais manifestadas no discurso dos artigos aqui agrupados. Como ilustração, citamos o artigo de Kinda Al-Fityani e Carol Padden, “Uma Comparação Lexical de Línguas de Sinais no Mundo Árabe”, cujo estilo metafórico, não usual em *papers* acadêmicos do mundo ocidental, foi considerado na produção do texto traduzido, numa tentativa de levar em conta sua heterogeneidade discursiva e marcar sua dimensão cultural.

Quanto ao item (II), uma questão central que permeou os trabalhos de tradução diz respeito ao fato de os textos em sua configuração no pólo de partida - inglês - terem sido “escritos-para-serem-falados”, já que foram produzidos para serem apresentados no formato “palestras” e/ou “comunicações”, no TISLR 9. Na produção dos textos traduzidos, o ‘modo’ do discurso (ver ‘modo’ do discurso, como uma das variáveis do conceito de ‘registro’, em Halliday, 1989) – “escrito-para-ser-falado” – mudou, então, para “escrito-para-ser-lido”, o que lhe conferiu algumas características não presentes em textos ditos orais (Koch, 1997, p. 62), como, por exemplo, maior elaboração, densidade informacional, complexidade oracional (sobretudo com o uso de orações complexas e subordinação), uso de voz passiva, densidade lexical e uso de nominalizações nas traduções.

Com relação ao item (III), o procedimento conhecido como ‘explicitação’ é utilizado no sentido a ele atribuído por Blum-Kulka (1986, p. 21): “... redundância semântica ausente no original”, ou seja, explicações contextualizadoras que objetivam a leitura-bilidade do texto, tendo em vista os leitores pretendidos. Inclui-se como ‘explicitação’ o uso de vários recursos, desde recursos coesivos explícitos, até a adição de segmentos mais longos, ou glosas explicativas para conceitos ou para ‘empréstimos’. A adoção desse procedimento, que Blum-Kulka (*ibid.*) sugere ser um dos ‘universais’ da tradução, resultou em um maior número de palavras nos textos traduzidos, como pode ser atestado pelos dados gerados pelo programa de apoio ao tradutor utilizado – *Word Fast*. Como ilustração, citamos os dados referentes ao texto de **Al-Fityani et al**, nas Tabelas 1 e 2 abaixo:

C:\Documents and Settings\lautenai\AL-Fityani_Padden_EN.doc				
Scanned: document, footnotes, headers/footers, textboxes.				
Analogy	segments	words	char.	%
Repetitions	10	15	90	0%
100%	0	0	0	0%
95%-99%	0	0	0	0%
85%-94%	0	0	0	0%
75%-84%	0	0	0	0%
_0%-74%	313	4601	28774	100%
Total	323	<b>4616</b>	28864	
(character count includes spaces)				

**Tabela 1: Dados gerados a partir do texto-fonte**

Como é possível observar nos segmentos salientados em negrito nas tabelas 1 e 2, o número de palavras do texto-fonte corresponde a **4616**, enquanto o número de palavras do texto-alvo corresponde a **5038** ocorrências, variação quantitativa essa que se constitui como um dos parâmetros para aferir a uti-

lização do procedimento de ‘explicitação’ na tradução.

C:\Documents and Settings\lautenai\Al-Fityani_Padden_PT.doc				
Scanned: document, footnotes, headers/footers, textboxes.				
Analogy	segments	words	char.	%
Repetitions	102	329	2053	7%
100%	0	0	0	0%
95%-99%	0	0	0	0%
85%-94%	0	0	0	0%
75%-84%	0	0	0	0%
_0%-74%	226	4709	29083	93%
Total	328	<b>5038</b>	31136	
(character count includes spaces)				

**Tabela 2: Dados gerados a partir do texto-alvo**

Ressalta-se o trabalho dos revisores dessa edição. O trabalho de revisão foi informado pelos parâmetros de revisão sugeridos por Mossop 2001 (*Editing and Revising for Translators*, St. Jerome, United Kingdom). Mossop (*ibid.* pp. 100-112) sugere seus parâmetros a partir de pesquisa empírica sobre o que ele chama de “tipos de erros mais comuns” em tradução. Embora o autor utilize o termo “transferência” – do qual discordamos, por não ser compatível com a noção de tradução aqui adotada, como produção textual e *não* como transferência de significados – para descrever as ocorrências de erros, ele consegue sistematizar os problemas tipicamente encontrados e sugerir soluções para sua revisão. Os problemas elencados são de quatro tipos, sendo divididos em dois grandes grupos de trabalho de revisão, a saber: Grupo A – que envolve leitura comparativa ou cotejamento do texto-fonte com o texto-alvo: (I) problemas de ‘transferência’ de significado (precisão; totalidade); (II) problemas de conteúdo (lógica e fatos); Grupo B – que envolve leitura unilingual, ou seja, já *apenas* do texto-alvo enquanto entidade com status próprio;

(III) problemas de língua e estilo (fluência, adequação ao público-alvo, uso de registro apropriado ou sub-língua, uso apropriado de expressões idiomáticas, uso apropriado da “mecânica” da escrita, envolvendo pontuação, espaçamento, tipicidades editoriais); e, finalmente, (IV) problemas de apresentação da tradução (*layout*, tipografia, organização). Nos trabalhos de revisão de *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*, a revisão do tipo “Grupo A” – cotejamento com o texto-fonte – foi feita pelos coordenadores de cada uma das quatro equipes de tradução, pela equipe de revisão e pela coordenadora geral; a revisão do tipo “Grupo B” leitura apenas do texto alvo – foi feita por esses coordenadores, pela equipe de revisão e pela coordenadora geral da tradução e, em última instância, legitimada pela coordenadora do Projeto Libras, Ronice Müller de Quadros, sobretudo quanto à questão da terminologia a ser adotada. Buscou-se, assim, garantir uma tradução que atendesse aos anseios de seu público-alvo, a saber, pesquisadores, estudantes e todos interessados em uma visão teórica dos estudos de língua de sinais.

As organizadoras do volume estão cientes de sua responsabilidade no que tange à seleção dos textos aqui organizados e o trabalho de sua tradução, bem como da relevância do presente volume em termos da disseminação de terminologia a ser utilizada pela comunidade científica da área, em língua portuguesa. No mínimo dois motivos atestam a relevância de *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*: (I) as traduções aqui apresentadas foram utilizadas como ‘texto-fonte’ para a tradução ‘indireta’ para Libras; e (II) os termos aqui que escolhemos “produzir” irão, certamente, influenciar a produção e consumo de conhecimento na área, no contexto brasileiro. Krieger & Finatto (2004)



apontam, com propriedade, a importância do processo denominativo para as atividades de conceitualização de uma área, explicando o papel das terminologias na *fixação* e na *circulação* do saber científico:

O léxico temático configura-se, portanto, como um componente lingüístico, não apenas inerente, mas também a serviço de comunicações especializadas, posto que os termos transmitem conteúdos próprios de cada área. Por isso, os termos realizam duas funções essenciais: a de representação e a de transmissão do conhecimento especializado. (2004, p. 17)

É nesse contexto que *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais* busca oferecer uma contribuição, por meio da construção e apresentação de um glossário – aqui definido como “... repertório de unidades lexicais de uma especialidade” (Krieger & Finatto, 2004, p. 51), que reflete um panorama da produção e do pensamento nacional e internacional da pesquisa em línguas de sinais, conforme manifestada nos textos selecionados para compor *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais* – base de dados para o *corpus* textual - centrando-se no léxico especializado e fraseologias típicas da área. O pesquisador responsável pela elaboração do glossário apoiou-se em ferramentas eletrônicas: *Word-Fast*, o programa de memória de tradução utilizado e a suíte de programas *WordSmith Tools*, um *software* de análise lexical para PCs, criado por Mike Scott e publicado pela Oxford University Press desde 1996, agora em sua versão beta 5.0 (esclarecemos que a versão utilizada foi a 4.0).

O glossário, organizado em ordem alfabética, buscou representar os termos-chave e conceitos que se fizeram presentes nos artigos

aqui publicados, com vistas a facilitar a comunicação na área, em termos de oferta de uma linguagem a ser compartilhada por pesquisadores e estudantes interessados em pesquisa em línguas de sinais, no contexto de falantes da língua portuguesa. Apresentamos, a seguir e a título de ilustração, algumas soluções encontradas na tradução de termos centrais (para mais detalhamentos, favor consultar o glossário oferecido no final deste volume). Esclarecemos que as decisões quanto aos procedimentos adotados foram inspiradas pelo conjunto de possíveis estratégias tipicamente utilizadas por tradutores profissionais elencadas por Baker (1992, p. 34). Em alguns casos, a decisão das organizadoras do volume, em negociações com a equipe de tradução, foi fazer uso de “empréstimos” – introduzindo, em português, o termo em sua configuração morfológica na língua de partida, o inglês, muitas vezes com o acompanhamento de uma glosa, como foi o caso, por exemplo, de “línguas *pro-drop* (línguas de sujeito nulo)” (Quadros & Quer) (ver métodos de tradução em Vinay & Darbelnet 1958/1995, pp.30-40). Em outros casos, uma tradução literal, como em “body-anchored verbs”, em cuja tradução foram feitos, apenas, ajustes devidos aos diferentes sistemas lingüísticos, nesse caso, mudança na ordem das palavras: “verbos ancorados ao corpo” (Meir). Outra solução comumente adotada foi a recriação, em português, de um termo em inglês, de tal forma a explicar o sentido implícito na expressão da língua fonte, como em “bilingual bootstrapping” (que sugere sucesso e facilidade, por um indivíduo, no processo de aquisição bilíngüe, com pouca ou nenhuma ajuda externa), retextualizado como “desencadeamento bilíngüe” (Pust e Weinmeister).

Finalmente, cumpre observar que os termos do glossário são apresentados com ilustração, a cada entrada, de sua ocorrência

nos textos, tanto texto-fonte como texto-alvo, para facilitar seu entendimento em seu *habitat* natural.

Resta, finalmente, apresentar os trabalhos que compõem *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*. Os artigos selecionados representam diferentes áreas da lingüística, bem como suas possíveis interfaces. Os temas abordados anunciam novas perspectivas nos estudos das línguas de sinais de questões que são vistas e revistas, além de temas completamente originais. Os artigos dos palestrantes convidados, Ted Supalla, Ulrike Zeshan, Paul Dudis, Diane Lillo-Martin e Richard Meier estabeleceram uma divisão “natural” entre as temáticas abordadas. Iniciamos com uma visão histórica dos estudos das línguas de sinais, partimos para as análises no campo da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica; vamos para o bloco das interfaces da lingüística com outros campos de investigação, com um foco nos estudos de aquisição da língua de sinais, além de outras interfaces. Estes textos representam algumas possibilidades das temáticas a serem investigadas na Língua Brasileira de Sinais. Portanto, apresentam, de certa forma, impacto no desenvolvimento das pesquisas no Brasil.

O texto de abertura do volume, escrito por **Ted Supalla** – “Arqueologia da Língua de Sinais: Integrando Lingüística Histórica com Pesquisa de Campo em Línguas de Sinais Jovens” – explora a interface entre a lingüística histórica e a pesquisa de campo para mostrar a possibilidade de uma nova abordagem para a arqueologia da língua de sinais, por meio de um conjunto alternativo de ferramentas e de uma explicação alternativa para as formas atuais. Supalla argumenta que uma arqueologia deve reconhecer a existência de formas pré-determinadas comuns ao longo da história das línguas de sinais que podem surgir não

devido aos processos lingüísticos de mudança, mas talvez devido à natureza das próprias línguas de sinais. O autor explora essas formas que, como apontado por ele, incluem apontadores espaciais, direção de movimento do verbo como um marcador de concordância e o uso de configurações de mão classificadoras. Como resultado de pesquisa interlingüística envolvendo 15 línguas de sinais que surgiram naturalmente em diferentes partes do mundo, Supalla consegue mostrar que todas as línguas utilizam localização e movimento através do espaço de maneira similar, para marcar concordância gramatical com o sujeito e o objeto e, com base nesses resultados, sugere que, devido a essas semelhanças entre línguas de sinais não relacionadas, falantes de línguas de sinais mutuamente ininteligíveis são capazes de desenvolver um pidgin sinalizado (denominado sinal internacional) que conserva tais estruturas morfológicas. Finalmente, observa que, na pesquisa histórica e comparativa, é possível observar tanto processos de divergência, quanto de convergência entre línguas de sinais internacionais e tanto os processos comuns a todas as línguas como processos específicos às línguas de sinais.

A seguir, em “Raízes, folhas e ramos – A tipologia de línguas de sinais”, **Ulrich Zeshan** salienta o aumento de disponibilidade de dados de várias línguas de sinais ao redor do mundo como fator que possibilitou, pela primeira vez na história da pesquisa em língua de sinais, a ampliação do banco interlingüístico de dados para realizar estudos tipológicos significativos entre línguas de sinais. Sua contribuição para a discussão se dá em termos de oferta de um estudo que resume e exemplifica os importantes resultados que emergiram da pesquisa comparativa e sistemática de línguas de sinais ao longo dos últi-

mos anos. Zeshan faz um passeio descritivo e analítico, em oposição a um mero relatório sistemático e exaustivo de todo o campo de estudo, examinando a nova sub-disciplina de tipologia de língua de sinais sob uma variedade de perspectivas. Observa, entre outras fontes, aquelas cuja confluência cria o campo de tipologia de língua de sinais (as “raízes”, nos termos da metáfora do título), as diferentes maneiras de se fazer tipologia de língua de sinais e as metodologias associadas (os “ramos”) e alguns dados fascinantes e seu significado tipológico e teórico (as “folhas”). O autor organiza seu texto em quatro partes, que propõem: (i) apresentar a tipologia de língua de sinais, concentrando a atenção nos objetivos e metodologias da área; (ii) ilustrar os tipos de resultados que emergem dos estudos interlingüísticos em línguas de sinais; (iii) examinar exemplos dos resultados de estudos comparativos amplos, assim como dados de línguas de sinais utilizadas em comunidades com surdez hereditária; e, finalmente, (iv) mostrar, no contexto de uma questão teoricamente importante a respeito da natureza da linguagem humana na modalidade visual-gestual, como a ampliação do banco de dados na tipologia de língua de sinais pode conduzir a pontos teoricamente desafiadores. Como consideração final, Zeshan chama a atenção do leitor para o impacto, para além da lingüística, que a pesquisa em tipologia de língua de sinais tem em comunidades surdas, em todo o mundo.

O texto de **Diane Brentari e Ronnie Wilbur** faz um estudo interlingüístico de segmentação da palavra em três línguas de sinais, no qual os autores analisam as estratégias de segmentação da palavra utilizada em 3 grupos de sinalizantes surdos (ASL, HZJ e ÖGS) e 3 grupos de ouvintes não-sinalizantes (falantes de Inglês, Croata e Austríaco). As Hipóteses

que informam o estudo são: Hipótese 1 - os sinalizantes demonstrarão maior sensibilidade com informações simultâneas e restrições fonológicas específicas da língua de sinais (LS) – tais como a distribuição de configurações de mão (CMs), pontos de articulação (PAs) e movimentos (Ms) – do que os não-sinalizantes; e Hipótese 2 – a natureza visual do sinal fará com que tanto falantes, como sinalizantes utilizem a informação em nível da palavra para seus julgamentos na LS, apesar do fato de o trabalho em uma língua falada mostrar que falantes estão pré-dispostos a usar seqüências de sílabas (por exemplo, o pé) para fazer julgamentos de segmentação da palavra nas línguas faladas. A Hipótese 1 foi parcialmente confirmada: sinalizantes são mais sensíveis às informações simultâneas no sinal do que não-sinalizantes. A Hipótese 2 também foi confirmada: não-sinalizantes adaptaram-se às estratégias de LSs ao fazerem julgamentos de segmentação da palavra na modalidade visual.

**Ronice Müller de Quadros e Josep Quer** revisam – em seu artigo “Revertendo os verbos reversos e seguindo em frente: sobre concordância, auxiliares e classes verbais em línguas de sinais” – as idéias principais das diferentes abordagens sobre a concordância verbal em LS e aperfeiçoam algumas delas, contribuindo para uma caracterização mais precisa da concordância, da tipologia verbal e dos chamados predicados auxiliares nas LSs. Ao revisitar a classificação tripartite padrão dos verbos da língua de sinais, que é baseada na suposição da diferença entre a concordância exibida por verbos espaciais e aquela exibida por verbos de concordância, os autores questionam essa diferença, mostrando que os predicados espaciais que expressam movimento e os verbos de concordância recorrem ao mesmo tipo de elemento morfológico

para realizar o suposto tipo diferente de concordância: TRAJETÓRIA (PATH). Conforme afirmam, a contribuição semântica desse morfema nas duas classes seria essencialmente a mesma: em verbos espaciais, as posições (*slots*) iniciais e finais de TRAJETÓRIA estão alinhadas com as localizações e, em verbos de concordância, estão alinhados com os loci de sujeito e objeto. Visto que os verbos de concordância parecem denotar transferência de um tema ou um sentido literal ou abstrato, estabelece-se, então, a generalização semântica que os espaços do morfema direcional de TRAJETÓRIA podem ser ocupados por papéis temáticos fonte e alvo em ambas as classes de predicados. Para verbos espaciais, isso é relativamente direto; para verbos de concordância, fonte e alvo são restritos a [+humano], podendo, assim, ser renomeados como agente e benefactivo, respectivamente. Quadros e Quer mostram que, por mais atraente que esse quadro possa ser, ele também se depara com alguns sérios desafios, dentre os quais, provavelmente, o mais explorado é o problema da subclasse dos verbos de concordância chamados “reversos” (*backwards*): em tais predicados, o alinhamento da trajetória não é com o sujeito e o objeto, mas com a fonte e o alvo, o que resulta em uma trajetória que vai do locus do objeto ao locus do sujeito. Para examinar essa questão e apresentar e sustentar seus argumentos, os autores discutem evidências recentes a partir da Língua de Sinais Brasileira (LSB) e da Língua de Sinais Catalã (LSC). Os resultados de seus estudos demonstram que: (i) o quadro que emerge sobre concordância e classes verbais em LSs é substancialmente modificado, com relação às suposições atuais, sendo possível afirmar que (a) os verbos não simples (“espaciais” + “de concordância”) podem, em geral, concordar com argumentos locativos (concordância

espacial), com argumentos pessoais (concordância de pessoa), ou ambos; (b) os predicados auxiliares podem concordar, apenas, com argumentos pessoais/animados (concordância de pessoa); (c) os verbos reversos são verbos lexicais manuais, cujas trajetórias são determinadas pela concordância espacial e não pela concordância de pessoa gramatical; (ii) a concordância com traços locativos e de pessoa gramatical é, com frequência, indistinguível na superfície, embora a estrutura do argumento de cada predicado imponha condições de licenciamento, em que o argumento-sujeito de um predicado manual deve ser licenciado pelo traço de pessoa; e, finalmente, (iii) existe, ainda, ambigüidade do locus como localização ou R-locus (por exemplo, TELL [dizer] com concordância de pessoa gramatical vs. TELL com concordância locativa no argumento-ALVO), havendo necessidade de mais pesquisas para se determinar até que ponto um locus atribuído a um referente animado pode ser ambíguo, entre um locus de pessoa gramatical ou um locus espacial.

Em “Repensando classes verbais em línguas de sinais: o corpo como sujeito”, **Irit Meir, Carol Padden, Mark Aronoff e Wendy Sandler** lançam um novo olhar sobre a análise tradicional das classes verbais em línguas de sinais. Para tanto, re-examinam o papel do corpo e das mãos nos diversos tipos de verbos em ASL e ISL, voltam à classificação dos verbos nessas línguas e oferecem uma maneira alternativa de caracterizar estas classes: enquanto a análise tradicional se concentra no papel das mãos na codificação das propriedades gramaticais relevantes (as mãos são o articulador ativo na língua de sinais e elas concentram a maior parte da carga informacional contida no sinal), esses pesquisadores propõem uma nova classificação dos verbos

em língua de sinais, observando não somente o que as mãos fazem, mas o papel que o corpo tem nas diferentes classes verbais. Afirmam que a análise por eles proposta apresenta vantagens, por ser capaz de explicar a peculiaridade tipológica da concordância verbal em língua de sinais (a proeminência do objeto em relação ao sujeito na concordância verbal) e a razão de algumas formas verbais serem mais complexas que outras, em relação à competição entre os diferentes papéis do corpo em diversos sub-sistemas da língua e por conseguir fazer previsões interessantes acerca da tipologia e avanços diacrônicos em línguas de sinais. O padrão ‘corpo como sujeito’, mesmo sendo básico, como argumentam, é freqüentemente ofuscado por outros sistemas em línguas de sinais. Entretanto, uma vez que este padrão é reconhecido, ele se torna uma ferramenta explicativa robusta para um grande número de fenômenos interlinguais e intralinguais, explicando porque ‘corpo como sujeito’ emerge como estratégia modelo em verbos de concordância de argumento único, esclarecendo a complexidade das formas de objeto em 1ª pessoa e, finalmente, explicando a aparente supremacia do objeto no sistema de concordância verbal em línguas de sinais.

No contexto de um questionamento do fato comumente aceito de que a forma morfológica de um verbo não reflete o campo semântico em que ele está sendo usado, **Irit Meir** aponta uma lacuna na relação entre morfologia e semântica, em seu texto “A Realização Morfológica dos Campos Semânticos”. Conforme ele argumenta, contrariando esse axioma, a Língua de Sinais Israelense (LSI), aqui investigada como uma representante das línguas de sinais em geral, constitui uma língua em que as propriedades morfológicas de um verbo refletem e são determi-

nadas pelo campo semântico em que ele está sendo usado. Meir é cauteloso ao deixar claro que não pretende sugerir a existência de um morfema específico na língua que codifique o campo semântico ou indique o uso metafórico. Ao invés disso, afirma, diferentes campos semânticos possuem diferentes propriedades morfológicas na LSI, refletidas nas propriedades morfológicas dos verbos utilizados nesses campos. No desenvolvimento de seu argumento, o autor analisa, primeiramente, as várias manifestações dos campos semânticos nas línguas faladas, para, a seguir, examinar as propriedades morfológicas de cada um dos campos na LSI e, então, investigar as implicações da análise para a teoria lingüística. A contribuição de Meir, no contexto dessa discussão específica, reside na explicitação, feita por ele, do *significado teórico* da realização morfológica desses campos semânticos que, conforme demonstra, pode ser vista em três dimensões: (i) a aceitação da realização morfológica desses campos semânticos preenche uma lacuna na relação entre semântica e morfologia, pois, como o trabalho demonstra, a polissemia sistemática de itens lexicais usados em diferentes campos semânticos é codificada em uma língua transmitida na modalidade visual-espacial, a LSI e, muito possivelmente, também em outras línguas de sinais; (ii) as formas morfológicas são, freqüentemente, levadas em conta como evidência para a existência da categoria semântica específica expressa por essas formas (por exemplo, a existência de morfemas em algumas línguas que expressam certas distinções semânticas - como telicidade - pode ser interpretada como evidência de suporte para análises que assumem a existência de entes primitivos semânticos correspondentes a tais distinções; de modo similar, as diferenças morfológicas entre as classes verbais em dife-



rentes domínios semânticos na LSI podem ser interpretadas como suporte para teorias que assumem a existência dos campos semânticos e as propriedades morfológicas dos diferentes campos podem oferecer uma perspectiva melhor sobre suas propriedades); (iii) as distinções morfológicas entre os campos semânticos, que uma vez identificadas, podem apoiar uma análise específica em detrimento de outra (por exemplo, no contexto da controvérsia existente com relação ao fato de verbos de MDE serem de natureza semelhante aos verbos de mudança de localização).

O estudo de **Deborah Chen Pichler, Katharina Schalber, Julie Hochgesang, Marina Milković, Ronnie Wilbur, Martina Vulje e Ljubica Pribanić** – “Posse e existência em três línguas de sinais” – descreve, compara e documenta construções possessivas e existenciais em três línguas de sinais: Língua de Sinais Americana (ASL), Língua de Sinais Austríaca (ÖGS) e Língua de Sinais da Croata (HZJ). Os autores observam as similaridades estruturais em construções possessivas e existenciais nas três línguas, bem como as restrições semânticas nos tipos de ‘possuidor’ e de ‘possessum’ permitidos. Apontam, ainda, evidências para uma relação subjacente entre possessivos, existenciais e locativos, similar ao que é relatado sobre muitas línguas faladas. Inicialmente, fazem uma descrição geral das construções relevantes produzidas pelos participantes de seu projeto, que inclui uma comparação de características sintáticas e semânticas de diversas construções possessivas nas três línguas em estudo, observando a ocorrência de padrões semelhantes nos corpora utilizados. Em seguida, discutem a noção de que as construções possessivas e existenciais são sintaticamente relacionadas, não apenas entre si, mas também com as construções locativas, noção essa consoli-

dada na literatura sobre a língua falada, mas ainda não investigada em dados relativos a línguas de sinais. Por fim, discutem as evidências de uma natureza locativa subjacente às construções possessivas e existenciais na ASL, na ÖGS e na HZJ, geradas a partir dos dados analisados. Ao analisar seus dados, os autores observam semelhanças entre essas três línguas quanto às estruturas sintáticas empregadas para expressar posse e existência, bem como uma visível restrição com relação a quais dessas estruturas podem ocorrer com possuidores inanimados e certos casos de posse inalienável (por exemplo, posse de parte do corpo). Os autores explicam tal restrição por haver possibilidade de ela decorrer do fato de que a posse é, em sua expressão mais canônica, uma relação entre um possuidor animado e um *possessum* inanimado e que essa relação particular é enfatizada pelo pronome POSS explícito. Os autores chamam a atenção para (i) as características locativas ou espaciais subjacentes às estruturas existenciais e possessivas observadas na ASL, na ÖGS e na HZJ, sobretudo no que se refere aos mecanismos alternativos para expressar posse (envolvendo uma apontação em direção ao locus do possuidor ou um movimento do sinal do *possessum* em direção ao locus do possuidor) e para (ii) a natureza também espacial da expressão de existência por meio do estabelecimento de construções de *figura-base*, nas quais a *base* é codificada como locação e a *figura* como o objeto ao qual se atribui existência. Por fim, apontam uma evidência diacrônica secundária das origens locativas do verbo existencial/possessivo usado na ÖGS e de um verbo existencial na HZJ. Os autores fecham seu artigo reconhecendo a necessidade de cuidado ao se aplicar análises originalmente desenvolvidas para dados de línguas faladas para as línguas de sinais,



deixando claro, entretanto, sua crença que as atuais evidências da natureza locativa de (certas) estruturas possessivas e existenciais na ASL, na ÖGS e na HZJ são suficientemente convincentes para merecer uma investigação rigorosa.

No cenário de uma descrição das línguas de sinais do Oriente Médio, o trabalho de **Kinda Al-Fityani** e **Carol Padden** explora a possibilidade de existência de uma relação entre as línguas de sinais da região, por meio das estatísticas lexicais – um método de comparação de vocabulário entre as línguas de sinais para determinar o tipo de extensão da relação lingüística. Os autores apontam pelo menos três circunstâncias simultâneas que afetam a distribuição das línguas de sinais na região: (i) as tradições de casamento comuns, segundo as quais a existência de casamentos consangüíneos tem levado a altas freqüências de caracteres recessivos, em termos de surdez hereditária; (ii) as circunstâncias sociais e culturais no mundo árabe que, de algum modo, propiciam mais oportunidades para se aprender a língua de sinais desde o nascimento, talvez em função de incidência mais alta de surdez genética; e, (iii) as circunstâncias culturais, sociais, políticas e econômicas, que levam as línguas de sinais no mundo árabe a serem mais propensas ao isolamento umas das outras – aqui incluídos os costumes relacionados ao casamento no mundo árabe e os fatores políticos das regulamentações da imigração entre os países árabes que, por dificultarem a migração, favorecem o desenvolvimento de línguas de sinais isoladas. Os autores concluem que, dada a tradição de endogamia no mundo árabe, o que leva a altas taxas de surdez genética, é muito provável que tenha havido uma longa história de línguas de sinais na região. Como mostram os resultados de sua pesquisa, muitas dessas línguas

de sinais são línguas distintas, em oposição a dialetos e não são relacionadas historicamente, podendo, assim, as similaridades em seus vocabulários serem atribuídas aos valores culturais comumente compartilhados e aos repertórios gestuais.

**Elena Pizzuto, Paolo Rossini, Marie-Anne Sallandre e Erin Wilkinson** exploram – em “Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: Evidências interlingüísticas nas Línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS)” – fatores tipológicos, supostamente específicos de línguas de sinais, que afetam a dêixis e a anáfora nessa modalidade. Nesse contexto, o objetivo dos autores é definir as estruturas dêitico-anafóricas como recursos de coesão textual que permitem a falantes ou sinalizantes introduzir referentes no discurso (dêixis) e, subseqüentemente, referir-se a eles em momentos posteriores (anáfora). O estudo oferece evidências relevantes, a partir de um exame comparativo de narrativas curtas produzidas nas três línguas de sinais; amostras analisadas permitiram, também, avaliar, ainda que parcialmente, a influência das relações entre as línguas sobre os fenômenos investigados. A atenção da pesquisa está concentrada em duas grandes classes de recursos de referência dêitico-anafórica, no contexto de línguas de sinais: (i) a classe ‘padrão’, já amplamente investigada, realizada por meio de apontações manuais e visuais que estabelecem posições marcadas no espaço (os “loci”), às quais os referentes podem ser simbolicamente atribuídos; e, (ii) a classe de complexas unidades manuais e não-manuais que exibem características altamente icônicas e são marcadas por padrões específicos do olhar, aqui referidas como Estruturas Altamente Icônicas (EAI) ou ‘*Transferências*’. Além dos padrões específicos do olhar, os autores apontam outros elementos que compõem as EAIs: (a)

formas manuais que codificam características perceptivelmente salientes das relações entre os referentes e o referencial, identificadas na literatura sobre LS sob diferentes termos: “classificadores”, “morfemas produtivos”, sinais “polissintéticos” ou “multicomponenciais”; e, (b) expressões faciais marcadas e/ou modificações na direção da cabeça, dos ombros e do tronco, tipicamente identificadas na literatura como “recursos de troca de papéis”. Conforme concluem, diferentes subtipos de EAI’s podem ser combinados entre si, ou com sinais padrão, para codificar simultaneamente informações referentes a dois (ou até mais) referentes, permitindo assim uma especificação multilinear da referência dêitico-anafórica, que parece ser exclusiva da modalidade visual-gestual.

Discutindo o papel do corpo e do espaço ao seu redor na representação de cenários, objetos e eventos no discurso da ASL, **Paul Dudis** - no artigo intitulado “Tipos de Representação em ASL” – mostra como, se demonstrado que os verbos e as construções da ASL têm componentes representando traços semânticos, a representação se torna o foco da análise gramatical, na perspectiva lingüística cognitiva a que ele se afilia. Conforme aponta Dudis, a abordagem estabelecida no artigo, iniciada por outros lingüistas cognitivos que investigam línguas de sinais, demonstra o potencial de análises adicionais para elucidar o papel da representação na gramática da ASL, dando suporte à visão que, embora existam algumas facetas da gramática da ASL que “submergem” a iconicidade, outras facetas existem onde a iconicidade “emerge”. Uma análise minuciosa da representação usando padrões lingüísticos cognitivos sugere que componentes adicionais se revelam nessas representações icônicas: o sujeito (ou o ‘eu’), o ponto de visualização (*vantage point* ou *V-POINT*) e a progressão temporal. A identificação desses componentes

contribui para uma categorização mais rigorosa dos vários tipos de representação observados no discurso em ASL, o que, por sua vez, leva a um maior entendimento de questões que envolvem a representação, dentre as quais a relação entre a representação de um evento que envolve um sujeito e os sinais produzidos durante a representação.

**Diane Lillo-Martin**, no artigo “Estudos de aquisição de línguas de sinais: passado, presente e futuro”, organiza uma apresentação das investigações no campo da aquisição da linguagem com crianças adquirindo alguma língua de sinais, produzida nos últimos 20 anos. A autora propõe esta revisão considerando algumas categorias para a sua apresentação, uma vez que estes estudos tiveram diferentes enfoques ao longo de suas produções. Alguns estudos ocuparam-se de analisar o processo de aquisição da língua de sinais em crianças surdas, filhas de pais surdos, ou seja, em ambientes de aquisição espontânea da língua de sinais. Tais estudos verificaram que essas crianças adquirem a língua de sinais nos mesmos estágios de aquisição observados em quaisquer línguas. Esses resultados estabeleceram o paralelo entre a aquisição de línguas de sinais e de línguas faladas. A partir desta conclusão, os estudos começaram a focar aspectos da lingüística que pudessem trazer contribuições para o desenvolvimento teórico da ciência. A busca pelos efeitos da modalidade tornou-se importante, pois o fato de as línguas de sinais se apresentarem em uma modalidade visual-espacial poderia trazer contribuições relevantes para a ciência lingüística. Percorrendo os 20 anos de pesquisas produzidas nesta área, Lillo-Martin apresenta algumas perspectivas para o desenvolvimento de investigações no futuro, contando com a presença mais efetiva de pesquisadores surdos. Os estudos comparativos entre as diferentes línguas de sinais, bem como

as pesquisas tendo como interlocutores os pesquisadores de aquisição da linguagem em geral, parecem ser passos importantes no futuro para a continuidade das investigações da aquisição das línguas de sinais, além, é claro, de contarmos com crianças adquirindo línguas de sinais.

Um dos pesquisadores que deu início aos estudos da aquisição da língua de sinais é **Richard P. Meier**, que nos brinda com um artigo sobre os efeitos da modalidade na aquisição da linguagem, um exemplo dos estudos mencionados por Lillo-Martin que, também, integra *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais* (TISLR9). No seu artigo – “Modalidade e Aquisição da Língua: Estratégias e Restrições na Aprendizagem dos primeiros sinais” – Meier apresenta um estudo realizado com crianças surdas adquirindo a língua de sinais muito cedo, por volta dos oito meses. As primeiras produções das crianças, embora consideradas como os primeiros sinais produzidos antes das primeiras palavras faladas produzidas pelas crianças adquirindo línguas faladas, são, na verdade, combinações de mãos com movimentos paralelos às combinações dos primeiros sons produzidos pelas crianças ouvintes expostas a uma língua falada. Nesse sentido, as crianças surdas balbuciam por volta dos oito meses e começam a produzir os primeiros sinais em período análogo àquele das crianças ouvintes. A questão da modalidade, especialmente, a aparente iconicidade de alguns sinais, não apresenta papel relevante no processo de aquisição da língua de sinais, pois os sinais produzidos pelos bebês surdos apresentam o mesmo padrão arbitrário dos sinais produzidos pelos adultos. Os erros observados na produção dos bebês estão relacionados com aspectos lingüísticos comumente ob-

servados em quaisquer crianças nesse período de aquisição.

**Gladis Tang, Scholastica Lam, Feliz Sze, Prudence Lau e Jafi Lee** também trazem um estudo no campo da aquisição da linguagem com crianças surdas adquirindo uma língua de sinais. No artigo, “Aquisição de concordância verbal em HKSL: Opcional ou obrigatória?”, os autores apresentam uma análise de uma questão gramatical que tem sido motivo de grande debate nos estudos lingüísticos das línguas de sinais, a questão da concordância verbal. Considerando as categorias apresentadas por Lillo-Martin, a pesquisa realizada por estes autores apresenta a característica de desenvolver uma análise de um aspecto gramatical que poderá elucidar aspectos da gramática das línguas de sinais e que podem, também, representar uma contribuição teórica para a lingüística. O trabalho apresentado por estes pesquisadores está baseado em um estudo longitudinal com uma criança surda, adquirindo a língua de sinais de Hong Kong. Os autores analisaram a produção de verbos com concordância verbal, observando que a aquisição desta categoria gramatical se dá tardiamente. Os autores verificaram erros de omissão e comissão nesta criança traçando um paralelo com os estudos que verificaram este mesmo padrão em outras línguas de sinais.

**Carolina Plaza Pust e Knut Weinmeister**, em “Aquisição bilíngüe da Língua de Sinais Alemã e do alemão escrito: Ausência de sincronia no desenvolvimento e contato com a língua”, avançam no campo da Psicolingüística, realizando uma análise da aquisição de crianças surdas na língua de sinais e na escrita da língua falada em seu país, Alemanha. O estudo faz parte de um grande projeto que coleta dados do desenvolvimento bilíngüe de crianças da escola bilíngüe de Berlim. A investigação objetiva analisar a interação gramatical

entre as duas línguas envolvidas no processo de aquisição, bem como os efeitos de modalidade no desenvolvimento bilíngüe (língua de sinais e língua escrita). Na análise apresentada, Pust e Weinmeister elencaram evidências de variação inter- e intra-individual no desenvolvimento bilíngüe da DGS e do alemão escrito. Ao longo do período analisado, os alunos surdos apresentam um desenvolvimento significativo na produção de textos na língua de sinais e na língua escrita. Esses alunos desenvolvem a competência bilíngüe na escola, onde aprendem a língua escrita alemã, e têm contato com a língua de sinais alemã.

O último texto que envolve o campo de aquisição de linguagem é o de **Sarah Taub, Dennis Galvan, Pilar Piñar e Susan Mather** – “Gesticulação e aquisição da ASL como segunda língua”. A pesquisa aborda a aquisição da língua de sinais americana como segunda língua por pessoas ouvintes, mais especificamente, as possibilidades de transferência de uma língua para outra, tema de pesquisas no campo da aquisição de segunda língua em geral. Por se tratar de uma segunda língua na modalidade visual-espacial, os autores apresentam a hipótese de haver o aproveitamento do uso de gestos para produção de sinais. A habilidade gestual existente entre pessoas falantes está relacionada com a capacidade cognitiva de representar conceitos no espaço. A pesquisa vai verificar se essa representação mental coincide com a capacidade mental cognitiva de representar os conceitos por meio da língua de sinais, especialmente, quando a expressão manual-gestual é similar (por exemplo, com o uso de dêiticos). Os autores observaram que, embora haja esta aproximação entre as formas gestuais produzidas por usuários e aprendizes da língua de sinais, há necessidade do aprendiz reavaliar o uso em termos lingüísticos para que o conheci-

mento seja processo na língua de sinais gramaticalmente.

Entramos no campo da sociolingüística com o artigo de **Ceil Lucas e Robert Bayley** – “Variação na língua de sinais americana: o papel da função gramatical” – que analisaram a variação de alguns sinais com mais de 200 sinalizantes americanos. Os autores observaram que os fatores fonológicos são consistentemente menos importantes do que a classe gramatical a que pertencem os sinais. A pesquisa realizada em escala significativa evidencia a existência de restrições gramaticais que se aplicam à variação na língua de sinais que podem ou não ser comuns às variações já identificadas nas línguas faladas.

Relativo à variação sociolingüística lexical, **David McKee, Rachel McKee e George Major** – “Variação Sociolingüística em Numerais da NZSL” – apresentam uma análise das variantes existentes na forma de apresentação dos números na língua de sinais da Nova Zelândia. Os autores analisam as variantes sob três aspectos sociais: a região, a idade e o gênero dos sinalizantes. Os fatores sociais mais marcantes na variação dos numerais da língua de sinais da Nova Zelândia foram referentes à idade, seguidos de fatores regionais e de gênero (variáveis não marcadas). De modo geral, portanto, os autores observaram que as variáveis sociais determinam a variação das formas dos numerais nessa língua. Há uma tendência a uma padronização mais consistente entre os sinalizantes mais jovens.

**Rachel Sutton-Spence** nos remete à produção literária na língua de sinais, mais especificamente, na produção poética com o texto “Imagens da Identidade e Cultura Surda na Poesia em Línguas de Sinais”. A autora analisa, por meio da produção poética, elementos que traduzem marcas culturais e identitárias. A poesia na língua de sinais é uma forma de cultivar as questões relacionadas com o ser surdo, tor-

nando-a um instrumento de empoderamento da comunidade surda. A autora identifica as imagens que se refletem nas poesias, trazendo elementos que identificam os surdos, como a celebração da língua de sinais, a celebração do ser surdo, a surdez como perda, a experiência visual dos surdos, a opressão que os surdos sofrem e o lugar dos surdos. Sutton-Spence analisa estas manifestações traduzidas em dois poemas, *A escadaria* e *Cinco sentidos*. Esses são apenas dois exemplos da criação de imagens que empoderam os surdos por meio de uma expressão criativa poética.

O trabalho de **Brendan Costello, Javier Fernández e Alazne Landa** – “O sinalizante nativo não-(existente): pesquisa em língua de sinais em uma pequena população surda” – concentra a atenção no conceito de usuário nativo de uma língua e examina as diferentes definições de sinalizante nativo no campo de pesquisa em línguas de sinais. Uma descrição da população surda sinalizante do país Basco mostrou que a porcentagem de 5% a 10% tipicamente citada para indivíduos surdos nascidos de famílias surdas não se sustenta e, conseqüentemente, existem poucos sinalizantes que podem ser considerados usuários nativos da língua. Em virtude disso, foi desenvolvida uma metodologia de pesquisa que envolve o registro de meta-dados sociolingüísticos para cada informante, para que se meça até que ponto um indivíduo pode ou não ser considerado um sinalizante nativo. Uma análise da expressão de trocas de papel revela correlações entre competência nativa e aspectos específicos do uso da língua e sugere que o exame da produção lingüística de falantes não-nativos pode trazer informações importantes sobre os processos da gramaticalização e também sobre a estrutura da língua em geral.

**Maria Mertzani** com seu artigo – “Reflexões sobre a língua de sinais e a cultura surda

em ambientes de comunicação mediada por computador (CMC): explorações e considerações iniciais” – encerra o presente volume. Seu trabalho entra no campo da lingüística aplicada trazendo contribuições para o desenvolvimento da tecnologia associada ao uso da língua de sinais como instrumento de comunicação. Mertzani observou em seu estudo que o ensino da língua de sinais utilizando a interação síncrona e assíncrona proporciona aos alunos a possibilidade de desenvolver habilidades receptivas, bem como, interativas na língua de sinais. O uso da ferramenta oferece a possibilidade do desenvolvimento da interação negociada com *feedback* presente de forma sistematizada. As correções realizadas durante as interações *online*, normalmente, focaram o significado e a forma. Neste espaço de aprendizagem, houve negociações de turno constante, instaurando-se o uso efetivo da língua de sinais entre os participantes.

As organizadoras de *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais* esperam que a interface recém-instalada entre os Estudos Surdos e os Estudos da Tradução estará não apenas oportunizando contatos teóricos e práticos entre as duas áreas, como também contribuindo para a circulação do saber teórico na área de Estudos Surdos, no Brasil. Reafirmamos, além disso, a relevância do presente volume na criação de valores sociais e culturais, o que, no caso específico de *Questões Teóricas da Pesquisa em Línguas de Sinais em Pesquisas sobre Línguas de Sinais* consolida a presença do ser surdo não apenas no contexto social, mas na comunidade científica brasileira.

Florianópolis, 18 de março de 2008.

Ronice Müller de Quadros e  
Maria Lúcia Vasconcellos



## Referências

- BAKER, M. **In other words**: A coursebook on translation. London: Routledge, (1992).
- BAKER, M. Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications. In: BAKER, M.; FRANCIS; ELENA-TOGNINI-BONELLI (Orgs.). **Text and Technology**: In honour of John Sinclair. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishers Company, pp. 233-50, 1993.
- BAKER, M. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. In: **Target – International Journal of Translation Studies**, v. 7:2, p. 223-243, 1995.
- BENNETT, K. Epistemicida! The Tale of a Predatory Discourse. In: **The Translator**, v.13, n. 2, p.141-149, 2007.
- BLUM-KULKA, S. Shifts of Cohesion and Coherence in Translation. In: HOUSE, J.; BLUM-KULKA, S. (Eds.). **Interlingual and Intercultural communication- Discourse and cognition in translation and second language acquisition studies**. Tübingen: Narr, pp. 17-35, 1986.
- COSTA, W.C. The translated text as re-textualization. In: COULTHARD, R.M. (Org.). **Ilha do Desterro**, v. 28, **Studies in translation**, p. 133-153, 1992.
- COULTHARD, R.M. Evaluative text analysis. In: STEELE, R.; THREADGOLD, T. (Orgs.). **Language topics**: Essays in honour of Michael Halliday. Amsterdam: John Benjamins, 1987.
- COULTHARD, R.M. Linguistic constraints on translation. IN: COULTHARD, R.M. (Org.). **Ilha do Desterro**, v. 28, **Studies in translation**, p. 9-23, 1992.
- GRBIC, N. Where do we come from? What are we? Where are we going? – A Bibliometrical Analysis of Writings and Research on Sign Language Interpreting. In: **The Sign Language Translator and Interpreter**, v.1, no. 1, p. 15-51, 2007.
- HALLIDAY, M.A.K. **Spoken and Written Language**. Oxford: OUP, 1989.
- HALLIDAY, M.A.K. Towards a theory of a ‘good’ translation. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (Eds.) **Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Content**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, p.13-18, 2001.
- KOCH, I. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 1997.
- KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia. Teoria & prática**. São Paulo: Contexto, 2004.
- MOSSOP, B. **Revising and Editing for Translators**. Manchester, UK: Sst. Jerome Publishing, 2001.
- NOGUEIRA, D.; NOGUEIRA, V. M. **Cadernos de Tradução**, v. 14,p. 17-35, 2004/2.
- VASCONCELLOS, M. L. **Retextualizing Dublins: A Systemic Functional Approach to Translation Quality Assessment**. Tese de doutorado não-publicada. Programa de Pós-Graduação em Inglês - PPGI, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 1997.
- VINAY, J.-P.; DARBELNET, J. **Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation**. (traduzido e editado por Juan C. Sager & M.-J. Hamel). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1995. Tradução de Vinay & Darbelnet 1958.]

## Sites

- [www.wordfast.net](http://www.wordfast.net)  
[www.wordfast.net/zip/wf\\_brief.pdf](http://www.wordfast.net/zip/wf_brief.pdf)  
[www.cadernos.ufsc.br/online/volume14.html](http://www.cadernos.ufsc.br/online/volume14.html)





# Arqueologia das Línguas de Sinais: integrando lingüística histórica com pesquisa de campo em línguas de sinais jovens<sup>1,2</sup>

*Ted Supalla*

University of Rochester

## 1. O Estado Atual da Teoria e da Prática

A natureza de nosso entendimento das línguas de sinais de todo o mundo baseia-se em nossa história específica de pesquisa em língua de sinais. A história de 40 anos da pesquisa em línguas de sinais modernas inclui tanto as conquistas importantes que fizeram avançar nosso conhecimento, quanto as pautas de pesquisa que delimitaram nosso foco e limitaram o nosso conhecimento. Durante esse período, a gênese e a evolução das línguas de sinais se constituíram como uma área desconsiderada em nosso foco de pesquisa. Essa negligência pode ser atribuída à crença que as línguas de sinais em desenvolvimento eram freqüentemente “contaminadas” por práticas pedagógicas opressivas que tentavam moldar a língua de sinais para se adaptar à língua falada

majoritária. Além disso, os itens lexicais das línguas de sinais estrangeiras eram freqüentemente importados na medida em que novas escolas eram instaladas em países em desenvolvimento. Essa noção de línguas de sinais “impuras” significou que os pesquisadores de lingüística histórica se depararam com o fato de que processos históricos “naturais” eram provavelmente ofuscados ou destruídos pelo imperialismo lingüístico. Entretanto, tal visão nega, equivocadamente, a origem natural do contato entre línguas na história mundial da humanidade. O estudo da gênese e evolução da língua é um “vôo cego”, se tais interações humanas naturais não forem levadas em consideração na pesquisa em lingüística histórica. Pesquisas como a reconstrução da lingüística comparativa em línguas de sinais não são apenas possíveis, mas também valiosas, para

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Elaine Espíndola, Thiago Blanch Pires, Carolina Vidal Ferreira

<sup>2</sup> O autor agradece a seus colaboradores pelas importantes contribuições ao trabalho sobre a história da ASL, das línguas de sinais recentes e da Língua Internacional de Sinais, especialmente, aos membros atuais e anteriores do *Research Team* do *Sign Language Research Center*: Aaron Brace, Patricia Clark, Merrie Davidson, Markku Jokinen, Donald Metlay, Doug McKenney, Elissa Newport, Erin Sigmund, Annie Senghas, Marie Coppolla, Wanette Reynolds, Yutaka Osugi e Rebecca Webb. Agradece, ainda, a Betsy Hicks McDonald pela ajuda na escrita e na edição deste artigo. Esta pesquisa foi parcialmente financiada pelo NIH (National Institutes of Health), pela concessão da bolsa DC00167 para Elissa L. Newport e Ted Supalla e dois prêmios da NEH (National Endowment for the Humanities) Fellowship Awards a Ted Supalla.

oferecer suporte aos objetivos da população surda mundial. Essa pesquisa complexa exige fontes de documentação multidisciplinares e interpretação cuidadosa da linguagem e pensamentos da população surda no contexto da comunidade/sociedade surda da época. Com o tempo, os especialistas treinados em língua de sinais para surdos e um crescente conjunto de conhecimento nessa área darão suporte aos esforços direcionados ao planejamento pedagógico e lingüístico útil para a população surda mundial.

A pesquisa em línguas de sinais modernas teve início com o trabalho de William C. Stokoe e seus colegas sobre a validação lingüística da Língua de Sinais Americana (ASL). Compilando dados lexicográficos, Stokoe e sua equipe identificaram e documentaram aspectos de sinais individuais que eram estruturados de maneira similar às línguas faladas. Durante o progresso da pesquisa, o trabalho passou de validação para a instigante possibilidade de a modalidade manual/visual ser um “campo de testes” para os universais lingüísticos: aquelas tendências lingüísticas formais e substantivas contidas na teoria da Gramática Universal. Muitos acadêmicos contribuíram para o modelo lingüístico atual de um processo multinível em camadas de co-articulação de auto-segmentos expressados através das diferentes partes do corpo do sinalizante e do espaço ao seu redor. Entretanto, em busca desse objetivo, observamos que essa pauta passou a determinar as áreas de pesquisa e os detalhes dos dados lingüísticos a serem considerados “interessantes” em uma comunidade. Trabalhar como um “pesquisador em língua de sinais” passou a ter significado de pesquisar nessa área estritamente definida de história e estrutura da língua.

No campo mais amplo da sociolingüística, o estudo de comunidades humanas e da mobi-

lidade e do contato geográfico e social é parte integrante da pesquisa histórica. Entretanto, na pesquisa histórica em língua de sinais, os variados padrões de experiências de indivíduos surdos lutando para modelar suas vidas na sociedade ainda permanecem desconhecidos à comunidade científica. Às vezes, esse fato se deve à noção de que o pensamento social e a resposta às condições políticas entre a população surda têm se mantido uniformes ao longo do tempo. Dessa forma, a história da interação entre pessoas surdas e ouvintes é fragmentada, sendo presumida ao invés de documentada, embora seja uma força que molda a evolução e o crescimento das línguas de sinais. Além disso, a robustez do processo de maturação das línguas de sinais ainda não foi valorizada em sua totalidade, mesmo ao passar por reanálises motivadas tanto por esforços intervencionais, quanto pela própria natureza diversificada da comunidade surda, na qual apenas 5% são membros nativos, considerados ideais para transmitir a língua para uma geração seguinte. Diante desses fatos, fica claro que a trama da comunidade surda é tecida pelos laços sociais entre indivíduos que utilizam uma língua de sinais comum. Uma infra-estrutura social como essa pode ser afetada pela polarização entre as forças das línguas de sinais e das línguas faladas competindo entre si. Além disso, tais forças não são necessariamente uniformes ao longo do tempo, crescendo e decrescendo na história da comunidade. Geralmente, os pesquisadores têm deixado de incorporar padrões de interação entre surdos (ou sua ausência) em suas pesquisas, baseando-se em pressuposições ou chegando a conclusões equivocadas sobre, por exemplo, a idade da comunidade sinalizante e a capacidade de comunidades surdas alcançar uma evolução lingüística completa.

Apesar de sua complexidade, a pesquisa em lingüística histórica possui muito a oferecer ao

estudo da gênese e evolução das línguas de sinais. Felizmente, muitas escolas têm em seus arquivos registros históricos, revistas e filmes, tornando possível o traçado da história das comunidades sinalizantes e das línguas de sinais. A integração de ferramentas lingüísticas, recursos impressos, narrativos e visuais e documentação podem resultar em uma análise cientificamente informada da história de uma língua. Essas técnicas serão úteis quando aplicadas tanto às línguas de sinais estabelecidas regionalmente, quanto às línguas de sinais recém-emergentes e às línguas de sinais em desenvolvimento. À medida que observarmos os processos naturais atualmente em andamento em línguas jovens, será possível preencher lacunas na história das línguas de sinais mais antigas.

## 2. Arqueologia e Lingüística Histórica da Língua de Sinais Americana (ASL)

A pesquisa interdisciplinar ampla e recente da história e evolução da ASL tem contribuído para remodelar nossa percepção de materiais e processos históricos. Tendo em mãos as ferramentas de reconstrução da lingüística histórica, pudemos revelar processos lingüísticos naturais e importantes esforços de planejamento da língua nas séries de palestras filmadas arquivadas pelo NAD (National Association for the Deaf [Associação Nacional para os Surdos]) da Universidade de Gallaudet (Supalla, 2001, 2004; Supalla e Clark, no prelo). Esses documentários históricos da ASL eram considerados “impuros” por serem resultantes da importação da Língua de Sinais Francesa (LSF), de intervenções educacionais e do conhecimento e práticas bilíngües entre a ASL e a língua inglesa. Entretanto, depois de rever os filmes e conduzir pesquisa histórica adicionais sobre os indivíduos e as organizações envolvi-

das, descobrimos a existência de um “Registro Clássico” da ASL, que não mais existe.

Pesquisas histórico-literárias revelam a função desse registro como oratória clássica daquela época, praticada por sinalizantes da elite, que transmitiam a língua de sinais tradicional do antigo Hartford, do Connecticut Institute for Deaf Mutes (Instituto de Connecticut para Surdos-Mudos). Durante pelo menos sete gerações de transmissão da ASL, as formas arcaicas que foram originadas nessa escola desapareceram, restando apenas os textos oratórios gravados em vídeo. As pesquisas revelam, ainda, o motivo da preservação desse registro por parte da National Association of the Deaf [Associação Nacional dos Surdos]. Ao criar um banco de dados completo, consistindo de corpora compostos de textos e vídeos, inter-referenciados lexicalmente com outras palestras gravadas e dicionários históricos (antigos), nossa pesquisa forneceu uma rica fonte para investigar as formas lingüísticas, as práticas literárias e poliglóssicas e a metalinguagem da época. À medida que nos familiarizamos com a antiga estrutura da ASL e com sua pedagogia por meio desse trabalho, pudemos apontar uma lacuna na história da ASL, provocada pela Idade das Trevas da pedagogia oral para pessoas surdas. Realizamos comparações lingüísticas sincrônicas e diacrônicas, ambas no limite temporal dos filmes e em épocas subseqüentes e anteriores, e interpretamos a metalinguagem de várias épocas à luz desse novo entendimento. Finalmente, refizemos um elo na corrente da história da ASL considerando a protogramática da ASL como uma forma dinâmica de incorporação do contato com a LSF e a língua de sinais caseira.

Nosso novo modelo de pesquisa ampliado permitiu que expandíssemos o escopo da investigação e reinterpretássemos a docu-

mentação histórica existente. As descrições metalingüísticas antigas, da Idade das Trevas, estavam apenas escondidas e não perdidas. As pesquisas históricas sobre a metalingüagem da pedagogia demonstram que, no passado, os educadores consideravam os discursos naturais como um trampolim educacional para crianças surdas que iam para a escola utilizando um sistema de sinais caseiro. As línguas de sinais planejadas artificialmente, como o “sinal metódico”, eram consideradas sem importância para essas crianças e eram incorporadas apenas parcialmente em contextos educacionais. Na escola, o “sinal desenvolvido” era um discurso natural padronizado promovido durante essa época. Um aspecto importante do “sinal desenvolvido” era o uso da sintaxe para expressar conceitos abstratos. Em inúmeros exemplos, o léxico da língua de sinais foi expandido via “justaposições” padronizadas.

De certo modo, podemos considerar o sinal caseiro como uma protogramática desse “sinal desenvolvido”, com seus gestos sequenciais atuando como o precursor da justaposição. O laço semântico natural entre os gestos adjacentes e os grupos gestuais é reforçado pelo contexto do discurso. No discurso da língua de sinais, essas justaposições funcionavam como um constituinte único. Como uma unidade única, eles eram continuamente usados na mesma ordem e nos mesmos ambientes, passando por processos lingüísticos naturais de redução e reanálise, tais como a composição, um fenômeno que foi bem descrito na área. Entretanto, no contexto da noção de composição, há uma outra distinção que tem sido ignorada. Em alguns casos, esses processos de reestruturação e reanálise deram origem a paradigmas gramaticais, ativando um processo de cliticização, onde um componente se torna

especializado para uma categoria gramatical específica, como por exemplo, gênero. O aumento das funções gramaticais adicionais para gestos específicos em paradigmas de justaposição dá origem à polissemia, na medida em que um item lexical independente e uma partícula gramatical emergente compartilham uma mesma forma. Portanto, as formas originalmente independentes são convertidas em morfologia pré-determinada, em uma tendência unidirecional de mudança gramatical, de maneira muito semelhante àquela descrita na lingüística histórica e na mudança gramatical em línguas faladas (Hopper e Traugott, 2003). Isso ocorreu quando o posicionamento de itens lexicais com carência de morfologia interna para recursão gerativa foi reanalisado como uma relação gramatical entre uma partícula hospedeira e uma secundária. Em ASL, tais processos deram origem a um sistema de gênero em termos de parentesco. Nos primórdios da ASL, as justaposições incorporavam gênero nos seguintes termos:

FEMININO, LEVANTA-BEBÊ	“Mãe”
MASCULINO, LEVANTA-BEBÊ	“Pai”
MASCULINO, EMBALA-BEBÊ	“Filho”
FEMININO, EMBALA-BEBÊ	“Filha”

Os itens lexicais importados da Língua de Sinais Francesa forneceram a matéria-prima para muitas dessas justaposições. As pesquisas históricas utilizando os filmes das palestras da Universidade de Gallaudet nos permitiram revelar as formas intermediárias, preenchendo, portanto, uma lacuna na pesquisa em ASL entre formas da ASL antiga e da ASL moderna, onde os morfemas MASCULINO e FEMININO foram reduzidos a meras localizações, como parte de um paradigma de parentesco sistemático de afixos de gênero.

Gênero feminino + PROGENITOR “Mãe”  
 Gênero masculino + PROGENITOR “Pai”  
 Gênero masculino + DESCENDÊNCIA “Filho”  
 Gênero feminino + DESCENDÊNCIA “Filha”

Essa gramaticalização procede da justaposição sintática de palavras de conteúdo à cliticização da palavra julgada como “dependente” e, em alguns casos, a um processo produtivo de afixação. A cliticização refere-se a um fenômeno onde a partícula de uma palavra que frequentemente ocorre apenas em combinação com outra palavra torna-se dependente desse paradigma, como o clítico “m” em “I’m”, na língua inglesa. Essa dependência sintática ativa processos fonológicos diacrônicos, como, por exemplo, a redução natural de elementos redundantes encontrados na segunda posição do constituinte. Em línguas de sinais, esse segundo elemento é geralmente reduzido a uma mera localização, movimento ou característica da configuração de mão. Duas propriedades de localização contrastantes exemplificam o resultado desse processo, uma localizada na área da testa e outra na parte inferior da bochecha, aparecendo regularmente no segmento inicial de um paradigma mais amplo de parentesco sensível ao gênero. Um clítico pode evoluir para um afixo quando se torna um morfema sistemático, produtivamente utilizado em processos flexionais ou para gerar itens lexicais derivados.

Os sistemas de agenciamento e negação na ASL também sofreram esse processo. De maneira similar ao que ocorreu com as justaposições mais antigas para os termos de parentesco, uma busca por formas mais antigas de agenciamento e negação revela frases sintáticas regulares utilizando o sinal CORPO para sinalizar uma pessoa envolvida em uma atividade específica, como BIGODE, ROUBAR, CORPO = LADRÃO. O morfema CORPO

tem sido reanalisado como uma partícula que significa AGENTE e é hoje um morfema semi-regular de escopo limitado. Na ASL antiga, também a negação, uma forma arcaica do NOT (NÃO), na qual uma ou, até mesmo, as duas mãos “moviam-se para fora” para expressar negação, aparecia na posição final da LC (Verb Phrase [Locução Verbal]), como em: WANT NOT (QUERER NÃO) e evoluiu para uma partícula reanalisada, que foi posteriormente incorporada, de maneira restringida, a itens lexicais específicos frequentes (cf. DON’T-WANT) (NÃO QUERO). A função geral da negação foi substituída pelo pré-verbal NOT (NÃO). Portanto, em muitos paradigmas da ASL, observamos o padrão histórico de desenvolvimento exposto abaixo (cf. Hopper e Traugott, 2003, para o padrão geral, e Supalla e Clark, no prelo, para uma descrição mais detalhada desses exemplos e do processo na ASL).

Portanto, a lingüística histórica possibilitou uma abordagem científica para a Arqueologia da Língua de Sinais. Apesar de a origem e a história dos sinais na ASL terem sido explicadas através da etimologia folclórica, tais como a noção de que o sinal para “menina” representava o traçado de um cordão de chapéu ao longo da parte inferior da bochecha, dispomos agora de um conjunto alternativo de ferramentas e uma explicação alternativa para as formas atuais, graças à nossa “escavação” da língua de sinais. É evidente, como nas línguas faladas, que os processos em discursos gestuais naturais levam a uma sintaxe restringida e, finalmente, a uma morfologia também limitada, o que nos permite observar tanto os processos produtivos, quanto os improdutivos ou obscuros remanescentes dessa evolução, na ASL moderna.

Ao mesmo tempo, nossa Arqueologia deve reconhecer também a existência de outros ti-



pos de formas pré-determinadas presentes nos primórdios da vida da língua e que aparecem em muitas línguas de sinais estudadas até agora. Tais formas, comuns ao longo da história das línguas de sinais, podem não ter surgido devido aos processos lingüísticos de mudança, mas talvez devido à natureza das próprias línguas de sinais. Essas formas incluem os apontadores espaciais, a direção de movimento do verbo como marcador de concordância e o uso de configurações de mão classificadoras. No artigo “Sign Language Research at the Millenium” (Pesquisa em Língua de Sinais no Milênio), Newport e Supalla (2000) discutem a tendência em direção a essas estruturas nas línguas de sinais recentes, língua de sinais pidgins e até em sistemas de sinais caseiros. Recentemente, pesquisei 15 línguas de sinais que surgiram naturalmente em diferentes partes do mundo. Essa comparação interlingüística mostra que todas as línguas utilizam localização e movimento através do espaço de maneira similar, para marcar concordância gramatical com o sujeito e o objeto. “Os pesquisadores também observaram estruturas classificadoras em verbos de movimento em muitas línguas de sinais. Supostamente, devido a essas semelhanças entre línguas de sinais não relacionadas, falantes de línguas de sinais mutuamente ininteligíveis são capazes de desenvolver um pidgin sinalizado (denominado sinal internacional) que conserva essas estruturas morfológicas e que é, portanto, surpreendentemente, mais complexo do que os pidgins falados (Supalla e Webb, 1995; Webb e Supalla, 1995)” (Newport e Supalla, 2000, p. 12). Portanto, na pesquisa histórica e comparativa, observamos tanto processos de divergência, quanto processos de convergência entre línguas de sinais internacionais e tanto os processos comuns a todas as línguas como processos específicos às línguas de sinais.

### 3. O Tema da TISLR9

A atual integração entre a pesquisa em lingüística histórica e os estudos de campo afeta diretamente o trabalho relevante ao tema de nossa conferência na TISLR9 – Línguas de Sinais: Tecendo e desfiando o passado, o presente e o futuro. Essas pesquisas nos possibilitam re-visitar e revisar pressuposições a respeito do passado já conhecido, que podem estar incorretas. Além disso, novas ferramentas e novos dados surgirão de pesquisas futuras sobre línguas de sinais emergentes. Cada um dos diversos tipos de comunidades e variedades de línguas de sinais possui um lugar e um papel natural a realizar na Arqueologia das Línguas de Sinais, conforme demonstrado em nossas análises recentes da história da ASL. Pudemos observar as contribuições para uma língua de sinais em evolução a partir de sistemas isolados de sinais caseiros de surdos, línguas de sinais recentes em comunidades novas e de registros de contato interlingüístico. Nesse modelo, a pesquisa pode explorar mais do que uma única língua de sinais, como a ASL, no entendimento das dinâmicas sociais e lingüísticas de contato de línguas e na reconstrução das histórias das línguas de sinais e suas protogramáticas. Os elos ausentes na gênese e na evolução das línguas de sinais podem ser refeitos e as observações sobre a variação tipológica e os pressupostos universais sobre as línguas de sinais que sofreram mudanças irão emergir naturalmente. É possível que esse tipo de pesquisa venha estabelecer relações entre a pesquisa em língua de sinais e a pesquisa mais ampla sobre gestos humanos, a origem das línguas e a capacidade lingüística das espécies. Os atuais e futuros trabalhos cumprem, de forma direta, os objetivos do TISLR 9, de “situar o desenvolvimento dos estudos em línguas de sinais no tempo” e de “estabelecer relações in-

ternacionais entre pesquisadores em línguas de sinais”, assim “criando oportunidades para análises comparativas”.

Os participantes da TISLR e a World Federation of the Deaf – WFD [Federação Mundial de Surdos] têm aspirações maiores para os surdos e as comunidades surdas mundiais. A visibilidade e a legitimidade para línguas de sinais nativas são objetivos-chave tanto para a TISLR, quanto para a WFD. Em 1990, a WFD apresentou um relatório sobre o status das línguas de sinais demonstrando a insatisfação da maioria dos participantes da pesquisa em relação ao nível da língua de sinais utilizado nas escolas. Em resposta à essa necessidade claramente percebida, a WFD lançou uma lista de prioridades para promover as línguas de sinais em todo o mundo e prosseguiu com a afiliação na união de organizações mundiais que deram origem à “Convention on the Rights of Persons with Disabilities” [Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência]. Essa declaração é um primeiro passo para a construção de uma infra-estrutura mundial para as línguas de sinais. Conforme prosseguimos, encontramos desafios no planejamento do acesso ideal à língua de sinais para as pessoas surdas. Como fazer com que direitos, como o direito à língua de sinais e o direito à educação, sejam garantidos de maneira a evitar práticas opressivas e a respeitar as práticas e capacidades das comunidades nativas? Como promover as línguas de sinais das comunidades quando crianças surdas que nascem de pais ouvintes não podem ter acesso à educação, como ocorre em 80% de países em desenvolvimento e, quando, mesmo na existência do acesso, raramente é defendido um papel para a língua de sinais? Como devemos tratar os sistemas de sinais caseiros que encontramos nessas situações?

As pesquisas histórico-lingüísticas que compreendem a ecologia humana da história dos surdos, como por exemplo, os padrões de interação e o contato interlingüístico, prometem a realização de um “mapa rodoviário” para a construção de uma infra-estrutura para a língua de sinais na sociedade. A aplicação da pesquisa promove credibilidade e visibilidade às línguas de sinais nativas existentes. Além disso, a pesquisa em um paradigma arqueológico de bases-amplos fornecerá diretrizes para o planejamento e monitoramento das línguas de sinais, em todo o mundo. Com o avanço da pesquisa, estaremos mais familiarizados com certos tipos de situações de contato, seremos capazes de identificar situações similares já ocorridas na história mundial das línguas de sinais e seremos capazes de julgar os possíveis efeitos de uma variedade de línguas “importadas” e as estratégias de planejamento lingüístico, a partir de nosso conhecimento do passado. Essa familiaridade nos ajudará a responder algumas perguntas e preocupações, tais como aquelas dos surdos e de líderes nacionais, listadas abaixo:

- Até que ponto devemos promover o contato interlingüístico em comunidades emergentes?
- Qual a forma de apoio mais útil para promover a transição natural de sistemas de sinais caseiros?
- Quais são as conseqüências de se adotar uma língua de sinais como superestratum estrangeiro se não existe nem história, nem comunidade para uma comunidade surda em desenvolvimento?

Tal paradigma científico não apenas apóia e concorda com a pauta da população surda mundial, como também amplia o escopo da própria pesquisa e da profissão do “especialista em língua de sinais”. O conceito

desse profissional tem sido introduzido em escolas em sociedades industrializadas para complementar o trabalho dos patologistas da linguagem e da fala, no campo das ciências da audição e da fala. Outras carreiras na pesquisa em línguas de sinais serão possíveis no interior da “aldeia global surda”. Um especialista em língua de sinais adequadamente treinado poderia aplicar seu conhecimento de pesquisa nas seguintes áreas:

- A estrutura e história das línguas de sinais no mundo.
- A aquisição da língua de sinais e os efeitos da idade em que a língua de sinais é aprendida.
- O processamento psicolinguístico de línguas de sinais.
- A representação de línguas de sinais no cérebro.

Pontes para outros campos das ciências e das humanidades serão construídas, a partir da pesquisa multidisciplinar demandada por esse amplo modelo arqueológico. Sem dúvidas, são muitos os desafios da pesquisa, em áreas tais como a ausência de ferramentas para a avaliação de línguas de sinais e de dados para seu planejamento e monitoramento. Em relação à avaliação, não conhecemos a ampla gama de variação e interação em língua de sinais. Ainda não possuímos classificações tipológicas para as línguas de sinais. Por fim, conhecemos, apenas, alguns marcos no desenvolvimento da aquisição de línguas de sinais nativas. Em nosso “banco” de recursos para o planejamento de línguas de sinais, não possuímos dados suficientes sobre a gênese e história das línguas de sinais e, tampouco, possuímos padrões adequadamente do-

cumentados de mudança em línguas de sinais. Entretanto, “o caminho a ser seguido” certamente está na ampliação da pesquisa, de forma a abranger a diversificada realidade do mundo surdo e seus robustos sistemas de línguas de sinais naturais.

## Referências

- HOPPER, PAUL; CLOSS TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge, Cambridge University Press, 2003.
- NEWPORT, Elissa; SUPALLA, Ted. Sign language research at the Millenium. In: EMMORY, K.; LANE, H. (Orgs.). **The Signs of Language Revisited**, Mahwah, NJ, 2000.
- SUPALLA, Ted; CLARK, P. **Sign Language Archeology: Understanding the Historical Roots of American Sign Language**, Washington, no prelo.
- SUPALLA, Ted. **The validity of the Gallaudet Lecture Films**. Sign Language Studies, v.4, 2004. p. 261-292.
- SUPALLA, T. **Making historical sign language materials accessible**. Journal of Sign Language Linguistics, v. 4, 2002. p. 285-297.
- SUPALLA, Ted; WEBB, R. The grammar of International Sign Language: A new look at pidgin languages. In: EMMOREY, K.; REILLY, J. (Orgs.), **Sign, Gesture and Space**. Mahwah, NJ, 1995.
- WEBB, R; SUPALLA Ted. Negation in International Sign. In: AHLGREN, I.; BERGMAN, B.; BRENNAN, M. (Orgs.), **Proceedings of the Fifth International Symposium on Sign Language Research**. Hamburg, 1995.

# Raízes, folhas e ramos – a tipologia de línguas de sinais<sup>1</sup>

*Ulrike Zeshan*

International Centre for Sign Languages and Deaf Studies  
University of Central Lancashire, Preston, UK

## 1. Introdução

Esta contribuição se propõe a resumir e a exemplificar resultados importantes que emergiram do estudo comparativo e sistemático de línguas de sinais ao longo dos últimos anos. O aumento da disponibilidade de dados de várias línguas de sinais ao redor do mundo possibilitou, pela primeira vez na história da pesquisa em língua de sinais, ampliar suficientemente nosso banco interlingüístico de dados para realizar estudos tipológicos significativos entre as línguas de sinais. Esse novo campo de estudo é conhecido como tipologia de língua de sinais.

As seções a seguir examinam a nova subdisciplina de tipologia de língua de sinais a partir de uma variedade de perspectivas. Ao invés de ser um relatório sistemático e exaustivo de todo o campo de estudo, este artigo busca fornecer visões ilustrativas a partir de diferentes perspectivas<sup>2</sup>. Iremos observar, entre outras, as fontes cuja confluência cria

o campo de tipologia da língua de sinais (as “raízes”, nos termos da metáfora do título), as diferentes maneiras de se fazer tipologia de língua de sinais e as metodologias associadas (os “ramos”) e alguns dados fascinantes e seu significado tipológico e teórico (as “folhas”).

O restante deste artigo é organizado em quatro partes. A seção 2 apresenta a tipologia de língua de sinais, concentrando-se nos objetivos e metodologias da área. As seções 3 e 4 ilustram os tipos de resultados que emergem dos estudos interlingüísticos em línguas de sinais. Examinamos exemplos dos resultados de estudos comparativos amplos, assim como dados de línguas de sinais utilizadas em comunidades com surdez hereditária. O último tópico leva a uma questão teórica importante a respeito da natureza da linguagem humana na modalidade visual-gestual, mostrando como a ampliação do banco de dados na tipologia de língua de sinais pode conduzir a pontos teoricamente desafiadores. O artigo termina com a observação do impacto, para

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Elaine Espíndola, Thiago Blanch Pires, Carolina Vidal Ferreira

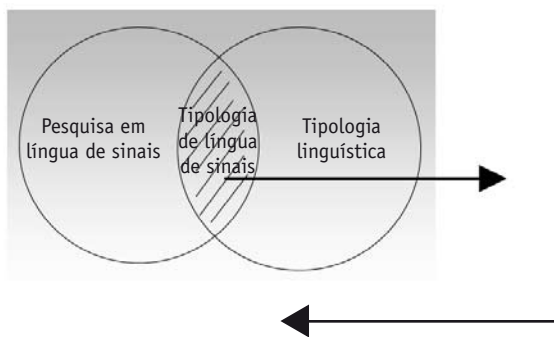
<sup>2</sup> Zeshan (em preparação) é uma tentativa de resumir, de forma abrangente, o estado atual de conhecimento sobre a tipologia de língua de sinais.

além da lingüística, que a pesquisa em tipologia de língua de sinais tem em comunidades surdas, em todo o mundo.

## 2. Introduzindo a tipologia de língua de sinais

### 2.1 As fontes da tipologia de língua de sinais

A tipologia de língua de sinais é influenciada por duas disciplinas base da lingüística que anteriormente apresentavam pouco contato entre si. Como o próprio nome sugere, essas duas disciplinas são: a pesquisa em língua de sinais e tipologia lingüística. A interação entre elas é ilustrada, de maneira esquematizada, na Figura 1, que demonstra o duplo sentido inerente à tipologia de língua de sinais. Por um lado, a tipologia de língua de sinais utiliza recursos teóricos e metodológicos da tipologia lingüística, mas amplia a gama de línguas disponíveis para incluir as línguas de sinais. Por outro lado, a tipologia de língua de sinais utiliza os resultados da pesquisa em língua de sinais, mas concentra-se na diversidade lingüística no grupo de línguas de sinais, a partir de uma perspectiva tipológica.



**Figura 1: As disciplinas base da tipologia de língua de sinais**

Em relação ao escopo total de sub-disciplinas lingüísticas na pesquisa em línguas faladas, nenhum campo é mais naturalmente destinado a ter um grande interesse em línguas de sinais do que o campo da tipologia lingüística. De um modo geral, desde seu surgimento na segunda metade do século 20, a tipologia lingüística tem se preocupado em avaliar as diferenças e semelhanças entre as línguas. O artigo seminal de Greenberg (1963) é freqüentemente citado como um ponto crucial no desenvolvimento da tipologia lingüística e, desde então, tem havido um grande desenvolvimento na área. Ainda que os tipologistas utilizem uma ampla variedade de dados lingüísticos para estudar os padrões de variação das línguas, incluindo muitas línguas “exóticas” de todas as partes do mundo, os dados das línguas de sinais são praticamente ausentes de pesquisa em tipologia lingüística. Muitos tipologistas de línguas faladas provavelmente compartilham a impressão explicitada no trabalho de Haspelmath (1997:17), em que o autor explica que as línguas de sinais não estão presentes em seu principal estudo sobre artigos indefinidos porque “o estudo interlingüístico das línguas de sinais ainda está em seus primórdios e minha competência não me permite dizer coisa alguma sobre uma língua individual de sinais” (nossa tradução)<sup>3</sup>.

O segundo tópico que é crucial à tipologia lingüística e que está intimamente relacionado ao primeiro, como a outra face da mesma moeda, é a busca por universais da linguagem (por exemplo, Comrie 1989, Whaley 1997, Song 2001). O que é que todas as línguas têm em comum e que, portanto, pode-se considerar como sendo a verdadeira natureza da

<sup>3</sup> “[t]he cross-linguistic study of sign languages is still in its infancy, and my own competence does not allow me to say anything even about an individual sign language.”

linguagem humana? Além de qualquer outra pergunta de pesquisa, torna-se imediatamente evidente que os tipologistas devem estar mais interessados no que a pesquisa em língua de sinais tem a dizer sobre um tipo totalmente diferente de linguagem visual-gestual que ainda não tenha sido considerado antes.

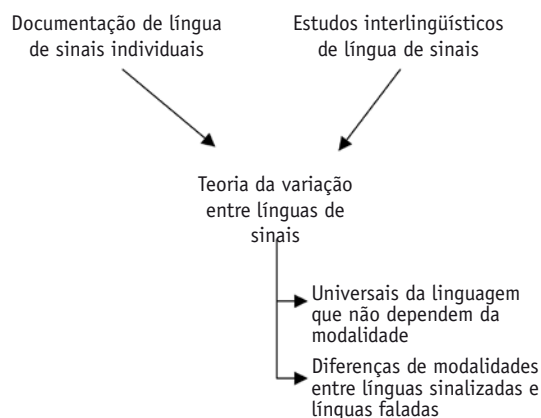
Assim como a maioria dos tipologistas que ignoraram as línguas de sinais, os pesquisadores de língua de sinais ainda não levaram em consideração uma perspectiva tipologicamente informada em seus dados. Contudo, há muito a se ganhar com essa perspectiva, conforme se torna claro na seção 3, a seguir. De fato, a verdadeira extensão da diversidade lingüística entre as línguas de sinais só se torna aparente quando se aplica uma perspectiva tipológica aos dados conhecidos e aos dados recém descobertos e esses resultados continuam a surpreender até mesmo os lingüistas mais experientes.

Apesar da evidente ligação entre tipologia de língua de sinais e suas duas áreas base, não estamos lidando apenas com uma fusão dos dois outros campos. Ao invés disso, a tipologia de língua de sinais traz consigo todo um conjunto de hipóteses e metodologias. Tais hipóteses e metodologias são detalhadas nas seções 2.2 e 2.3, respectivamente.

## 2.2 Os objetivos e metodologias da tipologia de língua de sinais

A tipologia de língua de sinais possui dois objetivos inter-relacionados, ambos associados a metodologias diferentes. A documentação detalhada de línguas de sinais individuais em todo o mundo se sobrepõe, em linhas gerais, à pesquisa descritiva correspondente em lingüística de sinais, porém com um foco um tanto diferenciado. Por outro lado, o estudo interlingüístico sistemático de amostras amplas de línguas de sinais genética e geograficamente

não relacionadas constitui uma nova tarefa sem precedentes paralelos em lingüística de sinais, mas em vários aspectos similares ao trabalho correspondente na tipologia de língua falada. Esses dois tipos de investigação têm o objetivo de conduzir a uma teoria de variação entre línguas de sinais, o que é o objetivo secundário mais importante da tipologia de língua de sinais. Considerar os padrões de diferenças e semelhanças entre as línguas de sinais nos possibilita, também, reavaliar a questão dos universais da linguagem, tanto para as línguas de sinais quanto para as línguas faladas, bem como a questão das diferenças de modalidade entre línguas de sinais, por um lado, e línguas faladas, por outro. A figura 2 mostra um fluxograma de inter-relacionamento dos principais objetivos acadêmicos da tipologia de língua de sinais. Os objetivos não-acadêmicos da tipologia de língua de sinais estão detalhados na seção 5 deste artigo.



**Figura 2: Os objetivos da tipologia de língua de sinais**

### 2.2.1 Documentação de línguas de sinais individuais

Uma vez que apenas uma minoria das línguas de sinais existentes no mundo foi documentada até agora, estudos individuais de tantas

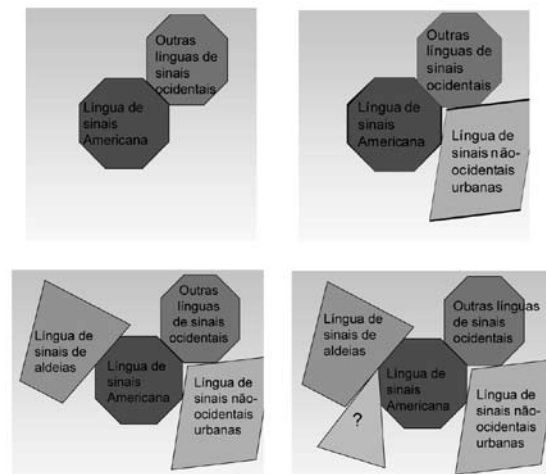


línguas de sinais diferentes quanto possível são essenciais para uma tipologia de língua de sinais. Sem um banco de dados formado por um grande número de línguas de sinais geográfica e geneticamente não-relacionadas, seria impossível um trabalho tipológico significativo. Além disso, o valor de qualquer generalização feita a partir de uma abrangência limitada de dados, por exemplo, as línguas de sinais, principalmente da Europa Ocidental e da América do Norte, estaria seriamente comprometido. Portanto, um dos objetivos da tipologia de língua de sinais deve ser coletar informações confiáveis e adequadamente estruturadas em uma vasta gama de línguas de sinais. No momento, o estudo da extensão real da variação possível entre as línguas de sinais ainda é superficial.

Até agora, nosso conhecimento sobre as línguas de sinais tem se desenvolvido como um mosaico, que é, inicialmente, apenas esboçado e com muitas áreas vazias, mas está, cada vez mais, nos fornecendo um quadro mais claro da extensão da diversidade das línguas de sinais (ver Figura 3). Nas primeiras décadas, desde seus primeiros estudos, a pesquisa em línguas de sinais tem sido dominada pelas línguas de sinais “ocidentais”, da Europa e da América do Norte (neste caso, quase que unicamente a ASL) e, até certo ponto, isso ainda ocorre. Trabalhos recentes têm documentado línguas de sinais urbanas em outras partes do mundo, como, por exemplo, na área do Levante Árabe (Hendriks 2004, Hendriks & Zeshan, no prelo). Em muitas regiões, os resultados das pesquisas não são facilmente acessíveis ao público internacional devido ao idioma de publicação. Por exemplo, a maioria das publicações em Nihon Shuwa (língua de sinais utilizada no Japão) está escrita em japonês e muitas publicações nas línguas de sinais da América do

Sul e Central foram escritas em espanhol ou português.

A mais importante contribuição para o mosaico de dados de língua de sinais consiste de línguas de sinais em agrupamentos comunitários (*village communities*) (ver trapézio roxo na Figura 3). Línguas de sinais de agrupamentos comunitários (*village sign language*) serão destacadas na seção 3.2 e na seção 4, a seguir. Finalmente, a última imagem na Figura 3 contém um triângulo azul marcado com um ponto de interrogação. Esse sinal representa quaisquer outros tipos de línguas de sinais que certamente serão descobertos ao longo do percurso. E, o que é mais importante, é necessário investigar os vários tipos de línguas de sinais minoritárias que podem estar sendo utilizadas por grupos menores de sinalizantes co-existindo simultaneamente com línguas de sinais “nacionais”.



**Figura 3: O mosaico dos dados em línguas de sinais**

Para os propósitos da tipologia de língua de sinais, nem todos os tipos de documentação lingüística são igualmente válidos. O tipo mais importante de documentação é uma gramática de referência. Gramáticas de referência são concisas; entretanto, elas con-

têm relatos profundos de todas as estruturas gramaticais encontradas em uma língua e são importantes fontes de informação para tipologistas de língua falada, que podem se basear em centenas de gramáticas de referência, embora nem todas sejam de igual qualidade. Entretanto, até o momento atual, a pesquisa em língua de sinais ainda não produziu nenhuma gramática de referência de nenhuma língua de sinais. Dessa forma, os tipologistas de língua de sinais têm de utilizar fontes não tão ideais.

O arcabouço da tipologia de língua de sinais é especialmente propício ao desenvolvimento de análises descritivas de línguas de sinais ainda não documentadas, pois ela incorpora uma ampla perspectiva baseada no conhecimento já existente sobre a diversidade tipológica entre as línguas faladas. Por exemplo, pesquisadores de língua de sinais irão não apenas se preocupar em saber como o plural é expresso em uma língua de sinais, mas também se preocupar com o fato de a língua ter ou não uma categoria não-marcada para número, ou se o número verbal e nominal é expresso de maneira diferente ou semelhante e como a categoria de número interage com as outras categorias. Não perguntaremos apenas como uma língua de sinais expressa posse, mas também se há uma relação entre possessivos e existenciais e se há diferença entre posse alienável e inalienável. Questões tipologicamente informadas dessa natureza precisam ser respondidas em relação a um grande número de línguas de sinais, antes que trabalhos mais amplos possam ser realizados em tipologia de língua de sinais. Ao mesmo tempo, esse tipo de informação descritiva é um insumo muito útil para as dimensões aplicadas da lingüística de língua de sinais, tal como o desenvolvimento de materiais educativos de língua de sinais. A relação

entre lingüística tipológica e lingüística aplicada será abordada detalhadamente na seção 5.

### 2.2.2 Estudos interlingüísticos em línguas de sinais

Enquanto a documentação tipologicamente informada de línguas de sinais individuais busca descrever uma grande variedade de estruturas dentro de cada língua, estudos interlingüísticos investigam um domínio gramatical específico em uma amostra suficientemente ampla de línguas de sinais diferentes. As duas correntes de pesquisa são complementares, mas os estudos interlingüísticos propõem desafios teóricos e metodológicos específicos, que serão brevemente discutidos nesta seção.

Para se chegar a uma teoria de variação entre línguas de sinais, é necessário fazer generalizações entre dados comparativos coletados de uma grande variedade de línguas de sinais. É essencial que essas generalizações sejam empiricamente embasadas, isto é, baseadas em evidências reais de uma gama de dados primários, ao invés de serem baseadas em suposições dedutivas e/ou pressuposições baseadas em poucas, ou apenas em uma língua de sinais. Os estudos interlingüísticos em línguas de sinais propõem perguntas de pesquisa sobre os *parâmetros* de variação que podem ser observados nas línguas de sinais, sobre o *grau* de variação exibido e sobre os *padrões* de variação. Essas são tarefas inter-relacionadas, porém distintas. Por exemplo, no domínio das perguntas, os parâmetros de variação para a investigação incluem expressões faciais que marcam perguntas, o uso de partículas interrogatórias, o conjunto de palavras interrogativas em cada língua, o uso pragmático de perguntas, etc. Em cada parâme-

tro, as línguas de sinais em uma amostragem exibirão um grau de variação e essas podem ser comparadas entre si. Por exemplo, o grau de variação relacionado a expressões faciais é bem pequeno entre as línguas de sinais porque há muita sobreposição de expressões utilizadas em muitas línguas de sinais. Por outro lado, os paradigmas de palavras interrogativas (isto é, conjuntos específicos de palavras interrogativas para as quais existem itens lexicais distintos) demonstram um enorme grau de variação entre as diferentes línguas de sinais. Além disso, algumas palavras interrogativas, ou combinações dessas palavras são encontradas com mais frequência do que outras, havendo evidências de inter-relacionamento de palavras interrogativas e artigos indefinidos (Zeshan 2004b, 2006). Tais padrões de diferenças em variabilidade, frequência de ocorrência, inter-relacionamento de domínios gramaticais, etc. devem ser levados em conta em um arcabouço teórico de tipologia de língua de sinais. Na medida em que a pesquisa em tipologia de língua de sinais progride, poderemos mapear a diversidade estrutural das línguas de sinais, de forma cada vez mais detalhada.

Para a tipologia de língua de sinais, é importante investigar explicações funcionais para as diferenças e semelhanças entre as línguas de sinais. Geralmente, os resultados prévios da tipologia de línguas faladas podem ser úteis aqui. Por exemplo, a estreita relação entre palavras interrogativas e artigos indefinidos ou entre posse e existência tem sido encontrada tanto em línguas faladas, quanto em línguas de sinais e as explicações para esses padrões foram sugeridas pela literatura

da tipologia de línguas faladas. Inventários de padrões, como por exemplo, um número limitado de tipos de construção utilizados para expressar posse (como em Heine 1997), também podem ser aplicados às línguas de sinais. Entretanto, em outras áreas, é interessante observar que as línguas de sinais se comportam diferentemente das línguas faladas, por exemplo, com relação a alguns aspectos do domínio da negação (ver seção 3.1.1).

Estudos interlingüísticos abrangentes entre línguas de sinais apresentam problemas teóricos e metodológicos específicos, alguns dos quais são comuns à tipologia de línguas faladas. Um ponto crítico, por exemplo, é a confiabilidade dos dados. Sem dúvida, já que é impossível a um pesquisador ter o conhecimento de dezenas de línguas de sinais diferentes, como saber se a informação que está sendo coletada está correta? Não há uma resposta simples para isso e o problema de confiabilidade de dados é inerente à pesquisa tipológica em qualquer uma das duas modalidades de língua. Entretanto, os projetos em tipologia de línguas de sinais estão, de certo modo, em uma situação diferente, pois é necessário gerar realmente uma grande parte dos dados, ao longo do próprio projeto de tipologia de língua de sinais. Isso se deve ao fato de que há pouca informação publicada que seja facilmente acessível, mostrando que os tipologistas de línguas de sinais têm mais chance de tomar medidas diretas para melhorar a confiabilidade dos dados<sup>4</sup>. Por outro lado, a coleta de dados interlingüísticos também apresenta seus próprios desafios. Um exemplo de como isso pode ser feito é discutido na seção 3.1.2.

<sup>4</sup> Os tipos de medida a serem adotados não podem ser discutidos em detalhe aqui, mas consulte Zeshan (em preparação) para uma elaboração mais profunda desse assunto.

Finalmente, os estudos interlingüísticos precisam lidar com a questão da amostragem, isto é, a escolha das línguas a serem representadas em um estudo interlingüístico. Pesquisadores em tipologia de línguas faladas trabalham com amostras de línguas para as quais a informação sobre o domínio em questão está disponível. Essas amostras têm de ser regionalmente equilibradas (isto é, não incluir muitas línguas de uma mesma região geográfica) e geneticamente equilibradas (isto é, não incluir muitas línguas de uma mesma família lingüística). Entretanto, para as línguas de sinais, neste momento, isso é muito difícil de ser feito, pois pouquíssimos dados estão disponíveis. Além disso, sabemos muito pouco sobre como as línguas de sinais estão historicamente relacionadas, ou seja, a qual família lingüística as línguas de sinais conhecidas pertencem, mesmo para se considerar apenas a questão de uma amostragem geneticamente equilibrada. Atualmente, não há solução teórica satisfatória para esse problema, portanto devemos trabalhar com base nas considerações práticas e tentar, apenas, incluir o máximo de informação do maior número possível de línguas de sinais em nossos dados, a fim de cobrir uma área razoável. Por exemplo, Zeshan (2004a, 2004b, 2005) utilizou informações de 37 línguas de sinais distintas. Nada a ser feito, no momento atual, contra a tendência geográfica e/ou genética nesse tipo de amostragem, exceto estar sempre consciente dessa questão e, conseqüentemente, formular cuidadosamente nossas generalizações.

Na próxima sessão, apresento alguns exemplos de estudos interlingüísticos recentes para ilustrar os tipos de resultados e metodologias que tipicamente encontramos nesses projetos.

### 3. Estudos de caso em tipologia de línguas de sinais

Os resultados do primeiro estudo amplo e comparativo em tipologia de língua de sinais foram publicados por Zeshan (2004a, 2004b, 2005 e 2006). Esse estudo concentra-se nas construções interrogativas e negativas (duração do projeto 2000-2004) e foi seguido por um segundo estudo mais abrangente sobre construções possessivas e existenciais (2005 ainda em andamento; ver Perniss e Zeshan, no prelo). Além de projetos de grande dimensão, pesquisas interlingüísticas de menor dimensão sobre conjuntos de línguas de sinais de vários tamanhos têm sido conduzidas atualmente, incluindo o trabalho de McBurney (2002) sobre pronomes pessoais, Eccarius e Brentari (2007) sobre construções classificadoras e Schwager & Zeshan (no prelo) sobre sistemas de classes de palavra.

Nesta seção, apresento uma ilustração das metodologias e dos resultados que os projetos em tipologia de línguas de sinais produziram. Uma visão mais abrangente pode ser encontrada em Zeshan (em preparação). Ao invés de tentar resumir todos os vários tópicos investigados, irei me concentrar em alguns pontos de interesse e mostrar como eles são relevantes para as idéias teóricas esboçadas nas sessões anteriores. A seção 3.1 trata da negação não-manual entre as línguas de sinais, ao passo que a seção 3.2 se concentra nos padrões de posse predicativa.

#### 3.1 *Negação não-manual*

O projeto interlingüístico sobre interrogativas e negativas mencionado acima incorpora dados de 37 línguas de sinais diferentes, embora algumas sejam representadas mar-

ginalmente devido à mínima quantidade de dados. Os dados são baseados em fontes variadas, sendo que a principal parte provém de respostas dadas a um questionário tipológico distribuído aos co-pesquisadores espalhados pelo mundo (Zeshan 2006). Além dessas fontes, dados primários de pesquisa de campo coletados por mim e dados provenientes de fontes publicadas também contribuíram para a formação do banco de dados geral, sendo compilados para análise e arquivados no sistema Microsoft Access.

Esse estudo produziu muitos *insights* fascinantes, dos quais temos apenas idéias superficiais aqui. Um dos padrões mais interessantes emergiu de estudo da marcação não-manual de orações negativas entre línguas de sinais. Resumidamente, um movimento de cabeça para os lados em orações negativas ocorre em todas as línguas de sinais para as quais dados sobre esse tópico estavam disponíveis. Entretanto, o status gramatical desse movimento da cabeça negativo e as limitações de uso são bem diferentes em línguas de sinais distintas.

A principal diferença tipologicamente relevante se relaciona à relativa proeminência da negação manual e não-manual nos sistemas gramaticais das línguas de sinais. Todas as línguas de sinais nos dados coletados utilizam tanto sinais negativos produzidos com as mãos, quanto marcações não-manuais de orações negativas, principalmente na forma de movimentos de cabeça, tais como o movimento de cabeça para a esquerda e para a direita. Logicamente, então, ou a negação manual ou a não-manual poderia ser mais importante para marcar a oração negativa, ou ambas poderiam apresentar proeminên-

cia similar. Há muitos critérios que podem ser utilizados para determinar se um sistema de negação apresenta proeminência manual ou não-manual (ver Zeshan 2004a para uma discussão detalhada). Os exemplos (1), (2) e (3) abaixo, de línguas de sinais na Alemanha, Turquia e Índia, ilustram alguns desses critérios, concentrando-se na questão de qual parte da negação – manual ou não-manual – é obrigatória e qual é opcional<sup>5</sup>.

Alemanha (Deutsche Gebärdensprache, DGS, *Língua de Sinais Alemã*):

(1a) \_\_\_\_\_ neg  
 ICH VERSTEH  
 IX1 UNDERSTAND

(1b) \_\_\_\_\_ neg  
 ICH VERSTEH NICHT  
 IX1 UNDERSTAND NOT

(1c) \* ICH VERSTEH NICHT  
 IX1 UNDERSTAND NOT  
 “Eu não entendo”.

Turquia (Türk İşaret Dili, TID, *Língua de Sinais Turca*):

(2a) \_\_\_\_\_ neg-inclinar a cabeça  
 BEN ANLAMAK DEGIL  
 IX1 UNDERSTAND NOT

(2b) \* \_\_\_\_\_ neg-inclinar a cabeça  
 BEN ANLAMAK  
 IX1 UNDERSTAND  
 “Eu não entendo”.

Índia (Língua de Sinais Indo-Paquistana, IPSL):

<sup>5</sup> Para uma explicação sobre as convenções de transcrição, ver anexo ao final deste artigo.



- (3a) \_\_\_\_\_ neg  
IX1 UNDERSTAND NOT
- (3b) \_\_\_\_\_ neg  
IX1 UNDERSTAND
- (3c) IX1 UNDERSTAND NOT  
“Eu não entendo”.

Em cada grupo de exemplos, a primeira sentença (1a, 2a e 3a) é uma maneira comum e gramatical de se dizer ‘Eu não entendo’. Na Língua de Sinais Alemã (DGS), isso envolve apenas a negação não-manual, não havendo necessidade de um sinal manual negativo. Enquanto a negação manual e não-manual pode ocorrer simultaneamente na DGS (exemplo 1b), não é gramaticalmente correto omitir o movimento da cabeça para os lados. Juntamente com outras evidências que não analisamos aqui, isso nos permite concluir que a DGS tem um sistema de negação não-manual dominante, em que o movimento da cabeça de negação é obrigatório. Nos dados utilizados para o estudo comparativo, esse tipo de sistema era mais comum entre as línguas de sinais, incluindo todas as línguas de sinais ocidentais, sendo o melhor descrito na literatura.

Um tipo de sistema menos conhecido é exemplificado nos dados da TID em (2). A forma usual de expressar a mesma sentença envolve tanto negação manual quanto não-manual (2a)<sup>6</sup>. Ao contrário da DGS, na Língua de Sinais Turca (TID) não é possível negar essa sentença usando-se apenas um movimento da cabeça negativo, sendo essa a razão pela qual o exemplo (2b) não é gramaticalmente correto.

Um sinal manual negativo deve estar presente na frase. Já que a negação manual é obrigatória em TID, pode-se, então, considerá-la o sistema de negação manual dominante. Relativamente poucas línguas de sinais nos dados coletados são desse tipo e estão todas fora da Europa e da América do Norte, o que ilustra a importância de se ter uma grande variedade de dados disponíveis para um estudo tipológico. Além da TID, encontrou-se um sistema de negação manual dominante em línguas de sinais do Japão, China e em um agrupamento comunitário em Bali.

Por fim, os dados da IPSL contrastam com os dados da DGS e com os da TID, no sentido de que nenhum dos exemplos em IPSL é gramaticalmente incorreto (marcados com um asterisco\*). Em IPSL, as orações podem ser negadas tanto de maneira manual, como também não-manual, embora seja mais comum a utilização de ambas as formas, como em (3a). Essa e outras evidências sugerem que nem a negação manual nem a não-manual são dominantes em IPSL; portanto, podemos falar de um sistema de negação equilibrado. Uma possibilidade que vale a pena explorar no futuro seria a de que sistemas equilibrados desse tipo estão em um estágio menos avançado de gramaticalização, onde, de certo modo, o sistema ainda não “decidiu” qual caminho seguirá.

A categorização das línguas de sinais em sistemas de negação manual dominante e não-manual dominante, conforme ilustrada nos exemplos acima, é um bom exemplo dos tipos de generalizações que é possível fazer em tipologia de língua de sinais, com base em

<sup>6</sup> A negação não-manual aqui é um movimento de cabeça para trás acompanhado das sobranças erguidas, o que é uma característica regional de algumas línguas de sinais do Leste do Mediterrâneo. A TID também utiliza um movimento de cabeça de lado para o outro além do movimento negativo para trás, mas isso não é diretamente relevante para nossa presente discussão.



uma investigação cuidadosa de dados empíricos. As línguas de sinais podem se encaixar em um dos três tipos, podendo-se determinar a frequência relativa de cada tipo, resultando em um padrão que consiste de vários outros padrões possíveis, o que, ao longo do tempo, contribuirá para uma teoria de variação tipológica entre as línguas de sinais.

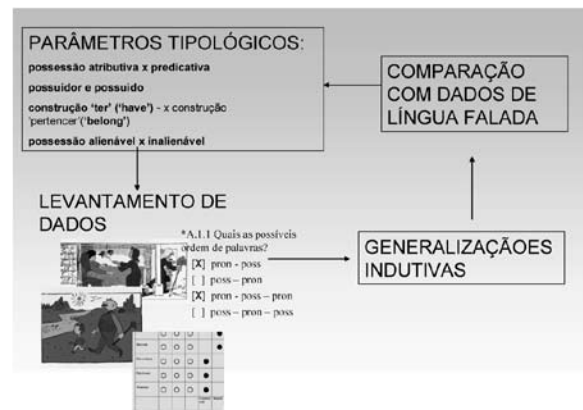
### 3.2 Posse predicativa

Os dados desta seção provêm de um estudo sobre as construções possessivas e existenciais em línguas de sinais. Conforme será esclarecido abaixo, essas duas noções estão intimamente relacionadas, por isso constituindo um mesmo campo de investigação. Este estudo também foi realizado por co-pesquisadores de vários países, mas a metodologia para o presente projeto é mais sofisticada do que aquela do primeiro projeto. A Figura 4 representa esquematicamente o ciclo de pesquisa deste projeto.

Um projeto de tipologia de língua de sinais começa geralmente com a identificação dos parâmetros de variação tipológica dentro de um domínio alvo, nesse caso dentro do domínio da posse e existência (canto superior esquerdo da Figura 4). A coleta de dados é baseada nessas considerações teóricas e, no caso deste projeto, envolve um questionário tipológico a ser respondido pelos co-pesquisadores e técnicas especializadas de elicitación, utilizadas de modo padronizado por todos os participantes do projeto (canto inferior esquerdo).

Os materiais de elicitación consistem em várias atividades de jogos com conteúdo visual, por exemplo, figuras, em que dois/duas ou três sinalizantes devem interagir e as conversações resultantes das interações são

gravadas em vídeo. Os jogos são destinados a elicitación construções possessivas e existenciais, por exemplo, utilizando-se a imagem de uma árvore genealógica em uma atividade de jogo direcionada aos termos de parentesco relacionados à posse. Com base nos jogos gravados em vídeo, os co-pesquisadores extraem exemplos relevantes e respondem questões de um questionário tipológico que cobre vários sub-parâmetros desse domínio. A compilação desses dados leva a generalizações indutivas, como a do tipo discutido abaixo. Assim, esses resultados podem ser, posteriormente, comparados com as línguas faladas e, por fim, esses resultados podem re-alimentar as considerações teóricas com as quais iniciamos nosso estudo (lado direito da Figura 4).



**Figura 4: Desenho da pesquisa para o projeto interlingüístico em posse e existência**

Um dos sub-domínios desse projeto é a posse predicativa, isto é, maneiras de expressar sentenças como 'Eu tenho um carro', 'Quantos filhos você tem?', etc., com a posse em uma frase completa, ao invés de apenas em um sintagma nominal (NP) ('meu cartão de crédito', etc.). Na literatura tipológica sobre as línguas faladas, a posse é uma área bem documentada (por exemplo, Heine 2006, Baron, Herslund &

Sorensen 2001, Payne 1999). Um número limitado de padrões para posse predicativa foi identificado nessa literatura e essa tipologia também pode ser aplicada às línguas de sinais com algumas modificações devido à natureza dos dados em língua de sinais. Exemplifico os diversos tipos nos exemplos abaixo:

a) De “pegar, agarrar” para posse

Nesse tipo, um sinal cujo significado original tem algo a ver com “pegar” ou “agarrar” é utilizado para expressar posse. A Língua de Sinais Sul-Coreana possui tal sinal glosado como TER EM MÃOS (HAVE-IN HAND) (juntamente com outro sinal glosado TER/EXISTIR (HAVE/EXIST), ver abaixo). Os exemplos (4a) e (4b) mostram que TER-EM-MÃOS pode co-ocorrer tanto com um sinal existencial positivo, quanto um negativo. Curiosamente, entretanto, o padrão TER-EM-MÃOS não pode ser usado para certas noções abstratas como “ter tempo” (exemplo 4c). Para tais itens, o padrão existencial com o sinal TER/EXISTIR deve ser usado, o qual possui uma distribuição mais ampla e geral do que TER-EM-MÃOS. A Figura 5 mostra um exemplo de frase que utiliza os sinais possessivos/existenciais.

Coréia do Sul (Língua de Sinais Sul-Coreana):

- (4a) TRABALHAR TER-EM-MÃOS TER/EXISTIR  
(WORK HAVE-IN-HAND HAVE/EXIST)  
'ter trabalho' ('have work')
- (4b) TRABALHAR TER-EM-MÃOS NÃO-EXISTIR  
(WORK HAVE-IN-HAND NOT-EXIST)  
'não ter trabalho' ('not have work')
- (4c) \*TEMPO TER-EM-MÃOS TER/EXISTIR  
(\*TIME HAVE-IN-HAND HAVE/EXIST)  
'ter tempo' ('have time')



MIM  
(ME)

CARRO  
(CAR)



TER-EM-MÃOS  
(HAVE-IN-HAND)

TER  
(HAVE)

**Figura 5: Língua de Sinais Sul-Coreana**  
**'Eu tenho um carro'.**

Os dados comprovam o tipo de construção possessiva “pegar, agarrar”; portanto, essa é, definitivamente, uma estratégia disponível para as línguas de sinais. Entretanto, trata-se de um tipo de menor importância e muito menos freqüente que o padrão existencial, discutido a seguir.

b) Da existência à posse

A maioria das línguas de sinais presente nos dados utiliza-se de uma partícula que expressa tanto existência quanto posse (partícula existencial). Por exemplo, tais partículas são utilizadas nas línguas de sinais da Índia/Pa-

quistão, Turquia, Rússia, EUA, Reino Unido, Catalunha, Alemanha, Jordânia, Irã e China. Além disso, é muito comum que as partículas existenciais positivas e negativas sejam suplementares, isto é, que tenham duas formas completamente diferentes e não relacionadas entre si. A Figura 6 mostra as partículas existenciais positivas e negativas em Türk İşaret Dili (Língua de Sinais Turca – TID). Os padrões em (a) e (b) foram descritos para as línguas faladas por Heine (2006).



**Figura 6: EXISTIR/TER e NÃO-EXISTIR/NÃO-TER em Türk İşaret Dili (Turquia)**

Em alguns casos, a partícula existencial/possessiva pode ser flexionada no espaço, isto é, o sinal muda sua forma de acordo com o possuidor ou de acordo com o item possuído. Exemplos desse tipo são encontrados, por exemplo, em línguas de sinais na Coreia do Sul, China, Brasil e Alemanha (ver Figura 7).



**Figura 7: DGS (Alemanha): TER/EXISTIR em espaço neutro ('há', 'alguém tem' ('there is, someone has'); figura da esquerda) e com referência à primeira pessoa ('Eu tenho' ('I have'); figura da direita)**

c) De quantificador/modificador predicativo à posse

Um outro padrão muito comum encontrado em muitas línguas de sinais é a construção “quantificador predicativo /modificador” (Hengeveld 1992). Nesse padrão, quando novas informações sobre o item possuído são fornecidas como, por exemplo, sua quantidade ou algum tipo de informação adjetiva, não há partícula que expresse a relação possessiva. Então, diz-se algo como: ‘Eu, os filhos são três’ (*I, the children are three*), ‘Meus filhos são três’ (*My children are three*), (exemplo 5).

Índia (Língua de Sinais Indo-Paquistanesa, IPSL):

(5a) IX1 FILHOS-pl EXISTEM (CHILD-pl EXIST)  
‘Eu tenho filhos’ (*I have children*).

(5b) IX1 FILHO-pl TRÊS (CHILD-pl THREE)  
‘Eu tenho três filhos’ (*I have three children*).  
(lit. ‘Meus filhos são três’/‘*My children are three*’).

(5c) \_\_\_\_\_ s/n  
IX2 FILHO-pl EXISTEM? (CHILD-pl EXIST?)  
‘Você tem filhos?’ (*Do you have children?*)

(5d) \_\_\_\_\_ qu  
IX2 CHILD-pl NUMBER WH

‘How many children do you have?’ (IX2 FILHO-pl NÚMERO

‘Quantos filhos você tem?’ (lit. ‘Quantos são seus filhos?’ / ‘How many are your children?’)

Vários outros padrões menos importantes foram encontrados nos dados comparativos de língua de sinais (cf. Perniss & Zeshan, no prelo), sendo o principal interesse voltado às estruturas de línguas de sinais de vilas; porém, não é possível discutir detalhadamente essa questão neste trabalho.

#### d) A semântica da posse

No domínio da posse, há muitos outros pontos de interesse, por exemplo, as várias restrições na forma de expressar as diferentes categorias de posse. Por exemplo, relações de parentesco (‘meus pais’, ‘meus irmãos’, etc.) geralmente são expressas de maneira diferente da posse de objetos. As partes do corpo (‘minha cabeça’), doenças (‘tenho dor de cabeça’) e relação parte-todo (‘telhado da casa’) geralmente utilizam padrões diferentes.

Uma investigação mais detalhada dos dados também revela distinções semânticas sutis no domínio da posse, comparáveis ao nível de complexidade encontrado no domínio da posse em línguas faladas. A Figura 8 mostra o exemplo da Língua de Sinais Turca, onde o último sinal da frase é um outro possessivo, além da partícula existencial na Figura 6.

O sinal glosado POSS na Figura 8 é muito mais restrito quanto a seu uso do que o sinal possessivo/existencial mais generalizado TER/EXISTIR. POSS somente é utilizado quando o item possuído é algo grande ou de extrema importância como uma casa, um

carro, etc. Esse sinal não pode ser usado em colocações com itens como uma caneta, uma moeda ou um animal de estimação (exceto se, por exemplo, alguém possui uma loja de animais de estimação, onde os animais têm extrema importância). Além disso, o uso do POSS é geralmente restrito a seres inanimados (e às vezes para animais) e não pode ser usado para termos de parentesco (como possuir filhos), com itens abstratos (por exemplo, possuir tempo) ou com termos para doenças e partes do corpo.



CARRO  
(CAR)

ESPOSO/A  
(SPOUSE)



NÓS-DOIS  
(BOTH-OF-US)

POSSUÍMOS  
(POSS)

**Figura 8: Língua de Sinais Turca ‘O carro pertence a mim e à minha esposa’.**

Resumidamente, a investigação interlingüística de posse e existência em línguas de sinais

demonstra que os resultados da tipologia de língua faladas podem ser proveitosamente aplicados às línguas de sinais, com algumas modificações específicas à modalidade, tais como flexões espaciais em possessivos. Mais uma vez, o projeto demonstra como os dados de língua de sinais podem ser agrupados em padrões tipológicos com valor explanatório. Além disso, a noção de uma perspectiva tipologicamente informada em língua de sinais, conforme discutido na seção 2.2.1, é claramente evidenciada nas distinções sutis e nos padrões lingüisticamente ricos, como aqueles discutidos neste artigo.

#### 4. Línguas de sinais em agrupamentos comunitários

Conforme mencionado na seção 2.2.1, é de extrema importância para a tipologia de língua de sinais coletar dados das mais diversas línguas de sinais. Ao mapear o território de diferentes línguas de sinais, é importante considerar os parâmetros sociolingüísticos dos variados contextos onde existem comunidades que utilizam línguas de sinais. Tais parâmetros incluem, entre outros:

- idade da língua de sinais
- tamanho da comunidade usuária
- situação de contato com outras línguas (faladas/escritas/sinalizadas)
- grau de ameaça de extinção
- número relativo de usuários de língua materna (L1) versus usuários de segunda língua (L2)

Esta seção analisa o tipo de língua de sinais que difere radicalmente da situação mais conhecida das grandes comunidades surdas urbanas que são usuárias das línguas de sinais de minoria e são membros de um grupo cultural minoritário, como é o caso de todas

as línguas de sinais analisadas na seção 3. Em oposição a essas línguas de sinais, há também as línguas de sinais utilizadas em agrupamentos comunitários com alto índice de surdez hereditária, em que a situação sociolingüística é radicalmente diferente.

O uso de línguas de sinais em agrupamentos comunitários tem sido identificado em muitas partes do mundo, por exemplo, a vila Yucatec Mayan, no México, a vila Adamorobe, em Gana, Providence Island, no Caribe, a tribo Urubu-Kaapor, na Amazônia, a vila Ban Khor, no norte da Tailândia, a vila na região de St. Elizabeth na Jamaica, a tribo Al-Sayyid Bedouin em Israel (cf. Marsaja, no prelo, para informações mais detalhadas sobre essas comunidades).

As línguas de sinais de vilas mais comuns possuem características semelhantes. Nelas, a surdez hereditária ocorre ao longo de muitas gerações e, portanto, uma língua de sinais local se desenvolve na comunidade, mas geralmente há ausência de contato, ou contato muito limitado com pessoas surdas de fora da vila. As pessoas surdas estão integradas na vida cotidiana de maioria ouvinte e não enfrentam barreiras de comunicação, pois a maioria das pessoas ouvintes no agrupamento comunitário é relativamente fluente na língua de sinais local. Portanto, os membros surdos da vila geralmente não formam uma sub-cultura e não possuem identidade de “surdo”, como é o caso das comunidades surdas urbanas. Devido ao maior número de sinalizantes ouvintes na “vila surda”, a maioria dos usuários utilizam a língua de sinais como L2, apenas os indivíduos surdos sendo usuários monolíngües da língua de sinais da vila como L1. A língua de sinais da vila, nesses tipos de contextos, geralmente é antiga e possui uma comunidade estável que a utiliza e é, portanto, uma língua completamente desenvolvida.



A pesquisa lingüística dessas línguas de sinais, antes conhecidas apenas de uma perspectiva sócio-cultural, começou apenas recentemente. Entretanto, já podemos observar claramente que essas línguas apresentam estruturas que diferem radicalmente do que é encontrado nas línguas de sinais urbanas. Um exemplo é o uso específico do espaço de sinalização e dos aspectos espaciais da gramática da língua de sinais.

#### 4.1 *O uso do espaço de sinalização em Kata Kolok, Bali*

A partir de 2004, nosso Grupo de Pesquisa em Tipologia de Língua de Sinais (Sign Language Typology Research Group) no Max Planck Instituto de Psicolingüística (Max Planck Institute for Psycholinguistics) e, subseqüentemente, na University of Central Lancashire (Universidade do Centro de Lancashire), tem expandido seu foco de pesquisa de forma a abranger a documentação lingüística das línguas de sinais de vilas. Uma das línguas de sinais investigada nesse subprojeto é a Kata Kolok (literalmente “linguagem surda”), utilizada em um agrupamento comunitário no norte de Bali. Kata Kolok é a primeira (e única) língua das pessoas surdas na vila. Essa língua também é, em maior ou menor proporção, utilizada como segunda língua pela maioria das pessoas ouvintes. A Kata Kolok não é relacionada a nenhuma língua de sinais conhecida. Embora a Kata Kolok esteja em contato com línguas faladas, parece não haver influência significativa de línguas faladas em sua estrutura. Entretanto, há evidências de influência significativa dos gestos locais na Kata Kolok, como era de se esperar. Acredita-se que a língua de sinais existe na vila há vários séculos e a comunidade possui diver-

sos mitos sobre sua origem. Diferentemente de outras línguas de sinais de vilas, que estão ameaçadas de extinção pelas línguas de sinais urbanas maiores em seus respectivos países, a Kata Kolok não corre perigo, embora essa situação possa mudar a qualquer momento.

A extensiva coleta e transcrição de dados de textos em Kata Kolok revelaram que o uso do espaço de sinalização difere radicalmente do que é conhecido sobre outras línguas de sinais. Na realidade, muitas das características estruturais consideradas universais entre todas as línguas de sinais se relacionam ao uso do espaço de sinalização, como, por exemplo, a concordância verbal espacial. Portanto, é de suma importância encontrar evidências de diferenças entre línguas de sinais nesse domínio. Nesta seção, apenas um breve resumo dos resultados iniciais pode ser apresentado. Publicações futuras deverão explicar cada fenômeno e justificar a análise, em cada caso (cf. Zeshan, em preparação).

Na língua de sinais Kata Kolok, o espaço de sinalização é muito maior do que os espaços utilizados nas línguas de sinais de comunidades surdas urbanas e geralmente tende a incluir movimentos com os braços totalmente estendidos, movimentos do corpo inteiro (por exemplo, virar-se, inclinar-se para baixo) e “representação” de movimentos (por exemplo, “caminhar”). Como em outras línguas de sinais, os sinalizantes de Kata Kolok podem criar disposições espaciais complexas, incluindo construções de duas mãos. O espaço de sinalização é freqüentemente usado para expressar o movimento e a localização de referentes e as relações espaciais entre os referentes. Entretanto, a escolha de locais para estabelecer referentes em Kata Kolok é bem peculiar, pois a língua utiliza referência espacial absoluta. O que se torna especialmente evidente no caso do dedo indicador



apontando. A referência espacial absoluta significa que ao invés de selecionar locais arbitrários no espaço para estabelecer referência, por exemplo, à direita ou à esquerda do sinalizante, a localização dos referentes no mundo real determina para onde o sinalizante irá apontar. Para que isso funcione, os sinalizantes precisam sempre saber a localização dos referentes no mundo real (por exemplo, a casa das pessoas de quem os sinalizantes estão falando). Essa habilidade é comum entre várias vilas comunitárias de pessoas ouvintes, por exemplo, em comunidades aborígenes australianas, podendo a influência de um sistema de referência espacial absoluta ser observada em seus gestos (Levinson 2003:244). Curiosamente, a língua balinesa falada utiliza um esquema de referência absoluta, de tal forma que a lógica espacial das línguas falada e sinalizada se sobrepõe, no caso do balinês e do Kata Kolok.

Para ilustrar como a referência espacial absoluta funciona na língua de sinais Kata Kolok, veja o exemplo a seguir de uma enunciação sinalizada <sup>7</sup>:

(6) \_\_\_\_\_q  
ACASALANDO QU

\_\_\_\_\_q  
ACASALANDO IX:frente.l

IX:trás RUIM (MATING WH MATING IX:  
fwd.l IX:back BAD)

‘Onde/com qual você está acasalando (seu gado)?’  
(‘Where/with which one are you mating (your cow)?’  
Você está acasalando com este? (Are you mating it with  
this one?) Aquele é ruim. (That one is bad.)

Aqui o sinalizante utiliza o dedo indicador apontando (IX) para estabelecer dois loci

referentes a dois touros, um que é bom para procriar e outro que não é tão bom. Em uma língua de sinais urbana, como as Línguas de Sinais Indiana, Alemã, Japonesa ou Americana, os dois touros provavelmente seriam localizados pelo sinalizante à direita e à esquerda, respectivamente, já que o fato de colocá-los em lados opostos reflete, metaforicamente, o contraste lógico que está sendo feito entre os dois. Entretanto, o sinalizante Kata Kolok aponta para um local ligeiramente à esquerda com o braço levantado e quase todo esticado, referindo-se ao primeiro touro e aponta para trás de si mesmo, para referir-se ao segundo touro. A razão para isso é que no mundo real, esses eram os lugares onde os dois touros viviam na vila e tanto o sinalizante quanto o destinatário estão cientes da localização exata das casas dos touros, a partir do lugar onde estavam sentados, durante a conversa. Esse princípio de localização é radicalmente diferente do que sinalizantes de uma comunidade urbana fariam, em um texto similar.

Além de utilizar a referência espacial absoluta, o uso do espaço de sinalização em Kata Kolok também difere em outros aspectos de línguas de sinais urbanas mais conhecidas. Por exemplo, sinalizantes de Kata Kolok não utilizam uma linha metafórica de tempo onde o passado está atrás do sinalizante e o futuro à frente. Além disso, um sistema de concordância verbal espacial é quase completamente ausente (Marsaja, no prelo). Para uma análise mais abrangente dessas diferenças e seus significados para o estudo comparativo das línguas de sinais (ver Zeshan, em preparação).

Curiosamente, outra língua de sinais de vila, a Língua de Sinais Adamorobe em Gana,

<sup>7</sup> WH (do inglês) em Kata Kolok é um sinal de pergunta com uma semântica geral, portanto se emprega para uma grande variedade de palavras interrogativas dependendo do contexto da expressão.

também apresenta muitas peculiaridades no uso do espaço de sinalização. Entretanto, esse sistema é diferente tanto das línguas de sinais urbanas quanto da Kata Kolok (ver Nyst, 2007), o que é interessante porque impossibilita qualquer conclusão prematura sobre tais diferenças como sendo devidas a um novo e unificado “tipo de língua de sinais de vila”. Certamente, afirmar isso seria muito simplista e mais pesquisas sistemáticas em línguas de sinais de vilas se fazem necessárias no momento.

#### 4.2 A sinalização em agrupamentos comunitários – A linguagem é gradual?

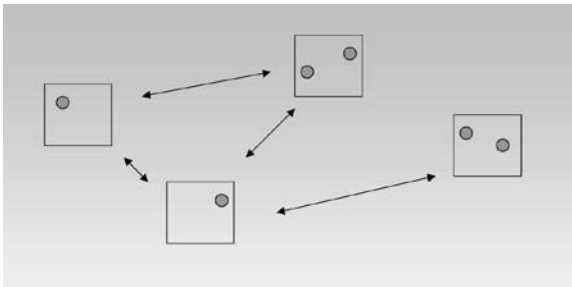
As línguas de sinais utilizadas tanto na vila Adamorobe, em Gana, como na vila surda em Bali, existem por várias gerações e seus status lingüístico como línguas amadurecidas não é questionado. As comunidades que utilizam línguas de sinais também são em número suficientemente alto para serem consideradas uma comunidade lingüística viável; no caso da Kata Kolok, por exemplo, abrangendo cerca de 50 pessoas surdas de todas as idades e a maioria dos mais de 2000 membros ouvintes<sup>8</sup>. Entretanto, a situação lingüística é tão clara em outros contextos rurais onde as pessoas surdas vivem e se comunicam por meio do modo gestual. Por exemplo, uma pesquisa de campo recente investigou uma comunidade rural no Suriname, onde 11 pessoas surdas foram identificadas até agora e o período de tempo conhecido de existência dessa comunidade sinalizante foi rastreado como sendo de não mais do que 50 anos. As pessoas surdas e

algumas pessoas ouvintes dessa comunidade usam comunicação sinalizada, mas dada a situação sociolingüística, não está claro “se sua sinalização constitui uma língua de sinais ou um sistema de sinais caseiros compartilhado” (van den Bogaerde, 2006). Situações similares com qualquer número de pessoas surdas obviamente existem em muitas comunidades, especialmente em países em desenvolvimento e o status de sua comunicação estabelece um desafio teórico a lingüistas.

Resumidamente, a pergunta de pesquisa é a seguinte: O que é necessário para uma língua ser viável em termos de tempo e espaço? Essa pergunta não pode ser abordada no âmbito das línguas faladas, devido ao extremo isolamento lingüístico que as pessoas surdas podem enfrentar e que produz os conhecidos sistemas de sinais caseiros improvisados e idiossincráticos, de funcionalidade relativamente limitada (ver, por exemplo, o trabalho de Goldin-Meadow, 2003), não desenvolvidos entre pessoas ouvintes. Se pensarmos em contextos onde a comunicação gestual é utilizada por pessoas surdas, o resultado pode ser uma variação desde sinalizantes caseiros extremamente isolados até comunidades de línguas de sinais, com todos os pontos intermediários possíveis, na escala de variação. São esses pontos intermediários, como possivelmente o de Suriname, os casos de “sistemas de sinais caseiros compartilhados”, que se constituem como o maior enigma teórico. Em casos como esse, é possível que um sistema de sinal tenha deixado de ser um sistema de sinal caseiro limitado, mas ainda não seja uma língua de sinais amadurecida? É possível se pensar a linguagem como um fenômeno gradual?

<sup>8</sup> Contudo, a Língua de Sinais Adamorobe está atualmente ameaçada devido à influência da Língua de Sinais Ghaniana, que os membros mais jovens aprendem na escola local para surdos (Nyst 2007).

A representação esquemática na Figura 9 ilustra esse ponto. Dois tipos hipotéticos de comunidades de pessoas surdas são representados. Nesta situação, haveria somente um ou dois indivíduos surdos em cada uma das vilas (indicados pelos pontos dentro dos quadrados), cada qual podendo ser, a princípio, um sinalizante de sinal caseiro. Entretanto, esses indivíduos podem ter contato irregular e não sistemático um com o outro (indicado pelas setas), por exemplo, encontrando-se uma ou duas vezes por ano para um grande festival, especialmente se as vilas forem muito distantes umas das outras e o transporte for difícil. Quando tal situação seria suficiente para uma língua em comum surgir e ser mantida entre essas pessoas? Em outras palavras, é possível que um sistema lingüístico seja mantido ao longo do espaço? Qual distância pode ser tolerada antes que o sistema seja rompido?



peças surdas em uma área rural

A mesma pergunta poderia ser feita em relação ao tempo. Como deve ser a escala de tempo de contato entre indivíduos surdos para que surja uma língua de sinais verdadeira? Quanto tempo de ausência pode ser tolerado antes que o sistema seja rompido? As línguas faladas enfrentam essa questão principalmente quando as línguas estão desaparecendo e sabe-se que o processo de desgaste começa a afetar o sistema lingüístico, com o

passar do tempo. Entretanto, os semi-falantes que ainda utilizam um pouco dessa língua adotaram uma outra língua falada como sua língua principal e, portanto, não se pode chamar essas pessoas de semi-linguais (*'semi-lingual people'*). A situação a respeito da sinalização entre pessoas surdas é diferente, nesse aspecto.

Esse conjunto complexo de questões ainda não foi abordado pela pesquisa em língua de sinais, tendo as comunidades sinalizantes minoritárias do tipo discutido aqui acabado de começar a fazer parte do quadro da lingüística da língua de sinais. Enquanto as respostas ainda parecem estar muito longe, o fato de se levantar as questões certamente demonstra como as novas evidências a partir dos diversos conjuntos de comunidades sinalizantes podem ser uma experiência enriquecedora e podem, potencialmente, levantar questões teóricas muito profundas em lingüística.

## 5. Conclusão: Tipologia de língua de sinais além da lingüística

Este artigo demonstrou maneiras fascinantes como os resultados a partir da tipologia de língua de sinais podem enriquecer nosso entendimento da diversidade lingüística entre as línguas de sinais e entre a linguagem humana em geral. Contudo, a história não acaba aqui. A pesquisa em tipologia de língua de sinais também apresenta efeitos nas comunidades usuárias, efeitos esses que vão além da pesquisa teórica. Muitos desses efeitos são bem conhecidos na lingüística da língua de sinais, mas são invocados, de forma especialmente pronunciada, no campo da tipologia de língua de sinais devido à amplitude de sua pesquisa, que vai além das áreas de pesquisa

mais estabelecidas em comunidades surdas urbanas, nas sociedades industrializadas do Ocidente.

A pesquisa sobre línguas de sinais e sobre comunidades surdas precisa ser especialmente sensível quanto às considerações éticas na maneira como a pesquisa é conduzida e como os resultados são aplicados. Atualmente, com a pesquisa em língua falada penetrando novas áreas como a documentação em grande-escala de línguas ameaçadas, as preocupações éticas se tornaram mais comuns e mais abertamente discutidas na lingüística. Por exemplo, as diretrizes éticas do departamento de lingüística do Instituto Max Planck para Psicolingüística (*Max Planck Institute for Psycholinguistics*) afirmam:

Os membros do departamento devem, sempre que possível, assegurar-se que estão contribuindo com as comunidades em que estão trabalhando. Exceções a essa política só podem ser consideradas em circunstâncias realmente não-usuais, onde a implementação da política é impossível e tais exceções requerem justificação detalhada, bem como a aprovação do diretor do departamento (MPI-EVA 2002).

As comunidades sinalizantes são geralmente vulneráveis e freqüentemente enfrentam opressão lingüística, portanto, a maioria dos lingüistas de língua de sinais está ciente de seus deveres de “dar retorno às comunidades”. Com a ascensão da pesquisa nas mais diversas comunidades dentro do paradigma da pesquisa em tipologia de língua de sinais, novas questões surgem relacionadas a tal língua, por exemplo, trabalhos na “vila surda” ou em situações de línguas de sinais ameaçadas (cf. (Nonaka, 2004). Esse é um ponto muito crítico, portanto, ao invés de entrar-

mos em detalhes aqui, discuto brevemente os benefícios potenciais às comunidades que utilizam línguas de sinais, geralmente associadas à pesquisa em tipologia de língua de sinais.

O maior benefício da pesquisa em tipologia de língua de sinais certamente refere-se às muitas línguas de sinais cujas estruturas lingüísticas ainda não foram documentadas até o presente. Tendo em vista que a tipologia de língua de sinais procura, sistematicamente, essas línguas e se concentra ativamente no campo da documentação lingüística (cf. seção 2.2.1), muitas comunidades de línguas de sinais podem se beneficiar desses recursos adicionais, ao serem consideradas, pela primeira vez, na pesquisa sobre suas línguas.

Com o passar do tempo, essa pesquisa pode gerar importantes recursos lingüísticos, uma vez que é apenas com base em trabalho descritivo sólido que projetos em lingüística aplicada, como, por exemplo, o ensino da língua de sinais, o treinamento de intérpretes, etc., podem se tornar bem sucedidos e sustentáveis. Um exemplo de como a pesquisa teórica e a pesquisa aplicada podem ser conduzidas simultaneamente é documentado, no caso da Índia, no trabalho de Zeshan, Vasishta e Sethna (2004).

Reforçar a lingüística e, subseqüentemente, as dimensões aplicadas da pesquisa em língua de sinais é especialmente importante em muitos países em desenvolvimento e a tipologia de língua de sinais está em posição de contribuir para tais desenvolvimentos. Se pesquisadores experientes conduzirem trabalho de campo em uma determinada região onde a língua de sinais e suas aplicações ainda não se estabeleceram, a troca de conhecimento importante entre o pesquisador estrangeiro e a comunidade surda local pode acontecer e sinalizantes locais terão uma oportunidade

de receber treinamento lingüístico. Conseqüentemente, o nível de consciência metalingüística em comunidades surdas sem experiência prévia em língua de sinais irá aumentar com o tempo.

Finalmente, participar de um grande projeto interlingüístico possibilita uma oportunidade de treinamento excelente, para pesquisadores iniciantes, que passarão a fazer parte de um grupo de pesquisa e poderão ser guiados por coordenadores do projeto e por colegas pesquisadores na equipe do projeto, para desenvolver um projeto de pesquisa que seja independente até certo ponto e, ao mesmo tempo, que aconteça com um espaço estruturado de acordo com padrões e metodologias comuns da pesquisa em línguas de sinais.

Embora ainda haja muitas questões não resolvidas no domínio do empoderamento das comunidades surdas mundiais, a pesquisa em tipologia de línguas de sinais claramente tem uma contribuição a fazer e pode, potencialmente, fazer uma diferença real para a situação das comunidades surdas em muitas partes do mundo.

#### Abreviações e convenções de transcrição:

SINAL (SIGN)

glosa para s sinal manual (*gloss for s manual sign*)

SINAL/SINAL (SIGN/SIGN)

sinal com dois significados  
(*sign with two meanings*)

SINAL-SINAL-... (SIGN-SIGN-...)

sinal único transcrito por mais de uma palavra de glosa (*single sign transcribed with more than one gloss word*)

QU (WH)

palavra interrogativa generalizada  
(*generalised question word*)

IX1

pronome de primeira pessoa  
(*first person pronoun*)

IX2

pronome de segunda pessoa  
(*second person pronoun*)

IX

dedo indicador apontado para uma certa direção (*index finger pointing in a certain direction*)

frente.1 (fwd.1)

direção para frente-esquerda  
(*forward-left direction*)

atrás (*back*)

direção para trás (*backwards direction*)

-pl

forma plural de um sinal (*plural form of a sign*)

neg

movimento da cabeça negativo  
(*negative headshake*)

neg-balançar a cabeça (*neg-tilt*)

cabeça inclinada para trás para negar  
(*backwards head tilt for negation*)

q

expressão não-manual para pergunta (*non-manual expression for question*)

s/n (y/n)

expressão não manual para perguntas sim/não  
(*non-manual expression for yes/no question*)

qu (wh)

expressão não-manual para pergunta qu-  
(*non-manual expression for wh-question*)

#### Agradecimentos

A Pesquisa em Tipologia de língua de sinais do Instituto Max Planck para Psicolingüísti-



ca (*Max Planck Institute for Psycholinguistics*) em Nijmegen, na Holanda, e conseqüentemente na University of Central Lancashire in Preston, Reino Unido, financiada pelo Conselho Alemão de Pesquisa (German Research Council) (Deutsche Forschungsgemeinschaft, DFG) através de um programa de pós-doutorado de excelência (Emmy Noether Award ZE507/1-2 e ZE 507/1-3). Sou muito grato a todos os participantes nos dois estudos interlingüísticos em interrogativas e negativas e em posseção e existência (para uma lista completa das contribuições ver Zeshan 2006 e Perniss & Zeshan, a ser publicado, respectivamente). Obrigado também a Kang-Suk Byun, Hasan Dikyuya e Waldemar Schwager pelas ilustrações dos sinais neste artigo.

## Referências

- BOGAERDE, B. V. D. *Kajana Sign Language*. Trabalho apresentado ao **Sign Languages in Village Communities**, Nijmegen, 2006.
- COMRIE, B. **Language Universals and Linguistic Typology**. Oxford: Basil Blackwell, 2. ed., 1989.
- ECCARIUS, P.; BRENTARI, D. Symmetry and dominance: A cross-linguistic study of signs and classifier constructions. **Lingua**, v. 7, p. 1169-1201, 2007.
- GOLDIN-MEADOW, S. The resilience of language: What gesture creation in deaf children can tell us about how all children learn language. **Hove**, Psychology Press, 2003.
- GREENBERG, J. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements, In: GREENBERG, Joseph H. (Org.). **Universals of language**. Cambridge, MA, 1963.
- HASPELMATH. **Indefinite pronouns**. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- HEINE. **Possession**. Cambridge: Cambridge University Press. 2. ed., 2006.
- HENDRIKS, B. **An introduction to the Grammar of Jordanian Sign Language**. Salt, 2004.
- HENDRIKS, B.; ZESHAN, U. Sign Languages in the Arab World. In: VERSTEEGH, Kees et al. (Orgs.). **Encyclopedia of Arabic Language and Linguistics (EALL)**. Leiden, no prelo.
- HENGEVELD, K. **Non-verbal predication: Theory, Typology, Diachrony**. Berlim, Mouton de Gruyter, 1992.
- LEVINSON, S. **Space in language and cognition – explorations in cognitive diversity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MARSAJA, I. G.; KOLOK, Desa. A deaf village and its sign language in Bali. In: **Indonesia**. Nijmegen, NL: Ishara Press, no prelo.
- MAX PLANCK INSTITUTE FOR EVOLUTIONARY ANTHROPOLOGY (MPI-EVA), Department of Linguistics. Ethics Guidelines. Leipzig: MPI-EVA. Disponível em: <<http://www.eva.mpg.de/lingua/files/ethics.html>>. Acesso em: 2002.
- McBURNEY, S. Pronominal reference in signed and spoken language: are grammatical categories modality-dependent? In: MEIER, R., KEARSY, C.; QUINTO-POZOS, D. (Orgs.). **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 329-369.
- NONAKA, A. Sign Languages - The Forgotten Endangered Languages: Lessons on the Importance of Remembering. **Language in Society**, v. 5, p. 737-767, 2004.
- NYST, V. **A descriptive analysis of Adamorobe Sign Language (Ghana)**. Utrecht, 2007.
- PAYNE, D. External Possession. **Typological Studies in Language**. Amsterdam, v. 39, 1999.
- PERNISS, P.; ZESHAN, U. (Orgs.). Possessive and existential constructions in sign languages. **Sign Language Typology Series**, Nijmegen, v. 2, no prelo.
- SCHWAGER, W.; ZESHAN, U. Word classes in



- sign languages – Criteria and classifications. In: Ansaldo, U.; Don, J.; PFAU, R. (Orgs.). **Studies in Language**, no prelo.
- SONG, J. J. **Linguistic Typology. Morphology and Syntax**. Harlow: Pearson Education, 2001.
- WHALEY, L. **Introduction to typology: The unity and diversity of language**. Thousand Oaks, Sage Publications, 1997.
- ZESHAN, U. Hand, Head and Face – Negative Constructions. **Sign Languages. Linguistic Typology**, v. 8:1, 2004. p. 1-58.
- ZESHAN, U. Interrogative constructions, em: Sign Languages – Cross-linguistic perspectives. **Language**, v. 80.1, 2004. p. 7-39.
- ZESHAN, U. Sign Languages, In: DRYER, M.; GIL, D.; HASPELMATH, M. (Orgs.). **World Atlas of Language Structures**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 558-567.
- ZESHAN, U. (Org.). Interrogative and negative constructions in sign languages. In: **Sign Language Typology Series**, Nijmegen, v. 1, 2006.
- ZESHAN, U. **Sign Language Typology**. Oxford: Oxford University Press, 2006, no prelo.
- ZESHAN, U.; MADAN, V.; MEHER, S. Implementation of Indian Sign Language in Educational Settings. **Asia Pacific Disability Rehabilitation Journal**, v. 15, n. 2, 2004. p. 15-39.

# Um estudo interlingüístico de segmentação da palavra em três línguas de sinais<sup>1</sup>

*Diane Brentari*

*Ronnie Wilbur*

Universidade de Purdue

## 1. Introdução

A determinação dos limites da palavra fornece informações importantes sobre sua estrutura fonológica. Cada língua tem um conjunto de restrições sobre o que pode ser uma possível palavra. Frequentemente, essas restrições são estipuladas em termos prosódicos, tais como o número admissível de pés ou seqüências de tipos de pés. A especulação de que as línguas de sinais são mais semelhantes entre si do que as línguas faladas (Newport e Supalla 2000) levanta a questão da possibilidade de as línguas de sinais compartilharem algumas das mesmas restrições quanto ao que pode ser um possível sinal. Enquanto se sabe que inventários de Configuração de Mão (CM) diferem entre as LSs (Eccarius 2002), sabe-se, também, que os inventários de Localização (L) e Movimentos (Ms) não são estudados. Nosso estudo compara as estratégias de segmentação de palavras utilizadas em três grupos de sinalizantes surdos (ASL, HZJ e ÖGS) e três grupos de falantes ouvintes de sinais leigos (Inglês, Croata e Austríaco). Ao fazer

isso, podemos lidar com algumas perguntas de pesquisa interessantes:

1. Surdos, sinalizantes nativos e ouvintes não-sinalizantes utilizam os mesmos princípios para identificar os limites da palavra em uma seqüência de sinais (em uma língua de sinais que nenhum dos dois grupos entende)?
2. A língua de sinais ou língua/cultura dominante faz diferença na resposta à primeira pergunta?

A fim de lidar com essas perguntas, precisamos considerar onde sinalizantes e falantes preferem dividir uma seqüência de sinais e porque escolhem fazê-lo. Neste estudo, os parâmetros de sinais, Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M) são sistematicamente variados para nos permitir testar as pistas (*cues*) que são utilizadas para tomar tais decisões. A informação obtida nos permite entender mais sobre a estrutura do sinal, especificamente, quais combinações dos parâmetros fonoló-

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Lincoln Paulo Fernandes, Lautenai Antonio Barthalamei Junior

gicos são permitidas em um sinal isolado e bem-formado, e como isso pode ser diferente por língua de sinais. A comparação entre sinalizantes e não-sinalizantes também nos permite determinar o efeito da experiência sobre a análise (*parsing*) da seqüência de sinais. Avaliamos o impacto de dois fatores inter-sujeitos: *Modalidade de Língua* (Falada e Sinalizada) e *Língua Específica* e um fator intra-sujeito: *Parâmetro Fonológico* (CM, PA e M).

A informação obtida a partir de um estudo como este pode ser aplicada a uma situação prática – a análise (*parsing*) automática das transmissões de sinais por algoritmos computacionais de reconhecimento de sinais. O computador precisa saber quais pistas utilizar para decidir se um sinal começou ou terminou.

Na Sessão 2, discutimos a importância da segmentação da palavra para o entendimento da estrutura do sinal, percepção e aplicação para reconhecimento automático do sinal e fornecemos detalhes importantes da fonologia da língua de sinais para o entendimento da natureza das tarefas e suas implicações. Na Seção 3, o experimento é apresentado; na Seção 4, são apresentados os resultados e na Seção 5, discutimos os resultados e direções futuras.

## 2. Contexto

### 2.1 Segmentação da Palavra

A segmentação da palavra é a competência necessária para dividir uma seqüência de sinais ininterruptos da língua em partes menores e manejáveis para processamentos futuros. Entretanto, a segmentação da palavra não é identificação da palavra por si só, ou seja, saber onde uma palavra termina e a próxima

começa não é a mesma coisa que identificar qual palavra está envolvida. A segmentação da palavra também não é necessariamente baseada em unidades segmentárias. Por exemplo, palavras monossilábicas podem ser separadas com base nas seqüências sonoras ao invés da seqüência de segmentos individuais das quais são compostas.

Para investigar a segmentação da palavra, as pistas que podem ser utilizadas como base na tomada de decisões são confrontadas para determinar a força relativa de cada uma. Possíveis pistas podem ser ritmo e propriedades dos sons ou dos próprios sinais. As crianças adquirem as restrições/estratégias de segmentação da palavra de uma língua específica através de algum tipo de aprendizagem estatística. O sinal por si só (visual ou auditivo) tem algum efeito na maneira como uma pessoa decide onde estão os limites das palavras, isto é um “efeito de modalidade”. Devido a esse efeito de modalidade, nossa primeira hipótese é que sinalizantes terão julgamentos mais rigorosos do que não-sinalizantes sobre onde fazer a divisão entre dois sinais. Os sinalizantes demonstrarão sensibilidade a informações mais *simultâneas* e a restrições fonológicas específicas da LS – tais como a distribuição das configurações de mão (CMs), pontos de articulação (PAs), e movimentos (Ms) – do que os não-sinalizantes. Além disso, sinalizantes utilizarão as regras de sua própria LS para segmentação e até mesmo para uma LS pouco conhecida.

Nossa segunda hipótese é que a segmentação nas línguas de sinais e a segmentação nas línguas faladas requerem estratégias diferentes. A natureza visual do sinal fará com que ambos, falantes e sinalizantes, utilizem informações em nível da palavra para seus julgamentos em uma dada língua de sinais, apesar de trabalhos sobre línguas faladas de-

monstrarem que os falantes são inclinados a usar uma seqüência de sílabas (por exemplo, o pé) para fazer julgamentos de segmentação da palavra em línguas faladas. Esperamos que os falantes se adaptem à nova modalidade de língua mudando para uma abordagem de segmentação em nível da palavra.

## 2.2 Parâmetros Fonológicos da LS

### 2.2.1 Dados úteis: CM

No experimento, concentramos a atenção nas CMs marcadas e não marcadas. Consideramos as CM não marcadas como sendo o dedo indicador “um” ou a mão inteira “todos”. Essas são as primeiras CMs adquiridas e as últimas perdidas, em casos de dano cerebral. Consideramos todas as outras combinações de dedos selecionados sendo CM marcadas. Em uma palavra, quando há duas CMs, elas geralmente são versões abertas e fechadas da mesma CM, ou uma ou ambas CMs não são marcadas.

### 2.2.2 Dados úteis: M

Dois movimentos podem ocorrer no mesmo sinal sob certas condições. Se um M é uma trajetória (em Brentari [direção] ou [traço], com formas de “arco”, “reta”, “círculo” ou “7”) e o outro é o local (mudanças de abertura, orientação ou colocação), ambos podem ocorrer simultaneamente em um único sinal. Existem também sinais da ASL que permitem a seqüência de um círculo seguido de um M

reto. A repetição de um M é, também, tratada como um único sinal.

Outras combinações de movimentos não são permitidas em um único sinal. Uma combinação proibida é uma seqüência de um M de trajetória seguido por um M local ou vice-versa (Perlmutter 1992). Uma outra combinação impossível para um único sinal é a seqüência de dois círculos, cada um em uma direção diferente (Uyechi 1996). Finalmente, embora a seqüência “M circular seguido por um M de trajetória reta” seja permitida, o inverso, “M de trajetória reta seguido por um M circular”, não o é (Uyechi 1996).

Apesar dessas restrições gerais, alguns sinais lexicais, tal como DESTROY [destruir] (Figura 1), tem 2 CMs e 2 M e ainda assim são bons.

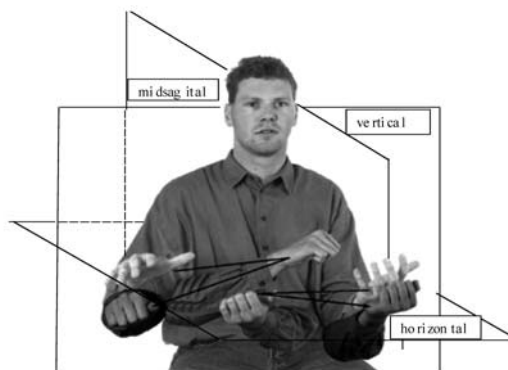


Figura 1: O sinal dissilábico ASL<sup>2</sup> DESTROY

### 2.2.3 Dados úteis: PA

Existem quatro principais regiões do corpo: cabeça, braço, tronco e a mão não-dominante. Um sinal monomorfêmico pode ter um ou dois PAs em cada região, porém não em

diversas regiões (por exemplo, não na cabeça e no braço). Além disso, existem três planos (vertical, horizontal e sagital mediano), nos quais um sinal monomorfêmico pode ser feito, mas mudanças através destes planos não são permitidas.

### 3. Método

#### 3.1 Sujeitos

Seis grupos de sujeitos participaram do estudo: três grupos de sinalizantes surdos e três grupos de ouvintes de sinais leigos dos EUA, Croácia e Áustria (Tabela 1). Todos os sinalizantes eram culturalmente surdos (eram bem integrados à Comunidade Surda) e haviam sido treinados nos últimos 20 anos. Os não-sinalizantes eram provenientes das mesmas áreas urbanas, assim como os sinalizantes de cada país e da mesma faixa etária (entre 20-55 anos de idade).

**Tabela 1: Grupos Participantes**

Grupo & Língua	EUA	(N)	Croácia	(N)	Áustria	(N)
Sinalizantes surdos	ASL	13	HZJ	10	ÖGS	10
Falantes ouvintes de sinais leigos	Inglês	13	Croata	10	Austríaco Alemão	10

#### 3.2 Tarefas

Os participantes foram solicitados a assistir a alguns vídeo clipes e a clicar em uma das duas caixas para responder à pergunta: “1 sinal ou 2 sinais?” (A Figura 2 mostra os botões com a etiqueta na língua alemã).



**Figura 2: Exemplo de visualização dos itens de tarefa na tela do computador**

#### 3.3 Estímulos

Todos os 168 estímulos eram “pseudo-sinais” (ou seja, sinais sem sentido/nonsense), compostos de combinações contrabalançadas de Movimentos (Ms), Configuração de Mão (CM), e Ponto de Articulação (PA), a fim de criar uma pista de conflito. Há 6 condições M vs. 5 condições CM vs. 2 condições PA<sup>3</sup>. Isso resultou em 28 células (duas são impossíveis de construir), nas quais as pistas M, CM e PA são confrontadas para testar as estratégias mais resilientes de segmentação da palavra, em cada grupo de participantes. Nosso desenho procura determinar a força relativa de cada uma dessas pistas em relação às outras, assim como os efeitos relativos de diferentes formas em cada um desses tipos de pistas.

Configurações de Mão são separadas em grupos não-marcados (CMn) e marcados (CMm): (1) CMn inclui B,5,A,S e 1; e (2) CMm inclui todas as outras CM. Existem cinco condições de CM nos estímulos, duas das quais são permitidas em sinais monomorfêmicos da ASL e três que não são permitidas.

<sup>3</sup> Detalhes da gravação em vídeo, o sinalizante e a cronometragem do estímulo são fornecidos em Brentari (2006).

Os tipos fonotaticamente permissíveis são (1) apenas uma CM ou (2) uma seqüência de duas CM que compartilham o mesmo conjunto de dedos selecionados e são relacionados por uma mudança de abertura ([aberto] [fechado]). Os tipos não permitidos são (3) duas CMn (ou seja, o indicador ou todos os dedos), (4) uma CMn e uma CMm, e (5) duas CMm<sup>3</sup>. É previsto que combinações permissíveis eliciarão respostas de 1 (significando, um sinal aceitável) e aqueles com combinações não permitidas eliciarão respostas de 2 (significando, o estímulo não pode ser um sinal aceitável). As condições, as marcações de suas CM, as combinações no sinal de estímulo e a resposta prevista (número de sinais) são apresentadas na Tabela 2.

**Tabela 2: Condições de Configuração de Mão**

Condição No.	Marcação de CM	CM em estímulo	Resposta prevista
1	U	1 CM (sem mudança de abertura)	1
2	U	1 CM (+ mudança de abertura)	1
3	U+U	2 CMn	2
4	U + M	1 CMn+1 CMm	2
5	M + M	2 CMm	2

Há duas condições de PA: um PA ou dois PAs (Tabela 3). Novamente, as formas com dois PAs não ocorrem em sinais monomorfêmicos da ASL, mas podem ocorrer em sinais compostos. As escolhas de PA vieram do conjunto de regiões mais importantes do corpo (cabeça, tronco, H2, braço) e dos planos tridimensionais.

**Tabela 3: Condições de Ponto de Articulação**

Condição No.	PA em estímulo	Resposta prevista
1	1 PA	1
2	2 PA	2

Há seis condições de M, divididas naquelas que são permissíveis em sinais monomorfêmicos e naquelas que não são (e que também não são permissíveis em compostos de ASL) (Tabela 4). Duas das condições são permissíveis em sinais monomorfêmicos: (1) um grupo de 30 itens tem um movimento e (2) um outro grupo de 30 itens com dois movimentos, o que é um movimento repetido. As quatro condições de M restantes contêm 108 itens que não são permissíveis, tanto em sinais monomorfêmicos quanto em sinais compostos. Essas condições incluem: (3) 24 combinações de movimentos locais não permissíveis (por exemplo combinações de mudanças de CM e mudanças de orientação); (4) 30 combinações ilícitas (*illicit combinations*) de dois movimentos de trajetória (por exemplo reta + arco ou círculo + círculo com o segundo círculo indo na direção oposta); (5) 24 combinações de um movimento de trajetória e uma mudança de configuração de mão; e (6) 30 combinações de um movimento de trajetória e uma mudança de orientação.

A organização geral dos estímulos é representada na Tabela 5. Colocando os sinais em conflito nesta forma, podemos avaliar diretamente os seguintes fatores de segmentação da palavra.

<sup>3</sup> Os tipos (3) e (4) são compostos possíveis, mas não são sinais monomorfêmicos e as combinações do tipo (e) não ocorrem em sinais únicos de tipo algum.



**Tabela 4: Condições de Movimento**

Condição No.	M Permissibilidade	M em estímulo	Resposta prevista
1	1 M gramatical	M	1
2	2 M Gramaticais	M + M	1
3	M locais agramaticais	Local M1 + local M2	2
4	M de trajetória agramaticais	Trajetoária M1 + trajetória M2	2
5	Trajetoária agramatical + mudança de CM	Trajetoária + mudança de CM	2
6	Trajetoária agramatical + mudança de orientação	Trajetoária + Mudança de orientação	2

**Tabela 5. Distribuição dos itens no conjunto de estímulos. As células cinza indicam formas fisicamente impossíveis. ("Δ"= "mudança")**

		M 1	M (repetição)	M 1or+ 1hsA	M 2 trajetória	M 1path+ 1hsA	M 1path+ 1orA
CM 1	PA(1)	3	3	0	3	0	3
	PA(2)	3	3	0	3	0	3
CM 2- A de abertura	PA(1)	3	3	3	3	3	3
	PA(2)	3	3	3	3	3	3
CM 1u+1u	PA(1)	3	3	3	3	3	3
	PA(2)	3	3	3	3	3	3
CM 1u+1m)	PA(1)	3	3	3	3	3	3
	PA(2)	3	3	3	3	3	3
CM 1m+1m	PA(1)	3	3	3	3	3	3
	PA(2)	3	3	3	3	3	3

Os estímulos foram apresentados aos participantes na tela do computador em quatro blocos, com intervalos entre eles. Os blocos de apresentação foram revezados de modo que o primeiro sujeito iniciou com o bloco 1, o segundo com o bloco 2, e assim por diante, retornando ao bloco 1 para o quinto sujeito e repetindo o revezamento conforme necessário, até que todos os sujeitos passassem por todos os blocos.

### 3.4 Análise

Porque nossos dados são binários (os espectadores respondem "1" ou "2"), fizemos uso da regressão logística binária, em vez da tradicional ANOVA. A regressão nos diz quais fatores são importantes e nos dá valores de qui-quadrado, para o qual relatamos a estatística de Wald e seu nível de significância.

## 4. Resultados

Vamos relatar, inicialmente, os resultados para os *Parâmetros Fonológico* e, a seguir, para os *Grupos*, primeiro utilizando a *Modalidade da Língua* (sinalizante, não-sinalizante), depois utilizando *Línguas* individuais (seis possibilidades), e por fim as interações. Vamos seguir concentrando a atenção nos detalhes de uma condição, Condição 1 CM (CMnm), que fornecem uma visão mais avançada das estratégias utilizadas para decidir a segmentação da palavra.

### 4.1 Parâmetros Fonológicos

Achamos que CM, PA e M são todos efeitos principais significativos (CM:  $df=4$ , Wald = 280.0213,  $p<.0001$ ; PA:  $df=1$ , Wald=755.8732,  $p<.0001$ ; M:  $df=5$ , Wald=904.7584,  $p<.0001$ ) entre os Grupos (Tabela 6). Além disso, existem interações significantes entre três deles (CM\*PA:  $df=4$ , Wald=112.1380,  $p<.0001$ ; CM\*M:  $df=18$ , Wald = =238.0592,  $p<.0001$ ; PA\*M:  $df=5$ , Wald = 42.9386,  $p<.0001$ ). Isso quer dizer, se um espectador utilizar uma CM, PA, ou M para decidir sobre os limites da palavra dependerá do que o outro CM, PA ou M possa estar inserido no sinal.

**Tabela 6: Efeitos da CM, M e PA e combinação de 2 parâmetros**

	DF	Qui-Quadrado de Wald	P
CM	4	280.0213	<.0001
PA	1	755.8732	<.0001
M	5	904.7584	<.0001
CM*PA	4	112.1380	<.0001
CM*M	18	238.0592	<.0001
PA*M	5	42.9386	<.0001

## 4.2 Grupos

Passemos agora para a análise das diferenças entre os grupos. Brentari (2006) relatou que não há diferença entre sinalizantes (ASL) e não-sinalizantes (falantes de Inglês). Neste estudo, estenderemos esses resultados a dois grupos adicionais de sinalizantes (HZJ e ÖGS) e dois grupos adicionais de não-sinalizantes (falantes da língua croata e da língua alemã-austríaca). Para a modalidade de língua, ainda temos dois grupos, os sinalizantes e não-sinalizantes. Para a língua, temos seis grupos.

### 4.2.1 Modalidade de Língua

Não há efeitos de grande significância na modalidade de língua ( $df=1$ ,  $Wald = .0738$ ,  $p=.7859$ ). Em ambos os grupos, sinalizantes e não-sinalizantes utilizaram as mesmas estratégias gerais: 1 valor = 1 palavra. Isto é particularmente válido para parâmetro morfológico M, que não era afetado pela Modalidade de Língua.

Porém, os sinalizantes se mostraram mais sensíveis a uma quantidade maior de informações simultâneas, no sentido de faze-

rem uso significativamente maior das informações de CM do que os não-sinalizantes ( $df=4$ ,  $Wald = 13.4804$ ,  $p=.0092$ ). Retornaremos a seguir às diferenças de CM.

### 4.2.2 Língua

A comparação de todos os sinalizantes com todos os não-sinalizantes mascara a variação em cada grupo. Para explorar isso ainda mais, analisamos os resultados pela língua (ASL, Inglês, HZJ, Croata, ÖGS, Austríaco Germânico) e encontramos um efeito significativo ( $df=5$ ,  $Wald = 76.1424$ ,  $p<.0001$ ). Para isto, uma análise *post-hoc* revelou que (1) a ASL diferiu mais das línguas européias faladas (Croata, Austríaco-Germânica) do que do Inglês e não diferiram da HZJ ou ÖGS, (2) falantes de Inglês divergiram de todas as línguas européias (HZJ, ÖGS, Croata e Alemão-Austríaco) e (3) não houve diferenças entre as línguas européias.

Utilizando a língua em vez da modalidade de língua, continuamos sem encontrar interação com M ( $df=25$ ,  $Wald=22.8873$ ,  $p=0.5841$ ) e continuamos a encontrar uma interação com CM – quer dizer, sensibilidade a CM, porém não a M, depende da língua que o sujeito utiliza ( $df=20$ ,  $Wald = 42.6356$ ,  $p=.0023$ ); ou seja, a sensibilidade a CM varia significativamente entre todas as línguas (também entre as línguas de sinais, não apenas entre sinalizantes e não-sinalizantes).

Para confirmar esta sensibilidade, empregamos medidas de d-prime ( $d'$ ), um teste estatístico de sensibilidade e que nos permite reconhecer e controlar padrões de resposta irrelevantes, como dizer sempre “1 sinal” independentemente dos estímulos (Keating 2005). Isso é calculado a partir da diferença de significado do Índice-Z das batidas (por

exemplo, o valor previsto de resposta era “1 sinal”, e a resposta verdadeira era “1 sinal”), e a resposta verdadeira era “1 sinal”) menos os Alarmes Falsos (o valor previsto da resposta era “2 sinais” e a resposta foi “1 sinal”) (Tabela 7). Um valor de 1.0 para  $d'$  inclui por volta de 69% de todos os casos.

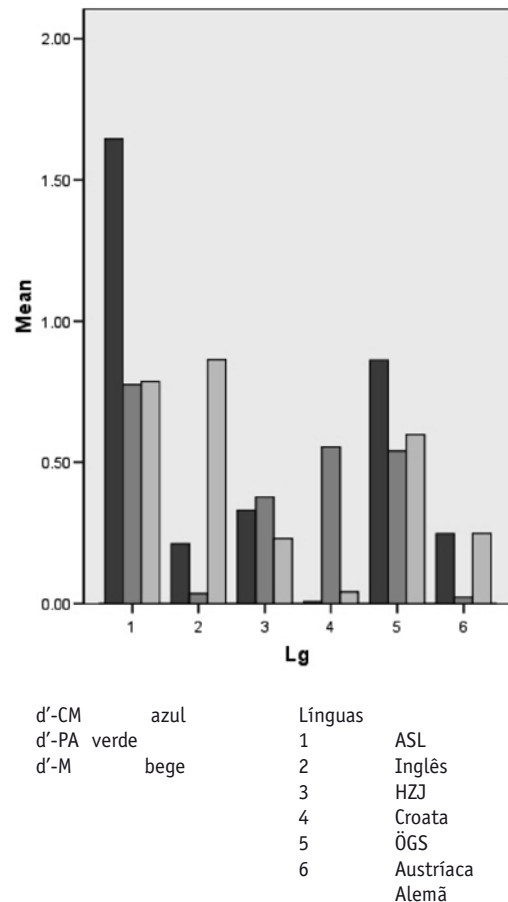
**Tabela 7: Sensibilidade a cada parâmetro depois da aplicação de  $d'$**

Modalidade de Língua	Língua	$d'$ -CM	$d'$ -PA	$d'$ -M
Sinal	ASL	1.65	.78	.79
Falado	Inglês 2	.21	.04	.86
Sinal	HZJ 3	.33	.38	.23
Falado	Croata 4	.01	.56	.04
Sinal	ÖGS 5	.86	.54	.60
Falado	Alemão Austríaco 6	.25	.02	.25

Observando-se, primeiramente, as diferenças de sensibilidade entre o grupo de modalidade falada e sinalizada percebemos que (1) a sensibilidade em geral para os não-sinalizantes estava substancialmente abaixo dos sinalizantes e (2) a CM era mais importante para os sinalizantes e menos importante para não-sinalizantes (Figura 3).

Comparando os três grupos de sinalizantes (Línguas 1, 3 e 5), o que vemos na Figura 3 é que as CMs utilizadas nos estímulos, retiradas da ASL, foram mais relevantes para os sinalizantes da ASL e menos relevantes para os outros dois grupos de sinalizantes, embora com mais relevância para os sinalizantes da ÖGS, do que para os sinalizantes da HZJ. Isto sugere que os inventários de CM e as restrições nessas duas línguas de sinais variam, em graus diferentes, daquelas da ASL. Naqueles casos onde a CM pode ser a única pista disponível sobre o qual se basear uma decisão, as CMs não foram tão úteis

para ASL como o foram para os sinalizantes pertencentes a ASL. As sensibilidades a PA e a M indicam que restrições em nível da palavra da HZJ e da ÖGS também diferem daquelas da ASL.

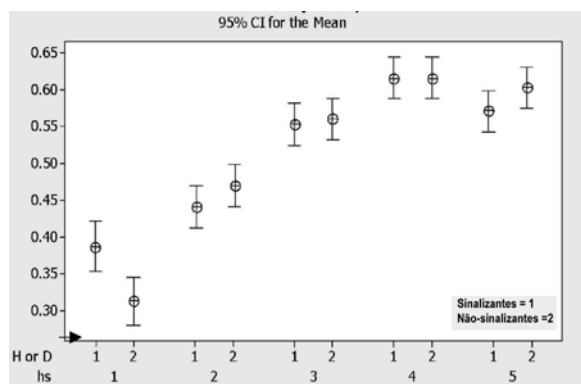


**Figura 3:  $d'$  para CM e M pela língua**

Examinando os grupos de não-sinalizantes (Línguas 2, 4 e 6), percebemos que os falantes de língua inglesa dependeram enormemente de um M, os falantes da língua croata dependeram enormemente do PA, enquanto os falantes da língua austríaca dependeram igualmente do M e da CM. Em suma, eles adotaram estratégias diferentes para pesar as pistas disponíveis que têm o efeito geral de produzir 2 valores = 2 palavras, 1 valor = 1 palavra.

### 4.3 Condição 1 de CM

Como visto na Figura 4, que mostra a resposta média correta para as condições “sinal = 2”, a maior diferença entre sinalizantes e não-sinalizantes está na condição 1 de CM. Para esses itens, na base de uma CM isolada, os sujeitos deveriam responder “um” para a questão se o estímulo é um ou dois sinais; no entanto, cada estímulo também contém pelo menos um PA e um M. A diferença entre essa condição e todas as outras é significativa ( $df=1$ ,  $Wald= 9.3123$ ,  $p=0.0023$ ) em maiores detalhes do que as outras.



**Figura 4: Respostas dos sujeitos para condições de CM 1-5 para sinalizantes (1) e não-sinalizantes (2) (cortesia de J. Bourneman)**

Explorar essa condição com mais detalhe revela padrões interessantes de interação entre parâmetros fonológicos e os grupos de sujeitos. Na condição 1 de CM, os estímulos contêm um único CM não-marcado do inventário da ASL. O grau em que os sujeitos utilizam essa informação adicional virá por afetar sua resposta - “um” ou “dois” - apesar de haver apenas uma CM. A primeira observação é que tanto sinalizantes, quanto não-sinalizantes foram sensíveis ao M na condição 1 de CM.

A segunda observação é que as decisões na condição 1 de CM são afetadas de forma

diferente pelo PA para sinalizantes e não-sinalizantes e, curiosamente, também no interior do grupo de sinalizantes. Os sinalizantes da ASL mostraram-se sensíveis à CM, a despeito de os estímulos conterem um ou dois PAs. Os sinalizantes da HZJ não se mostraram sensíveis à CM quando os estímulos apresentavam apenas um PA, porém mostraram-se sensíveis, quando o PA apresentava dois PAs. Ao contrário, sinalizantes da ÖGS mostraram-se sensíveis à CM quando os estímulos apresentavam apenas um PA, porém, não quando apresentavam dois PAs. Para os não-sinalizantes, se os estímulos continham apenas um PA, suas respostas foram sensíveis à CM, ou seja, eles prestavam atenção se havia mais do que uma CM. No entanto, quando o estímulo continha dois PAs, os não-sinalizantes não se mostraram sensíveis à CM.

**Tabela 8: O Efeito da Linguagem x PA na Condição 1 de Configuração de Mão**

Língua	PA = 1	PA = 2
ASL	Wald= 16.6679, $p=.0022$	Wald = 35.7146, $p<.0001$
HZJ	Wald=3.8585, NS	Wald = 11.5864, $p=.0207$
ÖGS	Wald=24.7699, $p<.0001$	Wald = 3.5, NS
Inglês	Wald = 29.1783, $p<.0001$	Wald = 5.3665, NS
Croata	Wald = 48.3648, $p<.0001$	Wald = 6.9677, NS
Alemão Austríaco	Wald = 13.4635, $p=.0092$	Wald = 7.3515, NS

## 5. Conclusões e trabalhos futuros

### 5.1 Hipótese 1

Os sinalizantes demonstraram sensibilidade a informações mais simultâneas e a restrições fonológicas específicas da língua de sinais – tais como distribuição das configurações

rações de mão (CMs), pontos de articulação (PAs), e movimentos (Ms) – do que os não-sinalizantes.

A hipótese 1 foi parcialmente confirmada: os sinalizantes são mais sensíveis às informações simultâneas no sinal do que os não-sinalizantes. Os resultados relatados aqui demonstram duas tendências aparentemente contraditórias: nenhuma diferença entre sinalizantes e não-sinalizantes e uma diferença clara entre sinalizantes e não-sinalizantes, com relação aos parâmetros fonológicos específicos. As semelhanças dos sinalizantes e não-sinalizantes em geral é o resultado do mesmo tratamento de Movimento, ou seja, para ambos os grupos, o Movimento foi um fator significativo na tomada de decisão quanto à segmentação da palavra. As diferenças entre os dois grupos resultam do papel ou da falta de PA e CM. O uso do PA variou para os não-sinalizantes, não havendo quase variação alguma para os falantes da língua inglesa e da língua alemã-austriaca e com significativa variação para os falantes croatas, assim como para os sinalizantes, de forma similar ao que foi observado em relação ao contraste entre HZJ e ÖGS, no que diz respeito à forma como os valores de PA afetaram suas decisões nas condições de CM.

Nossos resultados indicam que a CM é especial na fonologia da língua de sinais. Os sinalizantes prestam mais atenção a ela na segmentação da palavra, do que os não-sinalizantes. A CM também é claramente mais categórica do que o PA, que pode ser tratado de maneira diferente mesmo em línguas de sinais distintas, ou o Movimento, que é tratado de forma semelhante por sinalizantes e não-sinalizantes. Existe também uma grande diferença no inventário de CM entre as LSs e os sistemas de gestos.

Os resultados apresentados aqui também dão suporte à hipótese de que sinalizantes usarão regras de sua língua de sinais para a tarefa de segmentação, mesmo em uma língua de sinais desconhecida. Os sinalizantes da ASL estavam, basicamente, lidando com o inventário fonêmico de suas próprias línguas, enquanto tomavam decisões sobre as restrições em nível da palavra em combinações. Ao contrário, os sinalizantes da HZJ e ÖGS lidaram de forma diferente com os inventários fonêmicos e as restrições ao nível da palavra. Os estímulos podem ter contido CM, PA e M que não são fonêmicos tanto em HZJ, quanto em ÖGS. Além disso, as restrições ao nível da palavra para essas duas línguas de sinais podem ser diferentes. Por exemplo, alguns dos estímulos que poderiam, claramente, ser separados em dois sinais na HZJ ou ÖGS, na ASL podem ser sinais isolados admissíveis, ou vice-versa. O exemplo da ASL DESTROY, discutido anteriormente, ilustra a complexidade dessas restrições no sentido de que algumas combinações de dois movimentos ainda podem ser consideradas um único sinal na ASL. Face aos inventários fonêmicos e combinações pouco familiares, os sinalizantes devem utilizar as regras de sua própria língua de sinais para tomar decisões de segmentação. Esse fato é sublinhado pelos diferentes padrões de decisão para HZJ e ÖGS, ou seja, suas sensibilidades diferenciais para CM nas duas condições do PA. Os sinalizantes da HZJ não se mostraram sensíveis à CM quando o estímulo apresentava apenas um PA, porém mostraram-se sensíveis, quando o PA apresentava dois PAs. Contrariamente a essa situação, os sinalizantes da ÖGS mostraram-se sensíveis à CM, quando os estímulos apresentavam apenas um PA, mas não quando o estímulo apresentava dois PAs. Se



fosse meramente uma questão de modalidade, seria de se esperar que os sinalizantes da HZJ e os sinalizantes da ÖGS agissem de forma semelhante e não no padrão contrastante como aqui foi observado.

## 5.2 Hipótese 2

A natureza visual do sinal fará com que tanto falantes quanto sinalizantes usem informação ao nível da palavra para seus julgamentos na LS, apesar do fato de trabalhos sobre uma língua falada mostrarem que falantes são pré-dispostos a usar uma seqüência de sílabas (ou seja, o pé) para fazer julgamentos de segmentação da palavra em línguas faladas.

A segmentação nas línguas de sinais e nas línguas faladas requer estratégias diferentes. A segmentação da palavra em línguas faladas depende muito das pistas rítmicas – pés trocaicos (por exemplo, “chil.dren, break.fast”). O que é mais “baseado na sílaba”. As línguas de sinais utilizam pistas baseadas em domínios, que são mais baseados na palavra (1 value=1 word). Os sinalizantes abordam a tarefa de maneira diferente dos não-sinalizantes. Os sinalizantes prestam atenção, primeiro no M e depois na CM e, por fim, no PA. Os não-sinalizantes prestaram atenção - na maioria das vezes - primeiro no M, depois no PA e, geralmente, ignoraram a CM.

Uma questão chave para a tarefa aqui apresentada é se a dependência em pistas de M é um efeito da palavra ou um efeito da sílaba. Gostaríamos de argumentar que essa dependência é um efeito da palavra, pois a estratégia geralmente utilizada pelos participantes é “1 valor=1 palavra”. Para a sílaba ser uma unidade relevante, a evidência de uma seqüência silábica de um tipo em particular seria necessária, assim como o pé, com um

padrão trocaico (forte-fraco) ou iâmbico (fraco-forte). Em vez disso, como acontece com a segmentação da palavra baseada na harmonia vocálica, cada mudança no valor desencadeou a percepção de que ela sinalizou o início de uma nova palavra.

Portanto, concluímos que os espectadores de LSs utilizam a *palavra* para segmentar as seqüências sinalizadas, o que atribuímos, em larga escala, à natureza visual/gestual das línguas de sinais, ao passo que os ouvintes das línguas faladas dependem muito mais de *sílabas* para a segmentação da palavra, o que atribuímos à natureza auditivo/vocal das línguas faladas (cf. discussão de diferenças em Allen, Wilbur & Schick 1991; Brentari 1998; Wilbur & Allen 1991; Wilbur & Petersen 1997).

## 5.3 Direções futuras

Existem vários fatores que merecem ser mais explorados. Um deles é a forma como “representamos com palavras” a questão para nossos sujeitos. Poderíamos antecipar resultados diferentes se reformulássemos as instruções para pedir aos sinalizantes “Esta forma poderia ser composta?” Na ASL, existem sinais compostos que permitem 2 PAs contrastivas, por exemplo: FEMALE (cabeça)^MARRY (mão) = “wife”. Existem também sinais compostos que contêm 2 PAs contrastivas e 2 CMs, como em SLEEP^SUNRISE = “oversleep”.

Dada a interação entre a ASL e a soletração de uma mão do alfabeto, existe um número substancial de sinais contendo 2 CMs contrastivas. Esses incluem empréstimos de sinais como #IOB (reduzido de uma seqüência de letras soletrada manualmente para apenas a primeira e a última letra com um movimento de torção de pulso) e sinais inicializados como #BACKGROUND e #PROJECT.

As respostas de sinalizantes da ASL para os estímulos originais que apresentamos podem ser afetadas se considerarem a possibilidade de a forma ser um composto.

Por outro lado, os compostos não são tão bem estudados na HZJ e na ÖGS e uma primeira impressão é que, na HZJ, existem bem poucos compostos. Na HZJ, não existem (virtualmente) sinais inicializados ou empréstimo de sinas da soletração manual. A situação para a ÖGS não é geralmente estudada. Então fica difícil prever qual efeito a mudança nas instruções pode ter nesses dois grupos.

Ao mesmo tempo, fica claro que muitas questões sobre nossos resultados não serão respondidas até termos descrições melhores das fonologias nas línguas HZJ e ÖGS. Um inventário dos PAs característicos na HZJ revela que na área da cabeça, a HZJ tem localização característica em frente ao pescoço, localização não utilizada na ASL; caracteristicamente, a ASL utiliza a frente do pulso e o dedo da mão não-dominante, diferentemente da HZJ; a HZJ utiliza o lado radial do pulso, o que não é característico da ASL (Šarac Kuhn, Alibašić Ciciliani & Wilbur 2006). O inventário de CM da HZJ também difere da ASL – nem todas as CMs da ASL são utilizadas na HZJ e a HZJ tem CMs que não são utilizadas na ASL, por exemplo, os dedos indicador e médio estendidos e adjacente, cada um com o polegar aberto (“U-th”) (Šarac Kuhn, Alibašić Ciciliani & Wilbur 2006). Ainda não temos informações equivalentes para a ÖGS, também não havendo indicação alguma das restrições ao nível da palavra, para a ÖGS ou para a HZJ.

### Agradecimentos

Os autores agradecem aos membros da sua equipe que tornaram este projeto possível:

Robin Shay da Purdue, por servir como um modelo para a criação dos estímulos; Pradit Mittrapiyanuruk da Purdue, por criar o software da apresentação; Petra Eccarius da Purdue, Marina Milković e Ljubica Pribanić da University of Zagreb e Katharina Schalber da Áustria pela coleta de dados; as comunidades de Surdos em Indianápolis, Zagreb e Viena e a Vienna Deaf Association por seu auxílio e participação; ao Statistical Consulting Service da Purdue e J. Bourne-man pela orientação e análise; à Purdue University Faculty Scholars Fund e o National Science Foundation Grant No. 0345314. A pesquisa de Wilbur sobre o reconhecimento automático dos sinais da ASL é conduzida em parceria com Avinash Kak, EE na Purdue e financiada com recursos da NSF Grant No. 0414953.

### Referências

- ALLEN, G. D.; WILBUR, R. B.; SCHICK, B. S. Aspects of rhythm in American Sign Language. **Sign Language Studies** 72: p.297-320.
- BRENTARI, D. **A prosodic model of ASL phonology**. Cambridge: MIT Press, 1998.
- BRENTARI, D. Effects of language modality on word segmentation: An experimental study of phonological factors in a sign language, em: ANDERSON, S., GOLDSTEIN, L.; BEST, C. (Orgs.) **Papers in Laboratory Phonology**, v. 8, p.155-164, 2006.
- ECCARIUS, P. Finding common ground: **A comparison of handshape across multiple sign languages**. Dissertação de Mestrado - Purdue University, 2002.
- KEATING, P. D-prime (signal detection) analysis. Disponível em: <<http://www.linguistics.ucla.edu/faciliti/facilities/statistics/dprime.htm>> . Acesso em 2005.

- NEWPORT, E.; SUPALLA, T. Sign language research at the millennium. In: EMMOREY, K. & LANE, H., (Orgs.) **The signs of language revisited: An anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima**, Mahwah, p. 103-114, 2000.
- PERLMUTTER, D. Sonority and syllable structure. In: **American Sign Language**. Linguistic Inquiry, v 23: p. 407-442, 1992.
- ROZELLE, L. **Does location predict handshape? Dependence between phonological parameters**. TISLR 8, 2004.
- KUHN, N. S.; ALIBAŠIĆ, C. T.; WILBUR, R. B. **Phonological parameters in Croatian Sign Language**. Sign Language & Linguistics 9, p.33-70, 2006.
- UYECHI, L. **The geometry of visual phonology**. Stanford, 1996.
- WILBUR, R. B.; ALLEN, G. Perceptual evidence against internal structure in ASL syllables. In: **Language and Speech**, v. 34: p.27- 46, 1991.
- WILBUR, R. B.; PETERSEN, L. Backwards signing and ASL syllable structure. **Language and Speech**, v. 40: p. 63-90, 1997.

# Revertendo os verbos reversos e seguindo em frente: sobre concordância, auxiliares e classes verbais em línguas de sinais<sup>1</sup>

Ronice Müller de Quadros

(Universidade Federal de Santa Catarina)

Josep Quer

(Universiteit van Amsterdam)

## 1. Introdução

A classificação tripartite padrão dos verbos das línguas de sinais (Padden 1983/1988) baseia-se na suposição que a concordância exibida por verbos espaciais e por verbos de concordância é de um tipo diferente: enquanto os primeiros exibem concordância locativa (ou seja, com os loci associados a argumentos locativos), os últimos concordam morfológicamente com argumentos sujeito e objeto (ou seja, com os loci ligados aos seus referentes). Entretanto, os predicados espaciais que expressam movimento e os verbos de concordância recorrem ao mesmo tipo de elemento morfológico para realizar o suposto tipo diferente de concordância: TRAJETÓRIA (PATH) (Meir 1998; DIR in Meir 2002). A contribuição semântica desse morfema nas duas classes seria essencialmente a mesma: em verbos espaciais, as posições (*slots*) iniciais e finais de TRAJETÓRIA estão alinhadas com as localizações e, em verbos de concordância, estão alinhadas com os loci de sujeito e objeto. Visto que os verbos de concordância pa-

recem denotar transferência de um tema ou em um sentido literal ou abstrato, estabelece-se a generalização semântica que os espaços do morfema direcional de TRAJETÓRIA podem ser ocupados por papéis temáticos fonte e alvo em ambas as classes de predicados (Fischer & Gough 1975). Para verbos espaciais, isso é relativamente direto; para verbos de concordância, fonte e alvo são restritos a [+humano], podendo, assim ser renomeados como agente e benefactivo, respectivamente.

Por mais atraente que este quadro possa ser, ele também se depara com alguns sérios desafios. Provavelmente, o desafio mais explorado é o problema da subclasse dos verbos de concordância chamados “reversos” (*backwards*): em tais predicados, o alinhamento da trajetória não é com o sujeito e o objeto, mas com a fonte e o alvo, o que resulta em uma trajetória que vai do locus do objeto ao locus do sujeito. A solução de Meir (1998) é separar concordância morfológica com fonte e alvo de concordância sintática com o objeto, o que é explicitamente marcado pela orientação da mão em ISL<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos

<sup>2</sup> Meir (2002) oferece uma versão mais elaborada desta análise baseada na sua proposta inicial.

No entanto, a perspectiva tradicional sobre a concordância verbal em LSs tem que abordar mais profundamente questões que receberam pouca ou nenhuma atenção na literatura relevante. Neste artigo, revisamos as idéias principais nas diferentes abordagens e, então, aperfeiçoamos algumas delas, assim contribuindo para uma caracterização mais precisa da concordância, tipologia verbal e os chamados predicados auxiliares nas LSs. A fim de sustentar os argumentos, evidências recentes são discutidas a partir da Língua de Sinais Brasileira - LSB - e da Língua de Sinais Catalã – LSC.

## 2. Concordância Verbal e Classes Verbais nas LSs

### 2.1 *Concordância sintática vs. concordância temática*

Há uma discussão clássica na literatura das línguas de sinais sobre o status da concordância, nesse tipo de língua. A realização morfológica da concordância é compreendida como o movimento entre dois pontos associados com os argumentos de certos verbos. Pesquisadores como Kegl (1985), Padden (1983/1988), Janis (1992, 1995), Fischer (1996) e Mathur (2000) apresentaram diferentes análises identificando a concordância como algo determinado por motivações sintáticas e/ou semânticas e concedendo um status distinto à concordância sintática e espacial. Por um lado, a concordância sintática (e/ou semântica) é interpretada como uma relação gramatical estabelecida com o sujeito

e/ou com os argumentos objeto do predicado (Fischer 1973) e é morfológicamente realizado pelo movimento de trajetória e/ou de orientação<sup>3</sup>. Por outro lado, a concordância espacial é uma relação locativa estabelecida com pontos no espaço de sinalização correspondentes às localizações. Quando esses pontos constituem o início e o fim de um movimento, eles são interpretados como argumentos locativos do verbo de movimento (FONTE-ALVO). Entretanto, há discordância sobre esta proposta. Kegl (1985), por exemplo, observou que verbos espaciais e de concordância podem concordar com a FONTE-ALVO, uma linha de análise desenvolvida no trabalho de Meir (1998, 2002).

A classificação verbal mais comum da Língua de Sinais Americana [American Sign Language – ASL] segue o agrupamento tripartite de Padden (1983/1988, modificada em 1990: 119): (1) verbos simples que não flexionam em número e pessoa e tampouco aceitam afixos locativos; (2) verbos de concordância que flexionam em pessoa e número e não aceitam afixos locativos; e, (3) verbos espaciais que não flexionam em número, pessoa ou aspecto, mas aceitam afixos locativos. Observe-se que Padden diferenciou entre flexão e afixação com verbos espaciais e de concordância, respectivamente (concordância sintática e morfológica).

Segundo Aronoff, Meir e Sandler (2005), concordância sintática consiste em copiar índices referenciais livremente sob condições sintáticas específicas (envolvendo a verificação de características). Concordância morfológica nas LSs corresponderia à realização manifesta daqueles índices sintáticos. Na re-

<sup>3</sup> Para fins de simplicidade, neste artigo tratamos a questão da orientação (apresentando-se nos termos de Meir) como expressão de concordância morfológica sobre o verbo.



lação de concordância em geral, há um controlador e um alvo da concordância. O primeiro é o nominal do qual o index é copiado, enquanto o segundo é o elemento sobre o qual o indicador é copiado. Geralmente, o verbo leva consigo um marcador que reflete características morfológicas específicas do controlador do sujeito. A especificidade nas línguas de sinais é que a concordância é expressa diretamente através de índices referenciais, isto é, através da cópia dos loci referenciais (*R-loci*) nos espaços morfológicos correspondentes do verbo de concordância. Arnoff, Meir e Sandler analisam o caso específico da concordância morfológica nos verbos da língua de sinais como tendo dois espaços de localização abertos que determinarão a TRAJETÓRIA do sinal à la Meir (1998). Para verbos de concordância, existe a concordância com os argumentos gramaticais. Para verbos espaciais, há localizações em que a trajetória do verbo é uma representação direta da trajetória do objeto de movimento. Assim, no sentido proposto por Meir (1998), a direção da trajetória com os verbos de concordância é determinada por papéis temáticos dos argumentos (argumentos FONTE-ALVO), enquanto a orientação das mãos é determinada pelo papel sintático dos argumentos do objeto. Em relação à interpretação semântica envolvida, os verbos de concordância denotam TRANSFERÊNCIA e os verbos espaciais denotam MOVIMENTO. Nessa perspectiva, a semântica do verbo é o que determina as classes verbais.

A terminologia adotada para as classes verbais em ASL não é universalmente aceita. Alguns pesquisadores tais como Loew (1984), Lillo-Martin (1986) e Emmorey (1991) se alinham a Padden em sua classificação e uso do termo ‘verbos de concordância’. Outros, entretanto, como Supalla (1990), chamaram es-

ses verbos de ‘verbos de movimento’. Fischer (1973), Fischer & Gough (1978), e Baker & Cokely (1980) os chamam de ‘verbos direcionais’. Padden (1983), inicialmente, denominou esses verbos ‘verbos de flexão’, mas após Padden (1990), ela adotou o termo ‘verbos de concordância’, reconhecendo que verbos de flexão incluem verbos espaciais e de concordância, assim como qualquer outro tipo de flexão que pudesse ser vinculada a qualquer verbo. Janis (1995) utiliza a terminologia ‘concordância locativa’ e ‘concordância não locativa’ para se referir à flexão locativa e flexão de concordância, respectivamente. O motivo da proliferação dos termos está provavelmente relacionado à forma que a flexão vinculada ao verbo toma e também ao status da concordância propriamente dita. Parecem, também, existir verbos opacos (*fuzzy*) que não se encaixam, rigorosamente, na classificação tripartite, visto que suas propriedades temáticas e gramaticais podem ser incluídas em mais de uma classe. Kegl (1985:35) observa que a necessidade de invocar noções temáticas tais como agente, paciente, fonte e alvo “surge do fato que em línguas como o inglês não há correlação fixa entre papéis semânticos/temáticos e relações gramaticais”. Esse *caveat* é importante, na medida em que também se aplica às línguas de sinais.

## 2.2 Concordância temática: incorporando verbos reversos (*backward verbs*) no cenário

O status atribuído à concordância por Meir (1998, 2002) está restrito às relações semânticas estabelecidas pela TRAJETÓRIA. Meir (1998) mostra que a direcionalidade deve ser isolada, devido à existência dos verbos reversos. Verbos reversos são predicados de con-

cordância em que a posição inicial do sinal é a localização do objeto e a posição final é aquela do sujeito, diferentemente de outros verbos de concordância. Na análise de Meir, “a direção do movimento de trajetória marca as relações semânticas (ou temáticas) entre os argumentos do verbo enquanto a orientação das mãos marca as relações sintáticas entre os argumentos do verbo” (Meir 1998). Meir (1998) argumenta que a direcionalidade não é o elemento fonológico relevante para caracterizar relações gramaticais de argumentos, mas, sim, a orientação das mãos. A orientação das mãos é o direcionamento para o qual a palma e/ou as pontas dos dedos são orientadas nos verbos de concordância, o que é determinado pelo locus referencial atribuído ao argumento-objeto do verbo.

Os verbos reversos são os exemplos mais apropriados para dar suporte ao argumento de Meir. Nesses predicados, a direção do movimento não se inicia na posição associada ao sujeito gramatical e termina na posição do objeto, mas, sim, de maneira inversa. Entretanto, a orientação das mãos na direção da localização do objeto é preservada. Portanto, Meir propõe a existência da marcação dupla, isto é, concordância da trajetória temática (FONTE-ALVO) e concordância sintática (orientação da mão em direção ao objeto). Alguns de seus verbos apresentados como exemplos desse padrão reverso em ASL e ISL (Língua Israelense de Sinais) são COPY, INVITE, TAKE ou TAKE ADVANTAGE OF [COPIAR, CONVIDAR, LEVAR ou BENEFICIAR-SE DE].

Sua análise difere essencialmente do relato de Padden sobre reversibilidade, o que oferece apenas uma abordagem sintática, isto é, verbos reversos apresentam concordância reversa com o sujeito e o objeto. Um forte argumento oferecido por Padden em favor

dessa abordagem é a omissão do marcador de concordância na ASL, por meio do que a marcação do sujeito pode ser opcionalmente omitida, nos verbos regulares e reversos. Isso não seria de se esperar em uma abordagem temática como a de Meir, uma vez que deveríamos especificar que em verbos regulares de concordância, o argumento opcionalmente omitido é aquele que carrega a FONTE, enquanto a concordância ausente nos verbos reversos é aquela associada ao argumento ALVO.

### 2.3 *Concordância Sintática vs. Concordância Locativa*

Padden oferece três testes para diferenciar a natureza sintática e locativa da concordância, em casos onde a similaridade superficial dos morfemas envolvidos pode levar a uma identificação dos dois tipos. Ela distingue entre ‘concordância de pessoa’, na qual morfemas de pessoa gramatical se diferenciam entre primeira e não-primeira pessoa gramatical, e ‘localização espacial’, na qual o que é mencionado é qualquer ponto físico sobre ou em volta do corpo do sinalizador.

Primeiramente, com verbos espaciais, a interpretação da concordância é locativa, uma vez que ela é interpretada como movimento entre localização específica no espaço (1a); a concordância sintática implica a interpretação da pessoa dos vetores envolvidos no movimento, isto é, os pontos iniciais e finais do movimento correspondem às posições associadas aos argumentos sujeito e objeto (1b).

- (1) a. a-CARRY-BY-HAND-b [a-LEVAR-COM A-MÃO-b]  
 ‘I carry it from here to there.’ [Eu o levo daqui para lá]

- b. 1-GIVE-2 [1-DAR-2]  
 ‘I give you.’ [Eu lhe dou]

Padden alega que no primeiro exemplo, há concordância com o sujeito; isto é, a primeira pessoa está marcada através da posição inicial do sinal, que envolve uma localização próxima ao corpo do sinalizador. No segundo exemplo, o ponto inicial está também perto do corpo do sinalizador. Entretanto, no segundo caso há um morfema locativo, em vez de concordância de pessoa gramatical com a primeira pessoa, embora isso possa parecer concordância de pessoa. Ela mostra essa diferença listando as possíveis variações em (1a): I carry it from here (near my chin) to here [Eu o levo daqui (meu queixo) para cá], I carry it from here (near my chest) to here [Eu o levo daqui (perto do peito) pra cá], I carry it from here (near of the lower part of my body) to here [Eu o levo daqui (perto da parte inferior do meu corpo) para cá]. Entretanto, não há variações significativas para (1b), isto é, (1b) será sempre entendido como tendo a primeira pessoa como sujeito da sentença, sem mudanças na localização do sinal.

Segundo, a marcação distributiva (também conhecida como marcação exaustiva (*exhaustive marking*)) só pode aparecer com concordância de pessoa (2a). Uma forma similar ocorrendo com um verbo espacial produz uma interpretação locativa (2b).

- (2) a. 1-GIVE-3dist [1-DAR-3ista]  
 ‘I give it to (each of) them.’ [Eu o dou para (cada um) (d)eles]  
 b. PUT-a PUT-b PUT-c [COLOCAR-a COLOCAR-b COLOCAR-c]  
 ‘I put them there, there and there.’ [Eu os coloco ali, lá e acolá]

Terceiro, a marcação recíproca apenas ocorre com verbos de concordância (3a). Formas análogas com verbos espaciais recebem uma interpretação locativa (3b).

- (3) a. a-GIVE-b/b-GIVE-a [a-DAR-b/b-DAR-a]  
 ‘They gave something to each other.’ [Eles deram algo um para o outro]  
 b. a-PUT-b/b-PUT-a [a.COLOCAR-b/b-COLOCAR-b]  
 ‘I put one in each other’s place.’ [Eu coloco um no lugar do outro]

Rathmann & Mathur (no prelo) oferecem alguns testes sintáticos adicionais que, argumenta-se, provocam a separação entre verbos espaciais e de concordância, o que corresponde à distinção entre concordância locativa e sintática.

Primeiramente, nenhuma FONTE XP surge com verbos de concordância (4a), enquanto isso é possível com verbos espaciais (4b).

- (4) a. \*PAPER JOHN-i BILL-j MARY-k  
 j-GIVE-k [\*JORNAL JOHN-i BILL-j MARY-k j-DAR-k]  
 ‘John gave paper from Bill to Mary.’ [John passou o jornal de Bill para a Mary]  
 b. PAPER JOHN-i HOME-a SCHOOL-b a-BRING-b [JORNAL JOHN-i CASA-a ESCOLA-b a-TRAZER-b]  
 ‘John brought paper from home to school.’ [John trouxe jornal de casa para a escola]

Segundo, os verbos de concordância não podem modificar a trajetória, ao passo que os verbos espaciais podem. De acordo com esses autores, interromper o movimento pela me-

tade com verbos de concordância produz um resultado agramatical (5a), ao passo que a mesma mudança em uma trajetória espacial simplesmente apresenta uma interpretação diferente (5b).

- (5) a. \*PAPER JOHN-i BILL-j MARY-k j-GIVE-k (halfway) [\*JORNAL JOHN-i BILL-j MARY-k j-DAR-k (interrompendo o movimento)]  
 ‘John gave paper halfway to Mary.’  
 [John passou o jornal para Mary interrompendo o movimento]
- b. PAPERJOHN-iHOME-aSCHOOL-b a-BRING-b (halfway) [JORNAL JOHN-i CASA-a ESCOLA-b a-TRAZER-b (interrompendo o movimento)]  
 ‘John brought paper halfway to school.’ [John trouxe o jornal para a escola (interrompendo o movimento)]

Terceiro, o argumento portando o papel temático de ALVO nos verbos de concordância não pode ser questionado por ONDE (6a), ao passo que os verbos espaciais podem.

- (6) a. WHO/\*WHERE JOHN-i i-GIVE PAPER [QUEM/\*ONDE JOHN-i i-PASSAR JORNAL]  
 ‘Quem/\*para onde o John deu o jornal?’
- b. \*WHO/WHERE JOHN-i BRING-a PAPER [\*QUEM/ONDE JOHN-i TRAZER-a JORNAL]  
 ‘\*Who/where did John bring paper to?’ [\*Para quem/onde o John passou o jornal?]

Posteriormente, retomaremos alguns desses argumentos empíricos, ora para questionar sua validade, ora para utilizá-los em defesa da proposta apresentada neste artigo.

Rathmann e Mathur (no prelo) analisam a concordância verbal nas línguas de sinais como resultado de uma inovação lingüística que permite a interação das propriedades lingüísticas dos verbos de concordância com o gesto: se um verbo seleciona dois argumentos animados, ele pode participar da concordância com o sujeito e o objeto, em traços de pessoa e número. É importante observar que essa posição reduz a concordância verbal à concordância com argumentos animados, excluindo, assim, a concordância de pessoa com argumentos inanimados. Como veremos abaixo, esta proposta enfrenta o desafio empírico de esclarecer os chamados verbos de concordância que concordam com um argumento inanimado. Esse aspecto se tornará essencial na elaboração de nossa proposta.

Nesse sentido, Janis (1992, 1995) adota uma perspectiva significativamente diferente, no sentido que descarta classes verbais e estabelece que a concordância, nas LSs, é, na verdade, uma concordância de caso controlada pelo caso que o argumento dos verbos traz consigo e por seus papéis temáticos. A concordância se dá ou com o caso locativo ou com o caso direto (não-locativo, concordância gramatical), o primeiro tendo destaque sobre o segundo, no ranqueamento dos traços de controlador. Janis (1992: 192) observa que a análise geralmente aceita da distribuição verbal da ASL não pode prever com que o verbo irá concordar, tampouco que forma de concordância um verbo terá em todas as situações. A partir dessa perspectiva, ela considera o caso de verbos como COPY [copiar] ou ANALYZE [analisar] na ASL e sugere que a concordância apresentada com objetos animados e inanimados se correlaciona com a concordância do caso direto e locativo e que não é necessário postular duas entradas lexicais diferentes para as

duas opções de concordância: simplesmente depende do caso do argumento que funciona como controlador de concordância verbal. Sua posição, nesse sentido, é muito pertinente à proposta apresentada neste artigo.

#### 2.4 Conseqüências para as classes verbais e a divisão de concordância sintática/locativa

A divisão entre verbos espaciais e de concordância é relevante por motivos sintáticos, visto que esses verbos possuem características a serem verificadas em Frases de Concordância (cf. discussão de Janis 1995). Entretanto, mostramos nesta seção que a classificação verbal proposta por Padden não é sempre apropriada, pelo menos se compreendida como classes definidoras mutuamente excluídas: nos dados, encontramos verbos simples com algum tipo de traço locativo, assim como verbos de concordância com concordância locativa e verbos espaciais com alguma concordância com traço de pessoa.

Há variantes diferentes na classificação dos verbos na literatura que refletem os limites opacos (*fuzzy borders*) entre classes verbais em línguas de sinais, como a ASL. Um exemplo é uma versão inicial de classificação verbal de Fischer e Gough (1978), na qual três aspectos são identificados como correspondentes à flexão verbal para pessoa: direcionalidade, reversibilidade e locacionalidade.

A classe verbal direcional, conforme analisada por Fischer e Gough, inclui verbos que fisicamente se movem em direção ao argumento ou argumentos estabelecidos no espaço. Nesse sentido, essa classe é muito mais geral do que a classe verbal de concordância, conforme classificada por Padden (1983/1988), visto que verbos direcionais

incluem verbos como GIVE [dar], LEAVE [deixar], BRING [trazer], BITE [morder], HIT [atingir], HURT [machucar] e BLEED [sangrar] que concordam com os NPs (pronomes pessoais), assim como PPs (por exemplo, locativos). Esses verbos são ou espaciais ou de concordância, segundo a classificação de Padden. Talvez Fischer e Gough já tivessem capturado a idéia que desenvolveremos em nossa análise: há motivos para considerar ambas as classes como instanciações de uma classificação opaca (*fuzzy classification*), embora possa haver outros motivos independentes para distingui-las.

De acordo com Fischer e Gough, a reversibilidade é um processo que está parcialmente relacionado à direcionalidade. Verbos como MEET [encontrar], FLATTER [elogiar] e FREQUENT [freqüentar] são claramente reversos, isto é, há uma mudança na orientação da mão, além do direcionamento do sinal. Esses verbos são considerados verbos de concordância em análises recentes (Padden 1990, Baker e Cokely 1980). Entretanto, nessa classe, Fischer e Gough também incluem verbos tais como KICK e BITE, que não são geralmente analisados como verbos de concordância. Esses verbos podem ser sinalizados na direção da localização a que eles se referem, ou eles podem ser sinalizados em uma posição neutra. No primeiro caso, eles parecem ter flexão e, no segundo caso, parecem ser simples. Esse tipo de exemplo reflete, novamente, os limites opacos da classificação mencionada anteriormente.

A última característica da flexão verbal, para Fischer e Gough, é a locacionalidade. Eles apresentam WANT [querer] como exemplo de um verbo locacional, no qual o sinal pode ser articulado ou perto da localização do sujeito ou perto da localização do objeto. Padden (1990) analisa WANT como



um verbo simples que pode portar um clítico locativo.

É interessante observar que Fischer e Gough oferecem exemplos nos quais há combinações possíveis das qualidades direcionais, reversas e locativas, por exemplo, FLATTER [elogiar], FOOL [enganar], FREQUENT [frequentar], HIT [atingir] e PAINT [pintar]. Além disso, verbos como HATE [odiar], BORROW [pegar emprestado], LOOK [olhar] e FEED [alimentar] podem ser tanto direcionais quanto reversos, ao passo que LOCK [trancar], OWE [dever] e PITY [ter pena] podem combinar aspectos reversos e locacionais. Esses são exemplos que não possuem uma análise clara nas línguas de sinais, se for levada em consideração uma classificação rígida.

Com relação a verbos simples, Fischer e Gough (1978) os descrevem como exceções. Por exemplo, verbos tais como HEAR [ouvir], LISTEN [escutar], EAT [comer], DECIDE [decidir], PRAISE [louvar], DANCE [dançar], ASSOCIATE [associar], JOIN [ligar-se] e TEASE [provocar] são mencionados como exceções, pois eles não apresentam flexão de concordância. Hoje em dia, existe consenso quanto ao fato de esses verbos formarem uma classe nas línguas de sinais, diferente dos verbos que possuem uma concordância explícita.

Como vimos na seção 2.3 acima, Padden (1990) apresenta evidências para a diferença entre os afixos de localização espacial para verbos espaciais e a concordância de pessoa e número para verbos de concordância.

É importante observar que, embora a localização espacial seja claramente diferen-

te da concordância de pessoa, deve haver concordância da pessoa do sujeito em exemplo da ASL como (1a), visto que ela permite um pronome do sujeito nulo (cf. Quadros 1999:105-106 for LSB)<sup>4</sup>. Em um exemplo da LSB como (7), um argumento nulo do sujeito deve ser também colocado:

- (7)  ${}_{\langle a+1 \rangle}$  CARRY  ${}_{\langle b \rangle}$  [levar]  
 ‘I carry it (from here) (to there).’ [Eu o levo (daqui) (para lá)]

Tal exemplo não seria possível se a localização espacial *a* fosse sinalizada em uma localização que não está associada a uma pessoa, como no exemplo agramatical apresentado a seguir, retirado da LSB:

- (8) \*  ${}_{\langle a \rangle}$  CARRY  ${}_{\langle b \rangle}$   
 ‘(He) carries it from here (a place that does not coincide with the subject) to there.’ [Ele o leva daqui (um lugar que não coincide com o sujeito) para lá]

A sentença (8) só poderia ser gramatical se o sujeito fosse pronunciado. (7) é possível porque, fonologicamente, a concordância e o locativo têm a mesma forma expressa no mesmo ponto e, como consequência, o pronome nulo para o sujeito é permitido e a sentença torna-se gramatical. Pronomes nulos são permitidos em línguas tais como ASL e LSB, pois elas são *pro-drop* (línguas de sujeito nulo) (Lillo-Martin 1986, Quadros 1995). Em ambas as línguas, há restrições que se aplicam às sentenças que permitem pronomes nulos. A restrição básica se refere à informação contida no verbo, isto é,

<sup>4</sup> Um caso comparável foi discutido por Padden (1983/88) para verbos espaciais (vide acima): mesmo se às vezes o locus da fonte ou alvo do movimento possa coincidir com um locus de pessoa, isso não quer dizer que o predicado concorda em pessoa com o locus, segundo ela.



se o verbo inclui informação de concordância relacionada à pessoa, ele permite argumentos nulos (externos e/ou internos).

Portanto, como mencionado anteriormente, parece que a combinação de locativos em associação a verbos espaciais pode ser combinada com concordância não locativa, mas eles devem ser pronunciados na mesma localização, para permitir uma concordância nula associada ao argumento não-locativo. Se não são pronunciados no mesmo ponto e há um argumento nulo não-locativo, há um tipo de restrição morfológica em sinais que exclui a sentença.

Essa proposta difere da de Padden (1990), que exclui a concordância do sujeito com verbos espaciais. Padden (1990) segue Supalla (1986) e Liddell (1984) ao assumir que a morfologia de concordância co-ocorre com a morfologia locativa. A conclusão de Padden é que o espaço em volta do sinalizante possui dimensões diferentes em cada nível de análise (espaço fonológico para localizações contrastivas; espaço morfológico para concordância e espaço sintático para indexação e anáfora). Considerando os fatos em (3) e (4), parece haver possíveis combinações entre esses diferentes níveis quando a sentença é produzida, diferentemente da análise de Padden.

Kegl (1985: 108) discute um tipo de verbo que não está incluído na categoria (concordância) GIVE [dar], tampouco na categoria (espacial) CARRY-BY-HAND [levar com a mão], mas está incluído “verdadeiramente a meio caminho entre os dois tipos de verbo”: trata-se do exemplo do tipo HAND-OVER. Esse verbo tem uma localização associada a uma localização (FONTE) e a outra a uma pessoa (ALVO). Nesse exemplo, o sinal pode ser interpretado com ou sem a noção de transferência de posse. A análise de Kegl é bastante elucidativa, visto que ela mostra uma maneira diferente de abordar a distribuição verbal

em ASL que explica essa distribuição opaca (*fuzzy distribution*), com que estamos lidando neste artigo. Sua análise estabelece que GIVE é uma extensão de CARRY-BY-HAND para a classe de posse e que INFORM é uma extensão de GIVE para a classe cognitiva. O que faz a diferença entre esses verbos são as formas divergentes que o classificador manual (*handling classifier*) assume a cada exemplo.

Quadros (1999), como Janis, adotou apenas uma distinção entre classes verbais, aquelas com marcadores de concordância e aquelas sem tais marcadores, verbos não-simples e simples, respectivamente, em sua terminologia. Seu argumento é sintaticamente motivado, visto que a estrutura sintática tem uma forma diferente em sentenças associadas a verbos não-simples e simples. Não há evidência, em termos de sintaxe, para manter a divisão entre verbos espaciais e verbos de concordância; entretanto, a autora reconhece que as relações semânticas desempenham um papel na distinção de verbos que têm concordância espacial ou de pessoa gramatical. Entretanto, conforme Quadros observou, não fica tão claro a que classe o verbo pertence. Um verbo de concordância padrão pode se comportar como um verbo espacial padrão; um verbo simples pode assemelhar-se a um verbo espacial ou de concordância.

Janis (1992) observa uma relação entre verbos espaciais e de concordância que é similar ao que Kegl (1985) analisou como uma relação metafórica entre os dois grupos. Ao invés de manter uma análise sincrônica como em Kegl, Janis propôs um relato em termos de relações históricas: verbos não-locativos (concordância) seriam formas lexicalizadas de predicados classificadores.

Janis (1992) observou que a proposta lexical feita por Padden prevê, corretamen-

te, que todos os marcadores de concordância em um verbo serão, necessariamente, do mesmo tipo (sujeito/objeto ou locativa). Entretanto, como observado acima, alguns verbos podem aparecer com mais de um tipo de concordância, visto que eles são, realmente, ocorrências verbais diferentes, isto é, a análise deve dizer, por exemplo, que há dois verbos TEACH [ensinar], um que é membro da classe de concordância e outro que é membro da classe espacial. Conseqüentemente, o verbo será listado duas vezes no léxico. Obviamente, isso não é desejável. Além disso, a análise de classe verbal não pode prever quando uma forma de concordância específica ocorrerá.

### 3. Problemas com os pontos de vista alternativos existentes

Além dos problemas empíricos mencionados para uma classificação estática tripartite dos verbos e uma separação rigorosa da concordância locativa vs. sintática, estabelecida na proposta amplamente aceita de Padden, precisamos abordar outras dificuldades existentes com os pontos de vista alternativos discutidos acima.

A abordagem temática, conforme apresentada no trabalho de Meir, reduz essencialmente a concordância da língua de sinais à concordância espacial com os papéis locativos temáticos trazidos pelos argumentos envolvidos em uma relação de transferência. Entretanto, essa redução se depara com vários contra-argumentos:

(i) A generalização empírica que os verbos de concordância em LS são a realização de um morfema de trajetória ligado a uma interpretação subjacente de transferência é falsa, pois tal significado de transferência não está prontamente disponível. Isso se torna especialmente evidente com verbos de concordância que são transitivos puros e não bitransitivos (*ditransitives*) e, assim, apresentam concordância com objeto direto, não com o objeto indireto. Os predicados em (9) são exemplos disso, em LSB e LSC.

(9) CHOOSE, SUMMON [escolher, convocar] (LSB, LSC)

(ii) Ainda em relação ao problema anterior, deve-se observar que o papel temático do segundo argumento de concordância em um verbo de concordância não é sempre um ALVO, mas é, freqüentemente, também um TEMA. Na LSB e LSC, encontramos verbos transitivos (ambos regulares ou reversíveis) onde o segundo argumento de concordância é um TEMA:

(10) PRESS, INVITE [pressionar, convidar] (LSB, LSC)

(iii) O contra-argumento mais forte à abordagem temática vem do fato de que, nas LSs que têm um auxiliar de concordância (AUX), o AUX concorda com o sujeito e o objeto gramaticais, não com a FONTE e ALVO temáticos.<sup>5</sup> Conforme observado em

<sup>5</sup> Conforme apresentado em Pfau & Steinbach (2005) e Steinbach (2005), um número significativo de LSs possui itens que podem ser rotulados como auxiliares. Diferentes tipos foram identificados inter- e intralinguisticamente. Na maioria dos casos, esse auxiliar somente marca o sujeito sintático e a concordância do objeto e não instancia outras características gramaticais como o aspecto. Concentramos aqui no mais discutido tipo “gramatical”, que é realizado como uma configuração de mão do indicador que move do locus do sujeito para o do objeto, glosado como AUX por conveniência.

Mathur (2000) e Pfau & Steinbach (2005) para a DGS, Smith (1990) para a TSL e Bos (1994) para a SLN, essa dissociação da concordância sintática se torna aparente apenas quando um auxiliar co-ocorre com um verbo reverso: A direção da trajetória do AUX é a costumeira sujeito-objeto, o que é o oposto daquela realizada pelo verbo lexical:

- (11) a. IX-1 CHILD 3-TAKE-1  
1 AUX-3 (LSC)  
b. GIRL 2-AUX-3 TAKE-3  
(LSB)

Esses dados não têm sido levados a sério na discussão sobre concordância em LS, apesar de sua enorme relevância<sup>6</sup>. Eles constituem contra-evidência razoavelmente sólida, não apenas contra uma abordagem temática aos verbos de concordância, mas também contra a explicação de Liddell para concordância como dêixis (vide, por exemplo, Liddel 2003). Tal AUX de concordância nunca surge com verbos espaciais que concordam com localizações ou com argumentos inanimados. Além disso, o AUX emerge com predicados psíquicos na LSC, que são tipicamente estativos, não envolvendo transferência alguma de interpretação.

Juntamente com as objeções levantadas sobre a abordagem temática à LS, gostaríamos de mencionar problemas adicionais à abordagem de animacidade (*animacy approach*), de Rathmann e Mathur. Segundo eles, a concordância está restringida a argumentos animados, mas também encontramos concordância com objetos inanimados. Em seu quadro teórico, isso exigiria suposições adicionais e, talvez, a

necessidade de se postular uma análise de acesso duplo, o que parece pouco desejável.

- (12) a. GIRL IX-1 3-BUY-1 (LSB) (LSC)  
b. NOTES IX-1 3-COPY-1 (LSB)

Além disso, os testes oferecidos em Rathmann e Mathur (no prelo) para distinguir entre verbos espaciais e de concordância mostraram não serem válidos para a LSB e a LSC. Primeiramente, o argumento FONTE pode co-ocorrer com o TEMA pessoal de um verbo de concordância, contra suas previsões:

- (13) AIRPORT MARIA IX-2 2-PICK-UP-3  
'You pick up Maria from the airport.'  
[Você pega a Maria no aeroporto]

Segundo, TEMA e FONTE podem ser questionados exatamente com o mesmo verbo, conforme ilustrado nos seguintes dados da LSB:

- (14) a. <WHERE IX-1 1-PICK-UP-3  
WOMAN WHERE>wh  
b. <WHO PERSON IX-1 1-PICK-  
UP-3 AIRPORT WHO>wh

Terceiro, a modificação da trajetória, tanto em verbos espaciais quanto em verbos de concordância, possui interpretação aspectual. A leitura obtida é aquela do iniciador não realizado no caso do verbo de concordância, conforme (15a); além da leitura puramente locativa, essa leitura aspectual é também possível com verbos espaciais, conforme (15b).

- (15) a. BOOK JOHN-i MARY-j i-GIVE-  
j (halfway) [LIVRO JOHN-i

<sup>6</sup> Isso pode ser parcialmente atribuído ao fato de que a ASL, como outras LSs, não parece ter tal auxiliar de concordância.

MARY-j i-DAR-j (movimento interrompido)]

‘John almost gave the book to Mary.’ [John quase passou o livro para a Mary].

- b. BOOK JOHN-i SCHOOL-a BRING-a (halfway) [LITERATURA JOHN-i CASA-a ESCOLA-a a-TRAZER-a (movimento interrompido)]

‘John almost brought the book to school.’ [John quase trouxe o livro para a escola]

Com toda a evidência discutida até agora e com a discussão dos argumentos oferecidos na literatura, parece claro que não podemos nos apegar a uma divisão mutuamente exclusiva dos verbos em três classes morfosintáticas, conforme geralmente se assume. O que observamos é que os verbos, às vezes, apresentam um comportamento híbrido, pelo menos entre a concordância e classes espaciais, e que a concordância locativa e a sintática não são sempre incompatíveis na mesma forma verbal. Além disso, apontamos algumas inadequações essenciais da abordagem temática à concordância. Entre outras contra-evidências, afirmamos que elementos AUX em LSB e LSC são puras instanciações de concordância sintática. Isso se torna claro com os verbos reversos. Entretanto, a questão que surge é o que a trajetória está realizando naqueles verbos, já que não é a concordância sintática. Na próxima seção, as questões relevantes são recapituladas e uma tentativa de resposta é oferecida.

#### 4. O que está concordando nos verbos reversos?

Uma generalização sobre os verbos reversos que geralmente não é mencionada é que, di-

ferentemente de verbos de concordância “regular”, os verbos reversos, em sua maioria, não são bitransitivos. Isso pode ser facilmente observado nas listas dos verbos reversos em ASL e ISL, fornecidas em Meir (1998):

- (16) ASL: COPY, EXTRACT, INVITE, MOOCH, STEAL, TAKE, TAKE-ADVANTAGE-OF, TAKE-OUT, GRAB, LIE-TO

ISL: COPY, TAKE, CHOOSE, INVITE, TAKE-ADVANTAGE-OF, ADOPT, INHERIT, IMITATE, SUMMON, IDENTIFY-WITH

Nos levantamentos feitos para a LSB e a LSC, os verbos reversos, em sua maioria, claramente não são bitransitivos:

- (17) LSB: TAKE/GET/PICK-UP, CHOOSE, COPY, IMITATE, PERCEIVE, EXPLOIT, INVITE, SUMMON // ASK-FOR, BORROW, STEAL

LSC: TAKE/BUY, CHOOSE, GET/GUESS, SUMMON, COPY, INVITE, UNDERSTAND // ASK, STEAL, TAX

Surpreendentemente, esses predicados têm, apenas, um argumento interno obrigatório, que é atribuído a um papel temático de TEMA, e não de FONTE. Essa diferença é importante para as explicações que baseiam a trajetória reversa dos verbos reversos em propriedades temáticas. Contra o argumento de Meir (2002), o único argumento interno deveria receber marcação acusativa e não dativa.

Argumentamos que a interação de auxiliares com verbos reversos revela propriedades essenciais dessa classe. Conforme menciona-

do acima, quando um auxiliar co-ocorre com um verbo reverso, a trajetória vai de sujeito a objeto e isso é o oposto do que ocorre com a trajetória realizada pelo verbo lexical. Diferentemente da LSB, onde o AUX somente emerge com verbos reversos, em LSC isso pode ocorrer tanto com verbos de concordância regular, quanto com verbos reversos<sup>7</sup>.

(18) IX-x IX-y x-AUX-y y-TAKE-x (LSC)

(19) a. \*GRAMMA-x GRAMPA-y x-AUXY-y x-TAKE-CARE-y (verbo de concordância)

b. IX-x IX-y x-AUX-y (y)-PICK-UP (verbo reverso) (LSB)

É interessante observar que, na LSB, esses são os únicos exemplos onde um auxiliar podem co-ocorrer com um verbo flexionado, em um contexto não marcado. Além disso, a presença do auxiliar permite uma forma alternativa do verbo reverso que não possui trajetória, mas que pode apresentar orientação das mãos em direção ao locus do argumento interno.

(20) a. IX-x IX-y x-AUX-y (y)-PERCEIVE (verbo reverso) (LSB)

b. IX-x IXy x-AUX-y TALK (verbo simples) (LSB)

Nossa solução para este dilema é retirar os verbos reversos da classe de verbos de concordância e tratá-los como verbos manuais (*handling verbs*) com trajetória, onde a trajetória, na verdade, concorda com as localizações e não com os argumentos sintáticos. Esse argumento é consistente com o fato de que o objeto pode, às vezes, ser inanimado, mas o sujeito deve sempre ser animado, conforme os predicados classificadores manuais. A partir dessa perspectiva, a concordância de trajetória apresentada pelos verbos reversos com o objeto (o argumento TEMA) não é sintática, mas locativa. Isso parece um tanto simples, quando observamos predicados reversos cujos significados envolvem uma operação manual em sua interpretação básica, como o verbo TAKE:

(21) BOOK-x x-TAKE-1 (LSC/LSB)

Apesar disso, em alguns casos, uma transferência metafórica deve ser assumida, desde uma operação de manuseio literal até uma operação abstrata, conforme em COPY (22). Um outro bom exemplo disso é o verbo UNDERSTAND [entender] na LSC (23), que, como sua contraparte em inglês

<sup>7</sup> Os elementos AUX não exibem propriedades idênticas em LSB e em LSC. Em LSB, o AUX pode ser identificado como somente tendo a função de explicar as características de concordância do sujeito e objeto. Ele não pode co-ocorrer com verbos de concordância quando forem flexionados, mas em contextos de elipse e estruturas de foco do verbo, o mesmo pode surgir juntamente com um verbo de concordância inflexivo. Além disso, sua distribuição sintática é altamente restrita na oração. A contraparte LSC do AUX parece se comportar mais como um predicado principal privado de conteúdo semântico, mais próximo de um verbo do que um auxiliar puro. Isso exibe mais liberdade de posicionamento na oração. Além disso, ele marca a concordância de sujeito e objeto, mas diferente da maioria dos exemplos de AUX descritos para outras LSs, O AUX LSC pode flexionar-se por aspecto. Além do mais, ele pode co-aparecer com verbos de concordância flexionados a fim de expressar ênfase. Entretanto, essas diferenças são tangenciais ao argumento proposto no texto com relação à natureza da concordância exibida por esses elementos.

‘grasp’[agarrar/compreender] liga a operação mental de entendimento a um movimento manual. Em outros casos, como INVITE [convidar], a transferência metafórica pode ser menos óbvia, mas argumentamos que ela está na base de sua origem etimológica.

(22) BOOK-x x-COPY-1 (LSC/LSB)

(23) BOOK-x x-UNDERSTAND-1 (LSC)

Embora os detalhes de tal proposta ainda necessitem ser mais trabalhados, a conclusão é clara: na verdade, os verbos reversos não pertencem à classe de verbos de concordância (sintática) “puros”, mas incluem a classe de verbos manuais (altamente lexicalizados), uma subclasse dos verbos espaciais transitivos.

Isso também explicaria porque certos verbos de transferência específicos como PHONE [telefonar] na LSB/LSC foram originalmente desenvolvidos de forma simples em verbos de concordância pela morfologização do afixo de concordância em verbo lexical. É interessante observar que, pelo menos no estado atual de nosso conhecimento, casos desse tipo não são observados em relação a verbos reversos.

## 5. Retomando a concordância e as classes verbais

Tendo questionado a visão clássica sobre as classes verbais e a concordância em LSs, bem como a alternativa mais proeminente em termos de concordância temática, passamos, agora, a um esboço de uma caracterização que nos parece adequada de classes verbais

e de concordância, com base nos *insights* advindos dessa discussão.

Adotando a terminologia de Quadros, os verbos em LSs deveriam ser classificados como verbos com concordância e verbos sem concordância (simples). A concordância é morfologicamente realizada como trajetória<sup>8</sup> e a concordância da trajetória pode ser com localizações (traços espaciais) ou loci-R (traços de pessoa e número). Na maioria das vezes, a realização superficial desses dois tipos de concordância é indistinguível, mas a evidência baseada no AUX de concordância na LSB e LSC nos permite concluir, com segurança, que ambos os tipos de concordância podem (e deveriam) ser tratados separadamente. Uma evidência essencial para tal argumento pode ser oferecida por meio de teste das possibilidades de co-ocorrência do AUX com verbos reversos. Conforme mencionado anteriormente, a trajetória dos elementos AUX segue na direção oposta daquela desse tipo de verbo, ou seja, a partir do locus do objeto para o locus do sujeito. Foi também apontado que o AUX ocorre, apenas, quando concorda com objeto e sujeito animados. Visto que verbos reversos podem admitir objetos animados e inanimados, é possível prever que o AUX pode aparecer apenas com os primeiros e não com os segundos. Emerge, então, a seguinte predição:

(24) \*BOOK-x x-TAKE-2 2-AUX-x  
(LSC/LSB)

(25) a. CHILD-3 3-TAKE-2 2-AUX-3 (LSC)  
b. CHILD-3 2-AUX-3 3-TAKE (LSB)

<sup>8</sup> Conforme dito anteriormente, aqui glossamos orientação como um outro meio morfológico para expressar concordância abertamente, em combinação com a trajetória ou por si só.



Revertendo os verbos reversos e seguindo em frente

A partir dessa sólida evidência, podemos concluir que apenas os traços de pessoa portadores do loci-R entram em concordância pessoal/sintática. Torna-se claro que apenas argumentos animados podem portar tais traços em LSs.<sup>9</sup> Resta, ainda, uma pergunta, quanto à natureza do tipo de concordância locativa. Gostaríamos de sugerir que ela, basicamente, se reduz à concordância com os loci identificados pelos argumentos dotados de traços locativos. Dessa forma, abre-se, naturalmente, a possibilidade de uma mesma trajetória concordar com um argumento pessoal e um argumento locativo, na mesma forma verbal. Vimos que tais instâncias ocorrem.

Uma outra consequência da abordagem sugerida aqui é que a concordância temática não pode ser mantida como o fator subjacente que explica a gramática de trajetória nas classes tradicionais de verbos de concordância (regulares e reversos) e verbos espaciais. Manter a análise FONTE-ALVO prova ser empiricamente incorreto, uma vez que muitas instâncias de verbos de concordância não são bi-transitivos, mas simplesmente transitivos com um objeto TEMA/PACIENTE. Além disso, se a estrutura temática fosse a motivação subjacente para a expressão de concordância, variação entre as línguas ou dentro da mesma língua não seria de se esperar. Esses contra-exemplos são encontrados em LSC e em LSB, onde a mesma estrutura conceitual lexical foi lexicalizada com relação à direcionalidade, de maneira oposta, nas duas línguas:

- (26) a. ASK (LSB: regular vs. LSC: reversa)  
b. ASK-FOR (LSB: reversa vs. LSC: regular)

Ao mesmo tempo, a mesma estrutura conceitual lexical, na mesma língua, pode exibir formas lexicais com concordância e sem concordância:

- (27) BORROW (LSC)<sup>10</sup>

Diante de todas estas evidências, parece não ser mais possível manter a visão simplista de classes verbais e de concordância, conforme proposto nas abordagens de Padden e Meir. Os resultados desses trabalhos nos serviram como ferramentas úteis para entender os fenômenos em estudo, mas enfrentamos novos desafios na análise. Parece estar na hora de partir em busca de explicações mais complexas.

## 6. Conclusões

Após a discussão oferecida neste artigo, o quadro que emerge sobre concordância e classes verbais em LSs é substancialmente modificado, com relação às suposições atuais sobre esses tópicos. Pode-se afirmar que os verbos não simples (“espaciais” + “de concordância”) podem, em geral, concordar com argumentos locativos (concordância espacial), com argumentos pessoais (concordância de pessoa), ou ambos. Os predicados auxiliares

<sup>9</sup> Uma exceção interessante a essa generalização que não podemos tratar aqui é a concordância AUX com o argumento inanimado de CAUSA, em declarações psicológicas. O fator crucial é que tais argumentos nunca podem ter uma interpretação locativa.

<sup>10</sup> Na realidade, esse é o caso de um predicado que parece ter ido de verbo de concordância para verbo simples, embora ambas as formas coexistam sobre os falantes simultaneamente.

podem concordar, apenas, com argumentos pessoais/animados (concordância de pessoa) e apontam para o fato de que os verbos reversos são verbos lexicais manuais, cujas trajetórias são determinadas pela concordância espacial e não pela concordância de pessoa gramatical.

Conforme mencionado acima, a concordância com traços locativos e de pessoa gramatical é, com frequência, indistinguível na superfície. Entretanto, a estrutura do argumento de cada predicado impõe as condições de licenciamento, conforme discutido nos exemplos (7) e (8), em que o argumento-sujeito de um predicado manual deve ser licenciado pelo traço de pessoa.

Existe, ainda, uma questão de ambigüidade do locus como localização ou R-locus (por exemplo, TELL [dizer] com concordância de pessoa gramatical vs. TELL com concordância locativa no argumento-ALVO), havendo necessidade de mais pesquisas para se determinar até que ponto um locus atribuído a um referente animado pode ser ambíguo, entre um locus de pessoa gramatical ou um locus espacial.

### Agradecimentos

Esta pesquisa foi parcialmente financiada por recursos da bolsa CNPq #301993/2004-1 para R. M. de Quadros, bolsa CAPES/ PVE (Brasil) e projetos (Espanha) MEC BFF2003-04867 e HUM2006-08164/FILO para J. Quer. Gostaríamos de agradecer Santiago Frigola por sua ajuda com os exemplos em LSC e Nelson Pimenta pelos Clipes de LSB.

### Referências

- ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. **The paradox of sign language morphology.** *Language*, v. 81, p. 301-344, 2005.
- BAKER, C.; COKELY, D. **American Sign Language: a teacher's resource text on grammar and culture**, 1980.
- BOS, H. **An auxiliary verb in Sign Language of The Netherlands.** In: AHLGREN, I.; BERGMAN, B.; BRENNAN, M. (Orgs.). *Perspectives on Sign Language Structure*, v. 1, 1994. p. 37-53.
- BRENTARI, D. **Backward Verbs in ASL: Agreement Re-opened.** In BRENTARI, D., LARSON, G.; MACLEOD, L. (Orgs.). *CLS, Papers from the 24th Annual Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, Part Two: Parasession on Agreement in Grammatical Theory*, p. 16-27.
- FISCHER, S.; GOUGH, B. **Verbs in American Sign Language.** *SLS*, v. 18, p. 17-48, 1978.
- FISCHER, S. **Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child.** In: WINTER MEETING OF THE LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA, 1973.
- FISCHER, S. **The role of agreement and auxiliaries in sign languages.** *Lingua*, v. 98, p. 103-120, 1996.
- JANIS, W. D. **Morphosyntax of the ASL verb phrase.** Tese de Doutorado—State University of New York at Buffalo, 1992.
- JANIS, W. D. **A crosslinguistic perspective on ASL verb agreement.** In: Karen EMMOREY, K.; REILLY, J. S. (Orgs.) *Language, Gesture, and Space*. NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1995. p. 255-286.
- KEGL, J. **Locative relations in American Sign Language Word Formation, Syntax, and Discourse.** Tese de Doutorado—MIT, 1985.
- LIDDELL, S.K. **Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

- LILLO-MARTIN, D. C. **Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language.** Tese de Doutorado—University of California, San Diego. University Microfilms International. Ann Arbor. Michigan, 1986.
- LOEW, R. C. **Roles and Reference in American Sign Language: A Development Perspective.** Tese de Doutorado—University of Minnesota, 1984.
- MATHUR, G. **Verb Agreement as Alignment in Signed Languages.** Tese de Doutorado—MIT, 2000.
- MEIR, I. **Syntactic-semantic interaction in Israeli Sign Language verbs: The case of backwards verbs.** In: *Sign Language and Linguistics*, v. 1.1, p. 3-37, 1998.
- MEIR, I. **A Cross-Modality Perspective on Verb Agreement.** *NLLT*, v. 20, p. 413-450, 2002.
- PADDEN, C.A. **Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language.** New York/London: Garland Publishing, 1983/1988.
- QUADROS, R. M. de. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição.** Dissertação de Mestrado—PUCRS, Porto Alegre, 1995.
- QUADROS, R. M. de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language.** Tese de Doutorado—PUCRS, Porto Alegre, 1999.
- RATHMANN, C.; MATHUR, G. **Verb Agreement as a Linguistic Innovation in Signed Languages.** In: QUER, J. Seedorf (Org.). *Signs of the time.* Signum Verlag, no prelo.
- SMITH, W.H. **Evidence for Auxiliaries in Taiwan Sign Language.** In: FISCHER, S.D.; SIPLE P. (Orgs.), *THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH*, v. 1: Linguistics, p. 211-228. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- STEINBACH, M. **What do agreement auxiliaries reveal about the syntax of sign language agreement?** In: *SIGNA VOLANT*, Milano, 2005.
- STEINBACH, M.; PFAU, R. **Grammaticalization of auxiliaries in sign languages.** In: PERNISS, P.; STEINBACH, M.; PFAU, R. (Orgs.). *Visible variation: Cross-linguistic studies on sign language structure.* Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 303-339.

# Repensando classes verbais em línguas de sinais: o corpo como sujeito<sup>1</sup>

*Irit Meir, Carol Padden, Mark Aronoff e Wendy Sandler*

Este artigo oferece um novo olhar sobre a análise tradicional das classes verbais em línguas de sinais. De acordo com esta análise (Padden 1988), os verbos de muitas línguas de sinais podem ser categorizados em uma das seguintes classes: verbos simples, verbos espaciais e verbos de concordância. Essas classes se diferenciam segundo as propriedades dos argumentos que cada classe codifica. Verbos de concordância, verbos que codificam transferência codificam o papel sintático dos argumentos, bem como as características de pessoa e número através da direção do movimento das mãos e posição das palmas. Nos verbos espaciais, isto é, a classe verbal que denota movimento e posição no espaço, a direção do movimento codifica a posição dos argumentos locativos, o ponto de partida e o destino. A forma do movimento de trajetória que as mãos estão executando geralmente expressa a forma da trajetória que o objeto percorre no espaço. Verbos simples, que constituem a classe semântica padrão, não codificam nenhuma propriedade gramatical em seus argumentos.

A análise acima se concentra no papel das mãos na codificação das propriedades gramaticais relevantes. As mãos são o articulador ativo na língua de sinais e elas concentram a maior parte da carga informacional contida no sinal. Entretanto, neste artigo gostaríamos de propor um novo olhar sobre a classificação dos verbos em língua de sinais, observando não somente o que as mãos fazem, mas o papel que o corpo tem nas diferentes classes verbais. Propomos que a função básica do corpo nas formas verbais em uma língua de sinais é representar o argumento sujeito. Outras funções gramaticais codificadas pelos verbos, por exemplo, a primeira pessoa, são desenvolvidas posteriormente e são sobrepostas pela função básica do “corpo como sujeito”, criando mais complexidade gramatical na língua. Esta análise apresenta as seguintes vantagens: explica a peculiaridade tipológica da concordância verbal em língua de sinais, a saber, a proeminência do objeto em relação ao sujeito na concordância verbal; explica a razão de algumas formas verbais serem mais complexas que outras, em relação

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Elaine Espíndola, Thiago Blanch Pires, Carolina Vidal Ferreira

à competição entre os diferentes papéis do corpo em diversos sub-sistemas da língua; e, finalmente, faz previsões interessantes acerca da tipologia e avanços diacrônicos em línguas de sinais.

## 1. Padrão de lexicalização em línguas de sinais

O termo ‘padrões de lexicalização’ foi usado pela primeira vez por Talmy (ex., 1983, 1985) em sua descrição de como as línguas faladas codificam eventos de movimento. Talmy (1985, 2000) aponta que verbos por si só não codificam todos os componentes de significado de tais eventos.


As línguas têm a tendência a serem mais sistemáticas a respeito de quais componentes de significado serão codificados por quais tipos de itens lexicais. Portanto, algumas línguas (ex. inglês, alemão, russo e chinês) codificam modo de movimento nos verbos e codificam direção do movimento por preposições ou partículas (“satélites” nos termos de Talmy), enquanto que outras línguas (ex. hebreu, espanhol, japonês e turco) expressam a direção do movimento no verbo, sendo o componente de modo expresso por locuções adverbiais. A maneira sistemática em que uma língua codifica os componentes particulares de um evento por meios lingüísticos disponíveis é denominada de ‘padrões de lexicalização’.

Nas línguas de sinais, os meios lingüísticos empregados para comunicar um evento são as mãos e o corpo do sinalizador e o espaço ao seu redor. Ao examinar os itens lexicais que denotam eventos em três línguas de sinais diferentes (Língua de Sinais Americana, Língua de Sinais Israelense e Língua de Sinais Al-Sayyid Beduína) descobrimos que elementos

formacionais específicos de um sinal podem corresponder a componentes de significados; isto é, a mão e o corpo (o peito e a cabeça) podem ser usados separadamente para codificar diferentes partes de um evento. Mostramos agora que essa correspondência entre uma parte de um evento codificado e o corpo ou as mãos não é aleatória, pelo contrário, o corpo e a mão codificam aspectos particulares do evento de forma sistemática.

### 1.1 O corpo como sujeito

O corpo do sinalizador não é meramente um lugar formal para a articulação dos sinais, mas pode, em princípio, ser associado a um significado em particular ou a uma função específica. Argumentamos que em verbos icônicos ou parcialmente icônicos articulados no corpo, os chamados “verbos ancorados no corpo”, o corpo representa o argumento sujeito.

Usamos o termo *iconicidade* para nos referir ao mapeamento regular entre os elementos formacionais de uma expressão e os componentes de seu significado (Taub 2001, Russo 2004). Este mapeamento pode ser demonstrado analisando-se a correspondência entre os elementos formacionais e os componentes de significado (conforme Taub 2001). Para exemplificar, o verbo COMER na Língua de Sinais Israelense (ISL) e na Língua de Sinais Americana (ASL), está ilustrado na Figura 1 abaixo. A mão assume uma Forma particular , movendo-se em direção à boca a partir de uma localização à sua frente e repete este movimento por duas vezes. ‘Comer’ significa ‘colocar (comida) dentro da boca, mastigar se necessário e engolir’ (Webster’s New Word Dictionary, Third College Edition). Uma representação possível da Estrutura Conceitual Lexical é:

## 2. X causa [y ir [para dentro da boca de x]]

Pela Figura 1, torna-se óbvio que o sinal COMER é icônico. Entretanto, ao ir além da impressão geral de iconicidade, é possível observar que um mapeamento explicitado entre forma e significado como um conjunto de correspondências tem a vantagem de mostrar qual dentre os vários elementos formacionais corresponde a quais aspectos do significado. Tal mapeamento está ilustrado na Tabela 1.



Figura 1: O verbo COMER (ISL e ASL)


Mapeamento Icônico para COMER	
FORMA	SIGNIFICADO
 -configuração de mão	Segurando um objeto (comida)
Boca do sinalizador	Boca do agente que come
Movimento para dentro	Colocando um objeto dentro da boca
Movimento duplo	Um processo

Tabela 1: Mapeamento icônico para COMER

O que é crucial para nosso argumento neste artigo é a relação de correspondência entre a localização do sinal (a boca) e a boca daquele que come, o agente argumentativo no evento. Em outras palavras, o corpo, constituindo um dos componentes formacionais do sinal, representa um argumento particular do evento, o agente. É importante notar que o corpo não representa a 1ª pessoa. O sinal

COMER é sinalizado na boca do sinalizador, quer o sujeito da ação seja a 1ª, a 2ª ou a 3ª pessoa. Isto é, o sinal COMER possui uma única forma em todas essas sentenças: “Eu como”, “você come” ou “ele/ela come”, e esta forma é sinalizada na boca do sinalizador.

Ao examinar uma gama de verbos ancorados no corpo, observamos que em sinais icônicos, o corpo corresponde a um argumento participativo no evento. Os exemplos seguintes são da ISL, porém listas similares de palavras podem ser encontradas também em ASL.

1. Verbos psicológicos (Localização: Peito): FELIZ, AMAR, SOFRER, CHATEADO, ESTAR CHATEADO COM, MACHUCAR: O peito corresponde ao local das emoções no argumento experienciador.

2. Verbos de atividades mentais (Localização: Têmporas e testa): SABER, LEMBRAR, ESQUECER, APRENDER, PREOCUPAR, PENSAR, SONHAR, ENTENDER, COMPREENDER, INFORMAR (uma idéia) Têmporas ou a testa representam o local da atividade mental do experienciador.

3. Verbos de percepção (Localização: Órgãos dos sentidos): VER, OLHAR, OUVIR, ESCUTAR, CHEIRAR: Os olhos, a orelha ou o nariz representam o local da atividade do experienciador.

4. Verbos que indicam fala (Localização: Boca): FALAR, DIZER, PERGUNTAR, RESPONDER, EXPLICAR, GRITAR, SUSSURAR: A boca representa a parte relevante do corpo do argumento-agente.

5. Verbos de mudança de estado (Localização: Rosto, peito, olhos): CORAR, MELHORAR, ACORDAR: O rosto, o peito e os olhos representam a parte relevante do corpo do argumento-paciente (*undergoer*).

Como a lista acima mostra, o argumento representado pelo corpo e correspondendo a propriedades específicas do corpo pode ser



associado a vários papéis temáticos: agente, paciente, experienciador e receptor. Entretanto, a escolha do argumento específico a ser representado pelo corpo do sinalizador não é aleatória. No caso de um predicado de um só lugar, o corpo naturalmente é associado com o argumento único do predicado. No caso de eventos transitivos, observamos que o argumento associado a propriedades do corpo é o argumento mais utilizado: o agente em verbos <agente, paciente> (ex. COMER, BEBER, OLHAR) ou verbos <agente, paciente, receptor> (ex. PERGUNTAR, INFORMAR, EXPLICAR) e o experienciador e receptor em verbos <experienciador, tema> (ex. VER, OUVIR, AMAR)<sup>2</sup>. Segundo princípios gerais de mapeamento entre estruturas temáticas e sintáticas (ex. Fillmore 1968, Jackendoff 1990, Grimshaw 1990, Falk 2006 e outros), o argumento associado ao papel temático mais utilizado é o argumento-sujeito. A generalização correta a se fazer é que o corpo é associado ao argumento-sujeito do verbo ao invés de ser associado a um papel temático específico. A implicação desta análise é que o padrão básico de lexicalização ao representar um estado em línguas de sinais é CORPO COMO SUJEITO.

Em outras palavras, o corpo representa ou corresponde a alguma propriedade do argumento-sujeito (de que tem sentimentos, é sensível, tem uma boca, etc.). Em línguas faladas,

as propriedades dos argumentos são inferidas do significado dos verbos ou são parte dele. Por exemplo, o verbo *espirrar* implica que o sujeito possui um nariz; que o sujeito de *lamber* possui língua; que o sujeito de *desmaiar* é animado e que o sujeito de *zangado* é sensível. Nas línguas de sinais, tais propriedades podem ser representadas por certos aspectos da forma do sinal, particularmente, partes do corpo. Quando o sinal que denota um evento é sinalizado em alguma parte do corpo, o corpo é interpretado como sendo associado às propriedades do argumento-sujeito<sup>3</sup>.

## 2.2 Mãos como evento

O mapeamento icônico do sinal COMER aponta para a assimetria básica entre o corpo e as mãos. O corpo representa um aspecto do evento, o argumento-sujeito. As mãos, ao contrário, possuem um grau maior de liberdade. As mãos possuem uma forma específica, em uma orientação específica e se movem de uma maneira específica e em uma direção específica. Conseqüentemente, as mãos podem representar muito mais aspectos dos componentes do significado do sinal. Os aspectos do movimento podem corresponder aos aspectos temporais do evento (por exemplo, telicidade), a direção do movimento geralmente

<sup>2</sup> Verbos psicológicos (psych verbs) do tipo “assustar”, cujos argumentos são causador e experienciador, e exibem um mapeamento sintático-temático diferente, não são reconhecidos sem ASL ou ISL. De modo a expressar um evento de susto, ISL utiliza uma construção verbal leve e perifrástica “DAR SUSTO”, enquanto em ASL se usaria uma paráfrase como “Eu fiquei assustado porque...”.

<sup>3</sup> Kegl (1986) também sugere que o corpo está associado ao sujeito argumentativo. Enquanto sua análise não é compatível com a apresentada aqui, ela difere em muitas maneiras importantes. Primeiro, ela refere-se a MUDANÇA DO CORPO (“uma mudança sutil do corpo a uma posição específica no espaço sinalizador”, p.289), e não ao corpo em si, como parte dos componentes fonológicos do sinal. Segundo, ela argumenta que MUDANÇA DO CORPO (que ela denomina “Proeminência de papel clítico”) é um morfema, funcionando como sujeito clítico e como indicativo do “papel proeminente” (um termo vago em sua análise). Nós não argumentamos por um status de morfema do corpo, nem reivindicamos suas funções sintáticas.

codifica papéis temáticos espaciais dos argumentos, tais como ponto de partida e destino e a localização final do sinal sendo associada ao argumento-recipient. A configuração da mão geralmente representa o argumento em movimento (o tema) ou a manipulação do argumento (paciente) pelo sujeito. Em COMER, por exemplo, o movimento para dentro do verbo representa o ato de colocar algo dentro da boca de alguém; a configuração de mão específica representa o ato de segurar ou manipular um objeto sólido, a comida, no caso de ‘comer’ e o movimento duplo denota uma ação ou um evento atético.

As mãos, portanto, podem codificar muito mais aspectos do evento do que o corpo. Isso é o esperado. As mãos são muito mais versáteis que o corpo: primeiro, as mãos podem mover-se no espaço; segundo, elas podem assumir diferentes configurações de mão; terceiro, elas formam um par. O componente movimento, em si mesmo, é complexo por incluir a maneira e a direção do movimento. O corpo, ao contrário, não demonstra nenhuma destas propriedades. O corpo não se move da mesma maneira que as mãos e só existe um corpo. Deste modo, o corpo codifica um número consideravelmente menor de aspectos do evento. Curiosamente, ele codifica um aspecto particular do evento, um argumento - o sujeito. De certa forma, este argumento é privilegiado, pois é formacionalmente colocado à parte dos outros componentes do significado do evento. Percebemos, portanto, que um padrão básico de lexicalização nas línguas de sinais dá suporte à supremacia do sujeito na linguagem<sup>4</sup> e é o argumento representado pelo corpo do





sinalizador, em oposição aos demais aspectos do evento.

### 2.3 Fatores que ofuscam o padrão básico

O padrão básico de lexicalização ‘corpo como sujeito’ descrito acima é mais presente em verbos icônicos ancorados no corpo, os quais pertencem à classe dos verbos simples. Em outros campos do léxico e da gramática de qualquer língua de sinais, outras estruturas e processos na linguagem frequentemente ofuscam este padrão. A versatilidade das mãos versus a estabilidade do corpo possivelmente significam que as mãos assumem cada vez mais papéis nos níveis lexicais e gramaticais das línguas de sinais, na medida em que o léxico expande, resultando em formas que não se encaixam no padrão ‘corpo como sujeito’. Dois fatores foram brevemente mencionados, examinamos profundamente um terceiro fator: a saber, o papel do corpo em formas flexionadas dos verbos de concordância.

Primeiro, nem todas as partes do corpo são locais possíveis para a articulação de um sinal. Tipicamente, o espaço designado aos sinais é no corpo ou em sua frente, na área localizada entre a cintura e a cabeça. As partes do corpo localizadas abaixo da cintura raramente funcionam como locais para a articulação de sinais. Portanto, as ações praticadas pelas pernas e pés do sujeito não são articuladas por estes membros, pelo contrário, as pernas e pés são representados pelos braços e mãos. Comumente em línguas de sinais, os dedos indicador e médio representam as duas pernas. Verbos que denotam ações como de

<sup>4</sup> Para uma discussão mais a fundo sobre a primazia do sujeito na língua, Cf. Meir et al (2007).

pé, levantar, pular, cair, sentar-se, andar (em ASL e ISL) possuem a configuração de mão  na mão dominante, geralmente praticando a ação na mão não-dominante  (no plano horizontal, com a palma para cima ou para baixo, representando uma superfície). Verbos que denotam uma maneira específica de caminhar, como, por exemplo, andar de salto-alto, é expressa por uma configuração de mão  em ASL e por uma configuração de mão  em ISL, com o dedo mínimo apontando para baixo. Nestes verbos, o corpo não faz parte da estrutura fonológica do sinal e as propriedades do sujeito são representadas pela configuração de mão (por exemplo, o sujeito possui pernas).

Segundo, o corpo representa o sujeito apenas para seres animados. Os eventos que envolvem sujeitos inanimados são articulados pelas mãos, geralmente no espaço à frente do sinalizador. Frequentemente, a mão dominante pratica o sinal sobre a mão não-dominante. Como é o exemplo do verbo ‘comer’. Em inglês e outras línguas faladas, o mesmo verbo pode ser usado metaforicamente com sujeitos inanimados, como em: *O ácido comeu o metal*, *A casa comeu todas as minhas economias*. Em ASL e ISL, o verbo COMER não pode remeter a referentes inanimados. A iconicidade do sinal, especialmente sua localização (a boca do sinalizador), limita os contextos possíveis e as extensões metafóricas do sinal (Meir 2004). De modo semelhante, o sinal ABSORVE

(ISL), quando sinalizado na t mpora (Figura 2a), pode apenas se referir a um sujeito absorvendo informação. Quando o sinal é sinalizado em espaço neutro (Figura 2b) ele pode referir-se a um sujeito inanimado, como uma esponja absorvendo água<sup>5</sup>. Parece-nos que as propriedades do corpo em si, o corpo de um ser animado, limita as possibilidades de significado que o corpo pode representar.



Figura 2: ABSORVER: a. com um sujeito humano. b. com um sujeito não-humano.

#### O CORPO EM VERBOS DE CONCORDÂNCIA: 1  PESSOA

Os verbos de concordância são aqueles que codificam as propriedades de pessoa e número de seus argumentos-sujeito e objetos (indireto). No nível semântico, verbos de concordância denotam eventos de transferência, a transferência de uma entidade (concreta ou abstrata) de um possuidor anterior para outro posterior. Diferentemente dos verbos simples, que possuem uma única forma verbal, os verbos de concordância possuem muitas formas.

<sup>5</sup> Há funções em ASL e ISL, notavelmente funções teatrais ou poéticas, em que o corpo pode ser usado para objetos inanimados. Estes são os casos de personificação, onde os objetos assumem qualidades de seres animados. Um humorista surdo famoso em ASL descreveu o trajeto de uma bola de golfe utilizando sua cabeça, com olhos expressivos e outras expressões faciais como se a bola de golfe fosse humana. A bola de golfe, “contente sentada em uma árvore” (com a árvore sendo representada pela mão em escala apropriada abaixo do queixo), foi “surpreendida voando pelo ar” quando foi atingida por um taco de golfe. Tais formas são raramente encontradas em conversas diárias em ASL, a não ser que o sinalizador pretende fazer um jogo de humor na linguagem.

Entretanto, cada verbo de concordância possui também uma forma de citação, uma forma utilizada em verbetes de dicionário, para representar o lexema. As formas de citação de verbos de concordância ainda manifestam a estratégia ‘corpo como sujeito’: as mãos movem-se em relação ao corpo. O movimento que parte do corpo quando o argumento-sujeito é o possuidor fonte (em verbos como DAR e ENVIAR, os chamados ‘verbos de concordância regulares’) e em direção ao corpo quando o argumento-sujeito é o possuidor destino (em verbos como LEVAR ou COPIAR, os chamados ‘*verbos reversos*’). Entretanto, em formas flexionadas de verbos de concordância, o corpo não é mais o sujeito, mas, ao invés disso, codifica a 1ª pessoa.

Formas flexionadas de verbos de concordância incorporam a categoria gramatical de pessoa, codificada no sistema pronominal da língua por meio do emprego do contraste entre o sinalizador e o espaço em sua volta. No sistema pronominal de ASL e ISL e em muitas outras línguas de sinais, o corpo do sinalizador representa a 1ª. pessoa, enquanto as localizações no espaço de sinalização são associadas com referentes outros que não a 1ª pessoa (Meier, 1990). A associação de referentes de 3ª pessoa a localizações específicas no espaço é freqüentemente alcançada através da sinalização do sinal para aquele referente e depois por meio de um sinal que aponta ou direciona o olhar em direção a um ponto específico no espaço. A indicação subsequente em direção àquela localização no espaço (freqüentemente chamada de locus R(efereencial), cf. Lillo-Martin e Klima, 1990) tem a função de referência pronominal. Apontar em direção a alguém denota pronome pessoal de 1ª pessoa; apontar para um R-locus já estabelecido no espaço de sinalização denota referência pronominal ao referente associado ao R-locus dado.

As formas flexionadas de verbos de concordância são construídas no sistema de Loci-R e a oposição entre o corpo e o espaço. Nestas formas, os aspectos do movimento das mãos codificam os papéis sintático e semântico dos argumentos do verbo, enquanto as localizações iniciais e finais do sinal são associadas ao Loci-R e codificam as propriedades pronominais dos argumentos. As mãos movem-se entre os Loci-R associados aos argumentos-sujeito e ao argumento-objeto (indireto) do verbo de maneira sistemática. A ordem linear do Loci-R codifica o papel semântico dos argumentos: as mãos movem-se do argumento fonte em direção ao destino, ou argumento receptor. A orientação das mãos, isto é, a direção da palma e da ponta dos dedos, codifica seus papéis sintáticos: as mãos se voltam para o objeto sintático indireto (Meir, 1998a, b). Nessas formas, o corpo representa a 1ª pessoa, não o sujeito. Examinemos as seguintes formas verbais:  ${}_1\text{DAR}_2$  (‘Eu dei a você’),  ${}_2\text{DAR}_1$  (‘Você me deu’),  ${}_2\text{DAR}_3$  (‘Você deu a ele’). Em todas estas formas, as mãos movem-se do R-locus sujeito ao R-locus objeto. Se o sujeito é a 1ª pessoa e o objeto é a 2ª pessoa, as mãos se movem do corpo em direção ao destinatário. Se o sujeito é a 2ª pessoa e o objeto é a 1ª pessoa, então, a direção do movimento é invertida. No caso de ambos os argumentos indicarem qualquer pessoa que não a 1ª pessoa, o corpo não estará envolvido na forma e as mãos se moverão do R-locus associado ao destinatário em direção a outro locus no espaço, associado a um referente de 3ª pessoa.

Os verbos de concordância codificam propriedades de pessoa e número dos argumentos-sujeito e argumento-objeto (indireto). Verbos de concordância codificam, então, duas categorias gramaticais: pessoa gramatical e papéis sintáticos.

A pessoa é codificada pelo corpo e localizações no espaço: um locus na região ou próximo da região do peito do sinalizador marca a 1ª pessoa. Qualquer outro locus ao redor do corpo marca qualquer pessoa que não a 1ª pessoa, incluindo-se a 2ª pessoa e a 3ª pessoa (Meier, 1990). Os papéis sintáticos dos argumentos são codificados pelo movimento das mãos entre esses loci. Conclui-se que, em formas completamente flexionadas de verbos de concordância, o corpo não é mais o sujeito, mas sim, a 1ª pessoa. O padrão de lexicalização modelo e básico é ofuscado por um processo morfológico que utiliza os mesmos elementos formacionais, porém associa tais elementos a funções gramaticais diferentes.

### 3. Classes verbais em língua de sinais reconsideradas: o papel do corpo

Compreendidos o papel do corpo e os papéis das mãos nos diversos tipos de verbos em ASL e ISL, é possível voltar à classificação dos verbos nessas línguas e oferecer uma maneira alternativa de caracterizar estas classes, considerando o papel do corpo juntamente com o papel das mãos.

Verbos simples, especialmente aqueles ancorados no corpo, podem agora ser definidos como um conjunto de verbos no qual o corpo é o sujeito e a categoria de pessoa gramatical não é codificada. Nas formas flexionadas de verbos de concordância, o corpo não é mais o sujeito. Ao invés disso, o corpo é a 1ª pessoa e as localizações no espaço de sinalização são associadas a referentes que não são de 1ª pessoa e as mãos, especialmente a direção do movimento e a orientação das mãos, codificam os papéis sintáticos e semânticos dos argumentos. O afastamento do evento do corpo oferece uma maior fle-

xibilidade para a codificação do evento: a oposição corpo-espaço representa a categoria gramatical de pessoa (1ª pessoa versus não-1ª pessoa), enquanto o movimento e orientação das mãos podem codificar os papéis sintáticos dos argumentos. Os verbos espaciais, incluindo-se construções com classificadores, são aqueles que possuem pontos iniciais e finais determinados por referentes espaciais, isto é, pela localização real ou designada na disposição espacial e não pelos argumentos sintáticos do sujeito ou do objeto. As localizações codificadas pelos verbos nesta classe são interpretadas analogicamente e literalmente e não como representando os argumentos gramaticais (Padden, 1998). Nestes sinais, o movimento se inicia em um local e termina em um outro local diferente, descrevendo a trajetória do movimento de uma entidade. Verbos espaciais, por exemplo, DIRIGIR-A e MOVER-A incorporam distinções específicas de localização e movimento através do espaço de sinalização em frente ao corpo, mas não em contato com o próprio corpo, o que é importante para tais distinções. Supalla (1982) descreve os verbos de movimento e localização como se existissem em uma ‘escala’ apropriada. Se os sinais estão em contato com o corpo, então a escala torna-se relativa ao corpo do sinalizador e o significado muda para ‘um carrinho de brinquedo movendo-se para o lado de um corpo humano’. Nos verbos espaciais e construções com classificadores, a(s) mão(s) representa(m) entidades que se movem no espaço; tipicamente, o corpo não é envolvido no evento, de maneira alguma ou pode ser usado como um ponto de referência espacial (o chamado *ground* ou base, cf. Talmy 1983), com relação à pessoa para quem o evento de movimento é descrito. A caracterização das três classes verbais está resumida na Tabela 2.



Classes verbais	Corpo	Mãos	Espaço
Verbos simples	Corresponde ao sujeito	Não codifica propriedades dos argumentos	-----
Verbos de concordância	1ª Pessoa	Codifica os papéis sintáticos e semânticos dos argumentos	Referentes a Não-1ª pessoa
Verbos espaciais	Ponto de referência espacial ou não envolvido	Codifica os papéis locativos dos argumentos	Localizações no espaço

Tabela 2: Classes verbais redefinidas

## 4. Um enigma tipológico em língua de sinais

### 4.1 Supremacia do objeto sobre o sujeito

A concordância verbal nas línguas de sinais apresenta desafios interessantes para a teoria lingüística, porque é similar à dos sistemas de concordância verbal em línguas faladas, embora seja, ao mesmo tempo, muito diferente dela. Uma diferença é que em línguas de sinais, a concordância verbal é marcada apenas em uma classe verbal, verbos que denotam transferência, enquanto em línguas faladas, os sistemas de concordância geralmente se aplicam a todos os verbos de uma língua específica<sup>6</sup>. Uma segunda diferença é que no sistema de língua de sinais, a concordância com o objeto tem prioridade sobre a concordância com o sujeito. Esta situação é diferente daquela das línguas faladas, onde o sujeito é o argumento de maior importância na Hierarquia de Relações Gramaticais (GR) (Greenberg, 1966: 37-38) e, portanto, o argumento mais acessível à concordância verbal. Esta hierarquia implica no fato de que se uma

língua possui concordância com o objeto, ela possui também concordância com o sujeito, porém não vice-versa. Portanto, a expectativa é que sejam encontradas línguas faladas com concordância de sujeito e sem concordância de objeto, mas não línguas com concordância de objeto e sem concordância de sujeito (Cf. Keenan 1976: 316; Lehmann 1988: 64). Esta hierarquia também implica no fato de que em uma dada língua, se uma forma verbal codifica a concordância com o objeto, ela também codifica concordância com o sujeito. Nas línguas de sinais, este não é o caso. Primeiramente, não se sabe de nenhuma língua de sinais que tenha concordância com o sujeito e não tenha concordância com o objeto. Segundo, e ainda mais importante, existem diversos fenômenos no sistema de concordância verbal em certas línguas de sinais que resultam em formas marcadas para concordância de objeto, mas não de sujeito. Dois desses fenômenos são descritos aqui.

(a) Verbos de concordância única: em ASL e ISL, verbos de concordância encaixam-se em várias subcategorias. Alguns verbos concordam apenas com um argumento. Nesses verbos, o ponto inicial do verbo é marcado por ser localizado em alguma parte do corpo (principalmente em alguma parte do rosto) e, portanto, não é determinado pelo R-locus do outro argumento do verbo. PERGUNTAR (ISL) é um desses verbos: sua localização inicial é perto da boca e sua localização final é em direção ao R-locus do objeto do verbo. Mesmo que o sujeito não seja 1ª pessoa, o verbo ainda assim se inicia em um local perto da boca. Portanto, uma forma verbal significando “Ele perguntou a você” possui a forma PERGUNTAR<sub>2</sub> ao invés de <sub>3</sub>PERGUNTAR<sub>2</sub>.

<sup>6</sup> Para uma análise sobre este tópico, Cf. Meir (2002).



Eis alguns exemplos de verbos com concordância de argumento único em ISL:

RESPONDER, EXPLICAR, CONTAR (boca), VER (olho), VISITAR (olho), IMPORTAR-(se) (testa), TELEFONAR (orelha)

Em ASL, formas de concordância de argumento único incluem VER, TATEAR, ESPERAR. Curiosamente, nesses verbos é sempre o marcador de concordância de sujeito (isto é, o R-locus associado ao sujeito sintático) que é omitido. O marcador de concordância de objeto, portanto, parece ser obrigatório, mas não o marcador de sujeito. O mesmo fenômeno é descrito em outras línguas de sinais, ex. Língua de Sinais Dinamarquesa (Dinamarquesa SL), (Engberg-Pedersen 1993: 191), e Língua de Sinais Italiana (LIS) (Pizzuto 1986: 25-26).

(b) Omissão do marcador de concordância de sujeito: tem sido observado que o marcador de concordância de sujeito é opcionalmente excluído (Padden 1988; Bahan 1996; Liddell 2003). Conforme Padden aponta, o marcador de concordância de sujeito de um verbo pode ser opcionalmente excluído, seja ele realizado como o ponto inicial do verbo (como nos tipos verbais ‘dar’) ou como seu ponto final (como nos tipos verbais ‘levar’). Quando o marcador de concordância de sujeito é excluído, Padden observa, “a forma resultante possui movimento linear reduzido” (ibid. p. 117). Contudo, quando o sujeito de tais formas verbais reduzidas é a 2ª ou a 3ª pessoa, os sinalizadores tendem a sinalizar o

verbo partindo do corpo, e não de uma localização próxima ao R-locus do sujeito. Em outras palavras, quando o R-locus que funciona como marcador de concordância de sujeito é omitido, o verbo geralmente é ancorado ao corpo em seu ponto inicial, concordando apenas com seu objeto. Tais verbos assemelham-se às formas de verbos com concordância única, discutidas na sessão anterior<sup>7</sup>.

As línguas de sinais, portanto, parecem, em um primeiro momento, obedecer a uma hierarquia inversa em se tratando de concordância verbal: o objeto é mais proeminente que o sujeito. Se um verbo concorda com apenas um argumento, trata-se do argumento-objeto (recipiente). E, se uma forma verbal codifica concordância com o sujeito, ela também codifica concordância com o objeto. Vários pesquisadores notaram este comportamento peculiar e tentaram oferecer uma explicação. Janis (1995: 220) mostra que a hierarquia de concordância da ASL assemelha-se às hierarquias encontradas em outras línguas para marcadores de caso. Meir (1998b, 2002) se apóia nessa observação e analisa a orientação das mãos (que segundo sua análise, marca os papéis sintáticos dos argumentos) como marcações de relações de caso. Entretanto, tanto Janis quanto Meir admitem que as línguas de sinais ainda não são usuais no sentido de que as relações de caso são marcadas no verbo e não nos argumentos. Portanto, nenhuma solução satisfatória foi oferecida até agora a esse enigma tipológico.

Sugerimos que o enigma pode ser resolvido por uma nova maneira de se olhar a

<sup>7</sup> Quando o objeto está em 1ª pessoa, o verbo retém o movimento em direção ao corpo do sinalizador. Nestas formas, o corpo é a 1ª pessoa e não o sujeito. As formas de verbos com concordância única descritas aqui ocorrem somente em objetos que não são em 1ª pessoa.

classificação verbal em línguas de sinais, que considera o papel do corpo nas três classes verbais. Essa abordagem mostrará que o sujeito é o argumento mais proeminente também em línguas de sinais, mas que essa proeminência é manifestada de uma maneira um tanto diferente nas línguas de sinais.

#### 4.2 A solução

Conforme mostramos na sessão 3 acima, uma diferença importante entre verbos de concordância e verbos simples reside no papel do corpo. Nos verbos simples, o corpo representa o sujeito e a categoria da pessoa não é codificada. Nos verbos de concordância, o corpo codifica a 1ª pessoa e as mãos codificam todas as outras pessoas, isto é, codificando os referentes que não são 1ª pessoa bem como seus papéis sintáticos.

Voltando aos verbos de concordância única, podemos sugerir uma solução ao enigma tipológico apresentado. Verbos de concordância única podem ser considerados como um tipo híbrido de verbos simples e verbos de concordância. Assim como nos verbos simples, nos verbos de concordância única, o corpo representa o sujeito. As mãos, ao contrário, comportam-se como nos verbos com concordância (completa): elas codificam propriedades de não-1ª-pessoa e o objeto sintático. Esses verbos, então, representam o sujeito pelo corpo. O que não é indicado nessas formas não é o marcador de sujeito, mas a especificidade a respeito da pessoa. Esses verbos retêm suas trajetórias no que diz respeito ao corpo como sujeito, uma vez que se movem de perto do corpo para fora (ou em direção ao corpo em caso de um “verbo reverso”). Nossa análise sugere que a referência ao sujeito é obrigatória, e não opcional, e

é representada pelo corpo do sinalizador. Em outras palavras, o sujeito não é codificado pelo sistema de concordância verbal, mas, ao invés disso, pela forma lexical do verbo, como nos verbos simples. De certo modo, o sujeito é mais profundamente entranhado em verbos simples e em verbos de concordância única do que em verbos de concordância completa, por ser parte do próprio item lexical em si e não adicionado por um afixo flexional.

Essa linha de pensamento sugere que o sujeito é um argumento privilegiado tanto em línguas de sinais, como em línguas faladas. Mas as duas modalidades permitem diferentes possibilidades para expressar este status especial. A modalidade manual-visual utiliza a assimetria natural entre o corpo e as mãos para codificar a assimetria sujeito-predicado na forma de itens lexicais que denotam o estado das coisas. A assimetria é codificada pela estrutura dos itens lexicais nessas línguas. Os processos gramaticais, tais como concordância verbal, podem fazer com que este padrão se torne opaco, mas essa tendência básica emerge como modelo padrão em várias situações. A modalidade auditiva das línguas faladas não pode codificar as propriedades do sujeito na estrutura lexical das palavras. O status especial do sujeito é expresso na estrutura gramatical, por ser o alvo mais acessível para vários processos morfológicos e sintáticos.

#### 5. papéis competitivos do corpo: sujeito, 1ª pessoa, corpo humano

A análise do papel do corpo em verbos simples versus verbos de concordância demonstra que o corpo pode incorporar funções gramaticais diferentes da língua, ambos fazendo uso de propriedades diferentes do cor-

po humano. Os diferentes sub-sistemas da língua utilizam essas propriedades diferentes do corpo. Os seres humanos usam seu corpo para praticar vários tipos de ações. Portanto, o corpo pode ser utilizado para representar essas ações, da perspectiva de um argumento particular participante do evento, o sujeito. Esse aspecto do corpo é codificado na forma lexical de verbos simples. O corpo é também o corpo do sinalizador, emissor na situação comunicativa. O papel do emissor é codificado na categoria lingüística da pessoa; o corpo representa a 1ª pessoa, como no sistema pronominal e nas formas flexionadas dos verbos de concordância.

O corpo também pode representar um corpo humano e todos os seus vários órgãos: a boca, olhos, orelhas, testa, peito, braços, etc. Apontar para um órgão específico pode ter a função de referir-se àquele órgão. Realmente, os sinais para olhos, nariz, boca, coração, braços e outros órgãos do corpo são frequentemente sinais dêiticos, que apontam para o órgão em questão. Os sinais referentes às ações praticadas em vários órgãos do corpo podem ser modulados para expressar a parte do corpo específica envolvida no evento. O sinalizador pode usar seu corpo para indicar onde no corpo ele foi atingido em um evento expressado pela seguinte sentença – “Ele me bateu no braço”. Dependendo de onde no braço a mão sinalizadora toca no corpo, por exemplo, a parte superior ou inferior do braço, o sinalizador pode especificar onde, no braço, o evento aconteceu. Ou, em um evento como ‘O cirurgião abriu meu peito’, o sinal OPERAR envolve um curto movimento para baixo tocando o osso externo do sinalizador. O sinalizador pode contrastar este local com cirurgia em outro lugar no corpo, como cirurgia cerebral (tocando em alguma parte da cabeça) ou uma cesariana (no abdô-

men). Nessas formas, o torso superior está disponível como um conjunto detalhado de locais, usados por sinais para se referirem a pontos específicos do corpo.

Esses três papéis diferentes, de representar o sujeito, a 1ª pessoa e as localizações no corpo, são empregados em três subsistemas distintos na língua. Entretanto, poderia haver casos onde estes papéis competem entre si. Por exemplo, em verbos de concordância única o corpo representa o sujeito, mas a representação das formas do objeto em 1ª pessoa também é necessária, como em (ISL): “ele pergunta a mim”. De modo similar, uma localização no corpo pode representar não só um evento acontecendo ao sinalizador, mas também pode representar o sinalizador atuando em uma parte do corpo de um referente em 3ª pessoa, como em ‘Eu penteiei o cabelo dele/dela’. Como as línguas de sinais resolvem estas situações? Essas formas são, na verdade, mais complexas e complicadas e diferentes línguas de sinais propõem soluções distintas a esses problemas. Examinaremos, aqui, dois casos: As formas de objetos de 1ª pessoa de verbos de concordância de argumento único e verbos transitivos que denotam atividades do corpo.

### *5.1 As formas de objetos de 1ª pessoa de um verbo de concordância de argumento único*

Em verbos de concordância de argumento único, a posição inicial do sinal é no corpo e as mãos movem-se em direção ao local no espaço associado com argumento-objeto. Mas se o argumento objeto é o primeiro referente, então as posições iniciais e finais do sinal são ambas no corpo. Se o mesmo local do corpo é utilizado, então o sinal não teria nenhum

movimento de trajetória, resultando em um sinal fonologicamente impossível. Como as línguas de sinais resolvem este conflito? A ISL e a ASL apresentam duas estratégias diferentes. Em ISL, uma forma verbal como “ele me perguntou” começa no R-locus associado ao referente sujeito (‘ele’), move-se em direção à boca (o local lexicamente especificado do sinal) e depois se move para baixo, em direção ao peito do sinalizador, a localização que codifica a 1ª pessoa. Essa forma é, portanto, mais complexa que as formas flexionadas regulares de verbos de concordância, já que tem especificações de lugares para três locais distintos: o R-locus do sujeito, a boca e o peito. De maneira similar, a forma verbal de ‘você me vê’, começa no locus da 2ª pessoa, move-se em direção aos olhos e depois em direção ao peito. A ASL também utiliza essa estratégia para alguns verbos como VER e CONTAR.

A ASL também apresenta uma diferente estratégia, utilizada com alguns verbos. Por exemplo, uma forma verbal significando “ele me telefonou” começa na orelha, depois se move para o R-locus estabelecido para a 3ª pessoa e depois se move para o peito do sinalizador. Em ASL e ISL, tais formas possuem especificações para os três lugares, mas a ordem desses lugares é diferente: o movimento vem do corpo para o R-locus do sujeito e depois para o R-locus do objeto. Se o objeto é a 1ª pessoa, o sinal parte do peito do sinalizador, mas pode também partir de outro R-loci. Em ISL, tais formas são restritas ao objeto como 1ª pessoa. Quando o objeto não é 1ª pessoa, o verbo não pode codificar o marcador de concordância de sujeito, resultando em um verbo de concordância de argumento único. As diferenças e as semelhanças entre a ASL e a ISL mostram que as soluções a problemas lingüísticos similares podem assumir diferentes formas.

## 5.2 Verbos transitivos que denotam atividades do corpo

Os sinais para verbos que denotam ações praticadas em órgãos do corpo, como ESCOVAR-CABELO versus ESCOVAR-DENTES, BATER-NO-OMBRO versus BATER-NOROSTO são sinalizados nos órgãos respectivos. Tais formas se beneficiam do fato de o corpo do sinalizador estar sempre lá no evento discursivo e, portanto, referências a órgãos do corpo podem ser feitas simplesmente apontando ou sinalizando perto do órgão em questão. Em tais formas, o corpo não está necessariamente associado com o argumento-sujeito ou com a 1ª pessoa, mas, ao invés disso como uma entidade do mundo real que está sendo empregada no discurso sinalizante como um dispositivo referencial. Contudo, a interpretação padrão de tais formas é que o corpo é também o corpo do sinalizador, portanto, 1ª pessoa. A interpretação não marcada de uma forma como ESCOVAR-CABELO é então, ‘Eu escovei meu cabelo’. Mas como sinalizar ‘Eu escovei o cabelo dela’? Articular o sinal na cabeça do sinalizador tenderia a ser interpretado como escovando o próprio cabelo, enquanto articular o sinal em um espaço neutro, na direção do R-locus associado ao referente da 3ª pessoa perde a especificidade em relação ao cabelo. Tais formas são notoriamente difíceis e os sinalizadores de línguas diferentes podem utilizar estratégias diferentes para este desafio. Uma estratégia é articular o sinal primeiramente no corpo do sinalizador, especificando o local exato no corpo onde a ação acontece e depois direcionar o sinal para o outro referente, especificando o objeto gramatical. Uma outra técnica é dividir o evento transitivo em dois sub-eventos intransitivos, especificando o que cada argumento está fazendo. Um clipe

mostrando uma garota escovando o cabelo de sua mãe pode ser expresso por ‘MÃE SENTA; GAROTA PENTEIA’. Pedimos descrições das três ações envolvendo partes do corpo em duas línguas: ISL e ABSL. Estes cliques mostraram: uma menina alimentando sua mãe, uma menina escovando o cabelo de sua mãe e um homem dando um tapinha no ombro da menina. As respostas de 16 sinalizadores de ABSL (adultos e crianças, faixa etária 4-40) e 17 sinalizadores de ISL (faixa etária 30-90) foram analisadas e codificadas. Das 63 respostas em ABSL, 22 envolveram verbos sinalizados no corpo do sinalizador (35%), 12 foram sinalizados em direção a um local no espaço (19%); 20 formas envolveram articular o sinal no corpo do sinalizador e depois o sinal em direção a um local no espaço e 7 foram sinalizados na ordem inversa. Duas formas envolveram três verbos: outro-eu-outro. Parece-nos que a ABSL prefere sinais ancorados no corpo ou primeiro, sinais ancorados no corpo e, depois, direcionando o verbo para fora do corpo.

Em ISL, encontramos um padrão diferente: das 72 respostas, somente 15 foram sinais ancorados no corpo (aproximadamente 20%), enquanto 39 formas verbais foram direcionadas a locais no espaço (54%). 23 formas foram complexas: eu-outro (15), outro-eu-outro(4), (3) e eu-outro-eu (1).

Esses resultados indicam que em ambas as línguas não existem formas estabelecidas para expressar tais eventos, mas cada língua demonstra suas preferências. Na ABSL, os sinais ancorados no corpo são preferidos,

bem como formas complexas começando com sinais ancorados no corpo. Na ISL, os sinais direcionados a locais no espaço são preferidos e a ordem dos sinais varia nas formas complexas. Assim como acontece nas formas de objeto em 1ª pessoa, citadas acima, desafios semelhantes podem resultar em soluções diferentes, ou pelo menos em tendências diferentes em diferentes línguas de sinais.

## 6. Consequências e previsões para a teoria do ‘corpo como sujeito’

Argumentamos que o ‘corpo como sujeito’ é um modelo básico de estratégia de lexicalização em línguas de sinais e que a concordância verbal é um mecanismo mais complexo, o qual se apóia nessa estratégia básica, mas também a obscurece, pois envolvem uma categoria gramatical adicional (pessoa gramatical) e o distanciamento do sujeito em relação ao corpo. Levando-se em conta que a configuração ‘o corpo é sujeito’ é mais básica, as seguintes previsões emergem: (a) se uma língua de sinais apresenta concordância verbal, ela deve apresentar verbos de ‘corpo como sujeito’ (isto é, verbos simples), mas não vice-versa; (b) de uma perspectiva diacrônica, os verbos de ‘corpo como sujeito’ aparecem antes dos verbos de concordância, isto é, uma língua de sinais que possuía basicamente verbos de “corpo como sujeito” passaria a adicionar concordância verbal ao seu sistema verbal somente em estágios avançados<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Entretanto, não argumentamos que todas as línguas de sinais devem desenvolver concordância verbal à medida que envelhecem. Nosso argumento é que se uma língua de sinais desenvolve concordância verbal, esperamos que tal desenvolvimento atinja um estágio em que a língua tenha somente verbos de “corpo como sujeito”.



Descrevemos duas línguas que se comportam de acordo com estas previsões: A Língua de Sinais Al-Sayyid Beduína (ABSL), uma língua recente com verbos simples, mas sem verbos de concordância, e a Língua de Sinais Israelense (ISL), uma língua que não possuía concordância verbal nos primeiros estágios de sua história e desenvolveu este sistema em estágios posteriores.

### 6.1 ABSL: Uma língua de sinais sem concordância verbal

O grupo Beduíno Al-Sayyid foi fundado aproximadamente 200 anos atrás, na região da Negev, atual Israel. Originalmente ‘camponeses’ *fellahin* do Egito que trabalhavam para Beduínos tradicionais como empregados, o grupo Al-Sayyid funciona atualmente com autonomia e é considerado Beduíno por estrangeiros. Esse grupo está atualmente em sua sétima geração e têm aproximadamente 3500 membros que residem juntos em uma única comunidade separada dos outros. O casamento consanguíneo é considerado a norma no grupo desde sua terceira geração. Tais padrões de casamento são comuns na região e levam a laços internos muito fortes e à exclusão de membros externos ao grupo. É um indicativo de que os Al-Sayyid ainda se vêem como uma única grande família, embora agora subdividida em subfamílias.

Na quinta geração desde a fundação da comunidade (há aproximadamente 70 anos), nasceram quatro irmãos surdos na comunidade. As duas gerações seguintes também apresentaram surdez em muitas outras famílias. Atualmente, o número de indivíduos surdos na comunidade é de aproximadamente cem. A peculiar distribuição

de surdez nesta comunidade, típica de surdez congênita recessiva (Lane, Pillard, and French 2000), tem tido implicações sócio-lingüísticas: membros surdos da comunidade são integrados à estrutura social e não são estigmatizados ou marginalizados e a língua de sinais desenvolvida na comunidade como um meio de comunicação é utilizada por membros surdos e uma fração significativa dos membros ouvintes da comunidade (Kisch 2000).

A Língua de Sinais Al-Sayyid Beduína (ABSL) possui estrutura lexical diferente de outras línguas de sinais utilizadas na região, incluindo a Língua de Sinais Israelense (ISL) (Sandler *et al.* 2005) e a Língua de Sinais Jordaniana (LIU) (Al-Fityani & Padden 2006) e, como o esperado, as línguas não são mutuamente inteligíveis. Em um estudo anterior, mostramos que a ABSL desenvolveu consistentemente o fraseado SOB em uma geração, o que difere do fraseado no ambiente sinalizado e de línguas faladas (Árabe e Hebreu) da região. O que não encontramos foram processos morfológicos flexionais como concordância verbal. Como resultado da falta de morfologia de concordância verbal na ABSL, o padrão básico de lexicalização do ‘corpo como sujeito’ é mais aparente. Das três classes verbais - simples, com concordância e espacial - a ABSL possui somente duas: verbos simples e verbos espaciais. Verbos que denotam transferência, que em muitas línguas de sinais constituem a classe dos verbos de concordância, comportam-se como verbos simples em ABSL.

Essa observação é baseada em dados colhidos a partir de 9 sinalizadores da segunda geração (faixa etária 28-45) e de 12 sinalizadores da terceira geração (faixa etária 4-24). Um conjunto de cliques desig-



nados a colher uma variedade de verbos transitivos e intransitivos perpassando diferentes categorias semânticas foi mostrado aos sinalizadores. A partir desses dados, identificamos um subconjunto de cliques envolvendo as seguintes ações de transferência entre duas entidades: DAR, ATIRAR, PEGAR, LEVAR e ALIMENTAR. Dois outros cliques envolveram as ações de VER e MOSTRAR, que em muitas línguas de sinais comportam-se como verbos de concordância. Analisamos as respostas dos sinalizadores a esses cliques coleta, resultando em um total de 201 formas verbais (incluindo repetições e descrições de eventos únicos com duas orações).

Das 201 formas de transferência produzidas, 176 envolveram movimento em relação ao corpo. Movimentos de dentro para fora quando o sujeito é a fonte (como em DAR, ATIRAR e ALIMENTAR), ou em movimentos de fora para dentro se o sujeito é o destino (como em verbos reversos, LEVAR e PEGAR). Houve pouca ou nenhuma movimentação para o lado; o movimento se concentrava do centro para fora ou do centro para dentro. O movimento do centro para fora-dentro apareceu mesmo com o fato das ações nos cliques mostrarem os atores transferindo um objeto de um lado para o outro da tela. Os sinalizadores não imitaram a direção do movimento na ação do clique, ao invés disso, usaram o movimento de acordo com o plano central deles. Figura 3 mostra figuras de uma ação em que uma mulher dá uma bola a um homem. Em sua resposta, a sinalizadora indica que a mulher está no lado direito da tela e o homem à sua esquerda, mas sua forma verbal não utilizou nenhum desses locais, o movimento do verbo DAR foi do centro para fora. A Figura 4 abaixo mostra a resposta da sinalizadora.



**Figura 3: Mulher dá uma bola a um homem.**



**Figura 4: Ele está aqui, ela está ali. Ela deu (a bola) a ele.**

Em número menor de respostas (25 de 201), os sinalizadores utilizaram uma forma com um movimento de trajetória não partindo do corpo, mas de um lado para o outro (ilustrado na Figura 6). Em uma análise detalhada, notamos que esses sinais envolviam segurar ou manipular um objeto e movê-lo para outro local. Por exemplo, cinco dessas respostas partiram de uma ação no clique em que um homem ergue um cachecol do chão e o move para frente da mulher que então, o aceita. (Figura 5) Essa ação assemelha-se menos a uma ação de transferência do que à ação de erguer o cachecol de sua posição inicial no chão e movê-lo em direção à localização da mulher. O cachecol não estava inicialmente em posse do homem, mas no chão à sua frente. Analisamos essas produções verbais como verbos espaciais, já que eles estão conforme

os outros sinais produzidos pelos mesmos sinalizadores em resposta às ações nos cliques em que um objeto movia-se pelo espaço sem envolver transferência. Por exemplo, ao descrever uma bola sendo atirada em um aro dentro de uma sala, sinalizadores geralmente descreviam a trajetória da bola movendo suas mãos de um lado para o outro no espaço sinalizador. Dos 13 cliques destinados à geração mais nova, que envolviam movimentos para o lado, 12 vieram de cliques exibindo um evento de ver e outro de mostrar, sendo a forma verbal acompanhada por um movimento da cabeça para o lado.



Figura 5: Homem move o cachecol para a mulher.



Cachecol

dar

Figura 6: “Há um cachecol, ele (o) entregou (a ela) (esquerda para direita)”.

A ABSL, portanto, não possui sistema de concordância verbal. O que é crucial ao nosso argumento é o modelo de padrão lexicalização do ‘corpo como sujeito’ que os verbos de transferência em ABSL demonstram. Nes-

ses verbos, o corpo representa o argumento-sujeito, seja o sujeito a fonte da transferência (como em DAR, ATIRAR e ALIMENTAR), ou o seu destino (como em LEVAR e PEGAR). Essas formas não codificam distinções de pessoa. Isto é, os sinalizadores não variaram a direção da forma verbal quando a pessoa do sujeito e o objeto da oração variaram. Os verbos que envolvem transferência de uma entidade a outra se comportam como a classe padrão de verbos simples.

De acordo com o que foi mencionado acima, em línguas de sinais com sistema de concordância verbal, o corpo é a 1ª pessoa e as mãos codificam os papéis sintáticos dos argumentos. Nesse sistema, o padrão ‘corpo como sujeito’ não aparece mais, já que a categoria da pessoa está sobreposta a ele. O sistema verbal ABSL não codifica pessoa gramatical fornecendo evidência ao padrão básico de ‘corpo como sujeito’.

## 6.2 Língua de Sinais Israelense: A perspectiva diacrônica

A Língua de Sinais Israelense (ISL) é uma língua de sinais relativamente jovem, que passou a existir juntamente com a comunidade surda israelense há aproximadamente 70 anos. Diferentemente da ABSL, a ISL desenvolveu-se em uma situação de pidgin. Os membros da primeira geração da comunidade surda vieram de contextos diferentes, em termos de país de origem e de língua. Alguns membros dessa geração nasceram em Israel, sendo a maioria composta de imigrantes que vieram da Europa (Alemanha, Áustria, Hungria e Polônia) e mais tarde do Norte da África e do Oriente Médio. Alguns desses imigrantes trouxeram a língua de sinais de seus respectivos países. Outros não

possuíam sinais ou utilizavam algo como sinal caseiro<sup>9</sup>. Atualmente, quatro gerações de sinalizadores convivem simultaneamente na comunidade surda: a primeira geração, que contribuiu para os primeiros estágios de formação e desenvolvimento da língua e a quarta geração, que adquiriu e desenvolveu a língua moderna como um sistema lingüístico completo.

Enquanto a sinalização da primeira geração de sinalizadores (idade 65 em diante) demonstra variações individuais consideráveis em termos de vocabulário, fraseado e dispositivos gramaticais, a sinalização desta geração não possui concordância verbal. Sinalizadores mais velhos geralmente não flexionam os verbos de transferência. Usam verbos simples, de modo similar aos resultados encontrados no estudo da ABSL. Sinalizadores, entre 40 e 50 anos, utilizam verbos de concordância como verbos de concordância única, partindo do corpo e concordando com o objeto (recipiente). Sinalizadores jovens (30 anos ou menos) flexionam verbos de concordância para o sujeito e objeto, mas as formas de concordância apenas com objeto ainda são utilizadas.

Engberg-Pedersen (1993: 193) descreve uma tendência similar na Língua de Sinais Dinamarquesa: sinalizadores mais velhos tendem a utilizar verbos de concordância como verbos de concordância única, concordando apenas com o argumento-objeto (indireto). Sinalizadores jovens, ao contrário, utilizam formas verbais em que a concordância é marcada com o sujeito e objeto. Entretanto, o padrão anterior é também utilizado.

## 7. Conclusões

As línguas de sinais demonstram que o status privilegiado do sujeito se manifesta não apenas em seu comportamento nos vários níveis estruturais, mas também na estrutura lexical inerente aos sinais. Isto é, a noção de sujeito é construída na estrutura das palavras em si, mesmo antes de elas se combinarem em unidades maiores. A divisão do trabalho entre o corpo e as mãos nesses sinais sugere que o evento deve ser conceitualizado em termos de predicado em relação ao sujeito. O agenciamento de um dos argumentos participantes do evento é um componente básico da estrutura lexical que expressa o evento.

O padrão ‘corpo como sujeito’, mesmo sendo básico, como argumentamos, é frequentemente ofuscado por outros sistemas em línguas de sinais. Entretanto, uma vez que este padrão é reconhecido, ele se torna uma ferramenta explicativa robusta para um grande número de fenômenos interlinguais e intralinguais. Ele explica porque este padrão emerge como estratégia modelo em verbos de concordância de argumento único, esclarece a complexidade das formas de objeto em 1ª pessoa e explica a aparente supremacia do objeto no sistema de concordância verbal em línguas de sinais. Os desenvolvimentos diacrônicos numa língua de sinais, bem como diferenças tipológicas entre línguas de sinais, também encontram uma explicação natural quando se reconhece o papel do corpo na estrutura do sinal. É útil também para demonstrar a conexão com outros fenômenos, como por exemplo, o fato de que gestos da pers-

<sup>9</sup> Para uma descrição da história da comunidade surda em Israel e o desenvolvimento da ISL, Cf. Meir & Sandler (no prelo).

pectiva do sinalizador são mais transparentes que os gestos da perspectiva do observador (Marentette *et al.*, 2007) e além de observações em relação aos estágios de aquisição da concordância verbal por crianças surdas em várias línguas de sinais. Deixamos estes tópicos para futuras pesquisas.

## Referências

- AL-FITYANI, K.; PADDEN, C. **A lexical comparison of sign languages of the Arab world**. Trabalho apresentado ao TISLR 9, Florianópolis, 2006.
- BAHAN, B. **Non-manual Realization of Agreement in American Sign Language**. Tese de Doutorado em-Linguística Aplicada\_Boston University, 1996.
- ENGBERG-PEDERSEN, E. **Space in Danish Sign Language**. Hamburg: Signum-Verlag, 1993.
- FALK, Y. N. **Subjects and Universal Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In: BACH, E.; HARMS R.T. (Orgs.). **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, 1968. p. 1-88.
- GREENBERG, J. H. Language Universals. In: **Janua Linguarum Series Minor**, v. 59. The Hague: Mouton. 1966.
- GRIMSHAW, J. **Argument Structure**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.
- JACKENDOFF, R. S. **Semantic and cognition**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.
- JANIS, W. D. A crosslinguistic perspective on ASL verb agreement. In: Karen EMMOREY, K.; REILLY, J. S. (Orgs.) **Language, Gesture, and Space**. NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1995. p. 255-286.
- KEENAN, E. L. Towards A Universal Definition Of "Subject" In: LI, C. (Org.). **Subject and Topic**. New York: Academic Press. 1976. p. 303-333.
- LEHLANN, C. On the function of agreement. In: BARLOW, M.; FERGUSON, C. (Orgs.) **Agreement in Natural Language**. Stanford: CSLI, 1988. p. 55-65.
- LIDDELL, S. **Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language**. New York: Cambridge University Press, 2003.
- LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory. In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. (Orgs.). **Theoretical Issues in Sign Language Research**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1990. p. 191-210.
- MARENETTE, P.; VOGELSANG, N.; PIKA, S.; NICOLADIS, E. **The transparency of iconic gestures**: Differences in viewpoint and language modality. Trabalho apresentado ao TISLR 9, Florianópolis, 2006.
- MEIER, R. Person deixis in American Sign Language. In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. (Orgs.). **Theoretical issues in sign language research**. Chicago: University of Chicago Press, 1990. p. 175-190.
- MEIR, I. **A cross-modality perspective on verb agreement**. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 20, 2002. p. 413-450.
- MEIR, I. Syntactic-semantic interaction in Israeli Sign Language verbs. In: **Sign Language and Linguistics**, v. 1, 1998. p. 3-38.
- MEIR, I. **Thematic structure and verb agreement in Israeli Sign Language**, Tese de Doutorado-Hebrew University: Jerusalem, 1998.
- MEIR, I. **Spatial Grammar in Signed and Spoken Languages: Modality Effects on Grammatical Structure**. Trabalho apresentado ao TISLR 8, Barcelona, 2004.
- MEIR, I.; SANDLER, W. **A Language in Space: The Story of Israeli Sign Language**. New York: Lawrence Erlbaum Associates.
- MEIR, I.; PADDEN, C.; ARONOFF, M.; Sandler, W. **Body as subject**. Em andamento, 2007.
- PADDEN, C. **Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language**. Outstan-

- ding Doctoral Thesis in Linguistics, New York: Garland Press, 1988.
- PIZUTTO, E. The verb system in Italian **Sign Language**. In: TERVOORT, B. (Org.). *Signs of Life: Proceedings of the Second European Congress on Sign Language Research*, Amsterdam: The Dutch foundation for the Deaf and Hearing Impaired Child, The University of Amsterdam and the Dutch Council of the Deaf, 1986. p. 17-31.
- RUSSO, T. Iconicity and Productivity in Sign Language Discourse: An Analysis of Three LIS discourse registers. *Sign Language Studies*, v. 4, 2004. p. 164-197.
- SANDLER, W.; MEIR, I.; PADDEN, C., ARONOFF, M. The emergence of grammar: Systematic structure in a new language. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 102(7), 2005. p. 2661-2665
- SUPALLA, T. **Structure and Acquisition of Verbs of Motion in American Sign Language**. Tese de Doutorado—University of California at San Diego, 1982.
- TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In: SHOPEN, T. (Org.). **Language typology and syntactic description: Grammatical categories and the lexicon**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 3, 1985. p. 57-149.
- TALMY, L. How language structures space. In: PICK, H.; ACREDOLO, L. (Orgs.) **Spatial orientation: Theory, research and application**. New York, Plenum, 1983.
- TALMY, L. **Towards a Cognitive Semantics**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000.
- TAUB, S. F. **Language from the body: Iconicity and metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- WILBUR, R. B. Complex Predicates involving Events, Time and Aspect: Is this why sign languages look so similar? In: QUER, J. (Org.). **Theoretical issues in sign language research**.

# A realização morfológica dos campos semânticos<sup>1</sup>

*Irit Meir*

Universidade de Haifa, Israel

## 1. Introdução

Apesar de o léxico às vezes se referir a ‘uma coleção de formas idiossincráticas’, também já foi apontada a existência de uma série de regularidades e generalizações que se mantêm entre itens lexicais.

Restringindo-nos aos verbos, essas relações sistemáticas de significados podem se referir a noções de aspecto, como, por exemplo, a perfectividade, telicidade e estaticidade; a operações de mudança de valência, como a causativização, passivização e reflexivização e a extensões metafóricas sistemáticas entre campos semânticos diferentes, como, por exemplo, o uso de itens lexicais espaciais para denotar noções temporais ou de posse (RAPPAPROT-HOVAV & LEVIN (doravante RH&L) 1998).

Muito frequentemente, relações sistemáticas de significado entre palavras são codificadas morfológicamente. Muitas línguas faladas possuem marcadores morfológicos para marcar noções de aspecto ou para ope-

rações de mudança de valência. Em russo, por exemplo, um verbo télico pode derivar de um verbo atélico por afixação, como em (1). Em hebraico, muitas operações de mudança de valência são codificadas usando-se padrões verbais diferentes (os chamados *binyanim*), exemplificados em (2). Em tais casos, parece existir algum tipo de paralelismo entre a morfologia e a semântica, no sentido de que a complexidade morfológica corresponde à complexidade semântica.

1. Russo: *pit* (‘beber’, atélico), *vypit* (‘beber tudo’, télico)
2. Hebraico: *zaz* (‘mover-se’, intransitivo) – *heziz* (‘mover’, causativo); – *huzaz* (‘ser movido’)

Entretanto, o terceiro tipo de relações semânticas, as extensões metafóricas sistemáticas sobre campos semânticos distintos, não se encontra morfológicamente codificado em línguas faladas. Por exemplo, um verbo como *ir* e as preposições *de* e *para* (em 3a-c abaixo) são sistematicamente polissêmicos, quan-

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Lincoln Paulo Fernandes, Lautenai Antonio Barthalamei Junior, Jose Rodolfo da Silva



do usados nos campos semânticos espaciais, de posse e identificação (GRUBER, 1965 e JACKENDOFF, 1990/2002).

3. a. The messenger *went from* Paris *to* Istanbul [O mensageiro foi *de* Paris *para* Istanbul].
  - b. The inheritance finally *went to* Fred [A herança finalmente foi *para* Fred].
  - c. The light *went from* green *to* red [A luz foi *do* verde *para* o vermelho].
- (JACKENDOFF, 2002, p. 356)

Em (3a), o verbo denota movimento real ao longo de uma trajetória. Em (3b-c), não existe movimento real; ao invés disso, o verbo expressa que o argumento sujeito sofreu algum tipo de mudança: mudança de possuidores em (3b) e mudança de propriedades em (3c). O sentido específico de *ir*, em cada uma dessas frases, é inferido pela natureza dos complementos das preposições *de* e *para* (locações, possuidores ou propriedades, respectivamente). Usando a terminologia de Jackendoff, podemos dizer que cada frase denota um evento em um campo semântico específico: espacial, de posse e identificação, respectivamente. É o campo semântico específico que determina a interpretação especial de *ir*, *de* e *para*. Entretanto, apesar de as relações de significado entre itens lexicais em diferentes campos serem sistemáticas e ocorrerem em muitos itens lexicais dentro de uma língua e em muitas línguas, tais relações não são codificadas morfológicamente. Essa não é, absolutamente, uma peculiaridade do inglês. RH&L (1998, p. 264) afirmam que “não conhecemos língua alguma na qual a forma morfológica de um verbo reflete o campo semântico em que ele está sendo usado”. Essa afirmação aponta uma lacuna na relação entre morfologia e semântica. Apesar de as no-

ções semânticas relacionadas a aspecto ou a valência serem expressas com frequência na morfologia, os traços dos campos semânticos não o são.

Neste trabalho, argumento que a Língua de Sinais Israelense (LSI), como uma representante das línguas de sinais em geral, constitui precisamente uma língua de tal tipo, isto é, uma língua em que as propriedades morfológicas de um verbo refletem e são determinadas pelo campo semântico em que ele está sendo usado. Com essa afirmação, não quero dizer que há um morfema específico na língua codificando o campo semântico ou indicando uso metafórico. Ao invés disso, diferentes campos semânticos possuem diferentes propriedades morfológicas na LSI, que são refletidas nas propriedades morfológicas dos verbos utilizados nesses campos.

Primeiramente, analiso as várias manifestações dos campos semânticos nas línguas faladas (Seção 2) e, então, examino as propriedades morfológicas de cada um dos campos na LSI (seções 3-6). A Seção 7 investiga as implicações da análise para teoria lingüística em geral.

## 2. Efeitos do campo semântico nas línguas faladas

Antes de considerarmos a LSI, vamos primeiro examinar como os diferentes campos semânticos se manifestam na estrutura lingüística das línguas faladas. Os exemplos aqui apresentados são da língua inglesa, mas fenômenos similares são confirmados em outras línguas faladas. O termo ‘campo semântico’ é usado aqui no sentido da teoria léxico-semântica de Jackendoff (1990, 2002), na qual uma situação é codificada em termos de funções conceituais nucleares, ao redor das quais

situações são organizadas, tais como SER, FICAR, IR, os argumentos dessas funções e um traço de campo semântico. As funções conceituais especificam o tipo de situação expressa pelo predicado e determinam os (número e tipo de) argumentos que participam do evento. O traço de campo semântico “...determina o caráter dos argumentos o tipo de inferências que podem ser feitas.” (Jackendoff 2002, p. 360, ênfase minha). A estrutura semântica de um predicado é dada em um esquema de Estrutura Lexical Conceitual (ELC).

Analisemos um grupo de frases expressando um evento de MUDANÇA em quatro campos semânticos diferentes (as três primeiras sentenças foram apresentadas acima (3a-c) e são repetidas aqui por conveniência):

4. a. The messenger *went from* Paris *to* Istanbul [O mensageiro *foi de* Paris *para* Istanbul]. [localização]
  - b. The inheritance finally *went to* Fred [A herança finalmente *foi para* Fred]. [posse]
  - c. The light *went from* green *to* red [A luz *foi do* verde *para* o vermelho]. [identificação]
  - d. The meeting was changed *from* Tuesday *to* Monday [A reunião foi mudada *de* terça-feira *para* segunda-feira]. [temporal]
- (JACKENDOFF, 2002, pp. 356-357)

Todas essas frases denotam um evento de MUDANÇA: o sujeito de cada frase sofre algum tipo de mudança; está sendo caracterizado como estando no estado 1 no início do evento e estado 2, no fim. Isso é representado esquematicamente pela ELC em (5), onde a mudança é capturada pela função IR e os estados 1 e 2 pelos argumentos das funções DE e PARA:

5. IR (X, [<sub>Trajectoria</sub> DE (Y) PARA (Z)])

As frases em (4a-d) diferem em relação à natureza dos argumentos, ou seja, as variáveis na ELC. Isso é determinado pelo campo semântico específico, conforme resumido na Tabela 1:

O campo semântico	X	Y e Z
Espacial	Um objeto	Locações
Posse	Um objeto (concreto ou abstrato)	Seres humanos (possuidores)
Temporal	Um evento	Pontos no tempo
Identificação	Entidade	Propriedades da entidade

**Tabela 1: A natureza dos argumentos em diferentes campos semânticos**

Além de determinarem a natureza dos argumentos, os campos semânticos frequentemente determinam escolhas lexicais específicas. Por exemplo, em frases denotando estados em inglês, cada campo semântico emprega uma preposição diferente (ou nenhuma), conforme ilustrado em (6a-d). A escolha de verbo pode variar, também dependendo do campo: o verbo *ir* é usado nos campos espacial, de posse e identificação, conforme as sentenças (4a-c) acima mostram, mas no campo temporal, um verbo diferente é usado, ser-movido ou ser-mudado (ibid., p. 359):

6. Escolha de preposições:
  - a) The book is *in* the drawer [O livro está *na* gaveta].
  - b) The meeting is *on* Monday [A reunião é *na* segunda-feira].
  - c) The money is *with* Fred.(?)[O dinheiro está *com* Fred]
  - d) The light is  $\emptyset$  green [A luz é  $\emptyset$  verde].
7. Escolha do verbo:
  - a) He *went* to Istanbul [Ele foi para Istanbul].

b) The meeting (*\*went*) *was changed* from Tuesday to Wednesday [A reunião (*\*foi*) *foi mudada* de terça-feira para quarta-feira.

(JACKENDOFF, 2002, p. 359)

Outra diferença entre os campos está na variedade de preposições que podem ser usadas. O campo semântico espacial permite distinções graduais mais finas (exemplificadas em 8), enquanto outros campos são muito mais restritos (9-11).

8. He went *to/towards/in the direction of/closer to* the hill [Ele foi para a/rumo à/na direção da/mais perto da colina].
9. He gave the book *to/\*towards/\*in the direction of/\*closer to* Tom [Ele deu o livro para/\*rumo a/\*na direção de/\*mais perto de Tom].
10. The light changed *to/\*towards/\*in the direction of/\*closer to* green [A luz mudou para/\*rumo ao/\*na direção do/\*mais perto do verde].
11. The meeting was moved *to/ closer to /\*towards/\*in the direction of* Monday [A reunião foi mudada para/\*rumo a/\*mais perto de/\*em direção a segunda-feira].

Jackendoff atribui esta diferença à natureza do campo semântico em questão. Ele afirma (ibid., p.361) que posse, por exemplo, diferentemente de espaço, é descontínua; não existem pontos intermediários entre um possuidor ou outro. Conseqüentemente, os únicos pontos especificáveis na ‘trajetória’ de posse são os pontos iniciais e finais, ou seja, o possuidor anterior e o possuidor futuro.

Assim, vêem-se os efeitos dos campos semânticos em português, principalmente no tipo de argumentos e possíveis inferências, nas escolhas lexicais e em alguns aspectos

da estrutura sintática das sentenças. Não há efeito algum na forma dos verbos. Agora passamos a considerar uma língua em uma modalidade diferente, a modalidade visual-espacial, e examinamos os efeitos dos campos semânticos nesta língua. Minha tese é que em línguas visual-espaciais, ilustradas aqui pela LSI, os efeitos de campo semântico são também manifestados na morfologia dos verbos. A razão disso é que cada campo semântico tem propriedades morfológicas distintas, que determinam, pelo menos, algumas das propriedades morfológicas dos verbos e predicados naquele campo. Essas propriedades estão relacionadas a dois fatores: 1. o fato de loci-R estarem ou não sendo empregados; 2. a natureza do uso do espaço. As três próximas seções examinam as propriedades morfológicas dos quatro campos semânticos na LSI, com relação a esses fatores.

### 3. Campos espaciais e de posse na LSI

Os verbos que denotam mudança nos campos semânticos espaciais e de posse apresentam grande semelhança morfológica. Nos dois tipos de verbos, os pontos iniciais e finais não são lexicamente especificados, mas são, na verdade, determinados por locações no espaço associadas com os argumentos do verbo. Esses pontos, freqüentemente chamados de loci-R, determinam a direção do movimento de trajetória do verbo. Os loci-R são cruciais ao sistema referencial das línguas de sinais e são muito importantes para entender as propriedades morfológicas dos diferentes campos semânticos. Por essa razão, eles são descritos mais detalhadamente aqui.

Nas línguas de sinais, nominais em uma oração são associados com locações discretas no espaço, chamados de loci-R (referenciais).

Essa associação normalmente é estabelecida sinalizando-se uma frase nominal e, então, apontando ou direcionando o olhar para um ponto específico no espaço<sup>2</sup>. Esses loci-R são usados para referências anafóricas e pronominais para os nominais associados a eles e são, assim, compreendidos como a manifestação visual dos traços pronominais dos nominais em questão (vide, entre outros, Bahan 1996, Janis 1992, Klima e Bellugi 1979, Lillo-Martin e Klima 1990, Meier 1990). Observe, entretanto, que essas locações não são determinadas por categorias de traços, como, por exemplo, gênero ou classe de substantivo. Cada argumento é designado seu próprio locus-R e assim ele pode ser compreendido mais como um indicador do que como um complexo de traços. Línguas de sinais, então, têm índices R manifestos (Lillo-Martin e Klima, 1990).

Além de sinais pronominais, verbos que denotam movimento (mudança de localização) e transferência (mudança de posse)<sup>3</sup> também se utilizam do sistema de loci-R: os pontos iniciais e finais dos verbos não são lexicamente especificados. Ao invés disso, eles são determinados em cada discurso com as locações no espaço associadas com os loci-R estabelecidos para os argumentos de origem e alvo do verbo. O movimento de trajetória do verbo, então, é do locus-R associado com o argumento de origem para aquele associado com o argumento alvo.

As duas frases em LSI abaixo (12-13) denotam uma mudança de localização e uma mudança de posse. Em ambas, os argumentos estão associados com locações específicas

no espaço e a trajetória do verbo se move da localização de origem à localização do alvo.

12. JERUSALÉM INDICADOR<sub>a</sub>, TEL-AVIV INDICADOR<sub>b</sub>, CARRO<sub>a</sub> TRAJETÓRIA<sub>b</sub>.  
‘The car went from Jerusalem to Tel-Aviv.’  
[O carro foi de Jerusalém para Tel-Aviv].
13. BOY INDEX<sub>a</sub>, GIRL INDEX<sub>b</sub>, BOOK<sub>a</sub> GIVE<sub>b</sub> [GAROTO INDICADOR<sub>a</sub>, GAROTA INDICADOR<sub>b</sub>, LIVRO<sub>a</sub> DAR<sub>b</sub>].  
‘The boy gave the book to the girl’ [O menino deu o livro para a menina].

Os dois sinais de apontar em (12), INDICADOR<sub>a</sub> e INDICADOR<sub>b</sub>, estão associados com referentes locativos, ou seja, locações. Os mesmos dois sinais em (13) estão associados com referentes humanos, dois possuidores (anterior e futuro possuidor) no evento (*giving event*) representado na frase. Em ambas as frases, o predicado é um sinal cujo movimento de trajetória é variável, no sentido que seus pontos iniciais e finais são determinados pelos pontos no espaço estabelecidos pelos sinais de INDICADOR. E em ambas as frases, a trajetória se desloca da origem para o alvo.

Ambos os campos semântico, espacial e de posse, então, utilizam loci-R de um modo semelhante. Em verbos dos dois campos, os pontos iniciais e finais são associados com loci-R dos argumentos de origem e alvo dos verbos (Meir, 2002). Contudo, existem diferenças importantes entre os dois campos. Essas diferenças estão relacionadas ao uso do espaço. No campo semântico espacial, o espaço sinalizado é interpretado como uma representação análoga do espaço do mundo

<sup>2</sup> O sinal de apontamento é freqüentemente glosado como INDICADOR e o subscrito que o acompanha indica um ponto específico no espaço.

<sup>3</sup> Os verbos de movimento e de transferência são, freqüentemente, denominados ‘verbos espaciais’ e ‘verbos de concordância’, respectivamente, com base na classificação de verbos na ASL, proposta por Padden (1988).

real, que é contínuo. No campo semântico de posse, o espaço sinalizado consiste de pontos discretos/sub-partes. Essa diferença, entre um uso contínuo e discreto do espaço, determina a interpretação da relação entre os loci-R e as possíveis formas do movimento de trajetória do verbo.

As diferenças entre os dois usos do espaço podem ser ilustradas pelo seguinte exemplo: Considere dois loci, A e B, no espaço de sinalização. Em (a) esses loci correspondem a lugares, enquanto em (b) eles correspondem a pessoas<sup>4</sup>.

14.           o           o                           o  
                  A           C                           B

a) A=Jerusalém                           B=Tel-Aviv  
I LIVE INDEX<sub>A</sub> [EU MORO INDICADO-R<sub>A</sub>]. 'I live in Jerusalem' [Eu moro em Jerusalém].

b) A=John                                B=Mary  
INDEX<sub>A</sub> HAPPY [INDICADOR<sub>A</sub> FELIZ].  
'He (John) is happy' [Ele (John) é feliz].

A diferença entre os dois tipos de pronome aparece quando o sinalizante aponta para o ponto C, uma locação próxima, mas não idêntica ao ponto A. No caso de (b), essa variação fonética não resulta em uma mudança do significado da frase. Contudo que o ponto C esteja mais perto de A do que B, a frase ainda significaria 'John is happy' [John é feliz]. No caso de (a), entretanto, a frase teria um significado diferente: 'I live in a place between Jerusalem and Tel-Aviv which is clo-

ser to Jerusalem' [Eu moro em um lugar entre Jerusalém e Tel-Aviv que é mais perto de Jerusalém]. A diferença entre (a) e (b) quando se aponta para C, ao invés de A, enfatiza as naturezas díspares dos dois usos do espaço. Essa diferença se manifesta em vários aspectos do comportamento morfológico dos loci-R e dos verbos nos dois campos, conforme os itens (i-iv) descrevem:

- I. Variações fonéticas: Variações nas próprias formas dos sinais de apontar, ou seja, apontar para locações perto umas das outras, mas não para a mesma localização, são interpretadas como variações fonéticas no caso de pronomes pessoais, mas como distinções de significado, no caso de pronomes locativos, conforme ilustrado acima<sup>5</sup>.
- II. Expressão de relações espaciais: Formas locativas expressam relações espaciais, enquanto formas pronominais pessoais não o fazem. Por esta razão, loci associados a referentes pessoais não implicam em nenhuma relação espacial entre esses referentes; mas com referentes locativos, a posição relativa com relação aos mesmos é representativa das relações espaciais entre eles.
- III. O espaço entre dois loci: Já que formas locativas expressam relações espaciais, quando dois loci locativos são estabelecidos, supõe-se, necessariamente, que existe um espaço entre eles. Assim, a noção 'entre x e y' está implicitamente expressa (Janis 1992, p. 137). Em outras palavras, o espaço entre dois pronomes locativos é significativo e pode ser posteriormente

<sup>4</sup> Este exemplo é baseado no exemplo de Janis para a ASL (Janis 1992;135), mas ele é, também, válido para a ISL.

<sup>5</sup> Esta diferença foi mencionada por Padden (1988) como o critério mais evidente para a distinção entre os verbos de concordância e os verbos espaciais, mas ela é, também, válida para os pronomes, conforme apontado por Janis 1992.

mencionado no discurso. No caso de pronomes pessoais, por outro lado, o espaço entre dois pronomes não carrega significado.

IV. Apresentando um novo locus: Dado que o espaço entre dois pronomes locativos é significativo e, de certo modo, implícito, há também a implicação de que existem outros loci naquele espaço. Conseqüentemente, quando o sinalizante aponta para um novo locus não mencionado anteriormente (como o ponto C, no exemplo acima), esse locus é interpretado em relação às ligações espaciais previamente estabelecidas que se mantêm entre A e B. Ou seja, é interpretado como um ponto (ou uma localização) entre A e B, mas mais próxima de A. A situação é diferente quando A e B são associados a referentes não-locativos: o espaço entre A e B não é significativo. Por esta razão, outros loci não estão comprometidos. Quando se aponta para um novo locus, existem duas possibilidades: ou o novo ponto é compreendido como uma dos loci existentes (se está mais próximo de um do que do outro), ou o outro locus não é interpretável, já que não foi associado a referente algum.

V. Modificação do movimento da trajetória: O movimento de trajetória dos verbos espaciais pode ser modificado para refletir a forma da trajetória empreendida por uma entidade, como, por exemplo, zigue-zague, círculos, subindo, descendo

etc. A trajetória na mudança de verbos de posse não pode ser modificada dessa forma. Ela tem uma forma estável, especificada para cada registro lexical. Por exemplo, os verbos SEND [ENVIAR] e HELP [AJUDAR] têm um movimento de trajetória retilíneo; GIVE [DAR], SAY [DIZER] e ASK [PERGUNTAR] possuem um movimento de trajetória curvado; os verbos TEACH [ENSINAR] e EXPLAIN [EXPLICAR] possuem um curto movimento duplo. Não é possível mudar os traços de movimento inerentes desses verbos<sup>6</sup>.

VI. A relação entre a trajetória e os loci-R: No domínio espacial, se o movimento de trajetória não alcançar o ponto B, a interpretação é que a entidade em movimento não alcançou o local associado com B. No domínio de posse, o que é importante é a direção geral da trajetória. Se ela realmente começa em A ou termina em B não resulta em mudança de significado.

Apesar de existirem distinções claras entre os dois usos do espaço, eles podem se sobrepor. Primeiramente, quando os referentes estão presentes, os sinais de apontar são direcionados aos seus locais reais. Em tais casos, as variações fonéticas dos sinais de apontar (por exemplo, apontar na direção próxima ao local de um referente) são mais provavelmente interpretadas como distintivas do que quando os referentes não estão presentes. Ou seja, apesar de os sinais serem usados para re-

<sup>6</sup> Uma outra modulação possível é a altura da trajetória. Como observado por Liddell (1990) para a ASL e válida, também, para a ISL, quando um dos argumentos é mais alto que o outro, a trajetória partirá de um R-loci mais baixo para um mais alto, ou o inverso. Por exemplo, quando os argumentos do verbo ASK (PERGUNTAR) são uma mãe e uma criança, a trajetória do verbo é de um ponto mais alto para um ponto mais baixo, se a mãe estiver fazendo uma pergunta para a criança e de um ponto mais baixo para um ponto mais alto, no caso inverso.



ferir a pessoas e não a lugares, o uso do espaço parece ser contínuo, ao invés de discreto, nesses casos.

Em segundo lugar, às vezes um evento envolve tanto uma mudança de movimento quanto de posse. Por exemplo, uma frase como ‘*Mary handed Harry the book*’ [Mary entregou o livro para Harry]. Em tais casos, o verbo talvez exiba tanto uso contínuo quanto discreto do espaço, dependendo do que está sendo enfatizado, a mudança de localização ou de posse (Meir 1998).

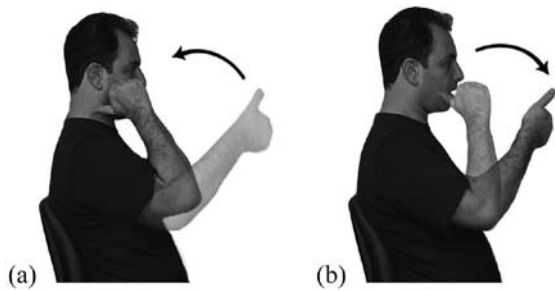
Em suma, verbos no campo semântico espacial e no campo semântico de posse compartilham uma estrutura morfológica comum: em ambos os campos, as especificações fonológicas para os pontos de início e fim são determinados por loci-R associados ao argumento do verbo e a direção do movimento de trajetória se dá da origem para o alvo. Eles diferem no modo como utilizam o espaço. No domínio espacial, o espaço é contínuo; os loci-R são parte de um continuum; desta forma, ao se estabelecer loci-R, o continuum entre eles também é estabelecido. Outros pontos nesse continuum e a relação entre diferentes pontos dentro dele (o sentido de ‘entre’) estão todos contidos naquele sistema. No domínio de posse, por outro lado, o espaço é composto de sub-partes discretas: cada locus-R representa uma unidade independente discreta. Portanto, o que importa é que os loci são distintos entre si, mas o arranjo espacial e a relação entre as unidades é irrelevante.

#### 4. Campo semântico temporal

Em muitas línguas, conceitos temporais são freqüentemente construídos usando-se expressões espaciais, como preposições espaciais e verbos de movimento, por exemplo, *the coming year* [o ano seguinte], *the time ahead of us* [o tempo a nossa frente], *the worst period is behind us* [o pior período já passou], *a year ago* [um ano atrás]<sup>7</sup>. As línguas de sinais, como línguas articuladas no espaço, podem incorporar essas noções espaciais nas próprias formas dos sinais. Em muitas línguas de sinais, itens lexicais que denotam conceitos temporais são localizados em uma linha do tempo imaginária, uma linha horizontal na altura do rosto ou do ombro. Nessa linha, o corpo do sinalizante constitui um ponto de referência denotando o presente. O passado é conceituado como a área atrás do ombro ou rosto, enquanto o futuro ocupa a área à frente do sinalizante. A direção do movimento em sinais, que denota conceitos de tempo, expressa relação temporal. Um exemplo pode ajudar. Os sinais YESTERDAY [ONTEM] e TOMORROW [AMANHÃ] na Figura 1a-b são um par mínimo. Eles têm a mesma configuração de mão e localização, mas diferem na direção do movimento. Em YESTERDAY a mão se move para trás e em TOMORROW a mão se move para frente. Outros pares de sinais em LSI são também diferenciados de maneira similar pela direção da trajetória, por exemplo, ‘last week/year’ [semana/ano passado] versus ‘next week/year’ [semana/ano que vem]<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Lyons (1977:718) observa que “a espacialização do tempo é um fenômeno tão óbvio e difundido na estrutura gramatical e lexical de tantas línguas do mundo que ela tem sido freqüentemente observada, mesmo por pesquisadores que não aceitam a hipótese de localismo”.

<sup>8</sup> Para uma análise detalhada do uso da linha de tempo em expressões temporais na ASL, ver Taub 2001, cap. 7.



**Figura 1: (a) YESTERDAY [ONTEM] (b) TOMORROW [AMANHÃ]**

Visto que noções e relações temporais são expressas como movimento em uma linha temporal, pode-se esperar que a estrutura dos sinais que denotam mudança no tempo seria muito similar à dos verbos denotando mudança de localização, já que mudança de tempo poderia ser expressa como uma mudança de localização espacial numa linha de tempo imaginária. E, de fato, existem algumas similaridades na estrutura dos verbos nesses dois domínios; em ambos o sinal consiste de um movimento de trajetória cuja direção é variável. Entretanto, também existem diferenças importantes. Essas diferenças se originam de dois fatos: (a) na LSI, as expressões temporais não são localizadas e (b) a natureza do espaço é diferente: expressões temporais, diferentemente das espaciais, são localizadas em eixos específicos no espaço, não em um espaço tridimensional.

Veamos uma frase na LSI que expressa um evento de MUDANÇA no domínio espacial, ou seja, re-agendando um evento no tempo:

15. MEETING TOMORROW INDEX<sub>a</sub> POSTPONE NEXT-WEEK [REUNIÃO AMANHÃ INDICADOR<sub>a</sub> ADIAR SEMANA-QUE-VEM].

‘The meeting was postponed from tomorrow to next week’ [A reunião foi adiada de ama-

nhã para semana que vem] (ou – ‘The meeting scheduled for tomorrow was postponed to next week’ [A reunião agendada para amanhã foi adiada para semana que vem]).

Como é evidente pelas glosas da LSI, as expressões temporais TOMORROW [AMANHÃ] e NEXT-WEEK [SEMANA-QUE-VEM] não são associados aos loci-R no espaço. Portanto, os pontos iniciais e finais do verbo não podem ser determinados por associações com os loci-R previamente estabelecidos. A direção do movimento de trajetória do verbo é determinada pelo seu significado. Visto que o verbo POSTPONE [ADIAR] significa ‘mover para frente no tempo’, a direção se dá do corpo do sinalizante para frente, ou seja, de um ponto proximal do sinalizante para um ponto distal. O movimento de um ponto distal para um proximal tem o sentido de ‘adiantar’, movendo-se para trás no tempo. Os pontos iniciais e finais, então, não são associados aos loci específicos no espaço. Ao invés disso, é a relação espacial entre eles (proximal ou distal em relação ao corpo do sinalizante que codifica a direção da mudança temporal).

Alguns sinalizantes localizam o evento, a reunião em (15) (MEETING TOMORROW INDEX<sub>a</sub> [REUNIÃO AMANHÃ INDICADOR<sub>a</sub>]). A expressão temporal inicial é um modificador do substantivo (‘the meeting tomorrow’ [a reunião amanhã]) e não uma frase independente. O verbo, então, se move do locus-R associado ao evento ou para frente ou para trás, dependendo de o evento ter sido adiado (*postponed*) ou adiantado (*preponed*). Isso contrasta com os verbos de mudança de localização ou posse, onde a direção da trajetória é totalmente determinada pelas locações no espaço associadas aos argumentos de origem e de alvo.

As preposições *from* (de) e *to* (para) são usadas em inglês não apenas para expressar mudança no tempo (como em 16), mas, também, para expressar uma extensão de tempo (como em 17):

16. The meeting was moved *from* 2 *to* 4 [A reunião foi mudada das 2 para as 4].  
 17. The meeting is *from* 2 *to* 4 [A reunião é das 2 às 4].

A LSI difere nesse aspecto: para re-agendar eventos, o eixo ântero-posterior é usado (ou seja, um eixo perpendicular ao peito do sinalizante, como nas Figuras 2a-b). Uma extensão de tempo, por outro lado, é expressa por uso de um eixo lado-a-lado (o eixo paralelo ao peito da sinalizante, ilustrado na Figura 2c).

O campo semântico temporal, então, difere do espacial e de posse no sentido de que seus argumentos Y e Z não são localizados. Além disso, verbos nesse campo se movem em eixos específicos no espaço: o eixo sinalizador-para-frente e o eixo lado-a-lado. Na LSI, parece que nenhuma referência é feita a pontos específicos nesses eixos; o que importa é a relação entre os pontos iniciais e finais. Outras línguas de sinais, entretanto, podem exibir comportamentos diferentes. De acordo com Wilbur (no prelo, 17), na LSA .

Também é possível que o tempo do evento seja significativamente manipulado em contextos apropriados (18 [15 para ela]). Em (18b), a ocorrência final do sinal POSTPONE pode ser feito com dois mo-

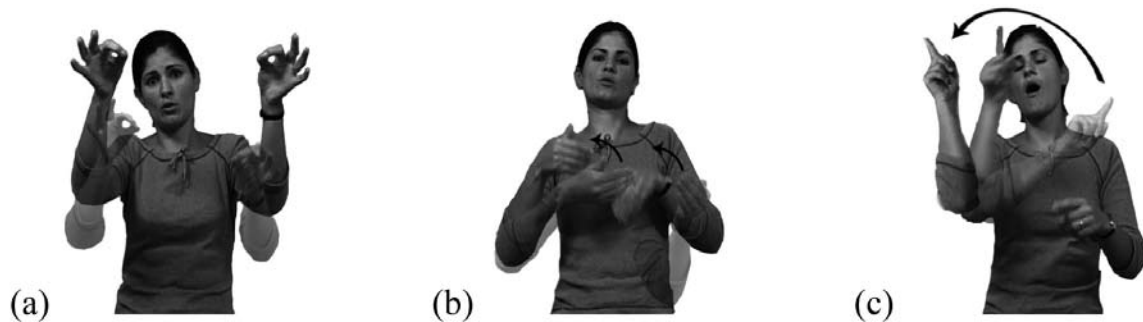


Figura 2: Eixos no espaço temporal: (a) POSTPONE [ADIAR], (b) PREPONE [ADIANTAR], (c) extensão de tempo.

vimentos para frente, um parando em um ponto ( $p_y$ ) significando uma semana e o segundo, em um ponto mais distal, significando duas semanas ( $p_z$ ). O contexto do discurso determina como esses pontos são interpretados no tempo (semanas, minutos, etc.).

18. a. WEDDING MUST  $_x$ POSTPONE $_y$   
 [CASAMENTO TER-QUE  $_x$ ADIAR $_y$ ].  
 The wedding had to be postponed [O casamento teve que ser adiado].

- b. ONE-WEEK TWO-WEEK WANT  
 $_x$ POSTPONE $_y$ WHICH  $_x$ POSTPONE $_{y,z}$  +  
 + [UMA-SEMANA DUAS-SEMANAS  
 QUERER  $_x$ ADIAR $_y$  QUAL  $_x$ ADIAR $_{y,z}$  + +]  
 ‘Do you want to postpone it for one week or two?’ [Você quer adiar por uma semana ou duas?].

Em ambas as línguas, porém, o domínio temporal utiliza-se de eixos específicos no espaço, ao contrário dos domínios espaciais e de posse, que empregam um espaço tridimensional, seja contínuo ou discreto.

## 5. Campo semântico de identificação: mudança de propriedades

As mudanças de propriedades nas línguas faladas são freqüentemente denotadas por verbos de mudança-de-estado (MDE): *blush* [enrubescer], *redden* [avermelhar], *get well* [melhorar]. Um verbo de MDE codifica, como parte de seu significado, o estado final do argumento que passa pela mudança. O verbo *redden*, por exemplo, especifica que um referente alcançou o estado de estar vermelho. O estado inicial está contido e pode ser caracterizado como “Estado não Final”. Ou seja, verbos de MDE só podem significar ‘mudar de não-A para A’. O verbo *redden* só pode significar ‘mudar de não-vermelho para vermelho’; não pode significar ‘mudar de amarelo ou de qualquer outra cor para vermelho’ (CARTER, 1976). Quando expressam um evento de mudança onde os estados finais e iniciais não são valores opostos da mesma propriedade, as línguas faladas freqüentemente usam um padrão espacial, no qual os estados iniciais e finais são marcados como origem e alvo, respectivamente, pelas preposições *from* e *to* (ou *into*, em alguns casos), como em (19-22):

19. The light went *from* green *to* red [A luz foi do verde para o vermelho].
20. Things went *from* bad *to* worse [As coisas foram de mal a pior].
21. The witch turned the frog *into* a prince [A bruxa transformou o sapo em um príncipe].
22. He changed *from* this nice young guy *into* a horrible nerd [Ele mudou de um jovem simpático para um idiota horrível].

Em tais frases, a mudança de propriedade é conceituada em termos de mudança de

localização. De acordo com Lakoff e Johnson (1999, p. 52), nosso conceito de mudança de estado se baseia na experiência primária de movimento ao longo de uma trajetória, onde mudança de estado é percebida como parte de uma mudança de localização durante o movimento.

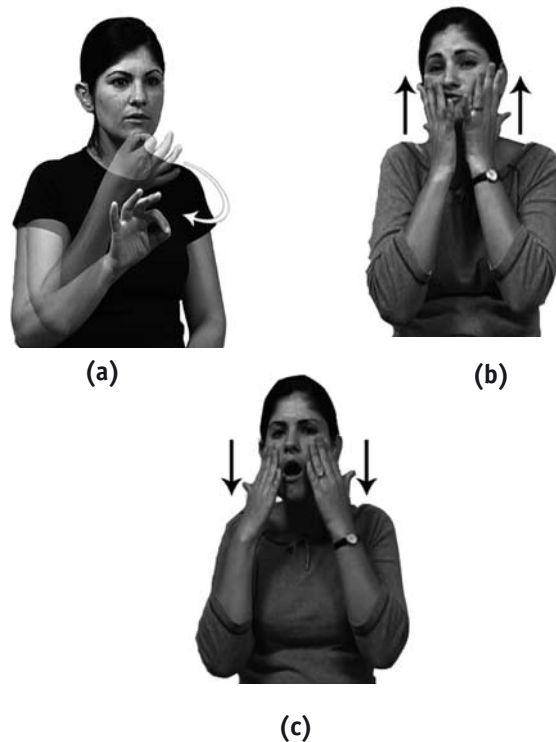


Figura 1: Verbo de MDE em LSI: (a) (GET)-BETTER, (b) BLUSH, (c) GET-PALE.

O que acontece quando não há um item lexical para expressar uma mudança específica de estado? Conforme os exemplos (19-22) mostram, a língua inglesa utiliza um modelo espacial. Se a LSI fosse utilizar meios espaciais para expressar mudança de propriedades, uma frase significando ‘The leaves turned from green to yellow’ [As folhas mudaram de verde para amarelo] tomaria a seguinte forma:

23. \*LEAVES, GREEN INDEX<sub>a</sub>, YELLOW INDEX<sub>b</sub>, CHANGE<sub>a</sub> PATH<sub>b</sub> [FOLHAS, VERDE INDICADOR<sub>a</sub>, AMARELO INDICADOR<sub>b</sub>, MUDANÇA<sub>a</sub> TRAJETÓRIA<sub>b</sub>]

Nessa sentença hipotética, o estado inicial GREEN está localizado no ponto (a), o estado final YELLOW no ponto (b) e a mudança de um para outro seria denotada por um sinal cujo movimento de trajetória é de (a) para (b). Conforme o asterisco indica, entretanto, essa sentença é agramatical na LSI. A agramaticalidade origina-se, primeiramente, do fato que os estados iniciais e finais não podem ser localizados. Isso pode ser parte de uma restrição geral na língua em que somente expressões referenciais podem ser localizadas. Os estados nas sentenças acima são predicados, não argumentos. Conseqüentemente, não são referenciais e, portanto, não podem ser localizados (Meir 2004). Qualquer locus-R estabelecido neste discurso seria interpretado como se estivesse associado à expressão referencial na sentença (LEAVES), ao invés de estar associada às suas propriedades. Além disso, visto que há somente uma expressão referencial na sentença, a mesma não pode conter dois loci-R, já que se espera que cada locus-R esteja associado a um referente diferente. Portanto, um modelo espacial não tem a função de expressar mudança de estado na LSI.

Como a língua expressa tais eventos, então? Há duas possibilidades. Uma é utilizar o verbo BECOME/CHANGE-TO [tornar-se/mudar para]. O estado final seria expresso como complemento do verbo e o estado inicial como um modificador do nominal que se refere à entidade sofrendo mudança, como em (24). A segunda, é utilizar um modelo temporal, onde os estados finais e iniciais são marcados pelos advérbios temporais THEN [então] e NOW [agora], como em (25-26):

24. LEAVES GREEN CHANGE YELLOW [FOLHAS VERDES MUDAM AMARELO].

'The green leaves turned yellow' [As folhas verdes ficaram amarelas].

25. DOCTOR INDEX<sub>a</sub> THEN FAT NOW CHANGE THIN [MÉDICO INDICADOR<sub>a</sub> ENTÃO GORDO AGORA MUDA FINO].

'The doctor that used to be fat has become thin' [O médico que costumava ser gordo ficou magro].

26. BOY INDEX<sub>a</sub> THEN SICK NOW HEALTHY [MENINO INDICADOR<sub>a</sub> ENTÃO DOENTE AGORA COM SAÚDE].

'The boy that was sick became healthy' [O menino que estava doente ficou bom].

Uma MUDANÇA de evento no domínio de identificação, então, difere consideravelmente dos tipos similares de eventos, em outros campos semânticos. Os verbos MDE possuem um movimento de trajetória invariante, completamente especificado no léxico. Ademais, os estados finais e iniciais (os argumentos Y e Z na LCS) não podem ser localizados. Portanto, nenhum meio espacial está disponível nesse domínio e a língua recorre à morfologia não espacial e à estrutura de frase para expressar uma mudança de evento de propriedade.

## 6. Resumo: As propriedades morfológicas dos quatro campos semânticos

Os verbos denotando MUDANÇA nos quatro campos semânticos examinados possuem propriedades morfológicas diferentes. Nos campos espaciais e de posse, as locações finais e iniciais dos sinais não são especificadas lexicalmente e são determinadas pelos loci-R dos argumentos origem e alvo (Y and Z) dos verbos. Esses loci, por sua vez, determinam a direção do movimento de



trajetória do verbo. A diferença entre os dois campos está nos seus usos de espaço – contínuo versus descontínuo. O espaço, no domínio espacial, é semelhante ao espaço do mundo real e, conseqüentemente, é contínuo. A relação espacial entre os loci-R representa a relação entre locações e o espaço entre essas locações é significativo. No domínio de posse, os loci-R representam referentes e não locações. As relações espaciais entre os loci-R não são significativas e nenhum espaço entre elas está envolvido.

Os campos temporais e de identificação não fazem uso dos loci-R; tanto expressões temporais quanto propriedades não podem ser localizadas. Portanto, frases denotando um evento de MUDANÇA nesses domínios não envolvem localização dos pontos iniciais e finais do evento. Ao invés disso, o referente sofrendo mudança (o argumento X no LSC) pode ser localizado, o ponto inicial (o argumento Y) é freqüentemente expresso como um modificador daquele nominal e o ponto final (o argumento Z), como um complemento do verbo. Assim, a estrutura das frases nesses domínios pode ser bastante similar. Os dois domínios diferem no uso do espaço. O domínio temporal faz uso de eixos no espaço, onde a direção do movimento do verbo codifica a ordem relativa (*sequencing*) dos eventos. Verbos no campo de identificação não possuem morfologia espacial alguma; seus movimentos de trajetória, se é que existem, são completamente especificados para cada verbo no léxico e não podem ser modulados para expressar movimento ao longo de diferentes trajetórias no espaço.

As propriedades morfológicas dos diferentes campos semânticos são resumidas na Tabela 2:

	Uso do espaço	Loci-R
Espacial	Contínuo, Semelhante	Locações
De posse	Descontínuo	Referentes
Temporal	Consiste de eixos	-----
De identificação	----- (sem uso direcional do espaço)	-----

**Tabela 2: Propriedades morfológicas dos campos semânticos**

## 7. Conclusões e conseqüências

O significado teórico da realização morfológica desses campos semânticos possui três dimensões. Primeiro, ela preenche uma lacuna na relação entre semântica e morfologia. Como apontado na Seção 1, das três relações sistemáticas de significado mencionadas em RH&L (1998), somente duas – relações de aspecto e de mudança de valência – são codificadas morfológicamente. O terceiro tipo, a polissemia sistemática de itens lexicais usados em diferentes campos semânticos, não é codificado morfológicamente nas línguas faladas. Contudo, como este trabalho demonstrou, essa polissemia sistemática de itens lexicais usados em diferentes campos semânticos é codificada em uma língua transmitida na modalidade visual-espacial, a LSI e, muito possivelmente, também em outras línguas de sinais. Isso sugere que nenhuma relação sistemática de significados entre os itens lexicais está livre, em princípio, de ser codificada em termos morfológicos. A questão ainda permanece com relação à razão pela qual somente as línguas de sinais codificam campos semânticos morfológicamente. Deixo essa questão em aberto, por enquanto. Provavel-



mente, isso está relacionado com o fato de as línguas de sinais serem articuladas no espaço e terem o espaço a seu dispor, para expressar relações espaciais, assim como outros tipos de relações que são metaforicamente construídas no domínio espacial. Entretanto, uma explicação completa e explícita para a questão ainda não foi formulada .

Segundo, formas morfológicas são frequentemente levadas em conta como evidência para a existência da categoria semântica específica expressa por essas formas. RH&L (1998, p. 260) afirmam, por exemplo, que a existência de morfemas em algumas línguas que expressam certas distinções semânticas (como telicidade) pode ser interpretada como evidência de suporte para análises que assumem a existência de entes primitivos semânticos correspondentes a tais distinções. De modo similar, as diferenças morfológicas entre as classes verbais em diferentes domínios semânticos na LSI podem ser interpretadas como suporte para teorias que assumem a existência dos campos semânticos, como Jackendoff (1990, 2002). Além disso, as propriedades morfológicas dos diferentes campos podem oferecer uma perspectiva melhor sobre suas propriedades. Por exemplo, Jackendoff sugere (2002, p. 361) que o ‘espaço’ de posse é descontínuo. Ele chega a essa conclusão apenas com base em possíveis inferências (“algo não pode estar no meio do caminho entre pertencer a A e pertencer a B”). Contudo, na LSI, essa diferença é explicitamente evidente no comportamento morfológico de verbos de transferência, em contraste com os verbos espaciais, assim oferecendo fortes argumentos a favor da sugestão de Jackendoff.

Terceiro, as distinções morfológicas entre os campos semânticos - uma vez identificadas - podem apoiar uma análise específica em de-

trimento de outra. Por exemplo, existe uma controvérsia com relação ao fato de verbos de MDE serem de natureza semelhante aos verbos de mudança de localização. Abordagens localistas, por exemplo, Andersen (1971), propõem uma análise unificada para os dois tipos de verbo. Jackendoff, em seus primeiros trabalhos (por exemplo, 1983), também defende uma análise unificada, mas muda sua abordagem em seus trabalhos posteriores (1990, 2002), onde ele sugere que os verbos de MDE têm uma função INC(oativa) em seus (LCSs) e não uma função IR. RH&L (2002, 2005) apresentam fortes argumentos demonstrando que os verbos de MDE diferem de outros tipos de verbos, do mesmo modo que seus argumentos semânticos são construídos na sintaxe. O fato de os verbos de MDE na LSI não terem morfologia espacial pode apresentar suporte adicional a uma análise não-locativa dos verbos de MDE e para sugerir análises diferentes para um evento de MUDANÇA no campo espacial, de posse e temporal e um evento de MUDANÇA no campo de identificação.

### Referências:

- ANDERSON, J.M. **The Grammar of Case: Towards a Localistic Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- BAHAN, B. **Non-manual Realization of Agreement in American Sign Language**. Tese de Doutorado—Boston University. 1996.
- CARTER, R. J. **Some constraints on possible words**. *Semantikos*, v. 1, 1976. p. 27-66.
- GRUBER, J. **Lexical structures in syntax and semantics**. North-Holland Linguistic Series, v. 25. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1976.
- JACKENDOFF, R. S. **Semantic and cognition**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1983.

- JACKENDOFF, R. S. **Semantic and cognition**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.
- JACKENDOFF, R. S. **Foundations of language**. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- JANIS, W. D. **Morphosyntax of the ASL verb phrase**. Tese de Doutorado – State University of New York at Buffalo, 1992.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in The Flesh, The Embodied Mind**. New York: Basic Books, 1999.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAY, M. **Argument realization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LIDDELL, S. Four Functions of a locus: Reexamining the structure of space in ASL. In: LUCAS (Org.) **Sign Language Research, Theoretical Issues**. Washington D.C, 1990. p. 176-200.
- LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory. In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. (Orgs.). **Theoretical Issues in Sign Language Research**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1990. p. 191-210.
- LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MEIER, R. Person deixis in American Sign Language. In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. (Orgs.). **Theoretical issues in sign language research**, Chicago: University of Chicago Press, 1990. p. 175-190.
- MEIR, I. **Thematic structure and verb agreement in Israeli Sign Language**, Tese de Doutorado– Hebrew University: Jerusalem, 1998.
- MEIR, I. Motion and Transfer: The Analysis of Two Verb Classes in Israeli Sign Language. In: DIVELY, V. (Org.). **Signed Languages: Discoveries from International Research**, Washington D.C, 2001. p. 74-87.
- MEIR, I. A **Cross-Modality Perspective on Verb Agreement**. NLLT, v. 20, p. 413-450, 2002.
- PADDEN, C.A. **Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language**. New York/London: Garland Publishing, 1983/1988.
- RAPPAPORT HOVAY, M.; LEVIN, B. Morphology and lexical semantics. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. (Orgs.) **Handbook of Morphology**. Oxford: Blackwell, 1998. p. 248-271.
- RAPPAPORT HOVAY, M.; LEVIN, B. **Change of state verbs: Implications for theories of argument projection**. BLS, v. 28, 2002. p. 269-280.
- TAUB, S. F. **Language from the body: Iconicity and metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- WILBUR, R. B. Complex Predicates involving Events, Time and Aspect: Is this why sign languages look so similar? In: QUER, J. (Org.). **Theoretical issues in sign language research**.

# Posse e existência em três línguas de sinais<sup>1,2</sup>

*Deborah Chen Pichler*

Gallaudet University

Deborah.Chen.Pichler@Gallaudet.edu

*Ronnie B. Wilbur*

Purdue University

wilbur@purdue.edu

*Katharina Schalber*

Sem afiliação institucional no momento

schalberk@yahoo.com

*Martina Vulje*

University of Zagreb

martina\_vulje@net.hr

*Julie Hochgesang*

Gallaudet University

Julie.Hochgesang@Gallaudet.edu

*Ljubica Pribanić*

University of Zagreb

ljubica@erf.hr

*Marina Milković*

University of Zagreb

mmilkov@erf.hr

## 1. Introdução

Este trabalho resulta de um estudo interlingüístico sobre estruturas possessivas e existenciais na Língua de Sinais Americana (ASL), na Língua de Sinais Austríaca (ÖGS) e na Língua de Sinais Croata (HZJ). Começaremos com uma descrição geral das construções relevantes produzidas pelos participantes deste projeto. Tal descrição incluirá uma comparação de características sintáticas e semânticas de diversas construções possessivas nas três línguas alvo, observando-se a ocorrência de padrões semelhantes nos corpora

utilizados. Em seguida, discutiremos a noção de que as construções possessivas e existenciais são sintaticamente relacionadas, não apenas entre si, mas também com as construções locativas. Essa é uma noção consolidada na literatura sobre a língua falada, tendo sido popularizada pela proposta sintática de Freeze (1992). Entretanto, ainda não se investigou a plausibilidade de estendê-la a dados relativos a línguas de sinais. Por fim, discutiremos as potenciais evidências de uma natureza locativa subjacente às construções possessivas e existenciais na ASL, na ÖGS e na HZJ, geradas a partir dos dados analisados.

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Ladjane Maria Farias de Souza, Alinne Balduino Pires Fernandes

<sup>2</sup> Este trabalho foi financiado pelo auxílio n. 0345314 da National Science Foundation. Agradecemos a todos os nossos participantes surdos pela contribuição para este projeto e a Ulrike Zeshan e seu grupo de pesquisa.

## 2. Metodologia

Nossos dados foram obtidos a partir de sujeitos surdos da Gallaudet University, Estados Unidos (6 sujeitos), Viena, Áustria (5 sujeitos) e Zagreb, Croácia (4 sujeitos). Os dados foram elicitados por meio de tarefas desenvolvidas para o estudo comparativo intitulado *Sign Language Typology<sup>3</sup>: Possession and Existentials*, dirigido por Ulrike Zeshan. Os sujeitos participaram de quatro “jogos” que visavam à produção de construções possessivas e existenciais. Uma breve descrição de cada uma destas tarefas encontra-se no Apêndice A deste relatório. Em alguns casos, os dados de elicitação foram complementados por consultas e discussões com sinalizantes nativos, a respeito de estruturas específicas (em diferentes níveis para cada equipe).

## 3. Descrição das construções possessivas e existenciais na ASL, na ÖGS e na HZJ

Nossos dados compreendem uma vasta gama de construções possessivas e existenciais, porém, apenas um subconjunto delas será discutido aqui. Este artigo enfoca as construções existenciais (por exemplo, *There is a problem; There is a man in the room*), locuções nominais possessivas (NP) (por exemplo, *my car; John's sister*) e a forma do verbo *have* nos predicados possessivos (por exemplo, *I have a car*).

### 3.1 Locuções nominais possessivas: Características estruturais

Encontramos estruturas possessivas na forma de locuções nominais nas três línguas alvo. Todas as três línguas empregam um pronome possessivo (glosado como POSS nos exemplos abaixo), formado pelo deslocamento da configuração de mão “B” em direção ao locus do possuidor<sup>4</sup>. A ordem canônica das palavras nas locuções nominais possessivas foi, em todos os casos, (Possuidor)-POSS-*Possessum*, com o sinal do possuidor aparecendo apenas quando necessário (por exemplo, por motivo de esclarecimento ou ênfase).

(1) POSS-1s CAR / AUTO / AUTO  
[ASL, ÖGS, HZJ]

poss-1s carro / carro / carro  
'my car'

(2) (MOM) POSS-3s COUSIN  
[ASL]

'Mom's cousin / her cousin'

(3) (VATER) POSS-3s BRUDER [ÖGS]

pai poss-3s irmão  
'my father's brother / his brother'

(4) (MAMA) POSS-3s MA□KA [HZJ]

Mãe poss-3s gato  
'Mom's cat / her cat'

Além dessa forma básica descrita acima, também observamos formas variantes de locuções nominais possessivas, inclusive uma

<sup>3</sup> N. do T.: *Tipologia da Língua de Sinais: Construções possessivas e existenciais*.

<sup>4</sup> Consulte o Apêndice B para ver uma foto da configuração de mão B do pronome possessivo, bem como de outros sinais possessivos e existenciais relevantes para este estudo.

na qual o pronome possessivo é substituído por pronomes pessoais correspondentes (5-7) ou totalmente suprimido (essa forma é chamada de estrutura de locução nominal possessiva “justaposta”, e está ilustrada nos exemplos 8-9).

- (5) (MOM) PRO-3s COUSIN [ASL]  
‘Mom’s cousin / her cousin’
- (6) PRO-2 OMA LEBEN NOCH? [ÖGS]  
pro-2 avó viver ainda  
‘Is your grandmother still living?’
- (7) PRO-2 BAKA PRO-2 [HZJ]  
pro-2 avó pro-2  
‘your grandmother’
- (8) VATER BRUDER [ÖGS]  
pai irmão  
‘the brother of (my) father’
- (9) MAJKA SESTRA [HZJ]  
mãe irmã  
‘the sister of (my) mother’

Na ASL, observamos uma quarta possibilidade de se construir locuções nominais possessivas empregando-se o sinal APOSTROPHE-S, originário do inglês escrito. É provável que essa forma tenha sido tomada de empréstimo pela ASL por meio do inglês sinalizado. No entanto, nossos informantes julgaram-na aceitável na ASL, particularmente em enunciados com posse reiterada, como no exemplo abaixo.

- (10) POSS-1 FATHER’S BROTHER’S WIFE [ASL]  
‘my father’s brother’s wife’

Os participantes austríacos e croatas não produziram estruturas possessivas do tipo mostrado em (10), embora ocorram empréstimos lexicais do alemão e do croata sinalizados para ÖGS e HZJ, respectivamente. Por isso, não podemos comentar sobre a frequência e a aceitabilidade de estruturas semelhantes tomadas de empréstimo pela ÖGS e pela HZJ.

### 3.2 Locuções nominais possessivas: Características semânticas

As locuções nominais possessivas dos corpora mostram algumas restrições estruturais, dependendo das características semânticas do possuidor e do *possessum*, assim como do tipo de posse entre eles (i.e. alienável vs. inalienável). Essas restrições são, com algumas exceções, notavelmente semelhantes para as três línguas alvo. A configuração mais básica para as locuções nominais possessivas em nossos dados é a que envolve a posse alienável de um *possessum* inanimado por um possuidor animado. O *possessum* pode ser concreto (11) ou abstrato (12). Expressões de posse inalienável entre um possuidor animado e um membro da família também são bastante aceitas nas três línguas alvo, conforme ilustrado nos exemplos (5-9) acima. Em todos esses casos, a estrutura da locução nominal possessiva pode ter a forma de quaisquer variações estruturais discutidas na seção 3.1.

- (11) POSS-1 AUTO [HZJ]  
poss-1 carro  
‘my car’
- (12) POSS-1 IDEJA [HZJ]  
poss-1 idéia  
‘my idea’

Há restrições estruturais em locuções nominais possessivas envolvendo a posse inalienável de uma parte do corpo por um possuidor animado (13-14). Neste caso, a forma justaposta é preferida, ou seja, a estrutura só é plenamente aceita quando não há pronome entre os sinais para possuidor e *possessum*. A mesma restrição se aplica nos casos em que há um possuidor inanimado, como na relação parte-todo, observada em (15). Essas restrições se mostraram mais claras nos dados da ASL e da ÖGS. Embora tenhamos alguma evidência de que as mesmas restrições possivelmente se aplicam à HZJ, no momento, não temos dados suficientes para determinar até que ponto elas são ativas. O primeiro quadro do Apêndice C resume nossas observações a respeito das características semânticas da ASL, da ÖGS e da HZJ.

- (13) SISTER (?POSS-3) NOSE [ASL]  
'my sister's nose'
- (14) MA□KA (\*POSS-3) BRKOVI [HZJ]  
gato poss-3 bigode  
'the cat's whiskers'
- (15) HAUS (\*POSS-3) DACH [ÖGS]  
casa poss-3 telhado  
'the house's roof'

### 3.3 Predicados possessivos

A seguir, passamos a tratar dos predicados possessivos ou possessivos em forma de orações. Eles podem ser classificados em duas subcategorias, dependendo do tipo de predicado usado para expressar posse na língua alvo. Analogamente ao que é observado nas línguas faladas, algumas línguas de sinais formam construções possessivas por meio de uma construção existencial, enquanto outras

exibem o padrão oposto, ou seja, expressam existência com um verbo possessivo. Como veremos, os dois padrões estão representados em nossos dados: a ASL e a HZJ usam um verbo, glosado como *have*, para formar construções possessivas e existenciais, enquanto a ÖGS usa um verbo, glosado como *exist*, para desempenhar as mesmas funções.

#### 3.3.1 Predicados possessivos na ASL e na HZJ: Características estruturais

Os predicados possessivos na ASL empregam o verbo possessivo HAVE (16). As construções possessivas negativas tendem a empregar a forma supletiva NONE (17). Embora nossos dados incluam exemplos de construções possessivas negativas formadas por NOT HAVE, tais exemplos foram posteriormente considerados como “soando inglês” por nossos informantes nativos e podem ter sido gerados pelas metodologias de elicitación usadas neste projeto. Na HZJ, a posse é expressa através do verbo IMATI *have* (18) e a forma negativa (também supletiva) é NEMATI *not-have* (19). Como as duas línguas – ASL e HZJ – obedecem à ordem canônica sujeito-verbo-objeto (SVO), a ordem de sinais mais comum para os predicados possessivos é Possuidor-HAVE/IMATI -*Possessum*, como mostram os exemplos abaixo.

- (16) PRO-1 HAVE CAR [ASL]  
'I have a car'
- (17) PRO-1 CAR NONE [ASL]  
'I don't have a car/ I have no car'
- (18) DJED IMATI KAPA SIVO [HZJ]  
velho-homem ter boné cinza  
'The old man has a grey cap'



- (19) PRO-1 NEMATI KU□A [HZJ]  
 pro-1 não-ter casa  
 'I don't have a house/ I have no house'

Além das estruturas de predicado possessivo discutidas acima, os participantes norte-americanos também produziram uma variante sem o verbo possessivo, na qual dois itens possuídos (elípticos, porém representados por seus modificadores VERDE e AZUL no exemplo (20) abaixo) foram deslocados em direção aos loci de seus respectivos possuidores.

- (20) SEE BOOK THERE? GREEN (deslocado em direção ao PRO-2), BLUE (deslocado em direção ao PRO-1)  
 [ASL]  
 'See books there? The green (one) is yours, and the blue (one) is mine.'

### 3.3.2 Predicados possessivos na ÖGS: Características estruturais

A posse é expressa na ÖGS por meio do verbo DA *exist* (ver Apêndice B para uma imagem desse verbo). Como a ÖGS é uma língua SOV, DA aparece no fim da oração, o que resulta na forma básica POSSUIDOR – POSSESSUM – DA para predicados possessivos (21). As construções possessivas negativas são formadas pelo sinal KEIN *no* ou ÜBERHAUPT-NICHT *not at all*, com ou sem o verbo DA (22).

- (21) PRO-1 AUTO DA [ÖGS]  
 pro-1 carro existir  
 'I have a car'.  
 (22) PRO-1 KEIN KIND (DA) [ÖGS]  
 pro-1 nenhum filho existir  
 'I have no children / I don't have any children'.

### 3.3.3 Predicados possessivos na ASL, na ÖGS e na HZJ: Características semânticas

Como observamos acima com relação às locuções nominais possessivas, os predicados possessivos na ASL, na ÖGS e na HZJ ocorrem com mais naturalidade e aceitabilidade com um possuidor animado e um *possessum* concreto. Também se mostraram frequentes nos nossos dados as expressões de posse alienável de objetos abstratos (24) e de posse inalienável de membros da família (23; veja também o exemplo 22).

- (23) PRO-3 HAVE THREE KIDS [ASL]  
 'He has three kids'  
 (24) PRO-1 IDEE DA [ÖGS]  
 pro-1 idéia existir  
 'I have an idea'

A posse inalienável de uma parte do corpo parece ocorrer na ASL, na ÖGS e na HZJ conforme mostram os exemplos (25-27). No entanto, é possível que alguns desses casos, particularmente nos dados da HZJ e da ASL, revelem uma forte influência da gramática das línguas majoritárias falada/escrita. Um exemplo disso é o uso do verbo HAVE com estados físicos, como no exemplo (25), ao invés do deslocamento do sinal "HURT/PAIN" em frente à parte afetada do corpo, como na ASL padrão. Como a maior parte dessas expressões foi produzida durante a tarefa "Médico-Paciente", acreditamos que a tarefa possa ter acidentalmente elicitado um registro da ASL mais próximo ao do inglês comumente empregado com profissionais da área médica, os quais, nos EUA, são não-sinalizantes e ouvintes em sua espantosa maioria. O exemplo (26), em que a preposição croata *u* "in" é articulada em silêncio, sem sinais corres-

pondentes, também é compatível com essa hipótese.

(25) PRO-2 HAVE HEADACHE? [ASL]  
‘Do you have a headache?’

(26) IMATI PRO-2 BOLJETI *u* UHO? [HZJ]  
ter pro-2 dor ‘in’ ouvido  
‘Do you have an earache?’

(27) PRO-2 KOPFWEH DA? [ÖGS]  
pro-2 dor-de-cabeça existir  
‘Do you have a headache?’

Há em nossos dados alguns exemplos de predicados possessivos com um possuidor inanimado, mas eles parecem estar sujeitos a severas restrições. Um de nossos consultores austríacos, por exemplo, comentou que, enquanto objeto inanimado, uma casa “não pode possuir coisa alguma”. Como vimos anteriormente com as locuções nominais possessivas, os predicados possessivos com um possuidor inanimado (por exemplo, relações *parte-todo*) tendem a ser expressos por meio de mecanismos diferentes da construção padrão Possuidor-HAVE/DA/IMATI-*Possessum*. Nossos dados incluem diversos exemplos de relações *parte-todo* expressadas por meio de construções classificadoras, nas quais a entidade *todo* é estabelecida como entidade *base* e a entidade *parte* como *figura* (cf. Talmy (1978)). Três destes exemplos são mostrados abaixo.

(28) TAXI VIER REIFEN DA [ÖGS]  
taxi quatro rodas existir  
‘The taxi has four wheels’

(29) TAXI VIER REIFEN CL-rodas-forma-e-locação [ÖGS]  
táxi quatro rodas cl-rodas-forma-e-locação  
‘The taxi has four wheels’

(30) WALL CL-F:buraco-na-parede [ASL]

‘The wall has a hole’

O segundo quadro do Apêndice C resume nossas observações a respeito das características semânticas dos predicados possessivos na ASL, na ÖGS e na HZJ.

### 3.4 Expressões de existência

Como mencionamos anteriormente, a ASL e a HZJ são línguas que expressam existência usando um verbo possessivo, enquanto a ÖGS mostra o padrão oposto, expressando posse com um verbo existencial. Essa diferença tipológica, juntamente com o fato mencionado anteriormente de que a ASL e a HZJ são línguas SVO enquanto a ÖGS é uma língua SOV, constituem as principais diferenças que observamos nas construções existenciais das três línguas alvo.

#### 3.4.1 Estruturas existenciais na ASL e na HZJ

A existência é expressa na ASL com o verbo possessivo HAVE e com uma forma supletiva negativa correspondente NONE. Em nossos dados, NOT HAVE também ocorreu em algumas construções existenciais negativas. Há distinções entre NONE e NOT HAVE, particularmente o fato de que o último tende a acompanhar um possuidor animado. O HAVE existencial aparece mais comumente antes do objeto cuja existência é expressa (31), enquanto NONE aparece com mais frequência após o objeto (32). Além das construções que usam HAVE, os participantes usaram mecanismos alternativos para expressar existência, inclusive um aceno de cabeça em di-

reção ao objeto (33), uma apontação em direção ao locus do objeto (34) e construções classificadoras que estabelecem o objeto no espaço (35).

(31) HAVE PROBLEM [ASL]  
'There is a problem'

(32) PROBLEM NONE [ASL]  
'There is no problem'

\_\_\_\_\_aceno de cabeça  
(33) PROBLEM [ASL]  
'There is a problem'

(34) MONEY IX(table) [ASL]  
'There is money on the table'

(35) WALL CL-F:buraco-em-parede [ASL]  
'There is a hole in the wall'

As construções existenciais na HZJ são expressas com o verbo possessivo IMATI *have*, com uma forma supletiva negativa correspondente NEMATATI *not-have* (36). Como na ASL, a existência também pode ser expressa de forma alternativa por meio de uma apontação na direção do possuidor e de construções classificadoras que estabelecem a posição do objeto no espaço. Além disso, a HZJ tem um segundo verbo somente-existencial POSTOJATI *exist* (37), que é usado principalmente em contextos formais e que não apareceu em nosso corpus.

(36) PRO-1 SLIKA IMATI/NEMATIPTICE [HZJ]  
pro-1 foto ter / não-ter pássaros  
'In my photo, there are / are no birds'

(37) POSTOJATI PROBLEM [HZJ]  
existir problema  
'There is a problem'

### 3.4.2 Estruturas existenciais na ÖGS

Na ÖGS, a existência é expressa com o verbo DA *exist* (38). Esse verbo é posicionado no fim da oração e pode ser deslocado no espaço para mostrar multiplicidade ou locação (39). As construções existenciais negativas são sinalizadas com KEIN *no* ou ÜBERHAUPT-NICHT *not at all*, com ou sem o verbo DA (40). Os participantes austríacos, de modo análogo aos norte-americanos e croatas, freqüentemente produziram classificadores deslocados no espaço, como mostra o exemplo (41).

(38) PROBLEM DA [ÖGS]  
problema existir  
'There is a problem'

(39) DREI BUCH DA+++ [ÖGS]  
três livros existir(rep)  
'There are three books'

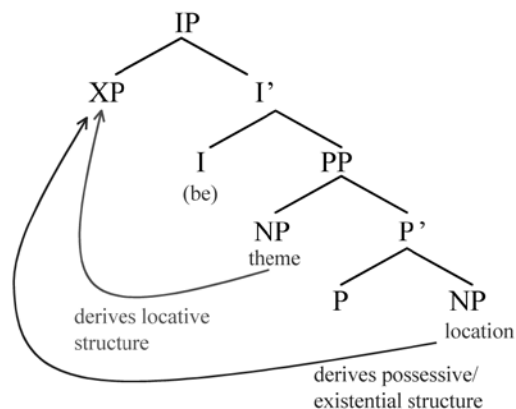
(40) KEIN PROBLEM (DA) [ÖGS]  
nenhum problema existir  
'There is no problem'

(41) RAUM 25 SESSEL CL-reihe [ÖGS]  
sala 25 cadeiras cl-em-uma-fileira  
'There are 25 chairs (in a row) in the room'

## 4. A relação entre as estruturas possessivas, existenciais e locativas

Muitos pesquisadores observaram que as expressões possessivas e existenciais de um grande número de línguas faladas mantêm certa relação com as construções locativas (cf. Lyons (1968), Clark (1978), Freeze (1992), Harley (2003), *inter alia*). Neste artigo, consideraremos, em linhas gerais, a análise sintá-

tica proposta por Freeze (1992), amplamente citada, que visa a unificar essas três construções. Freeze postula que tanto as construções possessivas quanto as existenciais derivam da mesma estrutura locativa subjacente. Ele baseia sua análise no paradigma do russo falado, onde as semelhanças estruturais entre as três construções em questão são prontamente identificadas.



(42) *Kniga byla na stole*  
 [Russo; construção locativa]  
 livro-NOM estava sobre mesa-LOC  
 ‘The book was on the table.’

(43) *Na stole byla kniga*  
 [Russo; construção existencial]  
 sobre mesa-LOC estava livro-NOM  
 ‘There was a book on the table.’

(44) *U menja byla sestra*  
 [Russo; construção possessiva]  
 para 1sg-GEN era irmã-NOM  
 ‘I had a sister.’

De acordo com Freeze, a estrutura subjacente nos exemplos (42- 44) inclui um complemento preposicional do verbo «*byla*», como pode ser visto na representação mostrada em (45).

(45) Derivação das estruturas locativas, possessivas e existenciais de acordo com Freeze (1992)<sup>5</sup>

Segundo a proposta de Freeze, a estrutura locativa em (42) é derivada movendo-se o constituinte P’ que codifica a locação

do livro (*na stole*) para a posição de sujeito (spec de IP), tornando-o o sujeito gramatical da oração. De modo semelhante, a construção existencial em (43) é derivada quando o papel temático semântico, codificado nesse caso pela locução nominal *knjiga* sobe para se tornar o sujeito gramatical. Quanto à construção possessiva, Freeze propõe que a locução nominal do possuidor (*menja* no exemplo (44)) funciona essencialmente como uma locação [+humana] para o *possessum*. Essa análise aplica-se diretamente a línguas como o russo, em que as construções possessivas são realizadas usando uma preposição explícita. Em línguas em que isso não ocorre, Freeze supõe que a preposição é elíptica. Essa proposta tem a vantagem de reduzir as estruturas possessivas a estruturas existenciais com uma locação humana. Como no caso das construções existenciais, a “locação” da locução nominal sobe para Spec de IP, tornando-se o sujeito gramatical da construção possessiva.

Além das semelhanças estruturais, Freeze (1992) também menciona uma evidência diacrônica que corrobora sua hipótese sobre

<sup>5</sup> Este gráfico foi extraído de Harley (2003).

a natureza locativa subjacente das construções possessivas e existenciais. Ele aponta a existência de uma longa lista de proformas com origens locativas usadas na expressão de existência no francês, catalão, italiano, espanhol, árabe e samoano falados, bem como do sujeito locativo lexical *there* usado nas expressões existenciais do inglês.

Embora as línguas sinalizadas e faladas compartilhem um grande número de características fundamentais, sabemos que elas diferem em aspectos importantes. Não é nossa intenção, ao citar a análise de Freeze (1992), insistir na estrutura sintática específica que ele propõe. Ao invés disso, nós a tomamos como um modelo útil para a investigação sistemática de relações subjacentes plausíveis entre construções possessivas, existenciais e locativas nas línguas de sinais. Nos últimos anos, diversos pesquisadores apontaram evidências para essa relação em várias línguas de sinais. Kristofferson (2003) observa que na Língua de Sinais Dinamarquesa, todas as construções possessivas, existenciais e locativas usam o mesmo verbo e são diferenciadas apenas pela ordem dos sinais (*base-figura* para as construções possessivas e existenciais e *figura-base* para as locativas). Mais recentemente, Ulrike Zeshan e seu grupo de pesquisa deram início a um projeto de comparação tipológica interlingüística das expressões possessivas e existenciais em línguas de sinais, enfocando a relação entre essas duas construções em mais de vinte línguas de sinais, incluindo as Línguas de Sinais Finlandesa e Flamenca (De Weerd & Takkinen (2006)), a ASL (Chen Pichler & Hochgesang (no prelo)) e a ÖGS (Schalber & Hunger (no prelo)). Ao analisarmos as construções possessivas e existenciais coletadas para o presente projeto, nos perguntamos que evidência poderia haver nelas para a

existência de uma estrutura locativa subjacente nas construções possessivas e existenciais na ASL, na ÖGS e na HZJ. Até agora, acreditamos que dois aspectos particulares de nossos dados apresentam características locativas: o uso recorrente do espaço (com pontos de locação e classificadores) e o fato de que alguns dos predicados que observamos são plausivelmente derivados de sinais locativos.

De novo, sabe-se que a organização estrutural das línguas de sinais diverge da das línguas faladas em muitos aspectos e é importante levar tais diferenças em consideração, ao se buscar estender para as línguas de sinais, análises originalmente desenvolvidas para línguas faladas. A análise de Freeze (1992) depende de uma locução prepositiva na posição de complemento verbal em construções possessivas e existenciais e é nessa LP que as características locativas dessas duas construções se originam. As preposições explícitas do tipo comum nas línguas faladas são bastante raras nas línguas de sinais que estudamos (e talvez nas línguas de sinais de um modo geral). Entretanto, encontramos informações locativas codificadas pelo uso do espaço. Por exemplo, todas as três línguas do nosso estudo usam a apontação (inclusive para pronomes pessoais) para expressar posse e existência. Na medida em que uma apontação usada como pronome pessoal indique a locação de um possuidor (por exemplo, à la Liddell 2003), esse uso pode ser entendido como a codificação do possuidor enquanto locação humana, segundo a abordagem de Freeze (1992). Além disso, embora ainda não tenhamos dados relevantes da ÖGS ou da HZJ, a ASL permite a expressão de posse usando não mais do que o deslocamento de sinais no espaço em direção aos loci dos possuidores, como no exemplo citado anteriormente em (20).

Quanto às expressões de existência, o uso da apontação ilustrado no exemplo (34) constitui um terceiro exemplo de uma característica locativa. Observe-se que essas construções são ambíguas, permitindo tanto uma leitura existencial (*there is no money on the table*) quanto uma leitura mais diretamente locativa (*The money is on the table*). Encontramos a mesma ambigüidade (também observada por Kristofferson (2003) para a língua de sinais dinamarquesa) nas construções classificadoras de *base-figura*, como nos exemplos (29), (35) e (41), [que constitui] outra estrutura alternativa usada na ASL, na ÖGS e na HZJ para expressar existência. Se nos dispusermos a considerar a locução nominal que representa a *base* nestes exemplos (i.e. TAXI, WALL ou RAUM) como uma locução, e a locução nominal que representa a *figura* (i.e. REIFEN, HOLE ou 25 SESSEL) como o tema, essas estruturas podem até ser submetidas à análise sintática proposta por Freeze (1992), segundo a qual uma locução ocorre como “sujeito” gramatical (mas não necessariamente conceitual) da oração.

Também foram insuficientes as evidências que obtivemos para sustentar a hipótese de uma relação diacrônica entre as construções locativas, possessivas e existenciais. É evidente o fato de que o verbo usado em construções possessivas e existenciais na ÖGS permite uma glosa locativa (*here*). Schalber & Hunger (no prelo) mostram que, o sinal DA, usado em construções existenciais, indica a presença concreta e a locação do objeto ao qual se atribui existência e pode até ser substituído por um sinal de advérbio de lugar como HIER *here*. É interessante notar que a forma atual do sinal DA mostra uma notável semelhança com o sinal MJESTO *place* usado na HZJ (o sinal HZJ acrescenta uma configuração de mão “B”). A existência de laços his-

tóricos entre a HZJ e a ÖGS pode ser explicada pelo fato de que crianças croatas surdas foram enviadas à Áustria para estudar no fim do século XIX. De modo análogo, na HZJ, o verbo existencial alternativo POSTOJATI *to exist* pode ter origens locativas, dada a sua semelhança superficial com o sinal da HZJ para STOJITI, que significa aproximadamente “estar localizado em”. O sinal é claramente locativo, permitindo o deslocamento no espaço para indicar a locação do objeto em questão. É claro que esse tipo de comparação etimológica é um tanto quanto especulativa, porém nós a citamos aqui como uma evidência secundária, como o faz Freeze ao discutir a (igualmente sugestiva) evidência diacrônica das origens locativas das construções possessivas e existenciais nas línguas faladas.

## 5. Conclusões

O objetivo inicial deste estudo foi descrever e documentar construções possessivas e existenciais na ASL, na ÖGS e na HZJ. Ao analisar nossos dados, observamos semelhanças entre essas três línguas quanto às estruturas sintáticas empregadas para expressar posse e existência, bem como uma visível restrição com relação a quais dessas estruturas podem ocorrer com possuidores inanimados e certos casos de posse inalienável (por exemplo, posse de parte do corpo). Nesses casos, tanto as locuções nominais possessivas quanto os predicados possessivos tendem a não usar um pronome possessivo explícito. Supomos que tal restrição possa decorrer do fato de que a posse é, em sua expressão mais canônica, uma relação entre um possuidor animado e um *possessum* inanimado, e que essa relação particular é enfatizada pelo pronome POSS explícito.



Um segundo objetivo deste trabalho foi chamar a atenção para características locativas ou espaciais subjacentes às estruturas existenciais e possessivas que observamos na ASL, na ÖGS e na HZJ. Em particular, observamos mecanismos alternativos para se expressar posse que envolve uma apontação em direção ao locus do possuidor ou um movimento do sinal do *possessum* em direção ao locus do possuidor. Também de natureza espacial é a expressão de existência por meio do estabelecimento de construções de *figura-base*, nas quais a *base* é codificada como locação e a *figura* como o objeto ao qual se atribui existência. Por fim, apontamos uma evidência diacrônica secundária das origens locativas do verbo existencial/possessivo usado na ÖGS e de um verbo existencial na HZJ. Há muito se discute na literatura sobre a língua falada a respeito de uma relação sintática entre construções possessivas, existenciais e locativas. A partir de tal literatura, discutimos a abordagem de Freeze (1992), não no sentido de adotar sua análise em todas as suas nuances, mas simplesmente como uma primeira tentativa de detectar semelhanças entre essas três estruturas nas línguas de sinais tal como nas línguas faladas. Evidentemente, temos consciência de que é preciso ter cuidado ao se aplicar análises originalmente desenvolvidas para dados de línguas faladas para as línguas de sinais.

No entanto, acreditamos que as atuais evidências da natureza locativa de (certas) estruturas possessivas e existenciais na ASL, na ÖGS e na HZJ são suficientemente convincentes para merecer uma investigação rigorosa.

## Referências

CHEN PICHLER, D.; HOCHGESANG, J. Possessive and existential constructions in American

- Sign Language. In: ZESHAN, U.; PERNISS, P. (Orgs.) **Sign language typology: Possession and existentials**, no prelo.
- CLARK, E. "Locationals: existential, locative and possessive constructions", In: GREENBERG, J. H. et al. (Orgs.). **Universals of Human Language**, v. 4, Stanford, 1978. p. 85-126.
- DE WEERDT, D.; TAKKINEN, R. **Different ways of expressing existence in Finnish Sign Language and Flemish Sign Language**. Trabalho apresentado ao Sign Language Typology Workshop on Possession and Existentials, Max Planck Institute, Nijmegen, 2006.
- FREEZE, R. **Existentials and other locatives**, *Language*, v. 68, 1992. p. 553-595.
- HARLEY, H. Possession and the double object construction, In: PICA, P. (Org.). **Linguistic Variation Yearbook, Amsterdam**: John Benjamins, 2003. p. 31-70.
- KRISTOFFERSEN, J. Existence, location and possession and the order of constituents in Danish Sign Language. In: A. Bake, A.; VAN DEN BOGAERDE, B.; CRASBORN, O. (Orgs.). **Crosslinguistic Perspectives in Sign Language Research: Selected Papers from TISLR 2000**, Hamburg: Signum Verlag, 2003. p. 131-139.
- LIDDELL, S. K. **Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LYONS, J. A note on possessive, existential and locative sentences. **Foundations of Language**, v. 3, 1968. p. 390-396.
- SCHALBER, K.; HUNGER, B. Possessive and existential constructions in ÖGS – with locatives on the side. In: PERNISS, P.; ZESHAN, U. (Orgs.). Possessive and existential constructions in sign languages. **Sign Language Typology Series**, Nijmegen, v. 2, no prelo.
- TALMY, L. Figure and Ground in Complex Sentences. In: GREENBERG, J. et al. (Orgs.) **Universals of Human Language**, v. 4. Stanford, 1978. p. 627-649.



## Apêndice A: Jogos de elicitação do projeto interlingüístico Zeshan


Todos os jogos usados neste estudo foram executados por dois/duas participantes e são

apresentados quase que exclusivamente por meio de gráficos. A língua escrita foi usada somente para a lista de sintomas no jogo Médico-paciente e para registrar os nomes dos membros da família no jogo da Árvore genealógica.

Nome do jogo	Descrição	Estrutura(s) alvo
Jogo Médico-paciente	O participante A, representando o paciente, recebe um cartão marcado com uma seleção de sintomas como <i>dor de cabeça</i> , <i>febre</i> etc. O participante B, representando o médico, tenta diagnosticar a doença do participante A perguntando-o se sofre dos sintomas.	Posse inalienável (de partes do corpo e de estados físicos)
Jogo da Árvore genealógica	O participante A pergunta o participante B sobre os membros de sua árvore genealógica, suas idades, trabalhos etc.	Posse inalienável (de membros da família); Posse alienável de objetos abstratos (por exemplo, trabalhos, hobbies etc).
Jogo de atribuições	Os participantes A e B atribuem uma série de objetos concretos (por exemplo, um cavalo, um revólver, um livro) a uma variedade de indivíduos fictícios (por exemplo, uma menina, um homem, uma mulher idosa)	Posse alienável de objetos concretos
Jogo de comparação de figuras	Os participantes A e B recebem, cada um, uma de duas figuras que diferem em 5 ou 6 pequenos detalhes. Eles devem identificar essas diferenças comparando verbalmente (por meio de sinais) os conteúdos de suas respectivas imagens.	Construções existenciais

## Apêndice B: Exemplos de sinais possessivos e existenciais na ASL, na ÖGS e na HZJ

Exemplo da língua	Descrição	
[ASL/ÖGS/HZJ] POSS-2		A configuração de mão "B" deslocada em direção ao locus do possuidor
[ASL] HAVE		A configuração de mão "B" curvada, as pontas dos dedos tocando o peito. O sinal pode ser feito com uma ou duas mãos.
[HZJ] IMATI		A configuração de mão "U" terminando (com o pulso dobrado para baixo) na configuração de mão "N", mas conservando o polegar esquerdo estendido.

[ÖGS] DA		A configuração de mão "8 aberto" produzida com um movimento curto para baixo; articulada com uma ou duas mãos; pode ser deslocada no espaço para mostrar locação ou multiplicidade.
[ASL] APOSTROPHE-S		A configuração de mão "S" mantida em frente ao sinalizante e girada para dentro uma vez.
[ASL] GREEN(PRO-2), BLUE(PRO-1)		O sinal GREEN é deslocado em direção ao locus do PRO-2 enquanto o sinal BLUE é deslocado em direção ao locus do PRO-1.  'O (objeto) azul é meu e o (objeto) verde é seu.

### Apêndice C: Resumo das características semânticas das locuções nominais possessivas e dos predicados possessivos

Nos dois quadros seguintes, os círculos completos indicam uma construção comum e/ou completamente aceitável de acordo com nossos dados. Os meios-círculos indicam uma inconsistência ou restrições nos dados quanto à aceitabilidade da construção específica.

Locuções nominais possessivas	ASL	...GS	HZJ
Possuidor animado com <i>possessum</i> concreto	●	●	●
Posse inalienável: <i>possessum</i> é parente	●	●	●
Posse inalienável: <i>possessum</i> é parte do corpo	◐	●	◐
Posse alienável: <i>possessum</i> é conceito abstrato	●	●	●
Possuidor inanimado	◐	◐	◐

Predicados possessivos	ASL	...GS	HZJ
Posse inalienável: <i>possessum</i> é parente	●	●	●
Posse inalienável: <i>possessum</i> é parte do corpo	◐	●	●
Posse inalienável: estados físicos	◐	◐	●
Posse alienável: <i>possessum</i> é conceito abstrato	●	●	●
Possuidor inanimado	◐	◐	◐

# Uma comparação lexical de Línguas de Sinais no mundo Árabe<sup>1</sup>

*Kinda Al-Fityani e Carol Padden*

Departamento de Comunicação

Universidade da Califórnia, San Diego

## 1. Introdução

Mais de duzentos milhões de habitantes nos vinte e dois países do Oriente Médio e do Norte da África falam a língua árabe<sup>2</sup>. Entretanto, caso um iemenita e um tunisiano se encontrem, é pouco provável que a língua árabe falada por um seja compreendida pelo outro. O mundo árabe é caracterizado por uma “diglossia” difundida, uma situação linguística em que dialetos regionais são falados juntamente com uma língua escrita altamente codificada. Dos dialetos árabes, o dialeto egípcio é o mais amplamente entendido pelos árabes, uma vez que o cinema e outras formas de entretenimentos da mídia são, em sua maioria, produzidos no Egito e, tipicamente, utilizam atores egípcios. Caso um iemenita e um tunisiano se encontrem, eles podem recorrer ao dialeto das estrelas dos filmes para se entenderem ou podem usar a língua altamente codificada da língua Árabe Moderno Padrão (MSA), que é usada pelos apresentadores de jornal e oficiais públicos, nos países

árabes. Embora não seja a língua materna de nenhum dos países árabes, o MSA é o padrão literário oficial desses países e é a forma de língua árabe ensinada nas escolas em todos os estágios. Na verdade, a língua árabe coloquial falada, denominação freqüentemente dada às variedades regionais, é raramente encontrada em uma forma escrita. É comumente afirmado que a língua árabe é o que une os diferentes membros da comunidade árabe, apesar das diferenças geográficas e tradições culturais que podem ser encontradas pelo oriente médio (Suleiman, 2003).

Ao escrever sobre as línguas de sinais do oriente médio, Abdel-Fattah (2005) sugeriu que a presença de uma língua árabe falada padrão levou à expectativa de que haja uma língua de sinais comum compartilhada na região. Este trabalho explora até que ponto as línguas de sinais dessa região podem estar relacionadas e examina as relações entre as línguas de sinais no mundo árabe por meio das estatísticas lexicais, um método de comparação de vocabulário entre as línguas de sinais

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Gisele Daiana Pereira.

<sup>2</sup> Os 22 membros são: Argélia, Barein, Cômoros, Gjibuti, Egito, Iraque, Jordão, Kuwait, Líbano, Líbia, Mauritània, Marrocos, Omã, Palestina, Catar, Aràbia Saudita, Somàlia, Sudão, Síria, Tunísia, Emirados Árabes, e Iêmen (Liga dos Estados Árabes).

para determinar o tipo de extensão da relação lingüística, se houver.

Pelo menos três circunstâncias simultâneas afetam a distribuição das línguas de sinais nessa região. Primeiro, como Walsh et al. (2006) descrevem abaixo, algumas tradições de casamento são comuns na região:

A peculiar história demográfica do oriente médio levou a muitas comunidades [endogâmicas]. Por mais de 5.000 anos e até hoje, as costas orientais do Mediterrâneo têm presenciado a imigração de povos oriundos de uma ampla variedade de culturas. Frequentemente as vilas foram formadas por algumas famílias estendidas e, apesar de sua proximidade geográfica, continuaram demograficamente isoladas. Por séculos, os casamentos têm sido arranjados dentro das famílias estendidas nessas vilas, levando a um alto nível de consangüinidade e, conseqüentemente, a altas freqüências de caracteres recessivos (p. 203).

A prática comum da endogamia resultou em uma alta incidência de surdez genética no mundo árabe, em comparação a outras sociedades exogâmicas, onde a surdez é mais provavelmente um resultado de doença do que de herança genética. Shahin et al. (2002) documentam que enquanto aproximadamente uma, dentre mil crianças no mundo, nasce com perda de audição, comunidades com altos níveis de consangüinidade apresentam uma freqüência especialmente alta de surdez genética na infância. Esses autores afirmam: “a deficiência auditiva hereditária ocorre na população palestina numa freqüência de aproximadamente 1.7 em cada 1.000 e é mais alta em algumas vilas” (Shahin et al, 2002, p. 284). Isso significa que na Palestina, a freqüência de surdez é 70% mais alta do que a média global.

Através dos relatos sobre as línguas de sinais nessas comunidades, sabe-se que seu uso não é confinado a lugares onde pessoas surdas se reúnem por instituições sociais, tais como escolas para surdos ou clubes locais para surdos, apesar de eles serem comumente encontrados em cenários comunitários e familiares. Como Groce (1985) ilustra em sua história do Vinhedo de Marta do século XIX, onde havia um alto incidente de surdez recessiva, as línguas de sinais são propensas a aflorar em tais comunidades, uma vez que surdos e ouvintes usam, regularmente, a comunicação sinalizada. Kisch (2004) descreve o caso da comunidade de Al-Sayyid no Negev (deserto que ocupa o sul de Israel), onde o casamento consangüíneo é comum e a freqüência de perda de audição é alta em 3% da população devido a características genéticas recessivas de profunda surdez neurosensorial pré-lingual. Sandler, Meir, Padden, e Aronoff (2005) também escrevem sobre essa comunidade:

Os membros da comunidade geralmente reconhecem a língua de sinais como a segunda língua da vila. As pessoas ouvintes dessa comunidade rotineiramente avaliam sua própria proficiência, elogiando aqueles que têm grande facilidade na língua... um resultado da [surdez recessiva] é que existe um número proporcionalmente grande de indivíduos surdos distribuídos por toda a comunidade. Isso significa que os membros ouvintes da comunidade têm contato regular com os membros surdos e que, conseqüentemente, a sinalização não é restrita a surdos. (p. 2662)

Segundo, as circunstâncias sociais e culturais no mundo árabe provêem de algum modo, mais oportunidades para se aprender a língua de sinais, desde o nascimento. Com a incidência mais alta de surdez genética, as lín-

guas de sinais são capazes de sobreviver por muitas gerações nas famílias, em comparação a outras regiões do mundo, onde a surdez genética é menos freqüente. Quando a surdez é resultado de doença, as chances de um surdo aprender a língua de sinais dependem mais do acesso a organizações ou instituições organizadas para surdos. No oriente médio, a sobrevivência da língua de sinais não depende de políticas institucionais formais.

Terceiro, as circunstâncias culturais, sociais, políticas e econômicas levam as línguas de sinais no mundo árabe a serem mais propensas ao isolamento uma das outras. Os costumes relacionados ao casamento no mundo árabe dão um tratamento preferencial aos casais da mesma região já que eles estão propensos a compartilhar o mesmo dialeto e costumes. Além disso, fatores políticos das regulamentações da imigração entre os países árabes dificultam para os nativos de uma região migrarem para outra. Por essas razões, uma mulher jordaniana tem maior probabilidade de se casar com um homem da região do Levante (países ao norte do oriente médio) do que com um homem do estado do Golfo. Isso porque ela precisaria de um visto para viajar para Dubai, por exemplo, mas não precisaria de um para viajar para Damasco ou Beirut. Além disso, a proximidade de Damasco e Beirut ao Jordão faz com que seja mais economicamente viável para uma jordaniana conhecer um homem dessas cidades do que conhecer um catariano. Considerando-se que os fatores culturais, sociais, políticos e econômicos restringem tal contato, as línguas de sinais no mundo árabe apareceriam dentro das fronteiras que possivelmente as isolam e permitem que elas se desenvolvam, independentemente uma das outras. Uma pesquisa nas línguas de sinais do mundo árabe pode revelar resultados interessantes sobre

a distribuição geográfica das línguas de sinais que são usadas, diariamente, na família e na vida social da tribo, em oposição à distribuição encontrada em cenários institucionais mais formalizados.

## 2. Revisão da Literatura

A metodologia da léxico-estatística comparada é usada para desenvolver hipóteses acerca de possíveis relações históricas entre as línguas faladas (Crowley, 1992). Isso é feito por meio de um estudo quantitativo dos cognatos entre os vocabulários das línguas em estudo. Cognatos são definidos como vocábulos de dois idiomas diferentes que são homogêneos o suficiente para serem considerados como semelhantes no que concerne à derivação lingüística ou à raiz. Uma comparação entre as línguas faladas envolve a identificação de similaridades na estrutura silábica e segmental; nas línguas de sinais, a similaridade dos cognatos é baseada na comparação das configurações de mão, movimentos, localizações e orientações da mão no vocabulário de duas línguas de sinais diferentes. Muitos lingüistas da língua falada usam uma lista básica de 200 palavras como base de sua pesquisa em léxico-estatística ao invés de listas mais longas, como um modo conveniente e representativo de línguas de sub-grupos. Quanto mais alto o percentual léxico estatístico entre os cognatos das línguas faladas, mais próxima é a relação histórica entre essas línguas, uma vez que esse fato mostra uma separação mais recente de uma língua comum (*parent language*) (Black & Kruskal, 1997). No contexto da metodologia léxico estatística, Crowley (1992) define as línguas como dialetos se elas compartilham 81-100% dos cognatos, nos vocabulários principais. Elas são consideradas como



da mesma família de língua se compartilham 36-81% dos cognatos e como famílias de uma “descendência” (*stock*) se compartilham 12-36% dos cognatos. Pela “descendência”, os léxicos estatísticos não precisam identificar as línguas como descendentes de uma língua ancestral comum; ao invés disso, o termo reconhece que as línguas dentro de uma região podem ter a oportunidade de entrarem em contanto uma com a outra. Greenberg (1957) fornece quatro casos de semelhanças lexicais entre as línguas, apenas dois deles sendo relacionados historicamente: relações genéticas e empréstimo. Os outros dois casos são o simbolismo compartilhado - onde os vocabulários compartilham motivações similares, icônicas ou indicadoras - e, finalmente, o acaso.

Woodward (1978) é um dos primeiros lingüistas de sinais a conduzir uma pesquisa léxico-estatística em línguas de sinais. Ele comparou o léxico da Língua de Sinais Francesa (LSF) de um dicionário de língua de sinais com a ASL, onde alguns sinais foram elicitados de um homem surdo mais velho e outros sinais de um sinalizante de ASL mais novo. Esse pesquisador iniciou com uma lista de 200 palavras nucleares da Lista de Swadesh, uma ferramenta comum entre antropólogos para elicitare um vocabulário básico, mas excluiu os numerais, pronomes e partes do corpo, porque esses são altamente icônicos e indicadores. Com relação às 77 palavras restantes de sua lista que se repetiram no dicionário da LSF, ele encontrou 61% de cognatos nas duas séries de comparações da LSF entre um surdo mais velho e um sinalizante mais novo. Substituindo a lista modificada de vocabulários nucleares por todos os 872 sinais disponíveis no dicionário da LSF, ele descobriu que o número de cognatos caiu ligeiramente para 57.3-58%, nas duas séries de sinais da ASL. Woodward conclui que,

ao contrário dos resultados de estudos anteriores em línguas de sinais que afirmavam a origem da ASL na LSF, é mais provável que algumas variedades das línguas de sinais nos Estados Unidos tenham surgido antes de qualquer contato com a LSF, após o processo de creolização.

Woodward (1991) também comparou variedades de línguas de sinais encontradas na Costa Rica. Com resultados variando de 7 a 42% de cognatos, ele concluiu que existem, pelo menos, quatro línguas distintas na Costa Rica. Em um terceiro estudo, ele comparou as variedades das línguas de sinais na Índia, Paquistão e Nepal com resultados variando entre 62-71% cognatos (Woodward, 1993). Conclui que essas variedades são línguas separadas, mas pertencem à mesma família de língua. Do mesmo modo, a Língua Moderna de Sinais Tailandesa Padrão e a ASL compartilham 57% de cognatos, o que faz delas línguas distintas historicamente relacionadas, devido ao contato entre os educadores americanos de surdos e usuários surdos da Língua de Sinais Tailandesa (Woodward, 1996).

McKee et al. (2000) usam a lista modificada de vocabulário nuclear de Woodward, de 100 conceitos, para estabelecer a relação entre a Língua de Sinais da Nova Zelândia (NZSL), a ASL, a Língua de Sinais Australiana (Auslan) e a Língua de Sinais Britânica (BSL). Os vocabulários foram retirados de dicionários e CD-ROMs de suas respectivas línguas de sinais. Os pesquisadores identificam os sinais como cognatos se todos os parâmetros fonéticos (configuração de mão, localização, movimento e orientação da palma) são idênticos ou se apenas um dos parâmetros é diferente. O vocabulário que se enquadra nessa segunda categoria é denominado *relacionado-mas-diferente*, ou vocabulário similar o bastante para ter uma origem comum. Eles

descobriram que entre 79-87% dos vocabulários do Auslan, BSL e NZSL são cognatos, o que os classificaria como dialetos de uma língua comum. Os pesquisadores esperavam esse alto grau de similaridade, já que a Auslan e a NZSL têm origens coloniais: a BSL foi trazida para a Austrália e Nova Zelândia pelos educadores de surdos e outros imigrantes do Reino Unido. Além disso, tem havido um freqüente contato entre surdos da Austrália e da Nova Zelândia. Tal fato contrasta com a situação da ASL, que não apresenta ligação histórica com as outras três línguas de sinais. Como esperado, os pesquisadores descobriram que apenas de 26-32% do vocabulário da ASL é idêntico ou similar ao vocabulário da Auslan, da BSL e da NZSL, confirmando que a ASL é uma língua separada das outras três.

McKee et al. reconhecem que alguns linguistas criticam o método de se empregar vocabulários nucleares e seletivos. Pelo fato de serem conceitos de alta freqüência, tais vocabulários podem superestimar as similaridades entre as línguas de sinais. Ao invés disso, esses pesquisadores preferiram vocabulários aleatórios, para neles basear seu estudo léxico-estatístico. Alterando ligeiramente a metodologia de Woodward para dobrar o vocabulário que está sendo comparado e incluir mais vocabulários aleatórios, ao invés de vocabulários nucleares da Lista de Swadesh, McKee et al. descobriram que o número de cognatos entre a NZSL e a Auslan e a BSL caiu drasticamente para 65.5% e 62.5% respectivamente. Como esperado, os cognatos entre a NZSL e a ASL continuaram baixos, a 33.5%. Os pesquisadores argumentam que a taxa ligeiramente mais alta de similaridade entre a NZSL e Auslan do que aquela entre NZSL e BSL está relacionada à proximidade geográfica e às políticas educacionais históricas em que o Departamento de Educação da

Nova Zelândia introduziu o Sistema de Comunicação Total Australiano em 1979, que continuou a ser usado até o início da década de 90. Entretanto, eles tiveram dificuldade em afirmar se a NZSL é uma língua separada ou se é um dialeto da BSL, como no caso da Auslan. Enquanto os resultados da primeira análise mostraram que a NZSL era um dialeto da Auslan e da BSL, porque se enquadrava na taxa da léxico-estatística de 81-100%, a segunda análise sugere que a NZSL pertence apenas à mesma família, como a Auslan e a BSL, com uma significativa divergência tendo ocorrido entre elas.

Currie, Meier, e Walters (2002) contaram os cognatos em suas comparações léxico-estatísticas da LSM com a Língua de Sinais Francesa (LSF), Língua de Sinais Espanhola (LSE), e Língua de Sinais Japonesa (NS). A LSM foi comparada à LSF já que há razões para acreditar que elas são relacionadas historicamente. Um educador francês de surdos veio ao México em 1866, ao saber da primeira escola de surdos lá fundada. Por essa razão, alguns acreditaram que a LSF poderia ser uma fonte do empréstimo da(s) língua(s) de sinais no México. Pelo fato de a língua espanhola ser a língua falada compartilhada no México e na Espanha, a LSM e a LSE podem ter uma base comum de similaridades. Finalmente, na ausência de uma relação histórica conhecida, a comparação entre a LSM e a NS é usada como um controle para aproximar o possível grau de similaridade entre duas línguas de sinais não-relacionadas.

Os dados para a análise foram coletados a partir de eliciações gravadas em vídeo. As listas de palavras abrangeram de 89 vocabulários na comparação da LSM com a LSE a 112 vocabulários na comparação da LSM com a LSF e 166 conceitos para LSM-NS. Os conceitos foram denominados cognatos se eles

compartilhassem dois de cada três parâmetros. Diferentemente de McKee et al. (2002), Currie et al. (2002) excluíram o quarto parâmetro de orientação. Os resultados mostraram 38% de cognatos para LSM-LSF, 33% de cognatos para LSM-LSE e 23% para LSM-NS. Apesar de haver história de contato entre a LSM e a LSF, fica claro que o desenvolvimento histórico não é genético. Eles atribuem a similaridade ao empréstimo. Seus resultados também não apóiam a similaridade entre a LSM e a LSE, embora ela exista em comunidades que compartilham a língua falada, a língua espanhola. Finalmente, a comparação entre a LSM e a NS fornece um nível base do grau de similaridade entre quaisquer duas línguas de sinais que possam ter iconicidade compartilhada. Currie et al. (*ibid.*) argumentam que a modalidade visual-gestual das línguas de sinais e sua capacidade para representações icônicas dão suporte, no mínimo, a um nível mínimo de similaridade entre as línguas de sinais não relacionadas.

As relações genéticas entre as línguas de sinais nos Estados Unidos, no ocidente europeu e nas colônias britânicas coincidem com a história da educação de surdos nessas regiões, mas as relações entre as línguas de sinais do mundo árabe podem seguir um padrão inteiramente diferente, visto que a escolaridade das crianças surdas foi introduzida muito mais tarde no oriente médio. O Irmão Andrew, um educador pioneiro de surdos no oriente médio, atribui ao Padre Andeweg, um missionário anglicano holandês, a abertura da primeira escola para surdos na região do Líbano, no fim da década de 50. O Irmão Andrew chegou primeiro ao Líbano como professor e mais tarde

se mudou para a Jordânia, em 1964, para reabrir uma escola para surdos, que tinha sido inaugurada pelo Padre Andeweg (*Holy Land Institute for the Deaf*, 2004)

O *Holy Land Institute of the Deaf* (HLID), Instituto dos Surdos da Terra Santa, na cidade de Salt, na Jordânia, hoje em dia é considerado uma escola modelo para os surdos do oriente médio. As escolas para surdos em outros países árabes foram abertas, apenas, vários anos e décadas mais tarde. Essas escolas foram fundadas por seus respectivos governos e, em grande parte, sem nenhuma influência dos europeus. Com exceção da HLID, a maioria das escolas para surdos no oriente médio enfatiza métodos orais de comunicação, preferindo esses métodos à língua de sinais. Devido à recente fundação de tais instituições e por seu apoio continuado aos métodos de comunicação oral, seria de se esperar que o desenvolvimento da língua de sinais na região exibisse uma geografia diferente daquela na Europa e nos EUA.

Esse artigo explora as similaridades e diferenças entre as línguas de sinais no mundo árabe por meio do método léxico-estatístico. As línguas de sinais que serão examinadas em comparação com a Língua de Sinais da Jordânia (LIU)<sup>3</sup> são a Língua de Sinais Al-Sayyid Beduína (ABSL)<sup>4</sup>, a Língua de Sinais do Kuwait (KSL), a Língua de Sinais da Líbia (LSL) e a Língua de Sinais Palestina (PSL). A LIU também será comparada com a ASL como linha base, com a expectativa de um percentual de cognatos mais baixo devido à ausência de relação histórica conhecida entre elas. Entretanto, como existem profissionais jordanianos trabalhando com surdos que

<sup>3</sup> LIU é a forma abreviada da tradução fonética Árabe-Inglês, Lught il-Ishara il-Urduniyyeh.

<sup>4</sup> A ABSL é usada na comunidade Al-Sayyid no Deserto Negev, em Israel.

estudaram nos EUA, bem como um número de surdos jordanianos que estudaram na Gallaudet University, pode haver empréstimos lexicais da ASL para a LIU.

### 3. Metodologia

O vocabulário usado na comparação foi extraído de dicionários publicados das respectivas línguas de sinais, com exceção da ABSL onde o vocabulário foi elicitado por meio de uma entrevista gravada em vídeo, com um membro surdo da comunidade Abu Shara<sup>5</sup>. Todo o vocabulário no dicionário da LIU e cada um dos outros quatro dicionários foram usados para as comparações. A razão para essa comparação extensa foi que usar uma lista nuclear modificada ou uma lista de vocabulários selecionados aleatoriamente teria resultado em uma série menor de comparação de vocabulários dos dicionários do Kuwait e da Líbia, ou em uma ausência de vocabulário de comparação, como foi o caso do dicionário palestino, que tinha por alvo os alunos do ensino médio e da universidade de matemática e ciências, ou era muito focalizado em referências locais, tais como nomes de organizações e realidades, como é o caso do dicionário jordaniano.

Os sinais individuais de línguas diferentes foram comparados com base nos quatro parâmetros fonêmicos (configuração de mão, movimento, localização, e orientação da palma) seguindo a orientação mais rigorosa de McKee et al. (2000). Para McKee et al., os cognatos são sinais que compartilham pelo menos três desses quatro parâmetros. As

diferenças não manuais, tais como as marcas faciais, não foram incluídas na comparação.

### 4. Resultados

Como ilustrado na Tabela 1, os vocabulários entre 165 e 410 foram examinados para diferentes comparações. O número de vocabulário é similar ao número nos resultados de pesquisas comparativas anteriores sobre línguas de sinais. Como previsto, a relação LIU-PSL alcançou o número mais alto de cognatos com 58%, seguida pela relação LIU-KSL, com 40%, a relação LIU-LSL com 34% de cognatos e a relação LIU-ABSL com o índice mais baixo, 24% de cognatos.

Dois sinais de línguas de sinais diferentes foram denominados *idênticos* se eles compartilhassem todos os quatro parâmetros, como na Figura 1. Foram denominados *relacionados* se eles se diferenciavam em apenas um dos quatro parâmetros, como na Figura 2, onde a *configuração de mão* é o elemento diferenciador. Foram denominados *diferentes* se eles se diferenciavam em dois ou mais parâmetros.

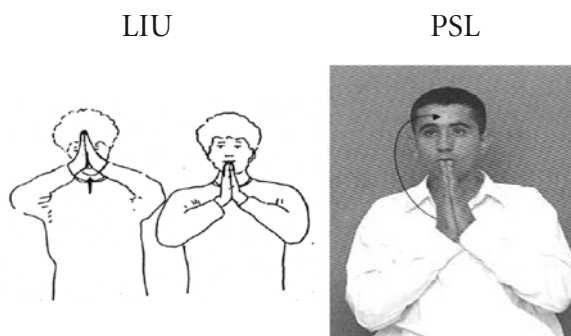


Figura 1. KORAN

<sup>5</sup> Os dicionários usados para este estudo são: Hamzah (1993) para LIU, Palestine Red Crescent Society (2000) para PSL, Kuwaiti Sign Language Dictionary (1995) para KSL, Suwayd (1992) para LSL, Tennant e Gluszak Brown (1998) para a ASL.

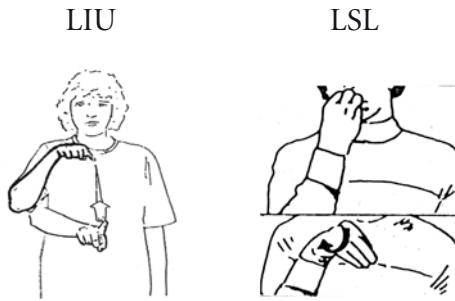


Figura 2. ELEFANTE

	PSL		KSL		LSL		ABSL		ASL	
Idêntico	59	35%	40	22%	42	16%	25	15%	28	7%
Relacionado	38	23%	33	18%	49	18%	14	9%	41	10%
Cognatos	58%		40%		34%		24%		17%	
Diferente	70	42%	110	60%	176	66%	126	76%	342	83%
Total	167		183		267		165		410	

Tabela 1: Vocabulário compartilhado entre a LIU e a PSL, a KSL, a LSL e a ABSL

## 5. Discussão

A Tabela 1 demonstra que a LIU-PSL e a LIU-KSL são relacionadas, mas, provavelmente não são dialetos da mesma língua, já que seus cognatos estão na faixa de 36-81%. No que se refere à relação existente entre LIU-LSL, LIU-ABSL e LIU-ASL, é provável que elas não sejam relacionadas, já que compartilham apenas 12-36% dos cognatos. Esses resultados demonstram, antes de qualquer coisa, que a geografia das línguas de sinais nessa região não coincide com a geografia das línguas faladas. Embora a ABSL, a KSL, a LIU, a LSL e a PSL sejam línguas existentes nas comunidades de língua árabe, elas são línguas de sinais distintas. Esses resultados contradizem a crença que as línguas de sinais do mundo árabe são, em sua maioria, ou similares ou diletos de uma única língua de sinais. Ao invés disso, os resultados sugerem que pelo menos tais línguas de sinais no mundo árabe não têm origens comuns,

ou divergiram enormemente, com o passar do tempo.

Como esperado, a LIU e a PSL compartilham a maioria dos cognatos, dentre quaisquer das línguas analisadas nesse estudo. Esse resultado é esperado, já que as comunidades palestinas e jordanianas são fortemente entrelaçadas, em termos de costumes e tradições de casamento. Também como esperado, a KSL e a LSL têm um baixo número de cognatos com a LIU. Isso é atribuído às circunstâncias culturais, sociais, políticas e econômicas que limitam o contato entre as três nações. Finalmente, a LIU e ABSL compartilham a menor quantidade de cognatos, dentre todas as línguas de sinais estudadas. Isso confirma relatórios etnográficos que mostram que a comunidade Al-Sayyd Beduína é uma comunidade fechada, com pouco contato com outras comunidades árabes. Do total de vocabulário comparado, apenas 24% dos sinais foram considerados cognatos com a LIU, semelhante ao percentual da relação LSM-NS, que demonstrou 23% de cognatos, o que foi considerado por Currie et al. (2002) como um nível base de similaridade que pode ser esperado entre quaisquer duas línguas de sinais não relacionadas. Esse grau de diferença enquadra-se logo abaixo da linha base de 26-32%, que McKee et al. (2000) propõem para a relação ASL-NZSL. De fato, as relações entre LIU-KSL e LIU-LSL com 40% e 34% dos cognatos não são significativamente mais altas que o nível base. Isso sugere duas coisas: 1) A LIU, a KSL e a LSL, provavelmente, não são historicamente relacionadas. Mas o grau mais alto de similaridade pode ser devido ao fato que essas línguas de sinais existem dentro do mundo árabe, onde existem muitos gestos emblemáticos em comum. De fato, é comum dizer que a fala, o gesto e a cultura estão tão intimamente interligados para os



árabes que para segurar as costas de um árabe enquanto ele está falando é equivalente a segurar a sua língua (Barakat, 1973). É provável que as comunidades surdas árabes com pouco ou nenhum contato entre si tenham sinais similares devido ao repertório gestual compartilhado.

Finalmente, os cognatos da relação LIU-ABSL estão em 24%, o que é mais alto do que os 17% dos cognatos compartilhados pela LIU e a ASL. Enquanto esses resultados se enquadram na categoria de não relacionados, o nível base mais alto para a ABSL do que para a ASL pode estar relacionado ao fato que a LIU e a ABSL compartilham a mesma cultura. Vale também observar que a diferença pode ser devida à discrepância nos vocabulários comparados. Na comparação entre a relação LIU-ASL e a relação LIU-ABSL, os vocabulários estavam duas vezes mais disponíveis na primeira relação. Possivelmente, se um vocabulário maior fosse comparado, o grau de similaridade cairia.

## 6. Conclusão

Dada a tradição de endogamia no mundo árabe, o que leva a altas taxas de surdez genética, é muito provável que tenha havido uma longa história de línguas de sinais na região. Como mostram os resultados da presente pesquisa, muitas dessas línguas de sinais são línguas distintas, não dialetos e não são relacionadas historicamente. As similaridades em seus vocabulários podem ser atribuídas aos valores culturais comumente compartilhados e aos repertórios gestuais. Esses resultados seguem o padrão histórico das línguas de sinais no mundo árabe que se desenvolvem, sobretudo, em instituições familiares em contraposição às instituições educacio-

nais, como no modelo ocidental. Na verdade, os sistemas educacionais organizados no mundo árabe são relativamente recentes. Isso apresenta uma geografia única de línguas de sinais, ao contrário da situação no ocidente. Tal resultado pode, entretanto, ser comparado aos resultados de Woodward (1991) sobre as línguas de sinais usadas na Costa Rica, onde ele encontrou várias línguas de sinais distintas, entre os vários *pueblos* indígenas.

Finalmente, a questão chave nas léxico-estatísticas das línguas de sinais é se duas línguas de sinais não relacionadas têm mais vocabulários em comum do que quaisquer outras línguas faladas não relacionadas. Descobrimos, em nossa comparação das línguas de sinais da região do oriente médio, que duas línguas de sinais geograficamente distantes podem ter um nível de similaridade base um tanto mais alto quando comparadas a duas línguas faladas não relacionadas, o que sugere a existência de algo inerente na modalidade gesto-visual das línguas de sinais que predispõe seus vocabulários à similaridade. Talvez seja por isso que as línguas de sinais de uma região podem parecer similares, quando, sob uma análise mais profunda, elas se enquadram abaixo de um limiar de similaridade mensurável.

## Referências

- ABDEL-FATTAH, M. **Arabic sign language: A perspective.** *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 10, 2005. p. 212-221.
- BARAKAT, R. **Arabic gestures.** *Journal of Popular Culture*, v. 6, 1973. p. 749-791.
- BLACK, P.; KRUSKAL, J. **Comparative lexico-statistics: A brief history and bibliography of key words.** 1997. Disponível em: <<http://www.ntu.edu.au/education/langs/ielex/BIBLIOG>.



- html> Acesso em: 07 ago. 2006.
- CROWLEY, T. **An introduction to historical linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- CURRIE, A., MEIER, R.; WALTERS, K. A cross-linguistic examination of the lexicons of four signed languages. In: MEIER, R; CORMIER, K.; QUINTO-POZO, D. (Orgs.) **Modality and structure in signed and spoken language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 224-236.
- GREENBERG, J. **Essays in Linguistics**. Chicago: University of Chicago Press, 1957.
- GROCE, N. **Everyone here spoke sign language: Hereditary deafness on Martha's Vineyard**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1985.
- HAMZAH, M. **Lughah al-ishara al-Urduniyah al-Arabiyah**. Special Audiology Center, Amman, 1993.
- HOLY LAND INSTITUTE FOR THE DEAF. The Holy Land Institute for the Deaf, Salt, 2004.
- KISCH, S. Negotiating (genetic) deafness in a Bedouin community. In: CLEVE, J. van (Org.) **Genetics, Disability and Deafness**. Washington DC, 2004. p. 148-173.
- KUWAITI SIGN LANGUAGE DICTIONARY. Kuwaiti Sign Language Dictionary. 1995. Disponível em: <<http://www.mym.4mg.com/>>. Acessado em: 16 abril 2006.
- LEAGUE OF ARAB STATES. Member states. Disponível em: <[http://www.arableagueonline.org/arableague/english/level2\\_en.jsp?level\\_id=11](http://www.arableagueonline.org/arableague/english/level2_en.jsp?level_id=11)>. Acessado em: 21 mar. 2006.
- MCKEE, D.; KENNEDY, G. Lexical comparisons of signs from American, Australian, British and New Zealand Sign Languages. In: EMMOREY, K.; LANE, H. (Orgs.). **The signs of language revisited: An anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima**, Mahwah, 2000. p. 49-76.
- PALESTINE RED CRESCENT SOCIETY. Qamuslu-ghat al-ishara al-Falasteeniyah. Ramallah, 2000.
- SANDLER, W.; MEIR, I.; PADDEN, C., & ARONOFF, M. The emergence of grammar: Systematic structure in a new language. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, 102, 2005. p. 2661-2665.
- SHAHIN H.; WALSH, T.; SOBE, T.; LYNCH, E.; KING, M., et al. Genetics of congenital deafness in the Palestinian population: Multiple connexin 26 alleles with shared origins in the Middle East. **Human Genetics**, v. 110, 2002. p. 284-289.
- SULEIMAN, Y. **The Arabic language and national identity**. Edinburgh University Press, 2003.
- SUWAYD, A. **Al-qamus al-ishari**. Triploi, Libya: Dar Al-Madinah Al-Kadeemah Lil-kitab, 1992.
- TENNANT, R.; GLUSZAK BROWN, M. **The American Sign Language Handshape Dictionary**. Washington, DC, 1998,
- WALSH, T.; ABU RAYAN, A.; ABU SA'ED, J.; SHAHIN, H.; SHEPSHELOVICH, J.; et al. Genomic analysis of a heterogeneous Mendelian phenotype: Multiple novel alleles for inherited hearing loss in the Palestinian population. **Human Genome**, v. 2, 2006. p. 203-211.
- WOODWARD, J. Historical bases of American Sign Language. In: SIPLE, P. (Org.), **Understanding language through sign language research**, New York, 1978. p. 333-348.
- WOODWARD, J. Sign language varieties in Costa Rica. **Sign Language Studies**, v. 73, 1991. p. 329-346.
- WOODWARD, J. The relationship of sign language varieties in India, Pakistan, and Nepal. **Sign Language Studies**, v. 78, 1993. p. 15-22.
- WOODWARD, J. Modern Standard Thai Sign Language: Influence from American Sign Language and its relationship to original Thai Sign Language varieties. **Sign Language Studies**, v. 92, 1996. p. 227-252.

# Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlingüísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS)<sup>1,2</sup>

*Elena Pizzuto<sup>1</sup>, Paolo Rossini<sup>1,2</sup>, Marie-Anne Sallandre<sup>3</sup>, Erin Wilkinson<sup>4</sup>*

<sup>1</sup>Istituto di Scienze e Tecnologie della Cognizione, Consiglio Nazionale delle Ricerche, Roma

<sup>2</sup>Istituto Statale Sordi, Roma

<sup>3</sup>UFR de Sciences du Langage, Université Paris 8 & UMR 7023, CNRS, Paris

<sup>4</sup>Department of Linguistics, University of New Mexico, Albuquerque, USA

## 1. Introdução

Este artigo explora fatores tipológicos, supostamente específicos da modalidade, que afetam a dêixis e a anáfora nas línguas de sinais (doravante LS). Tendo em vista tal objetivo, definimos estruturas dêitico-anafóricas, de um modo bastante simplificado, como recursos de coesão textual que permitem aos falantes ou sinalizantes introduzir referentes no discurso (dêixis) e, subsequentemente, referir-se a eles em momentos posteriores (anáfora) (veja Lyons, 1977; Lombardi Vallauri [2004, no prelo] para uma visão geral do assunto).

O foco da pesquisa são duas grandes classes de recursos de referência dêitico-anafórica já descritos para as LS. A primeira, doravante denominada classe ‘padrão’, tem sido amplamente investigada. Ela é realizada por meio de apontações manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço, normalmente chamadas de “loci”, às quais os referentes podem ser atribuídos simbolicamente (para visões gerais que enfatizam a uniformidade tipológica na LS com relação a esse mecanismo básico, veja, entre outros, Cuxac, 2000; Liddell, 2003; Lillo-Martin & Klima, 1990; McBurney, 2002; Rathmann & Mathur, 2002; Pizzuto, 2004/no prelo). As-

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Ladjane Maria Farias de Souza, Lucas Hack de Mendonça

<sup>2</sup> O presente artigo é uma versão revisada do artigo apresentado por Erin Wilkinson e Marie-Anne Sallandre no Encontro TISLR 2006 realizado em Florianópolis, Brasil (Wilkinson, Rossini, Sallandre & Pizzuto, 2006). Cada um dos autores contribuiu igualmente de diversas maneiras (em línguas escritas/línguas de sinais) para o trabalho descrito neste artigo. Nós agradecemos o apoio financeiro parcial oferecido por diversas agências, instituições e projetos em andamento: o Fulbright Mason Perkins Fund (2000-2001), por apoiar Erin Wilkinson em sua fase inicial de pesquisa no Instituto di Scienze e Tecnologie della Cognizione of the Consiglio Nazionale delle Ricerche in Rome; os Italian and French National Research Councils (CNR-CNRS Project “Language, its formal properties and cognition what can be learned from signed languages”); o Instituto Statale Sordi di Roma e os fundos “Progetti Felicità” (projeto italiano “Writing LIS and Sign Writing”); o projeto francês ACI Cognitive “LS-COLIN” 2000-2002 (CNRS UMR 7023, IRIT, LIMSI). Somos muito gratos aos sinalizantes da ASL, da LIS e da LSF que participaram desse estudo, e a todos os colegas surdos e ouvintes de nossas instituições pelas discussões relevantes a respeito dos tópicos por nós explorados. Todas as imagens dos sinalizantes incluídas neste trabalho foram reproduzidas com sua permissão.

sim sendo, para introduzir um referente no discurso, o sinalizante pode produzir um sinal manual padrão (ou “cristalizado”)<sup>3</sup> para o referente e então marcá-lo no espaço de sinalização por meio de uma apontação manual ou visual, ou ainda, por meio de uma alteração morfológica do ponto de articulação do sinal utilizado (que pode ou não ser acompanhada por apontações visuais), estabelecendo, dessa forma, uma posição no espaço (ou ‘locus’) para o referente simbolizado. A referência anafórica é feita então, apontando-se novamente para aproximadamente o mesmo ponto no espaço, através de apontações visuais ou manuais (veja 1.1 para mais detalhes e um exemplo ilustrativo).

No entanto, como foi observado em outras pesquisas (Pizzuto, 2004/no prelo), a referência dêitico-anafórica também é produzida na LS através de complexas unidades manuais e não-manuais, que não são sinais de apontação nem podem ser classificadas como sinais padrões. Essas unidades exibem características altamente icônicas e são marcadas por padrões específicos do olhar, que as distinguem dos sinais padrões. Ao longo desse artigo, vamos nos referir a essas unidades como Estruturas Altamente Icônicas (EAI) ou ‘*Transferências*’, de acordo com Cuxac (1985; 1996; 2000). Além dos padrões específicos do olhar, outros elementos que compõem as EAI são: (1) formas manuais que codificam características perceptivelmente salientes das relações entre os referentes e o referencial, em

geral identificadas na literatura sobre LS por diferentes termos como: “classificadores”, “morfemas produtivos”, sinais “polissintéticos” ou “multicomponenciais”; (2) expressões faciais marcadas e/ou modificações na direção da cabeça, dos ombros e do tronco, geralmente identificadas na literatura como “recursos de troca de papéis”, mas que também recebem outras denominações (veja seção 1.1 abaixo para uma discussão mais ampla). Como ilustraremos adiante, diferentes subtipos de EAI podem ser combinados entre si, ou com sinais padrões, para codificar simultaneamente informações referentes a dois (ou até mais) referentes, permitindo assim uma especificação multilinear da referência dêitico-anafórica, que parece ser exclusiva da modalidade visual-gestual.

Embora os recursos manuais e não-manuais acima citados tenham sido descritos sob diferentes perspectivas e com terminologias distintas, informações quanto ao seu uso em operações de referência dêitico-anafórica e/ou quanto à maneira como eles interagem com os artifícios ‘padrão’ são escassas ou inexistentes. Nosso estudo oferece evidências relevantes com relação a esse tópico, através de um exame comparativo de narrativas curtas produzidas em três LSs: americana (ASL), francesa (LSF) e italiana (LIS). Sabe-se que a ASL e a LSF são historicamente relacionadas, enquanto a LIS não possui nenhuma relação estabelecida, seja com a ASL ou com a LSF<sup>4</sup>. As amostras das línguas por nós analisadas

<sup>3</sup> Sinais padrão são aqui definidos, conforme grande parte da literatura sobre LS, como sendo sinais que normalmente aparecem em dicionários de LS, e são geralmente descritos como constituintes de um ‘léxico cristalizado’. Eles se diferenciam das ‘produtivas’ formas altamente icônicas, que serão descritas a seguir.

<sup>4</sup> Devido à ausência de uma documentação escrita apropriada sobre LS, e também devido aos complexos fenômenos de transmissão e variação da língua que são próprios das LS e das diferentes comunidades compostas por sinalizantes (Cuxac; 2000; Fusellier-Souza, 2004; 2006), ainda é muito difícil de afirmar os vínculos históricos existentes entre as LS utilizando-se dos mesmos critérios aplicados na pesquisa sobre línguas faladas/escritas.

nos permitem, dessa forma, avaliar, ainda que parcialmente, a influência das relações entre as línguas sobre os fenômenos investigados. Caso encontrássemos semelhanças apenas entre a ASL e a LSF, isso poderia ser tomado como evidência de que tais semelhanças podem ser atribuídas ao vínculo histórico existente entre essas duas LSs. Por outro lado, se descobríssemos que os padrões semelhantes se aplicam às três LSs investigadas, isso poderia ser tomado como evidência de que as semelhanças se devem a fatores mais universais, ligados à modalidade visual-gestual de expressão lingüística.

A seguir, vamos apresentar nosso referencial teórico e oferecer exemplos ilustrativos das estruturas mencionadas acima.

### 1.1 Referencial teórico e exemplos ilustrativos das estruturas analisadas

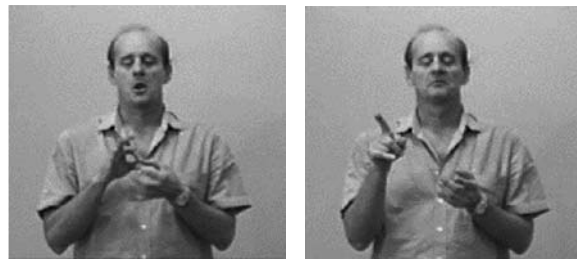
O presente estudo origina-se de, e faz a ponte entre, trabalhos empíricos e teóricos desenvolvidos, de forma independente, por nossos grupos de pesquisa, sobre tópicos como: a morfologia, a dêixis e a anáfora nas LSs, em comparação com as das línguas faladas ou verbais (Pizzuto, 1978; 2004/no prelo; Pizzuto, Giuranna & Gambino, 1990; Wilkinson, 2002); e, o papel crucial da iconicidade na formação do léxico, da gramática e do discurso nas LS (Cuxac, 1985; 1996; 2000; Cuxac & Sallandre, 2004/no prelo; Fusellier-Souza, 2004; 2006; Russo, 2004; Russo, Giuranna & Pizzuto, 2001; Sallandre, 2003; 2007). Uma

revisão detalhada de tais bases teóricas ultrapassa o escopo deste artigo, portanto vamos apenas esboçar rapidamente alguns dos pontos mais importantes, especialmente no que diz respeito às EAIs mencionadas anteriormente. Antes disso, convém examinarmos brevemente o mecanismo ‘padrão’ para a referência dêitico-anafórica, ilustrado no Exemplo (1) abaixo, a partir de trechos de um texto em LIS, que narra um evento comum<sup>5</sup>.



1a

1b



1c

1d

#### (1) ‘um colega’ [...] ‘ele, o colega, ele...’

A imagem de vídeo congelada em 1a mostra um sinal nominal padrão que significa “colega”, por meio do qual o sinalizante introduziu deiticamente esse referente no discurso: o sinal manual é deslocado para uma posição marcada à direita do sinalizante e acompanhado por uma apontação visual na

Sendo assim, embora não haja documentação que comprove uma relação histórica entre LIS, de um lado, e ASL/LSF do outro lado, não podemos excluir a possibilidade de que, em algum momento da história passada ou recente, essas LS tenham entrado em contato umas com as outras de uma forma mais significativa do que nós podemos afirmar hoje.

<sup>5</sup> Fragmentos extraídos do corpus ‘Necklace theft’ (Fabbretti, 1997).

mesma direção. As imagens congeladas 1c-1d mostram como, em um momento subsequente do discurso, o sinalizante retoma anaforicamente o mesmo referente, em um primeiro momento, por meio de uma apontação manual para o mesmo ponto no espaço previamente marcado (1c); em um segundo momento, por meio de uma nova instância do sinal ‘colega’, dessa vez articulado em uma posição não-marcada no espaço neutro (1d, compare com 1a-1b); e finalmente, por meio de uma segunda apontação (significando ‘ele, o colega, ele...’).

Esse mecanismo ‘padrão’ de referência dêitico-anafórica no discurso sinalizado interage substancialmente com as modificações morfológicas sofridas por diferentes classes de verbos, alterando suas locações no espaço. Não trataremos dessa interação aqui (para isso, ver Cuxac, 2000; Pizzuto, 2004/no prelo). O que queremos enfatizar é que estruturas como as mostradas acima, descritas já nas primeiras pesquisas sobre a ASL (por exemplo, Friedman, 1975; Klima & Bellugi, 1979; Wilbur, 1979), são, aparentemente, muito semelhantes em várias outras LSs do mundo, o que torna plausível se supor que elas sejam estruturas universais ou quase-universais (McBurney, 2002; Rathmann & Mathur, 2002; Pizzuto, 2004/no prelo).

Passamos, agora, a uma breve ilustração das EAIs e do modelo teórico no qual elas se enquadram. Baseando-se em análises abrangentes do discurso e da gramática da LSF, em um contexto interlingüístico, Cuxac (1985; 1996; 2000) sugeriu que todas as LSs têm por origem e exploram a capacidade básica que os sinalizantes têm de iconizar sua experiência perceptiva/prática do mundo físico. Um dos efeitos desse processo de iconização é o de dotar as LSs de uma dimensão semiótica adicional com relação às línguas verbais. As LSs, diferentemente das línguas verbais, ofe-

recem duas maneiras de se produzir significado: pode-se ‘dizer e mostrar’, produzindo-se assim EAIs ou ‘*Transferências*’, que são exclusivas da modalidade sinalizada, ou então se pode ‘dizer sem mostrar’, por meio do léxico padrão e da apontação, produzindo-se estruturas mais compatíveis com as encontradas nas línguas verbais.

Essas duas maneiras de se produzir significado refletem duas intenções diferentes entre as quais o sinalizante pode optar, conscientemente, a fim de articular seu discurso: a de ilustrar e a de não ilustrar o que diz. As operações realizadas pelos sinalizantes quando escolhem a intenção de ilustrar (e as estruturas resultantes produzidas) são chamadas de ‘*Transferências*’. Elas são concebidas como vestígios de operações cognitivas por meio das quais os sinalizantes transferem sua concepção do mundo real para o mundo tetradimensional do discurso sinalizado (as três dimensões do espaço acrescidas da dimensão tempo).

Os componentes manuais dessas estruturas complexas são chamados de ‘proformas’. O termo ‘proformas’ corresponde ao que é tratado, na maioria das pesquisas sobre LS, sob a rubrica ‘classificadores’ (ou sob outras rubricas mencionadas anteriormente – ver Schembri, 2003 e os artigos reunidos em Emmorey, para uma visão geral do assunto.) A diferença entre ‘proformas’ e ‘classificadores’, entretanto, não é puramente terminológica, mas sim substantiva: ela é estabelecida através de um modelo lingüístico que atribui à iconicidade um papel formal fundamental na construção do discurso e da gramática da LS; de análises teóricas que mostram a inadequação do uso da ‘análise dos classificadores’ para os elementos aqui discutidos; e da análise detalhada dos aspectos formais e articulatórios característicos das EAIs, nos quais



as proformas estão inseridas, em especial os padrões específicos do olhar (Cuxac, 1996; 2000). Em contraposição, a análise dessas formas em termos de ‘classificadores’ focaliza principalmente os componentes manuais, desconsiderando ou subestimando o papel dos padrões do olhar em sua especificação.

A partir de Cuxac (1985; 2000), distinguimos, neste artigo, três tipos principais de *Transferências* (veja Sallandre 2003, para uma classificação muito mais detalhada):

1. As ‘transferências de forma e tamanho’ (TF) descrevem objetos ou pessoas de acordo com seu tamanho ou forma (sem levar em conta o processo ou o papel envolvido). O objeto é descrito por meio de proformas. O olhar se dirige às mãos e a expressão facial especifica a forma.
2. As ‘transferências de situação’ (TS) envolvem o movimento de um objeto ou personagem (o agente, especificado pela mão dominante) com relação a um ponto de referência locativo estável (especificado pela mão não-dominante). A situação é mostrada como se a cena estivesse sendo observada a uma certa distância. O sinalizante mantém uma distância com relação àquilo que ele está representando. O olhar se dirige à mão dominante e a expressão facial especifica o agente.
3. As ‘Transferências de pessoa’ (TP) envolvem um papel (agente ou paciente) e um processo. O sinalizante ‘se transforma’ na entidade a que ele se refere ao reproduzir, em seu enunciado, uma ou mais ações realizadas pela entidade. Em geral, as entidades a que os sinalizantes se referem são seres humanos ou animais, mas também podem ser seres inanimados.

O terceiro tipo de Transferências, TP, tem sido tratado na literatura da área sob rubricas como “tomada de papéis”, “troca de papéis”

(Padden, 1986) ou ainda, em trabalhos anteriores, “pronomes corporais e pronomes corporais projetados” (Kegl, 1976), e “marcadores corporais” (Pizzuto et al, 1990). O foco principal de tais pesquisas é o conjunto de características não-manuais apresentado por essas Transferências (expressões faciais marcadas, olhares, posturas corporais).

Como observado anteriormente, um aspecto relevante das EAIs é o fato de que os subtipos de Transferência podem ser combinados entre si, ou com sinais padrões, para codificar informações sobre dois (ou até mais) referentes de uma forma multilinear e simultânea, que não tem equivalente na língua falada. Esse fenômeno é chamado de ‘Dupla Transferência’ (DT) na terminologia de Cuxac (por exemplo, o emprego simultâneo de uma TP para especificar um agente e de uma TS para especificar informações relativas à locação, ou ainda para especificar um segundo agente). Fenômenos semelhantes foram descritos por vários autores sob diferentes perspectivas e por meio de terminologias distintas (por exemplo, Dudis, 2004; Russo, 2004; a coletânea de artigos em Vermeerbergen, e Leeson Crasborn, 2007; entre outros). No presente artigo, denominamos esses fenômenos de operações de “Múltipla Referência” (MR) e avaliamos sua incidência nas narrativas sinalizadas selecionadas.

Esses tipos de Transferência são ilustrados abaixo. Os exemplos (2) e (3) foram tirados de narrativas feitas na LSF e destacam as diferenças existentes entre os sinais padrões e as EAI. Observe que, na produção dos sinais padrões, o olhar do sinalizador se dirige ao interlocutor. Na produção das EAIs, o olhar se desvia do interlocutor e se dirige às mãos (durante a articulação das estruturas TS e TF), ou a diferentes pontos no espaço, a fim de se reproduzir o olhar da entidade representada



(durante a articulação de estruturas TP). O exemplo (2) mostra um sinal padrão e uma TF, ambos codificando o mesmo significado: ‘árvore’. A proforma (configuração de mão na TF) descreve a forma física da árvore.



2a

2b



2c

(2) ‘árvore’ via sinal padrão (2a) e via TF (2b-2c)

O exemplo (3) mostra um sinal padrão (3a) e uma TP (3b), ambos codificando o mesmo significado: ‘cavalo’. Na estrutura TP, todas as características manuais e não-manuais (olhar, expressão facial, corpo e mãos) reproduzem as características da entidade.



(3) ‘cavalo’ via sinal padrão (3a) e via TF (3b)

O exemplo (4) abaixo mostra três estruturas TS extraídas das narrativas analisadas no presente estudo, respectivamente: na LIS (4a), na ASL (4b) e na LSF (4c). Tanto o exemplo da narrativa na LIS (4a), quanto o da narrativa na ASL (4b) se referem à ‘queda de um cachorro do peitoril da janela’. O exemplo da narrativa na LSF (4c) descreve ‘um cavalo saltando uma cerca’. Em todas as TS, o olhar se dirige primeiro para a mão dominante e depois para a não-dominante. A mão dominante expressa o agente e o processo (‘cachorro-caindo’, ‘cavalo-saltando’), enquanto a mão não-dominante expressa o locativo e o objeto implicado na relação locativa (‘peitoril da janela’, ‘cerca’). A expressão facial é congruente com o processo representado.



(4) 4a: LIS

4b: ASL



4c: LSF

Os exemplos (5) abaixo mostram duas ocorrências de MR extraídas, respectivamente, das narrativas na LIS (5a) e na ASL (5b) analisadas no presente estudo. No exemplo

5a, as estruturas TP e TS produzidas permitem ao sinalizante fazer simultaneamente referências anafóricas a ‘uma criança segurando um cachorro em seus braços’ e a ‘o cachorro lambendo a bochecha da criança’. No exemplo 5b, os mesmos tipos de estrutura permitem ao sinalizante representar ‘um cachorro com ‘um pote’ ao redor do pescoço.



(5) 5a: LIS

5b: ASL

Observe que as estruturas TS mostradas em (4) também são exemplos de MR.

### 1.2 Evidências encontradas em estudos anteriores e questões investigadas no presente estudo

Estudos anteriores sobre a LSF ofereceram clara evidência do emprego generalizado das EAI nessa língua, em textos de diferentes gêneros. Tal emprego foi demonstrado em análises de textos longos, produzidos por um pequeno número de sinalizantes da LSF (Cuxac, 1996, 2000) e em trabalhos mais recentes envolvendo um amplo corpus de narrativas curtas e textos ‘prescritivos’ (receitas culinárias), produzidos por 19 sinalizantes (Sallandre (2003). Os resultados obtidos por Sallandre também destacam importantes diferenças, no que diz respeito aos gêneros de discurso: as EAI são muito mais frequentes

nas narrativas (uma média de 70%) do que nos textos prescritivos (uma média de 30%). Desconsiderando-se as diferenças terminológicas entre os autores, evidências semelhantes do uso generalizado das EAI em diversos gêneros do discurso sinalizado podem ser obtidas em análises e observações referentes à LIS (Pizzuto, 2004/no prelo; Pizzuto & al, 1990; Russo 2004; 2005; Russo & al, 2001; Wilkinson, 2002), à BSL (Brennan, 2001), à ASL (Emmorey & Reilly 1998; Emmorey, 2003) e à DSL (Engberg-Pedersen, 1993; 2003)).

Contudo, nenhum estudo de que temos conhecimento tratou, de forma explícita, as questões que buscamos esclarecer no presente estudo interlingüístico.

1. Com que frequência as EAI são usadas para a realização de operações de referência dêitico-anafórica?
2. No que diz respeito à referência dêitico-anafórica, as EAI são usadas com maior ou menor frequência do que os sinais ‘padrão’ e as apontações manuais?
3. Qual a incidência de uso da MR na realização de operações de referência dêitico-anafórica via EAI, isto é, com que frequência o uso das EAI permite aos sinalizantes introduzir ou re-introduzir no discurso dois (ou até mais) referentes simultaneamente?

## 2. Dados usados no presente estudo

Os dados utilizados no presente estudo foram extraídos de corpora mais extensos de diferentes gêneros do discurso sinalizado, que foram coletados na França, na Itália e nos Estados Unidos, com base na produção de um número considerável de sinalizantes nativos e não-nativos da ASL, da LIS e da LIF (Wilkinson, 2002; Sallandre, 2003; 2007; Pizzuto, Rossini, Russo & Wilkinson, 2005).

No presente estudo, analisamos narrativas curtas obtidas por meio de duas histórias ilustradas diferentes, que têm sido amplamente utilizadas em pesquisas tanto sobre LS quanto sobre línguas faladas. As narrativas na LIS e na ASL foram elicitadas mediante o uso da mesma história, “*Frog where are you?*” [“Sapo onde está você?”] (Mayer, 1969). Já as narrativas na LSF foram elicitadas por meio da história “*The Horse*” [“O Cavalo”] (Hickmann, 2003).

Na versão utilizada como material de elicitación de dados, a história ‘do sapo’ é composta de 24 figuras. Ela conta as aventuras de um menino, seu cachorro e um sapo. O menino (protagonista principal) encontra um sapo, leva-o para casa, coloca-o dentro de um pote que está em seu quarto e, então, vai dormir com o cachorro. Durante a noite, enquanto o menino e o cão dormem, o sapo pula para fora do pote e escapa. Na manhã seguinte, ao acordar o menino descobre que o sapo desapareceu. Então ele e o cachorro começam a procurar pelo sapo em todos os lugares.

A história ‘do cavalo’ é composta de 5 figuras, portanto, muito ‘mais curta’ do que a história ‘do sapo’. Ela narra ações simples realizadas por um cavalo, uma vaca e um pássaro no espaço de um pasto dividido por uma cerca. O protagonista principal é o cavalo, que galopa alegremente de um dos lados da cerca, enquanto é observado pela vaca e pelo pássaro, que estão, respectivamente, do outro lado da cerca e sobre uma das estacas da cerca. Em um determinado momento, o cavalo pula a cerca para se juntar à vaca do outro lado, mas acaba batendo na cerca e caindo de costas do outro lado, machucando uma de suas pernas. A vaca e o pássaro chegam então para ajudá-lo: o pássaro traz um kit de primeiros-socorros, que é usado pela vaca para

enfaixar a perna do cavalo.

Essas histórias ilustradas foram mostradas a todos os sinalizantes por entrevistadores surdos fluentes em cada uma das LSs analisadas e com os quais os sinalizantes estavam bem familiarizados. Todos os sinalizantes tiveram oportunidade de se familiarizar com as histórias, sem restrição de tempo, para então contá-las usando sua memória.

Para cada LS, selecionamos, a partir dos corpora mais extensos mencionados acima, os textos produzidos por três sinalizantes nativos de idades e histórico sócio-cultural comparáveis: jovens adultos surdos, na faixa etária de 19 a 23 anos, de classe média, com ensino médio concluído ou nos primeiros anos da universidade. Focalizamos nossa análise em seqüências textuais de conteúdo análogo (episódios funcionalmente idênticos envolvendo referentes animados e inanimados) e duração de tempo equivalente (aproximadamente 1 minuto de produção de sinais). Os dados referentes à ASL e à LIS compreendem partes da narrativa da ‘história do sapo’, correspondentes à seqüência que vai do começo da história até o episódio em que o cachorro cai do peitoril da janela, o menino o segura nos braços e ele lambe a bochecha do menino. Os dados referentes à LSF correspondem a narrações completas da ‘história do cavalo’.

O leitor pode estar se perguntando porque usamos partes da ‘história do sapo’ para a coleta dos dados na ASL e na LIS e uma história diferente, a do ‘cavalo’, para os dados na LSF. Nossa escolha foi parcialmente motivada por indícios fornecidos por trabalhos anteriores, mas também foi influenciada por razões práticas. Pesquisas conduzidas de forma independente sobre as ‘histórias de sapo’ na ASL e na LIS

(Wilkinson, 2002) e sobre as ‘histórias de cavalo’ na LSF (Sallandre, 2003) indicaram a relevância que características semânticas, como animado x inanimado e humano x não-humano, podem ter para um entendimento mais claro dos artifícios dêiticos e anafóricos nas narrativas sinalizadas. Ambas as histórias analisadas incluem referentes animados e inanimados, mas elas se diferenciam com relação ao aspecto ‘humano’ x ‘não-humano’ de seus protagonistas: a história ‘do sapo’ tem um personagem humano (o menino) como protagonista principal, enquanto, na história ‘do cavalo’, todos os personagens são animais, portanto não-humanos. Essa diferença existente entre as duas histórias pode, assim, fornecer informações sobre o papel que o aspecto humano x não-humano pode ter (dentro da categoria de referência a seres animados), na seleção de artifícios de referência dêitico-anafórica nas narrativas.

Quando planejamos a pesquisa aqui relatada, pretendíamos expandir nosso banco de dados com o intuito de analisar narrativas referentes a *ambas* as histórias produzidas em cada uma das LS investigadas. Entretanto, restrições de tempo e de financiamento nos impediram de manter esse objetivo. O presente estudo comparativo foi então redesenhado e deve ser visto como uma exploração inicial da questão em foco. Reconhecemos que uma análise mais abrangente requer uma maior quantidade de dados nas línguas analisadas, coletados a partir dos mesmos materiais de elicitación.

## 2.1 Transcrição, codificação e análise dos dados

A metodologia de transcrição, bem como as categorias analíticas que utilizamos para a codificação, foram estabelecidas de comum acordo entre todos os co-autores, a partir do trabalho teórico e das análises empíricas sobre o discurso sinalizado realizados por Cuxac (2000), Sallandre (2003) Cuxac & Sallandre (2004/no prelo), Pizzuto (2004/no prelo), e Pizzuto et al (2005).

Todas as produções de sinais foram transcritas e codificadas no mesmo formato Excel por sinalizantes fluentes em cada uma das LS nacionais investigadas<sup>6</sup>. Utilizamos as chamadas ‘glosas’ para anotar, respectivamente no inglês, francês e italiano escritos, o significado básico das unidades lingüísticas que identificamos nas narrativas da ASL, da LSF e da LIS<sup>7</sup>. Essa anotação por meio de ‘glosas’ foi acrescida, nas transcrições em Excel que produzimos, de informações sobre a duração de cada unidade identificada e de informações relevantes a respeito das características formais e articulatórias de tais unidades de sinal (por exemplo: cada unidade foi codificada quanto ao tipo - sinal padrão ou EAI? EAI do subtipo TF, TS ou TP?; quanto à presença/ausência de deslocamento espacial; e quanto às mãos usadas na produção dos componentes manuais das unidades de sinal).

Todas as transcrições foram subsequentemente revisadas por todos os co-autores (juntamente com os dados originais gravados

<sup>6</sup> Erin Wilkinson transcreveu os dados da ASL, Paolo Rossini, os da LIS, e Marie-Anne Sallandre, os da LSF.

<sup>7</sup> Os autores têm pleno conhecimento de que a chamada anotação baseada em glosas, apesar de ser ainda uma prática comum entre quase todos os pesquisadores de línguas, impõe severas limitações no que diz respeito à análise de enunciações e discurso sinalizados, e que é necessário que se desenvolva sistemas mais apropriados para a anotação de produções sinalizadas em forma escrita. Para alguns trabalhos recentes sobre esse assunto, bem como possíveis soluções para o problema, o leitor interessado pode consultar Di Renzo & al (2006), Garcia & Boutet (2006), e Pizzuto, Rossini & Russo (2006).

em DVD), para uma verificação da uniformidade das transcrições e das metodologias de codificação.

O foco das análises foi as expressões referenciais utilizadas no texto para introduzir (deiticamente) e retomar (anaforicamente) os referentes animados e inanimados simbolizados nas narrativas. Dividimos todas as expressões referenciais em duas classes principais: (a) sinais padrões e (b) EAI.

A primeira classe (doravante SPR) incluiu: (1) todos os sinais de grande carga semântica que aparecem com frequência nos dicionários de LS (por exemplo, os sinais padrões para ‘sapo’, ‘cavalo’, e ‘pote’); (2) apontações manuais usadas para posicionar os referentes em determinados pontos do espaço de sinalização.

A segunda classe incluiu todas as EAIs, distribuídas nas três classes principais (TF, TS e TP), como descritas na seção 1.1 acima. Observe-se que, para os propósitos do presente estudo, os subtipos TF e TS de EAI foram agrupados em uma única categoria (TF/TS), na seção de descrição de resultados a seguir.

Distinguimos um terceiro tipo de produção dêitico-anafórica que inclui combinações ‘mistas’ (doravante ‘MIX’) de EAI e sinais PDR (por exemplo, uma TF produzida com uma única mão que veiculava o significado de ‘pote’, acompanhada por uma apontação manual produzida com a outra mão, significando ‘este pote’).

Ao analisar a distribuição dos sinais PDR em oposição às EAI, nas operações de referências dêitico-anafóricas, exploramos possíveis diferenças relativas ao status (animado x inanimado) dos referentes simbolizados no discurso. Por fim, examinamos a incidência das MR (como definidas e descritas acima – veja os exemplos [4] e [5]), calculando sua

proporção nos textos, como mostraremos a seguir. Agrupamos todas as ocorrências de referências dêitico-anafóricas e, então, dividimos o número de casos em que uma MR foi realizada pelo número total de operações de referência dêitico-anafóricas produzidas.

### 3. Resultados: A importância das EAI enquanto recursos dêitico-anafóricos nas narrativas sinalizadas

Os principais resultados desse estudo estão resumidos na Tabela 1 e nas Figuras 1-5, mostradas abaixo. Na tabela e nas figuras, os sinalizantes individuais são indicados por sua língua e diferenciados por números (por exemplo: LIS-1, LIS-2 e LIS-3 indicam os três sinalizantes da LIS). A Tabela 1 mostra o número total de ocorrências (e a porcentagem relativa) dos artifícios de referência dêitico-anafórica, identificados nos textos produzidos por cada sinalizante, e divididos em sinais padrões, EAI e produções mistas compostas de sinais padrões e EAI.

**Tabela 1**  
**Distribuição geral (número e porcentagens relativas) de sinais padrões (PDR), EAI e produções mistas de sinais padrões e EAI (MIX) usados como artifícios de referência dêitico-anafórica nos textos da ‘história do sapo’ produzidos pelos três sinalizantes de LIS e de ASL e nos textos da ‘história do cavalo’ produzidos pelos três sinalizantes de LSF**

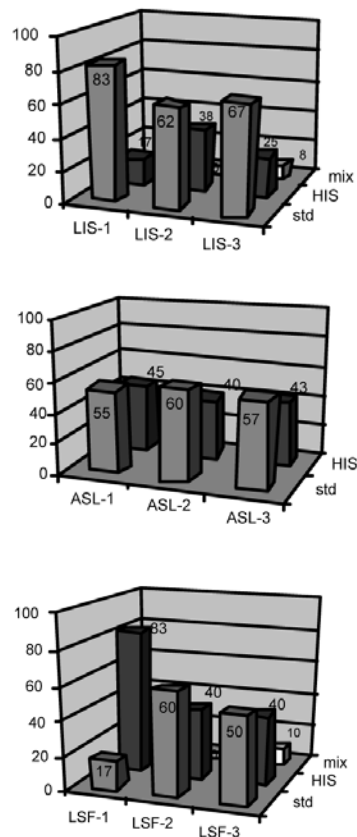
Língua Sinalizantes	Número de ocorrências				%				
	PDR	EAI	mix	TOT	PDR	EAI	mix	TOT	
LIS-1	26	77	0	103	LIS-1	25	75	0	100
LIS-2	23	96	0	119	LIS-2	19	81	0	100
LIS-3	27	118	1	146	LIS-3	18	81	1	100
ASL-1	28	96	3	127	ASL-1	22	76	2	100
ASL-2	38	105	0	143	ASL-2	27	73	0	100
ASL-3	26	100	0	126	ASL-3	21	79	0	100
LSF-1	5	41	0	46	LSF-1	11	89	0	100
LSF-2	12	42	0	54	LSF-2	22	78	0	100
LSF-3	8	62	1	71	LSF-3	11	87	1	100



Como pode ser observado, a partir do número total de ocorrências mostrado na parte esquerda da Tabela 1, embora os textos analisados tenham aproximadamente a mesma duração (1 minuto), as histórias ‘do cavalo’, produzidas pelos sinalizantes de LIS, contêm um número menor de ocorrências de referência dêitico-anafórica (entre 46 e 71), em comparação com o número maior de ocorrências encontrado nas seqüências da história ‘do sapo’, produzidas pelos sinalizantes de LIS e de ASL (entre 103 e 146, ou seja, um número quase duas vezes maior). Isso mostra que a história específica utilizada e, mais provavelmente, a ‘extensão’ diferente das histórias em termos do número de figuras que as compõe, influencia a produção da língua, ao menos de um ponto de vista quantitativo, o que não é nenhuma surpresa.

Ao examinarmos a distribuição dos diferentes tipos de recursos dêitico-anafóricos nas três línguas consideradas, observamos que as porcentagens relativas, mostradas na parte direita da Tabela 1, apontam para o fato de que as EAI são, de longe, os recursos mais frequentemente usados nessas línguas, para se fazer a referência dêitico-anafórica. De fato, elas são produzidas em proporções bastante altas e similares na LIS (75% a 81%), na ASL (73% a 79%) e na LSF (78% a 89%). Em contrapartida, a categoria dos sinais PDR corresponde a proporções consideravelmente menores (de 11% até no máximo 25%), enquanto as produções mistas correspondem a uma proporção total insignificante, numa faixa de 0% a 2%.

As Figuras de 1 a 5 abaixo fornecem uma descrição mais pormenorizada das regularidades que identificamos entre as línguas. A Figura 1 focaliza a referência dêitica a referentes animados e inanimados (reunidos em uma única categoria), mostrando a distribuição (em porcentagem relativa) dos PDR, das EAI e das produções mistas.

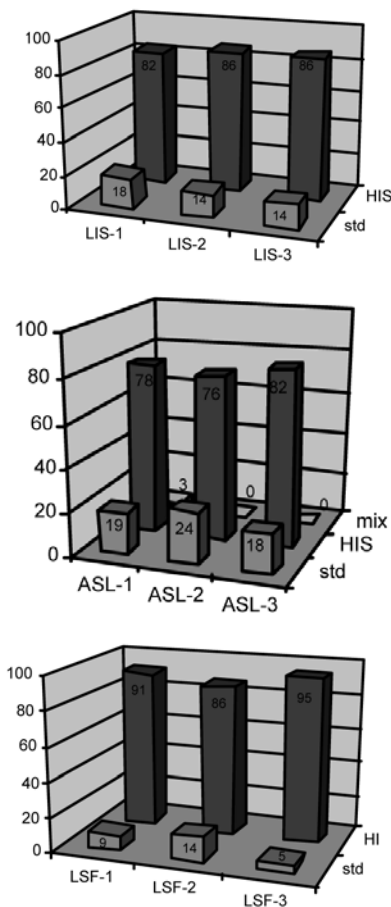


**Figura 1- Referência dêitica a referentes animados e inanimados: distribuição (%) dos sinais padrões (PDR), das EAI e das produções mistas (MIX) nos textos produzidos por sinalizantes da LIS, da ASL e da LSF**

Os dados mostrados na Figura 1 destacam que em todas as três línguas de sinais, com apenas uma exceção, os sinais padrões constituíram a forma preferida para se introduzir, por referência dêitica, referentes animados e inanimados no discurso (uma faixa de 50% a 83%). As EAI foram menos frequentes, mas mesmo assim ocorreram em proporções significativas (17% a 45%). Um sinalizante (LSF-1) não seguiu esse padrão e usou as EAI com muito mais frequência (83%) do que os sinais padrões. As produções mistas também ocorreram, em pequenas proporções, nos textos de dois sinalizantes (LIS-3 e LSF-3).

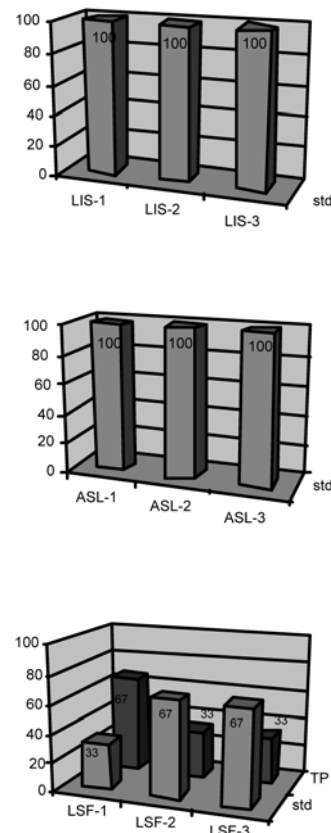


A Figura 2 mostra a distribuição de EAI em comparação com a dos sinais padrões quanto à referência anafórica a referentes animados e inanimados. Os dados evidenciam grandes semelhanças entre as línguas: as EAI são, de longe, a maneira predominante de se realizar a referência anafórica, com proporções que variam de 76% até 95%. Quanto ao uso dos sinais padrões, é interessante observar que uma proporção muito pequena das ocorrências de referência anafórica foi realizada apenas por meio de apontações manuais. Tais apontações não foram observados na produção de sinalizantes da LSF, e são escassos nos textos da ASL (1% a 3%) e da LIS (5% a 7%).



**Figura 2** Referência anafórica a referentes animados e inanimados: distribuição (%) dos sinais padrões (PDR), das EAI e das produções mistas (MIX) nos textos produzidos por sinalizantes da LIS, da ASL e da LSF

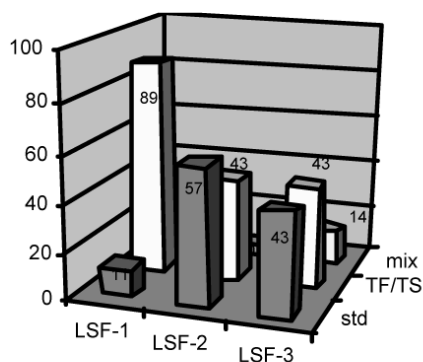
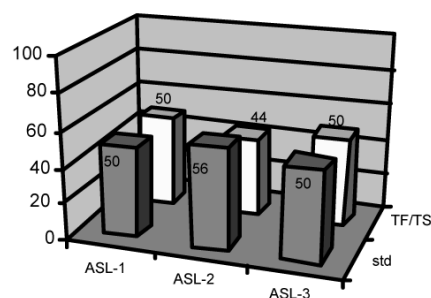
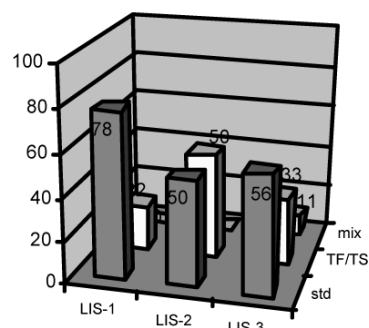
As Figuras 3a e 3b apresentam uma visão mais analítica das operações de referência dêitica, levando em consideração a variável animado/inanimado, e a distinção entre os subtipos de EAI empregados pelos sinalizantes (isto é TP e TF/TS, conforme descritos anteriormente). Deve-se observar que, devido à estrutura das histórias que analisamos, o número de referentes introduzidos no discurso, portanto o número de ocorrências das operações de referência dêitica, limitou-se a: (a) apenas três referentes animados (o menino, o cachorro e o sapo para os sinalizantes da LIS e da ASL; e, o cavalo, a vaca e o pássaro para sinalizantes da LSF), e (b) um número pequeno de referentes inanimados (de 4 a 10, dependendo da língua e do sinalizante).



**Figura 3a** - Referência dêitica a referentes animados: distribuição (%) dos sinais padrões (PDR) e das EAI (TP) nos textos produzidos por sinalizantes da LIS, da ASL e da LSF

Na Figura 3a, os dados mostram padrões de frequência diferentes: um para a LIS e a ASL e outro para a LSF. Tanto na LIS quanto na ASL, a primeira referência dos sinalizantes aos três protagonistas animados da história ‘do sapo’ é feita exclusivamente por meio de sinais padrões (os nomes desses referentes). Em contrapartida, a primeira referência dos sinalizantes da LSF aos três referentes animados da história ‘do cavalo’ realizou-se ou por meio de sinais padrões (em um ou dois dos três casos possíveis, dependendo do sinalizante), ou por meio de EAI, mais especificamente, por meio de TP (nos casos restantes). É importante lembrar que, enquanto a história ‘do sapo’ inclui um referente animado humano (o menino) além de outros dois referentes animais, a história ‘do cavalo’ tem apenas referentes animados animais. Não se pode ignorar o fato de que o uso de estruturas TP por parte de sinalizantes da LSF (além dos sinais padrões) foi, pelo menos em parte, influenciado por essa propriedade dos referentes sobre os quais falavam. Também observamos que todos os três sinalizantes da LSF usaram uma estrutura TP para introduzir o referente ‘vaca’ em suas narrativas, articulando componentes manuais (ou ‘proformas’) bastante semelhantes. Tal observação sugere a existência de uma interação entre as propriedades semânticas e as propriedades constitutivas dos sinais manuais usados para esses referentes, que precisa ser investigada de forma mais aprofundada.

A Figura 3b mostra o uso dos sinais padrões em comparação ao das EAI como recursos dêiticos para referentes inanimados.

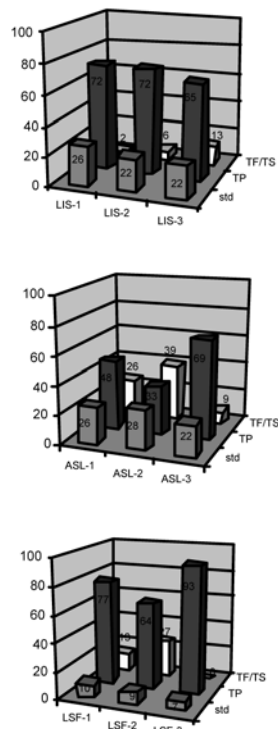


**Figura 3b - Referência dêitica a referentes inanimados: distribuição (%) dos sinais padrões (PDR), das EAI (TP, TF/TS) e das produções mistas (MIX) nos textos produzidos por sinalizantes da LIS, da ASL e da LSF**

Observando-se essa figura, percebe-se que as EAI empregadas nesse caso pertencem à categoria TF/TS. Observa-se, também, semelhanças consideráveis entre as três línguas. Todos os sinalizantes, à exceção de um (LSF-1), introduziram referentes inanimados usando os sinais padrões (em proporções que

variam de 43% a 78%), mas o uso das EAI foi também bastante representativo, seja isoladamente (de 22% a 50%), seja em conjunto com as apontações (a categoria ‘mista’). O uso das estruturas TF/TS aumenta consideravelmente na produção de LSF-1 (89%), o que sugere que a variação individual também precisa ser levada em conta, para que se possa chegar a um melhor entendimento deste tópico.

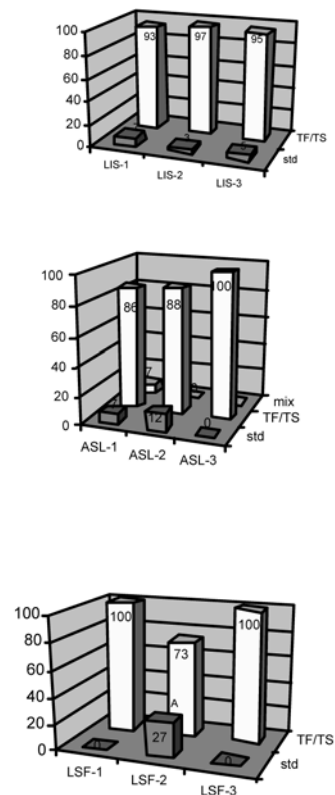
As Figuras 4a e 4b focalizam, respectivamente, a referência anafórica a referentes animados e inanimados. Elas esclarecem as principais tendências e semelhanças entre as línguas destacadas na Tabela 1 e na Figura 2, mostradas acima.



**Figura 4a - Referência anafórica a referentes animados: distribuição (%) dos sinais padrões (SPR) e das EAI (TP, TF/TS) nos textos produzidos por sinalizantes da LIS, da ASL e da LSF**

A figura 4a mostra que, em todas as três línguas de sinais, a re-introdução de referentes animados no discurso foi realizada, principalmente, por meio de EAI, especialmente as do subtipo TP. Na produção de 8

entre os 9 sinalizantes, a TP anafórica ocorreu em proporções que variaram de 48% a 93%, enquanto na produção de outro sinalizante (ASL-2), a TP ocorreu em proporção reduzida, porém ainda significativa (33%). Quase todos os sinalizantes usaram também estruturas anafóricas TF/TS: estas ocorreram, em média, em proporções menores (entre 2% e 27%), exceto na produção do sinalizante ASL-2, que usou a TF/TS anafórica mais frequentemente (39%) do que a TP anafórica (33%). O uso de sinais padrões para referência anafórica foi consideravelmente menos freqüente (entre 22% e 26% para os sinalizantes da LIS e da ASL, e, entre 7% e 10% para sinalizantes da LSF).



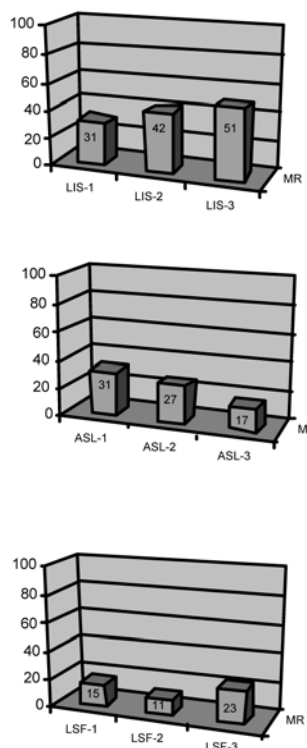
**Figura 4b - Referência anafórica a referentes inanimados: distribuição (%) dos sinais padrões, das EAI (TF/TS) e das produções mistas (MIX) nos textos produzidos por sinalizantes da LIS, da ASL e da LSF.**

A figura 4b mostra que, basicamente, o mesmo padrão se aplica à referência anafórica a referentes inanimados: em todas as três línguas de sinais, observamos a ampla utilização de EAI, principalmente do subtipo TF/TS. Esta grande incidência de estruturas anafóricas TF/TS (de 73% a 100%) contrasta com o uso limitado dos sinais padrões. Esses não ocorreram na produção de três dos sinalizantes (ASL-3, LSF-1 e LSF-3) e ocorreram numa proporção de 3% a 27% na produção dos demais sinalizantes.

### 3.1 A incidência das operações de múltipla referência

A figura 5 mostra com que frequência o uso de EAI possibilitou aos sinalizantes a produção do que denominamos ‘múltipla referência’ (MR), isto é, uma organização multilinear de informações, por meio da qual dois ou até mais referentes podem ser simultaneamente especificados e/ou mantidos no tempo e no espaço, e que parece ser exclusiva das LS (veja exemplos na seção 1.1).

Na figura 5, os dados mostram que houve produção de MR em todas as três línguas de sinais, embora em proporções diferentes: a frequência de MR foi consideravelmente maior na produção dos sinalizantes da LIS (de 31% a 51%), e relativamente menor na produção dos sinalizantes da ASL (de 17% a 31%) e da LSF (11% a 23%). Embora sejam observadas diferenças de uso entre indivíduos e entre línguas, parece inquestionável que a MR é um fenômeno relevante que merece total atenção em análises e descrições de narrativas sinalizadas.



**Figura 5 – Proporção de operações dêitico-anafóricas de múltipla referência (MR) realizadas a partir de EAI nos textos produzidos por sinalizantes de LIS, ASL e LSF**

## 4. Considerações finais

Os dados por nós analisados revelam uma clara semelhança entre as três línguas examinadas. Retomando as questões de pesquisa que formulamos, observamos que as EAI constituem o recurso mais usado para se fazer referência anafórica no discurso sinalizado, sendo que as estruturas TP são mais usadas quando se trata de referentes animados, sendo as estruturas TF/TS mais usadas quando se trata de referentes inanimados. Nesse aspecto, foi interessante descobrir que as EAIs também podem ser usadas para a introdução dêitica de referentes animados via estruturas TP (o que observamos exclusivamente nas

produções dos sinalizantes da LSF) e para a introdução dêitica de referentes inanimados via estruturas TF/TS (o que observamos, em proporções variáveis, mas significativas, em todas as três línguas de sinais).

Nossos dados também mostram que em todas as três línguas de sinais (novamente em proporções variáveis, mas significativas), as EAI permitem a realização de operações de referência dêitico-anafórica de MR, uma característica exclusiva do discurso sinalizado, que mereceu destaque, a partir de diferentes perspectivas, em vários estudos recentes e não tão recentes (Dudis, 2004; Pizzuto & al, 1990; Russo, 2004; Russo & al 2001; Vermebergen & al, 2007, entre outros).

As semelhanças interlingüísticas identificadas parecem estar mais relacionadas a características próprias da modalidade visual-gestual, do que à língua específica. De fato, para além das diferenças individuais, encontramos padrões gerais semelhantes não apenas na ASL e na LSF, duas línguas com vínculos históricos conhecidos, mas também na LIS, uma língua que não apresenta vínculos com a ASL ou com a LSF.

Antes que se possam fazer afirmações mais conclusivas sobre a generalização dos padrões por nós encontrados, é necessária a realização de estudos interlingüísticos mais abrangentes. É necessário se coletar e analisar mais dados sobre LS sem relações históricas e que sejam geograficamente distantes, além de se analisar diferentes gêneros de discurso sinalizado. As análises de diferentes tipos de discurso na LSF realizadas por Sallandre (2003) já demonstraram que a frequência com que as EAI são usadas é influenciada, de forma significativa, pelos tipos de discurso. Como observado nesse estudo, na LSF, as EAI são muito mais frequentes nas narrativas do que nos textos 'prescritivos/descritivos',

como as receitas culinárias. Resultados comparáveis relativos à LIS foram encontrados, utilizando-se uma terminologia diferente, em um estudo comparativo de textos poéticos e expositivos (Russo, 2004; Russo & al, 2001). Embora tais estudos, ao contrário do nosso, não tratem especificamente das funções dêitico-anafóricas das EAI em comparação com as dos sinais padrões, eles mostram claramente que o gênero do discurso é uma variável importante que precisa ser levada em consideração.

Relembrando a fundamentação teórica apresentada na seção 1.1, pode-se observar o seguinte: as evidências por nós discutidas questionam a visão consideravelmente disseminada de que o estabelecimento de 'loci' no espaço é a maneira principal ou 'padrão' de se realizar operações dêitico-anafóricas numa LS. Como já observamos, nas narrativas analisadas, essa estratégia nunca foi usada por sinalizantes da LSF e foi pouco usada por sinalizantes da ASL e da LIS.

Nossos dados são mais compatíveis com - e, portanto, corroboram - modelos formais que atribuem a características icônicas um papel estrutural central na produção do discurso sinalizado em diferentes níveis de análise (Cuxac, 1985; 1996; 2000; Cuxac & Sallandre, 2004/no prelo; Pietrandrea & Russo, 2004/no prelo; Pizzuto, 2004/no prelo; Russo, 2004; Russo & al, 2001; Sallandre, 2003; 2006; 2007; Sallandre & Cuxac, 2002). Considerando-se que as operações dêitico-anafóricas são concebidas como uma função universal da língua humana para a realização da coesão textual, pode-se afirmar que a utilização generalizada das EAI em tais operações constitui um indício extra da relevância das propriedades icônicas para um melhor entendimento e uma descrição mais completa da gramática das LSs.



## Referências

- BRENNAN, M. Encoding and capturing productive morphology, *Sign Language & Linguistics-Special Issue, Sign transcription and database storage of sign information*, v. 4, n. 1/2, 2001. p. 47-62.
- CUXAC, C. Esquisse d'une typologie des Langues des Signes. In: CUXAC, C. (Org.). **Autour de la Langue des Signes - Journée d'études**, n. 10, Paris, 1985. p. 35-60.
- CUXAC, C. **Fonctions et structures de l'iconicité des langues des signes**. Tese de Doutorado – Université Paris, 1996.
- CUXAC, C. La Langue des Signes Française (LSF). Les voies de l'iconicité. **Faits de Langues**, p. 15-16. Paris, 2000.
- CUXAC, C.; SALLANDRE, M-A. Iconicity and arbitrariness in French Sign Language. Trabalho apresentado ao International Colloquium – **Verbal and Signed Languages: Comparing Structures, Constructs and Methodologies**, Rome, 2004. Não publicada.
- DI RENZO, A., LAMANO, L., LUCIOLI, T., PENNACCHI, B., PONZO, L. Italian Sign Language: Can we write it and transcribe it with Sign Writing? In: VETTORI, C. (Org.). **Proceedings of the Second Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages, International Conference on Language Resources and Evaluation - LREC**, Genova, 2006. p. 11-16.
- DUDIS, P. G. Body partitioning and real-space blends. **Cognitive Linguistics**, v. 15 (2 ed.), 2004. p. 223-238.
- EMMOREY, K. **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**. Mahwah, 2003.
- EMMOREY, K. **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2003.
- FABBRETTI, D. **Scrivere e segnare**. La costruzione del discorso nell'italiano scritto e nella Lingua dei Segni delle persone sorde. Tese de Doutorado – University of Rome, 1997.
- FRIEDMAN, L. On the semantics of space, time and person in American Sign Language. **Language**, v. 51, 1975. p. 940-961.
- FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse des langues des signes**. Primitives conceptuelles et linguistiques des langues des signes primaires (LSP). Tese de Doutorado – Université Paris, Saint-Denis, 2004.
- FUSELLIER-SOUZA, I. Emergence and development of signed languages: from a semiogenetic point of view. **Sign Language Studies**, v. 7 (1 ed.), 2006. p. 30-56.
- GARCIA, B.; BOUTET, D. Finalités et enjeux linguistiques d'une formalisation graphique de la langue des signes française (LSF). In: SABRIA, R. (Org.). **Les langues des signes (LS) : recherches sociolinguistiques et linguistiques**, Glottopol, n. 7. Disponível em: <[http://www.univ-roen.fr/dyalang/glottopol/numero\\_7.html](http://www.univ-roen.fr/dyalang/glottopol/numero_7.html)>.
- HICKMANN, M. **Children's discourse: person, space and time across languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- KEGL, J.A. Pronominalization in American Sign Language. Dissertação de Mestrado – Cambridge, MA, 1976. Não publicada.
- KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge, Harvard University Press, 1979.
- LIDDELL, S. **Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language**. Cambridge, Cambridge University Press, 2003.
- LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory. In: FISCHER, S. D.; SIPLE, P. (Orgs.). **Theoretical Issues in Sign Language Research**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1990. p. 191-210.
- LOMBARDI VALLAURI, E. The deep relation between deixis and anaphora. Trabalho apresentado ao International Colloquium – **Verbal and Signed Languages: Comparing Structures,**



- Constructs and Methodologies**, Rome, 2004, no prelo.
- LYONS, J. **Semantics**. Cambridge, Cambridge University Press, v. 2, 1977.
- MAYER, M. **Frog, where are you?** New York, 1969.
- MCBURNEY, S.L. Pronominal reference in signed and spoken languages: are grammatical categories modality-dependent? In: MEIER R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. **Modality and Structure in Signed and Spoken Languages**. Cambridge, Cambridge University Press, 2002. p. 329-369.
- PADDEN, C. Verbs and role-shifting in ASL. In: PADDEN, C. (Org.). **Proceedings of the Fourth National Symposium on Sign Language Research and Teaching**. Silver Spring, 1986. p. 44-57.
- PIETRANDREA, P.; RUSSO, T. Diagrammatic and imagic hypoicons in signed and verbal languages, Paper presented at the International Colloquium – **Verbal and Signed Languages: Comparing Structures, Constructs and Methodologies**, Rome, 2004, no prelo.
- PIZZUTO, E. Notes on Deixis and Anaphora in Spoken and Signed Languages. Dissertação de Mestrado – Harvard University, 1978.
- PIZZUTO, E. Deixis, anaphora and person reference in signed languages. Paper presented at the International Colloquium – **Verbal and Signed Languages: Comparing Structures, Constructs and Methodologies**, Rome, 2004, no prelo.
- PIZZUTO, E.; GIURANNA, E.; GAMBINO, G. Manual and Non-Manual Morphology in Italian Sign-Language: Grammatical Constraints and Discourse Processes”. In: LUCAS, C. **Sign language research: Theoretical issues**. Washington, D.C., 1990. p. 83-102.
- PIZZUTO, E.; ROSSINI, P. RUSSO, T.; WILKINSON, E. Formazione di parole visivo-gestuali e classi grammaticali nella. THORNTON, A. M. (Orgs.). **La Formazione delle Parole - Atti del XXXVII Congresso Internazionale SLI**. Roma, 2005. p. 443-463.
- PIZZUTO, E.; ROSSINI, P.; RUSSO, T. Representing signed languages in written form: questions that need to be posed. In: VETTORI, C. Proceedings of the Second Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages – **5 International Conference on Language Resources and Evaluation**, Genoa, 2006. p. 1-6.
- RATHMANN, C.; MATHUR, G. Is verb agreement the same crossmodally? In: MEIER, R. P., CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (Orgs.), **Modality and Structure in Signed and Spoken Languages**. Cambridge, Cambridge University Press, 2002. 370-404.
- RUSSO, T. Iconicity and productivity in sign language discourse: an analysis of three LIS discourse registers. **Sign Language Studies**, v. 4, (2 ed.), 2004. p. 164-197.
- RUSSO, T.; GIURANNA, R.; PIZZUTO, E. Italian Sign Language (LIS) poetry: iconic properties and structural regularities. **Sign Language Studies**, v. 2 (1 ed.), 2001. p. 84-112.
- SALLANDRE, M-A. **Les Unités du Discours en Langue des Signes Française**. Tentative de Catégorisation dans le Cadre d'une Grammaire de l'Iconicité. Tese de Doutorado – University of Paris , 2003. Disponível em: <[http://umr7023.free.fr/Downloads/Sallandre\\_these\\_tabmat.html](http://umr7023.free.fr/Downloads/Sallandre_these_tabmat.html)>
- SALLANDRE, MA. Iconicity and Space in French Sign Language. In: HICKMANN, M.; ROBERT, S. (Orgs.). **Space in Languages**. Linguistic Systems and Cognitive Categories Amsterdam, 2006. p. 239–255.
- SALLANDRE, M-A. Simultaneity in French Sign Language Discourse, In: VERMEERBERGEN, M.; Leeson, L.; CRASBORN, O. (Orgs.). **Simultaneity in Signed Languages**. Form and function. Amsterdam, 2007. p. 103-125.
- SALLANDRE, M.-A.; CUXAC, C. Iconicity in Sign Language: a theoretical and methodological

- point of view. In: WACHSMUTH, I.; SOWA, T. (Orgs.). **Proceedings of the International Gesture Workshop**, London, 2002. p. 171-180.
- SCHEMBRI, A. Rethinking classifiers in signed languages. In: EMMOREY, K. (Org.), **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**. Mahwah, 2003. p. 3-34.
- VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; CRASBORN, O. (Orgs.). **Simultaneity in Signed Languages**. Form and function. Amsterdam, 2007.
- WILKINSON, E. **Deaf and hearing signers with different signing experience; preliminary data from analyses of narrative texts (“Frog Story”)**. Trabalho apresentado ao ISTC-CNR / ISSR Yearly Seminars, Rome, 2002.
- WILKINSON, E.; ROSSINI, P.; SALLANDRE, M.-A.; PIZZUTO, E. **Deixis, Anaphora and Highly Iconic Structures: Cross-linguistic Evidence on American (ASL), French (LSF) and Italian (LIS) Signed Languages**. Trabalho apresentado ao International Conference Theoretical Issues in Sign Language Research TISLR 9, Florianópolis, 2006. p. 6-9.
- WILBUR, R. B. **American Sign Language and sign systems: Research and applications**. Baltimore, 1976.

# Tipos de representação em ASL<sup>1</sup>

*Paul G. Dudis*

Departamento de Lingüística

Dawes House

Gallaudet University

800 Florida Avenue NE

Washington, DC 20002

paul.dudis@gallaudet.edu

## 1. Introdução

O corpo e o espaço ao seu redor são frequentemente usados no discurso em ASL, para descrever as entidades da cena sendo representada. Uma análise minuciosa da **representação** usando padrões lingüísticos cognitivos sugere que componentes adicionais se revelam nessas representações icônicas, a saber, o **sujeito** (ou o eu), o **ponto de visualização** (*vantage point* ou *V-POINT*) e a **progressão temporal**. A identificação desses componentes contribui para uma maior separação na descrição dos vários tipos de representação observados no discurso em ASL, o que, por sua vez, nos leva a um maior entendimento de questões que envolvem a representação. Uma questão especialmente interessante é a relação entre a representação de um evento que envolve um sujeito e os sinais produzidos durante a representação. A análise seguinte discute um padrão no qual, quando uma ação de um sujeito está sendo representada, qualquer sinal ou gesto produzido é necessariamente associado à representação da progressão tempo-

ral na qual o sujeito representado existe.

## 2. Sinais de representação vs. Sinais de não-representação

Muitas palavras nas línguas de sinais exibem mapeamentos icônicos, mas apenas algumas dessas palavras têm a habilidade de representar visualmente componentes semânticos. De acordo com Liddell (2003), utilizo o termo **representação** (*depiction*) para descrever essa habilidade. A distinção entre sinais que representam e aqueles que não o fazem é discutida abaixo, seguida por uma descrição de um teste informal para determinar o status de um sinal da ASL enquanto um verbo representativo de evento.

O substantivo PÁSSARO (*BIRD*) na ASL (Figura 1) exemplifica um sinal icônico, mas não-representativo. As correspondências icônicas que o sinal exibe provavelmente podem ser percebidas sem dificuldade, por qualquer pessoa que saiba o que são pássaros e o que o sinal significa. O articulador manual corresponde ao *bico*, sua localização corresponde à *localização da cabeça do pássaro* e assim por

---

<sup>1</sup>Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Lincoln Paulo Fernandes, Lautenai Antonio Barthalamei Junior, José Rodolfo da Silva

diante. Porém, o sinal não serve para descrever a aparência de um pássaro, nem para descrever suas ações. Para usar um termo um tanto popular, é um sinal “congelado” (*frozen*). Além disso, a iconicidade de muitos sinais, como o sinal PÁSSARO, não corresponde à esquematicidade do conceito que este simboliza. De acordo com Taub (2001), tais sinais designam uma categoria geral de coisas diversas, mas relacionadas – qualquer ave com uma morfologia de bico diferente do protótipo pode ainda ser chamada de PÁSSARO.



Figura 1

Muitos verbos na ASL também são icônicos, mas não-representativos. Dois verbos desse tipo são os verbos de indicação  $DAR^{\rightarrow\gamma}$  (*GIVE*) e  $EXPLICAR^{\rightarrow\gamma}$  (*EXPLAIN*), parcialmente representados nas Figuras 2 e 3. Quando consideramos a configuração de mão do verbo  $DAR^{\rightarrow\gamma}$  e o que o sinal simboliza, fica claro que existe uma iconicidade “mão-por -mão”. Ao contrário disso, quando consideramos a configuração de mão do verbo  $EXPLICAR^{\rightarrow\gamma}$  e o que o sinal simboliza, uma iconicidade “mão-por-mão” não é facilmente aparente. A direcionalidade é icônica em ambos os verbos. Taub (2001) descreve como as trajetórias conceituais – a trajetória

de corrente de ação, a trajetória literal ou a trajetória metafórica – motivam a direcionalidade nesses verbos. Entretanto, com exceção desses e de outros elementos icônicos que podem ser discernidos, os verbos de indicação não representam eventos. O verbo  $DAR^{\rightarrow\gamma}$  codifica a transferência de qualquer objeto dentro de uma grande gama de possibilidades, por exemplo, um documento de papel ou um utensílio de cozinha, como um liquidificador. Esses objetos são segurados de modos diferentes, alguns exigindo o uso de duas mãos, sendo muitos desses objetos impossíveis de serem segurados com a configuração de mão similar àquela usada no verbo  $DAR^{\rightarrow\gamma}$ . Além disso, o movimento restrito ao pulso em  $DAR^{\rightarrow\gamma}$  tipicamente produzido durante a sinalização informal não lembra nenhuma das maneiras usuais de passar, fisicamente, um objeto para alguém.

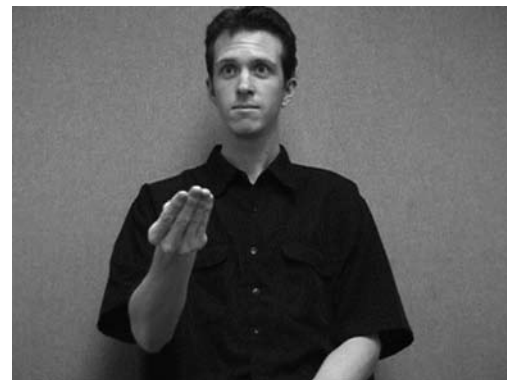


Figura 2



**Figura 3**

A representação é um tipo de iconicidade diferente daquela exibida por substantivos e verbos de indicação. Conforme descrito em Liddell (2003), alguns verbos têm, além de suas funções comuns enquanto verbos, a habilidade de representar o evento que eles codificam. ENTREGAR (*HAND-TO*) é um exemplo de um verbo que representa um evento. Não se trata de uma forma derivada do verbo DAR<sup>→y</sup> e, sim, de um verbo independente (esses dois verbos são também contrastados em Padden 1986 e P. Wilcox, 1998). ENTREGAR pode ser usado para descrever apenas a transferência de objetos que podem ser segurados entre o polegar e os outros quatro dedos da configuração de mão – um documento de papel ou um cartão de crédito, mas certamente não um liquidificador. Essa é uma das maneiras como a iconicidade do verbo restringe seu uso. Além disso, a orientação contínua da palma da mão para cima e a trajetória da mão criada pelo cotovelo emulam o movimento físico de um evento de transferência. Entretanto, não é o alto grau de mapeamento da cena codificada com a forma do verbo que ele codifica que faz com que o sinal seja, necessariamente, um verbo de representação. Ao contrário, é a habilidade do verbo

de demonstrar uma representação dinâmica e visual de uma transferência, o que é uma demonstração e, não, uma “simples” descrição. Uma forma como o verbo pode ser usado é semelhante a uma re-encenação por um ator, mas com apenas a parte superior do corpo do sinalizante sendo usada para criar a única parte visível da representação, o “doador”. Ao invés de um objeto visível, a entidade transferida é representada por uma pequena porção de espaço ocupada em parte pela mão do sinalizador, e ao invés de outro ator, o destinatário é representado por uma porção maior de espaço diante do sinalizante.

A habilidade de um verbo representar um evento pode ser determinada por um teste informal que inclui a representação de uma seqüência de eventos executada pelo sinalizante, que está representando um participante animado do evento durante a seqüência. Se o verbo em questão pode ser sinalizado enquanto o participante do evento estiver sendo continuamente representado, então, provavelmente, ele é um verbo representativo. Por exemplo, a forma CUTUCAR-O-OMBRO (*TAP-SHOULDER*) representa a maneira prototípica de chamar a atenção de alguém na comunidade surda dos EUA. Já que o doador, tipicamente, tem a atenção do destinatário anteriormente ao ato de transferência, é um verbo ideal para ser usado na primeira parte da representação da seqüência de eventos. A cena sendo representada, então, tem alguém chamando a atenção de outro indivíduo e dando um objeto a essa pessoa. A representação da parte da cena referente ao ato de chamar a atenção está parcialmente representada na Figura 4a. Aqui, o sinalizante está conceituado como sendo quem chama a atenção e imagina-se que a localização em



cuja direção a mão se move é o ombro de alguém. O verbo  $DAR^{\rightarrow\gamma}$  não poderia seguir imediatamente isso se o sinalizante desejar representar uma transferência. Já que o verbo ENTREGAR pode representar uma transferência nesses termos (Figura 4b), seu status de verbo representativo é confirmado. A utilidade desse teste é evidente já que confirma também o status de verbo não-representativo de  $EXPLICAR^{\rightarrow\gamma}$  assim como o de outros verbos indicativos como  $MOSTRAR^{\rightarrow\gamma}$  (*SHOW*) e  $CONTAR^{\rightarrow\gamma}$  (*TELL*).



Figura 4a



Figura 4b

Com os verbos  $DAR^{\rightarrow\gamma}$  e ENTREGAR, vemos que uma certa cena pode ser codifica-

da tanto em um verbo representativo, como em um verbo não-representativo. Outras cenas são codificadas de modo semelhante nesses dois tipos de verbos, incluindo uma cena na qual um objeto é mostrado para alguém.  $MOSTRAR^{\rightarrow\gamma}$  (Figura 5) é um verbo demonstra-



Figura 5

A partir da semântica do verbo e do conhecimento cultural associado, suas configurações de mão podem ser vistas como icônicas para um objeto plano e para um dedo apontando para algo naquele objeto, por exemplo, uma informação em um documento. Para determinar se esse verbo pode representar um ato de demonstração, um teste da representação de seqüência de eventos similar ao acima pode ser usado. A primeira parte do teste representa um indivíduo sendo abordado por alguém, por exemplo, como um policial (Figura 6a).  $MOSTRAR^{\rightarrow\gamma}$  não pode seguir essa representação se o sinalizante de-



seja continuar a representar o indivíduo. O contato visual estendido que haveria entre os participantes na seqüência de eventos não pode ser representada durante a produção de MOSTRAR<sup>→y</sup> nesse caso, demonstrando que o sinalizante não está representando nenhum dos participantes do evento. Se o sinalizante desejasse representar essa pessoa enquanto representa o ato de mostrar o objeto, um verbo diferente teria que ser usado. Se o objeto fosse um documento, a configuração de mão seria similar àquela de ENTREGAR (Figura 6b).



Figura 6a



Figura 6b

Se for entendido que o documento já está na mão, esse verbo pode seguir imediatamente o verbo que representa a abordagem de um indivíduo e pode ser direcionado à sua presença imaginada (senão a representação de como o documento veio a ser segurado provavelmente interviria entre os dois ver-

bos). Durante toda a representação, o olhar do sinalizante é continuamente direcionado ao indivíduo, mesmo durante a produção dos sinais. Além disso, depois de ser direcionado ao indivíduo, a mão pode permanecer no lugar, com o olhar continuando fixo na direção do indivíduo, representando a duração da apresentação. Tipicamente, isso não é possível com o verbo MOSTRAR<sup>→y</sup>. O verbo de indicação é direcionado com as pontas dos dedos da mão não-dominante (o “documento”) mais ou menos apontando na direção da pessoa a quem o objeto é mostrado. Um verbo semelhante apresenta a palma direcionada a essa pessoa e pode permanecer no lugar com o olhar direcionado à mesma localização. Esse é um verbo diferente — que é aprovado no teste de representação de seqüência de eventos — por meio do qual as mãos não apenas mostram, mas representam um documento e um dedo apontando para algo nele.

Existem algumas cenas que são codificadas através de verbos de indicação que não estão presentes em verbos de representação. Alguns exemplos são as cenas que são codificadas em CONTAR<sup>→y</sup> e EXPLICAR<sup>→y</sup>. Ambos os verbos exibem uma iconicidade “mão-por-mão” do mesmo modo que outros verbos de indicação o fazem. CONTAR<sup>→y</sup> tem um dedo indicador se movendo do queixo em direção à pessoa que recebe a informação. Esse dedo não parece representar nenhum dedo que faz parte do evento. EXPLICAR<sup>→y</sup> tem configurações de mão em F movendo-se bidirecionalmente em direção a um participante do evento e essas configurações de mão também não são icônicas para nenhum componente dentro do evento codificado.

Apesar de tanto CONTAR<sup>→y</sup> como EXPLICAR<sup>→y</sup> parecerem não contar com verbos de representação correspondentes, parece haver um modo de representar um

evento no qual um indivíduo está explicando algo para alguém que não faz uso de diálogo construído. No teste de seqüência de eventos, EXPLICAR<sup>→γ</sup> não pode seguir CUTUCAR-O-OMBRO ou outro sinal que representa o ato de chamar a atenção por meio de um rápido aceno da mão (Figura 7a). Porém, o que aparenta ser uma forma aspectual do sinal pode fazer isso. Na Figura 7b, o sinalizante, representando a pessoa que explica, demonstra como o contato visual é feito, qual expressão facial é usada e assim por diante. Durante essa demonstração, o sinalizante também produz um sinal relacionado a EXPLICAR<sup>→γ</sup>. Esse sinal pode ser produzido num espaço de tempo similar ao tempo que se leva para produzir a forma de citação do verbo indicativo, mas pode ser produzido por um período de tempo mais longo. Isso sugere que o sinal é uma forma aspectual do verbo de indicação.



Figura 7a



Figura 7b

A habilidade de a forma aspectual de EXPLICAR<sup>→γ</sup> ser produzida como parte de uma representação de seqüência de eventos na qual o sinalizador representa um participante do evento parece invalidar o teste como modo de identificar verbos de representação. O que acontece, ao invés disso, é que esse fato demonstra a maior aplicabilidade do teste. O teste pode ser usado para determinar não apenas se um dado verbo pode ser produzido dentro da representação de um evento, mas também se outras unidades ou convenções lingüísticas podem ser produzidas dentro de representações de um evento. No restante deste artigo, minha intenção é explicar as circunstâncias que permitem que diferentes tipos de representações sejam produzidos na ASL. A Seção 3 revisa o modelo de combinação (*blending model*) (Fauconnier & Turner 1886, 2002) que é usado aqui para analisar o processo conceitual subjacente à representação. A Seção 4 descreve a variedade de representações observadas no discurso em ASL. A Seção 5 examina as restrições no uso de itens lingüísticos quando um participante animado de um evento está sendo representado pelo sinalizante, um produto de integração conceitual aqui chamado de *Isujeito*.

### 3. A representação de diálogo na ASL

A teoria de combinação conceitual (Fauconnier & Turner 1996, 2002) fornece uma maneira elegante de descrever representações na ASL. Nessa seção, a análise de combinação básica é aplicada à representação de diálogo na ASL (ver Liddell e Metzger 1998, para uma análise de combinação similar); outros tipos de representações são analisados na próxima seção. A representação de diálogo é popularmente conhecida como um tipo de

“mudança de papel” e é também chamada de “diálogo construído” (ver Tannen 1989, para discussão sobre diálogo construído em línguas faladas; ver Roy 1989, Winston 1991 e Metzger 1995, para discussão sobre diálogo construído na ASL).

O diálogo construído na ASL é, normalmente, mais do que apenas a representação de um enunciado; como pode ser visto em exemplares de diálogos construídos na ASL, o interlocutor que produz o enunciado também está sendo representado. Na Figura 8, o sinalizante está produzindo um pronome singular de segunda pessoa gramatical e o sinal não-manual para perguntas sim/não. O sinalizante também está observando uma área acima da localização, em cuja direção o pronome está sendo direcionado. A aparente mudança de foco de atenção do sinalizante para além do destinatário enquanto continua a sinalizar é uma das pistas que mostram que um diálogo construído está acontecendo. Durante todo o diálogo construído, entende-se que o sinalizante está representando um interlocutor e sua sinalização mostra o que foi dito no diálogo que está sendo representado. Uma porção do espaço à direita do sinalizante nessa representação é entendida como estando representando o segundo interlocutor.

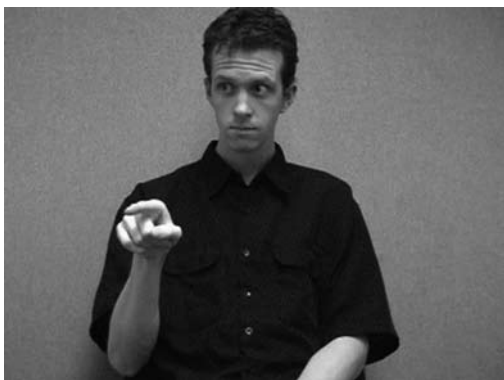


Figura 8

O diálogo construído não é simplesmente uma representação um-a-um. É um ato criativo, em que o sinalizante e o destinatário imaginam os interlocutores do diálogo representados como estando presentes. O envolvimento dessa imaginação fica claro quando se percebe que, onde o destinatário identificaria o “sinalizante-como-interlocutor”, outros indivíduos sem acesso ao discurso identificariam o sinalizante apenas como sinalizante. Uma maneira de representar como pode haver duas conceituações diferentes associadas ao sinalizante é utilizar o modelo de combinação conceitual, que passo a descrever.

Os conceitos que são combinados durante o diálogo construído são correspondentes de dois espaços mentais distintos. É construído um espaço mental por meio do discurso, no qual itens lingüísticos introduzem elementos e estabelecem as relações entre eles. Como o sinalizante está descrevendo um conversa entre dois indivíduos, esse espaço mental tem dois elementos, *interlocutor 1* e *interlocutor 2*. Se esses interlocutores fossem apresentados pelo nome, então esses elementos podem ser nomeados adequadamente no modelo, por exemplo, *Trancye* e *Dana*. Esse espaço mental é nomeado **Espaço-do-Evento** nos diagramas que se seguem.

O outro espaço mental é diferente no sentido de que não é criado via meios lingüísticos, mas é uma conceitualização do ambiente adjacente. Esse é o **Espaço-Real** (Liddel 1995). Para demonstrar, rapidamente, a natureza de alguns dos elementos dentro desse espaço mental, imagine que alguém mostre a você um instrumento de escrita. Você teria um elemento de Espaço-Real que é uma conceitualização do instrumento, mas que não é o instrumento em si. Você está ciente da presença do instrumento na sua frente, porque seu sistema perceptual absorve o ambiente

externo e cria uma representação cognitiva dele. Já que os respectivos Espaços-Reais do sinalizante e o do destinatário diferem, eles têm elementos de Espaço-Real diferentes. O primeiro tem uma conceitualização do destinatário e o segundo, uma conceitualização do sinalizante. Um outro elemento do Espaço-Real é o espaço vazio adjacente aos dois. Em investigações recentes acerca da representação na ASL (por exemplo, em Liddle 2003), o sinalizante do Espaço-Real e o sinalizante do espaço adjacente foram virtualmente os únicos elementos que contribuem para a representação de diálogo (ou outras ações que são representadas como passíveis de ocorrer em uma escala humana). Liddle (2003:151) não parece fazer distinção entre o sinalizante e o corpo, mas como veremos na próxima seção, existem bons motivos para fazer isso. Além disso, outros elementos do Espaço-Real descritos abaixo também participam na representação de diálogo e outros eventos e na próxima seção, ficará claro como a identificação desses outros elementos apresenta benefícios descritivos.

Parte do processo de representação de diálogo envolve a criação de conexões correspondentes entre elementos dentro do Espaço-do-Evento, por um lado, e do Espaço-Real, por outro. Para facilitar essas conexões, um processo de esquematização é necessário, assim como um **Espaço Genérico**, que contenha os elementos relevantes que os *inputs* têm em comum. O sinalizante do Espaço-Real e o *interlocutor 1* do Espaço-do-Evento são conceitos diferentes. As diferenças entre os dois podem ser de idade, gênero, raça, características físicas e assim por diante. Além disso, apenas o sinalizante do Espaço-Real é visível e tem dimensões específicas. É possível abstrair essas diferenças para que os dois elementos possam ser vistos como correspon-

dentos um do outro. O que o sinalizante e o *interlocutor 1* têm em comum é que eles são conceitualizadores capazes de experienciar pensamentos, sensações físicas, etc. Existem vários termos candidatos para descrever os correspondentes, inclusive “eu” (*self*) (ver Cutrer 1994, para uma discussão sobre versões fortes e fracas do *V-POINT*). Ao descrever a relação entre um participante de um ato de fala e o significado das expressões produzidas durante o discurso, Langacker (2000) nomeia o primeiro como **sujeito de concepção**. Usarei aqui **sujeito** para descrever o sinalizante do Espaço-Real e os correspondentes potenciais no outro espaço de *input* (e esse termo não deve ser confundido com a relação gramatical de mesmo nome). Em sua discussão sobre os *efeitos de observação* (*viewing effects*) exibidos em várias expressões, Langacker observa como noções associadas com percepção têm análogos às noções de concepção e usa o termo “observador” (*viewer*) para descrever o indivíduo que percebe entidades e o que apreende o significado das expressões. “Observador” é um termo candidato tão bom quanto “sujeito”, mas o segundo parece demandar menos explicação.

O *interlocutor 2* também é um sujeito, mas já que o sujeito do Espaço-Real já está nomeado *interlocutor 1*, não existe sujeito do Espaço-Real disponível para se integrar com ele. Ao invés disso, o que é utilizado é uma porção de espaço vazio perto do sinalizante, nomeado, por conveniência, “porção espacial 2”. Esse espaço físico adjacente ao sinalizante é um elemento do Espaço-Real que é divisível em muitas porções diferentes. O mapeamento correspondente entre o *interlocutor 2* e a “porção espacial 2” é em parte motivado por como ambos podem ser vistos como ocupando uma área de espaço dentro de um espaço maior. A localização específica do Espaço-

Real que é selecionada é freqüentemente motivada pelo conhecimento acerca das relações locativas não apenas entre os *interlocutores*, mas também dentro de um *cenário* geral a partir da perspectiva do *interlocutor 1*. Aqui podemos ver que um outro mapeamento correspondente acontece, o qual envolve os elementos do **cenário** dentro dos espaço de *input*. O *cenário* do Espaço-do-Evento e cenário do Espaço-Real, apesar de distintos, são obviamente correspondentes ideais.

Às vezes, as especificações do *cenário* não são relevantes na representação de diálogo, mas já que todo diálogo e, na verdade, todos os eventos, devem ocorrer dentro de um cenário, a rede de combinação subjacente ao diálogo construído invariavelmente terá mapeamentos correspondentes de cenário. Além disso, a interação entre os interlocutores é tanto espacial quanto energética. Assim, ainda que o sinalizante possa escolher não incluir detalhes sobre as circunstâncias do evento que está sendo representado, como a distância entre os interlocutores, ainda precisará representar uma relação espacial entre eles, independentemente de quão esquemática sua construção possa ser. O lado para o qual a canônica “mudança de corpo” se dirige pode ser visto aqui, então, como menos motivado, mas não completamente arbitrário. Para que o sujeito do Espaço-Real participe da representação, um distanciamento temporário (mas não completo) do destinatário se faz necessário. Igualmente necessário é o estabelecimento de uma relação espacial distinta da que existe entre os interlocutores do Espaço-Real ou, pelo menos, a relação do indivíduo com um cenário. Por exemplo, o sinalizante pode relatar a um co-anfitrião de uma festa de verão em uma casa sobre como um dos convidados reagiu com relação à força do novo ar condicionado: ENGRAÇADO

DANA [FRIO FRIO] “Engraçado – Dana fala ‘Está frio, está frio!’” Nesse caso, no mínimo o co-anfitrião precisa estar ciente de certas circunstâncias anteriores à enunciação representada, como o fato de o ar condicionado estar, no momento, em funcionamento máximo, mas elas não precisam incluir a localização específica onde a enunciação foi feita: Dana poderia estar em qualquer lugar na casa (mas não no jardim), onde se sabe que existe ar frio.

A representação não surge, simplesmente, das conexões correspondentes entre os *inputs*. Em nenhum espaço de *input* existe algo sendo representado pelo sinalizante. É em um quarto espaço mental, a **combinação**, que o diálogo e os interlocutores são representados. Os elementos correspondentes são integrados na combinação, criando novos elementos. Já que o sinalizante está visível, essa propriedade é herdada pelo interlocutor 1l, o único elemento visível na combinação. Enquanto essa combinação estiver ativada e funcionando para representar diálogo, as ações executadas pelo sinalizante, ou seja, sua sinalização, é entendida como sendo desempenhada pelo interlocutor 1l. O interlocutor 2l é o resultado da integração do *interlocutor 2* e a “porção espacial 2”, assim esse elemento não é visível. Porém, ele não tem uma presença conceitual na combinação. Exceto a atenção dada ao interlocutor 2l por parte do interlocutor 1l, a evidência de sua presença está na habilidade de o sinalizante direcionar os sinais para a localização onde se imagina que o interlocutor 2l está, durante o diálogo, construído ou não. A combinação também apresenta um elemento, o *cenário*, que existe via integração dos elementos de cenário no Espaço-do-Evento e no Espaço-Real, ambos servindo como *inputs* para a combinação. A Figura 9 ilustra o modelo em rede (*network*



model) de quatro-espacos de diálogo construído na ASL. (As linhas ligando elementos correspondentes não foram incluídas, para fins de simplicidade diagramática.)

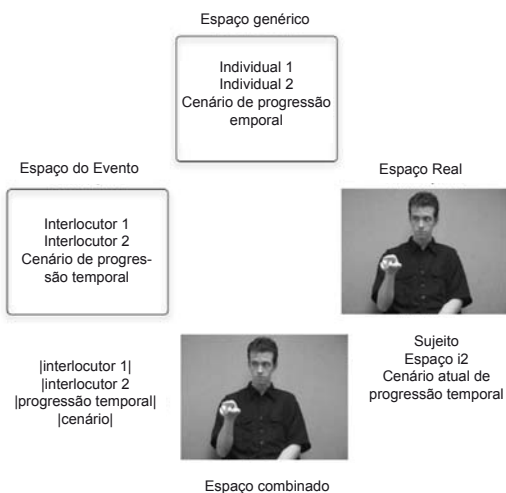


Figura 9

Como descrito acima, a representação de diálogos diretos na ASL é mais do que apenas a representação de um conjunto de enunciados. No mínimo, o sinalizante direcionará seu rosto e olhar para uma porção selecionada de espaço físico para representar a atenção dada por um interlocutor a outro. Um exemplo de uma mínima representação de diálogo ocorre como parte de uma porção maior de discurso. Aqui a única representação é de alguém perguntando “por quê?”, seguida por continuação do discurso, em que não existe representação: PRO-1 [POR QUE], PRO NÃO-SEI “Eu perguntei ‘Por quê?’ e ela disse que não sabia.” Isso se contrasta a outros exemplos de diálogo construído, tipicamente com maior duração, onde o sinalizante também representa simultaneamente a expressão facial, a postura corporal e até maneirismos. Esses, juntamente com a representação de atenção, complementam a representação do diálogo em si e são ações, ao invés de diálogo. A produção de sinais também é uma ação,

mas entendemos o evento por inteiro como sendo o ato de comunicar algo a alguém, através de linguagem. A representação de ação ao invés de diálogo, usando expressão facial, postura corporal, maneirismos e ações manuais não-lingüísticas, pode ser identificada como **ação construída** (Winston 1991, Metzger 1995). Antecipando a discussão de múltiplos elementos combinados visíveis na próxima seção, é válido observar que o mesmo tipo de rede de combinação subjaz tanto representações mínimas, quanto elaboradas. As representações de diálogo discutidas aqui têm, apenas, um elemento visível na combinação, o interlocutorl. Todas as ações manuais, as expressões faciais e as posturas corporais que se pretende como demonstrações visuais são entendidas como ações feitas pelo interlocutorl.

#### 4. Projeção Seletiva de Componentes do Espaço-Real

Na seção anterior, o diálogo construído foi descrito como um tipo de representação na ASL e o processo de criar a representação foi explicado, usando-se o modelo de combinação conceitual. Dois elementos do Espaço-Real também foram introduzidos: o sujeito e o cenário. A seguir, descrevemos outros tipos de representação. Como demonstraremos, a existência de diferentes tipos de representação é uma consequência da disponibilidade de outros elementos do Espaço-Real que participam da representação, assim como da **projeção seletiva** (Fauconnier & Turner 1998) desses elementos na combinação.

Vale explicar o que se entende por “elemento do Espaço-Real”. O que é relevante aqui é a **base** (*ground*), que é usada para “indicar o evento de fala, seus participantes



e o cenário” (Langacker 1987:126). Liddel (1995:22) descreve Espaço-Real como um “espaço mental enraizado”. Desse modo, o Espaço-Real é contrastado com o outro espaço de *input* que, nos termos de Liddell, é um espaço mental não-embasado que tem elementos próprios. Como mencionado acima, uma distinção útil entre os dois espaços de *input* é o fato de o espaço mental ser ou não ser estabelecido e estruturado via meios lingüísticos. O Espaço-Real não o é, já que é o espaço mental de um indivíduo que está continuamente ativo dentro ou fora do discurso. Esse espaço mental emerge da absorção contínua de informação externa através dos sistemas visual e auditivo (Langacker 1987:112). A conceitualização que se faz de qualquer objeto percebido como presente é o elemento do Espaço-Real e isso inclui outros indivíduos com quem se interage. O fluxo de sinais lingüísticos é também uma entidade do Espaço-Real, mas as construções de significados resultantes que os sinais ativam exigem um arranjo de espaços mentais contendo elementos que não são (pelo menos, não estritamente) elementos do Espaço-Real.

Outros componentes da base são também componentes do Espaço-Real. A autoconsciência do sinalizante é certamente parte da base. O sinalizante não está sempre totalmente consciente de si mesmo, como acontece freqüentemente durante episódios de devaneio, mas ao retornar às circunstâncias presentes, o sinalizante se torna mais autoconsciente. Essa diferença de consciência é uma diferença relativa à maneira como o sujeito de concepção é construído. Em um extremo, o sinalizante está totalmente autoconsciente – e, assim, é construído como completamente objetivo – e no outro extremo, o sinalizante está menos autoconsciente – e assim construído como completamente subjetivo

(Langacker 2000). De qualquer modo, o sinalizante sempre tem alguma consciência do eu que existe como parte da base, sendo o “lôcus de experiência” (Lakoff 1996:93). Esse sujeito/eu é parte do Espaço-Real de alguém, exclusivo àquele indivíduo. Também exclusivo ao conceitualizador é o **ponto de visualização**, “a posição a partir da qual uma cena é vista” (Langacker 1987:123). Um objeto dentro de um cômodo pode ser um elemento do Espaço-Real para os indivíduos, mas a partir de um ponto de visualização exclusivo. A noção de sujeito necessariamente supõe um ponto de visualização exclusivo, já que uma pessoa sempre se encontra em uma localização específica dentro de um cenário maior. Passamos agora à discussão da vantagem descritiva de se fazer uma distinção entre o sujeito e o ponto de visualização onde uma representação é envolvida.

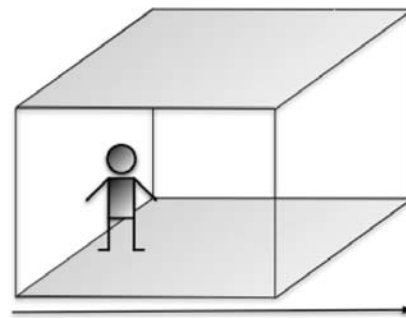


Figura 10

Primeiramente, é interessante usar ilustrações simples como a Figura 10 para mostrar os componentes combinados que existem em diferentes tipos de representação. A Figura 10 mostra os componentes combinados em quase todo diálogo construído envolvendo dois interlocutores. Representar o cenário como um contêiner em forma de caixa, dentro do qual estão duas figuras. Uma delas é o sujeito e sua visibilidade é indicada por

uma imagem com um campo sombreado. A segunda figura é o outro interlocutor e a ausência de campo sombreado indica a não-visibility do elemento combinado (a seta abaixo do diagrama será explicada adiante). Deve-se reconhecer que esse diagrama e os outros abaixo basicamente indicam os componentes combinados e a sua relação esquemática um com o outro, por exemplo, o sujeito existe dentro de um cenário com um interlocutor à sua frente. A figura que mostra o sujeito é um boneco de palito que está em pé, mas os sinalizantes podem, obviamente, produzir enunciados enquanto estão sentados ou deitados, mesmo durante a representação. Eles também tipicamente não saem da posição quando estão sinalizando, mesmo quando um movimento de trajetória do sujeito está sendo descrito. Na verdade, alguém correndo pode ser representado por um sinalizante confortavelmente sentado. Isso significa que, com frequência, apenas uma parte do corpo do sinalizante participa do mapeamento que cria o sujeito. **A complementação de padrão** (*pattern completion*), outro processo cognitivo envolvido na combinação (Fauconnier & Turner 1998), fornece o que for necessário para interpretar, com sucesso, a combinação apesar de informação visual mínima.

A evidência de que o sujeito do Espaço-Real e o ponto de visualização são componentes distintos pode vir de um tipo de representação que utiliza uma **combinação de cenário**. Tais combinações são criadas quando sinalizantes desejam falar sobre objetos dentro de um outro ambiente que não o seu atual. Um tipo de combinação seria criado quando, por exemplo, o sinalizante está falando com um destinatário sobre uma nova luminária na cozinha de um amigo comum. Nessa situação, um espaço mental teria sido

previamente estabelecido, contendo certos elementos associados com a cozinha sendo descrita. Elementos nesse Espaço-de-Cozinha incluiriam a *cozinha* e a *luminária*. Já que a *cozinha* é um elemento nesse espaço mental, os sinalizantes também têm acesso ao conhecimento geral, ou um quadro mental (*frame*), referente a cozinhas, por exemplo, é um tipo de cômodo com as paredes, teto, piso e entradas típicas. Se o sinalizante desejar descrever a localização dessa *luminária*, a convenção gramatical da ASL é não produzir uma construção perifrástica como “no teto”. Ao invés disso, a convenção é direcionar um único verbo representativo (normalmente com um olhar) em direção ao teto imaginado acima do sinalizante, como ilustrado na Figura 11.



Figura 11

O verbo na Figura 11 é usado aqui para, simultaneamente, representar várias características da luminária. A configuração de mão representa a forma geral de uma luminária, em cúpula. A orientação do sinal representa a direção para a qual lados específicos da luminária estão direcionados. Nesse caso, já que a palma da mão está virada para cima, a luminária é representada como sendo convexa. Se for possível que a palma virada para baixo seja usada em uma representação similar, entenderíamos a luminária como sendo côncava. A localiza-

ção da luminária é representada através da direcionalidade do verbo: o verbo é direcionado para cima e um pouco para longe do sinalizante. Para que seja possível direcionar esse sinal, tipicamente, uma combinação de Espaço-Real precisa ter sido previamente criada (ver Liddell 1003:154 para uma observação similar). Assim que o sinalizante imagina a presença de um teto de cozinha, o verbo pode então ser direcionado para o elemento combinado. De outro modo, não é possível usar o verbo (exceto em casos em que o sinalizante está falando sobre um teto real diretamente acessível aos interlocutores). O uso desse tipo de verbo de representação é, com frequência, um indicador de uma combinação de Espaço-Real e, nesse caso, fica claro que o sinalizante criou uma combinação de Cozinha.

A combinação de Cozinha é um exemplo de uma combinação de cenário. Ela é criada integrando-se a *cozinha* do *input* do Espaço-da-Cozinha com uma parte do cenário do Espaço-Real em uma combinação, criando-se uma cozinha. O *teto* nessa combinação é o resultado da integração do *teto* (acessível através do quadro de cozinha) no *input* do Espaço-de-Cozinha com uma parte do espaço acima do sinalizante. A configuração da cozinha e do *teto* não é possível sem que o sinalizante escolha uma localização dentro da *cozinha*, a partir da qual possa localizar a luminária. Existem muitas localizações possíveis na *cozinha* que podem ser escolhidas para esse propósito. Assim que uma localização é selecionada, ela não se integra com o sujeito do Espaço-Real, mas apenas com o ponto de visualização do Espaço-Real. Por acaso, o sinalizante está de pé no que é entendido como a cozinha e está também olhando para o *teto* da cozinha enquanto direciona um verbo para ele. Porém, isso não significa que a combinação de Cozinha contenha um *sujeito*. Não existe um ser animado no *input* do Espaço-de-

Cozinha que seja um candidato correspondente ao sujeito do Espaço-Real. Além disso, a combinação é criada para representar um cenário, ao invés de um evento e, como discutido a seguir, a combinação de cenário parece obstar a existência de um *sujeito*. Já que o ponto de visualização do Espaço-Real é um tipo de localização, virtualmente qualquer localização na *cozinha* é um correspondente adequado. O ponto de visualização não é meramente uma localização no chão, mas um conceito tridimensional. Para exemplificar rapidamente, considere as diferenças na articulação de um verbo produzido por uma criança pequena e um adulto alto para representar a localização de um quadro na parede da cozinha. A criança produziria o sinal acima do nível dos olhos ao fazer referência à localização real da pintura no espaço, enquanto o adulto produziria o sinal no nível dos olhos. Isso é, obviamente, uma consequência dos pontos de observação tridimensionais diferentes que os dois têm, o que é integrado a uma localização na *cozinha* para criar os respectivos pontos de visualização. Se a criança ou o adulto representasse a experiência do outro da cozinha, suas articulações mudariam conforme a situação – o adulto elevaria ambos os braços para representar a localização do quadro, mas isso não seria necessário para a criança.

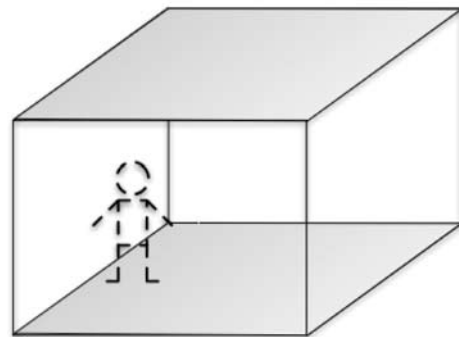


Figura 12

A Figura 12 representa as combinações de cenário que têm dimensões de tamanho natural. Assim como a representação de diálogo construído na Figura 10, o cenário é representado por uma caixa. Em vez da figura com um sombreado usado para representar um sujeito, uma figura pontilhada é usada aqui para representar o ponto de visualização. Essas representações distintas não deveriam ser entendidas como sinal de que o sujeito não tem um ponto de visualização, mas, como mencionado acima, o primeiro na verdade abarca o segundo. Não é possível para um sujeito não ter ponto de visualização, porque a conceitualização da localização de alguém em um cenário maior é um componente essencial de autoconsciência. Porém, como vimos, é possível projetar o ponto de visualização do Espaço-Real, independentemente do sujeito do Espaço-Real. Esse é um exemplo de projeção seletiva: em alguns tipos de representação, apenas um número de componentes do Espaço-Real são selecionados para se integrar a seus correspondentes. O diálogo construído tem um sujeito com um ponto de visualização concomitante, mas combinação de cenário com dimensões de tamanho natural apenas têm o ponto de visualização. Já que ambos os tipos de representação têm cenários com dimensões de tamanho natural, eles são exemplos do que Emmorey e Falgier (1999) chamam de **espaço do observador** (*viewer space*). **Espaço substituto** (*surrogate space*) é o termo usado por Liddell (1995), embora, no meu entender, ele tenha sido usado para descrever apenas combinações de escalas semelhantes (*similarly-scaled blends*) que representam diálogo ou ação.

Combinações de cenário também podem ser criadas com uma porção menor do espaço na frente do sinalizante. Nessa combinação,

as dimensões do cenário e as entidades nele são diminuídas em escala. Isso é o resultado do processo cognitivo de **compressão** (Fauconnier e Turner 2002). O cenário representado é comprimido com a porção menor de espaço na combinação. Porque esse espaço físico não inclui a área onde o sinalizante está localizado, o ponto de visualização do Espaço-Real não fica disponível para participar nos mapeamentos que criam essa combinação, faltando-lhe, assim, um ponto de visualização. O ponto de visualização do Espaço-Real do sinalizante continua em vigor. Contrastando com o espaço do observador, esse é um **espaço diagramático** (Emmorey e Falgier *ibid.*), representado pela caixa pequena na Figura 13. O benefício (e necessidade) de compressão pode ser visto na representação das relações espaciais dos planetas e galáxias. Os componentes da entidade que está sendo representada são combinados com seus correspondentes menores de Espaço-Real na combinação, permitindo uma conceitualização em escala comparável ao ser humano que, de outro modo, não seria possível.



Figura 13

Aparentemente o cenário de elemento combinado é uma constante entre os vários tipos de representação apresentados neste artigo. Já que o diálogo necessariamente se passa em um cenário, a representação de di-

álogo exige um elemento de cenário. Isso não se aplica apenas para ação construída, mas também para qualquer representação de evento. Além do cenário, o que também é constante entre os vários tipos de **combinações de evento**, que serão descritos adiante, é um elemento de progressão temporal (e isso também parece ser o que, basicamente, distingue combinações de cenário de combinações de evento). Como descrito em Dudis 2004b, esse elemento é o resultado da integração de elementos de progressão temporal, a partir de dois *inputs*. O elemento temporal no Espaço-Real é a progressão de tempo percebida no presente. Similarmente aos vários graus de autoconsciência que temos de nós mesmo em um dado momento, também não estamos continuamente conscientes da progressão de tempo. Existem certas experiências em que essa consciência vem à tona, como quando se deseja ajustar a taxa de intermitência do cursor em um monitor de computador. O correspondente a esse componente temporal do Espaço-Real é o Tempo-do-Evento, ou seja, a progressão temporal associada ao evento que está sendo descrito. A progressão temporal é mostrada nos diagramas, por uma seta abaixo da caixa, como visto na Figura 10, anteriormente.

Os eventos são comumente representados do ponto de vista de um agente sujeito, o resultado da integração do sujeito do Espaço-Real com o participante que tem status de agente no *input* do Espaço-do-Evento. Já que outros participantes animados do evento também são sujeitos, eles são correspondentes em potencial do sujeito do Espaço-Real. Na verdade, existem representações do ponto de vista do, digamos, paciente. O que é interessante nessas representações com outros pontos de vista que não o do agente é que existe,

tipicamente, outro componente combinado visível (enquanto no diálogo construído, por exemplo, só existe um elemento combinado visível). Por exemplo, em uma representação de um soco, o sinalizante pode direcionar um punho para seu queixo. Existem duas maneiras de interpretar essa representação, se a considerarmos isoladamente. Uma maneira é que o sinalizante está representando alguém dando um soco em si mesmo. Nesse caso, só existe um elemento combinado visível, a pessoa-que-soca-a-si-mesmal. Outra interpretação é que o sinalizante é visto como a vítima e que o punho pertence a um agressor. Essa interpretação exige **separação** (*partitioning*) (Dudis 2004a) do punho do sinalizante do resto de seu corpo. O punho então fica disponível para se integrar com o *punho do agressor*, enquanto o sujeito do Espaço-Real se integra com a *vítima*. Uma das mãos da vítima não é visível, mas através da complementação de padrão, ela permanece conceitualmente presente na combinação. Com separação e complementação do padrão, o sinalizante tem a habilidade de criar componentes visíveis distintos em combinações de evento, ao mesmo tempo permitindo que se mantenha um ponto de vista único durante a representação. Também é possível separar a porção do rosto que é usada para criar expressões faciais, assim como a região inferior do rosto que inclui a boca e as bochechas. O rosto inteiro (com exceção dos olhos) pode participar na criação de uma expressão facial visível que é distinta da expressão do sujeito (que não seria visível, pelo menos não completamente), como pode ser visto na representação de alguém notando um olhar severo sendo direcionado para si. A boca-separada pode ser usada para produzir o que parece ser unidades onomatopéicas repre-



sentando fenômenos relacionados à audição e à vibração nos eventos, por exemplo, aquele produzido quando dois objetos colidem.

Outros tipos de representação de evento são possíveis por meio da seleção de menos componentes do Espaço-Real. Os eventos, que não apresentam um participante animado, por exemplo, um raio atingindo uma árvore numa floresta durante uma tempestade, podem ser representados com um cenário, um ponto de visualização e progressão temporal do Espaço-Real. Não é necessário que o sinalizante testemunhe o evento pessoalmente para representá-lo; uma reconstrução do evento depois do fim da tempestade ou mesmo apenas imaginação é suficiente. A *árvore* e a *floresta* do Espaço-do-Evento se integrariam com seus correspondentes espaciais no Espaço-Real para criar *lárvorel* e *lflorestal*. Uma *localização v* (esse é apenas um rótulo para um local escolhido dentro do *cenário*) se integraria com o ponto de visualização do Espaço-Real, resultando em um *l*ponto de visualização $o$  a partir do qual o raio é descrito. A ação do *raio* é representada por um verbo na qual a trajetória do *lraio* é visível. Essa combinação é semelhante à combinação da cozinha-observador, nos seguintes aspectos: ambas têm um *l*cenário $o$  e um *l*ponto de visualização $o$  e ambas representam uma relação entre uma *l*figural e uma *l*base $l$  (*l*luminária $l$  e *l*teto $l$ ; *lraio* e *lárvore*). Uma diferença crucial entre a combinação de evento e a combinação de cenário é a existência de um componente temporal combinado no primeiro. A comparação dos diagramas mostra até que ponto existe um paralelo entre a combinação do raio, mostrada na Figura 14, e a combinação da cozinha. As Figuras 14 e 11 são, basicamente, idênticas, a não ser pela seta na primeira, que representa um componente temporal integrado.

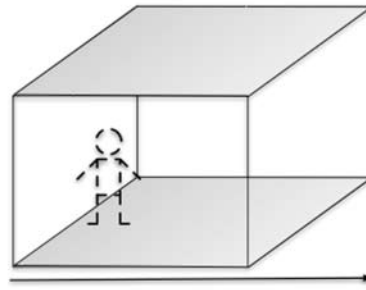


Figura 14

Existe uma associação ente o sujeito e a progressão temporal do Espaço-Real comparável à relação entre o ponto de visualização e o cenário do Espaço-Real. O ponto de visualização do Espaço-Real é um ponto específico dentro de um cenário do Espaço-Real maior e o primeiro, claramente, não pode existir fora do segundo. A adoção de um ponto de visualização imaginado não é possível sem um cenário imaginado. Assim, se o sinalizante cria uma combinação de espaço do observador, sabemos que o sinalizante integrou não apenas os componentes do cenário, mas, também, o ponto de visualização do Espaço-Real com uma localização no cenário representado. Essas integrações não ocorrem em combinações diagramáticas de cenário (Figura 13), nas quais um cenário é representado sem integração do ponto de visualização do sinalizante na combinação. O sujeito do Espaço-Real é caracterizado acima como auto-consciente e ser auto-consciente é algo que ocorre em uma dimensão temporal. De modo mais geral, um intervalo de tempo é necessário para abarcar qualquer conceito. Langacker (1987) distingue esse **tempo de processamento de tempo concebido**. Por exemplo, é possível visualizar as folhas de uma árvore mudando de verde para vermelho e laranja. A taxa de mudança pode ser

ajustada, resultando na visualização das cores como que surgindo todas juntas ou gradualmente, aparecendo folha por folha. Essas taxas diferentes de mudança envolvem diferentes tempos concebidos, estendendo-se através do tempo de processamento do conceitualizador. O tempo de processamento é exigido para que o sinalizante imagine combinações de cenário, mas já que nenhum evento ocorre nessas combinações, o tempo concebido não teria função nelas. Um tempo concebido |progressão temporal| é, necessariamente, um componente em combinações de evento que contém um |sujeito|, que está ciente de si mesmo e de outras entidades. Essa consciência ou qualquer atividade não pode ser representada independentemente de uma |progressão temporal|. Assim, quando fica claro que uma combinação tem um |sujeito|, sabemos que existe integração associada de componentes da progressão temporal. |Progressão temporal|, como exemplificada pela representação do raio acima, pode ser criada independentemente de um |sujeito|.

Três outros tipos de combinação de evento observados em ASL envolvem compressão. A Figura 15 é um exemplo de uma combinação de um evento diagramático usado para representar um carro ultrapassando outro.



Figura 15

Aqui, os dois articuladores manuais são unidades lingüísticas e, nesse caso, são usados para representar a ação dos carros. Embora haja |motoristas| nessa combinação, conceitualizados como estando nos carros, não há |sujeito| algum. Na verdade, parece ser impossível para qualquer combinação de evento diagramático ter um |sujeito|. Os únicos elementos do Espaço-Real que participam nessa representação são as unidades representativas (os articuladores manuais), o cenário e a progressão temporal. Uma vez que a representação utiliza apenas uma porção do espaço em frente ao sinalizante, não há evidências para sugerir que o ponto de visualização do sinalizante se integra com uma localização específica no cenário do evento. Como visto na Figura 15, o olhar do sinalizante está fixado na interação entre os dois carros, deixando claro que o sinalizante não está representando o motorista de nenhum deles. Se o olhar estivesse consistentemente direcionado para frente, em linha reta, isso, provavelmente, seria interpretado como as ações de um motorista e, assim, constituiria evidência sugerindo a existência de um |sujeito|. Os articuladores manuais não têm a capacidade de autoconsciência, não sendo, portanto, considerados como sujeitos e sua integração com os *carros* no *input* do Espaço-Real resulta em elementos combinados que não são sujeitos. Isso é válido mesmo se o articulador manual que é convencionalmente usado para representar uma pessoa de pé (o dedo indicador) se integra com o *sujeito* do Espaço-do-Evento. Apenas quando o sujeito do Espaço-Real se integra com um correspondente do Espaço-do-Evento haverá um |sujeito| e isso é possível apenas em um espaço do observador.

Aparentemente, o fato de que apenas um |sujeito| pode existir dentro de uma ins-

tância de representação também é verdade, mesmo quando uma combinação de evento de observador e uma combinação de evento diagramático existem, simultaneamente. Esta análise sugere que isso envolve a separação dos articuladores manuais para criar elementos combinados visíveis, existentes apenas no espaço diagramático. Para exemplificar, o sinalizante na Figura 16 está representando alguém subindo um aclave de motocicleta.



Figura 16a



Figura 16b

Apenas uma combinação é usada para representar essa cena e contém um sujeito motociclista que se entende estar dirigindo uma motocicleta invisível. Assim, para adicionar detalhes à representação atual, o sinalizante cria uma combinação diagramática. A combinação diagramática é manifestada visualmente quando o sinalizante separa os articuladores manuais para representar uma motocicleta subindo

um aclave. A configuração de mão-3 na Figura 16b é similar àquela na Figura 15, mas aqui é usada para representar a motocicleta. A configuração de mão B-plana (*flat-B*) é usada para representar uma porção do aclave. Com base, em parte, na disposição da configuração de mão-3, que está perto e perpendicular ao peito do sinalizante, entende-se que a motocicleta é o correspondente combinado visual da motocicleta invisível na combinação do observador. Essa relação não seria possível se a motocicleta tivesse sido colocada apenas alguns centímetros mais longe do sinalizante ou a seu lado. A motocicleta visível na combinação diagramática seria, então, uma outra motocicleta diferente daquela que o sujeito motociclista está dirigindo. Essa combinação serve como um correspondente de perspectiva global à perspectiva do participante na combinação do observador. As ações da motocicleta visível nessa combinação fornecem informações diretas, ao passo que informações relativas podem ser obtidas apenas indiretamente, na combinação de observador. A Figura 17 organiza em um diagrama a co-existência do observador e dos espaços diagramáticos e os componentes neles combinados. Já que os dois espaços são combinações de evento, uma seta representando a progressão temporal é incluída em ambas as representações de combinação.

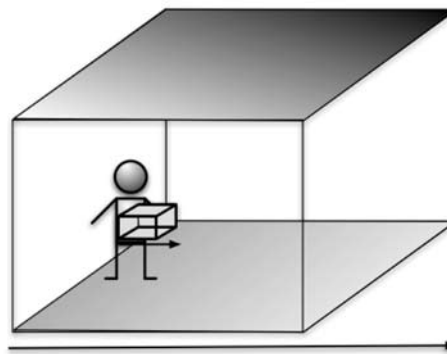


Figura 17

As outras duas combinações de evento são combinações de observador e diagramática em que o *Tempo-do-Evento* é comprimido com um intervalo menor de progressão temporal do Espaço-Real. Provavelmente, o que acontece é que muitas combinações de evento exibem compressão temporal, mas determinar se existe compressão temporal ou não é tão fácil como no caso de compressão de cenário. Porém, o uso de construções aspectuais temporais ou alguns movimentos de cabeça acompanhados por sinais faciais não-manuais (como aceno rápido da cabeça com os olhos apertados e a boca levemente aberta) são bons candidatos para indicadores de compressão temporal, como descrita aqui. Dudis (2004b) descreve como alguns movimentos convencionais de cabeça, na ASL, acompanham representações graduais de mudança-de-estado. Logo depois de representar o evento causador, o sinalizante faz um lento movimento de cabeça para trás, produzindo a seguir, um rápido movimento de volta da cabeça para sua posição neutra, enquanto produz, simultaneamente, um sinal descrevendo a mudança. Na expressão na ASL mais ou menos equivalente à expressão “Eu pratiquei até ficar bom” (Figura 18), uma forma aspectual de PRATICAR é produzida com sinais não-manuais sugerindo a existência de um *lsujeitol*. Durante a produção de uma forma aspectual, a cabeça se move lentamente para trás, um gesto que sugere o reconhecimento de que uma mudança está ocorrendo. Na última parte da expressão, a produção do sinal de HABILIDADE e a volta da cabeça para a posição neutra (ou próxima a ela) ocorrem simultaneamente. A construção real de uma habilidade exige mais do que alguns segundos, mas esse intervalo de tempo é exatamente o quanto se leva para produzir a expressão.

Isso é evidência clara de compressão de progressão temporal. Como essa construção pode ser usada para representar outras mudanças-de-estado, podemos tomar o sinal não-manual de cabeça recém descrito como um indicador desse tipo de compressão.

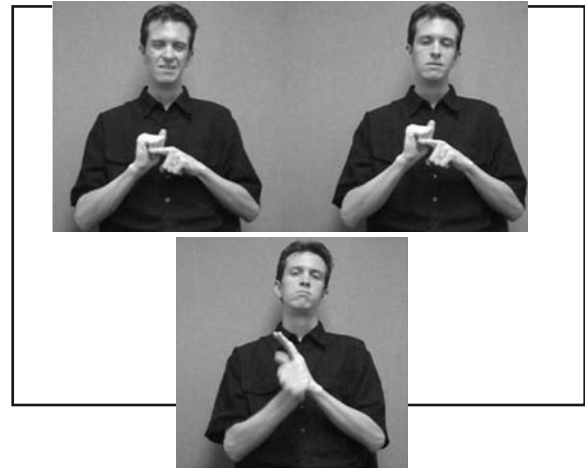


Figura 18

O último elemento do Espaço-Real a ser descrito nesse artigo é o corpo em si. Liddell (2003:141-142) descreve como um sinalizante utiliza uma combinação de Espaço-Real, replicado na Figura 19, para descrever a preparação de um peixe antes de cozinhá-lo. O sinalizante coloca a ponta de uma configuração de mão-B na parte superior do peito, próximo à garganta, movendo-a para baixo, para sua cintura. Uma vez que o sinalizante está especificamente falando sobre fatiar o peixe, entendemos que a configuração de mão-B é usada para representar algo relativo ao ato de fatiar, ou uma parte da faca e seu movimento de fatiar ou a trajetória do corte e, talvez, sua profundidade. Também interpretamos que o peito do sinalizante é usado para representar a lado inferior do peixe. O *ventre do peixe* no Espaço-do-Peixe é mapeado no peito do sinalizante do Espaço-Real e a sua integração resulta no segundo elemen-



to combinado visível, o lventre do pixel. E quanto ao olhar do sinalizante para baixo? A não ser em desenhos animados, peixes não podem se ver sendo fatiados, pode-se, então, dizer com segurança que não existe lsujeitol algum nessa combinação. Então, aqui a cabeça do sinalizante é apenas ela mesma. Porque peixes ocupam um espaço e os eventos ocorrem em cenários, um lcenárioiol é estabelecido, mesmo que abstrato (dificilmente sinalizantes imaginariam uma superfície, de uma mesa, por exemplo, em um dos lados do sinalizante). Já que a combinação criada não é um espaço diagramático, mas parece ser um espaço de observador em escala-maior-que-a-natural, fica claro que existe um lponto de visualizaçãool nessa combinação. Exemplos similares de combinações de espaço de observador que contêm lcorposl combinados, mas não lsujeitosl são frequentemente encontrados em descrições de como as pessoas se machucaram, ganharam cicatrizes, etc.

Nessa seção, demonstrei que os vários tipos de representação observados no discurso na ASL são resultados de uma projeção seletiva de elementos do Espaço-Real, a saber, cenário, ponto de visualização, a progressão temporal, o sujeito e o corpo, juntamente com habilidades cognitivas que incluem a habilidade de separação do corpo em várias zonas significativas, para comprimir o cenário e o tempo da cena sendo representada e criar combinações simultâneas. Os diferentes tipos de representação são listados na Tabela 1, abaixo. Uma vez que qualquer combinação de evento pode ter uma lprogressão temporall comprimida, nenhum item separado indicando compressão temporal é necessário. Além disso, o lsujeitol não está listado com combinações diagramáticas porque esse elemento combinado só pode ser parte de uma combinação de evento de observador.

Tipos de combinação de Espaço-Real usados em representação
Combinação de evento de observador com  sujeito
Combinação de evento de observador sem  sujeito
Combinação de cenário de observador
Combinação de cenário diagramático
Combinação de evento diagramático

Tabela 1

## 5. Restrições no uso de itens lingüísticos quando um |sujeito| está ativo

As análises de combinações conceituais em expressões da ASL também esclareceram a relação entre unidades lingüísticas da ASL e combinações de evento. O que interessa aqui é o conjunto de restrições que tipicamente entra em vigor quando um lsujeitol está ativo. Como descrito adiante, essas restrições estão relacionadas à ativação de uma lprogressão temporal e ao tipo de combinação de evento criado. Isso demonstra porque o teste informal de representação de seqüência de eventos descrito na Seção 2 é útil para identificar se uma unidade lingüística realmente representa um evento: se o sinal estiver associado à lprogressão temporal, então o sinal contribui para uma representação geral do evento.

Fauconnier (1997) descreve o discurso como contendo vários espaços mentais em uma única grade. Os participantes do discurso são descritos como navegadores nessa grade, o produtor do discurso é descrito como criando espaços e guiando os destinatários pela grade via uma variedade de pistas, tanto lingüísticas quanto não-lingüísticas. O discurso começa com um **espaço de base** (*base space*) (Fauconnier *ibid.*), um “conjunto privilegiado de estruturas de espaço mental que [o falante] entende como correspondente à sua experiência real e/ou a situações que



acredita serem realmente válidas ou terem ocorrido no passado” (Dancygier e Sweetser 2005:31). (O Espaço-Real pode ser compreendido como parte do espaço de base do conceitualizador). Espaços mentais distintos são criados com relação não apenas a outros espaços mentais, mas, também, a este espaço de base. No que se refere a diálogos construídos, o Espaço-de-Evento que consiste de elementos relacionados ao diálogo é estabelecido com relação ao espaço de base (o termo “Espaço-de-Evento” usado neste artigo é usado como rótulo para espaços de *input* que geram combinações de evento e não o “primitivo do discurso” (“*discourse primitive*”) discutido em Cutrer 1994 e Fauconnier 1997). Assim (pelo menos) três espaços mentais têm papéis na representação de diálogo.

Dentre os diferentes papéis que os espaços mentais têm no discurso, existe um no qual um espaço mental está sendo estruturado. Esse é o **espaço de foco**, “o espaço corrente, mais ativo; o espaço ‘sobre’ o qual é um enunciado” (Cutrer 1994:71). Uma expressão na qual o diálogo é representado parece ter tanto o Espaço-de-Evento, quanto a combinação de evento como espaços mentais ativos. Deixarei o exame detalhado dos espaços de foco em diálogos envolvendo representação para investigações futuras. É suficiente observar o seguinte: quando uma combinação de evento é criada, ela se torna parte da grade de espaços mentais criados no discurso; depois de criada, ela permanece acessível durante o discurso em questão e no momento em que o sinalizante deixa de representar um evento, a combinação de evento é desativada. Essa combinação de evento pode ser reativada (ou talvez se torne um espaço de foco novamente), permitindo que o sinalizante continue o discurso com representação adicional. Também é possível haver duas combinações de

evento diferentes em uma porção de discurso (Liddell e Metzger 1998; Liddell 2003). A Figura 19 é um diagrama de um discurso que analiso como tendo duas combinações de evento criadas para representar um diálogo entre Dana e Tracy.

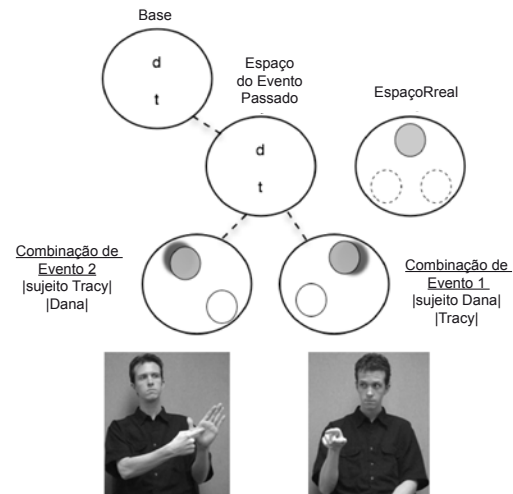


Figura 19

Existe um Espaço-de-Evento estabelecido com relação ao Espaço-de-Base. Porque os interlocutores são conhecidos pelo sinalizante, eles são elementos do Espaço-de-Base. Os “mesmos” interlocutores são o assunto da conversa em um contexto diferente do Espaço-de-Base, um que é contido no Espaço-de-Evento anterior. Uma vez que esses *interlocutores* são identificados, talvez via um grupo nominal, o sinalizante pode mudar de posição, de uma posição voltada para o destinatário, para uma posição no vídeo ainda próxima à combinação denominada Combinação-de-Evento 1 (CE1). Enquanto se considerar que o |sujeito interlocutor| está ativo e produzindo diálogo, a CE1 (ou talvez mais precisamente, o elemento de |progressão temporall) continua ativa. Uma variedade de pistas sinaliza a desativação do elemento de |progressão temporall. O olhar dirigido ao destinatário é re-estabelecido e, simultanea-

mente, a posição do sinalizante não se apresenta mais alinhada ao interlocutor sujeito. Se a posição agora assumida é uma previamente adotada pelo sinalizante antes da criação do CE1, então fica claro que a representação terminou. Uma nova posição, como vista no vídeo, ainda próxima à Combinação-de-Evento 2 (CE2), sinalizaria a criação de uma combinação, que pode ser precedida por unidades lingüísticas identificando o *interlocutor* 2 como o participante do diálogo que está sendo representado. Essas três posições e as pistas a elas associadas auxiliam o sinalizante a se mover entre os espaços mentais. Frequentemente, o sinalizante alterna entre as posições associadas às combinações de evento sem voltar à posição neutra de sinalizante, um processo de desativação-reativação entre CE1 e CE2.

Quando uma combinação de evento criada para representar diálogo está ativa, virtualmente qualquer porção da expressão feita pelo sinalizante é entendida como diálogo do interlocutor. Como discutido previamente, uma vez que uma parte do corpo do Espaço-Real, especialmente da cabeça ao torso inferior, está integrada com o *interlocutor* do Espaço-do-Evento, qualquer ação do sinalizante do Espaço-Real é entendida como sendo a ação do interlocutor. É irrelevante, nesse caso, saber se os sinais que estão sendo produzidos estão ou não representando uma ação. O que está sendo representado é o ato de dialogar, que inclui tanto sinais representativos, como sinais não-representativos. Essa é uma maneira como os sinais são associados à progressão temporal. Isso não exige mais do uma combinação de evento e, quando comparada a outros tipos de combinações de evento discutidos a seguir, a representação de diálogo é um processo relativamente simples. Um tipo combinação de evento que também

é relativamente simples é aquele em que uma ação manual é executada por um sujeito. A ação manual representada pode ou não ser considerada um exemplo de um verbo representativo. A Figura 20 mostra um verbo que representa a ação de abrir uma garrafa com tampa.

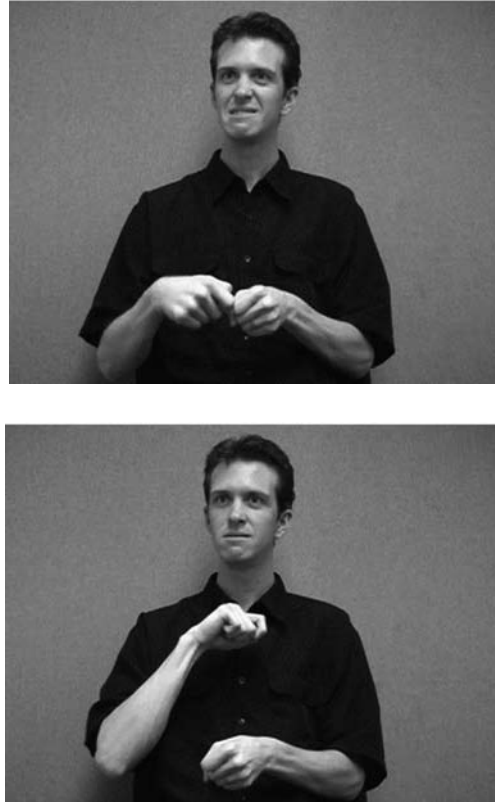


Figura 20

Os articuladores manuais aparentam ser a mão segurando o abridor e a mão segurando (o gargalo) da garrafa, respectivamente. A garrafa e o abridor são elementos combinados que não são visíveis, mas que, mesmo assim, estão conceitualmente presentes. Observe que as duas mãos entram em contato uma com a outra. Esse contato não ocorre tipicamente no ato real de abrir garrafas. Isso não faz o verbo ser não-representativo, mas pode indicar a natureza unitária do verbo, ao invés de ser apenas um gesto não-lingüístico.

O verbo representativo recém descrito de abrir garrafas é um exemplo do que é conhecido como uma construção classificativa de manuseio. A expressão “manuseio” é utilizada para esse tipo de verbo porque ele apresenta uma *lmão*l visível que se considera estar segurando ou manuseando *lalgo*l. O segundo elemento combinado é invisível, mas a configuração da *lmão*l indica parte da forma do *lobjeto* manuseado. A Figura 21 ilustra outro verbo desse tipo, que representa uma arma sendo empunhada. Um verbo representativo diferente é mostrado na Figura 22.



Figura 21



Figura 22

O verbo na Figura 22 é muito similar ao seu correspondente, exceto que ele representa o objeto manuseado, ao invés da mão que o segura: temos, aqui, dois elementos visíveis, o *l* atirador *sujeito* *l* e a *larma*l. Esse tipo de verbo é conhecido como uma construção

classificativa de instrumento e utilizá-lo em uma combinação de evento com um *lsujeito*l exige separação da mão do sinalizante. A combinação descrita na Seção 4, em que uma *l* vítima *sujeito* *l* recebe um *lsoco*l também envolve a separação da mão, mas a separação só é exigida se o soco é desferido por outra pessoa que não o *lsujeito*l, o que é verdade também para verbos “representativos-de-mãos”. Verbos “representativos-de-instrumento” precisam de separação quando produzidos com um *lsujeito*l ativo, não importando se o *lsujeito*l é entendido como estando segurando o objeto ou não. Apesar das diferenças entre esses dois tipos de verbos representativos, apenas uma única combinação de evento é necessária para que qualquer um desses dois verbos sejam utilizados. No caso de verbos “representativos-de-mão”, a *lmão*l é parte do *lcorpo*l que o *lsujeito*l possui e qualquer *lobjeto* manuseado não é visível, mas está presente como um elemento pertencente à combinação. No caso de verbos “representativos-de-instrumento”, o *linstrumento*l é visível, mas a *lmão*l que o segura não o é.

Estamos começando a ver as diferenças entre expressões que representam diálogo e expressões que representam ações manuais ou instrumentos. Apesar de a diferença entre as combinações de evento nessas expressões não ser óbvia, fica claro que elas diferem quanto ao tipo de unidade lingüística usada. Novamente, qualquer sinal produzido em uma combinação criada para representar diálogo será entendido como parte do diálogo de um *lsujeito*l. Isso inclui substantivos como ARMA (*GUN*), um empréstimo articulado com o alfabeto manual, e relações como PRATA (*SILVER*) (como não fica absolutamente claro que esse sinal é um adjetivo, opto pelo uso de “relação”, termo da Gramática Cognitiva que descreve a classe dos verbos,

adjetivos, advérbios e preposições). Uma vez que nem ARMA, nem PRATA representam coisa alguma, eles não poderiam ser produzidos por meio de uma combinação criada para representar eventos que não sejam diálogos. Os dois sinais podem ser produzidos em um teste de seqüência de eventos apenas como diálogo construído. Os verbos nas Figuras 21 e 22 podem ser usados em combinações de eventos, não apenas porque estão representando verbos. O verbo exibido na Figura 11 (repetida a seguir como Figura 23) é produzido para representar a forma e localização de uma luminária, mas não uma ação. Os verbos representativos-de-mãos e representativos-de-instrumentos são verbos representativos-de-eventos. Uma vez que representam eventos, eles têm um elemento de progressão temporal. Assim como o verbo na Figura 23 exige que uma combinação de cenário esteja ativada para que ele seja produzido, esses verbos exigem que uma combinação de eventos esteja ativa para que eles sejam produzidos. A combinação de evento não precisa se manifestar ao destinatário anteriormente ao uso dos verbos representativos-de-eventos. O surgimento de tais verbos, com pistas não-lingüísticas concomitantes, é suficiente para que o destinatário crie ou ative uma combinação de eventos na grade de espaços mentais.



Figura 23

É possível produzir o sinal não-representativo PRATA com a mão representando uma arma ou com uma mão que está segurando uma arma permanecendo no lugar. O fato de uma combinação de eventos ser ativada ou não depende do que o sinalizante está fazendo com PRATA. Se o sinalizante está representando a maneira como a pessoa com a arma a está descrevendo, por exemplo, “Aqui está a arma, é toda de prata”, então PRATA é produzido como parte de um diálogo construído e isso exige ativação de uma combinação de evento. Apenas uma combinação de evento é necessária para representar tanto o diálogo, quanto a arma na mão. Se o sinalizante e não o |sujeito| está descrevendo a arma, então a |progressão temporal| foi desativada. A desativação da |progressão temporal| não necessariamente desativa outros elementos da combinação. Mesmo o |sujeito| estando desativado, a |mão| visível ou a |arma| visível podem continuar ativos porque a mão e a arma resultam da integração de um componente do Espaço-do-Evento com o corpo do Espaço-Real, o que é conceitualmente independente da progressão temporal. O sinalizante pode, então, falar sobre a arma usando sinais como PRATA e direcionado os sinais para a |arma|. Esse é um exemplo de uma estratégia de discurso em que a progressão temporal fica desativada mantendo ativos não os verbos representativos-de-eventos, mas os elementos visíveis combinados a eles associados.

A relação entre o verbo representativo-de-evento que os sinalizantes conhecem e o uso real do verbo dentro de uma combinação de evento pode ser descrita em termos da Gramática Cognitiva (Langacker 1987, 1991) como uma **relação esquema-instância**. Na visão de modelos gramaticais baseados-no-uso, dos quais a Gramática Cognitiva faz par-



te, as unidades lingüísticas são obtidas, em parte, por meio de recorrência de usos reais dessas unidades. As características não-recorrentes são abstraídas durante o processo em que as expressões ganham status de unidade. Nos verbos representativos-de-mãos e de instrumentos descritos acima, parece que a(s) unidade(s) que eles instanciam não especificam para onde as mãos devem ser dirigidas. Ao invés disso, a direcionalidade é esquemática, mesmo que seja uma característica essencial de um esquema do verbo representativo-de-evento. O uso real desses verbos são instâncias do esquema do verbo e sua direcionalidade é, na maioria das vezes, motivada pelo conhecimento do sinalizante quanto ao evento que está sendo representado (por exemplo, se a arma está apontada para um lado, ou em direção ao lado, etc. Parece que as características esquemáticas desses verbos constituem o aspecto a que Liddell (2003) se refere em sua discussão sobre *gradiência* (*gradience*) em verbos representativos.)

Uma vez que verbos representativos de mãos e de instrumentos consistentemente ativam |progressão temporal|, isso constitui evidência de que, no que se refere a esses tipos de verbos, essa ativação não é opcional. O que significa que a |progressão temporal| é um componente do verbo representativo-de-evento: utilizar um verbo representativo-de-evento é criar ou manter uma combinação de evento com, pelo menos, um elemento combinado visível. No caso de verbos representativos-de-mãos, no mínimo a |mão do agente| está visível. O |sujeito agente| pode ser visível, mas, através da separação da mão do sinalizante do Espaço-Real, ele pode ser a única parte visível do |agente| agindo sobre o |sujeito paciente|, como na representação de alguém levando um soco (Figura 24). No caso de verbos representativos de instrumentos,

o |instrumento| é o único elemento visível, mas um |sujeito| pode ser (e normalmente é) visível, somando um total de dois elementos combinados visíveis na representação em si.



Figura 24



Figura 25

Esses dois tipos de verbos representativos de eventos são também conhecidos como construções classificativas e, quando essas são usadas para representar eventos, uma análise similar se aplicaria. A expressão parcialmente ilustrada na Figura 15 (aqui repetida como Figura 25) foi rotulada como construção classificativa de “entidade inteira”. Uma vez que o seu uso envolve a ativação de uma combinação com um elemento de |progressão temporal|, a unidade esquemática que sanciona o uso dessas construções tem esse elemento como componente. Como essas construções ativam uma combinação diagramática, elas



não têm um componente lsubjectivo. Esses verbos poderiam ser considerados como “previamente separados (*previously partitioned*)”. Se um participante animado também é parte da cena sendo representada, isso permite a criação de uma combinação com um lsubjectivo, resultando em múltiplos elementos visíveis combinados.

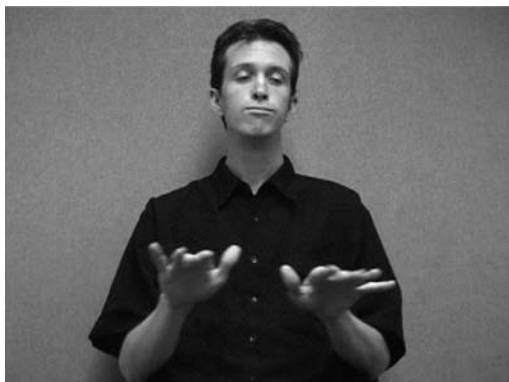


Figura 26

A ASL também parece ter verbos representativos-de-eventos que não seriam tradicionalmente considerados como construções classificativas. SER-SURPREENDIDO (*BE-TAKEN-ABACK*) e FAZER-COISAS (*DO-THINGS*) (Figura 26) são dois exemplos de verbos desse tipo. Quando um desses sinais é produzido, as várias pistas não-manuais (mudança de direção do olhar, de postura, mudança na expressão facial, etc.) são exibidas, sinalizando a existência de um lsubjectivo. SER-SURPREENDIDO parece ser icônico de um indivíduo experienciando algo tão intenso que precisa jogar os braços para cima para recobrar o equilíbrio. Contrastando com isso, não fica imediatamente óbvio de que os articuladores manuais em FAZER-COISAS são icônicos, muito menos o que eles representam. Não é suficiente considerar apenas esses articuladores como separados do lsubjectivo. Isso não reconciliaria o sinal

manual com o lsubjectivo de acordo com a tese apresentada nessa seção. Minha análise preliminar de FAZER-COISAS é que é um verbo que representa alguém fazendo certas coisas (algumas, talvez todas, envolvendo o uso das mãos). Existem algumas características do sinal manual que, sob exame mais atento, parecem exibir mapeamentos icônicos. As palmas dos articuladores manuais estão viradas para longe do sinalizante, sugerindo contato ou interação com alguma entidade. O movimento do sinal para um lado e depois para o outro sugere interação com mais de uma entidade. O movimento dos dedos nesse sinal também é encontrado em um sinal que significa “um tempo depois”. A duração do sinal é relativamente prolongada quando comparada com outros sinais não-representativos e isso é um indicador de lprogressão temporal. Se essa análise se confirmasse, esse sinal seria evidência de que, além de separação do corpo e de compressão do cenário, a progressão temporal desempenha um papel na criação de sinais. Interessante que FAZER-COISAS também seria um possível sinal para exibir a compressão de cenário em uma combinação de observador: a atividade esquemática sendo representada não é necessariamente limitada ao espaço na frente do lsubjectivo, mas pode ser entendida como abarcando todo um cômodo ou uma variedade de cenários.

Além dessas expressões que criam combinações diagramáticas com elementos distintos e visíveis (por exemplo, Figura 25), a maioria dos sinais descritos até aqui provavelmente são vistos como monomorfêmicos, se seguirmos a abordagem de Liddell de 2003 à análise de verbos representativos. Novamente, tais unidades lingüísticas têm componentes esquemáticos que ativam o mapeamento de componentes semânticos nos elementos do Espaço-Real. Dada a visão da

Gramática Cognitiva, podemos, então, dizer que a representação tem um papel no léxico da ASL, no qual conceitos como *cenário* e *sujeito* são componentes essenciais de certas unidades. Unidades simbólicas são vistas como contendo uma rede em que as unidades do nível mais baixo têm mais especificações semânticas e fonológicas e aquelas que estão nos níveis mais altos são, sucessivamente, mais esquemáticas com relação às informações semântica e fonológica. O papel da representação se estende para a gramática da ASL? A Gramática Cognitiva e as abordagens construcionais à gramática (como Goldberg 1995) não supõem uma rígida divisão entre gramática e léxico, afirmando que as unidades frasais e oracionais devem ser, também, tratadas como pares formadores-de-significado. Isso significa que, se descobirmos que a representação desempenha um papel em expressões multi-morfêmicas ou expressões multi-palavras, isso sugeriria que a representação tem, também, um papel na gramática.



Figura 27

A Figura 7b, repetida aqui como Figura 27, ilustra parcialmente a forma aspectual de *EXPLICAR*<sup>→γ</sup>. Como discutido na Seção 2, não se percebe, de imediato, de que os articuladores manuais de *EXPLICAR*<sup>→γ</sup> são icônicos, o mesmo valendo para essa forma. Porém, exis-

te um *sujeito* que *explica* visível, o resultado da integração do sinalizante do Espaço-Real e da *pessoa que explica* (*explainer*), um dos participantes do evento codificado no verbo *EXPLICAR*<sup>→γ</sup>. Esse *sujeito* e outros traços, incluindo-se a prolongada duração, sugerem que a forma aspectual é comparável com *FAZER-COISAS*, exceto que a forma aspectual é analisável como sendo multi-morfêmica. Como mencionado antes, não é possível produzir *EXPLICAR*<sup>→γ</sup> em uma combinação de evento, além de instâncias de diálogo construído; então esse sinal não seria analisado como tendo um *sujeito* ou um componente de *progressão temporal*. A forma aspectual pode ser analisada e a fonte óbvia é o esquema construcional aspectual que a forma instância. O esquema construcional é um esquema produtivo, uma vez que existem várias incidências desse esquema, por exemplo, as formas duracionais de *ESPERAR* (*WAIT*) e *USAR-TECLADO* (*USE-KEYBOARD*), todas exibindo pistas associadas ou com o *sujeito* ou com a *progressão temporal*. (Klima e Bellugi 1979 e Liddell 2003 usam o termo “aspecto duracional” para nomear um tipo de construção aspectual, o que parece apropriado para a forma aspectual aqui descrita). Outros esquemas construcionais aspectuais, inclusive o esquema construcional inceptivo não-realizado (Liddell 1984), são, também, analisados como detentores de, no mínimo, um componente de *progressão temporal*. Uma vez que é na *progressão temporal* que os processos morfológicos se fazem sentir, isso sugere que componentes representativos são encontrados, não apenas no léxico, mas, também, na gramática.

Voltando à tese desenvolvida nessa seção, a não-iconicidade dos articuladores manuais em *EXPLICAR*<sup>→γ</sup> ou outro sinal componente envolvido na criação de formas aspectuais

não impede que uma combinação de evento esteja ativa. Isso se deve ao fato de que os articuladores agora fazem parte de uma expressão representativa produzida por integração de um verbo com um esquema construcional aspectual. Assim, esse é um caso da relação esquema-instância que satisfaz a condição de que unidades ou gestos lingüísticos produzidos com um |sujeito| ativo estejam associados com a |progressão temporall. A natureza não-representativa dos articuladores não significa que eles não contribuem para a combinação. Ao invés disso, eles podem ser vistos como marcadores temporais cuja presença estendida mapeia, de uma forma icônica, a duração do evento sendo representado.

Mais evidências de que a representação desempenha papel na gramática da ASL se encontra nas construções de mudança-de-estado da ASL (Dudis 2004b). A Figura 18, repetida aqui como Figura 28, parcialmente ilustra a representação de um evento em que um indivíduo pratica uma habilidade, como fazer cestas ou soletração manual, até que um nível mais alto de competência seja alcançado. Analiso essa expressão como sendo uma instância de uma construção gradual de mudança-de-estado.



Figura 28

A primeira parte da construção tem uma forma aspectual, aqui uma forma duracional de PRATICAR. Enquanto continua a produzir a forma aspectual, o sinalizante lentamente move sua cabeça para trás, o que representa não o movimento real da cabeça, mas um reconhecimento de que uma mudança está começando a ocorrer. Próximo ao fim da expressão, o sinalizante produz SER-HABILIDOSO (*BE-SKILLED*) com a cabeça retornando à posição neutra. Uma vez que nem PRATICAR nem SER-HABILIDOSO são unidades representativas, a representação na Figura 27 é atribuída ao complexo esquema construcional. A associação que os articuladores de PRATICAR têm com a |progressão temporall é similar àquela que os articuladores de EXPLICAR<sup>2y</sup> têm na forma aspectual. Isso sugere que uma construção aspectual é parte dessa construção de mudança-de-estado. SER-HABILIDOSO descreve a mudança resultante e inclui a parte final da porção manual da construção. Sua produção pode ser vista como marca do ponto na |progressão temporall em que a mudança prevista é completada. O conjunto de sinais não-manuais é um componente de um esquema construcional de mudança-de-estado. Parece que a informação fonológica do sinal não-manual durante a fase inicial é esquemática, pelo menos no que se refere ao movimento da cabeça, mas é específico para as seguintes fases (a cabeça, vagarosamente, se move de volta, etc.). Novamente, o movimento de cabeça está associado à aparição de uma mudança prevista. No geral, existe ampla evidência de que esse esquema construcional é uma unidade representativa, na gramática da ASL. O fato de essa construção representar uma mudança-de-estado esquemática explica porque sua incidência pode ser produzida com um |sujeito| ativo.

Até aqui vimos que itens não-representativos podem ser produzidos quando um *lsujeitol* está ativo, contanto que eles estejam associados à *lprogressão temporall*, ou como parte de um diálogo construído ou como uma instância de uma unidade lingüística que tem um componente de *lprogressão temporall*. Uma terceira possibilidade já foi aludida na descrição do componente não-manual da construção de mudança-de-estado, associada ao reconhecimento do surgimento de uma mudança e ao acompanhamento de seu progresso. Além de se representar diálogos e eventos externos, também é possível representar eventos fisiológicos. A Figura 29 ilustra, parcialmente, a expressão representativa de alguém notando, ao chegar a um *shopping*, que duas lojas estão, inesperadamente, fechadas.

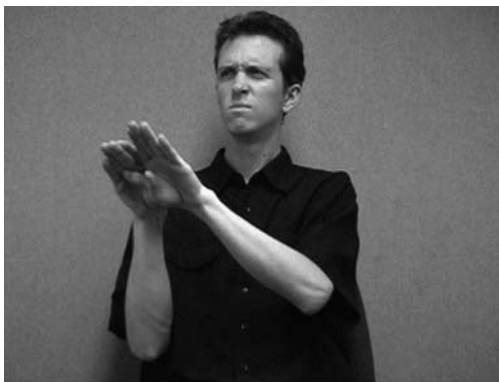


Figura 29

Aqui, claramente, o *lsujeitol* está presente. O sinal ESTAR-FECHADO é dirigido primeiro para a esquerda e depois para a direita do sinalizante, acompanhado do olhar dirigido à mesma direção respectiva. Fica também evidente, que os sinais são direcionados ao lugar onde se imagina que as duas lojas estejam. De acordo com Liddell (2003:179), o sinal ESTAR-FECHADO é analisado aqui não como uma instância de um verbo indicativo ou representativo, mas como uma instância de um verbo simples que o sinalizante direciona a um elemento combinado. Aqui, o *lsujeitol* não está sinalizando para pessoa alguma, em especial. Se considerarmos isso como uma representação de diálogo interior, intuitivamente o consideramos como uma representação esparsa, quando comparada a outras instâncias de representação de diálogo interior. Existe uma análise alternativa. ESTAR-FECHADO é produzido para representar a percepção do *lsujeitol* da cena. Uma vez que o sinal ESTAR-FECHADO não é parte do diálogo construído (ou um verbo representativo-de-evento), entende-se que os articuladores manuais estejam separados do *lsujeitol*. O espaço mental do qual é parte está separado do espaço do observador de modo similar à independência do espaço combinado diagramático em relação ao espaço do observador, na representação de um motoqueiro subindo uma colina. A diferença é que ESTAR-FECHADO não é um espaço diagramático, mas um espaço perceptual associado ao *lsujeitol*. ESTAR-FECHADO é, então, associado à *lprogressão temporall*, apesar de ser uma unidade não-representativa.

Um espaço perceptual relativo a uma combinação-de-evento também é criado para representar o foco do *lsujeitol* sobre um *lobjetol* dentro de um *lcenáriol*. A Figura 30 ilustra, de forma parcial, uma expressão re-

presentativa de alguém vendo uma luminária recém instalada em um teto. Aqui fica claro que não há representação de um diálogo. Um articulador manual está separado do |sujeito| para produzir uma instância do mesmo verbo descrito na Seção 4, um que não representa um evento, mas a forma e a localização de um objeto, no caso, a luminária. Uma vez que esse verbo não representa um evento, ele carece de um componente de |progressão temporal|. Porém, uma vez que se entende que ele representa o que o |sujeito| está vendo, então, ele tem uma associação com |progressão temporal|.



Figura 30

A combinação-de-evento aqui tem elementos similares àqueles encontrados na combinação de cenário criado para representar a localização da luminária (descrito na Seção 4). Sem acesso à informação prévia, não seria possível determinar se um evento, ou apenas um cenário, está sendo representado. Uma ambigüidade semelhante diz respeito ao fato de a combinação do observador conter um |sujeito| ou simplesmente um |ponto de visualização|. Isso demonstra não só como o contexto é uma parte essencial da expressão, mas também a utilidade de identificar os componentes conceituais distintos, envolvidos na representação do cenário e dos eventos.

Espero ter demonstrado acima que quando um |sujeito| está ativo, restrições específicas com relação ao uso de sinais entram em funcionamento. A Tabela 2 apresenta uma lista dessas restrições.

Sinais produzidos quando um  sujeito  está ativo
O sinal é parte do diálogo (ou gesto) sendo representado
O sinal representa um evento psicológico experienciado pelo  sujeito
O sinal é uma instância de uma unidade esquemática contendo um componente de  progressão temporal .

Tabela 2

## 6. Conclusão

A representação de cenários, objetos e eventos, explicada neste artigo é, sem dúvida, uma questão básica do discurso da ASL. Quando fica demonstrado que os verbos e as construções da ASL têm componentes que representam traços semânticos, a representação se torna o foco da análise gramatical, na perspectiva lingüística cognitiva aqui discutida. A abordagem específica estabelecida aqui, iniciada por outros lingüistas cognitivos que investigam línguas de sinais, demonstra o potencial de análises adicionais para elucidar o papel da representação na gramática da ASL. Essa abordagem dá suporte à visão que, embora existam algumas facetas da gramática da ASL que “submergem” a iconicidade (Klima e Bellugi 1979), outras facetas existem onde a iconicidade “emerge” (S. Wilcox 2004).

## Notas

Esta pesquisa foi financiada pela *National Science Foundation* (Fundação Nacional de Ciência), por meio de bolsa número SBE-



0541953. Quaisquer opiniões, resultados e conclusões ou recomendações expressas aqui são do autor e não refletem, necessariamente, a visão da *National Science Foundation*.

## Referências

- CUTRER, M. **Time and Tense in Narratives and Everyday Language**. Tese de Doutorado – University of California, San Diego, 1994.
- DANCYGIER, B. & SWEETSER, E. **Mental Spaces in Grammar: Conditional Constructions**. Cambridge University Press, Cambridge, 2005.
- DUDIS, P. G. Body partitioning and real-space blends. **Cognitive Linguistics**, v. 15 (2 ed.), 2004. p. 223-238.
- DUDIS, P. G. **Depiction of Events in ASL: Conceptual Integration of Temporal Components**. Tese de Doutorado – University of California, Berkeley, 2004
- EMMOREY, K.; FALGIER, B. Talking about Space with Space: Describing Environments in ASL. In: WINSTON, E.A. (Org.). **Story Telling and Conversations: Discourse in Deaf Communities**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1999. p. 3-26.
- FAUCONNIER, G. (1997). **Mappings in Thought and Language**. Cambridge University Press, Cambridge.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Blending as a Central Process of Grammar. In: GOLDBERG, Adele (Org.). **Conceptual Structure, Discourse and Language**. Stanford, 1996. p. 113-130.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Conceptual integration networks. **Cognitive Science**, v. 22, n. 2, 1998. p. 133-188.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The Way We Think: Conceptual Blending and The Mind's Hidden Complexities**. Basic Books, New York, 2002.
- GOLDBERG, A. **Constructions**. The University of Chicago Press, Chicago, 1995.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Harvard University Press, Cambridge, 1979.
- LAKOFF, G. Sorry, I'm not Myself Today, In: FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve (Orgs.). **Spaces, Worlds, and Grammar**. Chicago University Press, Chicago. 1996. p. 91-123.
- LANGACKER, R. W. Foundations of Cognitive Grammar. **Theoretical Prerequisites**, v. 1, Stanford, CA, 1987.
- LANGACKER, R. W. Foundations of Cognitive Grammar. **Descriptive Application**, v. 2, Stanford, CA, 1991.
- LANGACKER, R. W. **Grammar and Conceptualization**. Mouton de Gruyter, New York, 2000.
- LIDDELL, S. K. **Unrealized-inceptive aspect in American Sign Language: Feature insertion in syllabic frames**. In: DROGO, J.; MISHRA, V.; TESTON, D. (Orgs.). Trabalho apresentado ao 20 Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, Chicago. p. 257-270.
- LIDDELL, S. K. Real, surrogate, and token space: Grammatical consequences in ASL. In: Emmorey, Karen & Reilly, Judy (Orgs.). **Language, Gesture, and Space**, Hillsdale, NJ, 1995. p. 19-41.
- LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge University Press, Cambridge, 2003.
- LIDDELL, S. K.; METZGER, M. Gesture in sign language discourse. **Journal of Pragmatics**, v. 30, 1998. p. 657-697.
- METZGER, M. Constructed Dialogue and Constructed Action in American Sign Language. In: LUCAS, C. (Org.). **Sociolinguistics in Deaf Communities**, Washington, 1995. p. 255-271.
- PADDEN, C. Verbs and role-shifting in ASL. In: PADDEN, C. (Org.). **Proceedings of the Fourth National Symposium on Sign Language Research and Teaching**, MD, 1986. p. 44-56.
- ROY, C. Features of Discourse in an American Sign Language Lecture, em: LUCAS, C. (Org.). **The Sociolinguistics of the Deaf Community**, San

- Diego, 1989. p. 231-251.
- TANNEN, D. **Talking voices**: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse. Cambridge University Press, Cambridge, 1989.
- TAUB, S. F. **Language from the body**: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge University Press, Cambridge, 2001.
- WILCOX, P. P. GIVE: Acts of giving in American Sign Language. In: NEWMAN, John (Org.). **The Linguistics of Giving**, Philadelphia, 1998. p. 175-207.
- WILCOX, S. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. **Cognitive Linguistics**, v. 15, n. 2, 2004. p. 119-147.
- WINSTON, E. Spatial referencing and cohesion in an American Sign Language Text. **Sign Language Studies**, v. 73, 1991. p. 397-410.

# Estudos de aquisição de línguas de sinais: passado, presente e futuro<sup>1</sup>

*Diane Lillo-Martin*

University of Connecticut

Haskins Laboratories

Neste artigo, apresento uma visão geral de aspectos dos estudos de aquisição de línguas de sinais conduzidos nos últimos vinte anos e faço uma especulação sobre o futuro desses estudos. Ao invés de uma visão geral cronológica, organizei a pesquisa em cinco temas, de acordo com alguns dos objetivos desses trabalhos. Os temas são os seguintes:

1) Exploração dos paralelos entre aquisição de línguas sinalizadas e faladas. Nesta categoria, incluo uma variedade de estudos que mostram que a aquisição da língua de sinais é similar à aquisição da língua falada, sob condições de *input* comparáveis (isto é, crianças para quem os pais sinalizam fluentemente, desde o nascimento). Esses estudos servem para demonstrar que as línguas de sinais são línguas naturais completamente desenvolvidas, merecendo, portanto, todos os direitos associados às demais línguas naturais completamente desenvolvidas.

2) Explicação das diferenças entre aquisição de línguas sinalizadas e de línguas faladas. Nesta categoria, encontram-se estudos que observam as diferenças potenciais na trajetória da aquisição de línguas faladas e línguas de sinais e, que buscam, freqüentemente, explicá-las recorrendo à modalidade. Em alguns casos, as diferenças são bem visíveis, devido à modalidade (por exemplo, embora a fonologia sinalizada e a falada tenham princípios abstratos comuns, estão calcadas em diferenças de modalidade). Em outros casos, argumenta-se por uma explicação das diferenças em termos de um aspecto específico da modalidade.

3) (a) Utilização de dados de aquisição de língua de sinais para fornecer informações sobre a gramática da língua de sinais. (b) Utilização da gramática da língua de sinais para fornecer informações sobre a aquisição de língua de sinais. Essas duas categorias estão agrupadas para enfatizar a importância de uma relação forte e recíproca entre os estudos gramaticais e os estudos de aquisição e para mostrar como os estudos de aquisição podem afetar questões teóricas na análise gramatical e como os avanços gramaticais podem levar a novas questões ou a re-análises, nos estudos de aquisição. Tais relações entre aquisição e gramática não são, obviamente, exclusivas dos estudos de língua de sinais; entretanto,

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Elaine Espíndola, Thiago Blanch Pires, Carolina Vidal Ferreira.

pesquisadores de língua de sinais podem e participam, com bons proveitos, desses tipos de trabalho.

4) Utilização de dados de aquisição de língua de sinais para oferecer informação sobre teorias de aquisição da linguagem. Novamente, a pesquisa em língua de sinais não está sozinha na busca do objetivo de desenvolver e testar teorias explícitas de como ocorre a aquisição da linguagem, mas tem muito a contribuir para alcançar tais objetivos. É especialmente importante incluir as línguas de sinais no banco de dados dos fatos de aquisição de língua que as teorias se esforçam para explicar, uma vez que qualquer teoria desse tipo teria como objetivo fornecer uma explicação para a habilidade que *qualquer* criança possui de aprender a língua natural a que é exposta.

5) Utilização de dados de aquisição de línguas de sinais para oferecer informação sobre a natureza da linguagem. As línguas de sinais e as comunidades surdas permitem-nos entender, mais detalhadamente, a natureza da linguagem, uma vez que, a partir de experimentos de natureza (*experiments of nature*), elas às vezes revelam o que acontece com a linguagem em situações extremas. Informações sobre o que emerge dos experimentos são de grande significado para as teorias da linguagem.

Obviamente, muitos estudos são incluídos em mais de uma das categorias acima e talvez outros não tenham sido especificamente direcionados a nenhum desses tópicos. Entretanto, acredito que possa ser útil adotar esse tipo de visão e examinar os impactos mais amplos desses estudos, inde-

pendentemente de seus objetivos originais. A visão geral apresentada aqui não pretende ser exaustiva, mas seleciona exemplos de estudos que são incluídos em cada tema, fornecendo ao leitor uma noção de direções e possibilidades. Pesquisa adicional em todas essas áreas se faz extremamente necessária.

### 1. Exploração dos paralelos entre aquisição de línguas sinalizadas e faladas

Nesta categoria, incluo uma pesquisa que procura mostrar que uma língua de sinais específica ‘é uma língua’ e é adquirida em igualdade de condições com as demais línguas faladas (ver Lillo-Martin, 1999; Newport & Meier, 1985, para uma revisão da literatura de algumas dessas pesquisas).

Um exemplo claro vem do trabalho de Laura Ann Petitto. A pesquisa por ela desenvolvida fornece fortes evidências para argumento que as línguas de sinais são adquiridas exatamente da mesma forma que a linguagem oral. Por exemplo, em uma de suas análises ela alega, “Crianças surdas expostas a línguas de sinais desde o nascimento adquirem essas línguas em tempo de maturação idêntico ao de crianças ouvintes que adquirem as línguas faladas” (Petitto, 2000)<sup>2</sup>.

Os marcos que Petitto afirma serem ‘idênticos’ entre crianças sinalizantes e crianças falantes incluem o balbúcio (7-12 meses de idade); o estágio da primeira palavra (11-14 meses) e o estágio dos primeiros pares de palavra (16-22 meses).

<sup>2</sup> “Crianças surdas expostas às línguas de sinais desde o nascimento adquirem essas línguas em um período maturacional idêntico ao das crianças ouvintes adquirindo línguas faladas”.

Além disso, Petitto afirma, “padrões conversacionais e sociais do uso da linguagem ..., bem como os tipos de coisas sobre as quais elas ‘falam’ ..., demonstraram, sem sombra de dúvida, que seu processo de aquisição segue a mesma trajetória de crianças ouvintes da mesma idade, em processo de aquisição da língua falada” (Petitto 2000)<sup>3</sup>.

Relatos similares que consideram a trajetória geral da aquisição da linguagem similar para línguas sinalizadas e faladas podem ser encontrados em estudos de línguas de sinais além da ASL. Por exemplo, Língua de Sinais Italiana (Caselli & Volterra, 1990), Língua de Sinais Brasileira (Quadros, 1997) e Língua de Sinais Holandesa (Van den Bogaerde, 2000), entre outros.

Consideremos o caso do balbucio. A pesquisa referente ao balbucio de crianças ouvintes revela que o balbucio vocal (sons repetitivos e silábicos como “baba”) emerge por volta dos 6 a 8 meses de idade e continua (com algumas mudanças) até a sua substituição por palavras. Do mesmo modo, Petitto & Marentette (1991) observaram que crianças surdas expostas à língua de sinais produzem ‘balbucios manuais’ durante o mesmo período. Descobriram a ocorrência de atividades de balbucio manual entre 32%-71% dos gestos produzidos por duas crianças surdas observadas aos 10, 12 e 14 meses de idade. Petitto & Marentette argumentaram que o balbucio manual é similar ao balbucio vocal, ao satisfazer três condições. A primeira é que os balbucios utilizaram unidades fonéticas restritas àquelas usadas em sinalização; em segundo lugar, os balbucios de-

monstraram organização silábica; em terceiro, foram utilizados de forma não-comunicativa. Petitto (2000) conclui, “A descoberta do balbucio em outra modalidade confirmou a hipótese que o balbucio representa um estágio distinto e crítico na ontogênese da linguagem humana”<sup>4</sup>.

As semelhanças de balbucio entre crianças aprendendo línguas de sinais e crianças aprendendo línguas faladas foram enfatizadas e expandidas no estudo de Meier & Willerman (1995) e Cheek et al. (2001); entretanto, eles sugerem que o balbucio, nas duas modalidades, é uma consequência do desenvolvimento motor e não especificamente uma expressão da faculdade lingüística. Assim como Petitto & Marentette, Meier & Willerman e Cheek et al. observaram o balbucio manual em crianças expostas a línguas de sinais: observaram cinco crianças surdas na faixa etária entre 7, 10, e 13 meses e relataram o balbucio manual entre 25% e 93% de todos os gestos produzidos.

Contudo, ao contrário de Petitto & Marentette, que relataram que o balbucio manual era bem menos freqüente nos três sujeitos ouvintes analisados por eles (aproximadamente 20% dos gestos), Meier & Willerman e Cheek et al. relatam que as cinco crianças ouvintes não expostas a línguas de sinais que eles estudaram produzem balbucio manual muito semelhante ao das crianças surdas, em uma média entre 44% - 100% de todos os gestos.

Os dois estudos relatam fortes similaridades entre crianças que estão desenvolvendo

<sup>3</sup> “padrões sociais e interacionais do uso da língua... assim como os tipos de coisas que elas falam..., demonstraram inequivocamente que suas aquisições de língua seguem trajetórias idênticas verificadas em crianças ouvintes adquirindo línguas faladas”.

<sup>4</sup> “a descoberta do balbucio em uma outra modalidade confirmou a hipótese de que o balbucio representa uma etapa crítica e distinta na ontogenia da linguagem humana”.



a língua de sinais e crianças que estão desenvolvendo a língua falada. Ambos os estudos também relacionam seus resultados a explicações teóricas que ressaltam similaridades no desenvolvimento de línguas de sinais e de línguas faladas, embora suas teorias sejam diferentes. Os dois são, portanto, bons exemplos de paralelos entre aquisição de línguas de sinais e aquisição de línguas faladas.

Por que é importante demonstrar que crianças surdas com *input* de sinalização nativo adquirem línguas de sinais num tempo ‘idêntico’ – ou até mesmo paralelo – ao de outras crianças que aprendem línguas faladas? Para Petitto, a implicação desse resultado é que a propensão dos seres humanos para a aprendizagem de línguas não é dependente de modalidade. Ao contrário, os mecanismos que possibilitam o desenvolvimento lingüístico aplicam-se igualmente bem a uma língua visual-gestual, como a uma língua auditiva-vocal (*auditory-vocal language*). À medida que procuramos compreender como é possível a aquisição da linguagem, nossas teorias talvez tenham que ser repensadas para acomodar essa independência de modalidade.

Essas conclusões sobre a natureza dos mecanismos de aquisição da linguagem só seriam autorizadas se as línguas de sinais fossem consideradas como não sendo línguas humanas naturais completamente desenvolvidas (*full, natural human languages*), com as mesmas fundações biológicas e com ambientes sociais similares. Atualmente, lingüistas e psicólogos bem informados não questionam o status das línguas de sinais. Entretanto, ainda existem muitas pessoas que não são bem informadas sobre esse assunto e estão, muitas vezes, em posição que lhes permitem tomar decisões a respeito do bem estar de usuários (potenciais) de língua de sinais. Por esse motivo, nunca é demais ressaltar essa questão.

## 2. Explicação das diferenças entre aquisição de línguas de sinais e de línguas faladas.

Esta categoria de pesquisa se concentra nos aspectos onde a aquisição de línguas orais e a aquisição de línguas de sinais podem ser diferentes e busca explicar essas possíveis diferenças como, por exemplo, os efeitos da modalidade. Tais efeitos de modalidade podem incluir iconicidade e desenvolvimento motor / articulatório, entre outros.

Um exemplo de pesquisa que considera o papel da modalidade na explicação das diferenças entre o desenvolvimento da língua de sinais e da língua falada examina o surgimento dos primeiros sinais *versus* palavras faladas. Inúmeros autores afirmam que os primeiros sinais surgem, aproximadamente, 6 meses antes das primeiras palavras e o entusiasmo atual pela ‘sinalização do bebê’ na população ouvinte baseia-se nessa idéia. Meier & Newport (1990), em uma minuciosa revisão de literatura que documenta marcos importantes na aquisição sinal *versus* fala, chegaram a importantes conclusões gerais acerca das similaridades e diferenças. Primeiro, a ‘vantagem’ dos sinais parece ser de 1,5 a 2,5 meses (idade aproximada de 8,5 meses para os primeiros sinais e 10-11 meses para as primeiras palavras), e essa diferença é vista apenas com os primeiro sinais ligados ao contexto e não com os sinais puramente simbólicos. Segundo, os autores afirmam que a vantagem dos sinais existe apenas em relação às primeiras palavras e não às primeiras combinações de palavras (sintaxe inicial). Finalmente, Meier & Newport oferecem uma possível explicação para a vantagem dos sinais em termos de mecanismos ‘periféricos’ – aqueles utilizados na produção e/ou percepção de sinais *versus* palavras. Eles apresentam argumentos para

pensarmos que leva mais tempo para a criança falante desenvolver o controle articulatório suficiente para produzir expressões que podem ser reconhecidas como palavras, do que para crianças sinalizantes desenvolverem um controle comparável a esse. Portanto, a diferença se resume a uma *desvantagem* da língua falada em seus primeiros estágios de desenvolvimento lexical.

Outra área de pesquisa que examina os efeitos da modalidade na aquisição de línguas de sinais diz respeito à fonologia do sinal inicial. Pesquisadores estudaram os componentes de sinais com os quais as crianças apresentam maior ou menor precisão e observaram que, em muitos casos, o desenvolvimento das crianças pode ser explicado levando-se em conta o desenvolvimento de mecanismos motores e perceptuais. As duas explicações enfatizam o papel da modalidade no processo de aquisição de línguas de sinais. É muito provável, portanto, que a modalidade tenha um papel importante na explicação de padrões de desenvolvimento fonológico.

Por exemplo, muitos pesquisadores encontram mais erros na configuração de mãos do que na localização nos sinais iniciais. Os primeiros sinais produzidos por crianças de tenra idade tendem a utilizar a configuração de mão com todos os dedos estendidos, abertos ou relaxados (5); ou com os dedos cerrados (A); ou apenas com o dedo indicador estendido (1). Essas configurações de mão frequentemente serão substituídas por outras em sinais da língua alvo que utilizam configurações de mão mais complexas. Uma possível explicação oferecida para esse padrão é que a coordenação motora fina (*fine motor control*) necessária para configuração de mão desenvolve-se mais tarde do que a coordenação motora grossa (*gross motor control*) necessária para localização (Cheek et al., 2001;

Conlin, Mirus, Mauk, & Meier, 2000; Marentette & Mayberry, 2000). Por outro lado, alguns pesquisadores sugerem que talvez seja mais fácil para as crianças perceberem diferenças na localização quando comparadas com as diferentes configurações de mão, também contribuindo para a precisão mais antecipada com relação à localização.

Pesquisadores também observaram que os sinais iniciais das crianças frequentemente envolvem repetição de movimento (Meier, 2006). Isso pode estar diretamente relacionado aos movimentos repetidos no desenvolvimento motor, como os estereótipos de pontapés repetidos ou acenos com os braços. Meier (2006) também afirma que as formas iniciais não-alvo (*non-target forms*) de crianças, que ocorrem em sinais formados com as duas mãos (*two-handed signs*), podem ser explicadas por referência a um fenômeno conhecido como “solidariedade” (*sympathy*), em que as crianças apresentam dificuldade em inibir o movimento de uma mão enquanto a outra está ativa.

Meier (2006) afirma que o estudo de fatores articulatórios no desenvolvimento da fonologia dos sinais é importante devido a, pelo menos, duas razões. Primeiramente, saber quais efeitos têm sua origem na articulação ajuda a identificar aqueles que requerem outras explicações. Segundo, ele sugere que fatores articulatórios podem promover tipos específicos de organização lingüística - principalmente para as crianças - o que pode nos levar a crer que esses efeitos podem refletir não apenas diferentes níveis de desempenho gramatical (para crianças sinalizantes e falantes), como também diferentes competências.

É difícil precisar o ponto em que o desenvolvimento da habilidade da criança para produzir sinais reflete diferenças de desempenho e competência, mas há alguns casos

para os quais uma explicação com base no aspecto articulatório/perceptual provavelmente não se sustenta. Por exemplo, Conlin et al. (2000) e Marentette & Mayberry (2000) sugerem que alguns erros de localização não são consistentes com uma explicação motora; mas, ao invés disso, afirmam que a criança não representou corretamente o valor de localização de certos sinais. Essa sugestão reforça o comentário de Meier que conhecer os aspectos articulatórios ajuda a identificar os aspectos do desenvolvimento que necessitam de explicações alternativas.

Esses exemplos enfatizam a dependência de modalidade das explicações propostas para o desenvolvimento fonológico. Entretanto, deve-se apontar que os fatores articulatórios podem, também, explicar alguns aspectos do desenvolvimento fonológico inicial, nas línguas faladas (por exemplo, MacNeilage & Davis, 1990). Assim, os efeitos de ‘modalidade’ estão presentes em ambas as modalidades e, nesse sentido, atentar-se para a modalidade é não apenas uma forma de se explicar como o desenvolvimento de línguas de sinais e o desenvolvimento de línguas faladas são diferentes, mas, também, como são semelhantes.

### **3(a). Utilização de dados de aquisição de línguas de sinais para fornecer informações sobre a gramática de línguas de sinais**

Quando modelos gramaticais concorrentes fazem previsões diferentes sobre o processo de aquisição, dados relativos ao desenvolvimento (*developmental data*) podem ser uti-

lizados para testar os modelos. Esse é um princípio da pesquisa em línguas faladas, assim como da pesquisa em línguas de sinais, embora tal princípio tenha sido aplicado somente à pesquisa em línguas de sinais, em época relativamente recente. Discutirei aqui dois exemplos, sendo que o primeiro apenas brevemente.

Conlin et al. (2000) afirmam que “Estudos do desenvolvimento dos sinais iniciais ... podem nos ajudar a decidir entre os modelos concorrentes da linguagem adulta” (p. 52)<sup>5</sup>. Por exemplo, eles sugerem que os sinais iniciais das crianças podem ajudar na determinação de sinais canônicos. Há tempos já se admite que as configurações de mão que ocorrem mais cedo são também as formas ‘não-marcadas’ na linguagem adulta (Battison, 1978); portanto essa afirmação já foi parcialmente comprovada. Os autores também esperam que a análise da sinalização de crianças possa ajudar na avaliação de modelos da gramática adulta, especialmente quando certos modelos são mais capazes de capturar generalizações a respeito das produções de crianças. Karnopp (2002) assume essa abordagem em sua investigação sobre o desenvolvimento da fonologia na Língua de Sinais Brasileira. Ela adota o Modelo de Dependência de Van der Hulst (1993) e seus resultados mostram que este modelo possibilita fazer importantes previsões sobre a aquisição da fonologia de sinais que emergiram dos dados analisados por ela, a partir da observação de uma criança surda sinalizante. Ela conclui que os dados de aquisição de língua de sinais que ela analisou oferecem um sólido embasamento para o modelo teórico utilizado.

<sup>5</sup> “Estudos sobre o desenvolvimento inicial de sinais podem nos ajudar a decidir entre modelos concorrentes da linguagem adulta”

Um segundo exemplo vem da área da sintaxe. Lillo-Martin & Quadros (2005; 2006) afirmam que a aquisição de tópico, foco e perguntas QU- em ASL e LSB ajudam a revelar as análises corretas dessas estruturas. Começaremos com alguns exemplos.

Nas duas línguas (ASL e LSB), certos sinais podem aparecer duas vezes na sentença, uma vez em sua posição habitual e uma vez no final da sentença, para enfatizar aquele sinal. Essas construções são geralmente denominadas ‘duplicação’ (*doubling*). Damos alguns exemplos em (1) (os exemplos nesta sessão são extraídos de Lillo-Martin & Quadros 2007).

- (1) a. JOHN CAN READ CAN [John saber ler saber]  
 ‘John really CAN read.’ [John realmente SABER ler]  
 b. MARY FINISH GO SPAIN FINISH  
 [Mary terminar de ir Espanha terminar]  
 ‘Mary ALREADY went to Brazil.’  
 [Mary JÁ foi para o Brasil]  
 c. I LOSE BOOK LOSE [EU PERDER LIVRO PERDER]  
 ‘I did LOSE the book indeed.’ [Eu realmente PERDI o livro de verdade]

Também nas duas línguas, a mesma categoria de sinais que pode ocorrer nas construções duplicadas, pode ocorrer, também, apenas em posição final na sentença. Essas sentenças podem ser nomeadas ‘construções finais’. Veja os exemplos em (2).

- (2) a. JOÃO LER SABE (JOHN READ CAN)  
 b. MARIA IR ESPANHA TERMINA (MARY GO SPAIN FINISH)  
 c. EU LIVRO PERDER (I BOOK LOSE)

Segundo um tipo de análise gramatical, a duplicação e a construção final estão relacionadas. As duas construções são utilizadas para enfatizar o foco (*for emphatic focus*) e, segundo essas teorias, ambas apresentam derivações relacionadas (Nunes & Quadros, 2006, 2007; Petronio, 1993; Wilbur, 1997).

Entretanto, existe um outro tipo de foco, conhecido como foco de nova informação (*new information focus*) (abreviado como “I-focus”). Diferentemente do foco enfático, o foco de nova informação posiciona o material focalizado na posição inicial da sentença (Lillo-Martin & Quadros, 2007; Neidle, 2002). O foco de nova informação é utilizado, por exemplo, no contexto de resposta a uma pergunta, como no exemplo (3). A ordem de palavras não-marcada (SVO) também é permitida nesses contextos.

- (3) S1: O QUE VOCÊ LER? (WHAT YOU READ?)  
 ‘O que você leu?’ (‘What did you read?’)  
I-focus  
 S2: LIVRO STOKOE EU LER (BOOK STOKOE I READ)  
 S2: EU LER LIVRO STOKOE (I READ BOOK STOKOE)  
 ‘Eu li o livro do Stokoe.’ (‘I read Stokoe’s book.’)

De acordo com a proposta de Lillo-Martin & Quadros, o I-focus é derivado sintaticamente por meio de um mecanismo completamente diferente daquele do foco enfático. Elas previram que se suas análises estivessem corretas, as crianças iriam adquirir, simultaneamente, as construções finais e a duplicação, já que as duas são exemplos de foco enfático, mas essas construções po-

dem ser adquiridas independentemente do I-focus, pois seu processo de derivação é diferente.

Lillo-Martin & Quadros (2005) testaram sua previsão observando os dados de produção longitudinal espontânea de duas crianças surdas que adquiriam a ASL como língua materna (Aby e Sal) e de duas crianças surdas que adquiriam LSB como língua materna (Ana e Leo).

As quatro crianças são filhas de pais surdos e sinalizantes. As crianças foram filmadas com regularidade, desde um período anterior à idade de 2 anos. Suas enunciações foram examinadas para determinar quando começaram a utilizar, produtivamente, o I-focus, a duplicação e as construções finais. Os resultados desse estudo estão sintetizados na Tabela 1.

**Tabela 1**

**Síntese dos resultados - Lillo-Martin & Quadros (2005)**

**Idade de aquisição de cada estrutura**

Criança	I-focus	Duplicação	Posição Final
Aby	1;9 ***	2;1	2;0
Sal	1;7 ***	1;9	1;9
Ana	1;6 **	2;0	2;1
Leo	1;10 ***	2;1	2;2

\*\*  $p < .005$

\*\*\*  $p < .001$

É evidente que as crianças adquiriram simultaneamente a duplicação e a construção final; porém, essas duas construções foram adquiridas depois do I-focus (o que é altamente significativo para a Probabilidade do Binômio Exato). Pode-se dizer que os resultados obtidos confirmam as análises teóricas que relacionam a duplicação e as

construções finais em ASL e LSB e refutam as análises que dão origens distintas a essas construções.

Esses dois exemplos demonstram áreas nas quais dados gerados a partir de aquisição de línguas de sinais podem afetar questões teóricas de análises gramaticais. Tanto para as línguas sinalizadas como para as línguas faladas, há muitos casos em que propostas teóricas diferentes, obviamente, não fazem diferentes previsões para a aquisição. Sendo assim, os dados de aquisição podem não afetar tais questões. Entretanto, outros casos levam à expectativa de ordem, de tal forma a ser possível esperar que os fenômenos que estão relacionados na gramática adulta possam ser adquiridos simultaneamente; ou que os fenômenos que são separados, sejam adquiridos separadamente. Em alguns casos, é possível fazer previsões de ordenação específicas, por exemplo, quando uma construção específica apresenta outras, como pré-requisitos (para discussão de exemplos, ver Snyder & Lillo-Martin, no prelo). Nesses casos, os dados de aquisição da linguagem fornecem importante confirmação – ou desconfirmação – de suposições teóricas.

### **3(b). Utilização da gramática de línguas de sinais para fornecer informações sobre a aquisição de línguas de sinais**

A categoria 3A examina as maneiras como os estudos de aquisição podem fornecer informações para os estudos gramaticais. A presente categoria de estudos segue em direção contrária, utilizando novos avanços gramaticais para fornecer informações aos estudos de aquisição. Essas duas categorias estão intimamente ligadas, já que ambas demonstram a estreita relação entre os estudos de aquisição e a teoria lingüística. De fato há, freqüente-



mente, um efeito espiral tal que os dois campos se beneficiam e se influenciam reciprocamente, no mesmo domínio.

Um exemplo dessa categoria provém da pesquisa sobre o desenvolvimento de ordem de palavras por crianças. Coerts & Mills (1994) dedicaram-se a um estudo sobre o desenvolvimento da ordem de palavras (sujeito – objeto – verbo) na Língua de Sinais da Holanda (SLN), em duas crianças surdas sinalizantes, com idade entre 1,5 e 2,5 anos. Os resultados de seu estudo mostraram que as crianças demonstraram um alto grau de variabilidade em sua ordenação de sujeitos e verbos. Essa variabilidade na aquisição da ordem de palavras foi intrigante e permaneceu sem uma explicação completa, no trabalho inicial.

Então, Bos (1995) identificou na SLN um processo conhecido como Cópia do Pronome do Sujeito (*Subject Pronoun Copy - SPC*) (cf. Padden, 1988). De acordo com o SPC, o sujeito de uma frase pode ser repetido como um pronome na posição final da frase, conforme exposto em (4)a. Contudo, também é possível que o sujeito na posição inicial da sentença esteja ausente (esse é um processo geral encontrado na SLN e também em outras línguas de sinais). Quando o sujeito na posição inicial da frase não é expresso, mas o pronome na posição final da frase está presente, a ordem superficial é verbo - sujeito, como em (4)b (exemplos extraídos de Coerts 2000).

- (4) a. INDICADOR<sub>beppie</sub> FILME INDICADOR-  
INDEX<sub>beppie</sub> FILM INDEX<sub>beppie</sub>  
'Beppie está filmando' ('Beppie is filming'.)
- b. CHORAR INDICADOR bonecas (CRY  
INDEX<sub>dolls</sub>)

'As bonecas estão chorando.' ('The dolls are crying.')

Coerts (2000), então, re-analisou os dados de crianças, estudados anteriormente por Coerts & Mills. Primeiro, ficou evidente que as crianças sabiam que a SLN permitia o uso de sujeitos nulos, pois elas utilizavam o sujeito nulo apropriadamente e frequentemente. Utilizou um critério rígido para o processo de aquisição do SPC: a criança deveria utilizar um pronome na posição final de uma frase com um sujeito explícito, para mostrar que havia adquirido o SPC. Depois que as crianças demonstraram ter adquirido o SPC, por volta dos dois anos de idade, toda ocorrência posterior da ordem verbo – sujeito, em que o sujeito após o verbo é um pronome – foi considerada um caso de SPC.

Utilizando essa re-análise, Coerts descobriu que a maioria dos exemplos prévios de ordem de palavras que se mantinham 'sem explicação' era, na verdade, explicável e que a aquisição da ordem de palavras por crianças estava de acordo com as expectativas. Coerts conclui que:

o conhecimento da linguagem adulta conduz a escolha dos procedimentos de análise a serem utilizados para os dados de aquisição ... um procedimento de análise que leva em conta a cópia do pronome do sujeito resulta em um quadro mais claro a respeito da aquisição da posição do sujeito e do verbo na sentença (Coerts 2000)<sup>6</sup>.

Um projeto desenvolvido por Chen Pichler (2001a; 2001b) chegou a resultados

<sup>6</sup> "O conhecimento das línguas adultas direciona a escolha de procedimentos de análise utilizados para os dados de aquisição... um procedimento de análise que leva em consideração cópia do pronome sujeito resulta em uma descrição muito mais clara em relação à aquisição da posição do sujeito e verbo".

semelhantes relacionados à ASL. Seu estudo vai além da consideração isolada da SPC e inclui outras ocorrências de mudanças da ordem das palavras, permitidas na gramática adulta. Apesar de existirem argumentos anteriores quanto ao fato de as crianças seguirem estritamente a ordem de palavras básica SVO utilizada pelos adultos, Schick (2002) não encontrou evidências dessa estratégia em crianças com dois anos de idade, concluindo que, na verdade, a ordem de palavras das crianças era ‘aleatória’. Chen Pichler utilizou uma abordagem semelhante à de Coert e determinou quando o uso da ordem verbo – sujeito por crianças poderia ser considerado um caso de SPC e quando a utilização da ordem objeto – verbo poderia ser considerada proveniente de operações de mudança da ordem de palavras, similares à de adultos (por exemplo, mudança do objeto).

Chen Pichler estabeleceu critérios claros para considerar enunciações como mudanças de ordem permitidas (*legal order changes*). Por exemplo, os sujeitos que aparecem após os verbos (*post-verbal subjects*) devem ser pronomes, para serem considerados SPC; objetos que aparecem antes do verbo (*pre-verbal objects*) que ocorrem com verbos marcados para aspecto, localização espacial, ou classificadores manuais foram considerados exemplos de mudança do objeto. Utilizando esses critérios, Chen Pichler descobriu que a maneira como as crianças usam a ordem das palavras demonstra conformidade regular com as opções gramaticais, em fase muito anterior ao que antes se imaginava. Dessa forma, a consideração de tais avanços nas análises sintáticas nos leva a pesquisas mais confiáveis nos estudos de aquisição.

Os dois exemplos ilustram a importância de se considerar a gramática adulta alvo,

quando se estuda o desenvolvimento lingüístico. O objetivo de se estudar a aquisição de linguagem é compreender como as crianças se tornam semelhantes aos adultos, em termos de seu conhecimento da língua. Quando as crianças diferem dos adultos, é preciso buscar uma explicação para essa diferença. Porém, algumas vezes, ao analisarem o desenvolvimento da criança, pesquisadores não levam em conta os avanços no estudo da gramática adulta. A descrição da linguagem a que as crianças estão expostas e da qual elas serão usuárias muda à medida que pesquisadores coletam mais dados e formam hipóteses que apontam em novas direções para futuras pesquisas. Pesquisadores da aquisição de língua podem frustrar-se com esse alvo móvel, mas eles também podem se beneficiar disso, em termos de análises melhoradas e sugestão de hipóteses próprias.

#### **4. Utilização de dados da aquisição de língua de sinais para fornecer informações sobre teorias de aquisição da linguagem**

Na seção anterior, consideramos teorias da gramática adulta e sua relação com a pesquisa na aquisição da linguagem. Nesta seção, descrevemos teorias do processo de aquisição. É possível testar teorias alternativas a respeito de como a linguagem se desenvolve e refinar a pesquisa, utilizando-se dados de aquisição de línguas de sinais coletados em tempo-real, da mesma forma como se testa teorias utilizando-se dados gerados a partir de línguas faladas. Essas são teorias mais gerais sobre aquisição da linguagem, não específicas às línguas de sinais (e, em geral, não desenvolvidas com base em dados de línguas de sinais).

Consideremos a Hipótese da Ilha Verbal (*Verb Island Hypothesis*) de Tomasello (1992), como exemplo. De acordo com esse modelo de desenvolvimento lingüístico (geral), as crianças passam por um período em que “os verbos são ‘ilhas’ individuais de organização em um sistema gramatical que seria, sem sua presença, um sistema não-organizado” (cf. sintetizado por Schick 2002)<sup>7</sup>. O modelo prevê que alguns padrões (como ordem das palavras ou flexões) irão ocorrer com verbos individuais, embora não haja evidências de que uma classe gramatical inteira se comporta da mesma maneira. Esse período inicial das ilhas verbais teria início quando as crianças estão começando a usar combinações de duas palavras, mas só se percebem generalizações em sua produção alguns meses depois (digamos, por volta dos dois anos, para a maioria das crianças).

Sustentando essa proposta, Morgan & Woll (2002) concluem: “não encontramos evidências para a exploração da criança de um conjunto abstrato de estruturas verbais antes da idade de 3,2 anos. A criança parecia construir estrutura de argumento (*argument structure*) a cada vez, com cada novo verbo e esses verbos eram, individualmente, atrelados à sua função comunicativa.”<sup>8</sup> Somente mais tarde, os autores argumentam que as crianças constroem regras que são válidas para múltiplos verbos.

Schick (2002) também examinou a hipótese da ilha verbal em seu estudo sobre as primeiras combinações de sinal. Ela encontrou apenas evidências limitadas para confirmar a hipótese: algumas crianças que ela analisou

demonstraram padrões de ordem consistentes com alguns verbos. Entretanto, ela descobriu que, em muitos casos, a ordem das palavras era muito variada, até mesmo para verbos individuais. Isso, aparentemente, não mostra nem ilhas verbais, onde verbos individuais comportam-se de forma semelhante, nem fornece evidências de regras de ordem de palavras, que se aplicariam a todos os diferentes verbos.

Nesse contexto, podemos retomar os resultados de Coerts (2000) e Chen Pichler (2001), relatados na seção 3B. Esses autores relataram o uso sistemático da ordem de palavras por crianças sinalizantes bem jovens, quando alterações gramaticais possibilitadas pela gramática adulta também são consideradas. De acordo com esses resultados, a sinalização infantil não é nem aleatória e nem organizada em ilhas verbais específicas. Ao invés disso, as regras que caracterizam a gramática adulta são também encontradas nesse domínio da linguagem infantil. Resta saber se os dados analisados por Morgan & Woll (BSL) e por Schick (ASL) possibilitam que se chegue às mesmas conclusões.

Outro exemplo parte do estudo de Reilly sobre o desenvolvimento da marcação não-manual (cf. sintetizado em Reilly, 2006). Reilly e seus colegas têm se interessado pelo desenvolvimento infantil do uso da marcação lingüística não-manual, em oposição às expressões faciais afetivas e comunicativas frequentemente muito parecidas. Reilly vê esse projeto como, em parte, um teste da questão referente ao “grau em que a linguagem é uma função inata, específica, cognitiva e independente”<sup>9</sup>, uma vez que avalia a separabilidade

<sup>7</sup> “Verbos são ilhas individuais de organização em um sistema gramatical contrariamente desorganizado”.

<sup>8</sup> “Não encontramos nenhuma evidência da exploração por parte da criança de um conjunto abstrato de quadros verbais antes de 3.2. A criança pareceu construir novamente estrutura argumentativa com cada novo verbo e esses verbos estavam exclusivamente ligados a suas funções comunicativas”.

<sup>9</sup> “o grau no qual a linguagem é uma função cognitiva, inerente, específica e independente”



necessária amplitude e diversidade de línguas que podem ter implicações para a discussão de uma questão teórica.

### **5. Utilização de dados de aquisição da língua de sinais para fornecer informações sobre a natureza da linguagem**

O estudo das línguas de sinais e comunidades surdas pode fornecer informações sobre o desenvolvimento lingüístico em circunstâncias extremas que não são encontradas em outro lugar. Essa é uma contribuição única à nossa compreensão da natureza da linguagem e dos mecanismos que possibilitam a aquisição da linguagem. Pesquisadores que estudam essas circunstâncias possuem um papel muito especial no avanço do conhecimento científico.

Alguns exemplos dessas contribuições provêm de estudos de línguas de sinais recém desenvolvidas, aprendizes tardios da língua de sinais como L1, aprendizes com *input* prejudicado, aprendizes de sistema de sinais inventados, sinalizantes caseiros, etc. Esses estudos nos informam sobre a amplitude de possíveis línguas, a trajetória e as propriedades da emergência da língua, as propriedades ‘resilientes’ da língua que aparecem na ausência de evidência, efeitos do período crítico na aquisição da linguagem, como o aprendiz modifica o *input* recebido, etc. A amplitude de resultados a partir dessas pesquisas é tão grande e importante que não há como mencionar todos, aqui, detalhadamente. Entretanto, darei um exemplo para aguçar o apetite do leitor; para uma refeição completa, por favor, consulte os trabalhos originais na área.

Aprendizes tardios da primeira língua são praticamente inexistentes em comunidades de língua falada, o que não é o caso em comunidades sinalizantes. Um vez que cerca

de 95% das crianças surdas possuem pais ouvintes (Mitchell & Karchmer, 2004), não é de se admirar que a grande maioria não esteja exposta à língua de sinais desde o nascimento. Ocasionalmente, os pais decidem educar seus filhos oralmente (sem utilizar língua de sinais); algumas dessas crianças são, posteriormente, expostas à língua de sinais, após terem aprendido apenas uma porção da língua falada (geralmente não o suficiente para comunicar-se efetivamente). Em outros casos, as crianças têm contato tardio com a língua de sinais simplesmente porque os recursos necessários para expor a criança a essa língua, mais cedo, não estavam disponíveis à sua família. Por várias razões, as crianças podem ser expostas à língua de sinais apenas depois dos dois, cinco ou doze anos de idade. Não se entende muito bem como essa exposição lingüística tardia afeta o desenvolvimento lingüístico, porém, fica evidente que os efeitos existem.

Morford & Mayberry (2000) apresentam um panorama de alguns efeitos investigados sobre o *input* tardio na aquisição e processamento da (primeira) língua. A maioria dessas pesquisas foi conduzida com adultos que foram expostos à língua de sinais em diferentes períodos. Ao estudar adultos que após anos de experiência tornaram o uso da língua de sinais uma habilidade bastante praticada e conhecida, pesquisadores investigaram o resultado do processo de seu desenvolvimento lingüístico.

De modo geral, as pesquisas com adultos que tiveram seu primeiro contato com a ASL com idade aproximada entre 4 – 16 anos, comparados a sinalizantes nativos (aqueles com contato desde o nascimento), apresentaram, consistentemente, diferenças relatadas tanto nos testes de produção, como nos de compreensão. Além disso, pesquisas que



observam o processamento lingüístico também encontraram diferenças entre grupos com idades diferentes de exposição à língua. O grau de um efeito não é uniforme nos diferentes estudos. Por exemplo, Newport (1990) descobriu que aprendizes tardios (com exposição após os 12 anos) tiveram uma pontuação mais baixa do que aprendizes ‘mais jovens’ (exposição entre 4 e 6 anos), que por sua vez pontuaram menos do que sinalizantes nativos, em testes de morfologia, produção e compreensão em ASL. Entretanto, os três grupos não apresentaram diferença em um teste de ordem básica de palavras. De forma semelhante, Emmorey et al. (1995) descobriram que sinalizantes tardios eram diferentes de sinalizantes nativos em um estudo de processamento em linha (*on-line processing*) de concordância verbal, mas não na marcação de aspecto.

Mayberry et al. (2002) expandiram seus resultados comparando aprendizes de ASL como L1 com aprendizes tardios de ASL como L2: adultos que ensurdeceram tardiamente que foram expostos à língua de sinais ao mesmo tempo em que os aprendizes tardios de L1 (9-13).

Os efeitos do contato tardio foram mais evidentes nos aprendizes tardios de L1; os aprendizes tardios de L2 tiveram desempenho mais próximo àquele dos nativos.

Esses resultados reforçam a idéia de que o contato mais cedo com a língua é crucial para sua aquisição normal. Mas qual(uais) fator(es) será(ão) o(s) mais afetado(s) pelo *input* tardio enquanto outros fatores são relativamente poupados desse efeito? Newport (1990) levanta a hipótese que crianças bem

jovens têm a habilidade de detectar padrões do tamanho ideal para o desenvolvimento de morfologia complexa, enquanto que as capacidades cognitivas mais importantes de crianças mais velhas ou adultos interferem, de fato, nesse tipo de análise, levando, portanto, às diferenças na performance em testes sintáticos *versus* testes morfológicos observados.

Uma hipótese alternativa é proposta por Morford & Mayberry (2000), que enfatizam as diferenças nas habilidades de processamento fonológico de nativos ou aprendizes jovens *versus* aprendizes tardios e sugerem que o que falta aos aprendizes tardios é o que é aprendido por aqueles com exposição à língua nativa (*native exposure*) no primeiro ano de vida. Particularmente, grande parte de desenvolvimento fonológico acontece durante esse período e estudos comprovam a sensibilidade dos bebês às informações fonológicas desde a mais tenra idade. O que Morford & Mayberry propõem é que “a verdadeira vantagem da exposição mais cedo à língua é o desenvolvimento do sistema fonológico antes do desenvolvimento dos sistemas semântico-lexicais e morfo-sintáticos”<sup>11</sup>. Problemas de processamento fonológico podem apresentar um efeito ‘cascata’ em outros níveis de processamento lingüístico, aparecendo em várias áreas de efeitos de atraso na aquisição da linguagem (*language delay*).

A hipótese de Morford & Mayberry deve ser testada em outros estudos sobre efeitos do *input* lingüístico tardio. Uma questão importante é saber se a hipótese do déficit de processamento fonológico pode explicar totalmente as áreas de diminuição da capacida-

<sup>11</sup> “A vantagem real da exposição precoce à língua é o desenvolvimento do sistema fonológico antes do desenvolvimento dos sistemas léxico-semânticos e morfo-sintáticos”.

de e as áreas de preservação, encontradas em aprendizes tardios. Existem também diferenças especificamente gramaticais entre aprendizes precoces e tardios? Algumas evidências de tais diferenças foram fornecidas por um estudo de duas crianças cuja exposição à ASL teve início aos seis anos de idade. Os resultados desse estudo (Berk, 2003) mostram que os aprendizes tardios são especialmente afetados em sua produção de concordância pessoal, nos verbos em ASL. Outras morfologias verbais, indicando concordância de lugar, não são afetadas, embora a forma dessa concordância seja muito parecida com a de marcação pessoal. Parece haver uma implicação de déficit especificamente gramatical (possivelmente, além das dificuldades no processamento fonológico).

O estudo sobre aprendizes tardios tem muito a oferecer às teorias da linguagem e desenvolvimento lingüístico. Os efeitos do *input* tardio não devem ser aleatórios ou gerais, mas devem incidir sobre as brechas que a gramática disponibiliza. As teorias que buscam explicar porque as crianças são melhores aprendizes de língua do que adultos precisam fazer referência aos aspectos cruciais do mecanismo do aprendizado de língua. Tais teorias têm poucos dados para ir além do domínio da aquisição da L1 em crianças surdas, já que a aprendizagem da L2 parece apresentar limitações e conseqüências diferentes. Portanto, torna-se evidente a necessidade de pesquisas nessa área.

## 6. Pesquisa com temas inter-cruzados

Muitas áreas na pesquisa de aquisição de línguas de sinais tangenciam mais de um dos temas acima, embora tenha sido possível ‘forçar’ alguns estudos a se encaixar em uma ou

outra categoria específica. Uma área de pesquisa que evidentemente tangencia todos os temas é a aquisição da concordância verbal, que tem sido o foco de atenção por mais de vinte anos.

Meier (1982) examinou a aquisição da concordância verbal em ASL, comparando-a com a aquisição da morfologia verbal em línguas faladas. Ele colocou a questão de a concordância ser ou não adquirida de forma diferente nas duas modalidades, já que a concordância em línguas de sinais pode ser considerada icônica (por exemplo, a concordância do verbo EU TE DOU (I GIVE YOU) pode parecer uma mímica da ação de “dar”). O autor argumenta que a concordância em língua de sinais é adquirida de forma semelhante à concordância verbal complexa e não marcada em algumas línguas faladas. Especificamente, ele descobriu que a concordância só é dominada por volta dos 3 anos (não antes, devido à iconicidade aparente). Esse domínio é definido como uso correto em contextos obrigatórios, uma consideração importante, já que nem todos os verbos admitem concordância.

Por outro lado, Morgan et al. (2006) argumentam que os aspectos ‘espaciais’ de concordância verbal em línguas de sinais se comportam de maneira diferente das línguas faladas. Além disso, eles alegam que fatores tipológicos e de modalidade explicam os padrões desenvolvimentais na aquisição da Língua de Sinais Britânica (BSL). Eles argumentam que a morfologia verbal em línguas de sinais possui um alto grau de simultaneidade, o que torna a segmentação difícil para a criança jovem. Esse fato contribui para a aquisição relativamente tardia observada em uma das crianças surdas que utilizou a concordância produtivamente, por volta de 3 anos de idade.

Contudo, mudanças na classificação de verbos em verbos que exigem ou não concordância e diferentes propostas acerca de como a concordância verbal deveria ser analisada, levaram a uma visão diferente da natureza das primeiras concordâncias verbais. Casey (2003) observou os primeiros usos de concordância verbal em um grupo de crianças em processo de aquisição da ASL, embora tenha identificado erros de omissão em contextos obrigatórios até os 3 anos, mesmo com a incorporação de novas idéias sobre a classificação verbal. Quadros & Lillo-Martin (2007) utilizaram avanços recentes na análise da morfologia da concordância verbal para identificar contextos de uso obrigatório e observaram que erros de omissão são extremamente raros, em duas crianças adquirindo ASL e duas adquirindo LSB. Esses estudos atualmente estão trabalhando nas duas direções, uma vez que Quadros & Lillo-Martin (em preparação) mostram que os dados de aquisição ajudam a identificar contextos adicionais de opcionalidade que são confirmados nos estudos com sinalizantes adultos.

Em relação ao quarto tema, os estudos da aquisição da concordância verbal foram desenvolvidos para discutir várias questões teóricas. Por exemplo, Morgan & Woll (2002) discutem as várias abordagens ao problema do ‘mapeamento’, isto é, como as crianças aprendem a ‘mapear’ várias representações conceituais conhecidas em estruturas lingüísticas que elas estão adquirindo. Os teóricos utilizam a aquisição da concordância verbal como uma fonte de dados para analisar esse problema, concluindo que as crianças devem desenvolver lentamente estruturas mais complexas (por exemplo, aquelas com um grande número de posições de argumento), depois de iniciar com as mais simples.

Finalmente, a concordância verbal foi

analisada em aprendizes tardios e aparenta ser uma área de problemas especiais. Aprendizes tardios adultos (Newport 1990) e crianças com exposição tardia (Berk 2003) apresentaram erros na morfologia verbal e demonstraram ter dificuldades de processamento nesse domínio (Emmorey et. al. 1995). A concordância verbal também é alvo de interesse na pesquisa de línguas emergentes (Aronoff, Padden, Meir, & Sandler, 2004; Senghas, 2000).

Esse campo de pesquisa tem sido extremamente produtivo, com questões e preocupações que vão além daquelas aqui mencionadas. Ver também Meier (2002), para uma revisão crítica de muitas dessas observações.

## 7. O futuro da pesquisa em aquisição de línguas de sinais

Como será o futuro da pesquisa em aquisição de línguas de sinais? Um destino possível pode ser aquele em que os estudos em aquisição de línguas de sinais desaparecem, devido à falta de interesse; outro destino seria pesquisa conduzida apenas por uns poucos pesquisadores isolados. Nossa esperança, entretanto, é que esses estudos se ampliem e que cada vez mais pesquisas dirigidas por hipóteses (*hypothesis-driven research*) sejam conduzidas nesse domínio. É importante que mais pesquisadores surdos se envolvam nessa área de estudo, já que seus conhecimentos da língua e de seu contexto são incomensuráveis. Isso significa que mais oportunidades para treinamento e colaboração deveriam ser criadas e incentivadas.

Esperamos que pesquisas futuras também aumentem as conexões com as questões relativas à aquisição de línguas faladas. As teorias da linguagem e de aquisição da linguagem devem incorporar dados em língua

de sinais, para que a pesquisa em línguas de sinais se informe e se beneficie dos estudos das línguas faladas. Incentivamos, também, estudos com uma variedade maior de população - por exemplo, comparações entre línguas de sinais, estudos dos efeitos das diferenças de qualidade e tempo de *input*, etc. Todos esses estudos têm muito a oferecer, tanto em termos de sua contribuição à comunidade científica quanto em termos de sua aplicabilidade.

Por fim, todos esses anseios por pesquisas futuras se baseiam na premissa de que as crianças surdas continuam a ser expostas às línguas de sinais e continuam a adquirir tais línguas. Esse é o componente mais importante do futuro da pesquisa em aquisição de línguas de sinais.

## Agradecimentos

A autora agradece sinceramente a Ronice Müller de Quadros e à comissão organizadora do TISLR 9, pelo convite para apresentar este trabalho e pela organização de um congresso tão agradável e educativo e a seus colegas participantes, por suas apresentações estimulantes e pelas discussões no local e nos arredores do evento.

A preparação da apresentação e do texto foi parcialmente financiada por uma bolsa do National Institutes of Health (Instituto Nacional de Saúde) (NIDCD #00183).

## Referências

ARONOFF, M.; PADDEN, C.; MEIR, I.; SANDLER, W. Morphological Universals and the Sign Language Type. In: BOOIJ, G.; van MARLE, J. (Eds.), **Yearbook of Morphology 2004**. Dor-

recht: Kluwer Academic Publishers, 2004, pp. 19-40.

BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

BERK, S. **Sensitive Period Effects on the Acquisition of Language: A Study of Language Development**. Unpublished Ph.D. Dissertation, University of Connecticut, Storrs, 2003.

BOS, H. Pronoun copy in Sign Language of the Netherlands. In BOS, H.; SCHERMER, T. (Orgs.). **Sign Language Research 1994: Proceedings of the 4th European Congress on Sign Language Research**. Hamburg: Signum, 1995, p. 121-147.

CASELLI, M. C.; VOLTERRA, V. From communication to language in hearing and deaf children. In: VOLTERRA, V.; ERTING, C. J. (Orgs.). **From Gesture to Language in Hearing and Deaf Children**. Berlin: Springer Verlag, 1990, p. 263-277..

CASEY, S. **'Agreement' in gestures and signed languages: the use of directionality to indicate referents involved in actions**. Tese de doutorado (Ph.D. Dissertation) - University of California, San Diego, 2003.

CHEEK, A.; CORMIER, K.; REPP, A.; MEIER, R. P. Prelinguistic gesture predicts mastery and error in the production of first signs. In: **Language**, v. 77(2), p. 292-323, 2001.

CHEN PICHLER, D. Evidence for early word order acquisition in a variable word order language. In: A. H.-J. DO; DOMINGUEZ, L.; JOHANSEN, A. (Orgs.). **Proceedings of the 25th Boston University Conference on Language Development**. Sommerville, MA: Cascadilla Press, 2001a.

CHEN PICHLER, D. **Word Order Variability and Acquisition in American Sign Language**. Tese de doutorado (Ph.D. Dissertation) - University of Connecticut, Storrs, 2001b.

COERTS, J. Early sign combinations in the acquisition of Sign Language of the Netherlan-

- ds: Evidence for language-specific features. In CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. I. (Orgs.). **Language Acquisition by Eye**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.
- COERTS, J.; MILLS, A. E. Early Sign Combinations of Deaf Children in Sign Language of the Netherlands. In: AHLGREN, I., BERGMAN, B.; BRENNAN, M. (Orgs.). **Perspectives on sign language usage: papers from the Fifth International Symposium on Sign Language Research**, v. 2, p. 319-331, 1994.
- CONLIN, K. E.; MIRUS, G. R.; MAUK, C.; MEIER, R. P. The acquisition of first signs: Place, handshape, and movement. In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; Mayberry, R. I. (Orgs.). **Language Acquisition by Eye**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000, p. 51-69.
- EMMOREY, K.; BELLUGI, U.; FRIEDERICI, A.; HORN, P. Effects of age of acquisition on grammatical sensitivity: Evidence from on-line and off-line tasks. In: **Applied psycholinguistics**, v. 16(1), p. 1-23, 1995.
- HULST, H. v. d. Units in the analysis of signs. In: **Phonology**, 1993, v.10(2), 209-242, 1993.
- KARNOPP, L. B. Phonology acquisition in Brazilian Sign Language. In: MORGAN, G.; WOLL, B. (Orgs.). **Directions in Sign Language Acquisition**. Amsterdam: John Benjamins, 2002, p. 29-53.
- LILLO-MARTIN, D. Modality Effects and Modularity in Language Acquisition: The Acquisition of American Sign Language. In: RITCHIE, W. C.; BHATIA, T. K. (Orgs.). **Handbook of Language Acquisition**. San Diego, CA: Academic Press, 1999, p. 531-567.
- LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M. D. The acquisition of focus constructions in American Sign Language and Língua de Sinais Brasileira. In: A. Burgos, M. R. Clark-Cotton & S. Ha (Orgs.). **Proceedings of the 29th Boston University Conference on Language Development**. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2005, p. 365-375.
- LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M. D. The position of early WH-elements in American Sign Language and Brazilian Sign Language. In: DEEN, K. U.; NOMURA, J.; SCHULZ, B.; SCHWARTZ, B. D. (Orgs.). **The Proceedings of the Inaugural Conference on Generative Approaches to Language Acquisition - North America, Honolulu, HI**. Cambridge, MA: MITWPL, 2006, p. 195-203.
- LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M. D. Focus Constructions in American Sign Language and Língua de Sinais Brasileira. In: **Proceedings of TISLR VIII**, 2007.
- MACNEILAGE, P. F.; DAVIS, B. L. Acquisition of speech production: Frames, then content. In: JEANNEROD, M. (Org.). **Attention and Performance 11: Motor Representation and Control**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1990, p. 453-476.
- MARENTETTE, P. F.; MAYBERRY, R. I. Principles for an emerging phonological system: A case study of early ASL acquisition. In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. I. (Orgs.). **Language Acquisition by Eye**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000, p. 71-90.
- MAYBERRY, R. I.; LOCK, E.; KAZMI, H. Linguistic ability and early language exposure. In: **Nature**, 417(38), 2002.
- MEIER, R. P. **Icons, analogues, and morphemes: The acquisition of verb agreement in ASL**. Tese de doutorado (Ph.D. Dissertation) - University of California, San Diego, 1982.
- MEIER, R. P. The acquisition of verb agreement: Pointing out arguments for the linguistic status of agreement in signed languages. In: MORGAN, G.; WOLL, B. (Orgs.). **Current Developments in the Study of Signed Language Acquisition**. Amsterdam: John Benjamins, 2002, p. 115-141.



- MEIER, R. P. The form of early signs: Explaining signing children's articulatory development. In: SCHICK, B.; MARSCHARK, S.; SPENCER, P. E. (Orgs.). **Advances in the Sign Language Development of Deaf Children**. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 202-230.
- MEIER, R. P.; NEWPORT, E. L. Out of the Hands of Babes: On a Possible Sign Advantage in Language Acquisition. In: **Language**, v. 66, 1-23, 1990.
- MEIER, R. P.; WILLERMAN, R. Prelinguistic gesture in deaf and hearing infants. In: EMMOREY, K.; REILLY, J. (Orgs.). **Language, Gesture, and Space**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1995, p. 391-410.
- MITCHELL, R. E.; KARCHMER, M. A. Chasing the mythical ten percent: Parental hearing status of deaf and hard of hearing students in the United States. In: **Sign Language Studies**, v. 4(2), 138-163, 2004.
- MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. I. A reexamination of "early exposure" and its implications for language acquisition by eye. In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. I. (Orgs.). **Language acquisition by eye**, 2000, p. 111-127.
- MORGAN, G.; BARRIERE, I.; WOLL, B. The influence of typology and modality on the acquisition of verb agreement morphology in British Sign Language. In: **First Language**, v. 26, 19-43, 2006.
- MORGAN, G.; WOLL, B. The development of complex sentences in British Sign Language. In: MORGAN, G.; WOLL, B. (Orgs.). **Directions in Sign Language Acquisition**. Amsterdam: John Benjamins, 2002, p. 255-275.
- NEIDLE, C. ASL focus and question constructions. In: **Linguistic Variation Yearbook**, v. 2, 71-98, 2002.
- NEWPORT, E. L. Maturation constraints on language learning. In: **Cognitive Science**, v.14, 11-28, 1990.
- NEWPORT, E. L.; MEIER, R. P. The Acquisition of American Sign Language. In: SLOBIN, D. I. (Org.). **The Cross-Linguistic Study of Language Acquisition**, v. 1, p. 881-938, 1985.
- NUNES, J.; QUADROS, R. M. D. Focus duplication of WH-elements in Brazilian Sign Language. In: **Proceedings of the North Eastern Linguistic Society** v. 35, 2006.
- NUNES, J., & QUADROS, R. M. D. Phonetic realization of multiple copies in Brazilian Sign Language. In: J. Quer (Org.). **Proceedings of Theoretical Issues in Sign Language Research VIII**. Barcelona: Signum Verlag, 2007.
- PADDEN, C. A. **Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language**. New York: Garland, 1988.
- PETITTO, L. A. The acquisition of natural signed languages: Lessons in the nature of human language and its biological foundations. In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. I. (Orgs.). **Language Acquisition by Eye**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p. 41-50.
- PETITTO, L. A.; MARENTETTE, P. F. Babbling in the Manual Mode: Evidence for the Ontogeny of Language. **Science**, v. 251, 1493-1496, 1991.
- PETRONIO, K. **Clause Structure in American Sign Language**. Tese de doutorado (Ph.D. Dissertation) - University of Washington, 1993.
- QUADROS, R. M. D. **Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, R. M. D.; LILLO-MARTIN, D. Gesture and the acquisition of verb agreement in sign languages. In: CAUNT-NULTON, H.; KULATILAKE, S. WOO, I.-H. (Orgs.). **Proceedings of the 31st Boston University Conference on Language Development**, v. 2, p. 520-531, 2007.
- REILLY, J. How faces come to serve grammar: The development of nonmanual morphology in American Sign Language. In: SCHICK, B.;

- MARSCHARK, M.; SPENCER, P.E. (Orgs.). **Advances in the Sign Language Development of Deaf Children**. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 262-290.
- SCHICK, B. S. The expression of grammatical relations by deaf toddlers learning ASL. In: MORGAN, G.; WOLL, B. (Orgs.). **Directions in sign language acquisition**. Amsterdam: John Benjamins, 2002, p. 143-158.
- SENGHAS, A. The development of early spatial morphology in Nicarauan Sign Language. In: HOWELL, S. C.; FISH, S. A.; KEITH-LUCAS, T. (Orgs.). **The Proceedings of the Boston University Conference on Language Development**. v. 24, p. 696-707, 2000.
- SNYDER, W.; LILLO-MARTIN, D. Language acquisition and the Principles and Parameters framework. In: HOGAN, P. (Org.). **Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, (no prelo).
- TOMASELLO, M. **First Verbs: A Case Study of Early Grammatical Development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- VAN DEN BOGAERDE, B. Input and Interaction in Deaf Families. In: **Sign Language & Linguistics**, v. 3(1), 143–151, 2000.
- WILBUR, R. B. A prosodic/pragmatic explanation for word order variation in ASL with typological implications. In: VESPOOR, M.; LEE, K. D.; SWEETSER, E. (Orgs.). **Lexical and syntactical constructions and the constructions of meaning**. Amsterdam, Philadelphia: Benjamins, 1997, p. 89-104.

# Modalidade e aquisição da língua: estratégias e restrições na aprendizagem dos primeiros sinais<sup>1,2</sup>

*Richard P. Meier*

Departamento de Lingüística  
Universidade do Texas, em Austin

A língua de sinais e a língua falada partilham muitas propriedades fundamentais. As línguas de sinais e as línguas faladas aprenderam vocabulários “convencionais”. As línguas, nas duas modalidades, compartilham a propriedade de ter palavras/sinais que são constituídos de unidades fonológicas sem significado; conseqüentemente, a língua de sinais e a língua falada exibem uma dualidade de padronização. A língua de sinais e a língua falada compartilham de mecanismos para a construção de novos vocabulários através da composição e derivação morfológica. E elas exibem regras similares na combinação de palavras ou sinais para formar sentenças.

A língua de sinais e a língua falada exibem também diferenças interessantes em relação à maneira como são produzidas e percebidas. Enquanto os articuladores manuais movem-se em um espaço tridimensional transparente, os articuladores da fala são invisíveis. Por esta razão, a leitura labial não provê informação suficiente para que uma criança surda

entenda a fala. Existe, tanto na fala, como nos sinais, uma variedade de articuladores. Mas, diferentemente dos articuladores orais, os articuladores manuais são emparelhados. O sinalizador deve coordenar a ação das duas mãos. Essas propriedades articuladoras diferenciadas podem explicar, em parte, o motivo pelo qual a fala tem uma capacidade limitada para iconicidade, enquanto os sinais têm uma capacidade muito maior para representação icônica. Especificamente, o movimento dos braços em um espaço transparente pode permitir que as línguas de sinais representem as formas de objetos e as trajetórias dos movimentos.

A articulação diferenciada e as características perceptuais das modalidades gesto-visual e oral-auditiva levantam a possibilidade de que as duas modalidades de línguas podem apresentar restrições diferentes a aprendizes, e podem oferecer estratégias diferentes para os mesmos. A questão, então, para este artigo é: como a aprendizagem de palavras e

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Gisele Daiana Pereira.

<sup>2</sup> Esta pesquisa foi financiada parcialmente por recursos da NSF #BCS-0447018 a Catharine H. Echols (PI) e a Richard P. Meier (co-PI). Qualquer correspondência deve ser enviada a Richard P. Meier, Department of Linguistics, The University of Texas at Austin, 1 University Station B5100, Austin, TX 78712 USA ou a rmeier@mail.utexas.edu. O autor agradece a Chris Moreland por servir de modelo na Figura 3 e Claude Mauk por preparar a fotografia.

sinais é afetada por tais limitações e estratégias diferentes? Discutirei três contextos de aprendizagem dos primeiros sinais nos quais poderemos detectar os efeitos das restrições específicas da modalidade sobre a criança e os efeitos das estratégias específicas da modalidade disponibilizadas para a criança. Esses três estudos examinam: 1) propriedades da sinalização direcionada à criança, 2) a interação da iconicidade e da produção dos sinais da criança, e 3) restrições motoras à produção dos sinais da criança.

### 1. Sinalização Direcionada à Criança

Considere o problema de como os sinais e seus referentes são apresentados às crianças. Vamos considerar, especialmente, o problema da questão dos sinais dos objetos (substantivos comuns). As palavras faladas e seus referentes são geralmente apresentados por meio de modalidades sensoriais diferentes; as palavras são apresentadas de formas audíveis, coordenadas com os referentes percebidos visualmente. A criança-falante pode prestar atenção às palavras e a seus referentes simultaneamente, sem desviar os olhos do referente. Em contrapartida, um sinal e seu referente estão geralmente disponíveis à criança através de um único canal sensorial (visão). Na língua de sinais, os sinais e seus referentes devem competir pela atenção visual limitada da criança. As crianças geralmente devem desviar seu olhar do referente para o nome. Na aprendizagem das línguas faladas, as tentativas dos pais em redirecionar a atenção da criança a um novo referente não facilitam a aprendizagem da palavra (Tomasello & Farrar, 1986). Podemos nos perguntar se, em comparação com a fala, a aprendizagem de sinais é dificultada pelo fato de que a criança

deve aprender a desviar sua atenção do objeto para o sinal.

Uma questão na aquisição dos primeiros sinais é, portanto: como os pais sinalizantes tornam os sinais visíveis para suas crianças? De um modo geral, os pais sinalizantes se adaptam às demandas visuais dos filhos? Surpreendentemente, a literatura sugere que uma maneira de pais sinalizantes se adaptarem às demandas visuais dos filhos é produzir um número menor de enunciados do que os pais ouvintes produzem para suas crianças ouvintes. Por exemplo, Spencer e Harris (2006) relataram menor quantidade de *input* das mães surdas para as crianças surdas do que das mães ouvintes para as crianças ouvintes. Por quê? Spencer e Harris sugerem que “o índice mais baixo de comunicações sinalizadas parece ser uma outra consequência natural da sensibilidade das mães surdas ao padrão de atenção visual imaturo de seus filhos. As mães quase nunca sinalizam quando sabem que seus filhos pequenos não estão prestando atenção...” (p. 81). Em outras palavras, mães surdas não sinalizam quando seus filhos não estão olhando para elas.

Entretanto, apesar das possíveis diferenças na quantidade de *input* disponível para a criança, a língua de sinais e a língua falada são adquiridas em estágios de desenvolvimento muito similares (Newport & Meir, 1985). Crianças sinalizantes e falantes apresentam estágios de desenvolvimento similares em idades equivalentes. Não há evidências de atraso na aquisição de sinais, em qualquer estágio do desenvolvimento da criança sinalizante. Mesmo em caso de pesquisas cujos resultados apontam para diferenças nos estágios de desenvolvimento da aquisição da fala e de sinais, as diferenças colocam a aquisição da fala em desvantagem em relação à de sinais (Anderson

& Reilly, 2002). Especificamente, estudos que mantêm tal controvérsia têm afirmado a existência de atraso na aquisição das primeiras palavras (ver Meier & Newport, 1990; e, para uma resposta crítica, ver Volterra & Iverson, 1995). Resumindo-se, apesar das diferenças possíveis na quantidade de *input* de sinais disponível para as crianças sinalizantes, a aquisição de sinais tem se mostrado consistente, de forma semelhante à aquisição da fala.

Portanto, talvez o que realmente importe seja a qualidade – e não especificamente a quantidade – do *input*. Neste sentido, a sinalização das mães surdas direcionadas às crianças pode ser cuidadosamente sintonizada às suas capacidades de atenção (Spencer & Harris, 2006). Uma maneira de as mães se adaptarem às capacidades atencionais dos filhos é alterar a forma de seus sinais para assegurar que estes estejam dentro do campo visual da criança. Ginger Pizer e eu (Pizer & Meier, neste volume) estivemos analisando a sinalização direcionada à criança utilizada por mães surdas na interação com filhos surdos. Uma maneira de estas mães se adaptarem a filhos surdos é inclinar-se até o campo visual da criança. Por exemplo, Katie (13 meses de idade) e sua mãe estavam olhando um livro de gravuras; ambas sentadas no chão, a mãe à esquerda de sua filha e um pouco atrás dela. A mãe de Katie inclinou-se sobre o nome da figura de um pato, no livro que Katie estava observando:

Olhar da mãe: livro Katie livro Katie  
 Postura da mãe: \_\_\_\_\_ inclina-se  
 RH: Aponta (segurando o livro)  
 PATO<sup>3x</sup> Aponta (no livro) PATO<sup>4x</sup>  
 LH: PATO<sup>4x</sup>  
 Olhar de Katie: Para o livro.....para a mãe.....  
 para o livro.....mãe

Há muito a ser observado nesta breve interação: 1) Na primeira ocorrência de PATO (um sinal de uma mão articulado na boca, que sugere o abrir e fechar de um bico de pato), a mãe se inclinou de tal forma a entrar no campo visual de sua filha, para que ela visse como o sinal de PATO é articulado no rosto. Ela continuou inclinada durante toda a interação 2). A primeira ocorrência de PATO foi produzida com a mão esquerda, de tal forma que a mãe pudesse manter a mão direita apontando a figura do pato. Assim, a mãe apontou e nomeou o referente, simultaneamente. A primeira e a terceira ocorrências de PATO podem ter sido repetidas demasiadamente pela mãe; ambas tinham quatro ciclos de movimento, em contraste aos dois ou três ciclos tipicamente utilizados na sinalização direcionada ao adulto. Ao repetir o sinal, a mãe pode ter estendido sua duração para que ele pudesse ser visto pela criança; apesar de tudo, Katie não se virou para ver o sinal de sua mãe até a próxima ocorrência de PATO; Durante esse episódio, por duas vezes Katie desviou sua atenção do livro para a mãe. Se ela não tivesse desviado o olhar, não teria visto o nome sinalizado pela mãe.

Ao inclinar-se em direção a sua filha, a mãe de Katie alterou sua produção de uma combinação de quatro sinais. Outras propriedades da sinalização direcionada à criança são mais seletivas ao afetar a articulação de sinais isolados. Por exemplo, em outra interação, Noel (17 meses de idade) estava sentado no colo de sua mãe. Nesta conversa, a mãe estava nomeando as cores de quatro blocos que estavam dispostos no chão em frente a elas. Os sinais das cores AZUL, AMARELO e VERDE são articulados num espaço neutro; ver Figura 1. Conseqüentemente, a mãe pôde facilmente sinalizar esses sinais na frente da criança e saber que eles seriam vistos comple-



tamente por sua filha. Mas, e o sinal LARANJA? Este sinal tem um movimento repetido de fechamento interno da mão que é articulado na boca. Se a mãe tivesse produzido esse sinal em sua própria boca, ele não teria sido visível para sua filha. Ao invés disso, ela produziu o sinal na boca de sua filha, assegurando-se, assim, que a criança recebesse informação visual e tátil sobre a forma deste sinal.



**Figura 1. Os sinais da ASL para AMARELO e LARANJA (de Humphries, Padden, & O'Rourke, 1980. Ilustrações: copyright T.J Publishers).**

Em nossa análise da sinalização direcionada à criança, Ginger Pizer e eu (Pizer & Meier, neste volume) examinamos amostras, coletadas longitudinalmente, da sinalização de três pares de mãe-filha. Em todos os casos, a mãe e os filhos são surdos e usam a ASL como sua primeira língua. São examinadas

amostras de crianças de 9, 13, 18, e 24 meses de idade. Dependendo da amostra, de 30 a 60% dos sinais das mães foram alterados, seja através da repetição do movimento do sinal, do deslocamento do sinal no espaço, da sinalização na própria criança, do prolongamento da duração do sinal, ou alargamento do movimento do sinal. Sinais modificados podem resultar das tentativas da mãe de ganhar a atenção visual de seu filho (Waxman & Spencer, 1997). Entretanto, estas modificações podem aparecer algumas vezes quando a mãe já tem a atenção da criança, o que indica que estas propriedades do manê sinalizado não são, exclusivamente, produtos da sensibilidade da mãe em relação à atenção visual da criança. Ao contrário, por exemplo, as mães às vezes repetem os sinais em situações nas quais elas estão tentando fazer com que a criança imite seus sinais.

As propriedades da sinalização direcionada à criança podem contribuir significativamente para a consistência da aprendizagem dos primeiros sinais nas crianças surdas nascidas em famílias surdas. Um *input* cuidadosamente calibrado pode prevenir quaisquer conseqüências que possam resultar da quantidade relativamente baixa de insumo que os pais sinalizantes possam apresentar a seus filhos (Spencer & Harris, 2006). Entretanto, no momento, não sabemos se todas as mães surdas produzem sinais direcionados à criança, que se adaptam, de maneira adequada, aos filhos surdos. Existem outros fatores que podem contribuir para uma aquisição consistente de vocabulário em crianças sinalizantes? Discutirei dois tipos de fatores. Primeiramente, questionarei se a iconicidade desses sinais pode afetar a produção dos primeiros sinais. A próxima pergunta será se as propriedades do desenvolvimento motor da

criança podem contribuir para o sucesso da produção dos primeiros sinais da criança.

## 2. Iconicidade e Desenvolvimento do Vocabulário Inicial

A iconicidade é um recurso na modalidade visual-gestual muito mais rica do que na modalidade oral-auditiva das línguas faladas. Tipicamente, nas línguas faladas, a palavra é resultado de uma associação arbitrária entre forma e significado (Saussure, 1916). Contudo, algumas palavras faladas representam iconicamente os sons característicos dos objetos. Por exemplo, os galos, na linguagem de falantes do inglês, dizem *cockadoodledoo*, enquanto que os galos, na linguagem de falantes de português dizem *cocoricó*, e os de falantes de espanhol dizem *quiquiriqui*. As palavras diferentes que ocorrem nessas três línguas demonstram que essas formas icônicas são convencionalizadas. Mas o fato de que essas formas são completamente convencionais não quer dizer que elas sejam completamente arbitrárias. Em muitas línguas faladas, o cacarejar de um galo é representado por uma palavra reduplicativa e multissilábica, em que as sílabas formadas da combinação CV que começam com uma consoante velar são mais comuns. (Ball, sem data). As similaridades interlingüísticas nessas palavras demonstram que nem todas as palavras nas línguas faladas são arbitrárias em sua forma; algumas são motivadas, pelo menos em parte, por iconicidade.

A modalidade visual-gestual oferece oportunidades mais frequentes para a representação icônica. O movimento das duas mãos no espaço permite que os sinais representem a forma dos objetos, assim como os movimentos dos objetos no espaço. O po-

tencial icônico da modalidade visual-gestual significa que as crianças surdas de pais ouvintes podem inventar gestos (chamados “sinais caseiros”) que serão entendidos pelos pais não-sinalizantes (Goldin-Meadow, 2003). Embora as diferentes línguas de sinais possam escolher representações icônicas para o mesmo conceito (veja Klima & Bellugi’s, 1979, ilustrações para o sinal “árvore” na língua de sinais americana, chinesa, e dinarmaquesa), as línguas de sinais podem evoluir independentemente e chegar a sinais que compartilham o mesmo ícone. O resultado é que até mesmo em línguas de sinais que não se relacionam, como a Língua de Sinais Japonesa e a Mexicana, podem exibir similaridades consideráveis em seus vocabulários. Em uma estimativa baseada numa pequena amostra de sinais (Guerra Currie, Walters, & Meier, 2002), aproximadamente 20% do vocabulário nas Línguas de Sinais Japonesa e Mexicana são “similares”, definindo-se “similar” como exibindo os mesmos valores em dois ou três parâmetros da formação do sinal (configuração de mão, localização da articulação, e movimento).

Nas línguas faladas, o mapeamento claro da forma-significado pode facilitar a aquisição de morfologia pela criança; conseqüentemente, a flexão morfológica pode ser a primeira a emergir nas crianças que estão aprendendo sistemas morfológicos (por exemplo, turco) nos quais existe o mapeamento um-a-um entre unidades de forma e significado (Slobin, 1982). Os erros cometidos por crianças que regram demasiadamente (por exemplo, a forma agramatical *runned*, ao invés do passado irregular do verbo *ran*) podem ser vistos como uma tendência que leva as crianças a produzir mapeamentos forma-significado algumas vezes de forma mais clara do que aqueles produzidos na linguagem adulta.

Entretanto, o fato de as palavras monomorfêmicas serem geralmente arbitrárias nas línguas faladas, não nos autoriza a perguntar se as crianças iriam preferir mapeamentos mais claros – ou seja, mais icônicos e figurados – entre forma e significado em tais palavras. Pelo contrário, a frequência de mapeamentos icônicos entre forma e significado em sinais monomorfêmicos simples torna essa questão um tópico relevante a ser explorado na pesquisa da aquisição da língua de sinais. Recentemente, Slobin et al. (2003) argumentaram que a iconicidade de certas formas de classificadores de ASL permite sua primeira utilização por crianças sinalizantes. Casey (2003) também argumentou que há evidência dos efeitos de iconicidade na aquisição de concordância verbal de crianças na ASL.

Meus colegas e eu argumentamos que as crianças sinalizantes podem perceber que os mapeamentos entre a forma e o significado são, freqüentemente, não-arbitrários nas línguas sinalizadas (Meier, Mauk, Cheek, & Moreland, 2007). A iconicidade dos sinais pode ajudar a criança na identificação do significado de um novo sinal. E, o que é importante para os propósitos desta discussão, a iconicidade pode levar as crianças à produção inadequada de sinais, uma vez que elas podem procurar acentuar a transparência dos mapeamentos forma-significado, e assim, produzir formas erradas, mais icônicas do que aquelas direcionadas a adultos.

Em uma série de estudos, analisamos a aquisição de ASL por quatro garotas surdas cujas idades variam de 08 à 17 meses. Todas as quatro crianças tinham pais surdos e sinalizantes; todas tinham, pelo menos, um dos avós surdos. Conseqüentemente, cada criança tinha pelo menos um dos pais como sinalizante nativo. Seguimos o desenvolvimento de sua aquisição da língua de sinais, longitu-

dinalmente; as crianças foram filmadas em suas casas enquanto interagem com um dos pais e/ou um experimentador sinalizante. Na transcrição dessas gravações, identificamos um *corpus* de 632 ocorrências de sinais. Sinais indicadores (*pointing signs*) foram excluídos desse número. Cada uma das ocorrências desses sinais foi avaliada por um avaliador adulto surdo para verificar se a ocorrência era mais icônica do que o sinal direcionado ao adulto, menos icônica do que o sinal direcionado ao adulto ou tão icônica quanto o sinal direcionado ao adulto. A compatibilidade (*reliability*) entre avaliadores foi alta.

Os resultados não deixaram dúvida. Contrário à hipótese de que as crianças errariam por acentuar a transparência dos sinais que tentassem produzir, somente 5% de seus sinais foram considerados mais icônicos do que aqueles direcionados a adultos. Por exemplo, o sinal para LEITE em ASL é um sinal produzido com uma mão, no qual há um movimento repetido de abrir e fechar a mão em espaço neutro; a produção de uma criança (Noel, 12 meses e duas semanas de idade) foi com as duas mãos, ao invés de uma. Ao contrário, 39% das ocorrências das crianças foram avaliadas como menos icônicas do que aquelas produzidas pelo adulto. No geral, a produção infantil foi considerada nem mais, nem menos icônica do que aquela produzida pelo adulto.

Um exemplo de uma produção de uma criança que foi avaliada como sendo menos icônica do que aquela do alvo adulto foi a produção de Noel, de QUEDA, aos 15 meses de idade. O sinal adulto sugere que um ser com pernas mude de direção quando cai numa superfície horizontal, representada pela mão estática e não-dominante (ver Figura 2). Quando produziu a sua versão do sinal, Noel estava comentando sobre fato de

que um cavalo de brinquedo tinha acabado de tropeçar. Noel substituiu uma CM (configuração de mão) com o indicador estendido (o dedo indicador estendido e os outros dobrados) por uma CM V do sinal alvo, assim apagando a imagem das pernas. Em vez de a mão dominante estar virada com a palma para cima, a palma da mão não-dominante estava curvada em direção à linha central; a imagem de uma superfície plana e horizontal foi perdida. O movimento do sinal foi executado inteiramente a partir do ombro; não houve mudança na orientação da mão-dominante. E, o que é mais complicado, o braço não-dominante moveu-se para baixo acompanhando a mão-dominante, espelhando exatamente seu movimento. Então, na versão de Noel, a superfície (que na linguagem adulta é representada pela mão não-dominante) se move com o objeto em queda, representado pela mão-dominante. Em suma, embora o movimento para baixo do sinal de Noel possa ser considerado icônico, as diversas maneiras que diferenciaram seu sinal daquele do modelo adulto o tornaram menos icônico do que o sinal produzido pelo adulto.



Figura 2. O sinal de QUEDA em ASL (Humphries et al., 1980. Ilustração copyright T.J. Publishers).

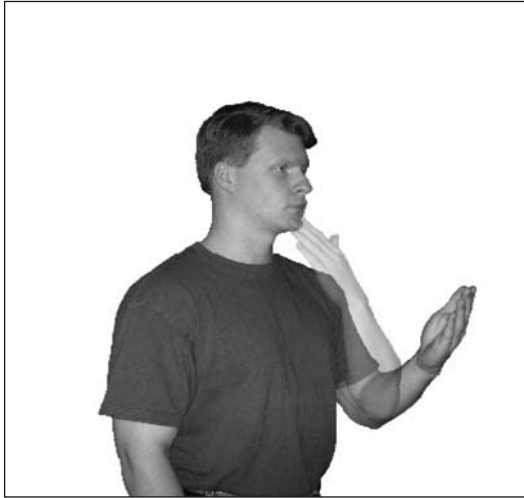
O que concluímos deste estudo? Primeiro, fica claro que a iconicidade não pode explicar a maior parte dos erros das crianças na produção dos primeiros sinais. Embora os erros pró-icônicos realmente ocorram (ver Launer, 1982), os erros das crianças muito provavelmente reduzem – ao invés de aumentar – a avaliação de iconicidade do sinal. Esses resultados sobre a produção dos primeiros sinais são consistentes com uma variedade de resultados anteriores. Por exemplo, sinais icônicos não aparentam ser representados demasiadamente nos primeiros vocabulários (Orlansky & Bonvillian, 1984). As formas que as crianças produzem são frequentemente menos motivadas do que aquelas dos adultos; isso parece ocorrer na aquisição dos pronomes (Petitto, 1987), concordância verbal (Meier, 1982, 1987), e classificadores, em ASL (Supalla, 1982). Em suma, iconicidade tem um papel importante na inovação dos sistemas de sinais das crianças (Goldin-Meadow, 2003). Na medida em que as crianças ganham consciência metalingüística, elas podem vir a reconhecer a iconicidade que motiva certos sinais que pertencem ao vocabulário de línguas de sinais já estabelecidas. Mas precisamos observar outros fatores além da iconicidade, se quisermos explicar a maior parte dos erros que crianças muito novas cometem em suas articulações de sinais. Sugiro que fatores motores podem explicar muitos dos padrões que emergem de uma análise pontual das primeiras produções de sinais pelas crianças.

### 3. Restrições Articulatorias na Produção dos Primeiros Sinais

#### 3.1 Parâmetros da Formação dos Sinais

Os sinais podem ser descritos de forma informal nos termos dos três parâmetros principais

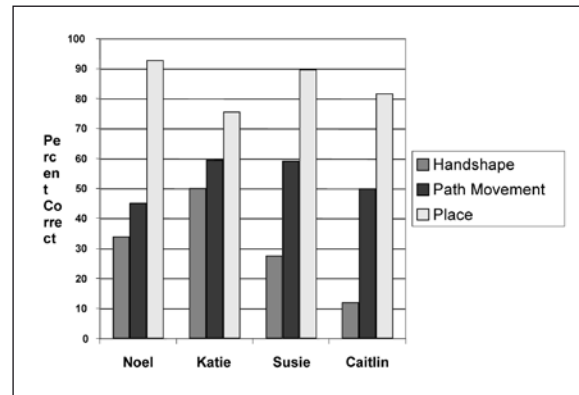
de formação de sinais: configuração de mão (CM), local de articulação, e movimento. A Figura 3 mostra o sinal de BOM, em ASL. O local inicial da articulação é o queixo. A CM é uma mão plana com os dedos fechados (uma mão-B, conforme usado na descrição de sinais na ASL). Seu movimento é um movimento para fora, a partir do sinalizador.



**Figura 3. O sinal de BOM, em ASL (Copyright da Fotografia RPM).**

Consideremos, primeiramente, a exatidão com que as crianças produzem estes três parâmetros principais da formação de sinais. Em Cheek et al. (2001), examinamos a mesma base de dados dos sinais que recém discuti na análise da iconicidade das produções de sinais das crianças. A Figura 4 mostra a exatidão com que essas quatro crianças (com idade de 08 a 17 meses) produziram a configuração de mão, o local de articulação e os movimentos de trajetória (movimentos para o interior da mão e rotações do antebraço estão excluídos desta análise). Esses dados revelam um padrão que foi recentemente encontrado em vários estudos de ASL e outras línguas sinalizadas. Especificamente, as crianças foram bem precisas no que diz respeito ao local de articulação, menos precisas no que

diz respeito aos movimentos de trajetória, e quase nada precisas no que diz respeito à CM. O mesmo resultado foi relatado em estudos feitos em outras línguas de sinais, incluindo a LIBRAS (Karnopp, 1994, 2002) e a Língua de Sinais Espanhola (Juncos et al., 1997). A precisão das crianças no local de articulação poderia ajudar aos pais e pesquisadores a reconhecer seus primeiros sinais. Isso pode ser um dos fatores que contribuíram para os relatos, controversos, mas persistentes, quanto à emergência dos primeiros sinais antes das primeiras palavras (Meier & Newport, 1990; Anderson & Reilly, 2002).



**Figura 4. Precisão por parâmetros da formação de sinais nas primeiras produções de sinais pelas crianças (adaptado de Cheek et al., 2001).**

Por que a exatidão da articulação dos primeiros sinais pelas crianças varia em função do parâmetro de formação de sinais? Os fatores motores parecem oferecer uma explicação plausível para a facilidade relativa do local de articulação e para a dificuldade relativa da CM. Encontrar o local correto de articulação só requer que a criança alcance um local do seu corpo; produzir um sinal na altura da boca requer o mesmo tipo de coordenação motora grossa que aquela necessária para levar comida até a boca. Entretanto, a produção precisa das CMs requer uma co-



ordenação motora consideravelmente fina; a similaridade visual de certas CMs (por exemplo, a CM de um 7 com o polegar e o anelar em oposição, todos os demais dedos estendidos e abertos *versus* a CM em 8, com o polegar e o dedo médio opondo-se, e todos os outros estendidos e abertos) também levanta a possibilidade de confusões perceptuais. Erros na produção da CM persistem até idades relativamente avançadas (ver Meier, 2006, para uma revisão do tópico).

#### 4. Restrições Articulatorias no Movimento

Mas o que explica a relativa imprecisão no movimento das crianças? Não existem explicações articulatórias para o motivo pelo qual as crianças mostram um controle relativamente precário do movimento, seja ele da trajetória ou do movimento interno da mão. No nosso trabalho (Meier et al., 2007), observamos três tendências na coordenação motora infantil que podem nos ajudar a entender os tipos de erros que as jovens crianças cometem. Ao fazer isto, também observamos quais juntas do braço e da mão as crianças usam para a produção dos primeiros sinais.

**Cumplicidade ou solidariedade.** Línguas sinalizadas e faladas diferenciam-se no sentido de que as línguas sinalizadas usam articuladores emparelhados; temos dois braços e duas mãos, mas somente uma mandíbula, uma língua e um palato. Como se sabe, alguns sinais envolvem a ação de apenas uma mão dominante; e em outros sinais, as duas mãos executam o mesmo movimento (embora as duas mãos possam não estar na mesma fase); em uma terceira classe de sinais, a mão dominante é ativa,

enquanto a mão não-dominante é estática (Battison, 1978). Na articulação de sinais da terceira classe, as crianças devem inibir o movimento da mão não-dominante.

No início do desenvolvimento motor infantil, a mão não-dominante tende a espelhar o movimento da mão dominante. Então, quando a mão dominante empurra um caminhão de brinquedo por uma mesa, a mão não-dominante pode executar um movimento similar (mesmo que não esteja segurando brinquedo algum). A produção desses movimentos espelhados, ou o que chamo de movimentos cúmplices ou solidários (*sympathetic movements*), é normal no desenvolvimento típico de crianças, mas persiste em crianças com desordens de desenvolvimento (ver um relatório recente em Mayston, Harrison, & Stephens, 1999). Comportamentos bi-manuais em que uma mão deve permanecer estática surgem a partir dos 9-10 meses de idade (Fagard, 1994).

Cheek et al. (2001) relatam dados de uma pequena amostra de sinais que têm uma mão não-dominante estática na língua adulta (apenas 62 ocorrências); em 40%, a ação da mão não-dominante da criança espelhou aquela da mão dominante. Um exemplo deste fenômeno foi anteriormente descrito: na produção de Noel, de QUEDA, aos 15 meses de idade, sua mão não-dominante não estava estática, como no sinal produzido pelo adulto. Ao invés, a mão não-dominante acompanhou o movimento para baixo da mão dominante.

**Ciclicidade.** A tendência infantil ao movimento cúmplice aparece tanto na criança surda como na criança ouvinte, mas essa tendência só afetará a produção de linguagem nas crianças sinalizantes. Ao contrário disto, uma tendência infantil a padrões motores repetitivos e cíclicos pode caracteri-

zar a articulação tanto dos primeiros sinais, quanto das primeiras falas das crianças, que apresentam uma tendência a padrões de movimentos repetitivos tanto em seu comportamento não-lingüístico (Thelen, 1979), como em seu desenvolvimento vocal (MacNeilage & Davis, 1993; Meier et al., 1997). Conseqüentemente, as crianças falantes produzem, aos 8 meses de idade, segundo o padrão de desenvolvimento típico, balbuciações repetitivas, como [bababa]. Gestos pré-lingüísticos sem sentido, sejam de crianças surdas expostas aos primeiros sinais ou de crianças ouvintes sem exposição aos sinais, tendem a ser multicíclicos (Meier & Willerman, 1995; Cheek et al., 2001). Considerando-se que as crianças preferem os padrões de movimentos repetidos nos seus gestos pré-lingüísticos, levantamos a hipótese de que esta tendência pode ser transferida para a produção dos seus primeiros sinais. Também previmos que as crianças tenderiam a preservar a repetição observada nos sinais com repetição dos adultos, mas que elas tenderiam a errar quando fossem produzir sinais adultos que tivessem somente um movimento isolado (Meier et al., 2007).

A maioria das ocorrências de sinais nas amostras que examinamos foram multicíclicas, com um número médio de ciclos por sinal em torno de três e o número máximo de ciclos em uma única ocorrência isolada foi de 37. Menos que 25% das produções das crianças se constituíam de um único ciclo de movimento isolado. As crianças, nas nossas amostras, preferiram as produções multicíclicas de sinais multicíclicos. Ao contrário desse contexto, tentaram bem poucos sinais monocíclicos e, quando o fizeram, cometeram erros; nas quatro crianças, 69% dos sinais monocíclicos foram produzidos com repetição, ou seja, em movimentos multi-

cíclicos. Um exemplo típico foi produzido por Noel aos 12 meses de idade; ela produziu o sinal ASL monocíclico de PRETO com três ciclos de movimento; na mesma conversa, sua mãe sinalizante nativa produziu o sinal com apenas um ciclo. Erros similares foram relatados em um estudo de caso de uma criança no contexto da aprendizagem da Língua de Sinais Britânica (Morgan, Barrett-Jones, & Stoneham, 2007).

**Proximalização.** Ao contrário dos articuladores orais, os articuladores manuais compreendem uma série de segmentos realizados nas juntas; os sinais são articulados nas juntas, desde os ombros até as segundas juntas dos dedos da mão. A junta do ombro é “próxima” (*proximal*) ao dorso, enquanto a segunda junta das mãos é “distante” (*distal*) do mesmo. Uma tendência “próxima-distante” foi observada na literatura sobre desenvolvimento motor infantil (Gesell & Thompson, 1934). De acordo com essa hipótese, as crianças desenvolvem, primeiramente, o controle das juntas que estão mais próximas ao dorso e, posteriormente, das juntas que estão mais afastadas do mesmo. Foi observada uma tendência à proximalização no andar das crianças (Jensen et al., 1995) e na sua escrita (Saida & Miyashita, 1979). Os adultos também podem apresentar proximalização de movimento sob certas circunstâncias, por exemplo, quando são solicitados a escrever com a mão não-dominante (Newell & McDonald, 1994). A proximalização de movimento também foi observada nos aprendizes adultos de línguas sinalizadas (Mirus, Rathmann, & Meier 2001; Rosen, 2004), sugerindo que isso pode ser, em parte, um fenômeno da aquisição de novas habilidades motoras.

Levantamos a hipótese que, nas primei-

ras produções dos sinais, as crianças tendem a usar as juntas próximas do braço ao invés dos articuladores mais distantes, que seriam esperadas na produção do adulto (Meier et al., 2007). Em nosso banco de dados, para fins desta análise, tivemos que codificar as juntas usadas pela criança em cada primeira ocorrência de sinal. Comparamos o uso da criança ao que seria esperado na linguagem adulta. Nossos resultados foram claros: quando as crianças produziam uma junta diferente daquela usada pelo adulto, elas tendiam a usar a junta mais próxima daquela usada pelo adulto. Um bom exemplo é a produção de Suzie do sinal CAVALO, ao 12 meses de idade. O sinal do adulto tem uma curvatura repetida nas primeiras juntas do primeiro e do segundo dedo estendidos; Suzie produziu, em vez disso, uma curvatura repetida no punho. Numa análise de erros da omissão das crianças (de sinais que exigiam ação de duas ou mais juntas), as crianças costumavam omitir a ação da junta mais distante do que a da mais próxima.

Nossos resultados não foram simples; entretanto, também encontramos uma classe surpreendente de erros de distanciamento. Especificamente, quando as crianças tentaram produzir um sinal que tinha as primeiras juntas como a junta, elas tendiam a adicionar o movimento nas segundas juntas. O resultado foi uma produção que parecia ter uma ação simples de abrir e fechar de mão, bem parecido como quando uma criança vai pegar um objeto. Por exemplo, Katie (de 15 meses e 1 semana de idade) produziu o sinal SUJO. O sinal tinha um movimento rápido e repetido nas primeiras juntas; ela o substituiu por um movimento de abrir e de fechar da mão, que foi articulado nas primeira e segunda juntas.



**Figura 5. O sinal de Queda em ASL**  
(de Humphries et al., 1980. Ilustração copyright T.J. Publishers).

Os resultados que discuti, dizem respeito aos erros das crianças. Com a exceção de uma classe de erros de distanciamento que acabei de mencionar, as crianças tenderam a proximalizar. Isto significa que as crianças só demonstram controle efetivo das juntas próximas dos braços? A resposta é não. De fato, as crianças são precisas no uso das duas juntas: o cotovelo e as primeiras juntas dos dedos da mão (Meier et al., 2007). As crianças, então, controlaram dois tipos de movimento: movimentos de trajetória articulados no cotovelo e movimentos articulados no interior da mão, nas primeiras juntas. Isso significa, em essência, que desde a mais tenra idade, as crianças sinalizantes controlam dois tipos de “sílabas”: oscilações do cotovelo e movimentos de abrir e fechar das mãos. Ainda assim, entretanto, quando as crianças erram, elas tipicamente proximalizam.

## 5. Conclusão

Retornemos à questão das propriedades divergentes das duas modalidades de língua e as conseqüências que tais propriedades podem

ter para o desenvolvimento da linguagem na criança falante e na criança sinalizante. Como foi discutido no início deste trabalho, a informação necessária para se identificar as palavras e seus referentes ocupa canais sensoriais distintos na fala. Em contraste, os sinais e seus referentes competem por um único canal visual. Entretanto, o desenvolvimento dos primeiros vocabulários ocorre em padrões de desenvolvimento muito similares, tanto para as crianças falantes, como para as sinalizantes. Dadas às evidências de pesquisas publicadas, que sugerem que as crianças sinalizantes podem receber quantidade de *input* lingüístico relativamente menor do que crianças que ouvem e falam (Spencer & Harris, 2006), a aquisição de vocabulário das crianças sinalizantes pode ser, na verdade, facilitada pelo fato de que elas devem fazer associações intramodais entre os sinais e seus referentes, ao contrário das crianças ouvintes, que devem fazer associações intermodais (ou seja, *cross-modal associations*) entre as palavras e seus referentes. Outra possibilidade é que as mães surdas adaptam, cuidadosamente, o *input* lingüístico que elas direcionam a seus filhos surdos às demandas atencionais que a sinalização impõe às crianças surdas. Como observamos, algumas das propriedades características do manhês em sinais pode não somente assegurar que os sinais sejam visíveis às crianças, mas também podem justapor sinais e referentes. Contudo, a hipótese de que a mãe surda adapta, cuidadosamente, sua sinalização às demandas atencionais de suas crianças levanta a possibilidade de que o desenvolvimento da aquisição de língua nas crianças sinalizantes – até mesmo nas crianças surdas de pais surdos – está fortemente relacionado à sensibilidade individual que cada mãe surda demonstra às capacidades visuais e atencionais de seus filhos.

O fato de que os mapeamentos entre sinais e seus referentes são normalmente intramodais não é o único aspecto em que os sinais e as palavras se diferenciam. A modalidade visual-gestual também permite melhores oportunidades para mapeamentos motivados entre a forma e o significado na sinalização, do que na fala. Em especial, muitos mapeamentos entre a forma e o significado na ASL e em outras línguas sinalizadas mostram um certo grau de iconicidade. Apesar de tudo, nos nossos dados, o potencial para a representação icônica raramente conduz os sinalizantes infantis a produzir formas que são mais icônicas do que seriam esperadas na linguagem adulta. Apesar disso, a iconicidade tem um papel crucial quando as crianças surdas inovam com o sistema caseiro de sinais. (Goldin-Meadow, 2003).

Ao tentar explicar os erros que as crianças cometem na produção dos primeiros sinais, precisamos observar os fatores articulatórios, da mesma forma como precisamos observar as restrições articulatórias ao descrever a produção da fala da criança. Contudo, existem articuladores bem diferentes nos sinais e na fala; assim, ficamos tentados a concluir que não há semelhança alguma entre as tendências motoras que guiam o desenvolvimento dos primeiros sinais e das primeiras falas. Entretanto, como apontado anteriormente, a tendência infantil ao padrão de movimentos repetitivos persiste na produção dos primeiros sinais e das primeiras falas. Outros fatores motores são especificamente relacionados à modalidade: por exemplo, tanto a proximização do movimento como a tendência da mão não-dominante a espelhar o movimento da mão-dominante podem ser aspectos de coordenação motora nas crianças sinalizantes que não ocorrem, de maneira tão óbvia na coordenação motora da fala na criança.

As propriedades do *input* materno também podem promover alguns dos padrões que encontramos na produção dos primeiros sinais; repetições e alargamento de sinais (com proximalização conseqüente) são freqüentes na sinalização direcionada às crianças (Holzrichter & Meier, 2000).

É exatamente no número de osciladores disponíveis que o desenvolvimento da fala e do sinal infantil pode mostrar uma diferença surpreendente e interessante. Tal diferença pode se estender à articulação das sílabas faladas e sinalizadas. MacNeilage e Davis (1993) argumentaram que existe um oscilador único que constitui a “moldura” em que as sílabas faladas são organizadas; este oscilador é a mandíbula inferior. Esses pesquisadores também argumentaram que crianças ouvintes no período de balbucio só têm o controle efetivo da mandíbula e podem ter pouco controle independente da língua. Nas línguas sinalizadas, não parece haver um único oscilador dominante ao redor do qual as sílabas são organizadas. Para entender essa sugestão, observe-se que no sinal BOM, a articulação é restrita ao cotovelo, enquanto que o sinal adulto de SUJO tem a articulação nas primeiras juntas dos dedos da mão. As crianças em nossas amostras controlaram as articulações nas duas juntas.

Os padrões de sucesso na produção dos primeiros sinais das crianças sugerem que elas têm um controle relativamente efetivo e precoce dos locais de articulação, embora tenham cometido alguns erros (Marentette & Mayberry, 2000). O controle das crianças do local também pode significar que elas controlam algumas restrições fonológicas. (Siedlecki & Bonvillian, 1993). Do mesmo modo, o controle independente precoce de dois ou mais articuladores de sinais pode significar que as crianças desenvolvem um con-

traste fonológico precoce entre os movimentos de trajetória do cotovelo e os movimentos internos da mão produzidos nas primeiras juntas. Estes resultados conduzem a especulações que sugerem que mais contrastes fonológicos podem estar disponíveis a crianças sinalizantes do que às crianças falantes. O controle de uma criança sinalizante de uma seqüência de contrastes pode fazer com que as suas produções dos primeiros sinais sejam reconhecíveis. Essa possibilidade sugere uma interpretação particular de afirmações freqüentemente discutidas que os primeiros sinais aparecem, de alguma forma, antes das primeiras palavras. As crianças sinalizantes podem não estar produzindo sinais antes de as crianças ouvintes estarem produzindo palavras; ao invés disso, suas primeiras tentativas desajeitadas podem ser mais reconhecíveis pelos pais e pesquisadores do que as primeiras palavras balbuciadas por uma criança falante (Newport & Meier, 1985).

## Referências

- COLLINS-AHLGREN, M. New Zealand Sign Language and the aim of Total Communication for the Deaf. In: **SET: Research Information for Teachers**, n.1, 1986.
- COLLINS-AHLGREN, M. **Aspects of New Zealand Sign Language**. Tese de doutorado / Ph.D. - Victoria University of Wellington. 1989.
- DUGDALE, P. O. **Being Deaf in New Zealand: A case study of the Wellington Deaf community**. Tese de doutorado / Ph.D. - Victoria University of Wellington. 2000.
- FISCHER, S. By the Numbers: Language-Internal Evidence for Creolization. In: Edmonson, W.; Wilbur, R. (Orgs.). **International Review of Sign Linguistics**, v. 1, p. 1-22, 1996.



- FUENTES, M.; TOLCHINSKY L. The subsystem of numerals in Catalan sign language: Description and Examples from a Psycholinguistic Study. **Sign Language Studies**, v. 5(1), p. 94-117, 2004.
- JOHNSTON, T. BSL, Auslan and NZSL: Three signed languages or one? Trabalho apresentado na **7th International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research (TISLR)**, Amsterdam, Julho, 2000.
- KENNEDY, G.; ARNOLD, R.; DUGDALE, P.; FAHEY, S.; MOSKOVITZ, D. **A Dictionary of New Zealand Sign Language**. Auckland: Auckland University Press with Bridget Williams Books. 1997.
- LEYBAERT, J.; VAN CUTSEM, M. Counting in Sign Language. **Journal of Experimental Child Psychology**, v. 81, p. 482-501, 2002.
- LUCAS, C.; BAYLEY R.; VALLY C. **Sociolinguistic Variation in American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press. 2001.
- MAJOR, G. **Number EIGHT: An investigation into lexical variation in the New Zealand Sign Language number system**. Pesquisa não-publicada (LALS 582), School of Linguistics and Applied Language Studies, Victoria University of Wellington. 2005.
- MCKEE, D.; GRAEME, K. A Lexical Comparison of Signs from American, Australian, and New Zealand Sign Languages. In: Emmorey, K.; Lane, H. (Orgs.). **The Signs of Language Revisited**. London: Lawrence Erlbaum. 2000.
- PAOLILLO, J. Analyzing Linguistic Variation: Statistical Models and Methods. **CSLI Publications**. Stanford, California. 2002.
- SCHEMNRI, A.; JOHNSTON, T. Sociolinguistic variation in Auslan (Australian Sign Language): A research project in progress. **Deaf Worlds: International Journal of Deaf Studies**, v. 20(1), p. 78-90, 2004.
- STATISTICS NEW ZEALAND. **New Zealand Disability Survey Snapshot 6: Sensory Disabilities**. Wellington: Statistics New Zealand. 2001.

# Aquisição de concordância verbal em HKSL: opcional ou obrigatória?\*

*Gladys TANG, Scholastica LAM, Felix SZE, Prudence LAU, Jafi LEE*<sup>1</sup>

Centre for Sign Linguistics and Deaf Studies

Chinese University of Hong Kong

## 0. Introdução

A aquisição de concordância verbal tem sido amplamente estudada em línguas faladas, mas poucos estudos têm concentrado a atenção em um fenômeno semelhante, em línguas de sinais. Nos estudos relatados na literatura, a omissão de marcação de concordância tem sido tema de debates recentes. Enquanto a maioria dos estudos relata a omissão de marcação de concordância (Meir 2002, Morgan et. al. 2006), alguns estudos recentes com crianças em processo de aquisição de ASL e LSB observam poucos erros de omissão (Quadros e Lillo-Martin 2006). O presente estudo tenta examinar o processo de aquisição de concordância verbal por crianças, em HKSL (Hong Kong Sign Language – Língua de Sinais de Hong Kong), com dados extraídos de um corpus longitudinal de uma criança surda (2; 6.17 – 5; 7.20) e estudos experimentais conduzidos quando ele tinha 6 anos. No contexto do arcabouço geral da investigação de marcação de con-

cordância nos dados da criança, nosso enfoque será o efeito de opcionalidade de concordância verbal na gramática adulta sobre a aquisição dessa área gramatical. De acordo com Lam (2003), os verbos de concordância podem aparecer em três formas, dependendo da interação entre a posição sintática e o valor de pessoa gramatical: (a) forma não-flexionada; (b) forma direcionada à localização real ou representada do referente; e, (c) forma flexionada para concordância verbal sintática. Neste trabalho, faremos, inicialmente, uma revisão da literatura referente à concordância verbal e sua aquisição nas línguas faladas e sinalizadas; a seguir, apresentaremos os resultados de dois estudos sobre o processo de aquisição de concordância verbal em HKSL, por uma criança surda. Nossos resultados revelam que o processo de aquisição de uma criança surda mostra propriedades pertencentes aos aprendizes tardios de concordância verbal, exibindo, de maneira consistente, violações das restrições observadas na gramática de concordância verbal em HKSL.

---

\* Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Lincoln Paulo Fernandes, Lautenai Antonio Barthalamei Junior.

<sup>1</sup> Gostaríamos de agradecer o apoio da The RGC Grant (Project # 210067), os membros do Centre for Sign Linguistics and Deaf Studies: Kenny Chu, Brenda Yu, Connie Lo, Lisa Lo, Zoe Li, Cheng Ka Yiu e Pippen Wong, por participarem desse projeto, prestando sua ajuda nos diferentes estágios da pesquisa. Finalmente, mas não de menos importância, gostaríamos de agradecer a Chun-chun e sua família por seu apoio afetivo e envolvimento no projeto.

## 1. Concordância verbal em Línguas Faladas e Línguas de Sinais

### 1.1 Uma explicação tipológica

Corbett (1998) identifica pessoa, número e gênero como as três características comuns em línguas naturais com variante tipológica. A língua russa mostra uma morfologia de concordância muito rica para todas as três características; a língua inglesa mostra concordância em pessoa e número, mas não em gênero e a língua chinesa não mostra morfologia de concordância evidente.<sup>2</sup> Este artigo concentra a atenção em concordância de pessoa gramatical. Na tipologia de língua falada, além da concordância sujeito-verbo, existem línguas tais como Archi (Kibrik 1993) ou Chukchee (Muravyova 1998) que exigem marcação de concordância de pessoa gramatical entre o verbo e o objeto<sup>3</sup>. Adotando uma perspectiva tipológica, Croft (1998) observa que a concordância sujeito-verbo para pessoa gramatical é mais comum do que a concordância verbo-objeto e que a segunda tem implicações para a primeira. Além disso, a marcação de concordância verbal é previsível, se exigida. Mesmo na língua inglesa, em que a concordância verbal não é abundante, a concordância sujeito-verbo é sistematicamente marcada em contextos onde o sujeito é a terceira pessoa gramatical e singular.

Assumindo-se que a concordância é governada por princípios universais semelhantes, aventurar-se por uma pesquisa sobre concordância verbal em línguas de sinais se presta a interessantes questões de pesquisa. A concordância verbal é comum entre as línguas de sinais estudadas até agora. É comumente aceito que, para marcar relações gramaticais, um sinal verbal é direcionado ou a um referente presente ou a um locus no espaço e os padrões de concordância verbal diferentes são representados por mudanças no movimento de trajetória, acompanhado por movimento de mãos, para concordar com o objeto direto ou indireto (Sandler e Lillo-Martin 2006)<sup>4</sup>. Na verdade, afirma-se que apoiar no espaço para o estabelecimento nominal em línguas de sinais para satisfazer relações gramaticais tais como concordância verbal depende da modalidade (Fischer e Gough 1978, Lillo-Martin 1991). Em línguas de sinais, os verbos de concordância e os pronomes compartilham as mesmas propriedades fonéticas, morfológicas e semânticas. Ambos são dêiticos, expressados por meio do direcionamento de um sinal a uma localização no espaço (isto é, locus referencial ou R-loci) para referir-se a um referente definido e específico em um discurso em língua de sinais e ambos utilizam a direcionalidade de movimento para marcar o valor da pessoa gramatical<sup>5</sup>. Por essa razão, indicar ou direcionar um verbo pronominal

<sup>2</sup> Morfologia de concordância é realizada por afixos, com sufixos no verbo, sendo o mais comum para ou concordância de sujeito (por exemplo: Inglês) ou para ambas as concordâncias de sujeito e objeto (por exemplo: Russo).

<sup>3</sup> Chukchee utiliza prefixos para concordância de sujeito e sufixos para concordância de objeto.

<sup>4</sup> Tanto Meir (2002) quanto Sandler e Lillo-Martin (2006) utilizam a orientação das mãos (*facing of the hands*) para marcar o objeto; uma examinação mais detalhada sugere que é a orientação da mão que fornece essa descrição fonética.

<sup>5</sup> Divergimos aqui de Meir (2002), que afirma que a direcionalidade é fundamental para a função temática de marcação de Origem e Alvo. Assumimos que, enquanto isso é uma propriedade temática crucial, algumas formas fonológicas encaixadas fixadas na direcionalidade são evidências de marcação morfológica de valor de pessoa gramatical. Direcionar um sinal para um locus referencial utilizando uma forma que é interpretada de maneira convencional como “terceira pessoa gramatical” durante a primeira menção do referente é evidência do uso da direcionalidade para marcação de valor de pessoa gramatical.

em direção a um locus no espaço permite a codificação de relações gramaticais entre o sujeito e o objeto, assim como seus valores de pessoa gramatical.

As línguas de sinais também diferem de línguas faladas por permitirem opcionalidade de marcação de concordância. Em ASL, a concordância do objeto é obrigatória e a concordância do sujeito é opcional (Meir 1982, Padden 1988). Essa observação oferece contra-evidência à generalização de Croft. A concordância opcional de sujeito também é relatada em outras línguas de sinais, tais como a BSL (Morgan et al. 2006) e a ISL (Meir 2002)<sup>6</sup>. O que causa opcionalidade de marcação de concordância é ainda tema de um debate, a saber, entre adotar uma explicação sintática ou uma explicação temática (Meir 2002). A fonologia de línguas de sinais pode ser mais um fator para explicar como os sinais ancorados no corpo raramente ocorrem em verbos de concordância. Cormier (2002) observa também que a pluralidade de número pode, igualmente, fazer com que a concordância verbal não seja marcada, embora em outros contextos lingüísticos ela seja obrigatória.

A aparente ausência de uma realização coerente ou ‘restringida’ (*constrained*) de concordância verbal – particularmente, os loci espaciais distintos e as direções de indicação – tem levado a questões sobre seu status lingüístico (Liddell 2000). Entretanto, Lillo-Martin (2002) mostra-se cautelosa no que tange essa rejeição imediata, argumentando que existem, na verdade, formas fo-

nológicas estabelecidas para a primeira pessoa gramatical e plural e que a concordância de pessoa gramatical interage com as condições de licença para argumentos nulos, em ASL. Meir (2002) sugere que a direcionalidade de movimento revela propriedades temáticas cruciais de Fonte e Alvo e que o movimento de orientação das mãos (*facing of the hands*) para fora pode ser um atribuidor de caso dativo. Rathman e Mathur (2002) colocam a concordância verbal formal e gestual em um continuum e sugerem que existem duas trajetórias para o desenvolvimento de concordância verbal em línguas de sinais. O processo de gramaticalização pode encorajar a combinação de ‘indicação’ com outros elementos, como configuração de mão (CM) e localização (L) que são mais lingüísticos por natureza, daí a formação de verbos de concordância. No outro extremo do continuum, verbos simples podem adquirir um componente gestual de ‘indicação’ e se tornarem verbos de concordância. Ao questionar a afirmação de Bahan (1996), que a concordância verbo-objeto entre todos os tipos de verbo em ASL é licenciada pela direção do olhar (*eye gaze*), Thompson et. al. (2006), por meio de um experimento de rastreamento do olhar (*eye-tracking*), observaram que a direção do olhar marca a concordância sintática com objeto apenas para verbos de concordância, mas marca argumentos locativos para verbos espaciais. Eles concordam com Lillo-Martin (2002) que, embora a ‘indicação’ seja gestual, as

<sup>6</sup> Morgan et. al. (2006) afirmam também que a morfologia de concordância verbal em BSL é restringida por formas aspectuais. A morfologia de concordância ocorre quando o verbo é eventivo transitivo (por exemplo: DAR é eventivo transitivo (por exemplo: DAR, EMPURRAR, MORDER), não quando o verbo é estativo transitivo (por exemplo: SABER, ACREDITAR), ou intransitivo, eventivo ou estativo). Esse fenômeno não é observado em HKSL, em que os estativos transitivos podem marcar concordância de pessoa gramatical, por exemplo, IX-ip MARY 0-ADMIRAR-3. O que faz um verbo ser incluído nessa categoria é tema para pesquisas futuras.

formas fonológicas fixas – como *facing* – e as formas não-manuais – como direção do olhar – interação com a realização lingüística de argumentos sintáticos.

### 1.2 Concordância verbal em HKSL

Embora análises sistemáticas ainda não tenham sido feitas, Lam (2004) observa, de forma preliminar, que a HKSL permite argumentos nulos tanto para o sujeito, como para o objeto: a concordância verbal por meio do direcionamento de um sinal para um locus no espaço ou um tópico de discurso podem permitir argumentos nulos em HKSL, como ilustrado nos exemplos (1) e (2):

- (1) *pro* 2-VER-3 ESCOLA-B  
‘Você vê Escola B.’
- (2) IX<sub>det</sub> SECUNDÁRIO-CINCO  
ENTENDER e PODER  
‘Estes cinco (estudantes) secundários podem entender (estes programas de computador)’.

Lam (2004) supõe que a categoria vazia em (1) é licenciada pela morfologia de concordância do verbo VER. Em (2), ela é controlada pelo verbo ENTENDER e é licenciada por um tópico de discurso através de uma relação de ligação (*binding relation*). De acordo com Tang e Sze (2002), um verbo de concordância em HSKL é realizado por meio do direcionamento do sinal, através de um movimento de trajetória, para um locus referencial no espaço. Por essa razão, o locus tem as

características de ser específico e definido; do contrário, uma forma fonológica diferente é adotada para marcar outras propriedades referenciais ou semânticas<sup>7</sup>. Um verbo de concordância, como, por exemplo, o verbo DAR em HKSL, pode ser explicitamente marcado para sujeito e objeto (3):

- (3) KENNY BOMBOM 3-DAR-3 BRENDA  
‘Kenny dá um bombom para Brenda’.

A HKSL também permite concordância opcional de sujeito, como a ASL ou a BSL. Além do exemplo em (3), também podemos observar verbos de concordância em forma não-flexionada, ou não-flexionada para sujeito, mas flexionada para objeto, como em (4a), mas não vice versa, como em (4b), sugerindo que a forma flexionada de pessoa gramatical para sujeito implica o mesmo para o objeto, ao contrário da generalização de Croft, segundo a qual a concordância de objeto implica concordância de sujeito em línguas faladas (Croft 1998).

- (4a) KENNY BOMBOM 0-DAR-3 BRENDA  
‘Kenny dá um bombom para Brenda’.  
[Clipe 2 aqui]
- (4b) \*KENNY BOMBOM 3-DAR-0 BRENDA  
‘Kenny dá um bombom para Brenda’.

Diferentemente da ASL, a concordância de objeto não é completamente obrigatória em HKSL (Lam 2003). Os dados mostram que formas não-flexionadas (isto é, 0-DAR-0) são aceitáveis, mas a marcação de concordância é obrigatória quando o sujeito é segunda pessoa

<sup>7</sup> Tang e Sze (2002) observam que referentes não-específicos adotam um movimento de trajetória ondulado sem um controle no espaço, o que é diferente de um movimento de trajetória para uma localização específica no espaço, indicando um referente definido.



gramatical (5a) ou quando o objeto é primeira pessoa gramatical (5b). Por isso, a ausência de marcação de concordância de pessoa gramatical sob essas condições resultará em sentenças agramaticais como em (5c) e em (5d).

- (5a) BOMBOM 2-DAR-3 KENNY.  
“Você dá o bombom para Kenny”.
- (5b) KENNY BOMBOM 3-GIVE-1.  
“Kenny me dá um bombom”.
- (5c) \*BOMBOM 0-DAR-3 KENNY.  
“Você dá o bombom para Kenny”.
- (5d) \*BOMBOM KENNY 3-DAR 0 IX-1<sup>ap</sup>.  
“Kenny me dá um bombom”.

Lam (2003) argumenta, além disso, que a modalidade espacial tem um efeito sobre a concordância verbal, no sentido de que os verbos direcionados aos referentes presentes podem confundir a concordância verbal sintática. Entretanto, é possível obter evidências sob condições específicas. Uma das condições é quando o sinalizante introduz um referente nominal no discurso pela primeira vez. Estando o referente potencialmente na terceira pessoa gramatical, a forma fonológica exige que o sinal seja direcionado a uma localização nos dois lados do espaço de sinalização. Uma outra condição é quando o papel de sinalizante muda para assumir a identidade de um outro sinalizante e introduz um locus referencial no espaço, que pode ser ou a segunda ou a terceira pessoa gramatical. Seja qual for o plano horizontal de articulação para o qual o sinalizante mude, essa forma de atribuir sistematicamente valor de pessoa gramatical para um referente abstrato recentemente estabelecido no espaço nos oferece dados para investigarmos o fenômeno de concordância verbal em HKSL. Embora o objeto de primeira pessoa e o sujeito de segunda pessoa precisem ser obrigatoriamente marcados devido às

razões de discurso que tipicamente envolvem o sinalizante e o destinatário, assumimos que, teoricamente, eles têm características pessoais, mesmo que pouco especificadas.

Resumindo, existem três formas do verbo DAR: (a) DAR não flexionado, (b) DAR completamente flexionado e (c) DAR não flexionado para sujeito e flexionado para objeto. Sua formação é sujeito para os valores de pessoa de sujeito e objeto, bem como para sua posição sintática na sentença.

## 2. Processo de aquisição de concordância verbal

### 2.1 Adquirindo concordância verbal em línguas faladas

O processo de aquisição de concordância verbal tem atraído muitos estudos, tanto na literatura sobre línguas faladas, como na literatura sobre línguas sinalizadas. Tem sido bem documentado que crianças em processo de aquisição de línguas faladas, tais como a língua inglesa, a língua dinamarquesa, a língua holandesa, a língua francesa e a língua alemã, que são línguas de sujeitos não nulos, omitem, inicialmente, esses elementos flexionados e produzem formas infinitivas assim como formas de tempos verbais em um estágio subsequente de desenvolvimento. Esse estágio de desenvolvimento é referido como Estágio de Infinitivos Opcionais (*Optional Infinitives Stage*) (Hyams e Wexler 1993, Wexler 1994). Entretanto, as formas infinitivas opcionais não aparecem em crianças em processo de aquisição de línguas que mostram morfologia de concordância abundante e permitem sujeitos e objetos nulos, como no italiano e no espanhol; em vez disso, essas crianças adquirirão a concordância verbal em estágio anterior e

de forma precisa (Guasti 2002). Esses estudos mostram que as restrições de concordância na língua alvo têm um efeito no processo de aquisição. Entretanto, todas essas línguas mostram a concordância sujeito-verbo, mas não a concordância verbo-objeto. Um exemplo mais detalhado é o da língua suaíli.<sup>8</sup> Recentemente, Deen (2006) relata resultados de um trabalho sobre uma assimetria no processo de aquisição de sujeito e objeto na língua suaíli. Ele observa que seus quatro sujeitos longitudinais mostram omissão de concordância de sujeito em um grau consistentemente mais alto entre os quatro estágios, mas um grau relativamente mais baixo, assim como uma redução gradual, nos estágios com concordância de objeto. De acordo com ele, *input* ambíguo resulta nessa assimetria. Na língua suaíli adulta, o sujeito pode ser omitido em certos contextos de discursos; entretanto, a concordância de objeto é obrigatória quando o objeto é específico. Onde o objeto não é específico, a concordância de objeto não é permitida<sup>9</sup>. Ele sugere que o processo de aquisição de suaíli por crianças é sujeito à condição de especificidade.

## 2.2 Aquisição de concordância verbal em línguas de sinais

O estudo do processo de aquisição da concordância verbal tem, até aqui, dirigido a atenção a algumas línguas de sinais tal como a ASL (Fischer 1973, Meier 1982; Lillo-Martin et.al. 2004), BSL (Morgan, et.

al. 2006), Libras (Quadros 1997), SLN (Bo-gaerde & Baker 1996) e LIS (Pizzuto 2002)<sup>10</sup>. A maioria desses estudos descobriu que a média de idade de aquisição da concordância verbal com um referente presente pode se dar aos 3 anos de idade e, se o referente não está presente, na idade de 5 anos, uma vez que as crianças surdas têm que aprender a direcionar o verbo para um locus referencial no espaço. No estudo de Meir (1982), os sujeitos mostram erros de omissão quando o referente (sujeito ou objeto) está em segunda ou terceira pessoa. Morgan et. al. (2006) relatam que erros de omissão são distribuídos entre muitos padrões de concordância em BSL como de primeira para terceira, segunda para primeira, existindo mais erros com sujeito e objeto de terceira pessoa, do que com outros valores de pessoa. Resultados conflitantes têm sido relatados: Lillo-Martin et. al. (2004) e Quadros et. al. (2006) argumentam que, uma vez que a ASL e a LSB são línguas mistas de sujeitos nulos, seus sujeitos longitudinais expostos à ASL ou à LSB em uma faixa etária inicial não mostram omissão substancial de concordância ou supergeneralização, o que fornece suporte para a generalização de Guasti, qual seja, as crianças que estão aprendendo línguas de sujeito nulo não passam por um estágio opcional de forma infinitiva. Entretanto, alguns de seus aprendizes que são expostos a línguas de sinais mais tarde, aos 6 anos ou mais, cometem esses erros substancialmente, o que fornece suporte para as hipóteses do período crítico (Lillo-Martin et

<sup>8</sup> Suaíli é a uma língua de SVO e tem prefixos para concordância de sujeito e objeto no complexo verbal na sequência: SujA-Tempo – ObjA – Verbo Raiz– Modo.

<sup>9</sup> Deen identifica três contextos onde os objetos são inerentemente específicos: (a) nomes pessoais; (b) objetos topicalizados; (c) primeira e segunda pessoa gramatical. Ele também observa que crianças sinalizantes de suaíli produzem fielmente concordância de objeto nesses contextos, como evidência de entendimento de condição de especificidade nos primeiros estágios.

<sup>10</sup> Alguns fenômenos de aquisição têm sido relatados (Meir 2002). Neste artigo, concentraremos a atenção em três questões.

al. 2004). Esse resultado é semelhante àquele relatado em Morford (2003), estudo em que os sujeitos adolescentes (faixa etária entre 12; 1 e 13; 7) mostram um estágio prolongado de concordância de verbos não flexionados.

Um outro resultado da pesquisa é a assimetria no desenvolvimento de aprendizes de concordância de sujeito e objeto. Usando imitação eliciada para examinar verbos de concordância dupla (isto é, verbos que admitem flexão para sujeito e objeto), as dez crianças surdas do estudo de Meir (1982) mostram mais omissão com concordância de sujeito, do que com concordância de objeto<sup>11</sup>. Outro fato observado em dois aprendizes tardios da ASL (Morford 2003) é que aprendizes de línguas de sinais preferem marcar a concordância de objeto mais regularmente do que a concordância de sujeito em ASL.

Alguns estudos examinaram como crianças surdas desenvolvem concordância verbal com referentes não presentes, utilizando narração de contos como metodologia. Eles relatam que o tempo que se leva para aprender a habilidade de utilizar loci espaciais para identificar referentes não presentes para flexão de concordância é mais longo e as crianças na faixa etária de 5 anos ainda mostram problemas de flexão de sujeito ou objeto, quando utilizam loci espaciais (Morgan, 2000; Loew, 1983). No estudo de Morgan (2000), embora os sujeitos tenham capacidade para marcar a concordância no espaço, eles cometem erros na identificação dos argumentos no discurso.

O que é raramente discutido na literatura sobre o processo de aquisição de concordância verbal são as propriedades de gramáticas intermediárias, em período anterior ao alcance da plena competência, pela criança. Em teorias de aquisição de línguas, as gramáticas intermediárias revelam os processos gramaticais subjacentes pelos quais passa a criança-aprendiz. As formas infinitivas opcionais para crianças em processo de aquisição de línguas de sujeito não nulo constituem uma dessas propriedades. Embora essa questão ainda não tenha sido discutida explicitamente na literatura, uma análise detalhada revela que parece haver *link* entre a co-ocorrência de verbos de concordância não flexionados, mas de sinais de indicador flexionados. A criança surda de BSL no estudo de Morgan produz um sinal de indicador flexionado para marcar o sujeito de primeira pessoa e o objeto de terceira pessoa após o verbo flexionado, como mostrado no exemplo (6). O exemplo (7) é relatado em Quadros e Lillo-Martin (2006), o sinal sendo produzido pela criança aprendiz Aby, na idade de 1;10.

(6) Mark: MORDER<sub>1</sub>IX<sub>3</sub> (2;2)

‘Morda-me ...’. (Morgan et. al. 2006)

(7) MÃE, <1> DAR <mãe> IX <mãe >, <1> DAR <mãe>

“Mãe, (EU) dar (mãe), IX<sub>mãe</sub>, (EU) dar (mãe).” (Quadros e Lillo-Martin 2006)

No exemplo (7), o sinal para o verbo DAR não é flexionado, mas o sinal indicador aparece logo a seguir (IX) e é direcionado à

<sup>11</sup> Ver Meir (2002) quanto ao fato de crianças surdas preferirem marcação de concordância singular (isto é, marcação de concordância de objeto) à marcação de concordância dupla (isto é, marcação para ambas as concordâncias de sujeito e objeto) quando eles começam marcar concordância em verbos.

localização do objeto indireto <mãe>. O sujeito de Meir (2002) também acompanha o verbo DAR com sinais de indicador, como mostrado no exemplo (8):

- (8) APONTAR<sub>cameraman</sub> DAR APONTAR<sub>2</sub>,  
DAR.  
“Você dá (o) para ele (cameraman)”.

Esses dados mostram que a relação entre os sinais de indicador e a direcionalidade de movimento codificado por verbos de concordância é mais complexa do que tem sido mostrado na literatura. Pode ser que, em vez de fazer concordância de pessoa em verbos, os sinais de indicador que são derivados tipicamente de indicação gestual são adotados primeiro, para codificar relações gramaticais entre o sujeito e o objeto. Além disso, se assumirmos que um pré-requisito para o processo de aquisição de concordância verbal é o conhecimento de subcategorias dos verbos em línguas de sinais – simples, de concordância e espacial – é possível dizer que esses aprendizes, inicialmente, percebem verbos de concordância como verbos lexicais, verbos simples com morfologia simplificada. Sendo assim, a codificação de relações gramaticais entre o sujeito e o objeto terá que se apoiar em outras operações gramaticais, tais como ordem de palavras ou formas pronominais realizadas por sinais de indicador. Tang et. al. (2006) também relatam que crianças surdas, em estágio inicial, analisam erroneamente as construções classificadoras como verbos simples e as tratam quase como uma unidade

lexical, ao invés de uma unidade morfossintática<sup>12</sup>. Em suma, apesar de alguns resultados conflitantes, as observações aqui relatadas são esclarecedoras da interação entre os componentes da gramática intermediária das crianças aprendizes.

### 3. Perguntas de Pesquisa

Assumindo-se que o processo de aquisição de língua é baseado em evidência positiva, pode-se afirmar que uma criança surda exposta à HKSL acabará sabendo que essa língua permite concordância opcional de sujeito e objeto. Essa criança, eventualmente, irá também adquirir as restrições associadas com a concordância verbal. Isso leva à ocorrência de três formas de verbos de concordância: (i) verbos em forma não flexionada; (ii) verbos que são marcados espacialmente para concordância locativa; e (iii) verbos que são marcados sintaticamente para concordância verbal. O estudo de Deen (2006) sugere que a opcionalidade de concordância de sujeito na língua suaíli adulta, devido ao registro ou a fatores de discurso, pode fornecer uma explicação para um grau mais alto de erros de concordância de sujeito. Parece que um fenômeno semelhante, no processo de aquisição, pode ser encontrado com aprendizes que estão adquirindo a HKSL.

Além disso, uma criança surda precisa adquirir o conhecimento que os loci espaciais ostentam indicadores referenciais e que algumas formas para loci espaciais são lingüís-

<sup>12</sup> O estudo de Quadros e Lillo-Martin (2006) mostra que os sujeitos de sua investigação dominam o conhecimento de subcategorias de verbo bem cedo.

ticas. Em um discurso em línguas de sinais, verbos com valores ou de primeira ou de segunda pessoa gramatical não são bons candidatos para se investigar essa propriedade lingüística, porque o sinalizante e o receptor estão inerentemente presentes no discurso, o que diminui o *status* concordância sintática, em favor da concordância locativa. Entretanto, argumentamos que enquanto direcionar um verbo para um referente presente satisfaz a concordância locativa, direcionar um verbo para um referente não presente com uma forma fonológica fixa pode indicar o valor de pessoa gramatical intrínseco do referente, satisfazendo as exigências para concordância sintática. Colocam-se, então as perguntas: Uma criança surda de HKSL tem esse entendimento como parte de gramática de concordância verbal? Como uma criança surda adquire entendimento dessa parte de gramática em HKSL?

Resumindo, propomos as seguintes perguntas de pesquisa:

- a. Uma criança de HKSL passa por um estágio não flexionado na aquisição de morfologia de concordância verbal em HKSL? Se sim, o que causa tal desenvolvimento?
- b. Uma criança surda mostra evidência de opcionalidade para concordâncias de sujeito e objeto, significando que tanto verbos flexionados, como verbos não flexionados podem co-existir no decorrer do processo de aquisição?
- c. A criança conhece as restrições associadas à concordância verbal, a saber, que certos contextos exigem obrigatoriamente concordância de sujeito e objeto em HKSL?

Nas seções seguintes, relatarei dois estudos sobre uma criança surda que desenvolve morfologia de concordância verbal em HKSL durante um período de aproximadamente três anos. Além de dados

longitudinais, também estabelecemos três experimentos para examinar o estado de conhecimento de concordância verbal da criança. Os experimentos são úteis, pois os estudos anteriores estão principalmente preocupados com dados longitudinais em concordância verbal envolvendo referentes presentes. Neste estudo, estabelecemos três experimentos para examinar o processo de aquisição de concordância verbal quando os referentes não estão presentes no discurso em línguas de sinais.

#### 4. Estudo 1: Dados longitudinais sobre uma criança surda de HKSL

##### 4.1 O sujeito

O sujeito era um menino surdo chamado “Chun-chun” que nasceu de um casal surdo, mas não foi exposto a *input* lingüístico de HKSL até a idade de 1;9.6, quando a observação iniciou. Durante esse período, ele freqüentava uma creche especial que enfatizava a oralidade, mas era exposto à HKSL quando seus pais interagem com ele, depois do trabalho, e quando a equipe de pesquisa, constituída de dois sinalizantes surdos de nascença, visitava a família de Chun-chun, uma ou duas vezes por semana. Seus pais não nasceram de pais surdos e apenas seu pai era um sinalizante fluente, pelo fato de ter freqüentado uma escola para surdos, aos 6 anos. A mãe de Chun-chun não era sinalizante de nascença e tinha freqüentado uma escola de ensino regular, de alunos ouvintes, em seu processo de educação. Por essa razão, Chun-chun adquiriu a HKSL em um ambiente de processo de aquisição precário, tanto em termos de quantidade, quanto em termos de qualidade de *input*.



## 4.2 Coleta de dados & Transcrição

As interações naturalistas de Chun-chun com sua mãe (apenas nos primeiros meses) ou com um sinalizante nativo surdo foram filmadas por aproximadamente uma hora por semana. Entretanto, os dados para esse estudo foram extraídos das transcrições mensais das gravações de vídeo entre os 2;6.17 e 5;7.20 anos, com um total de cerca de 38 horas de dados. Os vídeos foram transcritos por pesquisadores surdos treinados que eram sinalizantes de nascença e verificados por uma equipe de pesquisadores ouvintes, para garantir a precisão das transcrições.

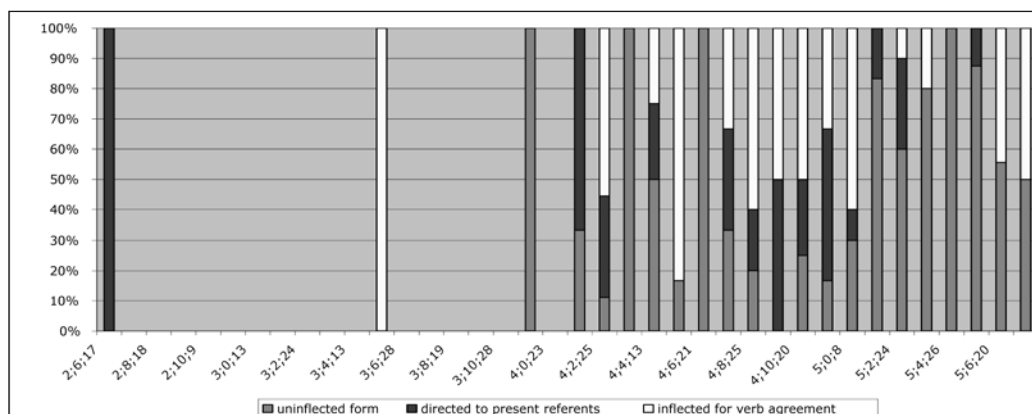
Na análise, primeiramente extraímos as produções de Chun-chun do verbo DAR, por todo esse período e categorizamos os sinais, primeiro de acordo com a flexão verbal: se o verbo não era flexionado, direcionado espacialmente para referentes presentes, ou flexionados para concordância de pessoa gramatical. Para as formas flexionadas, identificamos os padrões de concordância para verificar concordância de opcionalidade e obrigatoriedade. Por fim,

verificamos se Chun-chun estava direcionando o sinal de verbo para um referente presente ou não presente no discurso em línguas de sinais.

## 4.3 Resultados

O verbo DAR é escolhido para análise por ser um verbo de concordância dupla, possibilitando aos pesquisadores analisar o desenvolvimento de Chun-chun, no que diz respeito à concordância de sujeito e objeto e à questão de assimetria, a ela relacionada. Esse verbo é tríade e exige três argumentos gramaticalmente expressos em termos de sujeito, objeto e objeto indireto. Os 150 sinais para o verbo DAR, produzidos por Chun-chun durante esse período, são categorizados em: (i) verbo DAR não-flexionado, (ii) verbo DAR direcionado para a localização de um referente presente e, (iii) o verbo flexionado DAR para concordância de pessoa gramatical (ou seja, direcionar o verbo via direcionalidade abstrata para um locus espacial).

Figura 1. Produção do verbo DAR na idade entre 2;6.17 a 5;7.20



Os dados mostram que Chun-chun produziu todas as três formas do verbo DAR durante o período de observação. A primeira ocorrência do verbo DAR flexionado para concordância de pessoa gramatical ou direcionado para o referente presente se dá na idade de 2;6:17, mas ela ocorre somente até a idade de 3;5.23 quando Chun-chun produz, sistematicamente, o verbo DAR. O exemplo (9) mostra que o verbo DAR é flexionado para o objeto de terceira pessoa gramatical, mas não para o sujeito.

- (9) 0-DAR-3 MAIS VELHO-IRMÃO COMER BOMBOM (3;5.23)  
 “[Mãe] dá ao irmão mais velho um bombom para comer.”

Existe um período durante o qual o verbo DAR não emerge nos dados. Então, o verbo DAR reemerge em ambos os casos de formas flexionadas e não-flexionadas. Em nossa análise, os verbos direcionados aos referentes presentes não são as únicas evidências de concordância verbal sintática, porque a direcionalidade, sob essas circunstâncias, é uma função de concordância locativa pelo fato de os referentes estarem presentes no discurso. Entretanto, para aqueles casos em que a concordância locativa é exigida, não existe evidência, nos dados, que mostre que Chun-chun direciona os sinais para um argumento inapropriado.

Em seguida, examinamos a produção do verbo DAR, por Chun-chun, por meio da categorização do verbo de acordo com os padrões de concordância. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

**Tabela 1. Produção do verbo DAR em padrões de concordância diferentes**

	Contextos Opcionais			Contextos Obrigatórios			
	1-DAR-2	1-DAR-3	3-DAR-3	2-DAR-1	2-DAR-3	3-DAR-1	3-DAR-2
Não-flexionadas	5.00% (1/20)	50.00% (9/18)	68.89% (31/45)	0.00% (0/12)	50.00% (1/2)	29.17% (7/24)	0.00% (0/2)
Direcionada para referentes presentes	65.00% (13/20)	0.00% (0/18)	2.22% (1/45)	75.00% (9/12)	50.00% (1/2)	0.00% (0/24)	100.00% (2/2)
Flexionadas para concordância verbal	30.00% (6/20)	50.00% (9/18)	28.89% (13/45)	25.00% (3/12)	0.00% (0/2)	70.83% (17/24)	0.00% (0/2)

A Tabela 1 resume as produções de Chun-chun das diferentes formas do verbo DAR, durante o período de observação. Quanto aos contextos de concordância opcional em HKSL, os sinais se agrupam predominantemente ao redor da concordância entre sujeito de terceira pessoa gramatical e objeto de terceira pessoa gramatical (isto é, 3-DAR-3). Entretanto, cerca de 68.89% dos sinais nessa categoria são sinais não-flexionados. Existem, apenas, 18 si-

nais para sujeito de primeira pessoa gramatical e objeto de terceira pessoa gramatical (isto é, 1-DAR-3), igualmente distribuídos entre formas flexionadas e não-flexionadas. Onde o objeto é segunda pessoa gramatical (1-DAR-2), Chun-chun tende a direcionar o sinal a um referente presente (65%), que é o pesquisador surdo. Entretanto, Chun-chun troca de papel para assumir primeira pessoa gramatical de um outro sinalizante (isto é, 1-DAR-2), daí

ele produzir instâncias de concordância verbal flexionada pra sujeito de primeira pessoa gramatical e objeto de primeira pessoa gramatical, resultando em cerca de 30% dos dados.

Por outro lado, a maioria dos sinais para os contextos obrigatórios envolve sujeito de primeira ou segunda pessoa gramatical e objeto de primeira pessoa gramatical (isto é, 2-DAR-1, 3-DAR-1). 75% dos sinais nos contextos 2-DAR-1 incluem direcionar o sinal de verbo para referentes presentes e Chun-chun produz também 25% de instâncias de contextos 2-DAR-1 sob condições de troca de papel, o que sugere que ele tem algum entendimento no que diz respeito à atribuição de valor de segunda pessoa gramatical para loci espaciais abstratos. Quanto a contextos de 3-DAR-1, 70.83% dos sinais são flexionados. Se assumirmos que a primeira e a segunda pessoa gramatical podem encorajar o direcionamento do sinal para os referentes presentes, esses resultados mostram que essas pessoas gramaticais podem funcionar como uma âncora para que a criança adquira marcação de sujeito para terceira pessoa gramatical. Isso é bem diferente de sua produção no contexto opcional 3-DAR-3 onde apenas 28.89% dos

sinais são flexionados. Entretanto, Chun-chun, ainda assim, comete uma porcentagem significativa de erros de omissão: até a altura de 29.1% de seus sinais sob os contextos 3-DAR-1 são não-flexionados (isto é, 0-DAR-0). Existem pouquíssimos contextos de 2-DAR-3 ou 3-DAR-2; os sinais mostram que Chun-chun ou direciona os verbos para os referentes presentes ou os deixa não-flexionados. As figuras 2 e 3 mostram as produções de Chun-chun do verbo DAR nos contextos opcionais e obrigatórios ao longo do tempo. A figura 2 mostra que existem mais sinais do verbo DAR não-flexionados que flexionados nos contextos opcionais, porém menos ainda nos contextos obrigatórios, como pode ser visto na Figura 3. Embora Chun-chun seja sensível aos contextos obrigatórios para concordância de pessoa gramatical, as duas figuras mostram que ele prefere formas do verbo DAR não-flexionadas a formas flexionadas nos contextos opcionais e continua a produzir formas do verbo DAR não-flexionadas nos contextos obrigatórios mesmo na idade de 5;7; isso sugere, apenas, que ele ainda não adquiriu completamente essa gramática e não é sensível às restrições envolvidas.

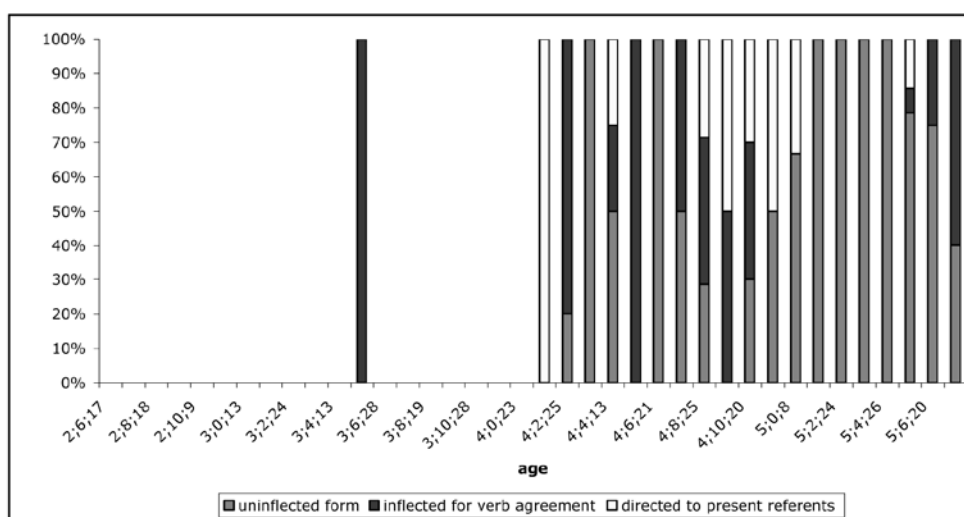
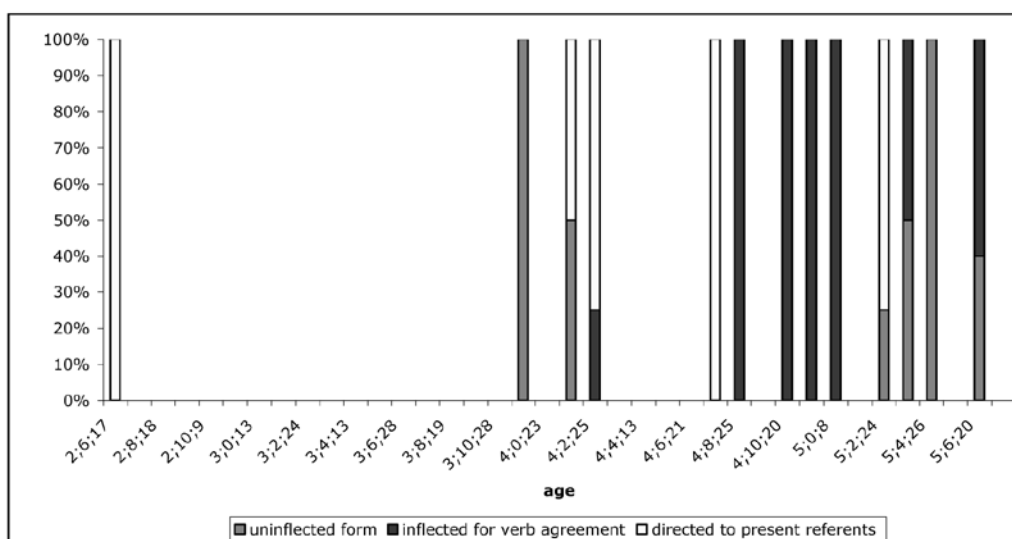


Figura 2: Produção do verbo DAR em contextos opcionais

Figura 3: Produção do verbo DAR em contextos obrigatórios



Resumindo, Chun-chun sofreu um estágio de concordância verbal não-flexionada (Pergunta de Pesquisa 1). Existe evidência de opcionalidade em concordância de pessoa gramatical em contextos opcionais (Pergunta de Pesquisa 2), mas Chun-chun parece superproduzir opcionalidade nos contextos obrigatórios, o que conduz a uma porcentagem significativa de produção errônea. Apesar disso, a porcentagem de formas flexionadas para concordância de objeto de primeira pessoa permanece alta (Pergunta de Pesquisa 3). Existem muitas instâncias de direcionamento de um sinal para um referente em contextos envolvendo primeira e segunda pessoa gramatical, mas Chun-chun raramente falha em identificar, apropriadamente, o referente em outros contextos.

Chun-chun omite concordância de objeto mesmo nos contextos obrigatórios ao longo do tempo, o que é uma característica de aprendizes tardios, resultado relatado em Morford (2003) e Lillo-Martin et. al. (2005). Do ponto de vista da aquisição, a idade de Chun-chun no início do processo de aquisição de língua de sinais e o *input* de estímulo

empobrecido em seu ambiente de aquisição são fatores cruciais que afetam sua aquisição de HKSL. Primeiramente, devido à sua formação, a quantidade de *input* pode não ser suficiente para facilitar o processo de aquisição de línguas. Além disso, a opcionalidade de concordância verbal na gramática adulta pode resultar em ambigüidade nos dados de *input*. Provavelmente, argumentar que ele atingiu um nível de entendimento de opcionalidade semelhante ao dos adultos surdos nativos é precipitado, uma vez que os dados mostram que ele prefere não flexionar nos contextos opcionais e superproduzir esse entendimento de opcionalidade nos contextos obrigatórios.

Em termos de processo de aquisição, tal opcionalidade pode ser estendida a como Chun-chun percebe e diferencia os tipos de verbos em HKSL. De fato, no processo de aquisição de concordância verbal, Chun-chun também precisa identificar que tipo de verbo admite a propriedade de morfologia de concordância verbal. Os dados aqui não lidam com a questão de erros de autoridade, isto é, impondo concordância de pessoa gra-

matical em verbos simples. Entretanto, observamos que a ausência de concordância de pessoa gramatical de Chun-chun é geralmente compensada, não apenas pelos sinais indicadores pronominais, mas também pelos sinais de nome ou substantivos comuns em sua produção. Como discutido na seção anterior, nomes próprios ou substantivos comuns são, inerentemente, de terceira pessoa gramatical. Para lidar com essa questão, selecionamos sistematicamente 7 sessões com um intervalo de 6 meses nos dados longitudinais em que identificamos 27 sinais do verbo DAR para uma análise mais minuciosa. Os dados mostram que Chun-chun utiliza muitos sinais de nome e seus sinais indicadores são, em sua maioria, espacialmente direcionados aos referentes presentes (primeira pessoa gramatical ou objeto) e, em alguns casos, direcionados a um locus espacial, como mostrado nos exemplos (10a – 10b):

(10a) 1X-1<sup>ap</sup> 0-DAR-0 MAIS NOVA\_IRMÃ LIVRO.

“Eu dou um livro para minha irmã mais nova”.

(10b) (BRENDA) CL:biscoito\_palito 0-DAR-0 IX-3<sup>ap</sup>.

“Brenda dá biscoito-palito para ele (Kenny)”.

Por essa razão, as formas não-flexionadas são geralmente seguidas por um substantivo comum ou por um nome, ou um sinal IX direcionado a um referente presente. Isso sugere que Chun-chun pode assumir, inicialmente, que todos os verbos são apenas simples e a pessoa gramatical é codificada por outros meios gramaticais, assim como o indicador ou sinais de nome até ele encontrar evidência positiva

que mostre que alguns verbos exigem morfologia de concordância de pessoa gramatical. Se nosso argumento procede, o conhecimento de marcação de morfologia de concordância é acionado por evidência positiva específica em condições obrigatórias e isso faz a criança perceber que existem subcategorias de verbo em línguas de sinais. Erros de autoridade, como os relatados em estudos anteriores, são exemplares desse processo de aquisição. A fim de investigar essa questão mais detalhadamente, desenhamos uma série de procedimentos experimentais para verificar o entendimento de concordância verbal de Chun-chun.

## 5. Estudo II: Procedimentos experimentais

O estudo II envolve três tarefas de elicitación baseadas no verbo DAR: (a) Tarefas de Referentes Presentes (RP) (*Present Referents Task (PR)*), (b) Tarefas de Recontar Estórias (RE) (*Story Retelling task (SR)*) e (c) Tarefa de Julgamento de Valor-real (JV) (*Truth-value Judgment Task (TJ)*). Para a tarefa RP, objetivamos confirmar se Chun-chun era sensível à concordância locativa com um referente presente no discurso de línguas de sinais. Nessa tarefa, nosso pesquisador surdo realizou a ação de dar alguma comida para um objeto localizado na sala. Chun-chun foi solicitado a descrever o que o pesquisador surdo tinha feito e foi instigado a produzir elocuições como “Connie dá o peixe para o gato”. Os beneficiários do verbo DAR (isto é, os objetos indiretos) foram colocados em vários locais na sala e alguns dos quais não obedeciam às localizações espaciais convencionais para concordância de pessoa gramatical em HKSL, como, por exemplo, colocar o objeto indire-



to nas costas da criança sinalizadora. Existem quatros sinais para testar o entendimento de Chun-chun de direcionar o sinal para referentes presentes no discurso.

A tarefa de RE tinha a vantagem de examinar se o entendimento de Chun-chun quanto a usar loci referenciais no espaço era suficiente para estabelecer concordância de pessoa gramatical com o verbo. Essencialmente, o uso da tarefa ‘recontar estórias’ também nos permitiu examinar como Chun-chun codificou a concordância verbal em contextos de referentes mencionados pela primeira vez com o valor de terceira pessoa gramatical, que para nós era um teste litmo para aproveitar o entendimento de Chun-chun de morfologia de concordância abstrata. Novamente, concentramos a atenção no verbo DAR. Nesta tarefa, Chun-chun tinha que assistir uma estória em língua de sinais por um pesquisador nativo surdo A e relacioná-la ao pesquisador nativo surdo B. O evento de sinalização era gravado, transcrito por um pesquisador nativo surdo, para garantir precisão e pontuado segundo a concordância verbal. A tarefa de JV envolveu três eventos em vídeo - tape baseados no verbo DAR ou com concordância de pessoa gramatical opcional ou obrigatória em HKSL. Os eventos descreveram uma ocorrência simples de “A dar um bombom para B”. Depois de assistir aos vídeo-clipes, um pesquisador nativo surdo sinalizou uma série de sentenças baseadas na proposição do evento. Algumas sentenças eram gramaticais e algumas não. Por exemplo, se um evento retratava que “Connie dá um bombom para Brenda”, um pesquisador nativo surdo (Kenny) que “assume um ponto de vista exterior” poderia sinalizar sentenças como (11a) e (11b) abaixo. Durante o controle da consistência do conteúdo proposicional, vários padrões de concordância foram

estabelecidos para testar a gramaticalidade.

- (11) Episódio: Connie dá um bombom para Brenda.  
 Estímulos: (11a) Kenny: “CONNIE BOMBOM<sub>3</sub>DAR<sub>3</sub> BRENDA” √  
 (11b) Kenny: “CONNIE BOMBOM<sub>2</sub>DAR<sub>1</sub> BRENDA” x

Chun-chun, primeiramente, viu o episódio mostrado no computador; em um segundo momento, julgou as sentenças considerando sua gramaticalidade: para cada uma, ele indicou seu julgamento pressionando ou o botão “correto” ou o botão “errado”. Para os distratores, incorporamos os cliques de construções classificadoras, utilizando verbos de movimento que mostravam movimento de classificador de pessoa gramatical de uma localização para outra, de maneira diferente. Um sinalizante nativo surdo foi convidado a completar a tarefa cujos dados foram utilizados para comparação basal (*baseline*).

As tarefas foram administradas na sequência de RE > RP > JR, por cerca de cinco meses. Para pontuar as tarefas, foi dado ponto ‘1’ para a produção correta do verbo DAR com direcionalidade de concordância locativa na tarefa RP. Para a tarefa JV, as respostas corretas receberam uma pontuação ‘1’ e as respostas incorretas receberam a pontuação ‘0’. Para a tarefa RE, sinais de concordância verbal foram coletados de Chun-chun e codificados para flexão de concordância de pessoa gramatical, uso de loci referenciais e troca de papel, assim como marcadores. Os sinais que mostraram flexão foram categorizados em mais detalhe, em diferentes padrões de concordância, para uma análise mais minuciosa.

## 6. Resultados

### 6.1 Tarefa de Recontar Estória

Na tarefa de RE, existem nove contextos para concordância de pessoa gramatical na estó-

ria. Chun-chun produziu 8 sinais de concordância de pessoa gramatical somente sob 7 contextos, perdendo 2. A Tabela 2 apresenta uma análise qualitativa das produções de Chun-chun de padrões de concordância de pessoa gramatical.

**Tabela 2: Análise do verbo DAR na Tarefa RE de Chun-chun**

Nativo		Chun-chun	
Contexto #	Concordância de pessoa gramatical	Contexto #	Concordância de pessoa gramatical
#1 QUERER 1-DAR-3i KENNY BRENDA	1-3 <sub>(locus i)</sub>	#1 QUERER COMPRRAR 0-DAR-0 KENNY COMER	0-0
#2 BOMBOM gestual: dar_me #3j-DAR-1 DOIS gestual: dar_me	2 <sub>(locus j)</sub> - 1, +troca de papel +marcadores	# KENNY 0-VER-1j DIZER 2j-DAR-1 COMER	2 <sub>(locus j)</sub> -1 +troca de papel +marcadores
# BOMBOM 1-DAR-2i 1-DAR-i	1-2 (locus i) +troca de papel +marcadores	# CONNIE DIZER PODE, 1-DAR-2j, IX <sub>k</sub> IX <sub>p</sub> DOIS,  1-DAR-3 <sub>k</sub> DOIS <sub>j</sub>	1-2 (locus j) +troca de papel +marcadores 1-3 (locus k)
#4 QUERER 1-DAR-3j BRENDA	1-3 (locus j) +troca de papel + marcadores	#4 KENNY QUERER 0-DAR-0 BRENDA	0-0
#5 VER KENNY BOMBOM 3i-DAR-3j BRENDA	3 <sub>(locus i)</sub> -3 <sub>(locus j)</sub> -sem troca de papel	#5 CL:segurar-bombom 0-DAR-0 BRENDA	0-0
#6 KENNY BOM 1-AJUDAR-3j gestual "dar-me" 3j-DAR-1	2 (locus j)-1 +troca de papel +marcadores	#6 -----	-----
#7 CL:embalagem_abrir 1-DAR-3j BRENDA	1-3 (locus j) +troca de papel +marcadores	#7 KENNY CL:abrir_ embalagem 0-DAR-0	0-0
		#7b CL:abrir_embalagem 0-DAR-3 BRENDA	0-3 (locus p)
#8 2j-DAR-3i KENNY	2 <sub>(locus j)</sub> -3 <sub>(locus i)</sub> -troca de papel	#8 IX <sub>m</sub> NÃO COMER, 0-DAR-0 KENNY	0-0
#9 3j-DAR-1	3 (locus j)-1	#9 -----	----

\*marcadores incluem virada de corpo, virada de cabeça ou direção do olhar (*eye gaze*).

A Tabela 2 mostra que as formas do verbo DAR produzidas por Chun-chun geralmente são mais flexionadas para concordância de objeto, do que para concordância de sujeito, o que fornece evidência para apoiar a

assimetria sujeito/objeto na aquisição de concordância verbal. Além disso, esse verbo raramente flexiona ou para sujeito ou para objeto, quando os contextos permitem concordância verbal opcional, tais como sujeito de primeira

pessoa gramatical e objeto de terceira pessoa gramatical (por exemplo: Contexto #4), ou sujeito de terceira pessoa gramatical e objeto de terceira pessoa gramatical (por exemplo: Contexto #5). Contudo, em duas contagens, Chun-chun tenta “consertar” a flexão verbal. Um exemplo é o Contexto #7 com os dados repetidos em (12):

- (12) KENNY CL: abrir\_embalagem 0-DAR-0, CL: abrir\_embalagem 0-DAR-3 BRENDA.  
 “Kenny desembulha o bombom e (o) dá para (Brenda), desembulha o bombom e (o) dá para Brenda”.

No exemplo (12), Chun-chun primeiro sinaliza uma forma não-flexionada do verbo DAR e então muda para 0-DAR-3, para atribuir um locus para o objeto direto BRENDA. Isso sugere que Chun-chun tem algum entendimento, ainda que limitado, de como direcionar o sinal através de uma forma fonológica convencional para codificar valor de terceira pessoa gramatical e, por essa razão, evidencia a concordância sintática de objeto. Fora dos três contextos que exigem concordância obrigatória de objeto (isto é, Contextos #2, #6 e #9), apresentados por um sinalizante nativo surdo, Chun-chun criou apenas um (isto é, Contexto #2) com flexão de concordância de pessoa gramatical correta. Entretanto, ele erra quando o contexto exige concordância obrigatória de sujeito (por exemplo: Contexto #8). Quanto à utilização de loci espaciais para concordância verbal, Chun-chun ou direciona o verbo para os loci diferentes no espaço ou ele adota consistentemente um locus para quase todos os referentes. Embora inadequadamente, Chun-chun tenta trocar de papel, mas ele raramente se

refere a um objeto indireto de terceira pessoa gramatical como o sinalizante nativo faz na maioria das situações na tarefa. Os dados mostram que ele ou o evita (Contexto #7) ou troca de papel, para direcionar um sinal verbal a um locus espacial para o sujeito de segunda pessoa gramatical (isto é, Contexto #2 e #3). Isso sugere que Chun-chun tem entendimento, ainda que limitado, de concordância sintática para segunda pessoa gramatical por meio do estabelecimento de um locus abstrato de segunda pessoa no espaço.

A observação anterior dos lados longitudinais, que Chun-chun recorre a sinais de nome ou sinais de indicador para tornar transparente a necessidade de concordância de pessoa gramatical, é, também, evidenciada na tarefa. A Tabela 2 mostra que, exceto para um contexto (isto é, Contexto #7), um sinal de nome sucede o verbo não-flexionado em quatro de cinco sinais (isto é, Contextos #1, #4, #5 e #8). Os nomes próprios são, inerentemente, relativos à terceira pessoa gramatical, em termos semânticos. Existe um sinal que mostra que um sinal de nome também sucede o verbo DAR, o qual é flexionado para terceira pessoa gramatical, mas não-flexionado para segunda pessoa (Contexto #7b), de maneira quase idêntica àquela do sinalizante nativo surdo.

## 6.2 Tarefa de Referentes Presentes

Uma vez que os estímulos envolvem o sujeito e o objeto de terceira pessoa gramatical, tanto a forma não-flexionada, como a forma direcionada espacialmente são aceitáveis. Entretanto, Chun-chun prefere adotar a forma não flexionada para sujeito, mas escolhe, opcionalmente, direcionar o verbo para a localização dos objetos indiretos presentes

no discurso. Existem quatro estímulos nessa tarefa e Chun-chun produz um total de sete sinais do verbo DAR, distribuídos entre quatro objetos indiretos no padrão de 3-1-1-2. Nenhum deles mostra evidência de concordância verbal sintática, eles estão, ou em formas não-flexionadas, ou direcionados espacialmente para os objetos indiretos. Dos sete sinais, quatro são formas não-flexionadas, como em (13)<sup>13</sup>:

(13) CONNIE LEITE 0-DAR-0 BEBÊ BEBER\_LEITE.

“Connie dá ao bebê leite para beber”.

Enquanto nenhum sinal mostra concordância de sujeito, três sinais são direcionados espacialmente para a localização dos objetos indiretos, dois para o “macaco” localizado diretamente na frente de Chun-chun e um para o “bebê” na parte da frente.

Considerada em seu conjunto, a tarefa oferece algumas evidências que Chun-chun tem entendimento de concordância locativa. Diferentemente do sinalizante nativo, ele não adota, necessariamente, concordância locativa, ainda que os referentes estejam presentes. Para aqueles casos em que ele adota concordância locativa, o verbo é direcionado espacialmente mais para o objeto do que para o sujeito.

### 6.3 Tarefa de Julgamento de Valor-Real

Existem três condições experimentais – 3-DAR-3, 3-DAR-1 e 1-DAR-3 – para a tarefa de JR. Como mencionado, os estímulos da

sentença utilizam o verbo DAR para codificar a relação gramatical do sujeito e objeto indireto e Chun-chun precisa julgar se o padrão de concordância é compatível para tal relação. Enquanto a proposição permanece a mesma, algumas das sentenças de estímulos utilizam um padrão de concordância incompatível que faz com que as sentenças se tornem agramaticais. Metodologicamente, assumimos que se Chun-chun tem entendimento de opcionalidade de concordância de pessoa gramatical em HKSL, bem como das restrições relacionadas, ele aceitará as formas flexionadas e não-flexionadas do verbo DAR sob as condições 3-DAR-3 e 1-DAR-3, ao passo que ele rejeitará a forma não-flexionada e aceitará a forma apropriadamente flexionada do verbo DAR, sob a condição 3-DAR-1. Além do mais, Chun-chun rejeitará sistematicamente aqueles padrões incompatíveis de concordância porque elas violam a interpretação das condições experimentais.

O pré-teste utilizando o verbo RALHAR mostra que Chun-chun não tem problema de compreender os episódios e a exigência da tarefa. Os julgamentos de Chun-chun das formas gramaticais em várias condições não são consistentes o bastante para indicar aquisição completa. Na condição 3-DAR-3, Chun-chun aceita a forma não-flexionada e a forma 0-DAR-3, mas ele rejeita a forma apropriadamente flexionada 3-DAR-3. O sinalizador nativo surdo, por outro lado, julga essas três sentenças de estímulos como sendo gramaticais. Além disso, se por um lado a forma não-flexionada e a forma apropriadamente flexionada 1-DAR-3 são gramaticais, de acor-

<sup>13</sup> Entre eles, 2 sinais do verbo DAR envolvem um objeto indireto (isto é, “o cachorro” ou o “gato”) localizado nas costas de Chun-chun. Entretanto, sinalizantes surdos geralmente direcionam espacialmente o verbo para referentes presentes, mas utilizam a forma não-flexionada seguida por um sinal de nome, quando o referente não está presente.

do com os julgamentos do sinalizante nativo surdo, Chun-chun rejeita a forma não-flexionada, mas aceita a forma flexionada 1-DAR-3. Por fim, Chun-chun aceita a forma não-flexionada para o contexto 3-DAR-1, que não é aceitável de acordo com os julgamentos do sinalizante nativo surdo. Ele rejeita também

a forma apropriadamente flexionada 3-DAR-1. Os resultados mostram que o entendimento de Chun-chun de concordância de pessoa é variável, o que significa que ele ainda não adquiriu opcionalidade completa de concordância de sujeito e objeto em HKSL, nem as restrições relacionadas.

**Tabela 3: Desempenho de Chun-chun na Tarefa JR**

A. Contexto 3-GIVE-3		Chun-chun	Sinalizante nativo surdo
Não-flexionada	gramatical	1	1
3_3	gramatical	0	1
0_3	gramatical	1	1
2_1	agramatical	0	1
3_1	agramatical	0	1
B. Contexto 1-GIVE-3			
Não-flexionada	gramatical	0	1
1_3	gramatical	1	1
3_1	agramatical	1	1
3_3	agramatical	1	1
2_1	agramatical	1	1
2_3	agramatical	0	1
C. Contexto 3-GIVE-1			
Não-flexionada	agramatical	0	1
3_1	gramatical	0	1
3_3	agramatical	1	1
2_3	agramatical	0	1
1_3	agramatical	0	1

Os julgamentos de Chun-chun dos estímulos agramaticais são mais precisos apenas com a condição 1-DAR-3, uma vez que três dos quatro itens são julgados corretamente como sendo agramaticais. Ele falha em todos os itens agramaticais na condição 3-DAR-3 e em três dos quatro estímulos agramaticais, na condição 3-DAR-1. Observe-se que, quando Chun-chun rejeita uma forma apropriadamente flexionada sob as condições 3-DAR-3 e 3-DAR-1, seus julgamentos de formas agramaticais para esses contex-

tos específicos são de maneira imprecisa, de acordo com a situação.

## 7. Discussão

Os resultados de dados longitudinais e experimentais revelam que o entendimento de Chun-chun de concordância de sujeito mostra grande variabilidade. Considerados em sua totalidade, os dados longitudinais mostram que Chun-chun produz tanto formas



flexionadas, como formas não-flexionadas do verbo DAR, para concordância de pessoa gramatical e que um padrão é também observado em contextos onde o verbo flexionado não é admitido. Os dados experimentais também mostram que Chun-chun prefere usar formas não-flexionadas nas Tarefas RP e RE. A Tarefa JR revela que o entendimento de Chun-chun de concordância de pessoa gramatical mostra variabilidade nas duas formas de verbos (flexionados e não-flexionados), em condições diferentes. Por isso, argumentamos que, embora em alguns contextos onde a opcionalidade pode ser a norma na gramática de adultos, o desempenho de Chun-chun parece revelar que seu entendimento de opcionalidade em concordância de pessoa gramatical pode ter propriedades intrínsecas que são diferentes das de adultos. Como mencionado em 6.3, a opcionalidade de concordância verbal em línguas de sinais está sendo restringida ou por uma posição sintática, como em ASL ou em BSL, no sentido de que apenas a concordância de sujeito é opcional e a concordância de objeto tem se tornado obrigatória, ou por uma interação de posição sintática e valor de pessoa gramatical, como em HKSL, onde o sujeito de segunda pessoa gramatical ou o objeto de primeira pessoa gramatical precisa ser marcado; nas outras situações, a concordância de sujeito e objeto é opcional. Isso levanta uma questão de aprendibilidade: o que faz a criança entender que a opcionalidade de concordância verbal em HKSL vem com restrições? Argumentamos que para caracterizar a gramática adulta com relação à concordância verbal, a opcionalidade tem sido medida em comparação com obrigatoriedade, porque os julgamentos de um sinalizante nativo mostram que eles têm o entendimento de qual forma é opcional ou obrigatória, sob quais condições. Na terminologia de Lust (2006), tal

entendimento representa alguma compreensão ‘tácita’ do que é e do que não é possível na gramática, o ‘estado-final’ de aquisição de língua. Embora os dados de Chun-chun consistentemente mostrem a co-existência de formas flexionadas e não-flexionadas entre os padrões de concordância, é prematuro equacionar tal estado de conhecimento a ter epistemologia semelhante à de um sinalizante nativo. Observe-se que, nos dados longitudinais, existem mais formas não-flexionadas que formas flexionadas do verbo DAR em, pelo menos, dois contextos de concordância e aproximadamente cerca de 30% de formas não-flexionadas nos contextos obrigatórios (Tabela 1). Isso sugere que o entendimento de Chun-chun de opcionalidade de concordância verbal em HKSL não é tão restrito quanto ao entendimento exibido por um sinalizante nativo. Esse efeito é corroborado pelos resultados experimentais que mostram que Chun-chun tende a utilizar formas não-flexionadas do verbo DAR, nas tarefas RE e RP. Esse “entendimento intermediário”; de opcionalidade emerge por meio da tarefa de JR, uma vez que os resultados mostram Chun-chun tem problemas de julgamento de formas não-flexionadas, em, pelo menos, duas condições de concordância. Se o processo de aquisição de língua é baseado em evidência positiva, claramente o *input* para a criança surda é ambíguo, uma vez que as formas não-flexionadas e formas flexionadas emergem nos *input* adultos, o que leva a um problema de aprendibilidade, porque a criança precisa buscar uma evidência positiva específica que restringe sua gramática em conformidade com a posição sintática e com o valor de pessoa gramatical.

O que leva a criança surda a restringir sua gramática superproduzida? Previmos que não são os dados que mostram a condição de especificidade, como sugerido no estudo de

Deen sobre a aquisição de suaíli por crianças. Na aquisição de línguas de sinais, como mencionado na seção 1.2, a evidência positiva específica pode originar-se de duas fontes de *input* adulto: (a) de locus de terceira pessoa gramatical para um referente não presente na condição 3-DAR-1, porque a evidência positiva exige consistentemente concordância obrigatória de objeto e (b) locus de segunda pessoa gramatical sob a condição de troca de papel em que o sinalizante precisa mudar o plano de articulação e direcionar o sinal para um novo locus espacial, indicando uma segunda pessoa gramatical. Embora os verbos que direcionam o sinal para o sinalizante e o receptor como referentes presentes têm valor de pessoa gramatical pouco especificado e obscurecido por concordância locativa, sinalizantes que direcionam um verbo para loci espaciais sob a condição primeiro mencionada podem nos dar uma pista sobre a concordância verbal sintática. Os sinais de troca de papel na tarefa de RE mostram que Chun-chun adquiriu algum entendimento de concordância verbal sintática, mas mostram, também, violação de restrições de concordância verbal.

## 8. Conclusão

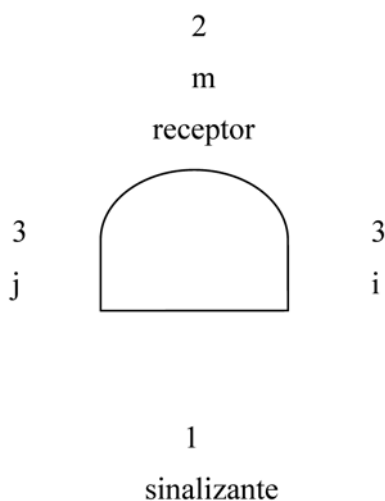
Nesse estudo, investigamos a aquisição de concordância verbal em HKSL por uma criança surda, utilizando produção naturalista, assim como dados experimentais, para verificar a condição de entendimento da criança surda, no processo de aquisição de línguas. Os resultados revelam que ele viola, consistentemente, as restrições de concordância verbal e superproduz verbos de concordância não-flexionados, durante o período de observação. Dado o contexto de Chun-chun, esse estudo falha em tratar das questões direcionadas às primeiras aquisições da criança, sobretudo no que diz

respeito à falta de erros de omissão de concordância de pessoa gramatical em contextos obrigatórios, como evidência para apoiar a hipótese que aprendizes de línguas de sujeito nulo não mostram um Estágio de Infinitivos Opcionais (*Optional Infinitives Stage*), como argumentado por Guasti (2002), em aprendizes ouvintes de língua italiana e Lillo-Martin et. al. (2005) em crianças surdas, aprendizes de ASL e LSB. Entretanto, o estudo oferece a perspectiva de “opcionalidade intermediária” na aquisição de concordância verbal em língua de sinais, o que pode ser o resultado das análises iniciais errôneas dos aprendizes, que verbos em línguas de sinais são morfologicamente simples durante os primeiros estágios de aquisição de língua: isso enfraquece a distinção entre verbos simples e verbos de concordância e, provavelmente, predicados classificadores. Como o estudo mostrou, mesmo que as produções de dados naturalistas sejam úteis, são necessários dados experimentais, a fim de verificar essa hipótese de maneira mais sistemática. O presente estudo, uma tentativa de verificar a situação de entendimento de uma criança surda de concordância verbal em HKSL a partir de procedimentos experimentais baseados em apenas um verbo, é um tanto exploratório. Os autores evidenciam a necessidade de se investigar um número maior de verbos de concordância, com uma metodologia experimental mais refinada.

## Convenções Notacionais

1. Os sinais são glosados em caixa alta com as traduções portuguesas mais aproximadas. Os sinais que exigem mais de uma palavra na tradução para o português são ligados por hífen (por exemplo: BEBER\_LEITE).
2. A marcação de concordância é glosada como 1 (primeira pessoa gramatical), 2

(segunda pessoa gramatical) e 3 (terceira pessoa gramatical). Se um verbo de concordância é marcado tanto para concordância de sujeito-verbo, como para concordância de verbo-objeto, o verbo é glosado como 1-DAR-3, 1-DAR-2 ou 3-DAR-1. Se um verbo de concordância é marcado apenas para a concordância verbo-objeto, o sinal é glosado como 0-DAR-3. Localizações às quais os verbos de concordância são direcionados são representadas com i, j e m. A produção de Chun-chun de direcionalidade não-adulta é representada como k e p.



3. Os predicados classificadores são glosados como CL: descrição dos predicados classificadores.
4. Argumentos nulos permitidos por concordância verbal são glosados como *pro* e argumentos nulos permitidos por tópico de discurso são glosados como *e*.

## Referências

BAHAN, B. **Non-manual realization of agreement in American Sign Language**. Tese de Doutorado - Boston University, 1996.

BOGAERDE, B. V.; Baker, A. E. Verbs in the language production of one deaf and one hearing child of deaf parents. Pôster apresentado no **5th International Conference on Theoretical Issues on Sign Language Research**, September 1996, Montreal, Canadá, 1996.

CASEY, S. Relationships between gestures and signed languages: Indicating participants in actions. Artigo não publicado apresentado no **7th International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research**, Amsterdam, Holanda, 2000.

CORBETT, G. G. Agreement in Slavic. **Workshop on Comparative Slavic Morphosyntax**. Indiana University, 1998.

CORMIER, K. **Grammaticization of Indexic Signs: How American Sign Language Expresses Numerosity**. Tese de Doutorado - University of Texas, Austin, 2002.

CROFT, W. Agreement vs case marking and direct objects. In: BARLOW, M.; Ferguson, C. A. (Orgs.). **Agreement in Natural Language: Approach, Theories, Descriptions**. Stanford: CSLI, p. 159-179, 1998.

DEEN, K. U. Subject Agreement in Nairobi Swahili. In: MUGANE, J. et al. (Orgs.). **Trabalhos selecionados do 35th Annual Conference on African Linguistics**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings, p. 225-233, 2006.

FISCHER, S. The deaf child's acquisition of verb inflection in American Sign Language. Artigo apresentado no **Annual Meeting of the Linguistic Society of America**, San Diego, 1973.

FISCHER, S.; GOUGH, B. Verbs in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 7, p. 17-48, 1978.

GUASTI, M. T. **Language Acquisition: The Growth of Grammar**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2002.

HYAMS, N.; WEXLER, K. On the Grammatical Basis of Null Subjects in Child Language. **Linguistic Inquiry**, v. 24:3, p. 421-459, 1993.

- KIBRIK, A. E. Archi. In: SMEETS, R. (Orgs.). **Indigenous Languages of the Causasus**. v. 3, p. 297-365, 1993.
- LAM, S. W. **Verb agreement in Hong Kong Sign Language**. Dissertação de Mestrado. - The Chinese University of Hong Kong, 2003.
- LAM, S. W. Null Arguments in Hong Kong Sign Language. Artigo apresentado no **Annual Research Forum, Linguistic Society of Hong Kong**, 12<sup>th</sup> Dec 2004. The Chinese University of Hong Kong, 2004.
- LIDDELL, S. K. Indicating verbs and pronouns: pointing away from agreement. In: EMMOREY, K.; LANE, H. (Orgs.). **The Signs of Language Revisited: An Anthology to Honor Ursula Bellugi and Edward Klima**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000, p. 303-320.
- LILLO-MARTIN, D. Universal Grammar and American Sign Language: Setting the Null Argument Parameters. **Studies in Theoretical Psycholinguistics**, Dordrecht: Kluwer, 1991.
- LILLO-MARTIN, D. Where are all the modality effects? In: MEIER, R.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (Orgs.). **Modality and Structure in Signed Language and Spoken Language**. Cambridge University Press, 2002, p. 241-262.
- LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M. The Structure and Acquisition of Focus in American Sign Language and Brazilian Sign Language. Apresentado no **TISLR VIII**, Barcelona, 2004.
- LILLO-MARTIN, D.; Quadros, R. M.; MATHUR, G.; BECK, S. The Acquisition of Verbal Subcategories in ASL and LSB. Artigo apresentado no Workshop sobre **Asian Linguistics**, Nanfan University, Nagoya, December 3, 2005.
- LOEW, R. C. **Roles and reference in American Sign Language: A developmental perspective**. Tese de Doutorado não publicada - University of Minnesota, 1983.
- LUST, B. **Child Language: Acquisition and Growth**. Cambridge, Cambridge University Press, 2006.
- MEIER, R. P. **Icons, analogues, and morphemes: the acquisition of verb agreement in ASL**. Tese de Doutorado - University of California, San Diego, 1982.
- MEIER, R. P. The acquisition of verb agreement: pointing out arguments for the linguistic status of agreement in signed languages. In: MORGAN, G.; WOLL, B. (Orgs.). **Current Developments in the Study of Signed Language Acquisition**. Amsterdam: John Benjamins, 2002, p. 115-141.
- MEIR, I. A Cross-modality perspective on verb agreement. In: **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 20(2), p. 413-450, 2002.
- MORFORD, J. P. Grammatical development in adolescent first-language learners. In: **Linguistics**, v. 41, p. 687-721, 2003.
- MORGAN, G. Discourse cohesion in sign and speech. In: **International Journal of Bilingualism**, 4. p. 279-300, 2000.
- MORGAN, G.; BARRIERE, I.; WOLL, B. The influence of typology and modality on the acquisition of verb agreement morphology. In: **British Sign Language. First Language**, v. 26, p.19-43, 2006.
- MURAVYOVA, I. A. Chukchee. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. (Orgs.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, 1998, p. 521-538.
- NEIDLE, C.; KEGL, J.; MacLAUGHLIN, D.; BAHAN, B. **The Syntax of American Sign Language: Functional Categories and Hierarchical Structure**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000.
- PADDEN, C. A. **Interactions of Morphology and Syntax in American Sign Language: Outstanding Dissertations in Linguistics**. New York: Garland, 1988. (Originalmente distribuída como Tese de Doutorado), University of California, San Diego.
- PIZZUTO, J. E. The development of Italian Sign Language (LIS) in deaf preschoolers. In: MORGAN, G.; WOLL, B. (Orgs.). **Directions in sign**

**language acquisition. Trends in Language Acquisition Research**, v. 2. p.77-114, 2002.

RATHMANN, C. & MATHUR, G. *Is verb agreement the same cross-modally?* In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (Orgs.).

**Modality and Structure in Signed and Spoken Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 370-404.

QUADROS, R. M. Aspectos da sintaxe e da aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Syntactic aspects in the acquisition of Brazilian Sign Language). **Letras-de-Hoje**, v. 32 (4), p. 125-146, 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D. Gesture and acquisition of verb agreement in sign languages. Artigo apresentado no congresso **Boston University Conference on Language Development**. Boston, Massachusetts. November, 2006.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and Linguistic Universals**. Cambridge University Press, 2006.

TANG, G. W. L.; SZE, Y. B. Nominal Expressions in Hong Kong Sign Language: Does Modality

Makes a Difference? In: MEIER, Richard P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (Orgs.). **Modality and Structure in Signed and Spoken Languages**. Cambridge, United Kingdom, 2002.

TANG, G. Classifiers of Hong Kong Sign Language: Conflation and Lexicalization. In: EMMOREY, K. (Org.). **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum and Associates, 2006.

TANG, G.; SZE, F.; LAM, S. Acquisition of simultaneous constructions by deaf children of HKSL. In: VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; CRASBORN, O. (Orgs.). **Simultaneity in Signed Languages Form and function**. John Benjamins Publishing Company, 2006, p.317-335.

THOMPSON, R.; Emmorey, K.; Kluender, R. The Relationship between Eye Gaze and Verb Agreement in American Sign Language: An Eye-Tracking Study. In: **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 24.2, p.571-604, 2006.

WEXLER, K. Optional Infinitives, head movement and economy of derivation. In: HORNSTEIN, N.; LIGHTFOOT, D. (Orgs.). **Verb Movement**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p.305-382.



# Aquisição bilíngüe da Língua de Sinais Alemã e do alemão escrito: ausência de sincronia no desenvolvimento e contato com a língua<sup>1</sup>

Carolina Plaza Pust

J. W. Goethe Universitaet Frankfurt am Main

Knut Weinmeister

Humboldt-Universitaet zu Berlin

Estudos sobre a aquisição e o uso de duas ou mais línguas mostram que a mente humana é bem equipada para lidar com situações de contato e mostram também que indivíduos bilíngües exploram habilidosamente seus recursos lingüísticos (Auer 1998; Muysken 2004; Myers-Scotton 2002; Tracy 1996, 12). Enquanto fenômenos de contato de linguagem, como por exemplo, a alternância de códigos ou a mistura de elementos de duas línguas distintas na produção de bilíngües são frequentemente considerados como evidência de confusão lingüística, há, atualmente, um consenso na área da pesquisa em bilingüismo de que esses fenômenos refletem uma interação sofisticada entre duas gramáticas distintas durante a produção de falantes/sinalizantes bilíngües. No campo da lingüística evolutiva, o estudo de fenômenos de contato de linguagem na produção de *aprendizes* bilíngües permite investigações futuras sobre as estruturas disponíveis e sobre a consciência metalingüística de seu bilingüismo (cf. Lanza 1997, Tracy & Gawlitzek-Maiwald 2000 entre outros).

Nos estudos em bilingüismo em sinais, há um consenso geral sobre os efeitos posi-

tivos que derivam das primeiras exposições à língua de sinais para a aquisição do letramento de jovens sinalizantes surdos de acordo com a Teoria da Interdependência de Cummin (Dubuisson *et al.*, no prelo, Hoffmeister 2000, Niederberger, no prelo, Strong & Prinz 2000; para uma forte crítica sobre esse modelo vide Mayer & Wells 1996). Entretanto, poucos estudos foram dedicados à investigação da interação das duas línguas no nível gramatical. Teorias sobre aquisição de segunda língua e bilingüismo vêm sendo refinadas nestas três últimas décadas e elas vêm trazendo novas perspectivas sobre o assunto. Se, como é pressuposta, a mistura de línguas ocorre como um fenômeno limitado ao desenvolvimento que afeta propriedades lingüísticas específicas durante fases específicas no desenvolvimento bilíngüe de duas línguas faladas, levanta-se a questão em relação a esse fenômeno também interferir na aquisição de um par de línguas de modalidades diferentes. Para responder a essa questão, investigamos o papel do contato de linguagem na aquisição bilíngüe da Língua de Sinais Alemã (DGS) e alemão escrito por alunos surdos no pro-

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Elaine Espíndola, Thiago Blanch Pires, Carolina Vidal Ferreira.

grama de educação bilíngüe de Berlim. Este estudo é parte integrante de uma ampla investigação longitudinal no desenvolvimento bilíngüe de tais alunos.

Este artigo está organizado da seguinte maneira. Começaremos observando o bilingüismo e o contato de linguagem em termos gerais antes de sintetizar as principais suposições acerca da mistura de línguas na aquisição bilíngüe de duas línguas faladas. Após essa sessão, haverá uma breve apresentação do presente estudo e dos participantes do programa de educação bilíngüe de Berlim. Na sequência, analisaremos os resultados obtidos. A sessão de análise é dividida em duas partes: a primeira é dedicada ao desenvolvimento do DGS, a segunda, ao desenvolvimento alemão escrito. A respeito do fenômeno de contato de linguagem nas narrativas sinalizadas e escritas, procuraremos determinar o que apresenta mistura de línguas e se a mistura é limitada pelo desenvolvimento (i.e. há mudanças no decorrer do tempo?). Finalmente, sintetizaremos as principais conclusões que podem ser tiradas com base nas evidências coletadas. Em seguida, esboçaremos brevemente algumas questões que ainda precisam ser resolvidas em estudos futuros.

## 1. Bilingüismo e contato com a língua

São abundantes os mitos em relação ao suposto status “excepcional” do bilingüismo e seus potenciais efeitos negativos nas capacidades lingüísticas e cognitivas de bilíngües. Ironicamente, esses mitos se mantêm, mesmo com o fato conhecido de que o bilingüismo e não o monolingüismo constitui a norma mundial, (cf. Ann, 2001; Baker, 2001; Grosjean, 1982; Romaine, 1996; Siguán, 2001). Na realidade, segundo estimativas atuais, existem

aproximadamente de 5000 a 6000 línguas no mundo e aproximadamente 200 estados independentes. Mesmo que as línguas não estejam distribuídas igualmente entre os estados, é possível afirmar que a maioria da população mundial utiliza duas ou mais línguas no dia-a-dia.

Se os indivíduos bilíngües escolhem uma língua e não a outra, ou uma combinação das duas, isso depende de diversos fatores, como por exemplo, os próprios interlocutores, o conhecimento das línguas, a situação, o assunto da conversa e a função da interação lingüística (cf. Fontana 1999; Grosjean 1982, 1992, 1998a, 1998b, Romaine 1996; Winford 2003). O mesmo ocorre com sinalizantes bilíngües, embora limitações na percepção e produção da língua falada condicionem a escolha da língua base.

A respeito do fenômeno de contato de linguagem, a maior parte das pesquisas foi dedicada à investigação das situações em que duas línguas faladas estão em contato. Entretanto, estudos sobre a produção de língua por sinalizantes bilíngües nos forneceram evidências intrigantes a respeito da complexidade do fenômeno *intermodal*, isto é, fenômenos de contato que envolvem duas línguas de diferentes modalidades, ex. uma língua sinalizada e uma língua falada (Boyes Braem & Sutton-Spence 2001; Brentari 2001; Emmorey *et al.* 2003; Kuntze 2000; Lucas 1989). É importante ressaltar que essas situações de contato envolvem língua falada e escrita, sistemas de sinais artificiais e o uso de alfabeto manual (soletração manual)

Enquanto a possibilidade de uma produção simultânea de elementos manuais e falados como nos exemplos (cf. (1 e 2)) certamente estabelecem uma diferença importante com relação às expressões faladas misturadas, a extensão dos fenômenos de contato obser-

vados e as funções que elas podem realizar revelam semelhanças importantes em relação a outras situações de contato (para uma discussão mais detalhada ver Plaza Pust 2005).

(1)

DSGS*	<sub>3</sub> SAGEN <sub>1</sub>	BITTE	RUHIG	BLEIBEN
<i>movimento da boca</i>	Sagen	bitte	bleibe	ruhig

\*(Deutschschweizerische Gebärdensprache, *Língua de Sinais Suíço-Alemã*)

<i>Glosa em inglês para o componente manual</i>	<sub>3</sub> SAY <sub>1</sub>	PLEASE	QUIET	STAY
<i>Tradução dos movimentos da boca</i>	Say	please	stay	quiet

(Boyes Braem 2001: 104)

(2)

soletração manual	N-I
movimento da boca	<i>Providência Social</i>

(Brennan 2001: 73)

### 1.1. O que revela o estudo dos fenômenos de contato intermodal?

Em primeiro lugar, torna-se aparente que, no nível descritivo, os fenômenos de contato envolvem diferentes elementos lingüísticos (incluindo características abstratas, itens lexicais, orações) e níveis lingüísticos diferentes (variando a partir do léxico em direção ao nível mais abstrato morfossintático). Conseqüentemente nos parece que, assim como em outras situações de contato entre duas línguas orais, existem diferentes graus de integração de conhecimento lingüístico (Brentari & Padden 2001). A extensão dos fenômenos de contato é geralmente conhecida como “continuum de contato”. Em segundo lugar, fenômenos de contato de linguagem intermodal, como, por exemplo, a mistura intermodal de línguas, também refletem fatores sociais que determinam o uso da língua por sinalizantes bilíngües. Devido à situação

sócio-política das línguas de sinais e das comunidades surdas, fenômenos intermodais de contato têm sido alvo de debate polêmico, sobretudo no que diz respeito à mudança de língua em línguas de sinais que possam vir a ser influenciadas pela maioria das línguas (línguas faladas) (Turner 1995).

No nível de sinalizantes individuais, evidências coletadas sugerem que sinalizantes bilíngües usam mudança de código e outros tipos de mistura de línguas como recurso adicional em situações específicas de comunicação. De fato, a alternância de códigos ou expressões misturadas pode ser utilizada para funções comunicativas específicas, como, por exemplo, sinalizar distância ao interlocutor ou a provisão de uma clarificação (Brennan 2001, Lucas & Valli 1989).

Por fim, em relação à organização do conhecimento multilíngüe, fenômenos de contato fornecem evidências de interações de língua ao longo das diferentes modalidades de expressão, (Emmorey *et al.* 2003) o que nos leva à questão sobre os fenômenos de contato de linguagem no desenvolvimento bilíngüe de aprendizes surdos.

Atualmente, pouco se conhece sobre a interação em potencial das duas línguas em nível gramatical. Estudos conduzidos com alunos surdos de educação bilíngüe em Hamburgo ainda constituem uma exceção (Günther 1999; Günther & George 1999; Günther *et al.* 2004; Schäfke 2005, cf. também Leuninger *et al.* 2003 e Vorköper 2005 para uma discussão sobre transferência de linguagem na língua escrita de um sinalizante nativo). Embora os estudos citados acima não cheguem a mencionar o aspecto formal das línguas do aprendiz, os dados coletados no presente estudo forneceram evidência de um papel pioneiro da DGS refletido nos empréstimos temporários dessa língua para a língua

escrita. Esses resultados são compatíveis com as hipóteses atuais sobre os fenômenos de contato de linguagem nas áreas de aquisição de segunda língua por crianças e adultos sintetizados na sessão seguinte.

## 2. Contato com a língua na aquisição de segunda língua por crianças e adultos bilíngües

Uma das principais conclusões que podem ser tiradas com base nas evidências coletadas durante mais de duas décadas de pesquisa é que a habilidade da linguagem é equipada para lidar com o desenvolvimento de duas ou mais línguas. Bilingüismo *per se* não afeta negativamente o desenvolvimento infantil (Tracy & Gawlitzek-Maiwald 2000).

Outro tópico que tem se estabelecido nos últimos anos é a questão da separação ou fusão dos dois sistemas lingüísticos no decorrer do desenvolvimento bilíngüe (*hipótese de um sistema versus hipótese da separação*, Meisel 1989). Após um debate de longa data, a evidência atual indica que ambas as línguas se desenvolvem primeira e separadamente. A suposição é baseada na seguinte evidência. No nível pragmático, crianças são capazes de escolher a língua apropriadamente de acordo com seu interlocutor já aos 2 anos de idade (Lanza 1997). No nível gramatical, estudos revelam que crianças desenvolvem dois sistemas gramaticais distintos. Estudos longitudinais na aquisição de diversos pares de línguas (cf. De Houwer 1995 para holandês-inglês; Genesee 2002 para francês-inglês; Lanza 1997 para norueguês-inglês; Meisel 1989, 1994, 2004 para alemão-francês e Tracy 1994/5 para crianças bilíngües de inglês-alemão) demonstram que o “decorrer do desenvolvimento de cada língua em crianças bilíngües

não difere qualitativamente da aquisição de linguagem por monolíngües” (Meisel 2004: 100; cf. Petitto *et al* 2001; Petitto & Holowka 2002 a respeito da aquisição bilíngüe da LSQ [Língua de Sinais Quebequense, *Langue des Signes Québécoise*]-Francês em crianças ou vintes).

A suposição de um desenvolvimento separado das duas línguas, entretanto, não exclui a possibilidade de haver interação entre elas no decorrer do desenvolvimento bilíngüe. Segundo as suposições propostas, aprendizes podem “potencializar os seus recursos disponíveis” e usar mistura de línguas como uma estratégia de escape no decorrer do desenvolvimento bilíngüe (Gawlitzek-Maiwald & Tracy 1996, Hulk & Müller 2000, Genesee 2002, Müller *et al.* 2002). Para ilustrar o que queremos dizer com “potencializar os seus recursos disponíveis”, observaremos dois exemplos de enunciados misturados na produção de uma criança e de um aprendiz adulto respectivamente. O primeiro exemplo (cf. (3)) trata-se de uma enunciação de uma criança bilíngüe de inglês-alemão, Hannah, relatado por Tracy e Gawlitzek-Maiwald (2000: 524):

- (3) ich hab ge-climbed  
I have PAST-PART.  
Eu tenho PASSADO PART.

O que é interessante é que essa enunciação que contém itens lexicais em inglês e alemão reflete as competências da criança nas duas línguas no momento. A estrutura em inglês disponível para ela era uma simples frase verbal, enquanto estruturas gramaticais mais sofisticadas (i.e. construções com verbos modais e auxiliares) já estavam disponíveis em alemão. A enunciação misturada mostra, portanto, como a criança “potencializa

os seus recursos disponíveis” convergindo as duas estruturas. É interessante notar que a frequência desse tipo de mistura diminui após a aquisição dos modais e auxiliares em inglês pela criança.

Empréstimo estrutural em (1) é facilmente detectado porque a criança utiliza material lexical das duas línguas. Entretanto, mistura de línguas pode não envolver todos os componentes lingüísticos (*continuum de contato*) como é aparente no exemplo (cf. (4)), uma enunciação de um aprendiz italiano adulto de alemão como segunda língua (L2).

- (4) aber ich brauch vergessen meine sprache für lernen die deutsch  
but I need to-forget my language for learn the German  
mas eu preciso esquecer minha língua para aprender o alemão

Observe que a enunciação não contém somente itens lexicais em alemão, mas envolve empréstimos da ordem de palavras do italiano (SVO) (na língua alemã alvo, o objeto apareceria como parte do grupo verbal).

Enquanto os empréstimos estruturais constituem uma estratégia útil na aquisição de segunda língua na medida em que o aprendiz pode recorrer à estrutura disponível em sua L1 no processo de construção de estrutura da L2, ele se depara com a tarefa de reestruturar a sua gramática, em direção à língua alvo. É importante ressaltar que a reorganização da gramática da L2 é, tipicamente, refletida na produção alternativa das propriedades da língua-alvo (L2) e das propriedades que diferem da língua alvo (L1), antecedente à implementação da opção da língua-alvo. Os exemplos (cf. (5 e 6)) ilustram esse tipo de variação intra-individual produzido pelo

aprendiz italiano de alemão como L2 na mesma coleta de dados. Esses exemplos ilustram a coexistência de opções alternativas relativas à ordem verbo-complemento (VO-OV).

- (5) oweh wir haben schon gehabt viele fragen  
*oh-dear we have already had many questions*  
“Oh dear, we had many questions already”.  
“Oh querid@, nós já tivemos muitas dúvidas”.
- (6) in akzehn jahren hast du nicht gute freunde gehabt  
*in eighteen years have you not good friends had*  
“For eighteen years you did not have good friends”.  
“Por dezoito anos você não teve bons amigos”.  
(Plaza Pust 2000, 183)

Observe-se, ainda, que esses “estágios caóticos” na organização das gramáticas do aprendiz foram observados na aquisição de segunda língua e também na aquisição da linguagem por crianças monolíngües e bilíngües (cf. Plaza Pust 2000, Karpf 1990, 1993, Zangl 1998 para aquisição de segunda língua e Hohenberger 2002 para aquisição de linguagem monolíngüe).

### 2.1 O que nos revelam as produções de aprendizes com mistura de línguas?

As evidências coletadas em pesquisas sobre desenvolvimento bilíngüe de duas línguas faladas de variados tipos nos permitem chegar às seguintes conclusões relativas aos fenômenos de contato de linguagem. Em primeiro lugar, a evidência de mistura de línguas em produções de aprendizes mostra que eles



potencializam os seus recursos disponíveis. De forma crucial, a combinação sofisticada de duas gramáticas distintas em expressões misturadas indica que bilíngües sabem, em virtude de sua capacidade lingüística inata (isto é, UG – Universal Grammar - *gramática universal*) que as gramáticas são parecidas de formas fundamentais.

Em segundo lugar, as evidências coletadas indicam que mistura de línguas no desenvolvimento bilíngüe muda ao longo do tempo. Mistura de línguas ocorre predominantemente durante fases específicas do desenvolvimento bilíngüe, especificamente, durante fases de reorganização. Além disso, aprendizes podem recorrer a empréstimos lexicais e estruturais no caso de uma ausência de sincronia no desenvolvimento entre as duas línguas. Na medida em que a língua avança, ela pode responder pela função pioneira em termos de “desencadeamento bilíngüe” (Gawlitzek-Maiwald & Tracy 1996). Os dados também mostram que uma vez que as estruturas da língua-alvo estão estabelecidas, a mistura de línguas pode servir para outras funções, por exemplo, funções pragmáticas (mudança de códigos). Os dois aspectos são relevantes para nosso entendimento da razão pela qual a mistura de línguas do aprendiz afeta propriedades específicas em determinados pontos do desenvolvimento lingüístico.

## 2.2. Aquisição da L1 DGS e L2 alemão escrito: Hipótese

A aquisição bilíngüe do DGS e do alemão escrito envolve duas linguagens que diferem em modalidade de expressão levando a questionar se os processos similares como os descritos acima também apresentam a mesma situação de aquisição.

Há a suposição de que a diferença de modalidade serve como um sinal não-ambíguo para uma forte separação das duas línguas desde o princípio. Seguindo essa suposição, não se espera nenhum fenômeno de contato nos dados do aprendiz.

Alternativamente, pode-se supor que aprendizes de uma língua sinalizada e de uma língua escrita têm conhecimento a respeito das equivalências entre as línguas em nível abstrato e, como outros aprendizes, utilizam seus recursos lingüísticos no decorrer de seu desenvolvimento.

Conforme mencionado, os estudos sobre o programa piloto de educação bilíngüe forneceram evidências comprovando as suposições de que a mistura de línguas intermodais na produção escrita de alunos surdos bilíngües é limitada no desenvolvimento: a frequência total de mistura de línguas encontrada foi baixa e os autores ressaltaram que a incidência de mistura diminuiu conforme os aprendizes avançavam na aquisição da língua-alvo escrita L2. Com base nos resultados apontados, parece-nos plausível supor que a diferença da modalidade de expressão não leva os aprendizes a entender que estão lidando com sistemas completamente diferentes.

Em relação à separação de línguas no desenvolvimento bilíngüe bimodal, parece-nos plausível supor que a diferença de modalidade funciona como um sinal *adicional* para a diferenciação das línguas envolvidas, assim como a diferenciação de pessoa no caso dos pais adotarem o chamado princípio de parceiro (também “princípio de linguagem uma pessoa-uma) como política de língua da família ou o domínio de uso específico das línguas”.

Considerando os pontos mencionados, focaremos a atenção no nosso estudo a respeito da aquisição bilíngüe de aprendizes surdos.

### 3. O estudo

O presente estudo é parte integrante de uma ampla investigação longitudinal da aquisição bilíngüe de DGS e alemão escrito por alunos surdos do programa de educação bilíngüe de Berlim.

#### 3.1. Aspectos relevantes do programa bilíngüe

Todos os participantes são alunos do Programa de Educação Bilíngüe de Berlim alocado em uma escola especial para surdos, sediado em Berlim. As crianças são instruídas em DGS por um professor deficiente auditivo e em alemão falado e sinalizado por um professor ouvinte. Nesse programa, o método da equipe bilíngüe é aplicado. As crianças são ensinadas por 02 professores presentes na sala de aula durante 15 horas por semana. Além disso, DGS e Estudos Surdos são ensinados como disciplinas distintas.

#### 3.2. Os participantes

Nove alunos participam neste programa: 5 meninos e 4 meninas. Todos os participantes são filhos de pais ouvintes. Dois meninos com problemas adicionais de aprendizagem não foram incluídos no presente estudo. Uma menina deixou a escola em abril de 2005. As informações relativas à faixa etária das crianças durante a época de matrícula em instituições educacionais (jardim de infância, pré-escola e programa bilíngüe), as línguas francas ou os sistemas comunicativos usados nas instituições e a(s) língua(s) utilizada(s) em casa estão disponíveis na Ta-

bela 1. Como podemos observar, a idade das crianças no início do programa bilíngüe (1º ano do ensino primário) varia de 6-7 anos. Algumas delas foram para o jardim de infância, onde tanto o alemão sinalizado (i.e. LBG, *Lautsprachbegleitendes Gebärden*) ou DGS era usado como língua franca. Com exceção de Lilli, todas as crianças frequentaram a pré-escola que é alocada na escola do programa bilíngüe, onde a língua franca é DGS. Em relação às suas línguas caseiras, podemos observar que algumas crianças vêm de contexto não-germânico (por exemplo, árabe, turco). Alguns pais aprenderam DGS ou alemão sinalizado e depois utilizaram na comunicação com seus filhos. Duas crianças possuem irmãos surdos ou irmãs surdas.

	jardim de infância (língua franca)*	Pré-escola (língua franca: DGS**)	Ensino Fundamental / programa bilíngüe	Língua(s) caseira(s)
Hamida	3 (LBG)	4;02	07;00	Árabe, alemão (pais usam alemão nas interações com Hamida) (Hamida possui dois irmãos ou irmãs surdas)
Muhammed	2,5 (DGS)	3;02	06;02	Turco, sinal-caseiro
Simon	4 ***	4;04	07;04	LUG com a mãe e DGS com a irmã deficiente auditiva
Lilli	2 (DGS, LBG)		06;03	LBG e DGS com a mãe e irmã
Maria	2 (DGS, LBG)	6;05	07;07	Alemão, DGS e LBG com a mãe
Christa		3;00	06;00	DGS, LBG, alemão
Fuad	2;2 ***	4;11	07;03	Farsi, alemão (Um CI foi implantado em Fuad aos 3;7 anos de idade)

(\*em anos, \*\*LBG usado em atividades específicas, \*\*\*não há informação sobre a língua franca)

Tabela 1. Perfil dos participantes

### 3.3. Método

A coleta de dados iniciou-se em maio de 2004 e continuará até o verão de 2007. As gravações são agendadas a cada 5-6 meses. Narrativas sinalizadas e escritas são obtidas com base na história pictórica “Frog, where are you?” (“Sapo, cadê você?”) (Mayer 1969) a qual tem sido utilizada em vários estudos interlingüísticos sobre desenvolvimento de narrativa (Berman & Slobin 1994; Strömquist & Verhoeven 2004; Morgan 2006).

Em nossa investigação longitudinal, analisamos o desenvolvimento bilíngüe das crianças em diferentes níveis lingüísticos, isto é, nos níveis narrativo, morfossintático e lexical. Todos os dados são submetidos a um banco de dados que permite a análise da frequência de erro e distribuição (incluindo desvios nos níveis lexical, morfológico e sintático).

O presente estudo abrange as narrativas sinalizadas gravadas nos arquivos 1-3 e as narrativas escritas nos arquivos 1-5. Nesta análise, o foco é o desenvolvimento em níveis de morfologia e sintaxe, com o objetivo de responder às seguintes perguntas: (1) as narrativas contêm evidências de mistura de línguas? (2) quais são as propriedades lingüísticas afetadas? (3) a mistura de línguas muda com o passar do tempo?

Para esse fim, estabelecemos perfis desenvolvimentais para cada participante, os quais contêm informação sobre o trajeto do desenvolvimento em cada língua e o grau de variação encontrado, incluindo fenômenos de contato (para uma discussão detalhada sobre os dados da língua escrita, ver Plaza Pust, no prelo). A análise qualitativa dos dados é baseada em: (a) um quadro descritivo do contraste das propriedades gramaticais do DGS e do alemão; e (b) um quadro descritivo

sobre os marcos desenvolvimentais. Ambos serão brevemente mencionados nas sessões a seguir.

### 3.4. DGS – ALEMÃO: Esboço das áreas de contraste mais relevantes

A seguinte descrição das áreas de contraste entre DGS e alemão não é abrangente, mas restrita às áreas mais relevantes para o entendimento apropriado dos resultados discutidos a seguir.

*Ordem das palavras:* A ordem básica das palavras em DGS é SOV (cf. (7)) (Hänel 2005; Happ & Vorköper 2005; Pfau 2001). Os tipos de sentença são determinados pelo uso dos componentes não-manuais. Com exceção da posição final do verbo, a ordem dos outros constituintes da sentença pode variar segundo várias exigências gramaticais e espaciais, como por exemplo, o princípio figura-fundo (cf. (8)), ou outras exigências discursivas.

- (7) FRAU KUCHEN SÜSS BACK  
WOMAN CAKE SWEET BAKE  
“The woman bakes a sweet cake”.  
“A mulher cozinha um bolo doce”.  
(Happ & Vorköper 2006: 85)
- (8) WAND<sub>i</sub>JACKE ICH HÄNG\_AN<sub>i</sub>  
WALL<sub>i</sub>JACKET I HANG\_ON<sub>i</sub>  
“I hang the jacket on the wall”.  
“Eu penduro a jaqueta na parede.”  
(Leuninger 2000, 238)

A língua alemã é uma segunda língua verbal (V2). O verbo de finitude obrigatoriamente aparece em segunda posição nas orações principais (cf. (9)) e (cf. (10)). O alemão instancia o núcleo-final (opção OV) no nível da ordem do complemento verbal.

Formas verbais sem finitude (participios, infinitivos, prefixos separáveis) aparecem em posição final na sentença (cf. (9)) (para uma discussão mais detalhada sobre a descrição da estrutura da sentença em alemão ver Plaza Pust 2000). Orações principais e subordinadas diferem em relação à posição do verbo de finitude. Nas orações subordinadas com complementos introduzidos, o verbo de finitude aparece na posição final da sentença (cf. (11)).

- (9) Die Frau setzt den Hut nicht auf.  
the woman puts the hat not on  
a mulher coloca o chapéu não
- (10) Gestern hat die Frau den Hut nicht aufgesetzt.  
Yesterday has the woman the hat not put-on  
Ontem tem a mulher o chapéu não colocado
- (11) (ich weiß), dass die Frau den Hut nicht aufgesetzt hat  
that the woman the hat not put-on has  
(Eu sei), que a mulher o chapéu não colocado tem

*Predicação:* Não há copula na língua DGS. A combinação do sujeito com um adjetivo predicativo ou outros complementos exige o uso de um determinante, por exemplo, DET<sub>lok</sub> (também: DORT, *there* - lá) para expressar localização (cf. (12)). O determinante DET<sub>EXISTENZ</sub> (também: DA, *lá*) é usado para expressar existência, presença ou posse (cf. (13)).

- (12) BAUM<sub>A</sub> [DET<sub>lok</sub>]<sub>AUF-A</sub> VOGEL.  
TREE<sub>A</sub> [DET<sub>loc</sub>]<sub>ON-A</sub> BIRD  
“The bird is on the tree”.  
“O pássaro está na árvore” PROFESSOR<sub>1</sub>

- (13) [DET<sub>EXISTENZ</sub>]<sub>1</sub> WÖRTERBUCH.PROFESSOR<sub>1</sub>  
[DET<sub>EXISTENCE</sub>]<sub>1</sub> DICTIONARY  
“O professor tem um dicionário”.  
(Vorköper & Happ 2006, capítulos 4 e 5)

*Morfossintaxe:* As línguas DGS e alemão são caracterizadas pela rica morfologia de flexivos. Entretanto, DGS e alemão diferem em relação ao modo de organização predominantemente linear no alemão e simultâneo, em DGS. Além disso, as duas línguas diferem em relação à informação morfológicamente codificada.

Sufixos flexivos em alemão fornecem informação sobre pessoa, número, tempo verbal e modo.

Segundo as suposições atuais, os verbos em DGS não possuem marcação evidente de tempo verbal (Happ & Vorköper 2006: 117f). Os advérbios temporais como ZUKUNFT (*futuro*), GESTERN (*ontem*), e EBEN (*agora*) são usados para expressar o tempo de um evento ou atividade. Esses advérbios sempre aparecem no início da sentença e não são repetidos no decorrer da narrativa ou diálogo. Em relação à concordância, a DGS possui distinção entre verbos simples e verbos de concordância (cf. Happ & Vorköper 2005 para uma discussão mais aprofundada). Somente os últimos possuem marcação evidente de concordância, de modo que alguns concordam somente com o objeto e outros com sujeito e objeto. Por exemplo, um verbo como GEBEN (*dar*) (cf. (14)) é um verbo de concordância de sujeito e objeto.

- (14) BUCH<sub>ICH</sub>[GEB<sub>CL</sub>]<sub>DIR</sub> (ibid.: 99)  
BOOK<sub>1</sub>[GIVE<sub>CL</sub>]<sub>YOU</sub>  
“I give a book to you”.  
“Eu dou um livro a você”. (ibid.: 99)

Em construções com verbos transitivos simples, a concordância é marcada *via* PAM (para Marcador de Concordância Pessoal), também utilizado como AUF (*em*) (cf. (15)).

- (15) HANS<sub>1</sub> MARIE<sub>2</sub> MAG  
 “Hans likes Marie”.  
 “Hans gosta de Maria.”  
 (Rathmann 2001: 182)

### 3.5 Destaques desenvolvimentais

Seguindo a suposição do desenvolvimento gradual da sintaxe, (*construção-estrutural* ou *hipótese da continuidade fraca*) (Clahsen *et al.* 1994, Fritzenschaft *et al.* 1991, Vainikka & Young-Scholten 1996) supomos que os aprendizes começam com uma estrutura mínima, que eles expandem, de acordo com evidências encontradas no *input*. Isto significa que para DGS e para o alemão, espera-se que o progresso do desenvolvimento reflita na implementação dos processos gramaticais e na expansão do padrão estrutural disponível.

Dentro do paradigma gerativo, esse desenvolvimento é geralmente descrito em relação à ausência *viz.* disponibilidade de categorias funcionais (FCs). Entretanto, devido ao fato de que a descrição das propriedades estruturais da DGS ainda esteja em andamento, nossa análise será restrita a uma diferenciação, em termos gerais, de dois estágios desenvolvimentais com relação à presença *viz.* ausência dos fenômenos gramaticais e estruturas relacionadas que foram documentadas na literatura disponível em ASL e BSL (cf. Baker *et al.* 2005: 49 para uma visão geral sobre os estágios desenvolvimentais na aquisição de línguas de sinais baseada na pesquisa sobre aquisição de ASL e outras línguas

de sinais europeias). A suposição de que esse desenvolvimento reflete a implementação das FCs é corroborada por Hänel (2005a,b), que investigou a aquisição da concordância em DGS com base no modelo de princípios e parâmetros.

A Tabela 2 esboça o desenvolvimento em DGS e alemão com relação aos processos gramaticais considerados no presente estudo.

	DGS	Alemão
Estágio I	<ul style="list-style-type: none"> <li>• estruturas elementares                             <ul style="list-style-type: none"> <li>o sem evidências de processos gramaticais</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• estruturas elementares                             <ul style="list-style-type: none"> <li>o sem evidências de processos gramaticais</li> </ul> </li> </ul>
Estágio II	<ul style="list-style-type: none"> <li>• estruturas complexas                             <ul style="list-style-type: none"> <li>o indicadores referenciais</li> <li>o concordância verbal</li> <li>o orações complexas</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• estruturas complexas                             <ul style="list-style-type: none"> <li>o movimento do verbo para uma posição mais alta / V2</li> <li>o concordância sujeito-verbo</li> <li>o orações complexas</li> </ul> </li> </ul>

**Tabela 2. Construção da estrutura no desenvolvimento da DGS e do alemão.**

*DGS*: Quanto ao desenvolvimento da língua de sinais, nossa hipótese sobre o desenvolvimento gradual da sintaxe é baseada nos estudos de Hänel (2005a, b), que se referem à aquisição de DGS e resultados obtidos em outros estudos sobre a aquisição de ASL e BSL. Os estudos demonstraram que os processos gramaticais são produtivos após uma fase inicial, na qual aprendizes, tipicamente, produzem frases curtas e isoladas (Lillo-Martin 1999). No estágio I, indicadores referenciais (pronomes) e concordância verbal não estão presentes. Aprendizes falham ao estabelecer loci espaciais e ao referir-se a eles; verbos de concordância são produzidos de forma citada (cf. Meier 2002, 2006). De fato, a maioria dos teóricos concorda que esses processos gramaticais demandam um tempo para se-



rem completamente dominados. (Morgan 2000, Morgan *et al.* 2006). Em relação ao uso de indicadores referenciais, duas fases são comumente distinguidas (seguindo um estágio inicial que carece de tais dispositivos). Durante o primeiro estágio, os indicadores referenciais são utilizados para indicar referentes presentes; num segundo momento, crianças também fazem referência a referentes não-presentes (Lillo-Martin 1999, Morgan 2000). Segundo Hänel (2005 a, b), contudo, é plausível afirmar que mecanismos gramaticais relacionados à concordância verbal estão disponíveis já no primeiro estágio, isto é, logo que as crianças usam indicadores para fazer referência a referentes presentes.

Tipicamente, a ordem das palavras não é marcada nas primeiras produções. Alguns autores já indicaram que as primeiras seqüências seguem um forte padrão de linearização; outros pesquisadores apóiam a idéia de que a ordem seja variável nesse estágio (cf. Lillo-Martin 2006 para uma discussão mais aprofundada). Curiosamente, a variação observada segue um padrão juntamente com os resultados obtidos na aquisição da língua falada. Segundo Radford (1990) e Ouhalla (1991), essa variação aparece como processo gramatical relacionado às categorias funcionais ausentes<sup>2</sup>. Além disso, estudos sobre a aquisição do alemão (Fritzenschaft *et al.* 1991, Gawlitzek-Maiwald *et al.* 1992) forneceram muitas evidências de variação entre crianças a respeito da ordem de palavras preferida.

Até então, o desenvolvimento das estruturas complexas em línguas de sinais havia

recebido relativamente pouca atenção na literatura. Alguns estudos sobre a aquisição de ASL têm focado no desenvolvimento de marcadores não-manuais em várias construções, incluindo orações condicionais e interrogativas (Reilly & Anderson 2002, Schick 2002); outros estudos foram dedicados à aquisição da mudança de referencial em situações de citação (Emmorey & Reilly 1998). Há um consenso geral com relação ao fato que as construções com marcadores não-manuais são adquiridas tardiamente. É interessante notar que antes do uso produtivo dos marcadores não-manuais nas respectivas construções, crianças produzem orações condicionais ou interrogativas com elementos lexicais (Reilly & Anderson 2002). Entretanto, como não analisamos o uso de marcadores não-manuais no presente estudo, não consideraremos esses processos gramaticais na discussão do desenvolvimento da DGS.

Até o ponto atual de nossa pesquisa, os tópicos: aquisição de outras orações complexas como construções com verbos modais e psicológicos ou pares retóricos de pergunta-resposta ainda são inexplorados.

*Língua Alemã:* Em relação à aquisição da língua alemã, as primeiras combinações de palavras dos aprendizes refletem a disponibilidade de um domínio estrutural elementar (ver Plaza Pust 2000, Vainikka & Young-Scholten 1996 para aquisição da segunda língua por adultos, Siebert-Ott 2001 para aquisição da segunda língua por crianças e Fritzenschaft *et al.* 1991, Gawlitzek-Maiwald *et al.* 1992 para a aquisição monolíngüe do

<sup>2</sup> Conforme as suposições atuais, as primeiras construções são categórico-temáticas, dessa maneira, expressam as estruturas predicado-argumento especificadas no léxico (cf. Radford 1990, Berent 1996). Como os processos gramaticais que delimitariam a ordem das palavras em gramáticas completas, não fazem o mesmo em gramáticas VP, a ordem dos elementos pode variar (Ouhalla 1991, Tracy 1991: 402f.)

alemão). A maioria dos teóricos concorda com o posicionamento de que a ordem estrutural de verbo no final é a preferida (SOV) por crianças que adquirem o alemão como língua materna, embora, conforme mencionado anteriormente, alguns pesquisadores observaram um grau mais alto de variação em outras crianças aprendizes da L1. A posição do verbo nos primeiros enunciados de crianças e adultos aprendizes de alemão como L2, pelo contrário, reflete a ordem de suas respectivas L1.

Em relação à expansão da estrutura básica, as pesquisas sobre a aquisição do alemão demonstraram que aprendizes podem escolher trajetórias ou estratégias diferentes na construção estrutural (D'Avis & Gretsch 1994, Gawlitzek-Maiwald 2003). A variação encontrada aponta para a importância de se observar as mudanças gramaticais dos aprendizes que possam resultar numa construção estrutural, isto é, a inclusão dos verbos auxiliares e modais, o estabelecimento da concordância sujeito-verbo e o levantamento de verbos de finitude deixados de lado em orações principais.

Um passo fundamental na aquisição da ordem de palavras em alemão diz respeito ao estabelecimento da relação entre as diferentes posições em que os verbos possam aparecer. A disponibilidade das posições à esquerda e à direita periférica reflete na produção das sentenças que contêm verbos modais, auxiliares ou separáveis. Em muitos aprendizes de alemão como L1, a produção das construções V2 acompanha a aquisição do paradigma da concordância e a distribuição de formas verbais de finitude ou de não-finitude como na língua-alvo no início da sentença *versus* posição final (distinção de finitude). Contudo, em alguns aprendizes, essas propriedades

gramaticais não se tornam produtivas ao mesmo tempo.

Outros destaques desenvolvimentais se referem à produção de orações subordinadas com verbos de finitude na posição final, e à formação de perguntas como na língua alvo.

#### 4. Resultados

Em termos gerais, a análise das narrativas sinalizadas e escritas das crianças surdas com educação bilíngüe sustenta a hipótese do desenvolvimento gradual da sintaxe nessa situação de aquisição bilíngüe.

É importante ressaltar que o padrão do desenvolvimento observado corresponde, grosso modo, às generalizações descritas na sessão 3.5, embora o desenvolvimento dos processos gramaticais seja atrasado para a DGS (em comparação ao desenvolvimento da criança exposta à língua de sinais desde o nascimento). Essa observação é mantida igualmente para o desenvolvimento dos alunos de alemão escrito como L2 (para uma discussão mais aprofundada ver Plaza Pust, em andamento).

Além disso, o esboço dos perfis de desenvolvimento individual para cada língua prova a variação existente no nível interindividual (participantes variam conforme o quanto avançam, o que indica que seu desenvolvimento procede em ritmo diferente) e também no nível intra-individual: a inclusão de novas propriedades gramaticais da língua-alvo não ocorre sempre com a exclusão das propriedades que diferem da língua-alvo, as quais são previamente disponíveis, podendo sofrer o efeito de opções gramaticais alternativas co-existirem temporariamente. Os conflitos resultantes da co-existência *viz.* competições de representações alternativas podem

ser supostamente uma das forças motrizes do desenvolvimento da língua (cf. Hohenberger 2002, Tracy 1991, 2002, para aquisição da linguagem na infância e Plaza Pust 2000 para aquisição da segunda língua por adultos).

Nas sessões seguintes, tentaremos determinar o que a variação intra-individual revela sobre o processo subjacente de aprendizado da língua e o papel do contato com a língua na organização do conhecimento multilíngüe. Para esse propósito, discutiremos o grau de variação, incluindo candidatos em potencial da mistura de línguas em estágios desenvolvimentais diferentes.

#### 4.1 A língua DGS

Em relação ao desenvolvimento da DGS e dos fenômenos de contato de linguagem em produções de línguas de sinais de aprendizes bilíngües, os dados revelam o seguinte: primeiro, as narrativas sinalizadas (arquivos 1-3) refletem a crescente complexidade das gramáticas dos participantes aprendizes de DGS ao longo do tempo. Segundo, uma comparação da trajetória individual do aprendiz mostra que os participantes diferem em relação ao: (a) conhecimento da DGS no início da coleta de dados e (b) quanto avançam na aquisição da DGS durante o período abrangido pelos arquivos 1-3. Terceiro, no nível da variação intra-individual, observamos que a implementação de novas propriedades da língua alvo (DGS) envolve, tipicamente, seu uso primeiramente em contextos específicos (por exemplo, indicadores referenciais são usados primeiro para fazer referência a referentes presentes antes que eles sejam usados para se fazer referência a referentes não-presentes). E finalmente, para alguns participantes, o grau de variação demonstrado nas narrativas si-

nalizadas inclui padrões sentenciais que são potenciais candidatos a serem empréstimos do alemão. Definitivamente, o tipo de construções misturadas muda à medida que os aprendizes evoluem no desenvolvimento da DGS.

##### 4.1.1 Desenvolvimento da DGS

A respeito do desenvolvimento da DGS, os dados sustentam a hipótese de que o desenvolvimento gradual de sintaxe pode ser descrito por meio de dois estágios desenvolvimentais gerais (cf. Tabela 3).

Estágio I	Estágio II
<ul style="list-style-type: none"> <li>• estruturas elementares</li> <li>- orações simples (sem orações subordinadas, sem marcação da ordem das palavras)</li> <li>- verbos simples, verbos de concordância na forma de citação</li> <li>- sem indicadores referenciais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estruturas complexas</li> <li>- orações complexas (ex. orações subordinadas)</li> <li>- verbos de concordância</li> <li>- indicadores referenciais</li> </ul>

**Tabela 3. Desenvolvimento da DGS.**

As narrativas produzidas no estágio I refletem a disponibilidade de estruturas elementares. Aprendizes tipicamente produzem orações simples sem marcação da ordem das palavras (cf. (16)). Não há evidências de construções complexas com subordinação ou seqüências retóricas de perguntas-e-respostas. Nesse estágio, os aprendizes não produzem indicadores referenciais (cf. (17)).

- (16) DANN HIRSCH CL: “läuft” DANN JUNGE CL: “fällt”  
 THEN DEER CL: “run”  
 THEN BOY CL: “fall”

“Then the deer runs, then the boy falls”.  
 “Então o veado corre, então o menino cai”.  
 Muhammed, Arquivo 1

- (17) DANN FROSCH MÖCHTE RAUS  
 DANN FROSCH NACH-HAUSE  
 THEN FROG WANT OUT THEN  
 FROG GO-HOME  
 “Then the frog wants to get out (of the  
 glass), then the frog wants to go home.”  
 “Então o sapo quer sair (do vidro), então  
 o sapo quer ir para casa.”  
 Fuad, Arquivo 1

Os dados não permitem chegar a conclusões sobre a concordância verbal nesse estágio. A produção de verbos de concordância como na língua alvo pode ser observada num estágio posterior. É interessante observar que a maioria dos participantes raramente produziu esses tipos de verbo que, por hipótese, trata-se de um efeito que pode ser atribuído às peculiaridades da estória do sapo (*frog story*) utilizada para elicitare as narrativas das crianças.

A progressão dos participantes em direção à gramática da língua-alvo (estágio II) é refletida na produção de estruturas complexas, incluindo orações subordinadas (cf. (18)) e seqüências retóricas de perguntas-e-respostas (cf. (19)). O uso de verbos de concordância é ilustrado no exemplo (cf. (20)) e o uso de indicadores referenciais no exemplo (cf. (19)).

- (18) DANN MUSS SPRING WEIL TÜR ZU  
 THEN HAVE-TO JUMP BECAUSE  
 DORR CLOSED  
 “Then (the dog) has to jump (out of the  
 window) because the door is closed.”  
 “Então (o cachorro) tem de pular (pela  
 janela) porque a porta está fechada”

- Muhammed, Arquivo 3  
 (19) DANN PLÖTZLICH WAS CLF:  
 “Glas”<sub>1</sub> IX<sub>1</sub>  
 THEN SUDDENLY WHAT  
 CLF:”glass”<sub>1</sub>  
 IXI FROSCH MÖCHTE NICHT  
 CLF:”Glas”I  
 FROG WANT NOT CLF: “glass”  
 WARUM NICHT DA WASSER  
 WHY NOT THERE WATER  
 “Then suddenly, guess what, the frog  
 doesn’t want to stay in the glass, because  
 there is no water inside”  
 “Então de repente, advinha o que, o sapo  
 não queria ficar no vidro, porque não  
 havia água dentro.”  
 Muhammed, Arquivo 3  
 (20) (RS:Hund) MÖCHTE<sub>ich</sub>-HELF<sub>du</sub>  
 (RS:dog) WANT<sub>1</sub>-HELP<sub>you</sub>  
 “I want to help you”  
 “Eu quero ajudar você”  
 Maria, Arquivo 2

#### 4.1.2. Fenômenos de contato de língua nas narrativas em DGS

Mudando o enfoque agora para as evidências dos fenômenos de contato de linguagem nas narrativas sinalizadas, podemos sintetizar os resultados de nossa análise conforme segue abaixo (para mais ilustrações a Tabela 4 fornece uma visão geral dos diferentes tipos de fenômenos de contato observados nas narrativas de Maria, Hamida, Fuad e Muhammed). Primeiro, existe variação individual no caso de aprendizes usarem ou não empréstimos estruturais e lexicais do alemão em suas narrativas sinalizadas. Segundo, a variedade de fenômenos de contato observados inclui o empréstimo da ordem das palavras do alemão (estruturas de SVO e V2 (XVS)), o uso

de copula (expressos através de um elemento sinalizado do alemão), a expressão seqüencial de relações espaciais, temporais e alternância de códigos (DGS-Alemão Sinalizado) para propósitos narrativos. Terceiro, de uma perspectiva do desenvolvimento, é possível concluir que a mistura de línguas muda ao longo do tempo (isto é, os elementos envolvidos e as funções da mistura de línguas mudam).

	Maria	Hamida	Fuad	Muhammed
Arquivo 1	---	• Copula	• Ordem das palavras V2 (ex. SVO, XVS)	---
Arquivo 2	---	• copula	• Ordem das palavras V2 (SVO)	• Ordem das palavras V2 (SVO) • alternância de código
Arquivo 3	---	---	---	• alternância de código

**Tabela 4. Fenômenos de contato de linguagem nas narrativas sinalizadas.**

Para uma participante, Maria, nenhuma evidência de fenômeno de contato de linguagem foi encontrada. Veremos abaixo que essa aluna também não produz enunciados misturados em suas narrativas escritas. É importante notar que a variação individual também foi observada na pesquisa sobre a aquisição bilíngüe de duas línguas faladas, independentemente de os aprendizes produzirem ou não enunciados misturados (Genesee 2002).

Além disso, os dados coletados também revelam que a variedade de fenômenos lexicais e sintáticos misturados muda, ao longo do tempo.

Nas narrativas de Hamida, por exemplo, evidências de mistura de copula foram encontradas, especificamente no arquivo 2, um fenômeno que não foi observado no arquivo 3. Conforme explicado na sessão 2.4 não há cópula na DGS. Exemplos como o (cf. (21))

ilustram o empréstimo de copula do alemão envolvendo o uso do sinal artificial “IS” que é parte da LBG, (isto é, alemão sinalizado) vocabulário utilizado no ensino da gramática alemã.

- (21) DA IST ZWEI FAMILIE MUTTER  
VATER FAMILIE  
THERE IS TWO FAMILY MOTHER  
FATHER FAMILY  
“There are two, a mother and a father,  
a family.”  
“Há dois, uma mãe e um pai, uma família.”  
Hamida, arquivo 2

É interessante observar que as expressões misturadas de sinais que contêm copula ocorrem tipicamente junto do advérbio THERE (LÁ) (como no caso do exemplo 21) ou com a palavra iniciada com *wh* (isto é, *WHERE IS* – Onde é), isto é, duas seqüências que são recorrentes nas narrativas escritas e são utilizadas pelas crianças como “fórmulas” durante o primeiro desenvolvimento narrativo. Além disso, observamos que a seqüência “WHERE IS (Onde é)” ocorre em situações de citação relacionadas a cenas em que o menino está chamando o sapo, o que sugere que este tipo de mistura é determinado pragmaticamente: as crianças objetivam expressar a forma de como o menino chama o sapo, e para tanto, mudam para a gramática da linguagem oral.

A análise das narrativas de Fuad revela a mistura de línguas no nível da ordem das palavras. Especialmente no arquivo 1, observamos o uso de “ordens V2” que são características do alemão (isto é, estruturas SVO, XVS) (cf. (22)). O número dessas estruturas diminui no arquivo 2. Não há evidência de mistura de línguas no arquivo 3.



- (22) DANN SCHLAF  
 JUNGE UND HUND  
 THEN SLEEP BOY AND DOG  
 “Then the boy and the dog sleep.”  
 “Então o menino e o cachorro dormem.”  
 Fuad, Arquivo 2

Finalmente, não encontramos evidências de ordem SVO ou outros tipos de mistura de línguas no arquivo 1 de Muhammed, embora no arquivo 2 ele produza algumas ordens V2 (SVO). Além disso, há alguns exemplos de alternância de código que são tipicamente produzidos em situações de citação. A sofisticação desse tipo de alternância de código utilizada para propósitos narrativos como ilustrado no exemplo (cf. (23)) em que uma seqüência em alemão sinalizado é seguida de uma seqüência em DGS incluindo soletração manual do nome do sapo.

- (23) L-A-W SAG WO IST FROSCH  
 L-A-W SAY WHERE IS FROG  
 RUF M-A-X M-A-X M-A-X  
 SHOUT M-A-X M-A-X M-A-X  
 Law says: “Where is Frog?” He shouts:  
 “Max, Max, Max”.  
 Law diz: “Onde está o Sapo?” Ele grita:  
 “Max, Max, Max”.  
 Muhammed, arquivo 2

Esse tipo de alternância de código determinada pragmaticamente continua a ser produzida no arquivo 3, no qual não observamos nenhuma outra mistura no nível da ordem das palavras.

Após essa discussão dos resultados principais relacionados ao desenvolvimento e mistura de línguas em DGS, focaremos agora no desenvolvimento do alemão escrito.

## 4.2 Língua Alemã

Em geral, a análise das produções escritas permite chegar a conclusões, em que os participantes “escalam” a estrutura gramatical, da mesma forma como outros aprendizes de alemão como L2 (para uma discussão mais aprofundada ver Plaza Pust, em impressão). Entretanto, a comparação entre os perfis desenvolvimentais revela que os participantes diferem em relação ao avanço na aquisição da L2. Além disso, no nível das gramáticas individuais do aprendiz os dados demonstram que a implementação de novas propriedades da língua alvo (L2) é geralmente precedida pela fase re-organizacional em que opções gramaticais alternativas “co-existem”.

Para alguns participantes, o grau de variação demonstrado inclui padrões senten- ciais que são potenciais candidatos a serem empréstimos da DGS.

Crucialmente, o tipo de construções misturadas muda à medida que os aprendi- zes evoluem no desenvolvimento do alemão. Isso confirma a hipótese de que a mistura de línguas é restringida pelo desenvolvimento.

### 4.2.1 O desenvolvimento do alemão escrito

Aprendizes estabelecem, primeiramente, um domínio estrutural elementar. As estruturas produzidas durante este estágio (cf. (24)) obedecem ao mesmo padrão dos formatos senten- ciais básicos de aprendizes de L1 e das construções básicas de aprendizes de L2. Isso demonstra que a tarefa de construção estru- tural é comum para aprendizes em diferentes situações de aquisição da linguagem (Diehl *et al.* 2000, Fritzenschaft *et al.* 1991, Plaza Pust 2000a, Siebert-Ott 2001, Vainikka & Young- Scholten 1996).

- (24) Paul klettern  
Paul climb  
Paul escala  
Muhammed, Arquivo 1

No arquivo 5, observamos a disponibilidade do padrão V2 na língua-alvo (cf. (25)) (observe a integração de não-sujeitos no início das sentenças no padrão V2 e da distribuição similar à língua-alvo de formas verbais de finitude e não-finitude, respectivamente, nas posições sentenciais segunda e final). Ainda nesse arquivo, Muhammed produz uma série de orações complexas, porém com a ordem das palavras de oração principal. Portanto, a reestruturação da ordem por orações subordinadas ainda persiste como uma tarefa a ser cumprida até o fim do período de coleta de dados proposto neste estudo.

- (25) Am Abend haben Max und Paul ein Frosch geschaut.  
“at the evening have Max and Paul a frog looked at”.  
“In the evening Max and Paul looked at the frog”.  
“À tardinha Max e Paul olharam para o sapo”.

Muhammed, Arquivo 5

- (26) ...weil Max wollte denken wer ist es.  
because Max wanted think who is it  
“... Max wanted to know who they are.”  
“...Max queria saber quem eles são.”

Muhammed, Arquivo 5

Como mencionado acima, a análise dos dados revela variação no nível intra-individual. Geralmente, opções gramaticais alternativas “co-existem” durante estágios de reorganização. Processos gramaticais da língua-alvo estão disponíveis (movimento do verbo para

uma posição mais alta, concordância, V2), mas não foram utilizados de um modo geral. Para alguns participantes, o grau de variação demonstrado inclui padrões sentenciais que são candidatos em potencial a serem empréstimos da DGS. Essencialmente, o tipo de construções misturadas muda à medida que os aprendizes evoluem no desenvolvimento do alemão.

A seguir, observaremos os candidatos em potencial para a mistura de línguas em estágios desenvolvimentais diferentes, previamente esquematizados.

#### 4.2.2 Mistura de línguas no nível de combinações de palavras elementares

*Exclusão de copula:* Neste estágio, os participantes produzem uma série de combinações de elementos com significado proposicional, mas sem forma verbal. Geralmente, essas combinações incluem construções predicativas que necessitam de copula como na língua-alvo, isto é, o alemão (cf. (27)).

- (27) Da ein veil Frosch  
there a many frog  
“There are many frogs.”  
“Há muitos sapos.”

Fuad, Arquivo 1

Entretanto, duas observações levaram-nos a concluir que a DGS não pode ser o fator-chave em relação à exclusão da copula nas primeiras narrativas escritas. No estágio elementar de combinações de palavras, alguns elementos podem não aparecer porque os processos gramaticais com base em regras ainda não estão consolidados. E depois, porque as evidências disponíveis a respeito de outras situações de aquisição da linguagem (em

que o alemão é a língua-alvo) mostram que a exclusão de copula também é característica de gramáticas de iniciantes. Para uma melhor ilustração do assunto, compare os exemplos (cf. (28 e 29)) produzidos por aprendizes de alemão como L1 e L2, respectivamente.

(28) da nase  
*there nose lá nariz*  
 aprendiz de L1 (Tracy 1991)

(29) Das Wasser kalt  
 the water cold  
 a água fria  
 criança aprendiz de L2 (Diehl *et al.* 2000)

*Ordem das palavras:* Outros candidatos em potencial para a mistura de línguas são as construções em que o arranjo linear dos elementos é remanescente da ordem das palavras em DGS. Por exemplo, aprendizes produzem construções em que a ordem das palavras segue o princípio figura-fundo. O empréstimo dessa propriedade gramatical da DGS é ilustrado no exemplo (cf. (30)) que inclui um verbo de finitude na posição final da sentença, como seria em DGS, e o uso do “da” para indicar um lugar, isto é, a função INDEX (ou DET-lok, geralmente traduzida como “DA”) se encaixaria em DGS.

(30) Junge deine Hand da Frosch sitzt  
 boy your hand there frog sits  
 “The frog is sitting on the boy’s hand.”  
 “O sapo está sentado na mão do menino.”  
 Hamida, Arquivo 1

Além disso, a análise dos dados revela que a mistura de línguas intermodais pode envolver relexificação dos formatos estruturais de DGS (ex. figura-fundo, SOV), e também em prestar traduções de significados complexos

de DGS que seriam *simultaneamente* expressados no espaço naquela língua. Um exemplo notável do empréstimo de uma construção classificadora de DGS foi produzido por Simon no arquivo 3 (cf. (31)). Observe a posição final na sentença da preposição “in” (in) para expressar o local do TEMA (= a cabeça).

Tais traduções intermodais servem como exemplo das adaptações lexicais e estruturais de expressões emprestadas, as quais são determinadas pelas propriedades da língua receptora, como se conhece por outras situações de contato (Winford 2003, 42ff.). Dada a predominante organização seqüencial do alemão, empréstimos intermodais envolvem a análise de construções em DGS em unidades semânticas ou papéis temáticos que são mapeados nas construções lineares dos itens lexicais em alemão. Observe-se, também, que as “contrapartes” selecionadas do alemão e produzidas pelos alunos refletem os meios lexicais e estruturais disponíveis no alemão L2 naquele momento. Em outras palavras, os enunciados misturados também fornecem clarificações sobre as propriedades lexicais e estruturais das línguas L2 do aprendiz.

(31) Der Hund Glas den Kopfen in.  
*“the dog glass the head in”*  
*“The dog puts the head into a glass”.*  
*“O cachorro coloca a cabeça dentro de um copo”.*

Simon, Arquivo 3

4.2.3 Mistura de línguas na fase de reorganização precedente a implementação de estruturas simples

*Supergeneralização de “auf”:* A transição entre o estágio de combinações de palavras elementares e o estabelecimento de uma estru-

tura de sentença simples envolve um estágio de reorganização durante o qual o processo de movimento do verbo para uma posição mais alta (*verb raising*) à esquerda periférica da sentença (INFL) torna-se disponível, porém, não efetivamente utilizado ainda. É importante lembrar que o processo de movimento do verbo para uma posição mais alta está ligado à confirmação das características relativas às relações gramaticais (concordância, marcação de caso) do verbo e seus argumentos. Observe que a marcação explícita da concordância verbal com o sujeito varia durante a coleta de dados.

Quanto à relação do verbo com seus argumentos complementares, há um aumento notável das construções com a preposição “auf” (*on*) durante esse estágio, o que inclui formas da língua-alvo e formas que diferem da língua-alvo. A supergeneralização dessa preposição para marcar a relação entre o verbo e seu complemento, está ilustrado nas seqüências produzidas por Fuad no arquivo 3.

- (32) Tom mag auf Frosch und auch Paul.  
*Tom likes on frog and also Paul*  
 “Tom likes the frog and Paul, too.”  
 “Tom gosta do sapo e Paul também.”  
 Fuad, Arquivo 3

- (33) Paul schusbe auf dem dünne Baum  
*Paul push on the thin tree*  
 “Paul pushes the thin tree.”  
 “Paul empurra a fina árvore.”  
 Fuad, Arquivo 3

Três fenômenos conspiram na aquisição do uso do “auf” como morfema livre para expressar a relação entre verbos transitivos e seus objetos, a saber: (a) o empréstimo

do PAM, comumente traduzido como AUF (*on*); (b) a análise dos componentes morfológicos de verbos de concordância em DGS e a tradução subsequente para o alemão incluindo o uso da marcação de caso da preposição “auf” (cf. (33)) e os espaços remanescentes da marcação de caso e sistemas determinantes na L2.

Apesar de uma discussão detalhada da aquisição do caso e do sistema determinante estarem fora do escopo deste estudo, vale mencionar que os dados coletados demonstram que esta área, bem como o domínio da morfologia inflexional verbal, ainda poderá ser compreendida até o final da coleta de dados. Os participantes usaram artigos, mas a escolha nos pareceu ocorrer aleatoriamente em vista dos erros relativos a caso e número. Parece-nos plausível supor que a supergeneralização do “auf” usada para expressar explicitamente a relação do verbo com seu complemento é também usada para preencher o espaço relativo à morfologia da língua-alvo. Portanto, “auf” serve à função de marcador de caso explícito, assim como a preposição “of” em inglês (compare “Poirot is envious of Miss Marple”) (“Poirot tem inveja de Miss Marple”, em que a preposição atribui caso acusativo à Miss Marple, cf. Haegeman 1994: 173)<sup>3</sup>. Além disso, como “auf” está disponível em alemão, os aprendizes são facilmente levados a marcar as relações gramaticais neste estágio. Isso está de acordo com as conclusões chegadas em outras situações de aquisição nas quais os aprendizes transpareciam essas relações temporariamente (A. Hohenberger, comunicação pessoal).

Além disso, a sobreposição parcial entre as duas línguas parece reforçar o fenômeno remanescente de outros tipos de “transferên-

<sup>3</sup> Agradecemos a A. Hohenberger por nos apontar este fato.

cia indireta” observados na área de aquisição bilíngüe de duas línguas faladas (Genesee 2002). Observe, também, que a supergeneralização do “auf” no sentido previamente mencionado foi também registrado em outro estudo sobre a aquisição do alemão escrito, por alunos surdos com educação bilíngüe em Hamburgo (cf. Schäfke 2005: 273; Günther et al 2004: 241f.). Conseqüentemente, isso permite comprovar que a hipótese de que os padrões de mistura de línguas estão relacionados aos sistemas lingüísticos que as crianças bilíngües aprendem (Genesee 2002: 187). Em outras palavras, mistura de línguas não é aleatória, mas sim, um fenômeno sistemático.

*Empréstimo lexical:* os participantes produziram uma série de orações sem verbo contendo expressões como “Angst” (medo) ou “bescheid” (informação) o que indica a mistura de línguas no nível lexical:

- (34) der junge Angst  
the boy fear  
“The boy is frightened.”  
“O menino está com medo.”  
Fuad, Arquivo 2
- (35) er bescheid auf Junge.  
he information on boy  
“He informs the boy.”  
“Ele informa o menino.”  
Christa, Arquivo 4

As duas línguas possuem elementos lexicais para expressar “to be frightened” (estar com medo) ou “to let sb. know” (deixar alguém saber). Mas a sobreposição lexical é somente parcial. Diferente da DGS, o alemão não possui um verbo para expressar os significados, para isso utiliza combinações perifrásticas de verbo-sustantivo (isto é, “Angst haben”, “Bescheid geben”). O uso de “Angst” ou “bescheid” como predicados indica, por-

tanto, o empréstimo da DGS e a ausência de expressões idiomáticas na língua-alvo.

É interessante observar que esse tipo de empréstimo lexical também foi observado nas narrativas escritas dos alunos do programa educacional bilíngüe de Hamburgo analisadas por Schäfke (2005: 271) e Günther et al (2004: 240f); compare o exemplo a seguir (cf. (36)) de uma narrativa de um participante no estudo deles, Thomas, que também faz uso da DGS. O exemplo é notável porque na palavra “Bescheid” a marca de infinitivo –en aparece e é combinada com a preposição “auf” (ibid.).

- (36) Lambert auf andere Schaf: Meine Mutter hat Wolf geklaut  
“Lambert information on other sheep: my mother has wolf stolen”  
“Lambert informação no outro ovelha: minha mãe tem lobo roubado”

#### 4.2.4 Mistura de línguas no nível de estruturas complexas

Finalmente, os dados revelam que uma vez que a estrutura-alvo do alemão está estabelecida, a mistura de línguas reduz as expressões idiomáticas encontradas na DGS.

O único tipo de propriedade gramatical misturada que continua a prevalecer é a supergeneralização do “auf”, um fenômeno que aparece previsivelmente, dada a ausência contínua da concordância verbal e de paradigmas de marcação de caso da língua-alvo.

## 5. Conclusões

O presente estudo é um breve estudo de caso. Entretanto, acreditamos que os resultados discutidos aqui trazem implicações impor-



tantes para o entendimento do bilingüismo bimodal. De fato, nossa investigação longitudinal fornece evidências de variação inter- e intra-individual a respeito do desenvolvimento bilíngüe da DGS e do alemão. Certamente pudemos observar que a variação intra-individual fornece indicações importantes sobre processos subjacentes de aprendizado da língua que “fazem o sistema desenvolver”.

Em relação à mistura de línguas é importante observar que de um modo geral, a incidência de mistura de línguas ocorrida nas produções investigadas, sinalizadas e escritas dos alunos bilíngües foi relativamente baixa. Uma participante (Maria) não apresentou mistura de línguas em DGS ou alemão. Os dados também demonstraram que a mistura de línguas é restringida pelo desenvolvimento: o tipo de construções misturadas muda à medida que os aprendizes evoluem em seu desenvolvimento da DGS e do alemão. Em termos mais gerais, podemos concluir que fenômenos de contato observados revelam como os aprendizes habilidosamente exploram os recursos lingüísticos disponíveis a eles ou elas.

Na medida em que progredem no desenvolvimento, a mistura de línguas cumpre outras funções (mudança de código).

Obviamente estamos ainda no começo de uma longa jornada, embora conclusões importantes tenham sido obtidas neste estudo. Portanto, gostaríamos de destacar três pontos que ainda precisam ser discutidos em pesquisas acadêmicas e educação de surdos.

A maioria das pesquisas disponíveis sobre o desenvolvimento bilíngüe em alunos surdos, incluindo o presente estudo, são estudos de pequena escala. Para obter-se um quadro mais abrangente, parece-nos claro a necessidade de uma coleta mais ampla de dados. O ideal seria realizar estudos qualitativos

de pequena escala complementados por estudos quantitativos maiores.

Devido ao fato de a pesquisa na área de aquisição de línguas de sinais ser, ainda, recente, concentra-se a atenção na seqüência do desenvolvimento comum. Entretanto, como se torna aparente no estudo dos fenômenos de contato com a língua, mais evidências em relação à extensão de variação intra-individual são necessárias a fim de evitar conclusões precipitadas a respeito dos erros de produções de sinalizantes bilíngües.

Portanto, é importante ressaltar que as pesquisas sobre as propriedades gramaticais das línguas de sinais ainda estão em andamento. O progresso resultante dessas pesquisas possibilitará análises mais minuciosas a respeito de áreas de contraste relevantes e desenvolvimento em línguas de sinais.

Por fim, como o bilingüismo na maioria das crianças surdas é essencialmente determinado pela educação escolar, concepções didáticas devem ser levadas em consideração, pois levam em conta a dinâmica do desenvolvimento lingüístico, incluindo o contato com a língua.

## Referências

- ANN, J. Bilingualism and language contact. In: **The Sociolinguistics of Sign Languages**, Lucas, C. (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 33-60.
- AUER, P. (ed.) **Code-switching in conversation: Language, interaction and identity**. London: Routledge. 1998.
- BAKER, C. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. Clevedon: Multilingual Matters. 2001.
- BAKER, A.; VAN DEN BOGAERDE, B. & WOLL, B. Methods and procedures in sign language ac-

- quisition studies. **Sign Language & Linguistics** 8:1/2, 2005. p. 7–58.
- BERMAN, R. A. & SLOBIN, D. I. **Relating Events in Narrative: A Crosslinguistic Developmental Study**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 1994.
- BOYES BRAEM, P. & SUTTON-SPENCE, R. **The Hands are the Head of the Mouth: The Mouth as an Articulator in Sign Languages**. Hamburg: Signum. 2001.
- BOYES BRAEM, P. Functions of the mouthings in the signing of Deaf early and late learners of Swiss German Sign Language (DSGS). In: **The Hands are the Head of the Mouth: The Mouth as an Articulator in Sign Languages**, P. Boyes Braem & R. Sutton-Spence (eds.), Hamburg: Signum. 2001. p. 99–132.
- BRENNAN, M. Making Borrowings Work in British Sign Language. In: **Foreign Vocabulary in Sign Languages. A Cross-Linguistic Investigation of Word Formation**, D. Brentari (ed.) Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 2001. p. 49–86.
- BRENTARI, D. & PADDEN, C. Native and Foreign Vocabulary in American Sign Language: A Lexicon with Multiple Origins. In: **Foreign Vocabulary in Sign Languages. A Cross-Linguistic Investigation of Word Formation**, D. Brentari, D. (ed.), Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 2001. p. 87–120.
- D’AVIS, F.-J. & GRETSCH, P. Variations on “Variation”: On the acquisition of complementisers in German. In: **How tolerant is Universal Grammar?**. R. Tracy & E. Lattey (eds.) Tübingen, Niemeyer. 1994. p. 59-110.
- DE HOUWER, A. Bilingual Language Acquisition. In: **The Handbook of Child Language**, P. Fletcher & B. MacWhinney (eds.), Oxford: Blackwell. 1995. p. 219–250.
- DIEHL, E.; CHRISTEN, H.; LEUENBERGER, S.; PELVAT, I. & STUDER, T. **Grammatikunterricht: Alles für die Katz? Untersuchungen zum Zweitspracherwerb Deutsch**. Tübingen: Niemeyer. 2000.
- DUBUISSON, C.; PARISOT, A.-M.; VERCAINGNE-MÉNARD, A. Bilingualism and Deafness: Correlations between Deaf Students’ Ability to use Space in Quebec Sign Language and Their Reading Comprehension in French. In: **Sign Bilingualism: Language Development, Interaction, and Maintenance in Sign Language Contact Situations**, C. Plaza Pust, C. & E. Morales-López (eds.). Amsterdam: John Benjamins.
- EMMOREY, K. **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 2003.
- FRITZENSCHAFT, A., GAWLITZEK-MAIWALD, I., TRACY, R.; WINKLER, S. **Wege zur komplexen Syntax. Zeitschrift für Sprachwissenschaft** 9, 1991. p. 52-134.
- GAWLITZEK-MAIWALD, I. & TRACY, R. Bilingual Bootstrapping. In: **Two Languages. Studies in Bilingual First and Second Language Development**, Müller, N. (ed.). Linguistics 34 (5): 1996. p. 901–926.
- GAWLITZEK-MAIWALD, I. “I want a chimney builden”: The acquisition of infinitival constructions in bilingual children. In: **Cross-linguistic structures in simultaneous bilingualism**, S. Döpke (ed.), Amsterdam: John Benjamins. 2000. p. 123-148.
- GAWLITZEK-MAIWALD, I.; TRACY, R. & FRITZENSCHAFT, A. Language acquisition and competing linguistic representations: the child as arbiter. In: **The acquisition of verb placement: Functional categories and V2 phenomena in language acquisition**, J. Meisel (ed.), Dordrecht: Kluwer. 1992. p. 139-179.
- GENESE, F. **Portrait of the bilingual child**. In Portraits of the L2 user, V. Cook (ed.), 2002. p. 167-196.
- GROSJEAN, F. **Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism**. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1982.
- GROSJEAN, F. Another view of bilingualism. In: **Cognitive processing in bilinguals**, R. J. Harris (ed.) Amsterdam: Elsevier. 1992. p. 51-62.

- GROSJEAN, F. Processing Mixed Language: Issues, Findings, and Models. In: **Tutorials in Bilingualism: Psycholinguistic Perspectives**, A. M. B. de Groot & J. F. Kroll (eds.) (1997), Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 1997. p. 225–254.
- GÜNTHER, K.-B. & GEORGE, E. Schriftspracherwerb und DGS – Negative oder positive Interferenz? In: **Bilingualer Unterricht mit gehörlosen Grundschulern**: Zwischenbericht zum Hamburger bilingualen Schulversuch, K.-B. Günther, A. Staab, V. Thiel-Holtz, S. Tollgref, & H. Wudtke (eds.), Hamburg: hörgeschädigte kinder. 1999. p. 103-124.
- GÜNTHER, K.-B. & SCHÄFKE, I. **Bilinguale Erziehung als Förderkonzept für gehörlose SchülerInnen**: Abschlussbericht zum Hamburger Bilingualen Schulversuch. Hamburg: Signum. 2004.
- GÜNTHER, K.-B. Einführung. In: **Bilingualer Unterricht mit gehörlosen Grundschulern**: Zwischenbericht zum Hamburger bilingualen Schulversuch, K.-B. Günther, A. Staab, V. Thiel-Holtz, S. Tollgref, & H. Wudtke (eds.), Hamburg: hörgeschädigte kinder. 1999. p. 11-22.
- GÜNTHER, K.-B. Schulversuch Bilingualer Unterricht an der Hamburger Gehörlosenschule – konzeptuelle Grundlagen und vorläufige Zwischenbilanz. In: **Gebärdensprache in Erziehung und Unterricht**, T. Kaul & C. Becker (eds.), Hamburg: hörgeschädigte kinder. 1999. p. 21-47.
- GÜNTHER, K.-B. **Entwicklung des Wortschreibens bei gehörlosen und schwerhörigen Kindern**. Forum 11: 2003. p. 35-70
- GÜNTHER, K.-B.; SCHÄFKE, I.; KOPPITS, K.; MATTHAEI, M. Vergleichende Untersuchungen zur Entwicklung der Textproduktions- und Erzählkompetenz. In: **Bilinguale Erziehung als Förderkonzept für gehörlose SchülerInnen**: Abschlussbericht zum Hamburger Bilingualen Schulversuch, K.-B. Günther & I. Schäfke (2004), Hamburg: Signum. 2004. p. 189-267.
- HAEGEMAN, L. **Introduction to Government & Binding Theory** (2nd ed.). Oxford: Blackwell. 1994.
- HÄNEL, B. **Der Erwerb der Deutschen Gebärdensprache als Erstsprache: Die frühkindliche Sprachentwicklung von Subjekt- und Objektverbkongruenz in DGS**. Tübingen: Gunter Narr. 2005a.
- HÄNEL, B. The acquisition of agreement in DGS: early steps into spatially expressed syntax. In: **Gebaerdensprachen: Struktur, Erwerb, Verwendung**, H. Leuninger & D. Happ (eds.), Linguistische Berichte. Special Issue 13. 2005b. p. 201-232.
- HAPP, D. & VORKÖPER, M.-O. Einige Bemerkungen zur syntaktischen und morphologischen Repräsentation von Numerus in Deutscher Gebärdensprache. In: **ebaerdensprachen: Struktur, Erwerb, Verwendung**, H. Leuninger & D. Happ (eds.), Linguistische Berichte. Special Issue 13. 2005. p. 87-110.
- HAPP, D. & VORKÖPER, M.-O. **Deutsche Gebärdensprache: Ein Lehr- und Arbeitsbuch**. Frankfurt am Main: Fachhochschulverlag. 2006.
- HOFFMEISTER, R. J. A piece of the puzzle: ASL and reading comprehension in deaf children. In: **Language Acquisition by Eye**, C. Chamberlain, J. P. Morford & R. I. Mayberry (eds.), Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 2000. p. 143-164.
- HOHENBERGER, A. **Functional categories in language acquisition: Self-organization of a dynamical system**. Linguistische Arbeiten 456. Tübingen: Niemeyer. 2002.
- HULK, A. & MÜLLER N. Bilingual first language acquisition at the interface between syntax and pragmatics. **Bilingualism: Language and Cognition** 3 (3), 2000. p. 227–244.
- JORDENS, P. **The acquisition of verb placement in Dutch and German**. Linguistics 28: 1990. p. 1407-1448.
- JORDENS, P. **Finiteness in early child Dutch**. **Linguistics** 40: 2002. p. 687-766.

- KARPF, A. **Selbstorganisationsprozesse in der sprachlichen Ontogenese: Erst- und Fremdsprache(n)**. Tübingen: Gunter Narr. 1990.
- KARPF, A. Chaos and order in morphology (neuron watching included). In: **Natural morphology – perspectives for the nineties**, L. Tonelli & W. U. Dressler (eds.), Tübingen: Gunter Narr. 1993. p. 7-20.
- LANZA, E. **Language Mixing in Infant Bilingualism: A Sociolinguistic Perspective**. Oxford: Clarendon Press. 1997.
- LEUNINGER, H. Mit den Augen lernen: Gebärdenspracherwerb. In: **Enzyklopädie der Psychologie**. Vol. 3: Sprachentwicklung, H. Grimm (ed.), Göttingen: Hogrefe. 2000. p. 229–270.
- LEUNINGER, H.; VORKÖPER, M.-O. & HAPP, D. **Schriftspracherwerb und Deutsche Gebärdensprache**. OBST – Osnabrücker Beiträge zur Sprachtheorie 67: 2003. p. 27-63.
- LILO-MARTIN, D. Modality effects and modularity in language acquisition: the acquisition of American Sign Language. In: **Handbook of child language acquisition**, W. C. Ritchie & T. K. Bhatia (eds.), San Diego, CA: Academic Press. 1999. p. 531-567.
- MAYER, C. & WELLS, G. Can the Linguistic Interdependence Theory Support a Bilingual-Bicultural Model of Literacy Education for Deaf Students? In: **Journal of Deaf Education and Deaf Studies 1**, 1996. p. 93–107.
- MAYER, M. **Frog, where are you?** New York: Dial Press. 1969.
- MEIER, R. P. The acquisition of verb agreement: pointing out arguments for the linguistic status of agreement in signed languages. In: **Directions in sign language acquisition**, G. Morgan & B. Woll (eds.), Amsterdam: John Benjamins. 2002. p. 105-142.
- MEIER, R. P. The form of early signs: Explaining signing children's articulatory development. In: **Sign language development by deaf children**, B. Schick, M. Marschark, & P. E. Spencer (Eds.), Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 202-230.
- MEISEL, J. Early differentiation of languages in bilingual children. In: **Bilingualism across the life-span: In Health and Pathology**, K. Hyltens-tam and L. Obler (eds.), Cambridge: Cambridge University Press. 1989. p. 13-40.
- MEISEL, J. Principles of Universal Grammar and strategies of language learning: Some similarities and differences between first and second language acquisition. In: **Point counterpoint: Universal Grammar in the second language**, L. Eubank (ed.), Amsterdam: John Benjamins. 1991. p. 231-276.
- MEISEL, J. Code-Switching in Young Bilingual Children: The Acquisition of Grammatical Constraints. **Studies in Second Language Acquisition 16**, 1994. p. 413–439.
- MEISEL, J. The bilingual child. In: **The handbook of bilingualism**, T. K. Bhatia & W. C. Ritchie (eds.), Oxford: Blackwell. 2004. p. 91-113.
- MORGAN, G. Discourse cohesion in sign and speech. **International Journal of Bilingualism**, 4: 2000. p. 279–300.
- MORGAN, G. The development of narrative skills in British Sign Language. In: **Sign language development of deaf children**, B. Schick; M. Marschark & P. E. Spencer (eds.), Oxford: Oxford University Press. 2006. p. 314-343.
- MORGAN, G.; BARRIÈRE, I.; VYALDA, Y. & WOLL, B. The influence of typology and modality on the acquisition of verb agreement morphology in British Sign Language. **First Language 26**: 1, 2006. p. 19-43
- MÜLLER, N. Transfer in bilingual first language acquisition. **Bilingualism: Language and Cognition 1 (3)**: 1998. p. 151-171.
- MÜLLER, N.; CANTONE, K.; KUPISCH, T. & SCHMITZ, K. Zum Spracheinfluss im bilingualen Erstspracherwerb: Italienisch-Deutsch. **Linguistische Berichte 190**: 2002. p. 156-206.



- MUYSKEN, P. Two linguistic systems in contact: grammar, phonology and the lexicon. In: **The handbook of bilingualism**, T. K. Bhatia & W. C. Ritchie (eds.), Oxford: Blackwell. 2004. p. 147-168.
- MYERS-SCOTTON, C. **Contact Linguistics**. Oxford: Oxford University Press. 2002.
- NIEDERBERGER, N. Does the knowledge of a natural sign language facilitate Deaf children's learning to read and write? Insights from French Sign Language and written French data. In: **Sign Bilingualism: Language Development, Interaction, and Maintenance in Sign Language Contact Situations**, C. Plaza Pust & E. Morales-López (eds.). Amsterdam: John Benjamins.
- OUHALLA, J. **Functional categories and parametric variation**. London: Routledge. 1991.
- PETITTO, L. A. & HOLOWKA, S. Evaluating Attributions of Delay and Confusion in Young Bilinguals: Special Insights from Infants Acquiring a Signed and a Spoken Language. **Sign Language Studies 3 (1)**: 2002. p. 4-33.
- PETITTO, L.; KATERELOS, M.; LEVY, B. G.; GAUNA, K.; TÊTREAU, K. & FERRARO, V. Bilingual signed and spoken language acquisition from birth: implications for the mechanisms underlying early bilingual language acquisition. **Journal of Child Language 28**, 2001. p. 453-496.
- PFAU, R. Typologische und strukturelle Aspekte der Negation in Deutscher Gebärdensprache. In: **Gebärdensprachlinguistik 2000 – Theorie und Anwendung**, H. Leuninger & K. Wempe (eds.), Hamburg: Signum. 2001. p. 13-32.
- PLAZA PUST, C. **Linguistic theory and adult second language acquisition: On the relation between the lexicon and the syntax**. Frankfurt am Main: Peter Lang. 2000a.
- PLAZA PUST, C. Adult Second Language Acquisition and Language Change: On the Mirror World of Chaos and Order in Language Development. In: **Proceedings of GASLA IV.**, Juffs, A., Talpas, T. W., Mizera, G. & Burt, B. (eds.), Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Working Papers in Linguistics IV. 2000b. p. 163-175.
- PLAZA PUST, C. The Path toward Bilingualism: Problems and Perspectives with Regard to the Inclusion of Sign Language in Deaf Education. In: **To the Lexicon and Beyond: Sociolinguistics in European Deaf Communities**, M. Van Herreweghe & M. Vermeerbergen (eds.), Washington: Gallaudet University Press. 2004. p. 141-170.
- PLAZA PUST, C. Language contact in deaf bilingualism. In: **Gebaerdensprachen: Struktur, Erwerb, Verwendung**, H. Leuninger & D. Happ (eds.), Linguistische Berichte. Special Issue 13. 2005. p. 271-308.
- POLLOCK, J.-Y. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. **Linguistic Inquiry 20**: 1989. p. 365-422.
- RADFORD, A. **Syntactic theory and the acquisition of English syntax: The nature of early child grammars of English**. Oxford: Blackwell. 1990.
- RATHMANN, C. The Optionality of Agreement Phrase: Evidence from German Sign Language (DGS). In: **The Role of Agreement in Natural Language: TLS 5 Proceedings**, W. E. Griffin (ed.), Texas Linguistics Forum, 53. 2001. p. 181-192.
- REILLY, J. & ANDERSON, D. FACES: The acquisition of non-manual morphology. In: **Directions in sign language acquisition**, G. Morgan & B. Woll (eds.), Amsterdam: John Benjamins. 2002. p. 159-182.
- ROMAINE, S. Bilingualism. In: **Handbook of Second Language Acquisition**. W. C. Ritchie & T. K. Bhatia (eds.), San Diego: Academic Press. 1996. p. 571-601.
- SCHÄPFKE, I. **Untersuchungen zum Erwerb der Textproduktionskompetenz bei hörgeschädigten Schülern**. Hamburg: Signum. 2005.



- SCHANER-WOLLES, C. Intermodular Synchronization: On the role of morphology in the normal and impaired acquisition of a verb-second language. In: **How tolerant is Universal Grammar?**, R. Tracy & E. Lattey (eds.), Tübingen, Niemeyer. 1994. p. 205-224.
- SCHICK, B. The expression of grammatical relations by deaf toddlers learning ASL. In: **Directions in sign language acquisition**, G. Morgan & B. Woll (eds.), Amsterdam: John Benjamins. 2002. p. 143-158.
- SIEBERT-OTT, G. M. **Frühe Mehrsprachigkeit: Probleme des Grammatikerwerbs in multilingualen und multikulturellen Kontexten**. Tübingen: Niemeyer. 2001.
- SIGUÁN, M. **Bilingüismo y Lenguas en Contacto**. Alianza: Madrid. 2001.
- STRÖMQVIST, S. & VERHOEVEN, L. (eds.) **Relating Events in Narrative**. Volume 2: Typological and contextual perspectives. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 2004.
- STRONG, M, & PRINZ, P. Is American Sign Language related to English literacy? In: **Language Acquisition by Eye**, C. Chamberlain, J. P. Morford & R. I. Mayberry (eds.), Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 2000. p. 131-142.
- TRACY, R. & GAWLITZEK-MAIWALD, I. Bilingualismus in der frühen Kindheit. In: **Enzyklopädie der Psychologie**. Vol. 3: Sprachentwicklung, H. Grimm (ed.), Göttingen: Hogrefe. 2000. p. 495-535.
- TRACY, R. **Sprachliche Strukturentwicklung: Linguistische und kognitionspsychologische Aspekte einer Theorie des Erstspracherwerbs**. Tübingen: Narr. 1991.
- TRACY, R. **Child languages in contact: Bilingual language acquisition (English/German) in early childhood**. Unpubl. Habilitationsschrift, University of Tübingen. 1994/5.
- TRACY, R. Language mixing as a challenge for linguistics. In: **Cross-linguistic structures in simultaneous bilingualism**, S. Döpke (ed.), Amsterdam: John Benjamins. 2000. p. 11-36.
- TRACY, R. Growing (clausal) roots: all children start out (and may remain) multilingual. **Linguistics** 40 (4): 2002. p. 653-686.
- TURNER, G. H. Contact Signing and Language Shift. In: **Sign Language Research 1994**, H. Bos & T. Schermer (eds.), Hamburg: Signum. 1995. p. 211-229.
- VAINIKKA, A. & YOUNG-SCHOLTEN, M. Direct access to X-bar theory: Evidence from Korean and Turkish adults learning German. In: **Language acquisition in generative grammar: Papers in honour of Kenneth Wexler from the 1991 Glow Workshops**, T. Hoekstra & B. D. Schwartz (eds.), Amsterdam: John Benjamins. 1994. p. 265-316.
- VAINIKKA, A. & YOUNG-SCHOLTEN, M. Gradual development of L2 phrase structure. **Second Language Research** 12, 1996. p. 7-39.
- VERCAINGNE-MÉNARD, A.; PARISOT, A.-M. & DUBUISSON, C. L. **Approche bilingue à l'École Gadbois. Six années d'expérimentation**. Bilan et recommandations, rapport déposé au ministère de l'Éducation du Québec. Université du Québec à Montréal. 2005.
- VORKÖPER, M.-O. Schriftspracherwerb und Deutsche Gebärdensprache: Interferenzen beim Erwerb des deutschen Modalsystems. In: **Gebärdensprachen: Struktur, Erwerb, Verwendung**, H. Leuninger & D. Happ (eds.), Linguistische Berichte. Special Issue 13. 2005. p. 233-270.
- WINFORD, D. **An Introduction to Contact Linguistics**. Oxford: Blackwell. 2003.
- ZANGL, R. **Dynamische Muster in der sprachlichen Ontogenese: Bilingualismus, Erst- und Fremdspracherwerb**. Tübingen: Gunter Narr. 1998.

# Gesticulação e aquisição da ASL como segunda língua<sup>1,2</sup>

*Sarah Taub, Dennis Galvan, Pilar Piñar, Susan Mather*

Gallaudet University

## 0. Introdução

O reconhecimento da língua de sinais americana (ASL) como uma língua gramatical plena – devido, em grande parte, ao trabalho seminal de Stokoe, Casterline e Cronebeg (1965) sobre a estrutura da ASL e também a trabalhos posteriores (por exemplo, Stokoe, 1978; Klima e Bellugi, 1979; Lidell, 1980, 2000; Emmorey e Lane, 2000) – ocasionou um maior interesse pela ASL e pela cultura surda, além da multiplicação dos programas de ensino da ASL nos Estados Unidos e no Canadá. De fato, a ASL tornou-se uma das línguas mais ensinadas na América do Norte e, atualmente, ela é aceita em muitas universidades, para atender aos requisitos de língua estrangeira/segunda língua nos cursos de pós-graduação. Entretanto, apesar do grande número de indivíduos (ouvintes e surdos) que atualmente aprendem a ASL como segunda língua, os estudos sobre aquisição da ASL como segunda língua são um tanto escassos. Embora as

pesquisas sobre a aquisição de línguas faladas como segunda língua tenham atraído muita atenção, as pesquisas em línguas de sinais como segunda língua permanecem ainda em um campo inexplorado. Acreditamos que os aprendizes de línguas de sinais como segunda língua enfrentam os mesmos desafios que quaisquer outros aprendizes de uma segunda língua e que as pesquisas sobre a aquisição de línguas faladas como segunda língua podem informar novos estudos sobre a aquisição de línguas de sinais como segunda língua. No entanto, devido a diferenças de modalidade entre as línguas de sinais e as faladas, há aspectos da aprendizagem da língua de sinais – especialmente aqueles relacionados à gramática espacial-visual da língua de sinais – que merecem atenção especial. Com o propósito de ajudar a suprir essa lacuna de pesquisa, realizamos um estudo longitudinal, que concentra a atenção na aquisição de três componentes da ASL como segunda língua, a saber, as estruturas classificadoras (denominadas

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Ladjane Maria Farias de Souza, Alinne Balduino Pires Fernandes.

<sup>2</sup> Esta pesquisa foi financiada através do Auxílio para Pesquisas Prioritárias do Gallaudet Research Institute. Gostaríamos de agradecer, pela ajuda na coleta e transferência dos dados, a: Marisa Bennett, Jessica Bentley, Brett Best, Carla Colley, Angela Crawford, Will Garrow, Shannon Grady, Randall Hogue, Christy Lively, Kristina Parmenter, Rachel Rosenstock, e David Warn.

estruturas do discurso em terceira pessoa), as estruturas de troca de papéis ou estruturas de ação construída (denominadas estruturas do discurso em primeira pessoa) e o uso de localização no espaço de sinalização. Rastreamos, especificamente, o desenvolvimento precoce de certas habilidades espaciais que são fundamentais para a produção dos componentes mencionados acima e abordamos as seguintes questões:

- 1) Há transferência de quaisquer habilidades espaciais-visuais pré-existentes na aquisição de aspectos espaciais da ASL?
- 2) Como que as habilidades espaciais se desenvolvem em relação umas às outras? Ou seja, há alguma relação de ordem no desenvolvimento de habilidades da ASL? Existe agrupamento de algumas habilidades?

### 1. Justificativa para o presente estudo

A transferência lingüística é um tópico importante no estudo da aquisição de segunda língua (ver Gass 1996, para uma revisão do tema). A transferência está relacionada ao papel que o conhecimento lingüístico prévio tem na aquisição de uma L2. Estudos recentes sobre gestos produzidos por falantes revelaram que, embora a gesticulação não tenha uma função gramatical, ela é uma parte importante da língua e interage com os elementos gramaticais das línguas faladas de modo mais sistemático do que se acreditava anteriormente (Kendon, 1986; McNeill, 1992). Como a gesticulação faz uso do domínio espaço-visual, é possível que habilidades gestuais prévias sejam transferidas no processo de aquisição dos aspectos espaciais da língua de sinais como segunda língua.

Muitas semelhanças já foram apontadas entre certos aspectos das línguas de sinais e os

gestos produzidos por falantes. Lidell (2000) formulou uma explicação precisa para este fenômeno, com base na integração conceitual. De acordo com Liddell, tanto sinalizantes quanto gesticuladores falantes criam uma mescla (Fauconnier e Turner, 1996) entre um espaço mental imaginado e o espaço real (ou seja, o modelo conceitual do espaço no qual se encontram). Nessa mescla, as entidades imaginadas são concebidas como situadas no espaço ao redor da pessoa. Gestos icônicos e dêiticos podem ser direcionados àquelas entidades ou podem rastrear seus progressos através do espaço. No caso das línguas de sinais, esses gestos são limitados ao uso com elementos lexicais e gramaticais, sendo coerentemente usados e compreendidos pela comunidade sinalizante. No caso das línguas faladas, os gestos são livremente integrados ao sinal da fala e podem, ou não, comunicar informações ao ouvinte. Além disso, ao contrário da consistência dos sinalizantes com relação à forma e uso de informações mapeadas no espaço, os gestos dos falantes mostram uma variação considerável no que se refere à forma, tamanho, clareza e à quantidade de informação por eles transmitida.

A fim de quantificar a contribuição lingüística dos gestos nas narrativas das línguas faladas, Taub, Piñar e Galvan (2001) realizaram um estudo, no qual usuários nativos da ASL, do espanhol e do inglês foram solicitados a contar episódios de desenhos animados, em suas respectivas línguas. Curiosamente, em cada língua, os sujeitos demonstraram uma consistência singular com relação ao tipo de informação conceitual (isto é, caminho, modo etc.) que, provavelmente, será expressa espacialmente (com ou sem elementos lexicais acompanhantes). No entanto, também se observou uma grande variação, de sujeito para sujeito, entre os falantes do inglês e

do espanhol, quanto à qualidade expressiva dos gestos e quanto ao grau de envolvimento do corpo e das expressões faciais. Assim, embora todos os sujeitos ouvintes tenham expressado alguma informação conceitual por meio de gestos icônicos e dêiticos, alguns deles utilizaram o espaço à sua frente melhor que os outros, tornando os gestos icônicos mais facilmente identificáveis e estabelecendo relações explícitas entre os elementos gestuais. Além disso, apenas alguns sujeitos utilizaram todo o corpo ou configurações de mão específicas para criar mesclas, que eram muito semelhantes às das estruturas de troca de papéis e das estruturas classificadoras das línguas de sinais.

Assim sendo, uma das nossas perguntas de pesquisa é se os elementos gestuais, semelhantes aos das línguas de sinais, observados em sujeitos ouvintes leigos, se transferem para o uso lingüístico intencional das informações mapeadas no espaço, quando tais sujeitos aprendem a ASL. Ou seja, será que o modo como os falantes gesticulam pode ser considerado como um prenúncio de sua habilidade para adquirir as características espaciais da ASL, em geral consideradas fundamentais para a aquisição de níveis adequados das habilidades de sinalização?

## 2. Alguns estudos anteriores sobre a aquisição da ASL como segunda língua

Embora não existam, na literatura, instruções claras sobre quais aspectos da ASL são mais difíceis de aprender, um estudo descritivo desenvolvido por Locker, McKee & McKee (1992) relata as intuições de alunos e professores com relação ao nível de dificuldade de aprendizagem dos diversos aspectos da ASL. Embora a percepção dos professores

em geral foi que os alunos apresentavam mais dificuldades, na maioria das áreas, do que os próprios alunos percebiam, professores e alunos concordaram em identificar quais tarefas de aprendizagem eram mais difíceis. Uma dessas tarefas foi adaptar-se à modalidade visual-gestual, isto é, sentir-se à vontade para usar o corpo. Alunos e professores também mencionaram destreza (*dexterity*) e coordenação na produção e combinação de sinais, a expressão facial e outros sinais não-manuais; a apontação por meio de dêixis, fixação do olhar ou movimentação do corpo e classificadores. A soletração manual também foi classificada como altamente problemática.

Wilcox & Wilcox (1991) também tratam da questão de se identificar aspectos difíceis da ASL. Na visão desses autores, desconsiderando-se os aspectos lingüísticos, a diferença mais óbvia entre o inglês e a ASL é a modalidade, que cria dificuldades de produção e de recepção para o aprendiz adulto ouvinte. Além disso, alguns dos elementos que os autores identificam como difíceis de aprender são os traços gramaticais não-manuais, o fato de a ASL ser uma língua polissintética, que depende em grande parte da flexão morfológica, e o uso dos classificadores. Assim, alguns dos aspectos identificados na literatura como geradores de dificuldades de aprendizagem estão incluídos no componente da ASL relativo ao mapeamento espacial e podem ser encontrados, de um modo não-gramaticalizado, nos gestos que acompanham a fala dos aprendizes ouvintes. Desse modo, seria possível formular estratégias para utilizar tal conhecimento visual-espacial pré-existente, a fim de facilitar a aquisição do uso do espaço na ASL.

A nosso ver, no entanto, não há estudos anteriores que tratem, de modo sistemático, dos gestos que acompanham a fala como

um indício de aptidão para aprender a ASL. McIntire & Snitzer Reilly (1988) investigaram se as expressões faciais comunicativas usadas naturalmente pelos falantes são transferidas para a gramática facial da ASL. Esse estudo concluiu que, embora a expressão facial afetiva pré-existente funcione, de fato, como uma transição na aquisição da gramática não-manual da ASL, o aprendiz deve, primeiramente, passar por um estágio de reavaliação, no qual o conhecimento prévio é processado como sendo lingüisticamente significativo. Esse processo de reavaliação parece ser necessário tanto para aprendizes adultos de uma segunda língua, quanto para aprendizes crianças de uma primeira língua.

### 3. O presente estudo

Em nosso estudo, investigamos se outras informações gestuais, além da expressão facial, podem ser transferidas no processo de aquisição de algumas características espaciais lingüísticas da ASL e se diferenças individuais prévias de gesticulação entre sujeitos podem fazer previsões quanto a diferenças em suas habilidades de alcançar competência, na Língua de Sinais Americana. Nosso foco são três estruturas alvo específicas: 1) estruturas do discurso em primeira pessoa; 2) estruturas do discurso em terceira pessoa; e 3) localização espacial.

O primeiro tipo de estrutura é o equivalente, na ASL, ao que Tannen (1989) chamou de diálogo construído, no que se refere às línguas faladas, em substituição ao termo mais antigo “discurso direto”. O diálogo construído se refere a um dos recursos que falantes usam para prender a atenção do seu público. Ele consiste na reconstrução de um diálogo, a partir da memória e da exposição deste, por

meio da primeira pessoa gramatical. Na ASL, a noção de diálogo construído foi reformulada como ação construída (Metzger, 1995). Um diálogo ou uma ação é re-construída a partir da memória e narrada, assumindo-se o papel da personagem e utilizando-se recursos do discurso em primeira pessoa. O discurso em primeira pessoa na ASL incorpora um ou mais dos seguintes elementos: 1) uso parcial ou completo do corpo para transmitir ações; 2) olhar neutro (ou seja, o olhar não é dirigido a nenhum dos membros da audiência, mas a um espaço alternativo onde a ação está ocorrendo); e 3) expressão facial correspondente à ação relatada (cf.: Liddell, 1980; Padden 1986, 1990; Meier, 1990, Mather & Thibeault 2002). As figuras 1 e 2 mostram um exemplo de ação construída. A figura 1 mostra a ação alvo na qual um gato é esmagado contra a parede. A figura 2 mostra o narrador usando o discurso em primeira pessoa, para transmitir a ação alvo, usando parte de seu próprio corpo para representar o gato.



Figura 1



Figura 2



As ações também podem ser relatadas na ASL, utilizando-se o discurso em terceira pessoa. Nesse caso, os narradores não assumem a identidade das personagens, mas mostram sua própria perspectiva das ações de uma personagem ou dos movimentos de um objeto, mantendo-se fora da ação e fixando o olhar nas configurações de mão classificadoras que descrevem o evento, como se assistissem a uma cena que se desenrola diante de seus olhos. A figura 3 ilustra esse evento. A ação alvo é a mesma da figura 1, mas, aqui, o narrador usou o discurso em terceira pessoa para mostrar sua própria perspectiva da ação do gato, usando a configuração de mão classificadora direita “1”, para representar o gato e a configuração de mão classificadora “esticada”, para representar a parede. A posição relativa das duas mãos representa o resultado final do evento.



Figura 3

O estabelecimento do espaço é também um aspecto importante da ASL. São atribuídas localizações específicas para as personagens e para os objetos no espaço de sinalização. As localizações estabelecidas são coerentemente apontadas e mencionadas, ao longo do discurso.

Vamos acompanhar o desenvolvimento desses três aspectos da gramática da ASL, no estágio inicial da aquisição da ASL como segunda língua, e investigaremos qualquer pos-

sível transferência de conhecimento gestual prévio. A nossa hipótese é que a qualidade dos gestos que acompanham a fala de não-sinalizantes pode ser um indício de êxito na aquisição de aspectos espaciais específicos da ASL. Mais especificamente, nossas hipóteses são: 1) o uso da troca de papéis na gesticulação pode ser convertido num aprendizado eficiente dos elementos do discurso em primeira pessoa na ASL; 2) o uso de configurações de mão semelhantes às classificadoras pode se converter em uma aprendizagem eficiente das localizações espaciais na ASL. Além disso, outra hipótese é que algumas dessas habilidades podem se desenvolver entre si.

### 3.1 Métodos

#### 3.1.1 Os sujeitos

Este é um estudo longitudinal desenvolvido com aprendizes adultos da ASL como segunda língua. Todos os sujeitos eram ouvintes, falantes nativos do inglês e estavam numa faixa etária entre 17 e 47 anos. Nenhum deles tinha conhecimento prévio da ASL quando iniciaram sua participação nesse estudo. Rastreamos o progresso dos participantes na ASL oito meses após o início de sua aprendizagem. No total, dezoito sujeitos concluíram o estudo.

#### 3.1.2 Procedimentos

A coleta de dados compreendeu duas sessões separadas. Uma delas ocorreu antes de os sujeitos iniciarem sua aprendizagem da ASL e a outra ocorreu oito meses depois do início da aprendizagem. Na primeira sessão, foi solicitado aos sujeitos que assistissem a sete vinhetas animadas e a dez cliques curtos das vinhetas. Depois de assistir a cada vinheta ou clipe, eles

foram filmados contando a ação a um colega, em inglês. Também foi solicitado a todos os sujeitos que preenchessem um questionário que incluía, entre outras coisas, solicitação de informações sobre conhecimentos lingüísticos prévios, expectativas e atitudes a respeito da aprendizagem da ASL. Na segunda sessão, oito meses depois que os sujeitos haviam iniciado sua aprendizagem da ASL, foi-lhes solicitado que assistissem às mesmas vinhetas e cliques e eles foram, então, filmados contando as histórias na ASL. Todos os sujeitos preencheram o questionário mais uma vez, para que fosse possível verificar se suas expectativas e atitudes com relação à ASL haviam mudado.

### 3.1.3 A Codificação

O grupo de pesquisa preparou uma folha de codificação para identificar: 1) o uso do discurso em primeira pessoa nos gestos que acompanham a fala (pré-ASL) e na ASL; 2) o uso do discurso em terceira pessoa nos gestos que acompanham a fala (pré-ASL) e na ASL; e 3) o estabelecimento de localizações nos gestos que acompanham a fala (pré-ASL) e na ASL. A folha de codificação incluía os seguintes parâmetros para cada um dos componentes da narrativa mencionados acima:

- 1) Parâmetros para o discurso em primeira pessoa: a) olhar neutro: o olhar corresponde ao olhar da entidade; b) a expressão facial corresponde à emoção da personagem; c) o movimento de parte(s) do corpo mostra o desempenho da personagem.
- 2) Discurso em terceira pessoa: a) a configuração de mão e a orientação da mão são plausíveis (ou seja, são iconicamente claras) para representar a forma da entidade quando se usa a gesticulação, b) a configuração de mão e a orientação da mão são corretas (correspon-

dem à configuração de mão/orientação da palma da mão lexicalizada apropriada na ASL) quando se usa a Língua de Sinais Americana; c) a habilidade de usar duas configurações de mão diferentes para duas entidades diferentes, ao mesmo tempo.

- 3) Localização: a) as localizações são estabelecidas corretamente (correspondendo ao desenho animado alvo); b) as referências às localizações são feitas de maneira coerente; c) a habilidade de estabelecer duas localizações ao mesmo tempo.

O grupo de pesquisa, que inclui pesquisadores ouvintes e surdos, codificou a narração de um clipe de desenho animado, feita por cada sujeito, em inglês (pré-ASL) e na ASL. O único clipe analisado mostrava o gato Frajola, de pé sobre o parapeito da janela, olhando para baixo em direção ao pássaro Piu-piu, que está em sua gaiola, também no parapeito da janela. Frajola move seu dedo indicador para trás e para frente seguindo o vai-e-vem do Piu-piu em seu balanço. O clipe mostrou-se ideal porque elicitou o uso da troca de papéis, o uso dos classificadores e o estabelecimento de mais de uma localização, tanto na gesticulação quanto na ASL. As categorias de codificação selecionadas para a quantificação do uso da primeira pessoa, da terceira pessoa e das localizações, na gesticulação e na ASL, foram convertidas em valores numéricos, os quais foram, subseqüentemente, usados para calcular correlações estatísticas.

### 3.1.4 Análises

Nossas análises investigaram especificamente: 1) que parâmetros se correlacionavam entre si na gesticulação, para verificar se algumas das habilidades gestuais pré-existentes tendiam a se agrupar; 2) que valores se corre-

lacionavam entre si na ASL, para verificar se algumas das habilidades alvo se desenvolviam juntas; e 3) as correlações entre quaisquer de nossos valores na gesticulação e na ASL, para verificar se a habilidade de gesticulação de um indivíduo poderia prever o desenvolvimento de habilidades na ASL após dois semestres de aulas de ASL.

### 3.2 Resultados

#### 3.2.1 Discurso em primeira pessoa:

Nossos valores para o discurso em primeira pessoa não se correlacionaram entre si na gesticulação. As tentativas de troca de papéis em primeira pessoa (instâncias identificáveis do uso da troca de papéis), o olhar e as expressões faciais não se correlacionaram entre si. Em outras palavras, embora os sujeitos tenham usado estratégias do discurso em primeira pessoa na gesticulação, eles não incorporaram todos os elementos lingüísticos do discurso em primeira pessoa encontrados na ASL, como a expressão facial correspondente e o olhar neutro. Isso já era esperado, visto que o uso de gestos acompanhando a fala não é gramatical.

Na ASL, ocorreu algo diferente. As tentativas de discurso em primeira pessoa se correlacionaram com as expressões faciais em primeira pessoa ( $r = .670$ ,  $p = .002$ ). Além disso, as expressões faciais em primeira pessoa se correlacionaram com o olhar correto em primeira pessoa ( $r = .600$ ,  $p = .008$ ). Entretanto, as tentativas de uso da primeira pessoa não se correlacionaram com o olhar correto em primeira pessoa. Ou seja, o discurso em primeira pessoa na ASL foi produzido com as expressões faciais corretas, mais frequentemente do que com o olhar neutro correto.

Isso sugere que é mais difícil se adquirir o uso lingüístico do olhar no discurso em primeira pessoa, do que se adquirir a expressão facial correspondente. No entanto, as comparações das correlações entre os parâmetros de primeira pessoa, na gesticulação e na ASL, sugerem uma nuance lingüística emergente no uso do discurso em primeira pessoa (ou seja, a expressão facial correta) nos estágios iniciais da aquisição da ASL.

Nenhum dos nossos valores para a troca de papéis em primeira pessoa, na gesticulação, correlacionou-se com quaisquer valores para o discurso em primeira pessoa, na ASL. Os sujeitos que usaram a troca de papéis na gesticulação não foram, necessariamente, os mesmos que usaram o discurso em primeira pessoa na ASL. Nos primeiros estágios da ASL, o uso de elementos do discurso em primeira pessoa não parece ser devido a uma transferência das habilidades gestuais do discurso em primeira pessoa. Observamos muitos de nossos sujeitos se esforçando para concentrar a atenção em itens do vocabulário na ASL. Isso pode ter inibido o uso espontâneo do discurso em primeira pessoa nas narrativas.

#### 3.2.2 Discurso em terceira pessoa:

Na gesticulação, as tentativas de uso dos classificadores em terceira pessoa (instâncias identificáveis de estruturas semelhantes a classificadores nos gestos dos sujeitos) correlacionaram-se com a complexidade do classificador em terceira pessoa ( $r = .748$ ,  $p = .000$ ). Quanto mais uma pessoa usa configurações de mão semelhantes às classificadoras, em sua gesticulação, mais complexas elas tendem a se tornar (por exemplo, o uso de duas configurações de mão simultaneamente). As tentativas de uso do classificador em

terceira pessoa também se correlacionaram com as configurações de mão plausíveis para classificadores em terceira pessoa ( $r = .601$ ,  $p = .000$ ). Na nossa interpretação, esse resultado mostra que, embora, na gesticulação, os classificadores em terceira pessoa não possuam características lingüísticas, como era de se esperar, elas possuem precisão icônica.

As correlações entre os parâmetros do discurso em terceira pessoa na ASL exibem um padrão semelhante. As tentativas de uso do discurso em terceira pessoa estão correlacionadas com a complexidade do discurso em terceira pessoa ( $r = .773$ ,  $p = .001$ ). Além disso, essas tentativas estão correlacionadas com a configuração de mão correta na ASL ( $r = .470$ ,  $p = .049$ ). Quanto mais um aprendiz se empenha em usar o discurso em terceira pessoa, mais complexas tendem a ser as estruturas em terceira pessoa. Os aprendizes sem habilidades no discurso em terceira pessoa tendem a evitar o uso dessa estrutura. Concluímos que o discurso em terceira pessoa é usado em um estágio inicial com certo grau de nuance lingüística (os sujeitos são capazes de usar algumas, mas não todas as características gramaticais essenciais das estruturas do discurso em terceira pessoa).

As correlações para os parâmetros do discurso em terceira pessoa, na gesticulação e na ASL, revelam uma correlação positiva entre as tentativas de uso da terceira pessoa nos gestos e na ASL ( $r = .579$ ,  $p = .012$ ). Em outras palavras, há transferência de tal característica da gesticulação para a ASL, com a evolução dos gestos icônicos não-lingüísticos para formas com nuances lingüísticas (por exemplo, a configuração de mão correta na ASL). Tal observação sugere que o uso de estruturas semelhantes às classificadoras nos gestos que acompanham a fala poderia constituir um prenúncio de uma aprendiza-

gem precoce das estruturas do discurso em terceira pessoa na ASL.

### 3.2.3 Variáveis de espaço e localização;

Na gesticulação, os valores para a localização correta e para a consistência de localização foram correlacionados positivamente ( $r = .567$ ,  $p = .014$ ). Além disso, também foram correlacionadas a localização correta e o estabelecimento simultâneo de duas localizações ( $r = .528$ ,  $p = .024$ ). Isso indica que as variáveis de localização formam um padrão na gesticulação. Os sujeitos que naturalmente localizam elementos de discurso no espaço de modo correto, também tendem a referir-se a essas localizações de modo consistente. Além disso, os sujeitos que estabelecem localizações com precisão e consistência também são capazes de usar estruturas de localização mais complexas e de localizar elementos diferentes da narrativa, relacionando-os entre si.

A localização correta e a consistência da localização também são positivamente correlacionadas na ASL ( $r = .620$ ,  $p = .006$ ). Não houve correlação entre outras variáveis de localização, além dessas. Em outras palavras, as variáveis de localização também formam padrões na ASL, porém em proporções menores do que nos gestos. Essa menor incidência de padrões de localização na ASL pode ser devida ao fato de que é mais difícil usar a localização sem transgredir as restrições lingüísticas da ASL, do que usar a localização nos gestos espontâneos.

Foram encontradas diversas correlações entre as variáveis de localização na gesticulação e na ASL. A habilidade de estabelecer duas localizações simultâneas no mesmo gesto foi correlacionada à mesma habilidade na ASL ( $r = .726$ ,  $p = .001$ ). A consistência

da localização na gesticulação também foi correlacionada ao estabelecimento simultâneo de duas localizações na ASL ( $r = .529$ ,  $p = .045$ ). Portanto, parece que algumas habilidades pré-existentes no uso da localização na gesticulação poderiam prever uso correto de algumas variáveis de localização da ASL.

### 3.2.4 Correlações entre Localização e Classificadores em Terceira Pessoa;

Curiosamente, foram observadas diversas correlações entre as variáveis de localização e as variáveis do discurso em terceira pessoa, o que nos levou a também analisar esses dados. Na gesticulação, foram correlacionadas as consistências de localização e as tentativas de uso de classificadores em terceira pessoa ( $r = .724$ ,  $p = .001$ ), bem como o uso simultâneo de duas localizações e a complexidade do classificador em terceira pessoa ( $r = .504$ ,  $p = .033$ ). Além disso, o número de localizações corretas foi correlacionado com as tentativas de uso de classificadores em terceira pessoa ( $r = .680$ ,  $p = .002$ ) e com a complexidade do classificador em terceira pessoa ( $r = .726$ ,  $p = .001$ ). Ao que parece, a habilidade natural de estabelecer o espaço e o uso de configurações de mão semelhantes a classificadores em tal espaço são habilidades correlacionadas.

Não houve correlações desse tipo entre localização e classificadores de terceira pessoa, na ASL. Parece que as habilidades de uso da localização e as de uso do discurso em terceira pessoa se desenvolvem separadamente, durante o estágio inicial da aquisição da ASL.

Houve, no entanto, algumas correlações entre as estruturas de localização e as do discurso em terceira pessoa na gesticulação e na ASL. A consistência localizacional na gesti-

culação se correlaciona com as tentativas de uso do discurso em terceira pessoa na ASL. ( $r = .730$ ,  $p = .001$ ). As tentativas de uso dos classificadores em terceira pessoa na gesticulação estão correlacionadas com o estabelecimento simultâneo de duas localizações na ASL ( $r = .565$ ,  $p = .015$ ). Parece haver uma relação entre algumas habilidades para estabelecer o espaço e o uso das construções classificadoras na gesticulação e na ASL. Tal relação sugere, mais uma vez, que tais habilidades estão correlacionadas.

### 3.3. *Resumo do desenvolvimento e da transferência de habilidades;*

A troca de papéis em primeira pessoa é produzida com certa nuance lingüística em estágios iniciais da aprendizagem da ASL (ou seja, o movimento correto de partes do corpo e a expressão facial correspondente). Parece, no entanto, que o olhar correto no discurso em primeira pessoa se desenvolve mais lentamente na ASL, do que a expressão facial correta. Não encontramos qualquer evidência de transferência de habilidade gestual, nesse estágio inicial da aquisição da ASL.

A habilidade de usar o discurso em terceira pessoa também se desenvolve logo no início da aquisição da Língua de Sinais Americana, o que constitui certa evidência de transferência da habilidade gestual para a ASL. Por exemplo, a habilidade pré-existente de usar configurações de mão semelhantes às classificadoras serve como um indicativo do uso correto do discurso em terceira pessoa na ASL, com o acréscimo das nuances lingüísticas da ASL (por exemplo, configurações de mão corretas da Língua de Sinais Americana).

Quanto aos valores para a localização, algumas habilidades de localização já formam



padrões em um estágio inicial da aquisição da ASL (localização correta/consistência da localização). De certa maneira, é possível prever a habilidade de estabelecer o espaço na ASL a partir da habilidade de configurar o espaço na gesticulação. Além disso, como vimos, há uma relação entre as diversas variáveis de localização e as variáveis do discurso em terceira pessoa, tanto na gesticulação pré-ASL quanto entre a gesticulação e a ASL. Podemos concluir que, até certo ponto, o uso do discurso em terceira pessoa na ASL pode ser previsto, a partir da habilidade pré-existente de estabelecer o espaço na gesticulação. Analogamente, a habilidade de usar configurações semelhantes às classificadoras na gesticulação pode ser prevista no desenvolvimento de algumas variáveis de localização na ASL.

#### **4. Conclusões e outras questões a serem investigadas**

As correlações apontadas revelam alguns padrões interessantes com relação ao desenvolvimento de certas habilidades espaciais da ASL, que são fundamentais no discurso narrativo. Embora o nosso estudo tenha utilizado uma amostra relativamente pequena e não permita generalizações a partir de nossos resultados para todos os aprendizes, esperamos que esses resultados estimulem outras perguntas e pesquisas mais aprofundadas, sobre a aquisição da ASL como segunda língua. Embora tenhamos, por exemplo, verificado a aquisição de algumas habilidades selecionadas oito meses depois do início da aprendizagem da ASL, pode-se questionar se nossos resultados seriam diferentes, em um estágio posterior da aquisição da ASL. Será que as características lingüísticas emergentes encontradas no uso da localização, no discurso em terceira pessoa e

no discurso em primeira pessoa continuariam a se desenvolver em um estágio posterior ou haveria uma curva de aprendizagem em forma de “U”, como aquela apontada por McIntire & Snitzer Reilly (1988), em seu estudo sobre expressão facial na ASL? Será que as habilidades que parecem formar padrões em um estágio inicial (por exemplo, algumas variáveis de localização) continuariam a formar padrões em um estágio posterior ou elas se desenvolveriam separadamente? No caso das habilidades que formam padrões, será que a ênfase em uma delas durante o treinamento na ASL ajudaria na aquisição da outra (por exemplo, algumas variáveis de localização e o uso de elementos do discurso em terceira pessoa)? Nosso próximo passo será rastrear as mesmas variáveis de habilidade em um estágio mais avançado da aquisição da segunda língua, para obter uma visão mais clara a respeito do ritmo e da ordem de desenvolvimento das habilidades e também a respeito das relações entre as diferentes habilidades. Por fim, esperamos que esta pesquisa proporcione uma melhor compreensão da transferência lingüística na aquisição de segunda língua, quando a primeira e a segunda língua pertencem a modalidades diferentes. Assim, embora as habilidades lingüísticas espaciais abordadas neste estudo não tenham equivalentes na modalidade falada, os gestos que acompanham a fala podem revelar habilidades espaciais-visuais pré-existentes, que podem facilitar ou prenunciar o desenvolvimento de algumas habilidades espaciais na ASL. Investigar a gesticulação como um possível componente da transferência lingüística pode ser algo proveitoso não apenas para se antever habilidades na aquisição da língua de sinais, mas, também para se desenvolver estratégias de ensino e metodologias que possam canalizar tais habilidades espaciais-visuais pré-existentes, para a aprendizagem da ASL.

## Referências

- EMMOREY, K.; LANE, H. **The Signs of Language Revisited: An Anthology To Honor Ursula Bellugi and Edward Klima**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.
- FAUCONNIER, G; TURNER, M. Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG, A. (Ed.). **Conceptual Structure, Discourse, and Language**. Stanford, CA: CSLI, p.113-130, 1996.
- GASS, S. Second language acquisition and linguistic theory: the role of language transfer. In: W. C.; Bhatia, T. K. (Orgs.). **Handbook of second language acquisition**. San Diego, CA: Academic Press, p. 317-340, 1996.
- KENDON, A. **Some Reasons for Studying Gesture**. Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1986.
- KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.
- LIDDELL, S. **American Sign Language syntax**. The Hague: Mouton, 1980.
- LIDDELL, S. Blended spaces and deixis in sign language discourse. In: McNeill, D. (Org.) **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- McKEE, R. L.; McKEE, D. What's so hard about learning ASL?: Students' & teachers' perceptions. **Sign Language Studies**, v. 75, p. 129-158, 1992.
- MATHER, S.; THIBEAULT, A. Creating an Involvement-focused Style in Bookreading with Deaf and Hard of Hearing Students: The Visual Way. In: Morford, J.; Mayberry, R. (Orgs.). **The Acquisition of Linguistics Representation by Eye**. New Jersey: Lawrence Erlbaum and Associates, p. 191-219, 2002.
- McINTIRE, M. L. ; REILLY, J. S. Nonmanual behaviors in L1 & L2 learners of American Sign Language. In: **Sign Language Studies**, v. 61, p. 351-375, 1988.
- McNEILL, D. **Hand and Mind: What Gestures Reveal about Thought**. Chicago: University of Chicago Press, 1992).
- MEIER, R. Person deixis in American Sign Language. In: FISCHER, S.; SIPLE, P. (Orgs.). **Theoretical Issues in Sign Language Research**, v.1, p. 165-190, 1990.
- METZGER, M. Constructed Action and Constructed Dialogue in American Sign Language. In: LUCAS, C. (Org.). **Sociolinguistics in Deaf Communities**. Washington, DC: Gallaudet University Press, p.255-271, 1995.
- PADDEN, C. Verbs and role-shifting in American Sign Language. In: Padden, C. (Org.). **Proceedings of the 4<sup>th</sup> international symposium on sign language research and teaching**. Silver Spring, MD: NAD, p. 44-57, 1986.
- PADDEN, C. The relation between space and grammar in ASL verb morphology. In: Lucas, C. (Org.). **Sign language research theoretical issues**. Washington, DC: Gallaudet University Press, p. 118-132, 1990.
- STOKOE, W. C. **Sign language structure: the first linguistic analysis of American Sign Language**. Silver spring, Md: Linstock Press, 1978.
- STOKOE, W. C.; CASTERLINE, C.; CRONEBEG, C. **A dictionary of American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet College Press, 1965.
- TAUB, S.; PIÑAR, P.; GALVAN, D. Comparing the informational content of speech/gesture and sign language. In: **Berkeley Linguistic Society**, v. 27, p. 465-473, 2001.
- TANNEN, D. **Talking Voices: Repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- WILCOX, S.; WILCOX, P. **Learning to see: ASL as a second language**. Center for Applied Linguistics. ERIC Clearinghouse on Languages and Linguistics. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, 1991.

# Variação na língua de sinais americana: o papel da função gramatical<sup>1</sup>

Ceil Lucas e Robert Bayley<sup>2</sup>

Pesquisas sobre as línguas faladas mostram que as variáveis lingüísticas podem ser sistematicamente condicionadas por fatores que operam em diferentes níveis lingüísticos. Por exemplo, diversos estudos mostraram que a elisão do /t/ e do /d/ finais de palavras inglesas como *mist* ou *find* é sistematicamente condicionada pelas características do ambiente fonológico anterior e seguinte (isto é, os sons anteriores e seguintes), pelo acento tônico e pela classe gramatical da palavra que contém o /t/ ou o /d/ (por exemplo, Guy, 1991; Labov 1989; Patrick 1991; Roberts 1997). A elisão do /t/ e do /d/ finais é mais provável antes de consoantes (por exemplo, o /t/ em *mist* como em *mist by the lake*) do que antes de vogais (por exemplo, *mist over the water*). A elisão destes sons é também mais provável nas palavras não flexionadas (morfemas) (por exemplo, em *in the past*), do que nas formas do tempo passado e nos participios passados (por exemplo, em *he*

*passed by* onde o *-ed* é pronunciado como /t/). Os fatores fonológicos e gramaticais também restringem outras variáveis lingüísticas. Houston (1991), por exemplo, mostrou que a variável *-ing* no inglês britânico é sistematicamente condicionada pela função gramatical, com a variante apical (por exemplo, *workin'*) associada às categorias verbais e à variante velar (por exemplo, *ceiling*) associada às categorias nominais. O estudo de Labov (1989) sobre a aquisição de padrões de variabilidade por crianças mostra a ocorrência de um efeito gramatical similar em membros da família Cameron na cidade de King of Prussia, na Pensilvânia. O fato de muitas variáveis lingüísticas serem restringidas por fatores que operam em diferentes níveis lingüísticos é algo corriqueiro para os estudantes de línguas faladas. No entanto, em geral, a variação fonológica na Língua de Sinais Americana e em outras línguas de sinais tem sido explicada com base apenas em restrições fonológicas

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Ladjane Maria Farias de Souza, Lucas Hack de Mendonça.

<sup>2</sup> Ceil Lucas é professora do Departamento de Lingüística da Gallaudet University desde 1982. Robert Bayley é professor de sociolingüística no departamento de Estudos biculturais-bilíngües da University of Texas em San Antonio. Este trabalho foi financiado pela National Science Foundation, auxílios SBR 9310116 e SBR 9709522. Ambos os autores contribuíram igualmente para este artigo. Clayton Valli, Alison Jacoby, Mary Rose, Leslie Saline, Susan Schatz, Ruth Reed, e Alyssa Wulf auxiliaram na coleta, na transcrição e na codificação dos dados. Agradecemos a Robert Walker pelos desenhos e a MJ Bienvenu por posar para as fotos. Agradecemos especialmente aos surdos que generosamente compartilharam conosco a riqueza de sua língua e de sua experiência.

(isto é, as características dos sinais anteriores e seguintes), sem referência ao papel dos fatores gramaticais e funcionais (para uma revisão completa deste assunto, veja Lucas, Bayley e Valli, 2001).

Até muito recentemente, as pesquisas sobre a Língua de Sinais Americana tinham por objetivo provar que a ASL e, por analogia, as outras línguas de sinais, constituem verdadeiras línguas. Em busca de tal objetivo, tais pesquisas demonstraram que a estrutura da ASL é semelhante à das línguas faladas, e que sua fonologia e sintaxe estão sujeitas aos mesmos tipos de processo que operam nas línguas faladas. Procedendo desta maneira, tais pesquisas deixaram de investigar a possível influência de outros fatores além dos fonológicos. Por exemplo, Battison, Markowicz, e Woodward (1975) investigaram a extensão variável do polegar em sinais como *engraçado*, *preto*, *chato* e *engraçadinho*. Dos seis fatores que os autores afirmam condicionar a variação, cinco dizem respeito às características composicionais (fonológicas) dos próprios sinais. Woodward e DeSantis (1977) investigaram os sinais realizados com as duas mãos que podem se tornar sinais com uma mão, como *gato*, *chinês*, *vaca* e *famoso*. Eles também sugeriram que a variação por eles observada era condicionada por aspectos fonológicos dos próprios sinais (por exemplo, o movimento e a locação do sinal). Liddell e Johnson explicam a variação em duas formas do sinal *surdo* (da orelha para o queixo e do queixo para a orelha) como sendo um processo governado apenas por restrições fonológicas:

Diversos sinais substituem um grupo inicial de segmentos por um grupo final de segmentos em certos contextos que parecem ser puramente fonológicos. O sinal *surdo* é um

exemplo típico de tais sinais derivados por metátese. (1989:244).

Liddell continua a defender a interpretação oferecida no artigo de 1989. Em *Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language* (2003), ele se refere ao estudo piloto de Lucas (1995) sobre a variação na composição do sinal *surdo*, estudo esse que chegou à conclusão de que apenas a função gramatical e não as características dos sinais anteriores e seguintes exercia um efeito significativo na escolha por parte dos sinalizantes entre a forma canônica (da orelha para o queixo) e a forma não-canônica (do queixo para a orelha ou tocando na bochecha) da palavra *surdo*. Ele então descreve duas ocorrências de *surdo* usadas no mesmo período para ilustrar o papel dos sinais anteriores e seguintes no condicionamento da variação. Ele reconhece que o exemplo não possui “significado estatístico”, mas, mesmo assim, ele comenta que “os sinais anteriores e seguintes são claramente os fatores significativos nesses exemplos” (2003, 319).

Liddell e Johnson também discutem sobre o abaixamento variável do ponto de articulação dos sinais (por exemplo, *saber*) que são produzidos à altura da testa na forma canônica (*\_cf*), que é a forma padrão que aparece nos dicionários e que é ensinada nas aulas de ASL: “os processos fonológicos que devem ter originado essa transposição ainda estão ativos na ASL contemporânea. As regras que explicam esses sinais parecem ser selecionadas de modo variável na sinalização casual e, à semelhança das regras de redução da vogal nas línguas faladas, elas possuem o efeito de neutralizar os contrastes de locação” (1989, 253). Esses autores também atribuem a variação nos sinais produzidos com uma configuração de mão 1 (dedo indicador

estendido, todos os outros dedos e o polegar fechados) a processos fonológicos, sem considerar fatores em outros níveis lingüísticos: “Há vários exemplos de assimilação na ASL. Por exemplo, a configuração de mão do sinal eu (*\_pro.* 1) em geral se assimila àquela de um predicado contíguo na mesma oração. . . . A incidência da assimilação de um sinal pela configuração de mão de outro sinal, além da que ocorre com o sinal para eu, embora ainda não investigada por completo, pareceu ser consideravelmente limitada. . . . Para a maioria dos sinalizantes, essa assimilação parece ser variável, provavelmente controlada pelo nível de formalidade e pelas restrições à sinalização rápida” (ibid., 250–52).

Neste artigo, nós testamos a hipótese de que a variação fonológica na ASL pode ser explicada essencialmente pela influência do ambiente fonológico. Apresentamos uma série de análises multivariadas de aproximadamente nove mil e quatrocentas ocorrências distribuídas entre três variáveis fonológicas, extraídas de conversas e de entrevistas sociolingüísticas gravadas em vídeo, com uma amostra estratificada de 207 sinalizantes originários de sete regiões dos Estados Unidos. Primeiramente, nós ilustraremos as variáveis lingüísticas e apresentaremos uma visão geral do modelo de fonologia da ASL que informa a nossa análise. Em seguida, passaremos a discutir os métodos usados para a coleta, para a redução e para a codificação dos dados. E, por fim, apresentaremos os resultados obtidos e discutiremos suas implicações para a nossa interpretação da variação nas línguas faladas e de sinais.

### 1. As variáveis

Examinamos os fatores lingüísticos que restringem a variação na forma de três variáveis:

o sinal *surdo*, a locação da classe de sinais representada pelo verbo saber e os sinais realizados com a configuração de mão 1.

### 2. O sinal surdo

O sinal *surdo* possui três variantes principais, ilustradas nas figuras 1a, 1b e 1c. Na forma canônica, *surdo* é sinalizado da orelha para o queixo. Ele pode também ser sinalizado do queixo para a orelha ou reduzido a um contato com o queixo. Nós chamamos essas formas alternativas de não-canônicas (-cf).

### 3. Sinais com movimento descendente

A segunda variável é composta por uma classe de sinais, representada pelo verbo saber, que compartilha aspectos de locação e de posição da mão. Os sinais dessa classe são produzidos na testa ou na têmpora. Além do verbo saber, esta classe inclui outros sinais para verbos de pensamento e percepção (por exemplo, acreditar, decidir, esquecer, lembrar, supor, suspeitar, ver, pensar), bem como uma variedade de adjetivos (por exemplo, tonto, federal, estranho), substantivos (por exemplo, veado, pai, cavalo), preposições (por exemplo, para) e pronomes interrogativos (por exemplo, por quê), (em sinais como acreditar, decidir e lembrar. Variação na Língua de Sinais Americana: o foco aqui está na locação inicial da configuração de mão – a testa na forma canônica e mais abaixo nas formas variáveis). A figura 2a é uma ilustração de *saber* e de *para* em suas formas canônicas. As variantes desses sinais são produzidas em pontos abaixo da testa ou da têmpora. A figura 2b mostra os sinais *saber* e *para* do modo como são produ-



zidos algumas vezes, um pouco acima ou um pouco abaixo da mandíbula.

#### 4. Sinais produzidos com a configuração de mão 1

Muitos sinais pertencentes a todas as classes gramaticais são produzidos com a CM 1.

A figura 3a mostra a forma canônica para *um*, com o polegar e todos os dedos exceto o indicador fechados. Os sinais produzidos com a CM 1, entretanto, apresentam uma larga faixa de variação (por exemplo, polegar aberto, todos os dedos abertos). Neste artigo, nós consideramos as duas formas não-canônicas mais comuns. A primeira, a variante com a CM L, difere da forma canônica por utilizar o polegar aberto (figura 3b). Na segunda forma não-canônica, a variante com a mão aberta (figura 3c), tanto o polegar quanto os dedos permanecem abertos.

#### 5. Fonologia segmental da Língua de Sinais Americana

A perspectiva básica com relação à estrutura dos sinais sofreu uma mudança radical desde os primeiros estudos sobre a variação na ASL (veja, por exemplo, Battison, Markowicz, e Woodward 1975; Woodward 1973a, 1973b, 1976). A perspectiva de Stokoe (1960), adotada pelos estudos sobre as línguas de sinais realizados de 1960 até os anos 1980, defende que os sinais são compostos de três partes ou parâmetros básicos (a locação na qual o sinal é produzido, a CM e o movimento do sinal) e que, ao contrário dos segmentos produzidos seqüencialmente nas línguas faladas, esses componentes são produzidos simultaneamente. Embora Stokoe e outros

reconheçam a ocorrência de eventos seqüenciais no interior dos sinais, para eles, tais eventos são desprovidos de relevância fonológica. Como Liddell e Johnson observaram, “a afirmação de que os sinais são feixes simultâneos de *primes* não é uma afirmação de que não existem eventos seqüenciais no interior dos sinais. É uma afirmação de que a organização seqüencial dos sinais é fonologicamente irrelevante.

Desse modo, embora Stokoe e, mais recentemente, outros pesquisadores reconheçam a seqüência no interior dos sinais, em geral, eles defendem que ela é fonologicamente sem relevância” (1989, 196–97). Modelos mais recentes, contudo, atribuem significância fonológica aos eventos seqüenciais. Esses modelos parecem ser muito mais adequados para o estudo da variação do que os modelos anteriores, relativos à simultaneidade, porque eles tornam mais explícitos certos aspectos do sinal que estão sujeitos à variação.

No modelo de Liddell e Johnson (*ibid.*), que adotamos aqui, os sinais são vistos como compostos de segmentos de parada e segmentos de movimento seqüencialmente produzidos, e que até certo ponto são análogos às consoantes e às vogais das línguas faladas. Cada segmento constitui um feixe articulatorio que inclui as características de CM, locação, orientação da palma da mão, e aspectos não-manuais (expressões faciais). Por exemplo, a forma canônica de *surdo* compreende uma seqüência composta por um segmento de parada, um segmento de movimento e um segmento de parada (PMP). A figura 4 é uma representação de *surdo* segundo esse modelo. Embora reconheçamos que a natureza de tais segmentos é um assunto em aberto (veja, por exemplo Coulter 1992; Perlmutter 1992; Sandler 1992; Uyechi 1994; Brentari 1998),

nós consideramos o modelo de Liddell e Johnson como o mais adequado para o estudo da variação. Como Liddell (1992) demonstrou, esse modelo possibilita não apenas a descrição apropriada de qualquer sinal individual mas também a explicação precisa de processos fonológicos como a assimilação, a metátese, a epêntese e o apagamento do segmento – processos que são fundamentais para que haja variação tanto nas línguas faladas quanto nas línguas de sinais.

## 6. Métodos utilizados

### 6.1 As Comunidades

A fim de obter uma amostra representativa da variação na ASL, nós coletamos dados em sete regiões: em Staunton, Virginia; em Frederick, Maryland; em Boston Massachusetts; em Olathe e em Kansas/Kansas City, Missouri; em Nova Orleans, Louisiana; em Fremont, Califórnia e em Bellingham, Washington. Todas essas regiões possuem comunidades florescentes de usuários da ASL. Além disso, Staunton, Frederick, Boston, Fremont e Olathe possuem internatos para crianças surdas e comunidades surdas de longa data. Escolhemos estas regiões porque as consideramos representativas das principais áreas do país – o Nordeste, o Leste, o Sul, o Centro-Oeste, o Oeste e o Nordeste. No final do verão e no começo do outono de 1994, nós testamos e refinamos a metodologia de coleta dos dados em Frederick e em Staunton antes de implementarmos em outras regiões. Os dados foram coletados em Boston, em janeiro de 1995, em Kansas City e em Olathe, em maio de 1995, em Fremont e em Bellingham, em junho de 1995, e em Nova Orleans, em setembro de 1995.

## 7. Os participantes

Participaram da pesquisa 207 homens e mulheres afro-americanos e brancos da classe operária e da classe média, de três faixas etárias: de 15 a 25 anos, de 26 a 54 anos e de 55 anos acima. Todos haviam adquirido a ASL de modo natural em casa ou aprendido a sinalizar com seus colegas nas escolas internas antes de completarem 5 ou 6 anos (veja Lucas, Bayley e Valli [2001] para informações mais detalhadas sobre os participantes).

## 8. A coleta de dados

A abordagem dos participantes orientou-se pelo trabalho de Labov (1984) e Milroy (1987). Grupos de dois a sete sinalizantes foram formados em cada área através de um contato, uma pessoa surda residente na vizinhança com um bom conhecimento da comunidade. Nas quatro regiões onde nós entrevistamos tanto sinalizantes brancos quanto sinalizantes afro-americanos, contamos com dois contatos, um para cada comunidade. Eles eram responsáveis pela identificação de usuários fluentes e com longa prática da ASL que morassem na comunidade há pelo menos dez anos.

A coleta de dados foi dividida em três partes. A primeira parte de cada sessão gravada em videotape compreendia aproximadamente uma hora de conversação livre entre os membros de cada grupo, sem a presença dos pesquisadores. Após esse período de conversação livre, dois participantes eram escolhidos e entrevistados mais detalhadamente pelos pesquisadores surdos sobre suas origens, relações sociais e seus padrões de uso da língua. As sessões terminavam com a exibição de um conjunto de 34 figuras, a fim de se ob-

ter dos participantes os sinais para os objetos ou ações nelas representados (consulte Lucas, Bayley, e Valli 2001 para ver os resultados sobre a variação lexical.)

Ficou evidente que os usuários da ASL tendem a ser muito sensíveis ao status audiológico e étnico de um entrevistador (por exemplo, se é ouvinte ou surdo, branco ou afro-americano [Lucas and Valli 1992]). Tal sensibilidade pode se manifestar pela rápida substituição da ASL pelo inglês sinalizado ou pelo pidgin na presença de uma pessoa ouvinte (ibid.). A fim de se obter uma elicitación consistente da ASL ao invés do inglês sinalizado ou do pidgin, os participantes foram entrevistados apenas por pesquisadores surdos. Além disso, todos os participantes afro-americanos foram entrevistados por um pesquisador assistente afro-americano. Os pesquisadores brancos não estavam presentes durante as sessões dos grupos afro-americanos, nem nas entrevistas. Estes procedimentos foram seguidos na coleta dos dados referentes a 62 grupos. Os dados foram coletados nos centros comunitários, nas escolas para crianças surdas, em residências e, no caso de três dos grupos, em um parque público

## 9. Redução dos dados e codificação

Enquanto os dados eram coletados, foram desenvolvidos um sistema de catalogação e um banco de dados a fim de facilitar o acesso aos dados, e para armazenar uma grande variedade de informações sobre os vídeos. O banco de dados inclui detalhes relativos a quando e onde cada grupo foi entrevistado, bem como informações sobre as pessoas que aparecem em cada vídeo (nome, idade, histórico escolar, profissão, padrões de uso da língua), detalhes sobre a variação fonológica, lexical, morfo-

lógica e sintática, além de observações sobre outras características lingüísticas da ASL não necessariamente relacionadas à variação.

## 10. Surdo

A fim de permitir a comparação da variação entre as modalidades, para todas as variáveis, nós codificamos uma série de fatores lingüísticos, a maioria dos quais de uso corrente nos estudos sobre variação na língua falada. Para o sinal *surdo*, codificamos todas as 1.618 ocorrências nos dados com relação à função gramatical do sinal e à locação dos segmentos anteriores e seguintes. Além disso, visto que nossos dados incluíam tanto conversas informais quanto narrativas mais longas, nós codificamos os dados também em termos de gênero do discurso. Os fatores codificados são mostrados aqui:

1. Função gramatical de surdo: substantivo (por exemplo, surdos entendem [“pessoas surdas entendem”]); adjetivo (por exemplo, gato surdo); predicativo do sujeito (por exemplo, pro.1 surdo [“Eu sou surdo”]); substantivos compostos (por exemplo, mundo surdo, cultura surda).
2. Locação do segmento anterior: alta (altura da orelha ou acima), média (entre a orelha e o queixo), baixa (no queixo ou abaixo), pausa.
3. Locação do segmento seguinte: alta, média, baixa, pausa.
4. Gênero do texto no qual *surdo* ocorre: conversa, narrativa.

## 11. Locação dos sinais representados por *saber*

Na investigação do movimento descendente de sinais como *saber*, aproximadamente 15 ocorrências foram coletadas de cada sinalizan-

te, totalizando 2.862 ocorrências. Tais ocorrências foram codificadas com relação aos seguintes fatores lingüísticos: função gramatical, ambiente fonológico anterior, ambiente fonológico seguinte e gênero do discurso. O esquema de codificação foi desenvolvido a fim de se determinar se a locação do sinal alvo seria influenciada pela locação do segmento anterior ou do segmento seguinte. Nós também queríamos determinar se a variabilidade do sinal alvo seria influenciada pelos contatos com o corpo ou o rosto estabelecidos pelos segmentos anteriores ou seguintes.

Nós também codificamos as ocorrências com relação a se os cotovelos ou antebraços dos sinalizantes estavam sobre uma cadeira ou mesa enquanto eles produziam o sinal alvo. Este fenômeno, conhecido como “sinalização dificultada”, é, de um certo modo, comparável à experiência de se ouvir uma pessoa ouvinte falando com a boca cheia. A diferença é que a sinalização dificultada, que não constitui um estigma social, é mais comum. Nós previmos que os sinalizantes cujos cotovelos estivessem sobre uma mesa produziram os sinais abaixo da têmpora. No entanto, embora os resultados obtidos a partir da análise inicial confirmem a nossa previsão, as 268 ocorrências de sinalização dificultada (menos que 10 por cento do total) foram eliminadas da análise final que descrevemos aqui porque tal sinalização mostra a influência de uma restrição que não está sujeita nem à análise lingüística nem à análise social. Os fatores lingüísticos que foram codificados foram os seguintes:

1. Função gramatical substantivo (por exemplo, menino, pai); adjetivo (por exemplo, preto, tonto); verbo (por exemplo, saber, entender); preposição (por exemplo, para); pronome interrogativo (por exemplo, por quê)

2. Sinal anterior: sinal, pausa (sem nenhum segmento anterior, o sinal alvo é o primeiro sinal)
3. Locação do segmento anterior: à altura da cabeça do sinalizante; à altura do corpo do sinalizante (no pescoço ou abaixo); não se aplica (o alvo é precedido por uma pausa)
4. Contato do segmento anterior com o corpo: contato com a cabeça ou o rosto; nenhum contato com a cabeça ou o rosto; contato com o corpo (isto é, abaixo do queixo); nenhum contato com o corpo; à altura do corpo do sinalizante (pescoço ou abaixo) e a mão dominante fazendo contato com a mão base (contato das 2 mãos); não se aplica visto que o sinal alvo é precedido de uma pausa
5. Sinal posterior: sinal, pausa (sem nenhum segmento posterior, o sinal alvo é o último sinal antes de uma pausa)
6. Locação do segmento seguinte: os mesmos códigos utilizados para a locação do segmento anterior se aplicam ao segmento posterior ao sinal alvo.
7. Contato do segmento posterior com o corpo: os mesmos códigos para o contato do segmento anterior se aplicam ao segmento posterior ao sinal alvo.
8. Gênero do texto no qual a locação ocorre: conversa, narrativa

## 12. Sinais produzidos com a configuração de mão 1

Para os sinais produzidos com a CM 1, que são muito comuns, nós coletamos pelo menos 25 ocorrências por sinalizante, totalizando mais de 5.000 ocorrências, todas extraídas das partes de cada sessão em vídeo que contêm conversas espontâneas. As ocorrências foram divididas entre sinais lexicais com a CM 1, sinais para

pronomes interrogativos, sinais de funções gramaticais, e pronomes. Para cada exemplo, as características da variante foram descritas e o contexto sintático no qual a variável ocorreu foi registrado. Codificamos as ocorrências com relação a três restrições lingüísticas: (1) categoria gramatical; (2) ambiente fonológico anterior; e (3) ambiente fonológico seguinte. Discutiremos cada uma delas com um certo grau de detalhamento. Além disso, a exemplo de *surdo* e da locação de sinais como *saber*, nós codificamos as ocorrências com relação a uma quarta restrição lingüística, o gênero do texto no qual se observou a ocorrência, identificado como turno conversacional ou narrativa. A categoria gramatical do sinal no qual a CM em questão ocorreu foi codificada como segue:

Pro.1 (“Eu”)  
 Pro.2 (“você”)  
 Pro.3 (“ele”, “ela”, “ele ou ela” para objetos)  
 Pronome interrogativo (por exemplo, onde, quando)  
 palavra gramatical (por exemplo, para)  
 advérbio (por exemplo, realmente)  
 verbo (por exemplo, ir, cancelar)  
 adjetivo (por exemplo, preto, longo)  
 substantivo (por exemplo, semana, mês)

Os predicados classificadores não foram incluídos na análise porque as CMs 1 nesses sinais são morfemas separados com significado independente, ao contrário dos sinais lexicais e dos pronomes nos quais a CM não possui significado independente<sup>3</sup>.

O sistema de codificação com relação aos fatores fonológicos foi concebido a fim de testar a hipótese de que a variação nos si-

nais realizados com a CM 1 está sujeita à assimilação, que é o processo através do qual os sinais tornam-se semelhantes aos sinais que lhes são próximos. Por exemplo, a CM 1 no pro.1 (“Eu”) pode se converter em uma CM 8 na locução pro.1 preferir (“Eu prefiro”). Em nossa codificação, supomos que apenas as características da CM dos segmentos anteriores e seguintes teriam efeito nas características variáveis da CM do sinal alvo. Portanto, em vez de codificar a locação, a orientação e a CM anteriores, nós limitamos a nossa definição dos ambientes anterior e seguinte às CMs anteriores e seguintes.

O primeiro passo na codificação das características do ambiente fonológico foi o de codificar com relação a se a variável era antecedida ou seguida por um segmento ou por uma pausa. Nós então codificamos os segmentos anteriores e seguintes com relação às características relevantes do polegar, do indicador e dos dedos 2, 3 e 4. As características foram selecionadas porque a variável, conforme definida aqui, não constitui uma unidade ou segmento lingüístico completo, mas um feixe de características que define apenas a CM. Do mesmo modo, a CM dos segmentos anterior ou posterior ao sinal realizado com a CM 1 é simplesmente um feixe de características. Cada um destes elementos da CM poderia ser classificado como tendo uma de duas características binárias: aberto ou fechado, no caso do polegar ou dos dedos; e estendido ou curvado, no caso do dedo indicador. Nossa análise tratou cada um dos elementos da CM do ambiente anterior ou seguinte em um grupo de fatores distinto. A Tabela 1 mostra como nós codificamos as ca-

<sup>3</sup> Alguns dos sinais alvo são sinais realizados com as duas mãos (por exemplo, semana), e nosso foco foi dirigido para a mão dominante.



racterísticas dos segmentos anteriores e posteriores nos três grupos de fatores binários.

### 13. Fatores sociais

Além desses grupos de fatores, todas as variáveis foram codificadas com relação a fatores não-lingüísticos: região geográfica, idade, gênero sexual, etnia, classe social e histórico lingüístico. (veja Lucas, Bayley, and Valli [2001] para uma discussão completa dos resultados relativos a esses fatores).

### 14. A análise

Os dados foram analisados com a versão do software VARBRUL desenvolvida por Rand e Sankoff (1991) para Macintosh (Rousseau and Sankoff 1978; Sankoff 1988), um aplicativo especializado de regressão logística que vem sendo usado há muito tempo nos estudos da variação na língua falada (veja, por exemplo, Guy 1980, 1991; Houston 1991; Labov 1989). O objetivo de uma análise através do software VARBRUL, isto é, de uma análise das regras variáveis, é o de quantificar e testar o significado de múltiplos fatores que podem afetar as escolhas por parte dos usuários de uma língua entre formas lingüísticas variáveis (Bayley 2002). Na análise das regras variáveis, um valor, ou peso VARBRUL, entre 0 e 5, indica que o fator em questão não aceita a variante que foi escolhida como o *valor de aplicação*, ou a variante que é considerada como uma aplicação da “regra” que está sendo investigada. Um valor ou peso entre 0,5 e 1,0 aceita a variante como aplicação da regra. No entanto, os pesos do VARBRUL, improvisadamente denominados “probabilidades”, precisam ser interpretados com relação à

probabilidade de entrada ou à probabilidade total do uso de uma variante específica, sem levar em conta a influência de qualquer fator individual do ambiente.

Por exemplo, na tabela 3, vemos que sinais em seqüência produzidos em um ponto mais baixo do que o da forma canônica de surdo predispõem a ocorrência da variante de *surdo* realizada por contato na bochecha, com um peso de .579, ainda que tal variante seja usada em apenas 25% das vezes nesse ambiente. Note-se, entretanto, que a totalidade do uso das variantes realizadas por contato na bochecha é de apenas 20 por cento.

### 15. Resultados

Os resultados das análises multivariadas indicam que, para cada uma das variáveis, a função gramatical é a restrição lingüística mais importante na escolha entre as formas canônica e não-canônica. Em contraste, os fatores fonológicos exercem um papel relativamente menos importante. Nesta seção, nós apresentamos os resultados dos fatores lingüísticos para cada uma das três variáveis. Nós então focalizamos a relação entre as restrições gramaticais e fonológicas.

### 16. SURDO

Para *surdo*, as formas não-canônicas se mostraram muito mais comuns do que as formas canônicas. Das 1.618 ocorrências de *surdo* analisadas nesse estudo, apenas 500, ou seja, 31%, apresentaram a forma canônica. Entre as ocorrências das formas não-canônicas, 889, ou seja, 55%, foram do queixo para a orelha e 229, ou seja, 14%, foram de contato na bochecha. A análise da variação na forma

de *surdo* baseia-se em um modelo de ordenamento de regras em duas etapas. Na primeira etapa, a forma canônica (cf, da orelha para o queixo) pode sofrer metátese e se transformar em uma forma que vai do queixo para a orelha; ou seja, a ordem das partes do sinal – nesse caso a locação – pode se reverter. Na segunda etapa, as formas que sofreram metátese podem sofrer um processo extra de redução – de uma forma que vai do queixo para a orelha para um contato na bochecha. Uma evidência de que a metátese precede o processo de redução é o fato de que substantivos compostos como *jeito surdo* ou *cultura surda* começam com a forma de *surdo* por contato na bochecha. Se a metátese não tivesse ocorrido, a expectativa seria de que o sinal começasse na locação da orelha, como explicaremos mais adiante. Os resultados das análises de *surdo* são mostrados nas tabelas 2 e 3.

A função gramatical e o gênero do discurso mostraram ser os únicos fatores lingüísticos relevantes na escolha entre a forma canônica e a forma não-canônica de *surdo*. Os substantivos compostos tendem a se realizar na forma não-canônica; os substantivos e os adjetivos, na grande maioria das ocorrências, constituíram um ponto de referência praticamente neutro; e os predicativos do sujeito tenderam a se realizar na forma não-canônica. Esses resultados confirmam o estudo piloto de Lucas (1995) que mostra que a escolha entre as formas canônica e não-canônica de *surdo* é condicionada pela função gramatical do sinal, ao invés de o ser pelas características dos sinais anteriores e seguintes.

Como observamos anteriormente, a segunda análise envolveu uma escolha entre a variante realizada do queixo para a orelha e a variante realizada por contato na bochecha, excluindo-se as formas canônicas (da orelha para o queixo). Nessa análise, a função gra-

matl mais uma vez mostrou ser a restrição lingüística de primeira ordem. Como mostra a tabela 3, os substantivos compostos mostram preferência pela forma reduzida por contato na bochecha, os substantivos são neutros e os adjetivos e predicados rejeitam a forma reduzida. No entanto, ao contrário da primeira análise entre as formas canônica e não-canônica, a segunda análise, que incluiu apenas as duas variantes não-canônicas, selecionou uma restrição fonológica significativa.

A locação do sinal seguinte afetou de maneira significativa a escolha por parte dos sinalizantes entre as variantes realizadas do queixo para a orelha e por contato na bochecha. Quando o sinal seguinte era entre a orelha e o queixo (locação média) ou inexistente (pausa), a forma por contato na bochecha era rejeitada. Quando o sinal seguinte era no nível da orelha ou acima ou no nível do queixo ou abaixo, a forma por contato na bochecha era preferida. Esses resultados podem ser melhor explicados pela necessidade de se manter uma distinção entre *surdo* e o sinal seguinte. Assim, a variante por contato na bochecha pode ser livremente usada se a locação do sinal seguinte for realizada à altura da orelha, ou acima; ou então à altura do queixo, ou abaixo (ou seja, se a locação do sinal seguinte for em algum lugar que não na bochecha).

### 16.1 *Locação dos sinais representados por SABER*

A análise multivariada de 2.594 ocorrências mostra que a variação na locação da classe de sinais representada por *saber* é sistemática e restringida por fatores que operam em diferentes níveis lingüísticos. As formas não-canônicas desses sinais, produzidas em pontos inferiores da face ou da cabeça apresentam

uma frequência de uso ligeiramente superior à das formas canônicas. As formas não-canônicas representam 53% das ocorrências, e as formas canônicas, 47%. A discussão a seguir apresenta nossos resultados com relação às contribuições significativas dos grupos de fatores lingüísticos.

Assim como no caso de surdo, nós presumimos que a forma canônica fosse a forma base dos sinais que compõem essa classe. Dentre os fatores lingüísticos, a função gramatical, a locação anterior e o contato seguinte provaram ser significativos no nível .05. A Tabela 4 mostra os pesos VARBRUL para os grupos de fatores lingüísticos significativos, com *-cf* definida como sendo o valor de aplicação. A tabela também inclui a probabilidade de entrada e os valores totais.

Conforme sugere a abrangência dos valores relativos aos fatores, a função gramatical novamente provou ser a restrição de primeira ordem. Dentro do grupo função gramatical, as preposições e outras palavras gramaticais apresentaram a maior probabilidade de serem produzidas em uma locação abaixo da tēpora ( $p \_ .581$ ). Os substantivos e os verbos, que constituem a grande maioria das ocorrências, constituíram o ponto de referência quase neutro ( $p \_ .486$ ), enquanto os adjetivos favoreceram a forma canônica ( $p \_ .316$ ). O resultado para os adjetivos, no entanto, deve ser tratado com precaução, uma vez que os dados contêm apenas 57 ocorrências de adjetivos. Não observamos nenhuma ocorrência para esse fator na produção de aproximadamente 75% dos sinalizantes neste estudo.

No que diz respeito aos fatores fonológicos, o contato e a locação se comportaram de uma forma um pouco diferente da que esperávamos. Nós codificamos a locação e o contato dos segmentos imediatamente ante-

riores e seguintes porque nossa hipótese era a de que certas características desses ambientes exerceriam um papel no condicionamento da variação. De fato, esse foi o caso, embora apenas até um certo ponto. Os resultados mostram que, entre os grupos de fatores fonológicos, apenas a locação do sinal anterior e o contato do sinal seguinte com o corpo, cabeça ou mão-base tiveram efeitos estatisticamente significativos. Os outros quatro grupos de fatores – se os segmentos anteriores e seguintes eram parte de um sinal ou de uma pausa; se o segmento anterior entrava em contato com o corpo ou a cabeça, e a locação do sinal seguinte – todos eles se mostraram irrelevantes.

Os resultados para a locação do sinal anterior sugerem que há assimilação. Se o segmento anterior é produzido na cabeça, o sinal alvo tem menos chance de ser produzido em sua locação não-canônica ( $p \_ .452$ ). Os sinais anteriores produzidos à altura do corpo representam o ponto de referência quase neutro ( $p \_ .503$ ).

A característica [+/\_ contato] também influencia o abaixamento de sinais como *saber*. Um segmento seguinte [+contato] desfavorece *-cf* ( $p \_ .466$ ).

Assim como na locação do sinal anterior, a influência está na direção da forma canônica, enquanto o fator que esperávamos ser o responsável pelo abaixamento na produção de sinais (isto é, [-contato]) favorece *-cf* de forma apenas sutil ( $p \_ .525$ ).

## 17. Sinais produzidos com a configuração de mão 1

Nesta sessão nós relatamos análises VARBRUL separadas, onde cada uma das três variantes principais dos sinais realizados com a CM 1 foi definida como sendo o valor

de aplicação. Essas três variantes constituem 95% das 5.195 ocorrências analisadas. Suas características relevantes são as seguintes:

+ cf: forma canônica (dedo indicador estendido, polegar e dedos 2, 3 e 4 fechados).

Configuração de mão L: polegar estendido; isto é, diferente da forma canônica com relação a uma única característica.

Mão aberta: polegar e dedos 2, 3 e 4 estendidos (todos os dedos, exceto o indicador); isto é, a forma mais foneticamente diferente da forma canônica.

A exemplo do que se observou para *surdo* e para o abaixamento dos sinais representados por *saber*, as formas não-canônicas ocorrem mais frequentemente nesses sinais do que as formas canônicas. Além disso, a variação não se limita ao pronome singular de primeira pessoa. Ao invés disso, ela também ocorre em outros pronomes e sinais lexicais.

Os resultados totais indicam que, dentre os grupos de fatores lingüísticos, a categoria gramatical, o polegar, os dedos e o indicador anteriores, e o polegar e os dedos posteriores, todos eles constituíram restrições às escolhas dos sinalizantes entre uma ou outra variante da CM 1. O tipo de discurso (narrativa, conversa) e a posição do dedo indicador no segmento seguinte mostraram-se irrelevantes em todas as análises estatísticas. Também a escolha de uma variante de CM 1 mostrou não ser afetada, de modo significativo, pela presença ou ausência de um segmento anterior.

A probabilidade de uso de uma das formas não-canônicas pelos sinalizantes foi a mesma independentemente de o sinal alvo ser precedido ou seguido de uma pausa.

Como nos casos de surdo e do abaixamento de sinais como *saber*, as restrições fonológicas não constituíram a influência mais forte sobre a escolha de uma variante. Ao invés disso, foi a categoria gramatical que

provou ser a restrição lingüística de primeira ordem em duas das três análises VARBRUL, nas quais +cf e a variante de mão aberta foram definidos como os valores de aplicação. A categoria gramatical também restringiu de forma significativa a escolha dos sinalizantes com relação à variante da CM L. Os resultados para os fatores lingüísticos são mostrados nas tabelas 5 e 6.

Esses resultados mostram que quando +cf é selecionada como o valor de aplicação, os substantivos e os adjetivos ( $p = .838$ ), os verbos e os advérbios ( $p = .727$ ), os sinais de função gramatical ( $p = .708$ ), os pronomes interrogativos ( $p = .647$ ), e pro.3 ( $p = .583$ ), todos favorecem a forma canônica pro.2 e pro.1 ( $p = .482, .223$ ) têm maior probabilidade de ser realizados por meio de uma outra CM.

Para a variante da CM L, a situação é praticamente inversa. Há maior probabilidade de os sinalizantes escolherem essa variante para pronomes interrogativos ( $p = .581$ ) e pro.2 e pro.3 ( $p = .568$ ) – que não apresentam diferença significativa entre si – do que para verbos e advérbios ( $p = .474$ ) ou substantivos e adjetivos ( $p = .351$ ).

Para essa variante, os sinais de função gramatical ( $p = .492$ ) e pro.1 ( $p = .515$ ) são relativamente neutros em seu efeito.

Passando agora à variante de mão aberta, podemos novamente observar um padrão que é praticamente o inverso do padrão para a +cf. Os substantivos e os adjetivos ( $p = .219$ ), os verbos e os advérbios ( $p = .275$ ), os pronomes interrogativos ( $p = .270$ ), e os sinais de função gramatical ( $p = .306$ ), todos apresentam uma forte rejeição à variante de mão aberta pro.3 ( $p = .439$ ) e também desfavorece a escolha dessa variante, enquanto pro.2 ( $p = .505$ ) é neutra. Em contrapartida, pro.1 ( $p = .761$ ) favorece fortemente a varian-

te de mão aberta, forma que mais se distancia da forma canônica.

As características das CM próximas também restringem a variação em sinais produzidos com a CM 1. Um polegar fechado no segmento anterior, assim como um polegar fechado no segmento seguinte ( $p_{-}$  .628), favorece *\_cf* ( $p_{-}$  .635). De modo análogo, dedos fechados no segmento anterior ( $p_{-}$  .551) e no segmento seguinte também favorecem *\_cf* ( $p_{-}$  .532). Um indicador curvado no sinal anterior mostra uma ligeira rejeição a *\_cf* ( $p_{-}$  .468). Esses resultados sugerem que ocorre assimilação na variação da CM. Conforme mostra a Tabela 6, os resultados das análises nas quais a CM L e a CM de mão aberta são definidas como valores de aplicação confirmam essa tendência. Note-se também que os dedos e o polegar anteriores e seguintes são claramente os fatores mais importantes envolvidos. Ao contrário do fator referente a se o indicador anterior estava curvado ou estendido, que se mostrou significativo apenas na análise com *\_cf* definida como o valor de aplicação, as posições do polegar anterior e seguinte, bem como as dos dedos, foram relevantes nas três análises realizadas.

## 18. Discussão dos resultados

### 18.1 Classificação das restrições

A parte central da nossa análise para cada variável envolveu a identificação dos fatores lingüísticos que regulam a variação observada. Seguindo o modelo fornecido por estudos sobre variação na língua falada, e levando em conta afirmações anteriores sobre a variação nas línguas de sinais, nós partimos da hipótese de que as características do ambiente fonológico imediatamente anterior e seguinte

exerceriam papéis importantes. Por exemplo, pressupomos que a locação dos sinais anteriores e seguintes seria importante para o entendimento da variação no sinal *surdo* e no abaixamento de sinais como *saber*. Também pressupomos que a CM dos sinais anteriores e seguintes afetaria a variação em sinais formados a partir da CM 1. Nós então incluímos grupos de fatores compreendendo características dos segmentos anteriores e seguintes.

Entretanto, as análises anteriores de Lucas quanto ao sinal *surdo* (1995), embora tendo sido conduzidas com um número relativamente pequeno de ocorrências, nos chamaram a atenção para o possível papel exercido pela função gramatical na explicação dessa variação. Com esses resultados em mente, incluímos em nosso estudo um grupo de fatores para as categorias gramaticais relevantes de cada variável, junto com os grupos de fatores fonológicos e sociais. Para *surdo*, as categorias gramaticais compreenderam predicativo do sujeito, substantivo, adjetivo e adjetivo em um substantivo composto. Para a análise do movimento de abaixamento dos sinais representados por *saber*, elas incluíram preposições, pronomes interrogativos, substantivos, verbos e adjetivos; e, para os sinais realizados com a CM 1, elas incluíram pronomes e sinais lexicais, essa última categoria dividida em substantivos, adjetivos, verbos, advérbios e sinais de função gramatical. A Tabela 7 resume a classificação das restrições lingüísticas para cada uma das variáveis, e mostra que a função gramatical é o fator de maior influência em cada uma das três variáveis. Esse resultado é surpreendente, e tem implicações substanciais.

A seguir, discutiremos primeiramente a relevância de tal resultado em relação a cada variável, e então ofereceremos uma explicação mais abrangente, unificando as três variáveis.



No caso de *surdo*, sugerimos que o papel das restrições gramaticais na escolha entre as formas canônica e não-canônica representa um reflexo sincrônico de uma mudança em progresso, na qual os substantivos compostos constituem o ambiente mais favorável ao surgimento de formas inovativas, seguido pelos substantivos e adjetivos e, finalmente, pelos predicados. A ordem específica dos eventos envolvidos na mudança é apresentada a seguir. A forma canônica de *surdo* é da orelha para o queixo. Essa forma é averbada, já no começo do século XIX, no dicionário da Língua de Sinais Francesa, preparado por Sicard (1808). Ela foi provavelmente trazida à América por Clerc em 1817. O sinal então sofre um processo natural de metátese, por meio do qual sua locação inicial passa a ser não mais a orelha, mas sim o queixo ou a região próxima do mesmo. De fato, temos um registro da forma de *surdo* que sofreu metátese na palestra proferida por Veditz em 1913 sobre a preservação da ASL.

Essa forma que vai do queixo para a orelha participa do processo de composição, que resulta em sinais compostos da ASL, como jeito *surdo*, pessoa surda e mundo surdo. Sabemos disso porque todos os sinais compostos com *surdo* começam em algum ponto da bochecha, nas proximidades da boca.

A primeira regra de composição da ASL requer do primeiro sinal em um composto que retenha sua “parada em contato” inicial (isto é, um segmento de parada que mantém contato com a face ou o corpo) (Liddell, 1984). Se a forma de *surdo* que vai da orelha para o queixo fosse o primeiro sinal dos compostos, a expectativa seria de que os compostos com *surdo* começassem na orelha, mas isso nunca acontece.

Todos eles começam na região baixa da bochecha. Essa primeira “parada em conta-

to” é a forma de *surdo* por contato na bochecha que observamos em nossos dados e que ocorre muito freqüentemente, embora não exclusivamente, nos sinais compostos. Também observamos tanto a forma do queixo para a orelha quanto a forma por contato na bochecha ocorrendo com predicados, substantivos e adjetivos. Conforme mostram os resultados da análise VARBRUL, quando as formas canônica (da orelha para o queixo) e não-canônica (do queixo para a orelha e contato na bochecha) de *surdo* são comparadas, a categoria gramatical aparece como a responsável pela variação.

Entretanto, como vimos, esses resultados não querem dizer que os fatores fonológicos não exercem papel algum. Quando comparamos as formas não-canônicas entre si, a categoria gramatical ainda desponta como sendo o fator mais importante, porém a locação do sinal seguinte também apresenta um efeito relevante. Além disso, temos evidência de assimilação: as locações seguintes mais baixas do que o usual para a variante por contato na bochecha favorecem essa forma, enquanto uma locação posterior que coincida com a locação de contato na bochecha (como em ontem ou menina), assim como uma pausa posterior, desfavorecem a forma de contato com a bochecha e favorecem a forma do queixo para a orelha. As locações posteriores mais altas do que a locação usual de contato com a bochecha também favorecem a forma por contato na bochecha, mas apenas 51 das ocorrências estão nessa posição, um número pequeno se comparado às 756 ocorrências em que o sinal seguinte aparece abaixo da locação de contato na bochecha.

Nos casos de abaixamento de sinais como saber, assim como com *surdo*, a função gramatical é novamente o fator mais importante. Especificamente, as preposições e

os pronomes interrogativos têm maior probabilidade de ser produzidos em uma locação abaixo da tēmpora. Os substantivos e os verbos representam o ponto de referência neutro. Os adjetivos favorecem a forma canônica. E, conforme relatado anteriormente, os grupos de fatores fonológicos referentes à locação do sinal anterior e ao contato com o corpo em um sinal posterior provaram ser relevantes. Sendo assim, as características dos sinais anteriores e seguintes afetam a variação da locação, mas seu papel não é tão evidente quanto aquele exercido pela categoria gramatical a que o sinal pertence.

Os resultados para a variação nos sinais realizados com a CM 1 mostram novamente o papel fundamental das restrições gramaticais. A função gramatical é a restrição lingüística de primeira ordem em duas das três variantes principais, +cf e na variante com mão aberta; e uma restrição significativa na terceira, a CM L. Os resultados relativos à CM 1 sugerem que o condicionamento que ocorre no nível da estrutura do discurso e da combinação /articulação (?) de informações pode ser mais importante para a variação fonológica nas línguas de sinais do que se pensava antes. Em outras palavras, parece haver uma relação inversa entre a “distância” de uma forma em relação ao sujeito da sinalização, – isto é, se o referente está presente no contexto imediato – e até que ponto a configuração de mão pode divergir da forma canônica.

Podemos considerar as três variantes aqui analisadas como pontos em um continuum que representa a distância em relação à forma canônica: a forma canônica propriamente dita; uma forma em que apenas o polegar aparece estendido; e uma classe de formas nas quais outros dedos são também selecionados e estendidos. O referente de maior relevância no discurso, ou seja, o sinalizante,

tem maior probabilidade de ser mencionado por meio de um pronome cuja forma pode apresentar variação máxima com relação à forma canônica. O interlocutor, também relevante em uma situação discursiva, tem maior probabilidade de ser mencionado por meio de uma forma pronominal que difere da canônica apenas por suas características de polegar. Os referentes de terceira pessoa, aqueles ausentes no momento do discurso, são os que têm a maior probabilidade de ser referidos por pronomes em forma canônica. Nos pronomes da ASL, a categoria indexical é veiculada por meio das pontas dos dedos, não importando a configuração de mão que está sendo usada. Em sinais lexicais não-indexicais, entretanto, é a configuração de mão como um todo que veicula parte da carga semântica. As configurações de mão nessas classes são as que têm maiores chances de aparecer na forma canônica. Os sinais lexicais podem ser produzidos como a variante realizada com a CM L, na qual o polegar também aparece estendido, mas esses sinais têm uma probabilidade menor do que os pronomes de serem produzidos com uma CM mais distante da forma canônica, uma vez que isso poderia resultar na transmissão de um significado diferente, ou até de significado nenhum.

As análises das três variáveis mostram que não podemos supor que apenas as características dos sinais anteriores e/ou posteriores restrinjam a variação fonológica nas línguas de sinais. De fato, os resultados das análises multivariadas aqui apresentados indicam não ser esse o caso. Além disso, tal qual o estudo da variação nas línguas faladas, os estudos da variação nas línguas de sinais precisam ser baseados em grandes quantidades de dados coletados a partir de amostras representativas da comunidade lingüística (cf. Cameron, 1986). Considerando as três variá-

veis fonológicas aqui examinadas, vimos que, embora pareça razoável a hipótese de que as características dos segmentos anteriores e seguintes constituem fatores cruciais na variação, tal suposição nem sempre é confiável. Quando examinadas à luz da língua real produzida pelas pessoas, as afirmações e suposições a respeito das três variáveis não podem ser confirmadas.

A influência de fatores outros que não as características dos sinais anteriores e seguintes sobre a variação, como discutida neste artigo, também foi observada em outros estudos sobre a ASL. Em um estudo de pequena escala, Hoopes (1998), por exemplo, examinou sinais como pensar, imaginar e tolerar, todos sinalizados por meio de uma forma canônica com o dedo mínimo fechado, mas que também eram produzidos com uma variante na qual o dedo mínimo fica estendido. Mais uma vez, nós poderíamos suspeitar que a extensão do dedo mínimo é regulada pela configuração de mão dos sinais anteriores ou seguintes, mas não foi esse o caso. Na verdade, a extensão do dedo mínimo tendeu a ocorrer com lexemas usados repetidamente dentro de um tópico de discurso, antes de pausas, e com lexemas prolongados em até duas vezes a sua duração normal.

Esses resultados sugerem que a extensão do dedo mínimo é, em si mesma, uma característica prosódica da ASL que acrescenta ênfase ou foco ao sinal com o qual essa extensão ocorre. Ela é análoga ao acento tônico na língua falada enquanto indicado por um sinal mais forte que resulta de um esforço articulatório maior. Desse modo, no estudo de Hoopes, nós realmente observamos a possível influência de um fator fonológico – o acento tônico – bem como a de um fator discursivo – a repetição. Todavia, o fator fonológico não

está relacionado a características dos sinais anteriores e seguintes.

Em outro estudo, Mulrooney (2002) investigou a variação na soletração manual (datilologia), objetivando determinar que fator(es) regula(m) a produção de formas não-canônicas dos sinais individuais que compõem uma palavra soletrada manualmente. Poder-se-ia esperar, novamente, que o ambiente fonológico imediato desempenhasse algum papel, especificamente, a configuração de mão do sinal imediatamente anterior ou imediatamente posterior. No entanto, nenhum desses fatores mostrou ter um efeito significativo. As locações imediatamente anteriores e posteriores tiveram uma influência modesta, porém, mais uma vez, o papel mais importante foi exercido pela função da palavra manualmente soletrada na qual a forma alvo ocorreu, com nomes próprios favorecendo as formas canônicas, os substantivos comuns sendo neutros, e os verbos favorecendo as formas não-canônicas.

A influência da função gramatical na variação fonológica também foi observada na Língua de Sinais Australiana (Auslan). Schembri e Johnston (2004) apresentaram um estudo em andamento sobre o abaixamento de uma classe de sinais na Auslan que se dá de forma semelhante à classe de sinais representada por *saber*, discutida anteriormente no presente artigo. Na Auslan, os sinais dessa classe incluem substantivos (por exemplo, nome); verbos (por exemplo, saber) e adjetivos (por exemplo, amarelo). Uma análise multivariada de 1.096 ocorrências coletadas de uma amostra representativa das comunidades surdas residentes em Perth e Sydney mostra que a função gramatical restringe de forma significativa a escolha dos sinalizantes entre a forma canônica e a não-canônica (em locação inferior) dos sinais pertencentes a essa classe. Os adjetivos

mostraram a maior probabilidade de aparecer como +cf ( $p = .74$ ), seguidos pelos substantivos ( $p = .61$ ) e pelos verbos ( $p = .44$ ).

Schembri e Johnston (ibid.) também encontraram evidência de assimilação. A escolha dos sinalizantes de Auslan entre +cf e -cf mostrou-se significativamente restringida pela locação dos sinais anteriores e seguintes. Os sinais anteriores e seguintes produzidos à altura da cabeça favoreceram +cf. Os sinais anteriores e posteriores produzidos à altura do corpo desfavoreceram ligeiramente a forma +cf, e uma pausa anterior ou posterior desfavoreceu +cf. Entretanto, nos resultados combinados de pelo menos duas das cinco cidades que serão incluídas no estudo completo, Schembri e Johnston descobriram que a locação dos sinais anteriores e seguintes não causou uma influência tão grande na escolha por parte do sinalizante entre uma variante -cf e uma +cf quanto à influência causada pela função gramatical do sinal alvo.

Em um estudo mais abrangente sobre a variação da locação na Auslan, Schembri, Johnston e Goswell (no prelo), baseando-se no trabalho recente de Bybee (2002) sobre o papel da frequência na mudança fonológica das línguas faladas, testaram o efeito da frequência, assim como os fatores examinados em Schembri e Johnston (2004). Eles também acrescentaram dados relativos a sinalizantes de três outras cidades: Adelaide, Brisbane e Melbourne. Esses resultados mais recentes mostram que a função gramatical e a frequência interagem, descoberta essa que tende a lançar dúvida sobre o papel da função gramatical nos resultados preliminares. Os verbos de alta frequência, que compreendem a maioria das 2.446 ocorrências do corpus da Auslan, têm maior probabilidade de ser produzidos como -cf do que têm os verbos de baixa frequência, os adjetivos ou os substantivos, tanto de

alta quanto de baixa frequência. Schembri, Johnston e Goswell (no prelo) também observam que a frequência dos itens lexicais não está tão bem estabelecida nas línguas de sinais como nas línguas faladas. Recursos comparáveis à lista de frequência produzida por Kucera e Francis (1967) para o inglês escrito, ou ao British National Corpus para o inglês falado e escrito (Leech, Rayson e Wilson, 2001) ainda não existem para nenhuma das línguas de sinais. Desse modo, os pesquisadores de língua de sinais precisam confiar em corpora muito menores caso queiram testar os efeitos da frequência sobre a variação ou a aquisição. Com base em seu próprio corpus, Schembri, Johnston e Goswell classificaram dez sinais como sendo frequentes: pensar, saber, não-saber, mãe, nome, lembrar, esquecer, entender, considerar/imaginar, preocupar. Esses sinais representam 80% das ocorrências usadas em seu estudo. Eles observam que a maioria desses sinais estão também entre os 200 sinais mais frequentes do corpus Wellington da Língua Neo-Zelandesa de Sinais (McKee e Kennedy 1999), uma língua muito semelhante à Auslan.

Sugerimos que os resultados mais recentes de Schembri, Johnston, e Goswell (no prelo) sobre o abaixamento de sinais produzidos na testa não são incompatíveis com os resultados apresentados neste estudo por várias razões. Primeiramente, a função gramatical aparece como implicação nos resultados apresentados em Schembri, Johnston e Goswell, pois apenas os verbos frequentes favorecem uma variante -cf., enquanto os substantivos frequentes não o fazem. Ao invés disso, os substantivos frequentes formam padrões com os verbos infrequentes, os nomes e os adjetivos. Em segundo lugar, Schembri, Johnston e Goswell examinam apenas uma variável. Nosso estudo considera três variáveis, e a função gramatical possui um papel importante na variação das

três, a exemplo de Mulrooney (2002) discutido anteriormente. Em terceiro lugar, uma das variáveis examinada em nosso estudo, *surdo*, é um sinal isolado. No caso de *surdo*, a idéia da frequência não é relevante. E a função gramatical é claramente a restrição de primeira ordem sobre a variação da forma de *surdo*. Com isso não pretendemos negar a possibilidade de que a frequência possa condicionar a variação fonológica na ASL. Entretanto, até nós termos acesso a um corpus de ASL que seja comparável aos corpora desenvolvidos para muitas das línguas faladas, nós não teremos meios adequados de testar se a frequência exerce ou não um efeito na variação, independentemente da função gramatical, ou de quaisquer outros fatores, ou, como parece ser o caso para uma das variáveis em Auslan, se a frequência e a função gramatical também interagem na ASL.

Resumindo, a pesquisa empírica tem mostrado de forma consistente que a função gramatical exerce um papel importante – em geral o papel mais importante – no condicionamento da variação fonológica nas línguas de sinais. Nós observamos isso não apenas nas três variáveis fonológicas discutidas nesse artigo, mas também em resultados de estudos como os de Mulrooney (2002) e de Schembri, Johnston e Goswell (no prelo). Sugerimos que esses resultados empíricos podem nos ajudar a distinguir entre os tipos de restrições que podem ser exclusivas das línguas de sinais (a categoria indexical, por exemplo) e os tipos que são comuns a todas as línguas, sejam elas faladas ou escritas.

## 19. Diferenças de modalidade e variação fonológica

Temos fortes evidências de que as restrições gramaticais e prosódicas exercem um papel

mais importante do que as características dos sinais anteriores e seguintes no condicionamento da variação fonológica na ASL. O desafio é entender porque isso ocorre. A primeira resposta é simplesmente que, assim como nas línguas faladas, a variação fonológica na ASL não é restringida apenas por fatores fonológicos, pelo menos no que se refere às características dos sinais anteriores e seguintes. Até agora o foco pode ter permanecido nas características dos sinais anteriores e seguintes, mas estudos quantitativos baseados em grandes bancos de dados, como é o nosso caso, claramente mostram que os fatores gramaticais também precisam ser levados em consideração. Uma segunda resposta diz respeito a diferenças entre as línguas falada e escrita. Tendo estabelecido que línguas de sinais são verdadeiras línguas, as pesquisas referentes a todos os aspectos da estrutura da língua de sinais começaram a revelar algumas diferenças fundamentais e muito provavelmente relacionadas à modalidade entre as línguas faladas e as línguas de sinais. Da maior importância para o presente estudo são as diferenças básicas relativas ao modo de funcionamento da morfologia e ao modo pelo qual as diferenças se manifestam na variação. Em muitas das línguas faladas nas quais a variação fonológica tem sido extensamente explorada, a morfologia é um “fenômeno limítrofe”. Isto é, segmentos com significado são adicionados ao início ou ao final de outras unidades da língua sob a forma de marcadores de plural, marcadores de pessoa e tempo, afixos derivacionais e assim por diante. Essencialmente, tais unidades são adicionadas a um ambiente fonológico já existente. Fica claro então que quando a variação ocorre, um bom lugar para se buscar sua explicação é o ambiente imediato ao qual essas unidades foram adicionadas (isto é, os



segmentos anteriores ou seguintes). Na verdade, muitos estudos sobre variação na língua falada demonstraram o papel fundamental desempenhado pelo ambiente fonológico imediato sobre a variação.

Entretanto, em geral, a morfologia das línguas de sinais não constitui um fenômeno limítrofe, pelo menos não em um nível comparável ao das línguas faladas. Existem pouquíssimos afixos. As distinções morfológicas são realizadas por meio da alteração de uma ou mais características no feixe articulatorio que compõe um segmento de parada ou de movimento, ou então por meio da alteração do movimento de direção do sinal. Por exemplo, em geral, os segmentos não são adicionados a outros segmentos para se fornecer informações sobre pessoa ou aspecto. Ao invés disso, a característica de locação de um segmento (por exemplo, próximo ou distante do sinalizante) é que indica a pessoa, e o movimento entre as locações indica o sujeito e o objeto do verbo em questão. De modo análogo, um movimento de direção específico indica um aspecto incoativo ou continuativo. Referindo-se especificamente à marcação aspectual na ASL, Emmorey afirma o seguinte:

Em muitas línguas faladas, palavras morfológicamente complexas são formadas pela adição de prefixos ou sufixos a um radical. Na ASL e em outras línguas de sinais, essas formas complexas são na maioria das vezes criadas por meio do posicionamento de um radical sinalizado em meio a configurações dinâmicas de movimento e planos do espaço... A ASL apresenta muitas flexões verbais que veiculam informação temporal sobre a ação denotada pelo verbo, como por exemplo, se a ação foi habitual, iterativa ou durativa. Em geral, essas distinções são marcadas por diferentes padrões de movimento

acrescentados ao radical do sinal. Esse tipo de codificação morfológica contrasta com a afixação essencialmente linear encontrada nas línguas faladas. Nas línguas faladas, os processos de derivação parassintética, como na morfologia templática (por exemplo, nas línguas semíticas), a infixação e a reduplicação são relativamente raros. As línguas de sinais, ao contrário, preferem processos não-concatenativos como a reduplicação, e nelas a prefixação e a sufixação são raras. A preferência das línguas de sinais pela produção simultânea de afixos e radicais pode ter suas origens na modalidade visual-manual (1999, 173).

Os resultados de nossas análises indicam que essas diferenças fundamentais se manifestam nos componentes variáveis da língua. Isto é, o ambiente fonológico imediato não exerce o papel principal na regulação das variáveis fonológicas, em parte porque essas variáveis não são afixos. A categoria gramatical à qual pertence a variável em questão é freqüentemente a restrição lingüística de primeira ordem.

Esse resultado tem implicações importantes para o nosso entendimento da variação nas línguas faladas e de sinais. Assim como as diferenças relativas à modalidade entre as línguas faladas e de sinais se manifestam nos componentes fonológicos, morfológicos e sintáticos básicos que formam essas línguas, elas também aparentam surgir nos padrões de variação lingüística. Da mesma forma que funcionam os processos morfológicos, funciona também, aparentemente, a variação.

A questão que se apresenta agora diz respeito aos paralelos entre a ASL e as línguas faladas (por exemplo, o chinês) que, como a ASL, não fazem um uso considerável de afixos. O ponto essencial da questão é se a variação nessas línguas faladas se assemelha ou não à que ocorre na ASL, especificamente no

que toca ao papel fundamental dos fatores gramaticais na regulação da variação.

Até o momento da composição deste artigo, essa pergunta permanece difícil de se responder. Embora existam inúmeros estudos sobre dialetos chineses, poucos desses estudos empregam métodos variacionistas. Apenas um deles, a dissertação de Bourgerie (1990) sobre a variação sociolingüística no cantonês falado em Hong Kong, considera o efeito da classe gramatical na variação fonológica.

Bourgerie (ibid.) examinou três variáveis sociolingüísticas: n-/l- iniciais, ng-/0- iniciais, e k-/h- iniciais em pronomes de terceira pessoa. Apesar de seu foco principal ter sido as dimensões sociais da variação, ele descobriu que duas das três variáveis fonológicas eram restringidas pela classe gramatical. Para a variável ng-/0-, os advérbios e os verbos de ação apresentaram uma probabilidade significativamente maior de serem realizados por meio da inicial inovadora, enquanto os verbos de estado apresentaram uma probabilidade muito menor de serem realizados da mesma forma. A classe gramatical também foi significativa para a variável n-/l-. Mais de 80% das ocorrências de verbos e advérbios aconteceu com a inicial [l-], comparado a apenas 40% das ocorrências de demonstrativos e partículas (ibid. 137-138). Os resultados de Bourgerie relativos à classe gramatical sugerem que as diferenças de modalidade podem não ser suficientes para explicar as diferenças na força das restrições gramaticais sobre a variação nas línguas faladas e de sinais.

Todavia, devido à ausência de um número substancial de estudos sobre a variação sociolingüística no chinês e em outras línguas que apresentam pouca ou nenhuma flexão morfológica, não podemos descartar as diferenças de modalidade como um fator que

contribui para a ocorrência dos padrões aqui relatados.

No presente momento, a melhor explicação para o papel dos fatores gramaticais no condicionamento da variação fonológica na ASL parece ser a de que trata-se de uma questão de grau. Há, claramente, restrições gramaticais na variação fonológica existente na língua falada, e as características dos sinais anterior e seguinte obviamente influenciam a variação nas línguas de sinais.

O que estamos sugerindo, usando os resultados de nossas análises como base, é que a diferença de modalidade pode ser responsável por uma diferença na importância relativa das restrições. Levando-se em conta a variação fonológica observada até agora nas línguas de sinais, as restrições gramaticais são consistentemente mais importantes do que as fonológicas. Ironicamente, é possível que a natureza visual das línguas de sinais reforce as impressões e hipóteses de que a variação fonológica nas línguas de sinais é regulada por restrições relacionadas a características dos segmentos anterior e/ou seguinte. Ou seja, podemos realmente ver as locações mais baixas e mais altas que precedem e sucedem *surdo* e sinais como *saber*; nós podemos também ver as configurações de mão que precedem e sucedem os sinais em CM 1. A capacidade de ver o ambiente fonológico que cerca a variação nos leva facilmente a hipóteses segundo as quais esse ambiente seria o único responsável pela variação. Porém, essas hipóteses simplesmente não são confirmadas pelos nossos dados.

## 20. Conclusão

O presente estudo, baseado em dados relativos a mais de 200 sinalizantes de ASL dos

Estados Unidos, mostrou que a variação encontrada em três variáveis fonológicas é sistemática. Para as três variáveis – o sinal surdo, o movimento descendente de sinais como *saber*, e sinais realizados com a CM 1 –, a análise multivariada mostra que a categoria gramatical a que o sinal pertence é a restrição lingüística de maior importância. Características dos sinais mais próximos também restringem significativamente as escolhas dos sinalizantes entre as possíveis variantes. Sendo assim, as análises da locação de sinais como *saber* e de sinais realizados com a CM 1 indicam que ocorre assimilação. De qualquer modo, a influência de fatores fonológicos é consistentemente menos importante do que a classe gramatical. O padrão observado nas três variáveis fonológicas, assim como verificado também em estudos como o de Mulrooney (2002) e de Schembri e Johnston (2004), pode nos ajudar a identificar os tipos de restrição (por exemplo, a indexicalidade) que são exclusivos das línguas de sinais e os tipos que são comuns a todas as línguas, sejam elas faladas ou escritas. Finalmente, sugerimos que os resultados aqui apresentados, fornecem evidência de que as hipóteses sobre os fatores que restringem a variação nas línguas de sinais, tal qual as hipóteses sobre a variação nas línguas faladas, precisam ser testados não apenas por meio de uns poucos exemplos, mas em estudos de larga escala sobre a língua real usada por amostras representativas de integrantes da comunidade surda.

### Notas

1. De acordo com as convenções, as glosas em inglês dos sinais da ASL estão escritas em maiúsculas pequenas.
2. A afirmação de Liddell reflete um equívoco na compreensão dos objetivos da sociolin-

güística empírica. Um exemplo individual serve apenas para ilustrar aquilo que seria possível para um determinado sinalizante em um contexto específico. Ele não pode ser usado para contestar os resultados de um estudo quantitativo baseado em dados coletados em uma comunidade lingüística. Tal contestação só pode ser efetuada por meio de um estudo que seja conduzido na mesma comunidade, ou em uma semelhante, e que obtenha resultados diferentes dos resultados originais. Além do mais, nós, os sociolingüistas empíricos, não afirmamos ter certeza nem saber exatamente quais são os fatores associados à variação antes de termos investigado uma amostra adequada de dados extraídos de usuários da língua. Ao invés disso, como por exemplo no caso de surdo, o critério normal de relevância estatística ( $p < .05$ ) que adotamos significa que há apenas 1 chance em 20 de que a função gramatical não esteja associada à escolha de um sinalizante por uma das formas de realização do sinal. Obviamente, quanto maior e mais representativa a amostra da comunidade lingüística, mais confiantes podemos nos sentir com relação a nossos resultados. Por essa razão, procuramos confirmar ou invalidar os resultados obtidos por Lucas (1995) conduzindo um estudo muito mais amplo envolvendo sinalizantes dos Estados Unidos, estudo esse relatado em Bayley, Lucas e Rose (2000) e Lucas, Bayley e Valli (2001). Liddell (2003), contudo, comenta exclusivamente sobre os resultados do estudo piloto exposto em Lucas (1995), ao invés de abordar os resultados do estudo nacional mais abrangente.

3. Note-se que a transcrição feita por Liddell e Johnson (1989) desse sinal é MPMMP, em oposição a PMP. Essas diferenças na

transcrição refletem apenas diferenças no nível de detalhamento e não afetam a questão fundamental de se tratar os sinais como sendo seqüenciais.

4. A cidade de Olathe localiza-se em Kansas, próxima a Kansas City. Os sinalizantes brancos dessa região moravam todos em Olathe, enquanto os sinalizantes afro-americanos moravam em Kansas City, Missouri. Duas outras localidades incluíram sinalizantes de áreas vizinhas. A região de Fremont incluiu alguns sinalizantes de San José, e a região de Boston incluiu sinalizantes jovens que estudam no Learning Center for Deaf Children [Centro de Aprendizagem para Crianças Surdas], que fica em Framingham, Massachusetts.
5. Pode-se argumentar que a palavra surdo usada em substantivos compostos como mundo surdo e cultura surda também constitui um adjetivo. Entretanto, termos como esse, particularmente relevantes em meio à comunidade surda, passaram a ser reconhecidos pelos falantes nativos de ASL como itens lexicais únicos, quase como “breakfast” no inglês falado.
6. Alguns sinalizantes foram participantes co-adjuvantes nas conversações coletivas, ou ficaram fora do alcance da câmera. Nesses casos, não foi possível realizar a codificação das quinze ocorrências.
7. Na tabela 3 e em outros pontos do artigo, nós agrupamos fatores que não apresentavam diferenças relevantes entre si, nos casos em que havia uma justificativa lingüística para tal agrupamento.
8. Uma análise step-up/step-down (teste de significância estatística de grupos de fatores) confirma a interpretação da abrangência dos valores relativos aos fatores. Esse tipo de análise envolve a realização de uma aplicação com apenas um grupo de

- fatores, seguida da adição de cada um dos outros grupos de fatores à análise, um de cada vez, até que todos os grupos tenham sido incluídos. Quando o modelo completo com todos os grupos é montado, o programa VARBRUL passa a remover um grupo de fatores de cada vez, até que apenas um permaneça. Durante cada aplicação individual, os pesos do fator e o “log-likelihood” (cálculo da verossimilhança máxima) são calculados. No final da análise, o programa gera um arquivo contendo os detalhes de cada aplicação e uma indicação da melhor aplicação stepping-up e da melhor aplicação stepping-down, o que inclui apenas os grupos de fatores significativos, com  $\alpha = 05$ . Para maiores detalhes sobre esse processo e outras características da análise VARBRUL, veja Young e Bayley (1996).
9. Embora as características do ambiente anterior e seguinte tenham se mostrado irrelevantes no estudo piloto conduzido por Lucas, nós as incluímos no presente estudo porque suspeitamos que algumas de suas características acabariam sendo significativas, levando em consideração o número muito maior de ocorrências com que estávamos lidando. Conforme revelam os resultados, esse foi o caso.
  10. É possível que o acento tônico também esteja envolvido no efeito do predicativo do sujeito sobre o sinal para surdo. Isto é, os predicativos do sujeito podem favorecer +cf porque freqüentemente eles recebem acento tônico. Entretanto, não estamos em posição de avaliar essa possibilidade no presente momento uma vez que, apesar de termos codificado os dados com relação a um grande número de fatores, nós não fizemos a codificação para o acento tônico.
  11. Morford e Macfarlane (2003), por exemplo, em um estudo recente sobre as carac-

terísticas da frequência na ASL baseiam suas conclusões num corpus de 4.111 sinais produzidos por apenas 27 sinalizantes.

## Referências

- BATTISON, R.; MARKOWICZ, H.; WOODWARD, J. C. A Good Rule of Thumb: Variable Phonology in American Sign Language. IN: FASOLD, R.W.; SHUY, R. (Orgs.). **Analyzing Variation in Language**. Washington D.C: Georgetown University Press, 1975.
- BAYLEY, R. The Quantitative Paradigm. IN: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Orgs.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Oxford: Blackwell, 2002.
- BAYLEY, R.; LUCAS, C.; ROSE, M. **Variation in American Sign Language: The Case of deaf**. *Journal of Sociolinguistics*, v. 4, 2000, p. 81–107.
- BOURGERIE, D. S. **A Quantitative Study of Sociolinguistic Variation in Cantonese (China)**. Tese de Doutorado, Ohio State University, 1990.
- BRENTARI, D. **A Prosodic Model of Sign Language Phonology**. Cambridge: MIT Press., 1998
- BYBEE, J. Word Frequency and Context of Use in the Lexical Diffusion of Phonetically Conditioned Sound Change. **Language Variation and Change**, v. 14, p. 261–90, 2002.
- CAMERON, R.. A Community-based Test of a Linguistic Hypothesis. **Language in Society**, v. 25, p. 61–111, 1996.
- COULTER, G. (Org.) **Current Issues in ASL Phonology**. San Diego: Academic Press, 1992.
- EMMOREY, K. The Confluence of Space and Language in Signed Languages. In: BLOOM, P.; PETERSON, M. A.; NEDEL, L.; GARRETT, M. (Orgs.). **Language and Space**. Cambridge: MIT Press, 1999, p. 171–209.
- FRISHBERG, N. **Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language**. *Language*, v. 51, 1975, p. 696–719.
- GUY, G. R. Variation in the Group and the Individual: The Case of Final Stop Deletion. In: LABOV, W. (Org.). **Locating Language in Time and Space**. New York: Academic Press, 1980, p. 1–36.
- GUY, G. R. Explanation in a Variable Phonology: An Exponential Model of Morphological Constraints. **Language Variation and Change**, v. 3, 1991, p. 1–22.
- HOOPEES, R. A Preliminary Examination of Pinky Extension: Suggestions regarding Its Occurrence, Constraints, and Function. IN: LUCAS, C (Org.). **Pinky Extension and Eye Gaze: Language Use in Deaf Communities, Sociolinguistics in Deaf Communities**, vol. 4. Washington, D.C.: Gallaudet , 1998.p. 3–17. .
- HOUSTON, A. A Grammatical Continuum for (ING). IN: TRUDGILL, P.; CHAMBERS, J. K. (Orgs.). **Dialects of English: Studies in Grammatical Variation**. London: Longman, 1991, p. 241–57.
- KUCERA, H.; FRANCIS, W. N. **Computational Analysis of Present-Day American English**. Providence, R.I.: Brown University Press, 1967.
- LABOV, W. Field Methods of the Project on Language Change and Variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (Orgs.). **Language in Use: Readings in Sociolinguistics**, Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall. 1984, p. 28–53.
- LABOV, W. The Child as Linguistic Historian. **Language Variation and Change**, v. 1, 1989, p. 85–97.
- LEECH, G.; RAYSON, P.; WILSON, A. **Word Frequencies in Written and Spoken English: Based on the British National Corpus**. London: Longman, 2001
- LIDDELL, S. K. **Think and Believe: Sequentiality in American Sign Language**. *Language*, v. 60, p. 372–99, 1984.



- LIDDELL, S. K. Holds and Positions: Comparing Two Models of Segmentation in ASL. In: COULTER, G. (Org.) **Current Issues in ASL Phonology, Phonetics and Phonology**, v. 3, p. 189–211. San Diego: Academic Press, 1992.
- LIDDELL, S. K. **Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- Liddell, S. K.; Johnson, R. E. American Sign Language: The Phonological Base. **Sign Language Studies**, v. 64, p. 195–278, 1989.
- LUCAS, C. Sociolinguistic Variation in ASL: The Case of deaf. In: LUCAS, C. (Org.). **Sociolinguistics in Deaf Communities**, v.1, p. 3–25. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1995.
- LUCAS, C.; BAYLEY, R.; VALLI, C. Sociolinguistic Variation in American Sign Language. In: **Sociolinguistics in Deaf Communities**, v.7. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2001.
- LUCAS, C.; VALLI, C. **Language Contact in the American Deaf Community**. San Diego: Academic, 1992.
- McKEE, D.; KENNEDY, G. Lexical Comparison of Signs from American, Australian, British, and New Zealand Sign Languages. In: EMMOREY, K. D.; LANE, H. (Orgs.). **The Signs of Language Revisited: An Anthology to Honor Ursula Bellugi and Edward Klima**, Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum, 2000.
- MILROY, L. **Observing and Analyzing Natural Language**. Oxford: Blackwell, 1987.
- MORFORD, J. P.; MacFARLANE, J. Frequency Characteristics of American Sign Language. In: **Sign Language Studies**, v. 3, p. 213–25, 2003.
- MULROONEY, K. Variation in ASL Fingerspelling. In: LUCAS, C. (Org.). Turn-taking, Fingerspelling, and Contact in Signed Languages, **Sociolinguistics in Deaf Communities**, v.8, p. 3–23. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2002.
- PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Deaf in America: Voices from a Culture**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- PATRICK, P. L. Creoles at the Intersection of Variable Processes: -t, d Deletion and Past Marking in the Jamaican Mesolect. In: **Language Variation and Change**, v.3, p. 171–89, 1991.
- PERLMUTTER, D. Sonority and Syllable Structure in American Sign Language. In: COULTER, G. (Org.). **Current Issues in ASL Phonology, Phonetics and Phonology**, v. 3, p. 227–61. San Diego: Academic Press, 1992.
- RAND, D.; SANKOFF, D. **GoldVerb: A Variable Rule Application for the Macintosh** (version 2.1). Montreal: Centre de recherches mathématiques, Université de Montreal, 1991.
- ROBERTS, J. Acquisition of Variable Rules: A Study of (-t,d) Deletion in Preschool Children. In: **Journal of Child Language**, v. 24, p. 351–72, 1997.
- ROUSSEAU, P.; SANKOFF, D. Advances in Variable Rule Methodology. In: SANKOFF, D. (Org.). **Linguistic Variation: Models and Methods**. New York: Academic Press, 1978.
- SANDLER, W. Linearization of Phonological Tiers in ASL. In: COULTER, G. (Org.). **Current Issues in ASL Phonology. Phonetics and Phonology**, v. 3, p. 103–29. San Diego: Academic Press, 1992.
- SANKOFF, D. Variable Rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (Org.). **Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society**, v. 2, p. 984–97, 1988.
- SCHEMBRI, A.; JOHNSTON, T. Sociolinguistic Variation in Auslan: The Location Variable. Artigo apresentado na **Annual Conference of the Australian Linguistics Society**, University of Sydney, 13–15 de julho, 2004.
- SCHEMBRI, A.; JOHNSTON, T.; GOSWELL, D. Name Dropping: Location Variation in Austra-

- lian Sign Language. In: **Sociolinguistics in Deaf Communities**, v. 12, no prelo.
- SICARD, R. A. **Théorie des signes pour servir d'introduction a l'étude des langues 1**. Paris: Roret et Mongie, 1808.
- STOKOE, W. C. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. Studies in Linguistics. In: **Artigo Ocasional**, 8. Buffalo, N.Y.: University of Buffalo, Dept. of Anthropology and Linguistics, 1960.
- UYECHI, L. **The Geometry of Visual Phonology**. Tese de Doutorado, Stanford University, 1994.
- VEDITZ, G. **Preservation of Sign Language**. Veditz Collection, Gallaudet University Archives. Filme, 1913.
- WOODWARD, J. C. **Implicational Lects on the Deaf Diglossic Continuum**. Tese de Doutorado, Georgetown University, 1973.
- WOODWARD, J. C. Interrule Implication in American Sign Language. In: **Sign Language Studies**, v. 3, p. 47–56, 1973.
- WOODWARD, J. C. Black Southern Signing. In: **Language in Society**, v. 5, p. 211–18, 1976.
- WOODWARD, J. C.; DeSANTISS. Two to One It Happens: Dynamic Phonology in Two Sign Languages. In: **Sign Language Studies**, v. 17, p. 329–88, 1977.
- YOUNG, R.; BAYLEY, R. VARBRUL Analysis for Second Language Acquisition Research. In: BAYLEY, R.; PRESTON, D. R. (Org.). **Second Language Acquisition and Linguistic Variation**. Amsterdam: John Benjamins, 1996, p. 253–306.

**Tabela 1 – Variável 1 – Configuração da Mão (CM): traços relevantes dos segmentos anteriores e posteriores**

	Polegar	Dedos	Indicador
Segmento anterior	aberto/ fechado	abertos/ fechados	esticado/ curvado
Segmento posterior	aberto/ fechado	abertos/ fechados	esticado/ curvado

**Tabela 2 – Variação na forma de DEAF: + cf vs. (Valor de aplicação: \_cf)**

Gupo de fator	Fator	Peso	Percentual	n
Função gramatical	Substantivo adjetivo	.515	71	1063
	Predicado	.370	58	361
	Composto	.660	81	194
Gênero discursivo	Conversação	.489	69	1489
	Narrativa	.628	74	129
Total	Input	.743	69	1618

$\chi^2/cell = 1.2952$ , todos os grupos de fatores significativos em  $p < .05$ ; o valor de aplicação é a forma do sinal no qual o algoritmo é direcionado a focalizar: neste caso, o -cf, forma de não-citação.

**Tabela 3 – Variação na forma de DEAF: queixo-para-orelha vs. Contato-queixo (valor de aplicação: contato-queixo)**

Grupo de fator	Fator	Peso	Percentual	n
Função gramatical	Substantivo	.490	17	411
	Adjetivo	.403	10	191
	Adjetivo predicado	.338	12	299
	Composto	.850	56	151
Sinal posterior	Baixo	.579	25	756
	Mediano	.273	7	134
	Alto	.590	18	51
	Pausa	.240	5	111
Total	Input	.142	20	1052

Nota:  $\chi^2/cell = 1.0294$ , todos os grupos de fatores significativos em  $p < .05$

**Tabela 4 - Variação na Localização de Sinais Representados por KNOW: Fatores Lingüísticos (Valor de Aplicação: -cf)**

Grupo fator	Fator	Peso	Percentual	n
Função anterior	Preposição, interrogativa	.581	59	485
	Substantivo, verbo	.486	52	2052
	Adjetivo	.316	35	57
Contato posterior	Corpo	.503	53	1648
	Cabeça	.452	48	614
Following contact	Nenhum contato	.525	55	1323
	Contato	.466	48	991
Input	Total	.518	53	2594

Nota:  $X^2/cell = 1.1702$ ; todos os grupos de fatores são significativos em  $p < .05$ ; resultados para localização anterior e contato posterior não incluem pausas, que foram testadas em grupos separados de fator que não se mostraram significativos.

**Table 5. Variação em Sinais de Configuração de Mão 1 por categoria Gramatical**

Fator	+cf, Uma mão		-cf, configuração de Mão L		-cf, Mão aberto		
	Peso	%	Peso	%	Peso	%	n
Substantivo, adjetivo	.838	68	.351	20	.219	8	419
Verbo, advérbio	.727	59	.474	29	.275	10	1238
Sinal de função gr.	.708	52	.492	31	.306	13	501
Sinais-Wh	.647	48	.581	40	.275	11	101
PRO.3	.583	45	{.568}	{37}	.439	19	435
PRO.2	.482	34			.505	23	482
PRO.1	.223	19	.515	29	.761	44	2019
Input	.344	40	.281	30	.192	25	5195

Nota: +cf,  $X^2/cell = 1.0653$ ; Configuração de Mão L  $X^2/cell = 1.1159$ ; mão aberta,  $X^2/cell = 1.1241$ . Na análise com a variante Configuração de Mão L, PRO.3 a PRO.2 não diferiram significativamente um do outro e foram combinados.

**Tabela 6 - Variação em Sinais de Configuração de Mão 1 por Traços dos Segmentos anteriores e Posteriores**

Grupo fator	Fator	+cf		-cf, Configuração L		-cf, Mão aberta		n
		Peso	%	Peso	%	Peso	%	
Polegar anterior	Closed	.635	55	.390	23	.440	17	1461
	Open	.426	33	.560	35	.532	28	2713
Dedos anteriores	Closed	.551	49	.573	33	.385	15	1771
	Open	.463	34	.446	29	.585	31	2403
Indicador anterior	Straight	.512	41	ns	30	Ns	24	3071
	Hooked	.468	39	ns	32	Ns	24	1103
Polegar posterior	Closed	.628	51	.389	23	.429	18	1762
	Open	.419	31	.570	33	.545	32	2816
Dedos posteriores	Closed	.532	47	.597	33	.375	16	1896
	Open	.477	33	.431	28	.590	34	1762

Nota: 1.021 ocorrências foram precedidas por uma pausa, que foi codificada como não aplicável para os traços do segmento anterior; 617 ocorrências foram seguidas por uma pausa, que foi codificada como não aplicável para traços do segmento posterior.

**Tabela 7- Sumário das Restrições Lingüísticas sobre a Variação fonológica na ASL**

Variável	Análise	Ranking das restrições
DEAF	+cf vs. -cf	Função gramatical > gênero discursivo
	Chin-to-ear vs. contact-cheek	Função gramatical > localização segmento posterior (assimilação)
Localização de KNOW etc.	+cf vs. -cf	Função gramatical > contato com o corpo Sinal posterior > Localização di sinal anterior
Configuração de mão 1	+cf vs. -cf	Função gramatical > Traços das CMs anteriores e posteriores (assimilação)
	CM L vs. todas as outras	Traços das CMs anteriores e posteriores (assimilação) > Função gramatical
	Mão aberta vs. todas as outras	Função gramatical > traços das CMs anteriores e posteriores (assimilação)



Figure 1a. DEAF (SURDO), variante 1: orelha-para-queixo



Figure 1b. DEAF (SURDO), variante 2: queixo-para-orelha



Figure 1c. DEAF, variante 3: contato-queixo no composto DEAF CULTURE (CULTURA SURDA)

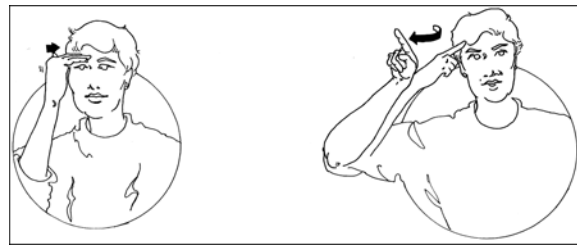


Figure 2a. KNOW e FOR, forma de citação

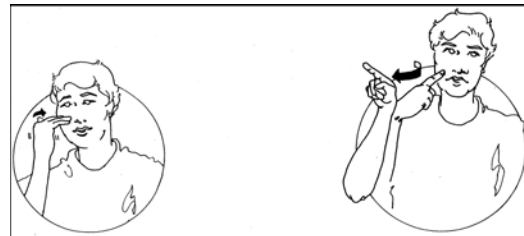


Figure 2b. KNOW e FOR, forma de não-citação



Figure 3a. ONE, Forma de citação, figura de L

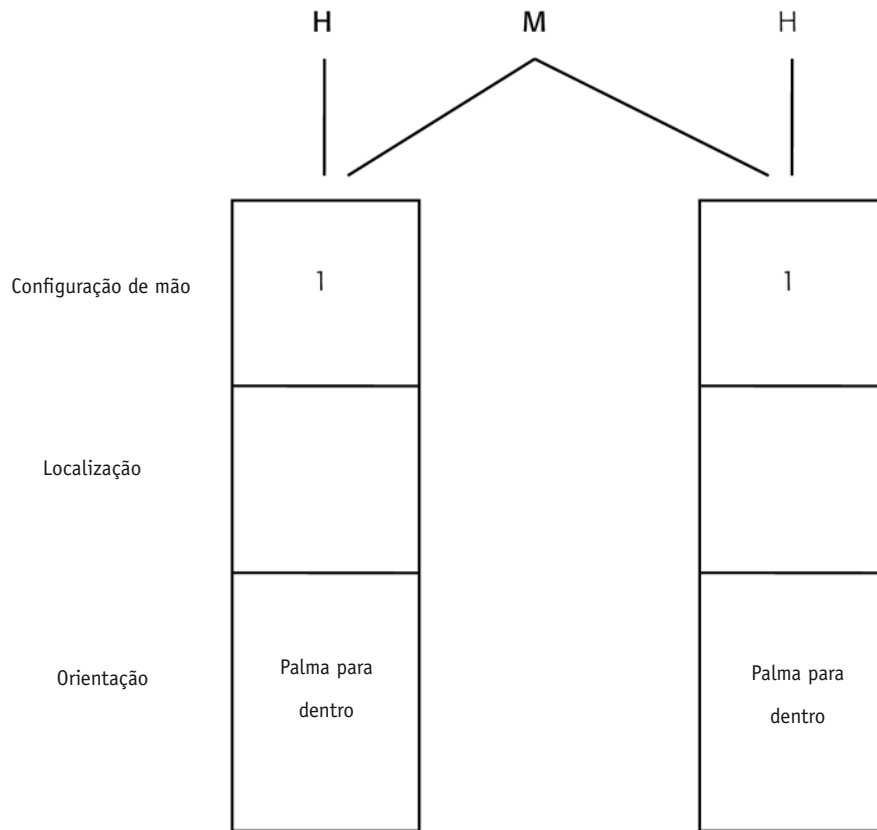


3b. 1 CM 1: variante de CM



Figure 3c. CM 1: variante de mão aberta

**Figure 4**  
DEAF (SURDO), forma de citação





# Variação sociolingüística em numerais da NZSL<sup>1</sup>

*David McKee, Rachel McKee, George Major*  
Victoria University of Wellington, Nova Zelândia

**E**ste trabalho apresenta os resultados de um estudo de variação sociolingüística em numerais lexicais da Língua de Sinais da Nova Zelândia (NZSL). O objetivo foi determinar como fatores sociais ligados à idade, região e gênero condicionam a escolha feita pelos sinalizantes de variantes para numerais de 1 a 20. O estudo sobre numerais foi conduzido como um estudo piloto de um projeto mais amplo, ‘Sociolinguistic Variation in NZSL’<sup>2</sup>, que trata de uma investigação quantitativa (em andamento) da correlação entre estruturas lingüísticas variáveis e características sociais de surdos que utilizam a NZSL. O projeto mais amplo é modelado de acordo com a metodologia de dois estudos anteriores sobre variação sociolingüística em ASL (Lucas, Bayley & Valli 2001) e em Auslan (língua de sinais da comunidade surda australiana) (Schembri & Johnston 2004), com o objetivo de viabilizar a comparação interlingüística que, potencialmente, possa explicar se fatores e processos similares condicionam a variação entre as línguas sinalizadas (e faladas).

Os sinais para numerais foram selecionados para um estudo piloto, por serem casos conhecidos como uma parte variável no léxico da NZSL. A incorporação de sinais numerais da Auslan via Inglês Australiano Sinalizado desde 1979 e o aumento generalizado do uso de sinais desde essa data possibilitou a criação da hipótese de que a idade seria um claro fator predeterminante da variação no uso de numerais. O estudo sobre sinais numerais também possibilitou testar a metodologia para a análise de variação lexical no projeto mais amplo, utilizando-se dados não-sensíveis e facilmente obtidos. Os resultados do estudo de numerais podem ser relevantes para educadores e intérpretes de NZSL que freqüentemente fazem escolhas entre as variantes disponíveis.

Relativamente poucos estudos empíricos observaram variação lexical nos sistemas de números das línguas de sinais. Alguns pesquisadores têm investigado aspectos psicolingüísticos do uso de numerais; por exemplo, o estudo de Fuentes e Tolchinsky

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Elaine Espíndola, Thiago Blanch Pires, Carolina Vidal Ferreira.

<sup>2</sup> [http://www.vuw.ac.nz/lals/research/deafstudies/DSRU\\_site/NZSL\\_variation/variation\\_project.aspx](http://www.vuw.ac.nz/lals/research/deafstudies/DSRU_site/NZSL_variation/variation_project.aspx)

(2004) sobre a precisão de crianças surdas na transcodificação de números escritos para a Língua de Sinais Catalã (LSC), na expectativa de que esse estudo possibilite novas descobertas sobre a estrutura da LSC. O estudo desses teóricos incluiu uma descrição preliminar do sistema numérico da LSC baseada em dados coletados de três membros da comunidade surda, que eram também professores, do conteúdo do curso de LSC e das anotações feitas em uma associação de surdos (2004:95). Os autores reconhecem que esse pequeno conjunto de dados não explica a variação em áreas onde a LSC é utilizada fora de Barcelona e poderia até mesmo representar um número maior de variantes acadêmicas, pelo fato de os informantes serem professores. “... poderíamos ter obtido resultados um pouco diferentes de uma quantidade maior de observações eventuais ou pelo acréscimo do número de diferentes informantes” (2004:114)<sup>3</sup>.

Um estudo experimental realizado por Leybaert e Van Cutsem (2002) comparou o conhecimento de uma seqüência de números (contagem abstrata, contagem de objetos e criação de conjuntos de números) em jovens surdos e crianças ouvintes na Bélgica, para investigar os efeitos da modalidade de língua e da estrutura linguística no desenvolvimento de habilidades numéricas. O estudo observa que a Língua de Sinais Belgo-Francesa (BSFL) possui uma estrutura de base cinco: entre 1-5, o número de dedos estendidos representa literalmente numerosidade, enquanto os sinais para os números de 6-9 representam o número de dígitos visível

mais 5 (isso também ocorre na NZSL). Em conformidade com esse estudo, Leybaert e Van Cutsem comentam que números em BFSL são intrinsecamente menos arbitrários e mais estruturados morfológicamente que os números em Francês falado, mas não há menção de formas variantes no léxico numérico.

Ao examinar os numerais em ASL como evidência dos processos históricos de creolização, Fischer (1996) argumenta que eles são um híbrido de sinais americanos antigos e sinais em LSF, que por sua vez, derivam dos gestos numéricos usados nas culturas ouvintes de seus respectivos países. A autora propõe que, historicamente, a ASL relexificou os números em LSF para incorporar gestos americanos (para os números de 1-5), exceto pelo número “3”, que mantém o gesto francês, tomado emprestado da LSF. Fischer descreve variantes sub-lexicais na morfologia de algumas formas numéricas (por exemplo, o movimento dos números ‘de 13 a 19’ em ASL), mas não observa qualquer outra variante lexical para numerais em ASL ou LSF.

Em comparação com línguas mais antigas e mais documentadas como ASL ou LSF, o léxico numeral contemporâneo em NZSL parece relativamente instável, com diversas variantes para um único número co-existindo em uso comum. Nosso estudo foi projetado de modo quantitativo, buscando explicar padrões nessa variação, o que, por sua vez, pode contribuir para o entendimento da origem dos sinais numerais na NZSL e dos processos de mudanças lexicais, geralmente encontrados na comunidade NZSL.

<sup>3</sup> “...we might have obtained somewhat different results from a larger quantity of occasional observations or by an augmentation of the number of different informants” (2004:114). (versão original)

## 1. A comunidade da NZSL

Com uma população nacional de aproximadamente quatro milhões de habitantes, a comunidade surda da NZSL é estimada em 4.500 a 7.700 membros (Dugdale, 2000; Statistics New Zealand, 2001). Há duas grandes comunidades surdas com clubes de surdos em expansão em Auckland e Christchurch e grandes comunidades surdas em Palmerston North, Wellington (na região central) e Hawkes Bay (no Leste).

De 1880 a 1942, havia uma escola para surdos em Christchurch (em South Island), que todas as crianças surdas eram obrigadas a frequentar. Duas escolas se estabeleceram mais tarde em North Island – uma em Auckland em 1942 e outra, católica em Wellington em 1944. Todas as escolas eram frequentadas por ambos os sexos e aceitavam matrícula tanto de crianças Maori (indígenas) quanto de Pakeha (brancas). A educação para surdos na NZ utilizava métodos estritamente orais até 1979, quando a Comunicação Total (CT) foi introduzida. O componente manual da CT era do Inglês Australasiano Sinalizado, um sistema de sinais baseado no vocabulário de sinais nativos do estado de Victoria na Austrália, complementado por sinais artificiais (Collins-Ahlgren, 1986). Uma parte do vocabulário da Auslan coincidia com os sinais já em uso na NZ, porém muitos sinais tradicionais dos neozelandeses foram substituídos pelo novo léxico da CT (incluindo conjuntos inteiros de sinais como cores, números, dias da semana, termos de parentesco). Uma base de vocabulário da Auslan foi adotada para o uso educacional, porque se acreditava não haver, na época, uma língua de sinais adequadamente “sistemática” utilizada pela comunidade surda da NZ, como resultado de

sua história oralista. Essa percepção estava equivocada, mas não havia uma descrição lingüística acadêmica da NZSL até o final dos anos 1980 (Collins-Ahlgren, 1989). Embora o status da língua tenha se elevado desde então, (incluindo reconhecimento como uma língua oficial em 2006), a NZSL ainda é relativamente pouco descrita, particularmente em termos sociolingüísticos.

A NZSL, historicamente, faz parte da família da Língua de Sinais Britânica e estudos empíricos têm demonstrado que ela está intimamente relacionada à Auslan contemporânea e à BSL (Johnston 2000; McKee e Kennedy 2000), línguas das quais sinais continuam a ser livremente tomados emprestados. A NZSL pode ser descrita como uma língua recente em uma pequena comunidade que não possui tradição estabelecida de professores surdos ou uso da NZSL na educação ou na mídia pública. Embora a NZSL tenha ganhado aceitação no domínio educacional, a maioria dos alunos surdos tem sido influenciada pela corrente predominante desde os anos 1980, com ramificações negativas para a transmissão da NZSL entre gerações. O número de matrículas nos dois centros de educação para surdos (antigas escolas para surdos) diminuiu para uma média de 30 a 60 alunos, em cada centro. Os primeiros intérpretes profissionais foram treinados em 1985 e a NZSL tem sido ensinada em contextos educacionais comunitários, por tutores surdos desde o início da década de 1990. Esses fatores sócio-históricos contribuem para a variação na comunidade NZSL, que ainda não foi estudada empiricamente, de forma mais científica do que a documentação descritiva das variantes em *A Dictionary of New Zealand Sign Language (Um dicionário da Língua de Sinais da Nova Zelândia)* (Kennedy et al, 1997).

## 2. Participantes e dados para a pesquisa

Cento e nove participantes surdos de toda a Nova Zelândia fizeram parte do presente estudo. Quatro desses participantes eram alunos de uma disciplina de Estudos Surdos em uma universidade e os demais foram recrutados em um dos três grandes eventos para surdos: um encontro de escolas para surdos, um acampamento para jovens surdos e um clube de surdos. Todos os participantes tinham aprendido a NZSL antes dos 12 anos, a maioria antes dos sete anos de idade.

As variáveis sociais para essa análise foram: faixa etária, região e gênero. Os dados demográficos colhidos em uma breve entrevista com cada participante possibilitaram a codificação desses fatores. A Tabela 1 mostra uma lista de características dos participantes.

**TABELA 1: Características dos participantes**

	Freqüência	Porcentagem
<i>Totais de gênero</i>		
Feminino	49	45
Masculino	60	55
<b>Total</b>	109	100
<i>Totais de faixa etária</i>		
15-29	34	31.2
30-44	30	27.5
45+	45	41.3
<b>Total</b>	109	100
<i>Totais de Região</i>		
Sul	64	58.7
Norte	45	41.3
<b>Total</b>	109	100

Embora tivéssemos procurado por uma amostra representativa da comunidade, as células para cada categoria social não se encontram completamente equilibradas, já que o recrutamento dos participantes foi circunstancial, dependendo da presença de participantes nos eventos para surdos, ao invés de seguir uma amostra rigorosamente planejada.

Oito participantes foram excluídos da análise devido à aquisição tardia de NZSL ou devido aos longos períodos de residência no exterior, o que poderia potencialmente influenciar seu vocabulário.

## 3. Coleta de dados

Os dados foram coletados por um pesquisador surdo, que é um membro imigrante da comunidade NZSL. Os sinais foram filmados em sessões breves de coleta individual, em uma área separada do evento principal. Num primeiro momento, os participantes responderam a algumas perguntas sobre seu perfil, para possibilitar a codificação das variáveis sociais e para se certificar que os participantes cumpriam os critérios de usuários vitalícios (nativos ou quase nativos) de NZSL. As perguntas foram:

- Onde você mora e há quanto tempo você mora lá?
- Qual/quais escola(s) você frequentou, com qual idade?
- (Para aqueles que não frequentaram a escola para surdos anteriormente) Com que idade você aprendeu a NZSL?
- Qual é a sua idade?

Pedimos aos participantes para produzirem números de 1 a 20, contados em seqüência, e seguidos de números individuais sinalizados em resposta aos *flash cards* apresentados em uma ordem consistente, mas não-seqüencial. Apenas os dados da tarefa não-seqüencial foram analisados, para evitar possíveis efeitos de escolha de sinais na produção de uma seqüência convencional.

Devido ao número potencialmente grande de variantes que precisaríamos analisar, comparar os numerais produzidos em

condições seqüenciais e não-seqüenciais não constitui um objetivo dessa investigação. Em retrospectiva, acreditamos que teria sido metodologicamente mais adequado não ter incluído a tarefa de contagem inicial, pois isso poderia ter incitado os participantes a produzir sinais numerais que não eram necessariamente consistentes com as formas que espontaneamente produzem, de formas aleatórias ou incorporadas ao discurso natural. Curiosamente, alguns sinalizantes não produziram formas que diferiam entre as condições seqüenciais e não-seqüenciais, o que sugere que esse efeito foi mínimo para tais sinalizantes. Cumpre, também, observar que é possível que a produção de sinais de número em resposta a numerais arábigos escritos nos *flahs cards* pode elicitar formas diferentes daquelas produzidas ao se enumerar ou contar itens presentes visualmente.

#### 4. Análise

Os três agrupamentos por idade, apresentados na Tabela 1, foram baseados nas mudanças da política escolar em relação ao uso de língua de sinais, como apresentado a seguir: 15-29 anos, 30-44 anos e acima de 45. Os participantes de faixa etária 15-29 foram expostos potencialmente (embora não uniformemente) ao uso da NZSL na educação, a partir de 1993. Os participantes de faixa etária 30-44 foram expostos ao Inglês Australasiano Sinalizado a partir de 1979. Finalmente, pessoas de faixa etária acima dos 45 anos foram educadas, sobretudo, em escolas residenciais ou unidades para surdos que utilizavam métodos puramente orais. Na realidade, houve diferenças observáveis entre a sinalização de faixa etária de 45 anos e

aquela da faixa etária de 65 anos. Por exemplo, sinalizantes mais velhos usam mais o movimento da boca como principal meio de referência, um vocabulário de sinais mais restrito e pouco ou nenhum uso de um alfabeto manual convencional. Entretanto, não pudemos identificar um ponto histórico específico de mudança que justificaria a criação de uma nova faixa etária para a geração mais antiga.

As categorias de região foram baseadas em três regiões históricas de escola para surdos, que mantêm grandes comunidades surdas: Auckland (Norte), Palmerston Norte/Wellington (Central) e Christchurch (Sul). A classificação dos participantes por região foi feita de acordo com o local onde residiram nos últimos dez anos. O participante 93, por exemplo, nasceu e cresceu em Wellington, mas tinha morado em Auckland nos últimos dez anos, o que nos levou a decidir que ele seria codificado na região Norte. Participantes que relataram morar continuamente em um centro menor foram categorizados no mais próximo dos três grandes centros regionais. Foram feitas exceções com relação aos indivíduos que passaram a maior parte do período de formação e idade adulta no local de outra grande comunidade surda e que se mudaram recentemente para uma cidade menor, onde não havia uma comunidade surda. Nesses casos, classificamos essas pessoas como pertencentes à região originária da exposição à NZSL.

É difícil isolar os efeitos provocados pelo local de escolaridade e atual identidade regional de um surdo, em seu uso da língua na idade adulta. Decidimos não utilizar local de escolarização como uma variável de análise, pois não foi possível sistematizar esse fator de maneira consistente. Isso se deve ao fato de que a maioria dos usuários de NZSL abaixo



de 45 anos de idade freqüentou uma combinação de dois ou três sistemas educacionais, incluindo escola para surdos, unidade para surdos, escola convencional e, algumas vezes, em locais geográficos diferentes. O local de residência atual de longo prazo (acima de 10 anos) foi selecionado, portanto, como a base para classificar a identidade regional, mesmo que essa seja uma medida etnográfica não refinada no contexto da comunidade NZSL, onde a origem da escolaridade poderia ser considerada uma variável de igual peso no uso da língua.

Primeiramente analisamos e codificamos os dados em relação a três regiões – Norte, Central, Sul. Os resultados demonstraram não haver diferenças significativas entre sinalizantes das regiões Central e Sul; portanto, essas categorias foram, subseqüentemente, agrupadas em uma única região, Sul. Etnograficamente, essa é uma decisão válida, já que a região Central pertence à zona de matrícula para a escola de surdos do sul em Christchurch. A escola para surdos na região central era uma escola católica que foi fechada no início dos anos 80, que uma proporção relativamente pequena de sinalizantes mais velhos tinha freqüentado.

Seguindo a codificação numérica dos dados para categorias sociais e variantes produzidas por cada participante, os dados foram exportados para o SPSS e analisados utilizando-se regressão logística, seguindo o método *backwards stepwise* para modelar o efeito das variáveis sociais independentes (idade, gênero e região) nas variáveis dependentes (ocorrências das formas variantes de cada número).

O Varbrul, um software estatístico projetado para determinar a força relativa das variáveis independentes na previsão da variação na utilização da língua (Paolillo, 2002), foi utilizado nos subconjuntos dos dados para

identificar o peso relativo dos fatores sociais na escolha do sinal.

## 5. Resultados

Dez dos vinte numerais demonstraram alto nível de consistência nas formas produzidas pelos sinalizantes e, portanto não foram candidatos apropriados para análise quantitativa posterior de variação. A Tabela 2 lista esses numerais na ordem de sua uniformidade no conjunto de dados.

**TABELA 2: Números que demonstram variação mínima**

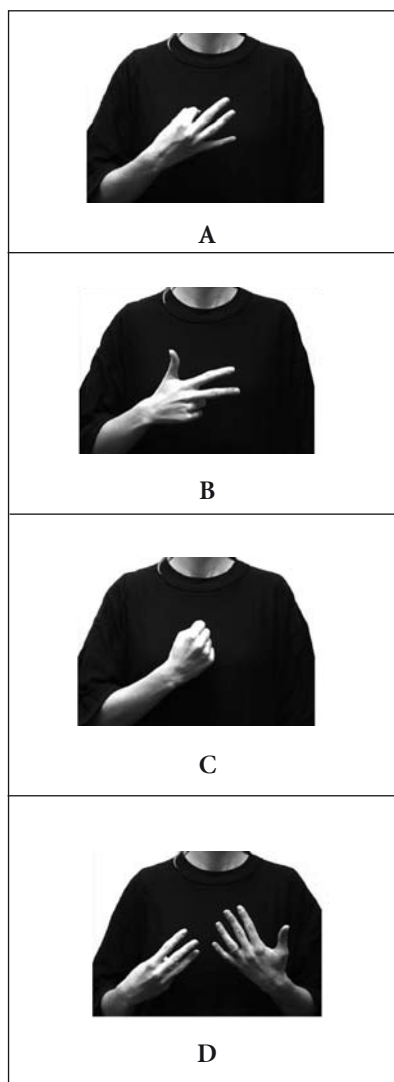
Numeral	Grau de consistência em formas
1, 2, 4, 5	100%
6	99 %
14, 16	93.6%
15	92.7%
7	90%
17	87.3%

Dos dez numerais que revelaram variação (3 e 13, 8 e 18, 9 e 19, 10, 11, 12, 20), quatro exemplos foram escolhidos para serem abordados neste artigo, para ilustrar os efeitos dos diferentes fatores sociais na variação em sinais numerais.

## 6. Número oito: efeito da idade

O número oito foi o primeiro número que examinamos em detalhe como caso um teste (ver Major 2005). Selecionamos oito para uma análise detalhada devido ao número alto e excepcional de variantes co-existentes. Quatro variantes principais foram identificadas nos dados, como demonstrado na Tabela 3.

TABELA 3: Variantes do número 8



As formas A e D apresentam também sub-variantes de uma e duas mãos, respectivamente, mas decidimos não tratá-las como formas distintas. Uma quinta variante registrada foi uma forma ‘traçada’ em que o dedo indicador ‘escreve’ o numeral 8 no ar. Essa técnica geralmente é utilizada por sinalizantes mais velhos (que experienciaram a forma de oralismo mais rigorosa) para representar letras e números, entretanto, a forma traçada não ocorreu com a frequência necessária no nosso conjunto de dados (para nenhum dos números) de forma a garantir sua inclusão na análise quantitativa.

As formas mais frequentes para o número 8 foram A e B, juntas somando 101 dos 109 casos nos dados. As estatísticas descritivas indicaram que C e D não ocorreram com frequência suficiente para que as pressuposições de testagem paramétrica fossem satisfeitas e foram, portanto, excluídas da análise. Os dados para as formas A ( $n=77$ ) e B ( $n=24$ ) foram analisados, utilizando-se da regressão logística em SPSS. Após a redução das categorias nominais das variáveis dependentes para apenas duas, a modelação da regressão logística binária foi realizada.

Os resultados demonstraram que, no caso do número 8, nem a região e nem o gênero são prognósticos estatisticamente significantes de qual variante é utilizada (isto é, não possuíam um valor  $p$  igual ou abaixo de 0.05). Entretanto, a idade mostrou ter um efeito significativo na escolha da variante. Esse efeito tornou-se aparente quando a idade foi considerada por faixa etária ou pela idade real do indivíduo, em anos. O uso do modelo de regressão logística com média de idade como a única covariável, foi possível explorar como a escolha entre as formas A e B foi influenciada pelo desvio da média de idade.

Descobrimos que a probabilidade de uso da forma A eleva-se com o aumento da idade. Inversamente, a probabilidade de utilizar a variante alternativa B diminui com o aumento da idade. Por exemplo, sinalizantes com idade média de 39 anos apresentam somente 12% (0.117) de probabilidade de usar a variante B, enquanto a probabilidade de sinalizantes abaixo dessa idade utilizar essa forma diminui exponencialmente. A estatística descritiva demonstrou que a variante ‘B’ não foi utilizada nenhuma vez pelos participantes com idade inferior a 30 anos. Sinalizantes com idade média de 39 anos tinham 88% (0.883) de probabilidade de usar a forma B e

a probabilidade de seu uso aumentava exponencialmente, à medida que a idade reduzia. A estatística descritiva demonstrou que a variante “B” foi utilizada por todos os participantes com idade inferior a 30 anos, mas foi utilizada apenas por 18% dos participantes acima de 65 anos.

Metade das idades na amostra (50%) cobriu a faixa etária entre 21 e 54 anos; isto é, metade dos participantes tinham entre 21 e 54 anos, com um quarto abaixo de 21 anos e um quarto acima de 54 anos. Pelo modelo estimado, a probabilidade de um sinalizante com 21 anos usar a variante ‘B’ é de 2% (0.024). Em contrapartida, a probabilidade de um sinalizante com 54 anos usar a variante ‘B’ é de 35% (0.353).

Com base nesse resultado, a variante A pode ser chamada de ‘sinal velho’ e variante B, ‘sinal novo’, oferece uma clara evidência de mudança para a variante B, mudança essa que é aparentemente completada na geração mais nova.

A variante A (como a variante D) é usada de forma inconstante, com ou sem uma base de mão passiva ‘5’ por sinalizantes mais velhos. Esse exemplo e uma forma similar para o número 9 (ver variante C, tabela 4), sugere que um sistema de duas mãos para numerais acima de cinco está sendo substituído pelas formas da Língua de Sinais Auslan de uma mão, introduzidas via CT. Isso pode refletir um padrão de mudança em direção à redução (ou, nesse caso, substituição) de formas mais elaboradas fonologicamente.

## 7. Homônimos para 3 e 8

Nossos dados demonstram que alguns sinalizantes utilizam a variante A (como na tabela 3) para referir-se ao número 3 e alguns a uti-

lizam para se referir ao número 8 (a forma mais comum para o número 3 em NZSL é a configuração de mão em ‘W’, proveniente da ASL, enquanto a forma mais comum para o número 8 é a variante B, na tabela 3). A variante A para o número 3 foi utilizada por 19% e a mesma variante foi utilizada para o número 8 por 22% dos sinalizantes. Utilizar um homônimo manual para o número 3 e o número 8 é comum, especialmente, por sinalizantes com idade superior a 45 anos, na região Sul, que usam o movimento da boca para esclarecer a ambigüidade. Não conseguimos encontrar, nesses dados, evidências que confirmassem ou não se os mesmos indivíduos utilizaram essa variante para se referir tanto ao número 3, quanto ao número 8, mas a partir de observação, podemos dizer que, para muitos indivíduos mais velhos, o significado numérico de um sinal de 3 dígitos (os números 3,13,8 ou 18) depende do movimento da boca. A configuração da mão em ‘W’ (uma versão de uma mão da variante D) também é usada, intercambiavelmente, por alguns sinalizantes para os números 3 e 8.

Esse exemplo aponta para o papel do movimento da boca em referência numérica e no léxico, sobretudo em NZSL, especialmente entre sinalizantes mais velhos. O fato que menos sinalizantes mais novos preferem essa variante potencialmente ambígua sugere um distanciamento da dependência do movimento da boca para especificar o significado, em direção à preferência por formas manuais distintas.




## 8. Número 9: um caso obscuro

Foram encontradas três variantes principais para o número nove, conforme ilustrado na Tabela 4.

Para evitar células vazias (por exemplo, nenhum sinalizante do Norte, Sul, jovens ou de meia-idade utilizou a variante C), a variante C foi removida da análise e a regressão logística

foi realizada nas variantes A e B. Nenhuma diferença significativa foi encontrada. Entretanto, os dados descritivos sugerem padrões emergentes relacionados aos fatores de idade e região.

**TABELA 4: Variantes do número 9 distribuídas por região**

Região				
	A	B	C	Total
Norte	21 (46.6%)	18 (40%)	6 (13.4%)	45 (41.28%)
Sul	41 (64%)	3 (5%)	17 (26.5%)	64 (58.7%)
Total	62 (56.9%)	21(19.26%)	23 (21.1%)	109

**TABELA 5: Variantes do número 9 distribuídas por região e faixa etária**

Região	Faixa etária	Variante A	Variante B	Variante C
Norte	15-29	9 (20%)	12 (27%)	--
	30-44	6 (13%)	2 (4%)	2 (4%)
	45+	6 (13%)	4 (9%)	4 (9%)
Total do Norte	N = 45	21 (47%)	18 (40%)	6 (13%)
Sul	15-29	13 (20%)	--	--
	30-44	18 (28%)	2 (3%)	--
	45+	10 (16%)	1 (2%)	17 (27%)
Total do Sul	N = 64	41 (64%)	3 (5%)	17 (27%)

A Tabela 5 mostra que é, principalmente, a faixa etária mais jovem que prefere utilizar a variante A inovadora, o que sugere uma possível mudança acontecendo atualmente em direção a tal variante. Enquanto outros sinais de números em Auslan foram amplamente adotados (tais como os números 6, 7 e 8), a variante (B) da Auslan para o número 9 é difícil para muitos sinalizantes produzir – pois requer o dedo mínimo dobrado em direção à palma. Esta

é uma provável razão para a variante A estar competindo fortemente com a variante B.

Embora a variante C – a forma mais antiga – é, no geral, um pouco mais utilizada que a variante B, sua distribuição por idade sugere que é provável que ela desapareça em breve, já que não é utilizada por nenhum dos sinalizantes das faixas etárias mais jovens, em nenhuma região, e por quase nenhum sinalizante de meia-idade.

**TABELA 6: Variantes do número 9 distribuídas por região e gênero**

Região	Gênero	Variante A	Variante B	Variante C
Norte	Feminino	9	9	3
	Masculino	12	9	3
<b>Total do Norte</b>	<b>45</b>	<b>21 (47%)</b>	<b>18 (40%)</b>	<b>6 (13%)</b>
Sul	Feminino	12	3	10
	Masculino	29	-	7
<b>Total do Sul</b>	<b>64</b>	<b>41 (64%)</b>	<b>3</b>	<b>17</b>

Os resultados não mostraram efeito estatístico significativo para o fator gênero em relação ao número 9, embora os dados de frequência apresentem algumas tendências. No Norte, as variantes não são distribuídas uniformemente entre os dois gêneros, enquanto no Sul, há uma forte preferência masculina pela variante A, com frequência zero de uso da variante B. Conforme observado anteriormente, as questões articulatórias podem também ser um fator relacionado ao gênero, já que a variante B exige maior destreza digital para ser produzida, do que as variantes A e C. Da mesma forma, descobrimos que, no caso do número 10, os sinalizantes masculinos claramente evitaram uma variante com um movimento rápido e curto do dedo médio a partir do polegar, que é um movimento ‘delicado’ ou de configuração de mão marcada e preferiram uma variante com uma configuração de mão menos complexa, aberta em cinco.

## 9. Número 11: efeito de idade e gênero

Apesar de seis variantes terem sido registradas para o número onze, apenas as duas



variantes principais apresentaram ocorrências suficientes para análise. A variante A (na tabela 7), ou ‘índice de movimento’ foi introduzida via CT em 1979, enquanto a variante B (na qual, os dois dedos se movem para baixo) é um sinal mais antigo. De forma geral, a variante B prevalece, detectado em 60% das ocorrências, enquanto a variante A é detectada em 32%. Os 8% restantes das ocorrências são compostos pelas outras variantes.

A análise de regressão logística demonstrou efeitos significantes para os fatores principais de idade e gênero. A análise confirmatória de chi-quadrado demonstrou um efeito principal para faixa etária, com o ‘índice de movimento’ (variante A), apresentando maior tendência de ocorrência entre sinalizantes mais jovens e a variante de ‘dois dedos’ (variante B) apresentando maior tendência de ocorrência entre sinalizantes do grupo do meio (50%). O chi-quadrado demonstrou significância em relação ao gênero e, quando a região foi mantida constante, os sinalizantes masculinos de todas as faixas etárias utilizaram a variante B, mais do que as sinalizantes femininas.

Embora a regressão logística não tenha revelado um efeito significativo para região, houve uma forte tendência ( $p=.068$ ) para variação regional, conforme a tabela 7. Os dados de frequência demonstram que os sinalizantes do Norte preferem a variante A (mais recente), enquanto os sinalizantes do Sul preferem a variante B (mais antiga), mostrando alguns efeitos regionais sobre esse número. Se isolarmos esse fato, pode parecer que os sinalizantes do Sul são mais conservadores, mas pela interação entre idade e região, a ser discutida a seguir para o número 12, vê-se que a explicação para a preferência pela variante B é mais complexa.



**TABELA 7: Variantes do número 11 distribuídas por faixa etária, gênero e região**

	 A (n = 35)	 B (n = 65)	
Faixa etária			Total
15-29	18	16	34
30 -44	6	23	29
45+	11	26	37
Gênero			
Feminino	20	23	43
Masculino	15	42	57
Região			
Norte	27	16	43
Sul	8	49	57

(\*9 dos 109 casos (8%) no banco de dados são compostos de outras variantes. Dessas 'outras' 9 ocorrências, 7 foram produzidas por sinalizantes do Sul).

## 10. Número 12: Efeitos de região, idade e gênero


Os resultados da análise de regressão logística para o número doze demonstraram uma interação significativa entre região e idade na escolha da variante pelos sinalizantes. As frequências estão destacadas na tabela 8. A variante A é, aparentemente, uma inovação, enquanto a variante B foi introduzida via CT. (Existe uma outra variante tradicional formada pelos dois primeiros dedos fechando no dedo polegar, mas essa variante ocorreu com bem pouca frequência nos dados, para ser analisada).

Uma observação mais detalhada das frequências revela a relação entre a região e a faixa etária. Observamos um claro contraste regional na faixa etária entre 15 e 29 anos: nenhum dos sinalizantes mais jovens no Sul

utilizam a variante B, enquanto, no Norte, essa variante é preferida pela mesma faixa etária. É curioso observar que 29% dos sinalizantes mais velhos (acima de 45 anos) no Sul preferem a variante B, a qual foi introduzida via Inglês Sinalizado no sistema escolar, bem depois de seu período de escolaridade.

Também é evidente um contraste regional em sinalizantes da faixa etária compreendida entre 30-44 anos: 67% dos sinalizantes do Norte preferem a variante B, mas, na mesma faixa-etária, no Sul, a preferência por essa variante é de apenas 5%. O sinal para o número 12 é, portanto, um possível marcador de identidade lexical do Sul em comparação ao Norte, pelo menos em se tratando de sinalizantes com idade inferior a 45 anos. A divisão regional nessas duas faixas etárias explica a interação 'região por idade'.

**TABELA 8: Variantes do número 12 distribuídas por região e faixa etária**

Região	Faixa etária	A	B	Outras variantes
				
Norte	15-29	7	12	2
	30-44	6	3	1
	45+	6	5	3
<b>Total do Norte</b>	<b>N = 44</b>	<b>19 (43%)</b>	<b>20 (46%)</b>	<b>5 (11%)</b>
Sul	15-29	13	--	--
	30-44	17	3	--
	45+	4	19	8
<b>Total do Sul</b>	<b>N = 64</b>	<b>34 (52%)</b>	<b>22 (34%)</b>	<b>8 (13%)</b>

A análise do número 12 também mostra uma interação estatisticamente significativa entre região e gênero. A tabela 8 mostra que na região Norte, sinalizantes de ambos os gêneros utilizam as variantes A e B em proporções quase exatamente opostas, as sinalizantes femininas preferindo o sinal mais recente (variante B). No Sul, tanto sinalizantes masculinos quanto femininos preferem a variante A, embora uma diferença de gênero seja aparente nas proporções – sinalizantes masculinos se dividem igualmente entre as variantes A e B. A comparação entre as regiões mostra que as sinalizantes femininas do Norte preferem a variante B, enquanto as sinalizantes do Sul preferem a variante A, novamente em proporções quase opostas. De modo geral, no Sul, a variante A é mais preferida, enquanto a variante B é preferida no Norte, mais por sinalizantes femininas. Esses dados são similares aos resultados obtidos para os números 9 e 11, que demonstram que sinalizantes masculinos do Sul não utilizam, preferencialmente, a variante da Auslan mais recente.

**TABELA 9: Variantes do número 12 distribuídas por região e gênero**

Região	Gênero	Variante A	Variante B	Outras variantes
Norte	Feminino	6	13	2
	Masculino	13	7	4
<b>Total do Norte</b>		<b>19 (42%)</b>	<b>20 (44%)</b>	<b>6 (13%)</b>
Sul	Feminino	14	7	7
	Masculino	20	15	1
<b>Total do Sul</b>		<b>34 (53%)</b>	<b>22 (34%)</b>	<b>8 (13%)</b>

## 11. Efeitos gerais dos fatores sociais na variação numeral

Para um quadro geral de como as variáveis sociais condicionam a variação das formas numerais como um todo, nós agrupamos todas as ocorrências produzidas para os dez números que variaram.<sup>4</sup> A seguir, agrupamos as variantes (a variável dependente) em duas categorias: variantes ‘freqüentes’ e va-

<sup>4</sup> Agradecemos Adam Schembri por essa sugestão e conselho com relação a essa análise.

riantes ‘não-freqüentes’. Todas as variantes que eram o sinal mais comum produzido pelos participantes foram codificadas como ‘freqüente’ e todas as outras variantes, como ‘não-freqüentes’.

Para essa análise geral, re-agrupamos os participantes em quatro categorias de faixa etária, para testar nossa hipótese que havia uma diferença nas escolhas lexicais dos sinalizantes com idade superior a 65 anos; assim, o terceiro grupo por faixa etária foi subdividido em sinalizantes da faixa etária entre 45 e 64 anos e acima de 65 anos. Decidimos, também, retomar as três regiões para essa análise, para observar se um número maior de regiões pode ter um impacto sobre o peso relativo na utilização das variantes numerais não-freqüentes.

O programa Varbrul foi utilizado para analisar o efeito das variáveis sociais sobre a probabilidade de uso da variante não-freqüente. Nesse programa, os pesos relativos maiores que 0,50 indicam um aumento na probabilidade de favorecer o valor de aplicação enquanto os pesos relativos menores que 0,50 indicam um aumento na probabilidade de desfavorecer seu uso. Nessa análise, selecionamos ‘variantes não-freqüentes’ como o valor de aplicação.

Os resultados na tabela 10 mostram que a idade é o efeito mais marcado com relação ao uso feito pelos sinalizantes de variantes freqüentes versus variantes não-freqüentes. As duas faixas etárias mais novas tendem a preferir variantes freqüentes (de forma mais usual) enquanto as duas faixas etárias mais velhas tendem a usar um grande número de variantes não-freqüentes. Os pesos Varbrul para faixa etária apontam uma nítida progressão do grupo mais jovem para o mais velho, em relação ao uso de variantes não-freqüentes: sinalizantes mais jovens são menos propensos a produzir essas variantes e sinalizantes mais velhos tendem a produzi-las. Para a maioria dos numerais, porém não para sua totalidade, as variantes ‘freqüentes’ são aquelas introduzidas via o Inglês Australiano Sinalizado.

Em relação à região, sinalizantes do Norte são ligeiramente mais propensos a preferir as variantes não-freqüentes em comparação aos sinalizantes do centro ou do Sul. Os sinalizantes masculinos são um tanto mais propensos a preferir variantes não-freqüentes e mais antigas do que as sinalizantes femininas, embora o fator gênero pareça ser o menos determinante dentre os três fatores sociais.

**TABELA 10: Probabilidade geral de utilização de variantes numerais não-freqüentes**

Grupo Fator	Fator	Peso Varbrul
Faixa etária	15-29	.308
	30-44	.397
	45-64	.685
	65+	.863
Região	Norte	.564
	Central	.395
	Sul	.477
Gênero	Feminino	.491
	Masculino	.512

Os fatores idade e região são significantes em  $p < .01$

## 12. Conclusões

A análise da variação nesse subconjunto do léxico da NZSL confirma que a escolha lexical está correlacionada com características sociais. Conforme nossa hipótese, o fator idade provou ter o efeito mais influente nas variantes lexicais utilizadas, seguido pelos fatores região e gênero, nessa ordem. Os dados fornecem evidência de mudança diacrônica entre cortes etárias e crescente padronização no léxico numeral. Podemos interpretar

que as diferenças nos sinais produzidos pelas faixas etárias mais jovens e mais velhas significam que o conjunto de numerais da NZSL (especialmente acima de cinco) tem sido parcialmente relexificado, principalmente por formas da língua de sinais Auslan, introduzidas via Inglês Sinalizado, em substituição a variantes mais antigas. A incorporação das variantes mais recentes tem se disseminado através das gerações da comunidade. Para certos números, como o número oito, a mudança parece ser completa, já que nenhum dos sinalizantes do grupo mais jovem utilizou variantes mais antigas. Em outros casos, as variantes co-existem ou podem indicar uma mudança em andamento, ocasionalmente em direção a uma variante que não pertence ao Inglês Sinalizado (por exemplo, os dedos cruzados para o número doze, o que é uma inovação).

Realizar análises estatísticas alternativas que consideram a idade como uma variável categórica (em agrupamentos pré-determinados) ou como variável contínua, (como fizemos para o número oito) é útil por permitir que os dados determinem onde fronteiras relevantes para gerações da comunidade linguística podem ser demarcadas. Embora seja desejável comparar os resultados entre línguas (no nosso caso com estudos similares da ASL e Auslan), adotar os critérios para categorias sociais utilizadas em estudos internacionais, como agrupamento por idade ou idade máxima de aquisição da língua de sinais torna-se arbitrário e metodologicamente inválido, a menos que seja justificado por particularidades etnográficas e históricas de cada comunidade linguística.

Observamos evidências claras de crescente padronização no resultado que todos os participantes entre 15 e 29 anos de idade produziram as mesmas variantes para os nu-

merais de 1 a 20, com exceção dos números 9, 11, 12 e 19. Com exceção dos números 9, 19 e 12, as variantes da Auslan introduzidas via Inglês Sinalizado Australasiano são os sinais numerais que consistentemente preferiram. Sinalizantes mais velhos exibem mais variação intragrupo (com maior utilização de variantes não-freqüentes), o que reflete o fato de nunca terem sido expostos a um léxico convencional de sinais para números durante o período de educação formal – um contexto em que os numerais e conceitos de número são explicitamente aprendidos. Esses resultados confirmam o impacto da introdução da sinalização na educação para surdos. Entretanto, é provável que um conjunto lexical discreto, como o conjunto de numerais, é mais prontamente afetado pelo uso da linguagem escolar do que pode ocorrer com o léxico como um todo – já que existe uma forte tendência a ensinar os números como uma seqüência convencionalizada ou como um conjunto de vocabulário que é extensivamente ensaiado e utilizado em operações matemáticas na sala de aula. Exploraremos esse possível efeito em uma futura análise dos dados para 80 itens lexicais da NZSL, alguns pertencentes a conjuntos (como cores e dias da semana) e outros que são conceitos do dia-a-dia não relacionados.

Uma vez que todas as variáveis sociais provaram se correlacionar, significativamente, com a variação lexical, esse estudo piloto sugere que uma investigação mais ampla da variação sociolinguística em NZSL utilizando métodos quantitativos será útil.

## Referências

COLLINS-AHLGREN, M. *New Zealand Sign Language and the aim of Total Communication*

- for the Deaf. SET: Research Information for Teachers**, No.1 1986.
- COLLINS-AHLGREN, M. **Aspects of New Zealand Sign Language**, Tese Ph.D., Victoria University of Wellington. 1989.
- DUGDALE, Patricia O. **Being Deaf in New Zealand: A case study of the Wellington Deaf community**, Tese Ph.D., Victoria University of Wellington. 2000.
- FISCHER, S. By the Numbers: Language-Internal Evidence for Creolization.  
In: W. Edmonson & R. Wilbur (Eds.) **International Review of Sign Linguistics**, Volume 1. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 1996. p. 1-22.
- FUENTES, M. & TOLCHINSKY L. The subsystem of numerals in Catalan sign language: Description and Examples from a Psycholinguistic Study. **Sign Language Studies** 5(1): 2004. p. 94-117.
- JOHNSTON, T. BSL, Auslan and NZSL: Three signed languages or one? Trabalho apresentado na **7th International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research (TISLR)**, Amsterdam, Julho de 2000.
- KENNEDY, G.; ARNOLD, R.; DUGDALE, P.; FAHEY, S.; & MOSKOVITZ, D. **A Dictionary of New Zealand Sign Language**. Auckland: Auckland University Press with Bridget Williams Books. 1997.
- LEYBAERT, J. & VAN CUTSEM, M. Counting in Sign Language. **Journal of Experimental Child Psychology** 81, 2002. p. 482-501.
- LUCAS, C.; BAYLEY R.; & VALLY C. **Sociolinguistic Variation in American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press. 2001.
- MAJOR, G. **Number EIGHT: An investigation into lexical variation in the New Zealand Sign Language number system**. Pesquisa não-publicada (LALS 582), School of Linguistics and Applied Language Studies, Victoria University of Wellington. 2005.
- MCKEE, D.; & GRAEME, K. A Lexical Comparison of Signs from American, Australian, and New Zealand Sign Languages. In: **The Signs of Language Revisited**, eds. K. Emmorey and H. Lane. London: Lawrence Erlbaum. 2000.
- PAOLILLO, John. **Analyzing Linguistic Variation: Statistical Models and Methods**. CSLI Publications. Stanford, California. 2002.
- SCHEMNRI, A. & JOHNSTON, T. Sociolinguistic variation in Auslan (Australian Sign Language): A research project in progress. **Deaf Worlds: International Journal of Deaf Studies**, 20(1): 2004. p. 78-90.
- STATISTICS NEW ZEALAND. **New Zealand Disability Survey Snapshot 6: Sensory Disabilities**. Wellington: Statistics New Zealand. 2001.



# Imagens da identidade e cultura surdas na poesia em Línguas de Sinais<sup>1</sup>

*Rachel Sutton-Spence*

Neste artigo, mostrarei como os temas e as línguas usadas na poesia em língua de sinais constroem e mostram a cultura e a identidade surdas de pessoas surdas, como um povo visual considerado como um todo. Usarei dois poemas em Língua de Sinais Britânica (BSL), *Cinco Sentidos*, de Paul Scott, e *A escadaria*, de Dorothy ('Dot') Miles, para explorar as imagens da surdez construída e apresentada pelos dois poemas em língua de sinais.

No poema *Cinco Sentidos*, o poeta questiona cada sentido, separadamente, para explicar o que ele é e o que ele faz. Os sentidos de Tato, Paladar e Olfato conseguem facilitar a tarefa do poeta, por mostrar-lhe o que fazem. Entretanto, a Audição é incapaz disso. Quando a Audição é acompanhada pela Visão, os dois sentidos trabalham juntos para explicar sua importância para uma pessoa surda perceber o mundo. O poema de Dot Miles, *A escadaria*, foi declamado pela primeira vez em 1987, na cerimônia de graduação da primeira turma surda britânica a receber um título em ensino de Língua de Sinais Britânica, de uma universidade britânica. O curso que essa turma frequentou foi conduzi-

do por pessoas surdas e ministrado em língua de sinais. O poema foi composto para exaltar e celebrar a realização não apenas dos graduandos, mas, também, de seus tutores. As traduções inglesas desses dois poemas encontram-se anexadas a esse artigo.

A poesia em língua de sinais, como a poesia em qualquer língua, usa uma forma elevada da língua ("sinal arte") para produzir efeito estético (Sutton-Spence, 2005). O prazer é um elemento importante da poesia em BSL e ela é, cada vez mais, uma forma popular de entretenimento ligado à linguagem, na Comunidade Surda Britânica. No entanto, a poesia também empodera a população surda. O empoderamento pode ocorrer ou simplesmente por se usar a língua, ou pela mensagem por ela transmitida.

Utilizar línguas de sinais em um gênero poético é um ato de empoderamento em si, para pessoas surdas, enquanto membros de um grupo lingüístico minoritário oprimido. Por muito tempo, a população surda foi levada a acreditar que o inglês era a língua a ser usada para situações formais e que a "sinalização surda" tinha um status baixo e deveria

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Lincoln Paulo Fernandes, Lautenai Antonio Barthalamei Junior

ser usada, apenas, em conversas sociais. Pessoas surdas e ouvintes achavam que a poesia deveria ser escrita apenas em inglês, devido ao status dessa língua. Referindo-se à Língua de Sinais Americana, Alec Ormsby afirmou que, antes dos anos 70, “não existia registro poético na ASL, porque o registro poético era socialmente inconcebível e, enquanto permanecesse socialmente inconcebível, seria lingüísticamente inviável” (1995, p. 119). O mesmo é válido para a BSL. Entretanto, nos anos 70, surgiram algumas mudanças relacionadas à consideração da poesia em línguas de sinais não apenas como concebível, mas, também, como uma realidade. A lenta emergência do “Orgulho Surdo” – primeiramente na América e, mais tarde, na Inglaterra e em outros países – o reconhecimento crescente das línguas de sinais como línguas independentes e reais, o trabalho pioneiro de poetas em língua de sinais, como, por exemplo, Dorothy Miles, criaram uma mudança significativa na maneira de se ver as línguas de sinais. Nesse ambiente social, histórico, cultural e político, cada performance de um poema em BSL é, ainda hoje, um ato de empoderamento e uma expressão implícita de orgulho em uma língua de sinalizantes surdos.

A importância da poesia em língua de sinais pode ser compreendida no contexto das idéias do *Folclore Surdo (Deaflore)* (por exemplo, Rutherford, 1993) e da *Surdez (Deafhood)* (Ladd, 2003). O Folclore Surdo é o conhecimento coletivo de comunidades surdas individuais e da comunidade mundial surda compartilhada. Em um nível lingüístico, esse conceito se refere ao conhecimento da língua que constitui a herança cultural de comunidades surdas, o que inclui conhecer e avaliar os elementos lingüísticos que formam um bom poema. O ‘ser surdo’ (*deafhood*) é o processo por meio do qual a população surda descobre

e desenvolve sua identidade surda, enquanto parte de uma comunidade visual coletiva. Enquanto a ‘surdez’ (*deafness*) é um estado de ser que é determinado audiologicamente e pode ser construído de maneira fundamentalmente negativa, ‘o ser surdo’ é um processo ativo de pertencer a um grupo cultural e lingüístico e é, em última instância, uma jornada positiva de descoberta. Ao ‘fazer’ o Folclore Surdo (incluindo a poesia), a população surda está ‘fazendo’ o Ser Surdo. Usar a poesia para empoderar os membros da comunidade surda por meio da criação de formas de língua para descrever as imagens positivas da experiência de pessoas surdas é uma forma de ser surdo.

As imagens de surdez em poesia de língua de sinais podem ser consideradas em termos de uma variedade de temas, incluindo-se:

- A surdez como “perda”
- A opressão pela sociedade ouvinte e a contra-reação de pessoas surdas
- A experiência sensorial de pessoas surdas
- A celebração do Sucesso Surdo e da Comunidade Surda
- A celebração da surdez (ser surdo?) e das línguas de sinais
- O lugar de pessoas surdas no mundo

### 1. A surdez como uma “perda”

Incluí essa categoria na discussão de imagens em poesia em língua de sinais, mesmo que ainda não tenha encontrado um poema em língua de sinais que concentre a atenção, de maneira negativa, em um sentido de perda de audição para pessoas surdas. Esse fato necessita ser salientado, pois poesia escrita por pessoas surdas que usam a língua da comunidade ouvinte dominante, ao invés da língua de sinais é claramente diferente. Em poesia escrita por pessoas surdas, a perda da audição

pode ser uma questão séria, mas se a língua de sinais é usada, ao invés da língua da comunidade ouvinte dominante, isso parece pressupor um sentido de ser surdo, que significa que a idéia de perda não é considerada.

*Cinco Sentidos*, de Paul Scott lida diretamente com a questão da experiência sensorial de uma pessoa surda, incluindo a incapacidade de ouvir e, no entanto, não existe nele imagem alguma de perda. Existe um poderoso sentido de propriedade no poema, claramente expressando a identidade do poeta como uma pessoa visual. Enquanto fica claro que o sentido da Audição não pode funcionar sozinho, a perda não é um problema, pois a visão é satisfatória para a experiência da pessoa surda. No poema *A escadaria*, de Dot Miles, não há menção explícita à surdez, mas, simplesmente, assume-se que os personagens são surdos. No início do poema, as pessoas estão perdidas e com medo, mas não há sugestão de que isso ocorre porque elas não podem ouvir. Ao invés disso, a questão é que, simplesmente, nunca lhes foi dada oportunidade e capacidade de liderança de que necessitam para ter sucesso. Quando tais oportunidades são oferecidas, elas são capazes de realizar seus sonhos. A perda de audição não é um problema.

Entretanto, ao contrário do que ocorre nesses poemas sinalizados, em alguns poemas escritos por pessoas surdas na língua da maioria ouvinte, pode aparecer o sentido de perda de uma pessoa surda. *O Lamento Mudo*, de John Carlin, escrito em 1847, é um exemplo de um poema escrito por uma pessoa surda, que demonstra isso.

O primeiros versos do poema são:

*I move, a silent exile on this earth; [Movo-me, um exílio silencioso sobre esta terra]*

*As in his dreary cell one doomed for life, [Como em sua triste cela alguém condenado eternamente]*

*My tongue is mute, and closed ear heede-  
th not [Minha língua é muda e ouvido fechado  
não presta atenção]*

*No gleam of hope this darkened mind assu-  
res [Nenhum lampejo de esperança esta mente  
obscura garante]*

*That the blest power of speech shall e'er be  
known [Que a benção da faculdade da fala um  
dia será conhecida].*

*Murmuring gayly o'er their pebbly beds  
[Murmurando alegremente sobre suas camas  
de pedra]*

*The limpid streamlets, as they onward flow  
[Os riachos límpidos, ao avançar seu fluxo]*

*Through verdant meadows and respon-  
ding woodlands [Entre os prados verdejantes e  
as matas replicantes],*

*Vocal with many tones - I hear then not  
[Soam em muitos tons - Não os ouço].*

*The linnet's dulcet tone, the robin's strain  
[O tom suave do pintarroxo, a melodia do tor-  
do],*

*The whip-poor-will's, the lightsome  
mockbird's cry [O lamento do bacurau e do  
alegre sabiá],*

*When merrily from branch to branch they  
skip [Quando de galho em galho alegremente  
saltam],*

*Flap their blithe wings, and o'er the tran-  
quil air [Batem suas asas alegremente sobre o  
ar tranquilo]*

*Difundem suas melodias – Não os ouço.*

## 2. A opressão pela Sociedade Ouvinte e a reação das pessoas surdas

A poesia em língua de sinais pode abordar algumas das questões de opressão pela sociedade ouvinte, mas isso é feito a partir da perspectiva que o problema está na sociedade ouvinte e que as pessoas surdas podem com-

batê-lo para conseguir igualdade. Os poemas em língua de sinais empoderam a comunidade surda, por escrever sobre a surdez e a língua de sinais de forma positiva. Eles são otimistas e mostram as pessoas surdas como pessoas em controle de seus próprios destinos. Reconhecem os problemas enfrentados por pessoas surdas e alguns deles identificam o papel que pessoas ouvintes têm desempenhado na opressão de pessoas surdas, mas podem mostrar a força de pessoas surdas que vivem em um mundo ouvinte. Em *A escadaria*, as pessoas são claramente oprimidas pela sociedade ouvinte, conforme representado pelo leão, o pântano e o gigante com sua espada. Mas elas superam seus medos desses três obstáculos, superando a opressão do mundo ouvinte e começam a realizar seus sonhos.

### 3. A experiência sensorial de pessoas surdas

A experiência sensorial de pessoas surdas é tema de muitos poemas em línguas de sinais. O som e a fala são geralmente irrelevantes e, em vez disso, idéias de visão são realçadas, reafirmando o lado positivo da experiência surda de vida e a existência de pessoas surdas como pessoas visuais. Várias vezes, as idéias de olhar, ver, olhos e visão ocorrem em poemas em línguas de sinais. Muitas vezes, menções a “olhar” surgem em poemas sinalizados, devido à importância da visão e do olhar para o poeta surdo e o público surdo. Colocar essas imagens no poema em língua de sinais empodera o poeta e o público, mostrando suas identidades visuais e seu estado de ‘ser surdo’.

Essa perspectiva visual sobre o mundo é claramente percebida nos dois poemas, *Cinco Sentidos* e *A escadaria*. Exemplos variam

desde o uso explícito de verbos de visão, até expressões cotidianas particularmente significativas, no contexto dos poemas.

Os versos de *A escadaria* demonstram isso, de forma muito clara:

“A **dark** forest. [Uma floresta escura] A figure creeps forward, **peering** ahead, ... [Um vulto se move lentamente adiante, olhando atentamente à sua frente]

... they see a **light** that **glimmers**, [Eles veem uma luz que brilha, brilha]”

Na floresta “surda”, a imagem sedutora é a luz na escuridão. Para uma sociedade que valoriza tanto a visão, a escuridão deve ser evitada e a luz, buscada. O sinal utilizado no poema para mostrar a luz trêmula é formacionalmente semelhante ao sinal que mostra todo o grupo de pessoas correndo em direção a seus prêmios e, também, ao sinal APLAUSO utilizado no final. Assim, a língua utilizada mostra a relação entre pessoas surdas e a luz, a identidade coletiva de pessoas surdas e a celebração desses dois aspectos do ser surdo.

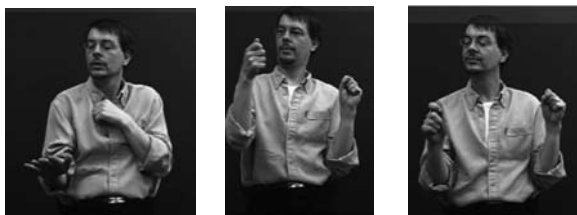
#### Sinais formacionalmente similares: ‘Luzes tremulando’, ‘Pessoas correndo em direção a’ e ‘Aplauso’





Em *Cinco sentidos*, de Paul Scott, os sentidos de Tato, Paladar e Olfato compartilham o sentido de Visão. O Tato olha para objetos frios e quentes e para suas mãos congeladas e queimadas; o Paladar olha, cuidadosamente, a comida saborosa (e não tão saborosa) antes e depois de comê-la; e o Olfato também olha a flor, o queijo e o saboroso pedacinho de comida. O uso dos olhos é particularmente poderoso nesse poema.

**'Tato', 'Paladar' e 'Olfato', todos usando seus olhos**



Todo sentido “nasce” quando o dedo se endireita e os olhos se abrem. No final de sua vez, o sentido se retrai, por meio do fechamento do dedo para o interior do punho e do fechamento dos olhos. Na verdade, os olhos parecem nos conduzir através desse poema. O principal problema com a Audição não é que ela não possa ouvir, mas que ela não consegue ver. (Relacionado a isso está o fato de que ela não consegue ficar de pé de forma ereta. Phyllis Wilcox (2000) observou que a saúde e a vitalidade são expressas metaforicamente pelas formas retas; assim, os sentidos que são capazes de se sustentarem eretos são saudáveis. A audição não se encontra completamente formada e independente e aque-

le dedo a ela relacionado não consegue ficar ereto até que ele seja acompanhado por outro dedo, representando a Visão).

**A 'audição' incapaz de se sustentar ereta ou de abrir seus olhos**



#### **4. A celebração do sucesso surdo e o sucesso da comunidade surda**

Todos os poemas em línguas de sinais são celebrações implícitas da língua de sinais e da comunidade surda, mas alguns poemas concentram a atenção nessas celebrações, de forma explícita. Alguns poemas abordam o dilema familiar enfrentado por pessoas surdas: ficar seguros em uma vida sem exigências, porém limitadora, ou tentar melhorar sua situação, arriscando a segurança de seu mundo sem desafios? Esse tema ocorre em muitos poemas surdos, incluindo *A Escadaria*.

O tema em *A Escadaria* é um dos temas das pessoas surdas a quem são oferecidas um desafio e a chance de ganhar grandes recompensas. O desafio tem riscos e as pessoas precisam decidir se o aceitam ou não. O poema descreve como seus medos de possíveis leões, pântanos e gigantes os levam a recusar o desafio, porém um membro do grupo os encoraja a encarar o risco e alcançar o sucesso. A forma como o grupo alcança o sucesso é mostrada de uma maneira especialmente “surda” no poema. Em primeiro lugar, o herói não é um típico herói no molde “Super-herói”. Ele é descrito como sendo “calvo, de óculos e meio



gordo” e, entretanto, é quem os conduz ao triunfo. A mensagem importante aqui é que qualquer um, na comunidade surda, pode ser um herói. Em segundo lugar, o herói leva as pessoas a subirem as escadas, degrau por degrau. Frequentemente, a única forma para as pessoas surdas terem êxito na vida tem sido deixar o universo surdo e se unir ao universo ouvinte. Essa imagem poderia ter sido mostrada em *A escadaria* pela imagem do herói correndo para o topo da escada e, então, acenando para que os outros o seguissem. No entanto, a distância entre o topo e o pé da escadaria seria grande demais e os outros não seriam capazes de fazer a jornada sozinhos. Ao invés disso, o herói sobe o primeiro degrau, verifica se tudo está seguro e ajuda as pessoas a subirem. Elas, por sua vez, ajudam outras pessoas a subirem o primeiro degrau, até estarem todos unidos em seus pequenos avanços. Assim, uma abordagem ao sucesso na comunidade surda vem de uma perspectiva especialmente surda.

### 5. A celebração de surdez, do ser surdo e da língua de sinais

O poema *Cinco Sentidos* celebra a ideia visual, a surdez e a língua de sinais. A língua é deliberadamente utilizada para salientar ideias-chaves. Em BSL, todas as configurações de mão (CMs) com um único dedo estendido são legítimas, com exceção do dedo anular individual estendido (ver a figura no parágrafo anterior). Essa é a configuração de mão que o poema utiliza para representar o sentido de audição confuso, não-cooperativo. Essa CM não ocorre em nenhum sinal em BSL e é fisicamente muito difícil de articular, especialmente com a mão não-dominante (como utilizada aqui). O último sinal do poema

também utiliza uma CM ilegítima – todos os dedos se abrem e se esticam, com exceção do dedo mindinho, que se liga ao dedo anular. Esse sinal resume o sentido para o poeta e é altamente criativo e tão marcado que requer considerável habilidade da parte do ator para articulá-lo na mão não-dominante (de fato, algumas pessoas o acham fisicamente impossível fazer).

#### CM ‘ilegítima’ no sinal “Esse sou eu” mostrando a identidade de visão e audição do poeta surdo fundidas.



Em todo o poema, a caracterização consistiu de uma única figura que questiona e dos diferentes sentidos; porém nos sinais finais da coda do poema, o poeta-ator vem para o primeiro plano da performance e sai do papel esperado de narrador para dizer, “Esse sou eu”. Esse é um forte momento de empoderamento, no sentido de que o ator, corajosamente, toma a atitude de “assumir”, de forma explícita, o conteúdo do poema. Embora normalmente esperemos que a pessoa que compôs o poema o declame, qualquer sinalizante surdo poderia, potencialmente, declamar o poema *Cinco sentidos*. Entretanto, se uma pessoa ouvinte fosse executá-lo, o significado tão poderoso transmitido por esse último ato de identificação poderia ser mudado radicalmente – talvez a ponto de ausência total de significado. Isso mostra que o poema é uma expressão particularmente forte de identidade própria de uma pessoa surda.

O poema *Cinco sentidos* também utiliza a simetria, de maneira extensiva. O uso equilibrado do espaço e os sinais simétricos feitos pelas duas mãos são, esteticamente, muito atraentes, o que faz com que seja um prazer assisti-los. Eles também têm valores simbólicos, transmitindo idéias de unificação de opostos polares e o sentido de “justiça” da pessoa surda, advindo da língua de sinais.

Grande parte do poema utiliza o esquema de manter as duas mãos em uso, usando uma informação diferente em cada mão. A mão não-dominante permanentemente produz uma informação que é percebida, simultaneamente, com a informação da mão dominante. Na maior parte do poema, a mão não-dominante faz ou a simples CM ‘A’ representando o grupo de sentidos “dormentes”, ou a CM apropriada ao sentido específico – ‘Å’ para o Tato, o ‘G’ para o Paladar, CM ‘dedo médio’ para o Olfato, o ‘I’ para a Visão e ‘BSL 7’ para Visão e Audição. Esse uso da mão não-dominante concentra a atenção no sentido em questão.



Å em Tato



‘G’ em Paladar  
em Olfato



O dedo médio



‘I’ em Visão



Dedos anular e mindinho  
em Visão e Audição

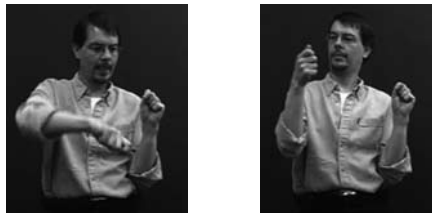
*Cinco Sentidos* utiliza três maneiras principais de criar simetria em poemas sinalizados: a colocação seqüencial de sinais de uma-mão ou duas-mãos em áreas opostas de espaço; o uso simultâneo de sinais de uma-mão que são simetricamente opostos; e o uso de sinais simétricos de duas mãos (Sutton-Spence). O uso de espaço simétrico no poema tem um padrão, de tal forma que, para os três primeiros sentidos, a simetria é criada, na maioria das vezes, através da localização seqüencial de sinais em áreas opostas de espaço. Isso reflete a dualidade das idéias mostradas no poema, que são parte intrínseca da simetria bilateral. Por exemplo, com o Tato, a mão direita se estende para a direita para tocar alguma coisa gelada e, então, retira-se antes que a mão esquerda se estenda para a esquerda para tocar algo quente. O uso equilibrado e oposto de espaço e de mãos reflete a oposição semântica entre quente e frio. Essa representação espacial de quente e frio cria a simetria de uma maneira que a simples sinalização de QUENTE (um sinal de uma-mão) e FRIO (um sinal de duas-mãos) não seria capaz de fazer. Para o Paladar, as ações são todas executadas pela mão direita; porém, primeiro ela pega e toma um sorvete delicioso na direita, depois pega uma colherada grande de algo de sabor desagradável da esquerda e, finalmente, pega uma colherada grande de algo de sabor mais agradável, da direita. Com o Olfato, uma flor perfumada é colhida e cheirada da direita, usando sinais feitos com as duas mãos; depois, um queijo de odor menos agradável é retirado da geladeira na esquerda (de novo, usando as duas mãos), antes de o pedaço gostoso (não especificado no poema) que é comido e então cheirado apreciativamente vir da direita. O uso equilibrado do espaço de sinalização cria uma sensação de simetria, em que essas oposições semânticas são limitadas

pelo plano central de simetria. Conforme o plano central é ocupado pela forma personificada do sentido em questão (executado através da incorporação ativa do sentido usando a personificação), a representação (“*vignette*”) de cada sentido é feita como uma experiência completa e unificada.

**O Frio e Quente para a direita e esquerda no Tato**



**O Agradável e Desagradável para a esquerda e a direita no Paladar**



**A flor perfumada e o queijo fedorento para a direita e a esquerda no Olfato**



Na quarta estrofe, onde a Visão e a Audição trabalham juntas, os sinais de uma-mão simetricamente equilibrados são substituídos por sinais inteiramente simétricos de duas-mãos. A simetria, assim, deixa de ser produzida seqüencialmente para ser mostrada simultaneamente. O uso de duas mãos para produzir sinais únicos coloca em paralelo os

sentidos da Visão e da Audição que são fundidos em apenas um. Nessa estrofe, estão os sinais OLHOS-ABERTOS, INFORMAÇÃO-ATRAVÉS-DOS-OLHOS (não existe termo equivalente em inglês para essa idéia de “audição através dos olhos”) INFORMAÇÃO, VELOCIDADE, CORES, MOVIMENTO, APRENDER e finalmente CAPTAR-TUDO-ATRAVÉS-DOS-OLHOS. Os sinais são todos simétricos ao longo do plano vertical, que é a simetria bilateral para o corpo humano.



**Olhos-abertos**



**Informação**



**Velocidade Cores**



**Através-dos-olhos**

No poema *A Escadaria*, a língua também é usada de forma simbólica para expressar a identidade surda. Aqui, simetria e equilíbrio são usados para significar a condição de estar junto (*the togetherness*) e a natureza coletiva da comunidade surda. No poema *A Escadaria*, o mesmo sinal é frequentemente articulado nos lados esquerdo e direito. Existe um importante simbolismo por trás disso, pois o tema central desse poema é a “unidade”. Manter os dois lados do espaço sinalizante equilibrados mostra a unidade do grupo subindo a escadaria para alcançar seu objetivo. Embora os indivíduos sejam pessoas separadas, eles estão parcialmente ligados através do dispositivo unificador de simetria

espacial, que mostra um sentido coletivo de identidade.

Os sinais proformes (*proform signs*) que são usados para representar ações de indivíduos podem criar simetria. Onde existe um número par de indivíduos, a metade deles pode ser mostrada em cada mão. Isso ocorre no poema *A Escadaria*, criando simetria nas primeiras linhas à medida que as pessoas vagueiam, perdidas, pela floresta. Os versos em inglês são:

*A dark forest [Uma floresta escura]. A figure creeps forward, peering ahead [Uma figura se arrasta para frente, olhando adiante atentamente],*

*Then comes another and another [Depois vem outra e outra].*

*They draw together in uncertainty, then in a line [Elas se juntam desordenadamente, depois em uma fila],*

*They advance [Elas avançam].*

Isso pode ser glosado em BSL, como mostrado a seguir, com os sinais glosados localizados à esquerda, direita e centrados na página para representar como são localizados no espaço:

FLORESTA

ESCURA

PESSOAS

TÊM

UMA-PESSOA-SE MOVE-  
PARA FRENTE

UMA-PESSOA-SE MOVE  
-PARA FRENTE

DUAS-PESSOAS-SE  
MOVEM-PARA FRENTE

DUAS-PESSOAS-SE  
MOVEM-PARA FRENTE

OITO-PESSOAS-(2x4)-SE MOVEM-PARA  
FRENTE

MUITAS-PESSOAS-(2x5)-SE MOVEM-  
PARA FRENTE

Os sinais são localizados, simetricamente, no plano centro-vertical. Conforme os números nos grupos crescem, existe, inicialmente, certa assimetria à medida que uma das configurações de mão muda para refletir o número acrescido, mas a simetria é restaurada a cada vez que os números mostrados em cada mão se desequilibram. Esse padrão de assimetria seguido pela simetria ocorre novamente no poema quando o herói ajuda o grupo a subir os degraus. Ao chegar no primeiro degrau, ele sinaliza VAMOS para o lado esquerdo do espaço de sinalização e o próximo sinal pode ser glosado como AJUDE-PESSOA-SUBIR. Isso é, então, repetido, usando a outra mão, para o outro lado do espaço de sinalização, criando simetria no poema. O próximo sinal proforme PESSOA-SOBE-NO-DEGRAU é, então, feito com a mão esquerda para o lado esquerdo e, depois, com a mão direita para o lado direito, de tal forma que os lados são novamente equilibrados. Essa manutenção de simetria, apesar de trocas ocasionais para assimetria, é parte importante do poema, que usa “unidade em mudança” como um tema central.

## 6. Conclusão

Esse artigo considerou apenas dois poemas, dentre um grande cânone potencial de poesia em BSL. No entanto, qualquer número de outros poemas em BSL poderia ser usado para demonstrar exemplos semelhantes de imagens de surdez e formas de criar essas imagens. Criar imagens positivas da experiência surda através do uso da linguagem deliberadamente criativa e esteticamente satisfatória contribui muito para uma identidade positiva, que pode ser vista como uma expressão do ser surdo.

## Agradecimentos:

Sou muito grata a Paul Scott, Don Read e a BBC por permitirem usar suas imagens aqui.

Vários poemas de Paul Scott, incluindo *Cinco Sentidos*, podem ser encontrados em [www.deafstation.org](http://www.deafstation.org) (registrar com a *deafstation*, entrar em *deafstation*, ir ao *main menu*, *entertainment* e escolher *poetry* e, então, Paul Scott). <http://www.deafstation.org/deafstationDev/getAllPC.do;jsessionid=4D62D8B004B1619F5288DE87047E743A?preferredClientId=1&preferredClipId=3&PCCContentItemMasterId=6033>

Os poemas de Paul Scott podem também ser comprados em formato de DVD na Forest Books ([www.forestbooks.com](http://www.forestbooks.com))

## Referências

- LADD, P. **Understanding Deaf culture:** in search of Deafhood. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.
- ORMSBY, A. **The poetry and poetics of American Sign Language.** Tese de doutorado não publicada, Stanford University, 1995.
- RUTHERFORD, S. **A study of American Deaf folklore.** Silver Spring, MD: Linstok Press, 1993.
- SUTTON-SPENCE, R. **Analysing Sign Language Poetry.** Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.
- SUTTON-SPENCE, R.; KANEKO, M. Symmetry in Sign Language poetry. **Sign Language Studies**, no prelo.
- WILCOX, P. **Metaphor in American Sign Language.** Washington, DC: Gallaudet Univ. Press, 2000.

## A Escadaria – Uma Alegoria

A dark forest. A figure creeps forward, peering ahead,

Then comes another and another.

They draw together in uncertainty, then in a line,

They advance.

But they come to a wall.

They retreat, gazing upwards - what is it?

Ah, it's a huge staircase.

Suddenly at the tip they see a light that glimmers, glimmers.

They are drawn to it and look at each other - who will climb up first?

Perhaps the one who climbs will face a lion's claws.

Or sink into the ground.

Or meet a giant with a sword and lose his head.

They back away and turn to go.

Then one of them, balding, spectacled, somewhat plump - says No;

Goes forward, climbs, looks around, sees all is well;

Beckons them on and heaves up those on either side of him,

Who then heave others, until all are in line on the first step.

On his left is a woman, short-haired and spectacled too,

Eager to give support.

He moves on again, climbs up, beckons and hoists...

Again the line is straight.

So up and up they go, stair after stair,

And see that the glimmering light now glows around



What looks like a sword embedded in a stone,  
Such as a king once drew and held aloft.  
They press forward and someone reaches to grasp the sword's hilt - Lo and behold, it's a certificate!  
One by one in a line they each get one.

But where's the man, balding, spectacled, somewhat plump?  
He's sitting, looking on, applauding them, then rises and leaves.

And the woman - she takes up her certificate like a flag,  
And leads the onward parade.

(Translation by Dot Miles)

Cinco Sentidos  
Desculpe-me, mas quem é você?  
Quem sou eu? Venha comigo e veja.  
Sinta seus braços formigarem em meu abraço.  
Estenda – oh, que gelado!  
Estenda – oh, que quente!  
Então, agora você me conhece.

Desculpe-me, mas quem é você?  
Quem sou eu? Venha comigo e veja.  
Uma lambida de sorvete - humm

Uma colher grande daquele - cremoso!  
Uma colher grande desse - humm!  
Então, agora você me conhece.

Desculpe-me, mas quem é você?  
Quem sou eu? Venha comigo e veja.  
Arranque uma flor e cheire - cheirosa!  
Pegue algum queijo da geladeira - heca!  
Enfie esse pedaço saboroso em sua boca,  
Sim, e seu cheiro é bom demais.  
Então, agora você me conhece.

Desculpe-me, mas quem é você?  
Quem?

Desculpe-me, mas o que está errado com ele?

Oh, nós estávamos juntos.

Juntos?

Sim, venha conosco e veja.

Olhos bem abertos, vendo e entendendo.

Informação e conhecimento,

Cores, velocidade, ação.

Conhecendo e brindando no mundo entre os olhos.

Então, agora você nos conhece.

E agora você me conhece.

(Traduzido por Rachel Sutton-Spence)

# O sinalizante nativo não-(existente): pesquisa em língua de sinais em uma pequena população surda<sup>1</sup>

*Brendan Costello, Javier Fernández e Alazne Landa*

KHIT (Grupo de pesquisa em língua de sinais do País Basco)

EHU – Universidade do País Basco

## 0. Introdução

A noção de um falante nativo é crucial em pesquisas lingüísticas; o objeto de estudo, a língua, se manifesta no seu estado mais natural na produção lingüística de um falante nativo. Isso se reflete na importância dada a julgamentos de gramaticalidade ou intuições de falantes nativos, para a decisão sobre o que é e o que não é possível em um sistema lingüístico dado. A revolução chomskiana produziu considerações sobre os fundamentos biológicos da linguagem que endossam a supremacia do uso nativo da língua, entendido como o cérebro fazendo o que lhe parece mais natural (CHOMSKY, 1959). Falantes não-nativos são problemáticos, uma vez que eles talvez apresentem qualquer *problemata* de uma grande gama de fatores complicados; não revelando a faculdade lingüística em seu estado natural, ou nativo.

No caso de contextos monolíngües de línguas faladas, a noção de falante nativo é bastante direta, mas para situações que divergem desse padrão, o conceito do nativo se

torna menos óbvio e precisa de uma definição cuidadosa. Um exemplo claro de um contexto lingüístico não-padrão é o caso das línguas de sinais, que têm um perfil sociolingüístico complexo e uma população de usuários totalmente atípica e heterogênea. Como se sabe, as línguas de sinais são línguas minoritárias que existem em contato próximo com a(s) língua(s) majoritária(s) e apresentam uma grande parcela de variação. O fator mais decisivo para o desenvolvimento das línguas de sinais é o fato de que 90 a 95% das crianças surdas nascem de pais ouvintes. Essa porcentagem se tornou quase mítica na literatura e é constantemente citada para explicar a situação anômala das línguas de sinais. Porém, essa estatística é baseada na população dos Estados Unidos e pode não ser diretamente aplicável a outras populações. Como veremos, esse número não se aplica à população surda do País Basco, no norte da Espanha.

Neste trabalho, examinamos a noção de falante/sinalizante nativo no contexto da comunidade de línguas de sinais do País Basco. Na seção 1, revisamos os tipos de definições

---

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Lincoln Paulo Fernandes, Lautenai Antonio Barthalamei Junior, José Rodolfo da Silva

que têm sido usadas para caracterizar sinalizantes nativos, em diferentes estudos de línguas de sinais. A seção 2 descreve a situação sociolingüística específica do País Basco. Apesar de nenhuma estatística confiável estar disponível, está claro que o número de indivíduos surdos-de-surdos (ou seja, pessoas surdas que nascem em famílias surdas) é extremamente baixo e nem sequer se aproxima das porcentagens de 5-10% citadas na literatura; apresentamos várias explicações para essa aparente anomalia. A falta de sinalizantes surdos-de-surdos torna a participação de sinalizantes nativos como informantes em uma pesquisa lingüística virtualmente impossível, o que nos levou à questão da possibilidade de chegarmos a um modelo nativo da língua e considerarmos a variedade de uso e competência entre a população sinalizante, em nossa metodologia. Para controlar esses fatores sociolingüísticos, geramos um perfil para cada informante baseado em metadados IMDI definidos pelo projeto ECHO, sendo essa metodologia descrita em detalhes na seção 3. Na seção 4, descrevemos um elemento gramatical específico das línguas de sinais que pode ser afetado pelo grau de competência nativa do sinalizante: a troca de papel. Apresentamos dados sobre a troca de papel por sinalizantes bascos que revelam duas correlações entre o grau de competência nativa e a expressão dos elementos gramaticais que marcam a troca de papel. A seção 5 apresenta um resumo e oferece discussão aprofundada das questões suscitadas por este trabalho, especificamente a relevância do estudo de produção lingüística não-nativa para a lingüística em geral.

### 1. A noção de sinalizante nativo

A importância de dados sobre competência nativa tem sido confirmada na pesquisa lin-

güística e muitos pesquisadores selecionam informantes surdos-de-surdos que adquiriram uma dessas línguas de sinais no contexto mais “natural” ou nativo possível. Porém, não existe definição estabelecida para a noção de sinalizante nativo e, freqüentemente, nenhuma explicação é dada quando o termo é usado. Por exemplo, em suas considerações metodológicas detalhadas para coleta de dados na ASL (Língua Americana de Sinais), Neidle *et al.* enfatizam a importância de se ter sinalizantes nativos como informantes, mas dão uma definição bastante vaga do que eles querem dizer com isso: “Pessoas surdas que cresceram com pais sinalizantes surdos e que se identificam com a comunidade surda” (2000, p. 13). A noção de identificação com uma comunidade implica em uma série de fatores sociais que podem ser difíceis de serem medidos objetivamente.

Quando enfrentam tal imprecisão e as complexidades e heterogeneidade da comunidade surda sinalizante, muitos grupos de pesquisa tendem a escolher a opção mais segura, selecionando sujeitos que são (pelo menos) sinalizantes surdos-de-surdos de segunda geração. Isso garante que a pessoa cresceu adquirindo a língua de sinais de seus pais sinalizantes. Esse modelo de “opção mais segura” de escolha de informantes nativos é particularmente favorecido em pesquisas neurolingüísticas, uma vez que os dados baseados em milissegundos são freqüentemente sensíveis a esses detalhes e existe uma necessidade de eliminar como fator a maior quantidade possível de ruídos (cf. NEVILLE *et al.* 1997; PETITTO *et al.* 2000; MACSWEENEY *et al.* 2002).

Porém, o acesso a sinalizantes de famílias surdas multigeracionais não é sempre possível; quando a “opção mais segura” de sinalizantes de segunda geração ou mais não

é viável, uma estratégia alternativa é especificar vários critérios que os informantes devem preencher. Dando um exemplo recente, em seu estudo sobre formas de concordância verbal em línguas de sinais diferentes, Mathur e Rathmann (2006) estipularam que seus informantes deveriam preencher três condições: (i) exposição a uma língua de sinais até a idade de 3 anos; (ii) habilidade de julgar com facilidade se uma sentença é gramatical; (iii) contato diário com uma língua de sinais na comunidade surda por mais de 10 anos. A idéia é que a aquisição precoce combinada com contato contínuo com a língua é quase tão próxima quanto possível do que se entende por ser um falante nativo.

Como veremos na seção seguinte, a demografia da população sinalizante que estamos estudando torna difícil encontrar até mesmo essa opção menos ideal. Que opção resta quando não existem indivíduos suficientes com aquisição precoce de línguas de sinais para servirem de informantes? Na seção 3, pretendemos responder essa pergunta revisitando a noção de sinalizante nativo e explicando a definição que adotamos dentro de nossa metodologia, que tenta acomodar a participação de sinalizantes não-nativos como informantes. Antes de analisarmos nossa resposta à situação específica da população sinalizante do País Basco, descrevemos essa situação na seção 2.

## 2. A população surda do País Basco

O País Basco é a região no norte da Espanha e no sudoeste da França. Nosso grupo de pesquisa atua na parte administrativamente espanhola do País Basco, que é dividida em três províncias principais: Araba, Biscay e Gipuzkoa. (Doravante, quando nos refe-

rirmos ao País Basco, estamos nos referindo a essas três províncias; não consideraremos a parte francesa do País Basco, já que a comunidade surda de lá usa uma língua de sinais diferente – a LSF ou *Langue de Signes Française* – e é considerada uma comunidade lingüística separada.) De acordo com o Eustat, o Centro Basco de Estatísticas, a população do País Basco corresponde a pouco mais de 2.1 milhões de habitantes (informações atualizadas do censo de 2004). As principais línguas faladas nessa parte do País Basco são o espanhol e o basco; apesar de quase 60% da população ser de hispano-falantes monolíngües, quase 70% das crianças estão sendo educadas através de ensino bilíngüe em basco e espanhol ou ensino monolíngüe em basco, o que significa que existe uma tendência para um grau mais alto de bilinguismo nessa população.

A língua de sinais usada em nossa área de estudo é a variante da LSE (*Lengua de Signos Española*), a língua de sinais usada na maior parte do resto da Espanha. Pesquisas dialetais na LSE baseadas em comparações lexicais e julgamentos de inteligibilidade mútua demonstraram que a língua de sinais do País Basco é uma variante da LSE e forma o leto (*lect*) - a variedade de língua - central do principal dialeto nortenho, com certas diferenças que o separam de outros dialetos. Revisaremos brevemente esses resultados, que podem trazer algumas informações sobre o número de usuários de línguas de sinais, mas, fica claro que, dados mais precisos são necessários, havendo necessidade de inclusão de perguntas sobre o uso de línguas de sinais nos censos oficiais.

A Associação Nacional Espanhola dos Surdos, a CNSE, afirmou que em 2002 havia 150 mil usuários surdos de línguas de sinais na Espanha (site de 2002 da CNSE, acessado

via The Internet Archive).<sup>2</sup> Eles não deram uma fonte dessa estatística, nem esclareceram como chegaram a esse número. Se fizermos um levantamento similar da população do País Basco, o número de usuários surdos de línguas de sinais deveria estar em volta de 7,2 mil.

O INE, Instituto Nacional de Estatística (*Instituto Nacional Español de Estadística*), conduziu uma pesquisa sobre deficiência em 1999, mas não fez menção específica alguma sobre o uso de línguas de sinais em seu questionário. As categorias utilizadas, como “Comunicação por meio de línguas alternativas” ou “Comunicação por meio de gestos não-sinalizados”, são muito vagas para os nossos propósitos, já que elas podem incluir muitos sistemas de comunicação além de línguas de sinais. Porém, os números referentes à perda de audição podem dar uma idéia do número de usuários de línguas de sinais. De acordo com Johnston (2006), podemos supor que o número de usuários de línguas de sinais pode ser estimado como a soma de todos os indivíduos portadores de surdez profunda e a metade de indivíduos portadores de surdez severa.<sup>3</sup> Isso nos dá um número de usuários surdos de línguas de sinais no País Basco de, aproximadamente, 5,1 mil indivíduos. Essa estimativa é baseada em porcentagens para a população na faixa etária de 4 a 64 anos, o que ajuda a excluir o grande número de indivíduos acima de 65 anos que perdem a audição por causa da idade avançada e que, muito provavelmente, não são usuários de línguas de sinais; não existem dados regionais dispo-

níveis para a população abaixo dos 6 anos, mas uma estimativa aproximada, feita por meio do levantamento regional em base similar ao nacional, sugere que existem menos de 50 crianças portadoras de surdez profunda no País Basco, o que teria pouca influência no número total.

Os conselhos regionais das três províncias bascas (Araba, Biscay e Gipuzkoa) publicam dados referentes ao número de indivíduos que são certificadamente deficientes. Em 2003, havia 2.950 indivíduos certificados como portadores de “deficiência auditiva” (PISONERO RIESGO, 2004). Essa certificação de deficiência é uma medida administrativa para avaliar se um indivíduo se qualifica ou não para certos tipos de programas sociais; a classificação se dá numa escala linear e não dá muita indicação da situação do indivíduo, já que muitos fatores são combinados. Nesse caso, esse número pode incluir indivíduos que têm algum tipo de deficiência auditiva combinada com outras deficiências ou indivíduos portadores de surdez profunda, mas que não usam línguas de sinais; podem existir usuários surdos de línguas de sinais que não foram certificados como deficientes e, assim, não foram incluídos nessa estatística.

Por fim, um indicador do número de usuários de línguas de sinais no País Basco pode ser extraído dos dados referentes ao número de membros das associações de surdos locais, os centros sociais da comunidade sinalizante. Existem seis associações diferentes (uma em Araba: Vitoria-Gasteiz; três em Biscay; Bilbao, Basauri e Durango; duas em Gipuzkoa: San Sebastian

<sup>2</sup> Atualmente, o sítio do CNSE apenas fornece dados para o número de usuários de línguas de sinais, o que inclui tanto sinalizantes surdos, quanto sinalizantes ouvintes (membros de famílias ouvintes, interpretes, etc.).

<sup>3</sup> Deveria ser observado que os dados de Johnston foram baseados em critérios audiológicos (limiar de audição em decibéis), mas as estatísticas INE são baseadas em critérios funcionais (“Não ouve nada”, “Ouve apenas com extrema dificuldade”).



e Tolosa), em um total de 750 membros. Embora seja possível que alguns indivíduos pertençam a mais de uma associação, provavelmente há muito mais sinalizantes surdos que não são membros de nenhuma delas e, assim, esse valor nos dá o número mais conservador de sinalizantes, oferecendo um limite mais baixo para as estimativas. Os diferentes dados revistos aqui estão resumidos na Tabela 1.

**Tabela 1. Resumo das informações estatísticas disponíveis para o número de sinalizantes surdos no País Basco (Números arredondados para os múltiplos de 50 mais próximos.)**

Número	Grupo	Fonte (ano)
7,200	Sinalizantes surdos	CNSE – Associação Nacional Espanhola dos Surdos (2002)
5,100	Sinalizantes surdos portadores de surdez “profunda ou severa” (na faixa etária entre 6-64 anos)	INE – Instituto Nacional de Estadística (1999)
2,950	Surdos “certificados” (abaixo dos 65 anos de idade)	Conselhos Regionais (2003)
750	Membros de associações de surdos	Associações de surdos regionais (2006)

A conclusão mais óbvia que se pode tirar desses números é a necessidade urgente de dados estatísticos claros relativos a usuários de línguas de sinais (e à deficiência auditiva no geral); em nossa revisão das informações disponibilizadas por órgãos oficiais de estatística, percebemos essa falha e também a falta de uniformidade de categorias, quando se comparam os diferentes questionários. Até certo ponto, é compreensível que cada estatística tenha seus próprios critérios quando se define que tipo de informação é relevante, mas com frequência, encontramos definições que carecem de rigor científico e inutilizam os dados (ou, até pior, nenhuma explicação é dada para um dado rótulo, como “perda severa de audição”).

A segunda observação que gostaríamos de fazer, que é mais diretamente ligada ao objetivo deste trabalho, é relativa à discrepância existente entre a predição que esses dados fazem com relação ao número de sinalizantes de segunda geração no País Basco e a realidade da situação. A porcentagem de 5-10% para a proporção de indivíduos surdos nascidos de pais surdos é frequentemente citada na literatura (SCHEIN; DELK, 1974; KYLE & WOLL 1985; NEIDLE *et al.* 2000). Se aplicássemos essa porcentagem às nossas estimativas do número de sinalizantes surdos no País Basco, mesmo em nossa suposição mais conservadora, esperaríamos ter entre 40 e 75 sinalizantes surdos (ou mais) de segunda geração. Em nosso trabalho na comunidade surda sinalizante, não conseguimos encontrar nem mesmo 7 sinalizantes de segunda geração.

Parece claro que, apesar das deficiências de nossos dados estatísticos, o problema reside na porcentagem entre 5-10% para surdos-de-surdos. Chegou-se a esse número com base em dados estatísticos para a população dos EUA e considera-se que o mesmo valor se aplica a outras populações. Porém, a validade dessa porcentagem mítica tem sido questionada e, provavelmente, ela superestima enormemente a proporção de crianças surdas que nascem de pais surdos (cf. JOHNSTON, 2006, p. 161). Essas afirmações referentes ao percentual entre 5-10% é um número muito alto para indivíduos surdos-de-surdos que são apoiadas em nosso conhecimento sobre a população sinalizante surda do País Basco. É possível que essa porcentagem não se aplique ao País Basco, porque existe um grau menor de endogamia dentro desse grupo populacional. Infelizmente, embora não seja tão surpreendente, não existem estatísticas confiáveis para o nível de endogamia entre indivíduos

surdos no País Basco, mas nossa experiência dentro da comunidade surda sinalizante sugere que existe, pelo menos, uma percepção popular de endogamia relativa dentro da comunidade, como tende a ocorrer em populações surdas do Ocidente.

Uma outra explicação para a porcentagem entre 5-10% não se aplicar à população surda sinalizante do País Basco reside na demografia e na genética. O tamanho relativamente reduzido da população do País Basco pode significar que a surdez geneticamente hereditária não chega a se tornar um traço fenotípico comum dentro da população; os genes responsáveis pela surdez não chegam a se espalhar, já que a dimensão da população está no nível limiar para que esses mecanismos entrem em ação. A idéia de que uma população precisa adquirir uma massa crítica antes que maiores frequências de surdez genética ocorram é sustentada pelo fato de que comunidades surdas maiores, como as que podem ser encontradas em cidades como Madri e Barcelona, realmente tendem a ter famílias surdas multigeracionais. Porém, são necessários dados estatísticos e pesquisas genéticas para fornecer evidências empíricas para suportar essas hipóteses.

Pesquisas recentes em um tipo específico de surdez hereditária sugerem que a explicação possa ser uma combinação de endogamia e genética. Um tipo específico de surdez hereditária é causado por mutações no locus gênico da conexina 26 e esse gene pode ser responsável por até metade de todos os casos de surdez genética, em muitas populações (NANCE *et al.* 2000). Tem sido afirmado que a surdez relacionada à conexina 26 é “maior em populações de maior dimensão com uma longa tradição de endogamia entre pessoas surdas, do que nas populações sem esse costume”, devido a uma combinação de

cruzamento seletivo (ou seja, pessoas surdas tendem a se casar com outras pessoas surdas) e seleção relaxada (as circunstâncias sociais que impediram surdos de serem geneticamente aptos e também reprodutivos foram excluídas). Essa afirmação é sustentada pela frequência, inesperadamente alta, desse tipo de surdez hereditária nos EUA, combinada à endogamia contínua dentro da população surda, durante os últimos 200 anos. A ausência de altos níveis de surdez genética no País Basco pode se dar porque não ocorreu muita endogamia ou porque a população não é grande o bastante para que os mecanismos do cruzamento seletivo e da seleção relaxada tenham efeito.

Essa pesquisa sobre a surdez relacionada à conexina sugere que pode existir uma terceira explicação possível. Para que um tipo específico de surdez genética se torne frequente, ela tem que estar presente de início:

Para explicar por que a surdez relativa à conexina tem aumentado em tantas comunidades populosas, precisamos supor que esse tipo de surdez era a forma mais frequente nessas populações no momento em que a seleção relaxada e o cruzamento seletivo começaram, possivelmente por causa de uma taxa de mutação intrínseca um tanto maior. (NANCE; KEARSY, 2004)

Pode ser o caso de existir uma incidência bastante baixa de surdez genética relativa à conexina (ou outro tipos de surdez genética) no País Basco, de tal forma que as condições necessárias nunca estiveram presentes para que houvesse uma alta frequência de surdez genética na população. Quando analisamos populações surdas de países como a Austrália, cuja comunidade surda é bastante grande e que tem condições aparentemente

similares àquelas nos EUA (cruzamento seletivo e seleção relaxada) e descobrimos que não alcançam a porcentagem mítica entre 5-10%, podemos inferir que elas têm uma taxa bem menor de surdez hereditária. Assim, o caso dos EUA pode ser excepcional, no sentido de que, inicialmente, havia uma taxa anormalmente alta de um tipo de surdez genética que estabeleceu as bases para um aumento notável dessa surdez genética específica na população.

No momento, por falta de dados estatísticos claros referentes à incidência de surdez hereditária no País Basco, nenhuma resposta pode ser encontrada para essas questões e as hipóteses delineadas acima continuam a ser mera especulação. O que sabemos é que existe um número incrivelmente pequeno de sinalizantes surdos-de-surdos no País Basco. Como lingüistas procurando sinalizantes nativos para nos alimentar com dados sobre a língua, sofremos as conseqüências desse problema na maneira como podemos estudar a língua de sinais usada no País Basco. Na próxima seção, descrevemos a metodologia que adotamos em nosso grupo de pesquisa para lidar com essa situação.

### 3. Metodologia

Como vimos nas seções anteriores, dados de informantes nativos constituem um dos principais meios para examinar o funcionamento de uma língua; porém, torna-se difícil afirmar que a língua que é o objeto de estudo de nosso grupo de pesquisa tenha algum informante nativo, no País Basco: no máximo, temos alguns sinalizantes de segunda geração que aprenderam a língua de sinais desde o nascimento, de seus pais não-nativos. Que pesquisa lingüística pode ser feita no contex-

to de uma comunidade onde existem apenas alguns (possíveis) sinalizantes nativos?

Para aumentar nossa base de informantes entre os usuários de línguas de sinais no País Basco e para ter uma idéia melhor de o que um usuário nativo pode ou não ser, decidimos usar um método de coleta de dados que incluiu registro de dados sociolingüísticos associados com cada informante e com cada seção de coleta de dados. Desse modo, nossos dados não vêm, necessariamente, de informantes nativos, mas teríamos uma imagem tão clara quanto possível da origem de nossos dados. Para registrar os fatores sociolingüísticos, usamos a base de dados IMDI para metadados de línguas de sinais, a qual foi desenvolvida pelo projeto ECHO (CRASBORN; HANKE 2003). O padrão IMDI vem com um visualizador e um editor que foram desenvolvidos no Instituto Max Planck de Psicolingüística em Nijmegen, na Holanda, que permite que as informações sejam examinadas e manipuladas. O conjunto de metadados para línguas de sinais foi construído para a seção de línguas de sinais do projeto ECHO, projetado para estabelecer um corpus de dados para várias línguas de sinais européias.

Gravamos em vídeo nossos informantes em várias situações e contextos, como conversas espontâneas, entrevistas controladas e elicitación a partir de estímulos. Cada seção de gravação é registrada na base de dados IMDI para assegurar que todos os metadados relacionados sejam registrados. Os metadados são referentes ao informante, por exemplo:

- idade, local de nascimento e sexo;
- status da audição, status da audição dos pais, tipo de recursos auditivos (*hearing aid*) usados (se for o caso);
- idade de exposição à língua de sinais;
- local e contexto de exposição à língua de sinais;

- língua de comunicação principal dentro da família;
  - grau de escolaridade (idade, curso, tipo de escola)
- e também o contexto específico do tipo de seção de gravação, como:
- tipo de ato comunicativo (diálogo, relato de histórias, perguntas e respostas);
  - grau de formalidade;
  - local e contexto social;
  - tópico do ato comunicativo

Esses dados permitem que um perfil sociolingüístico, tanto dos informantes, quanto da seção de gravação seja estabelecido, de forma mais precisa possível. De certo modo, isso nos permite colocar a carroça na frente dos bois. Normalmente no estudo de línguas, a competência lingüística é definida em termos de fatores internos à língua, por meio de traços específicos: “um falante nativo diria isso, isso e isso”. Porém, no caso das línguas de sinais, e da LSE especificamente, não temos entendimento suficiente de como a língua funciona para poder afirmar o que é e o que não é competência nativa. Como vimos na seção 2, no campo da pesquisa em línguas de sinais, definimos competência lingüística nativa em termos de fatores externos à língua, ou seja, características sociolingüísticas do indivíduo: “essa pessoa é um falante nativo porque ela é isso, isso e isso”. E, como vimos na seção 1, as características normalmente dadas são dos seguintes tipos: status de audição, status de audição da família, idade e duração da exposição à língua de sinais, nível de uso da língua de sinais.

Felizmente, existe justificativa para esse modo inverso de definir competência nativa e para as características sociolingüísticas que foram isoladas como relevantes para definir essa noção. A evidência vem de descobertas de estudos em processos lingüísticos: um

modo independente de se julgar competência nativa é a velocidade com que um indivíduo processa a linguagem. Grosso modo, usuários nativos são rápidos, não-nativos são lentos. Pesquisa experimental sobre tempo de reação de julgamento de gramaticalidade em línguas de sinais demonstrou que a idade de exposição do indivíduo a uma língua de sinais é crucial para a velocidade na qual ele processa a língua. Se uma pessoa inicia a aquisição de uma língua de sinais depois da idade de três anos, ela é significativamente mais lenta (e menos precisa) em detectar frases agramaticais, quando comparada a sinalizantes que começaram a aprender antes dos três anos (BOUDREAULT; MAYBERRY, 2006). Essa descoberta mostra que a idade de três anos é um limiar importante e que delimitará a proficiência final do indivíduo com relação à língua. Com base nesse resultado, usamos o fator “idade de exposição à língua de sinais” como principal característica para indicar se uma pessoa é ou não um usuário nativo. (Também incluímos os fatores relacionados de contato contínuo com as línguas de sinais e o status de audição dos pais.)

Tendo um perfil sociolingüístico de cada informante, somos capazes de identificar aqueles que (provavelmente) são sinalizantes nativos. Além disso, para aqueles que não são sinalizantes nativos, os metadados nos dão uma visão de seu grau de desvio do perfil nativo prototípico. Se então analisarmos seu uso da língua, podemos fazer afirmações provisórias sobre o uso nativo da língua e sobre como o uso não-nativo diverge desse. Na seção seguinte, analisamos um exemplo de uso divergente da língua para uma estrutura específica das línguas de sinais, a partir dos dados que coletamos: troca de papel.

#### 4. Um estudo de caso: troca de papel

A troca de papel é um mecanismo utilizado em línguas de sinais para transmitir os pensamentos ou falas de outra pessoa e tem sido largamente estudado em várias de línguas de sinais (vide QUER, 2005, para uma visão geral). A troca de papel desempenha uma função similar, tanto em discurso direto, quanto em indireto em línguas faladas e, de um ponto de vista semântico-pragmático, a troca de papel envolve mudar o quadro de referência para o do personagem cujos pensamentos ou falas estão sendo transmitidos. Quando a troca de papel é utilizada, todos os elementos dêiticos que identificam o contexto das falas devem ser entendidos como referentes ao contexto recriado (ou “trocado”) e não ao contexto comunicativo imediato. As âncoras referenciais que dão significado para todas as referências dêiticas (“eu-aqui-agora”) são substituídas por um quadro de referência construído ou imaginário (o do personagem da troca de papel). Essa estratégia é gramaticalmente codificada nas línguas de sinais e é comumente usada no discurso de sinalizantes. Assim, a troca de papel representa uma estrutura cognitivamente complexa e é parte da gramática que pode ser afetada por um atraso no processo de aquisição da língua pelo indivíduo, ou seja, até que ponto o uso da língua por um indivíduo é considerado nativo.

Com base na expressão da troca de papel nos dados que coletamos, conduzimos

um estudo piloto para analisar a correlação entre a expressão da troca de papel e o grau de competência nativa. Nossos resultados são baseados em poucos sinalizantes (5) e são somente qualitativos, no momento. Mais dados são necessários para chegar a resultados quantitativos. Antes de analisarmos os resultados do estudo, descrevemos brevemente os marcadores usados para sinalizar troca de papel em LSE.

##### 4.1 Marcadores de troca de papel

A troca de papel pode ser marcada de vários modos (que foram identificados na maioria das línguas de sinais estudadas, ZUCCHI, 2004):

- (i) uma mudança na orientação do corpo, cabeça ou olhar durante (ou no início) da troca de papel;
- (ii) um marcador nominal: uma frase nominal que identifica o personagem da troca de papel, a qual é sinalizada para demarcar o seu início (por exemplo, AMIGO)
- (iii) expressão facial associada com cada personagem da troca de papel durante (ou no início) do processo.

Nenhum desses três marcadores é obrigatório durante todo o tempo. A expressão facial por si só nunca é usada para marcar a troca de papel, enquanto a orientação corporal ou o marcador nominal podem ser usados sozinhos. Um exemplo de troca de papel em LSE, na qual o indivíduo usa vários marcadores, é dado em (1):<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Os sinais são glosados por meio da convenção padrão do uso de maiúsculas (por exemplo, SINAL). Os SUBSCRITOS MARCAM O LOCUS DO SINAL OU O INÍCIO/FIM DOS TRAÇOS DE LOCALIZAÇÃO: *I* É UM PONTO NO ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO, *1P* E *2P* SÃO OS LOCI DE PRIMEIRA E SEGUNDA PESSOA GRAMATICAL, RESPECTIVAMENTE. O INDICADOR É SINAL DE APONTAMENTO (que pode ser pronominal); POSS = possessivo.



						troca de papel-i				
(1)	ONTEM	POSS <sub>1P</sub>	MÃE <sub>1P</sub>	INDICADOR <sub>i</sub>	SAY <sub>1P</sub>	AMANHÃ	INDICADOR <sub>1P</sub>	POSS <sub>2P</sub>	CASA	IR

“Ontem minha mãe me disse: amanhã eu irei à sua casa.”

Retomamos, agora, os resultados de nossa análise da expressão de troca de papel em sinalizantes com diferentes graus de competência nativa.

#### 4.2 Resultados

Nossos resultados podem ser exemplificados por três sinalizantes diferentes que são representativos das correlações entre competência nativa e a expressão da troca de papel, que encontramos em toda a amostra. A primeira sinalizante, “Andrea”, cresceu numa família ouvinte e não entrou em contato com uma língua de sinais até os 16 anos; a segunda sinalizante, “Klara”, também tem uma família ouvinte, mas iniciou o aprendizado da língua de sinais mais cedo, aos 11 anos e se tornou professora de línguas de sinais; a terceira sinalizante, “Iratxe”, é de uma família surda e aprendeu a língua de sinais desde o nascimento. De acordo com nossa definição de nativo com base na idade de exposição à língua de sinais, o contato contínuo com ela e o status de audição da família, Iratxe é a sinalizante mais nativa, seguida por Klara e depois, por Andrea.

Com relação à expressão da troca de papel que encontramos nas gravações dessas três sinalizantes, iremos nos concentrar no uso dos marcadores formais como descritos acima. Observe-se que tínhamos a intenção de descobrir algum tipo de correlação entre competência nativa e a expressão da troca de papel. Andrea fez bastante uso de expressão facial e mudanças na orientação da cabeça, mas usou os marcadores

nominais com pouca frequência, e quando o fez, na maioria das vezes, agiu de modo inconsistente e incorreto. Klara também usou de expressão facial, mas deu preferência a mudanças de orientação, usando também outros articuladores como os ombros e os olhos; ela ocasionalmente utilizou marcadores nominais e, quando combinados a outros marcadores, foram articulados seqüencialmente, ao invés de simultaneamente. O uso de expressão facial por Iratxe foi mais reduzido do que o das outras duas sinalizantes, o mesmo se dando para seu uso de orientação, que, às vezes, nem era usado; por sua vez, o marcador nominal foi consistentemente usado para marcar troca de papel. Esses resultados estão resumidos na Tabela 2.

**Tabela 2. Resumo das três sinalizantes: fatores indicando o grau de competência nativa e marcadores formais usadas na expressão de troca de papel.**

	“Andrea”	“Klara”	“Iratxe”
Idade de exposição	16;0	11;0	0;0
Família	ouvinte	ouvinte	surda
Contato com línguas de sinais	casa-social	casa-social-trabalho	casa-social-escola
Expressão da troca de papel	<ul style="list-style-type: none"> <li>expressão facial</li> <li>orientação da cabeça</li> <li>uso não freqüente/ inconsistente de marcador nominal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>expressão facial</li> <li>orientação (olhos, cabeça, ombros, corpo)</li> <li>uso ocasional de marcador nominal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>menos expressão facial</li> <li>troca de papel limitada na orientação (possivelmente nenhuma)</li> <li>marcador nominal consistentemente usado</li> </ul>

### 4.3 Discussão

Como previamente mencionado, nossos resultados não nos permitem traçar uma correlação direta entre um dado fator social e uma forma gramatical específica usada para marcar troca de papel, já que muito mais dados seriam necessários para alcançar esse tipo de resultado quantitativo. Apesar disso, conseguimos identificar duas escalas progressivas que estabelecem duas relações diferentes entre competência nativa e marcadores de troca de papel:

(i) O grau de co-articulação dos marcadores aumenta com o grau de competência nativa. Um sinalizante nativo pode usar vários marcadores para sinalizar troca de papel e, invariavelmente, articulará esses marcadores todos ao mesmo tempo. Por exemplo, um marcador nominal pode ser sinalizado nas mãos enquanto a cabeça se volta para um lado e a expressão facial muda um pouco. Um sinalizante menos nativo, por sua vez, tende a produzir cada marcador seqüencialmente, sendo que uma mudança de orientação corporal é seguida de uma expressão facial marcada e depois de um marcador nominal. Obviamente, essa diferença resulta em uma fluidez e densidade de informações maiores nas produções dos sinalizantes nativos.

Curiosamente, no caso menos semelhante ao nativo, existe também um grau relativamente alto de co-articulação. Isso pode parecer ir contra a escala co-articulação-competência nativa que alegamos ter encontrado, mas uma análise mais minuciosa dos marcadores que a sinalizante não-nativa está usando e o modo como ela os usa oferece uma explicação. A sinalizante menos nativa usa expressão facial e orientação simultaneamente, para marcar a troca de papel, mas o faz de maneira às vezes ambígua. É como se o mecanismo de troca de papel não fosse

gramaticamente controlado e uso que ela faz de expressão facial e de orientação estivessem mais próximas da mímica do que de marcadores formais de troca de papel. Essa sinalizante demonstra um alto grau de co-articulação para os marcadores de troca de papel, mas não está usando esses marcadores para sinalizar troca de papel *como um construto gramatical*, mas sim como uma estratégia comunicativa. Essa escala, então, pode ser mais bem descrita como uma curva em forma de U, um padrão que freqüentemente emerge em processos de aquisição de língua. No estado inicial (não-nativo), os marcadores são usados simultaneamente, mas agramaticalmente; quando a gramaticalização ocorre e os marcadores assumem funções gramaticalmente controladas, o sinalizante quase nativo irá separar a expressão em segmentos que são articulados seqüencialmente (talvez devido a limitações do processo cognitivo); o sinalizante nativo será capaz de ativar o processo de marcação da troca de papel em um grau muito mais elevado, permitindo articulação de vários marcadores, se for necessário.

(ii) Quanto mais nativo o sinalizante for, mais abstrato será seu uso do espaço. Como línguas visuais que são articuladas no espaço físico, as línguas de sinais utilizam o espaço para marcar distinções gramaticais. No caso da troca de papel, uma mudança da orientação (do corpo, da cabeça ou do olhar) no espaço real é um dos marcadores que podem ser usados para indicar uma mudança no quadro de referência. Descobrimos que o uso do espaço para marcar a troca de papel se torna mais abstrato para sinalizantes mais nativos, até que, ao longo da escala, o espaço não é mais usado pelo sinalizantes que se aproximam da competência nativa.

Como mencionado acima, é mais provável que o sinalizante menos nativo não es-

teja usando troca de papel gramaticalizada, mas, ao invés disso, uma série de estratégias comunicativas; a mudança de orientação para marcar troca de papel é muito próxima da mímica e o uso do espaço é limitado a refletir as relações espaciais do espaço real. Por exemplo, se a sinalizante está narrando uma conversa entre um leão, situado à sua esquerda e um rato, que está à sua direita, uma troca de papel para o personagem do leão deve sempre ser marcada por uma mudança de orientação para a esquerda, e para a direita, no caso do rato. As limitações da mímica fazem com que, sem essa coerência espacial, haja uma perda de transparência e possivelmente uma quebra na comunicação. O sinalizante quase nativo também tende a respeitar a coerência dessas representações espaciais, com cada personagem sendo atribuído a um dado ponto no espaço, mas não de modo tão estrito. Encontramos muitas incidências de troca de papel em que a direção da mudança de orientação não seguia o mapa espacial estabelecido no discurso (por exemplo, leão à esquerda e rato à direita); o que importa aqui não é a direção da mudança de orientação, mas o fato de que acontece, sim, uma mudança de orientação. Essa mudança

de orientação marca a troca de papel, mas não identifica necessariamente o quadro de referência que está sendo adotado; isso é conseguido por meio de outros marcadores de troca de papel, como o marcador nominal e por considerações discursivas. A mudança de orientação não significa mais “Agora eu sou o rato”, mas só diz “Agora sou outra pessoa”. O último passo no processo de abstração do uso do espaço, que ocorre em sinalizantes nativos, envolve não utilizar a orientação como uma marca de troca de papel. Existe uma tendência em sinalizantes nativos para diminuir a articulação da orientação, não só fazendo movimentos reduzidos, mas também utilizando articuladores menores, como os olhos e a cabeça, ao invés dos ombros e do corpo. Porém, existem casos de troca de papel onde absolutamente nenhuma orientação é usada, sendo a marcação determinada apenas por meio dos marcadores nominais (e, possivelmente, expressão facial). Os diferentes usos do espaço por parte dos sinalizantes com diferentes graus de competência nativa refletem até onde a troca de papel é parte da gramática: o uso do espaço varia de uma representação mímica para um marcador arbitrário e pode desaparecer completamente.

**Tabela 3. Duas correlações entre o grau de competência nativa do sinalizante e os diferentes aspectos da expressão da troca de papel: (i) co-articulação; (ii) uso abstrato do espaço.**

menos nativo		mais nativo	
CO-ARTICULAÇÃO:			
Co-ocorrência de vários mecanismos de expressão		Articulação consecutiva de marcadores	Co-articulação de vários marcadores
USO ABSTRATO DO ESPAÇO:			
Próximo à mímica		Uso arbitrário do espaço	Uso mínimo ou inexistente do espaço

Em nossa discussão dessas duas escalas, representadas na Tabela 3, aludimos ao processo de gramaticalização e a como a expressão da troca de papel pode variar de acordo com o grau no qual ela faz parte da gramática do sinalizante. Pode essa observação oferecer uma nova visão sobre como a língua se desenvolve no indivíduo, ou até mesmo como a língua em si evolui? Deixamos essa pergunta para a conclusão.

## 5. Conclusão

Neste trabalho, examinamos a noção do falante/sinalizante nativo; a motivação para a pesquisa surgiu da falta de sinalizantes nativos na população surda do País Basco que pudessem participar como informantes, em pesquisas sobre línguas de sinais. Um levantamento um tanto descuidado das informações estatísticas referentes a essa população revelou que a suposição mais comum de que de 5 a 10% das pessoas surdas nascem em famílias surdas não se aplica ao País Basco. Examinamos várias definições de sinalizante nativo que têm sido usadas em pesquisas em línguas de sinais e descrevemos a metodologia que desenvolvemos para driblar a falta de informantes nativos, que envolve adotar uma noção de “nativo” baseado num número de fatores extralingüísticos (idade de aquisição, status de audição da família e contato com uma língua de sinais). Finalmente, analisando o uso de marcadores de troca de papel de nossos informantes, isolamos um aspecto da variedade da LSE usada no País Basco que apresenta variação de acordo com o grau de competência nativa do sinalizante. Essa variação pode ser categorizada nos termos de duas escalas progressivas que lidam com o grau

de co-articulação, de um lado, e o grau de abstração do uso de espaço, do outro.

Com base no que descrevemos em nosso trabalho sobre a língua de sinais do País Basco, gostaríamos de chamar atenção para dois pontos:

Primeiramente, a importância do registro de metadados, o que permite que se crie um perfil sociolingüístico dos informantes. No contexto das línguas de sinais em pequenas populações, a ausência de sinalizantes inquestionavelmente nativos torna imperativo saber, exatamente, de onde os dados estão vindo e o que eles representam. Em nosso grupo de pesquisa, as principais linhas de estudo não são sociolingüísticas por natureza, mas sentimos a necessidade de adotar uma metodologia sociolingüisticamente sustentada para substanciar nossos dados. Como efeito secundário, a compilação de dados sociolingüísticos ajudará a dar uma idéia melhor das populações surdas para a comunidade científica e fornece um ponto de partida para trabalhos sociais, demográficos e antropológicos.

Nossa segunda observação é referente ao estudo piloto dos efeitos da aquisição tardia na expressão de troca de papel. Levando em consideração as condições sociais nas quais elas existem, as línguas de sinais apresentam a chance de estudar a faculdade lingüística em estágios outros, que não a condição de nativo, de acordo com a idade de exposição à primeira língua. O trabalho clássico de Jakobson (1941) chama a atenção para os paralelos entre os estágios de desenvolvimento durante a construção do sistema fonológico e os estágios de declínio devido a condições afásicas. De acordo com esse estudo, o fato de os estágios de desenvolvimento e declínio do sistema fonológico coincidirem em sua natureza e sua ordem seqüencial constitui evidência da organização interna do sistema lingüístico.

Nas palavras do próprio Jakobson, essa organização está sujeita ao seguinte princípio:

Assim como uma estrutura superior não pode ser construída a não ser que as fundações tenham sido previamente estabelecidas, as fundações não podem ser desmanchadas sem que, primeiro as estruturas superiores serem removidas (JAKOBSON, 1941, p. 396).

O caso da aquisição tardia nas línguas de sinais representa um híbrido entre a aquisição de língua normal e a deterioração lingüística em afásicos. Se aceitarmos o princípio geral de Jakobson de que os processos de aquisição e perda de língua refletem a natureza fundamental da organização hierárquica da linguagem, pode ser previsto que os vários níveis de competência gramatical resultantes da aquisição tardia também são um reflexo dessa organização hierárquica. Assim, estudos gramaticais envolvendo sinalizantes não-nativos podem revelar informações importantes sobre a faculdade lingüística humana. Nosso estudo piloto sobre troca de papel não é absolutamente o primeiro passo nessa direção: Lillo-Martin e Berk (2003) estudam os efeitos da aquisição tardia na ordem dos sinais na ASL; Coppieters (1987) analisa a relação entre idade de aquisição e conhecimento lexical para a ASL; e, como vimos na seção 3, Boudreault e Mayberry (2006) analisaram as diferenças no tempo de processamento de sentenças, com relação à idade de aquisição. Além disso, trabalho de ponta sobre sinalização caseira (GOLDIN-MEADOW, 2003) e línguas de sinais emergentes, como a Língua de Sinais Nicaragüense (KEGL; SENGHAS; COPPOLA, 1999), tem utilizado sinalizantes não-nativos para fornecer *insights* relevantes sobre a natureza e o desenvolvimento da linguagem.

Como mencionado anteriormente, a troca de papel nas línguas de sinais é um mecanismo gramatical que é análogo ao discurso direto/indireto das línguas faladas. Ambas as estruturas envolvem uma mudança no quadro de referência para expressões dêiticas e ambas envolvem construções gramaticais que agregam certa complexidade morfológica. As escalas progressivas para a gramaticalização da troca de papel que identificamos refletem essa complexidade. Uma comparação desse processo com os estágios de aquisição da troca de papel ou do discurso direto/indireto por falantes/sinalizantes nativos e a manifestação dessas estruturas em afásicos podem produzir uma valiosa fonte de evidência para: (i) a organização interna da gramática das línguas de sinais, (ii) as diferenças fundamentais e similaridades entre línguas faladas e línguas de sinais e (iii) a configuração estrutural da Gramática Universal.

### Agradecimentos:

Agradecemos a nossos informantes e a nossos colegas no KHIT. Agradecemos muito a Onno Crasbron pelo apoio e ajuda em nossas questões técnicas. O programa de edição IMDI é desenvolvido no Max Planck Institute for Psycholinguistics (Instituto Max Planck de Psicolingüística, [www.mpi.nl/IMDI/](http://www.mpi.nl/IMDI/)).

Essa pesquisa foi possibilitada pelos recursos para o estágio de pré-doutorado de Brendan Costello e Javier Fernández, concedidos pelo Governo Basco (ref. BFI05.149, BFI04.465) e por um projeto financiado pelo Spanish Ministry of Science and Technology (Ministério Espanhol de Ciência e Tecnologia) e FEDER (ref. BFF2002-04238-C02-01).



## Referências

- BOUDREAULT, P.; MAYBERRY, R. I. Grammatical processing in American Sign Language: age of first-language acquisition effects in relation to sign language structure. In: **Language and cognitive processes**. v. 21, p. 608-635, 2006.
- CHOMSKY, N. Review of B.F. Skinner, Verbal Behaviour. **Language**, v. 35, p. 26-58, 1959.
- CNSE (Spanish National Association of Deaf People) www.cnse.es (disponível em: www.archive.org). Acessado em 2002.
- COPPIETERS, R. Competence differences between native and near-native speakers. **Language**, v. 63, p. 544-573, 1987.
- CRASBORN, O.; HANKE, T. Metadata for sign language corpora. **Background document for an ECHO workshop**. Nijmegen University, May 2003. Disponível em: [http://www.let.ru.nl/sign-lang/echo/docs/Metadata\\_SL.doc](http://www.let.ru.nl/sign-lang/echo/docs/Metadata_SL.doc)
- EUSTAT (Basque Statistics Offices). Disponível em: www.eustat.es. Acessado em: 15/09/06.
- GOLDIN-MEADOW, S. **The resilience of language: what gesture creation in deaf children can tell us about how all children learn language**. New York: Psychology Press, 2003.
- INI (Spanish Statistical Institute). Disponível em: www.ine.es. Acessado em: 15/09/06.
- JAKOBSON, R. Kindersprache, Aphaise, und allgemeine Lautgesetze. In: **Jakobson, Selected Writings**, v. 1. The Hague: Mouton, 1971: p. 328-401, 1941.
- JOHNSTON, T. W(h)ither the Deaf Community? Population, Genetics, and the Future of Australian Sign Language. In: **Sign Language Studies**, v. 6:2, p. 137-173, 2006.
- KEGL, J.; SENGHAS, A.; COPPOLA, M. Creation through contact: sign language emergence and sign language change in Nicaragua. In: DeGRAFF, M. (Org.). **Language creation and language change: creolization, diachrony and development**. Cambridge, MA: MIT Press. 197-237, 1999.
- KYLE, J.; WOLL, B. **Sign Language: the study of deaf people and their language**. Cambridge: CUP, 1985.
- LILLO-MARTIN, D.; BERK, S. Acquisition of constituent order under delayed language exposure. In: Beachley, B.; BROWN, A.; Conlin, F. (Orgs.). **Proceedings of the 27th Annual Boston University Conference on Language Development**. Boston: Cascadilla Press, 2003, p. 484-495.
- McSWEENEY, M.; WOLL, B.; CAMPBELL, R.; GEMMA, C. A.; McGUIRE, P. K.; DAVID, A. S.; SIMMONS, A.; BRAMMER, M. J. Neural Correlates of British Sign Language Comprehension: Spatial Processing Demands Of Topographic Language. **Journal of Cognitive Neuroscience**, v.14:7, p. 64-75, 2002.
- GAURAV, M.; RATHMANN, C. Variability in verbal agreement forms across four signed languages. In: Goldstein, L.; WHALEN, D.; BEST, C. (Orgs.). **Laboratory Phonology 8**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 289-316.
- NANCE, W. E.; KEARSEY, M. J. Relevance of connexin deafness (DFNB1) to human evolution. In: **American Journal of Human Genetics**, v. 74, p. 1081-87, 2004.
- NANCE, W. E. ; XUE-ZHONG, L. ; ARTI, P. Relation between choice of partner and high frequency of connexin-26 deafness. In: **Lancet**, v. 356, p. 500-01, 2000.
- NEIDLE, C.; Kegl, J.; MacLaughlin, D.; BAHAN, B.; LEE, R.G. **The syntax of American Sign Language: functional categories and hierarchical structure**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- NEVILLE, H. J.; COFFEY, S. A.; LAWSON, D. S.; FISCHER, A.; EMMOREY, K.; BELLUGI, U. Neural systems mediating American Sign Language: effects of sensory experience and age of acquisition. **Brain and language**, v. 57, p. 285-308, 1997.
- PARKHURST, S.; PARKHURST, D. Variación de las lenguas de signos usadas en España:

- un estudio lingüístico. **Revista Española de Lingüística de las Lenguas de Signos**. Madrid: PROEL, 2001.
- PETITTO, L. A.; Zatorre, R. J.; GAUNA, K.; NIKELSKI, E. J.; DOSTIE, D.; EVANS, A. C. Speech-like cerebral activity in profoundly deaf people processing signed languages: implications for the neural basis of human language. **Proceedings of the National Academy of Science**, v. 97:25, p. 13961-66, 2000.
- QUER, J. Context shift and indexical variables in sign languages. In: Georgala, E.; Howell, J.; (Orgs.). **Proceedings of Salt XV**. Ithaca NY: CLC Publications, 2005. Disponível em:[http://www.icrea.es/ficheros/Proyectos/treb\\_11413.pdf](http://www.icrea.es/ficheros/Proyectos/treb_11413.pdf)
- RIESGO, S. P. Informe: necesidades y accesibilidad de las personas con discapacidad. In: **CAPV Victoria-Gasteiz**: Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco, 2004
- SCHEIN, J. D.; DELK, M. T. **The deaf population of the United States**. Silver Spring, MD: National Association of the Deaf, 1974.
- ZUCCHI, A. **Monsters in the Visual Mode?** Dissertação de Mestrado - Università degli Studi di Milano, 2004. Disponível em: <http://filosofia.dipafilo.unimi.it/~zucchi/NuoviFile/LISmonsters.pdf>

# Reflexões sobre a língua de sinais e a cultura surda em ambientes de comunicação mediada por computador (CMC): explorações e considerações iniciais<sup>1</sup>

Maria Mertzani

## 1. Introdução

A comunicação mediada por computador (CMC) tem exercido considerável influência sobre a prática de ensino e a aprendizagem no âmbito da Aquisição de Segunda Língua (ASL). O acesso à Internet e a disponibilidade de ferramentas de CMC síncronas e assíncronas (por exemplo, *e-mails*, *chats*, *MOOs*, *I-phone*, *NetMeeting*) têm afetado as pedagogias tradicionais e introduzido novos paradigmas que enfatizam metodologias de ensino centradas no aluno e baseadas em princípios construtivistas (Mertzani, 2006). Entretanto, a CMC ainda não foi incorporada ao ensino da língua de sinais e este artigo visa a iniciar a discussão sobre o efeito de tal aplicação em aulas de Língua de Sinais Britânica para alunos ouvintes.

Tradicionalmente, o ensino e a aprendizagem da língua de sinais depende consideravelmente de simulações visuais (por exemplo, animação, livros-texto e vídeo) por uma úni-

ca e principal razão: a língua de sinais é uma língua visual e os alunos, a fim de aprendê-la, precisam visualizar seu movimento e suas características não manuais inibidoras. Em geral, alunos ouvintes de uma língua falada ouvem a si mesmos falando e, desse modo, são capazes de monitorar sua produção e compará-la com a de falantes nativos e/ou praticar a língua em um laboratório por meio de exercícios de compreensão e produção oral. Em contrapartida, existe “uma assimetria no mecanismo de feedback para o controle da produção da língua de sinais”<sup>2</sup> (Woll & Smith 1991: 240). Os alunos vêem apenas as suas mãos enquanto sinalizam ou atuam como observadores de outros sinalizando, portanto, não dispõem da visão completa de si mesmos ao sinalizarem, o que é uma habilidade essencial na aquisição da língua de sinais.

Os alunos precisam receber instruções sobre como executar um sinal, sobre como certas modulações afetam o significado dos sinais, e sobre como se observarem a si mes-

<sup>1</sup> Traduzido por: Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos, Ladjane Maria Farias de Souza, Lucas Hack de Mendonça.

<sup>2</sup> N. do T.: no original em inglês: “an asymmetry in the feedback mechanism for regulating sign language production”.

mos. Diversos programas têm incorporado texto, material multimídia em CD/DVD e material analógico e/ou em vídeo digital para a instrução da língua de sinais. Entretanto, o material baseado em texto (por exemplo, livros-texto e dicionários) não é suficiente para o estudo da língua de sinais, uma vez que tais materiais consistem em figuras e desenhos, os quais não conseguem expressar a forma tetradimensional da língua (Fourie 2000). Videotapes, CD/DVD-ROMs e material animado resolvem esse problema por meio da incorporação de vídeo e/ou de imagens animadas da língua de sinais.

Sinalizantes animados (por exemplo, avatares) em formato 2D e/ou 3D podem representar a língua de sinais, mas exigem habilidades avançadas em desenho gráfico e tempo para sua criação. A utilização da tecnologia de vídeo, especialmente o vídeo digital, parece ser a solução mais fácil para tais problemas. O vídeo digitalizado, particularmente o *streaming* de vídeo, é atualmente usado na Internet para a representação de informações para os Surdos, constituindo assim, um material autêntico da língua de sinais. Com relação à aprendizagem da língua de sinais, existem websites que oferecem cursos completos, contendo dicionários de língua de sinais *on-line* com dispositivos de busca de sinais, diálogos sinalizados, vocabulário, explicações de gramática e exercícios interativos, além de testes de múltipla escolha para auto-avaliação.

Devido ao fato de que a Internet é basicamente um ambiente hipertextual não-linear (Ryan, Scott, Freeman & Patel 2000), no sentido de que ela não é um ambiente de hipersinalização, ela permite a inserção de *links* para

páginas da *web* por meio do meio textual e não por meio do meio da sinalização digital (sinalização por meio de vídeo ou animada). Desse modo, quando se considera o meio textual e a interatividade da Internet, o que se tem é um modo passivo de ensino e aprendizagem da língua de sinais. Existe uma representação fixa, controlada e limitada da informação em língua de sinais que se assemelha a aplicativos computacionais do passado: ambientes multimídia de língua de sinais armazenados em um CD e que constituem meros exercícios de repetição de palavra/oração de sinais a serem realizados pelo aluno de uma maneira mecânica e linear.

Conseqüentemente, a transmissão da língua de sinais é unidirecional e o modo de interação é único: entre o usuário e o programa de computador. No entanto, a tecnologia de rede permite que haja interação entre sinalizantes a qualquer distância, visto que são os computadores que medeiam a interação humana. A comunicação *on-line* em língua de sinais é viável por meio da CMC baseada em vídeo e sua utilização é por nós recomendada para fins de ensino e aprendizagem da língua de sinais a distância. Este artigo apresenta os procedimentos seguidos e os resultados obtidos em um estudo piloto que investigou a viabilidade de uma interação por vídeo em rede entre um instrutor surdo e três alunas ouvintes da Língua de Sinais Britânica (BSL), em um laboratório digital de língua de sinais, o SignLab, pertencente ao Centre for Deaf Studies<sup>3</sup>, da Universidade de Bristol, no Reino Unido. Antes de procedermos à ilustração dos dados, apresentaremos a base teórica deste estudo na seção a seguir.

<sup>3</sup> N. do T.: “Centro para Estudos Surdos”.

## 2. Produção visual in situ para a aprendizagem de língua de sinais

Este estudo fundamenta-se em duas teorias: a teoria da aprendizagem situada e a teoria social da visualidade. A base comum entre tais teorias é a perspectiva sócio-cultural da aprendizagem. Segundo a primeira, a aprendizagem está associada a atividades direcionadas a um objetivo, em circunstâncias autênticas, dentro de, e relacionadas a, comunidades de prática (Youn, 2005). Conseqüentemente, as interações entre indivíduos, suas atividades e suas comunidades fazem parte de um processo contínuo. A teoria da aprendizagem situada tem como base a teoria sócio-cultural de Vygotsky, segundo a qual a aprendizagem tem início e se desenvolve dentro de um contexto social e cultural mas termina no nível individual (DiCamila & Anton, 2004).

No estágio inicial da aprendizagem, os alunos dependem de interações com seus/ suas professoras e/ou colegas, mas, em um estágio de desenvolvimento posterior, essa dependência é internalizada e dá origem a uma função mental auto-reguladora que constitui um nível profundo do seu processo cognitivo individual durante toda a sua vida. Essa transferência do domínio social para o domínio cognitivo acontece dentro da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), ou seja, o fenômeno de aprendizagem que ocorre quando iniciantes interagem e colaboram com pessoas de maior conhecimento para concluir uma tarefa que estaria além de suas capacidades individuais. Desse modo, o desenvolvimento cognitivo se dá quando o aluno avança em sua ZDP até o ponto em

que ele se torna auto-regulado com relação à realização de uma tarefa (DiCamila & Anton, 2004:38).

Segundo a teoria social da visualidade (Mirzoeff, 1999), o visual – no presente estudo, a CMC baseada em vídeo – é o local da interação, o local onde “os significados são criados e contestados”<sup>4</sup> (Mirzoeff, 1999: 6). A CMC estrutura as relações sociais e é o espaço dentro do qual essas relações ocorrem. Ela é um espaço culturalmente construído que reúne indivíduos fisicamente distantes para interações interculturais *on-line* (Lawley, 1994). A aprendizagem dentro de ambientes de CMC compreende dois tipos de interação: individual e social. O primeiro tipo é uma atividade individual entre o usuário (por exemplo, aluno, professora) e o material visual; o segundo é uma atividade social que envolve a interação humana mediada por computadores e que faz referência a materiais visuais (Ryan et al. 2000:100).

Pesquisas indicam que a CMC constitui um excelente veículo para a aprendizagem de segunda língua, uma vez que permite a alunos e professores a possibilidade de negociarem significados enquanto se concentram na dimensão verbal da língua (Meskill & Antony, 2005). A principal justificativa dada para essa afirmação é a de que a CMC proporciona a professores/as e alunos um acréscimo no tempo para reflexão. Ambos ganham o tempo necessário para se concentrar e processar a língua alvo, visto que a CMC faz uso de um material visual no qual as formas da língua são “visualmente imediatas”. Os alunos podem observar e refletir sobre a forma e o conteúdo do material visual tantas vezes quantas forem necessárias e pelo tempo que quiserem

<sup>4</sup> N. do T.: no original em inglês: “meanings are created and contested”.



(Meskill & Antony, 2005; Smith, 2003). Também os professores podem observar a língua dos alunos, editar suas respostas e dar *feedback* nos momentos de “aprendizagem” propiciados pelo intercâmbio via rede (Meskill & Antony, 2005:92).

Nesse contexto, o presente estudo procurou mostrar que a aprendizagem da língua de sinais pode ocorrer em um ambiente de CMC baseado em vídeo, por meio do qual alunos ouvintes e instrutores Surdos são imersos em uma ambiente de língua de sinais autêntico, no qual eles negociam a fim de adquirir e transferir conhecimentos a respeito de itens lingüísticos específicos. Este estudo foi realizado com o objetivo particular de investigar a natureza do ensino e da aprendizagem da língua de sinais durante uma comunicação assíncrona via vídeo em rede. A seguinte questão foi proposta: Como os alunos e a instrutora negociam significados e se concentram nas formas da BSL durante três tarefas realizadas numa CMC baseada em vídeo?

### 3. Método

#### 3.1 *SignLab: o contexto de ensino e aprendizagem*

O *SignLab* é uma sala de aula digital composta de sete computadores *Apple Mac* interligados via rede e conectados a um servidor central de 360GB, localizado no *Centre for Deaf Studies*<sup>5</sup> da Universidade de Bristol no Reino Unido. *Panda* é o nome do *software* instalado em todas as máquinas e é com ele que professores e alunos trabalham enquanto estão *on-line* e *offline*. Esse *software* facilita em muito a gra-

vação de vídeo (e áudio), visto que automaticamente compacta o arquivo em MPEG-4 (arquivo para *QuickTime Play*), um formato altamente compactado com requisitos de armazenamento mínimos e um tempo mínimo de espera para a compactação e a movimentação de arquivos entre as pastas.

O *SignLab* é, essencialmente, um ambiente de CMC assíncrona baseada em vídeo, visto que permite o compartilhamento de arquivos para a troca de informações por meio do *Panda*, software responsável pela captura, recuperação e representação da interação entre os usuários via vídeo. Mais especificamente, os alunos e professores filmam a si mesmos enquanto sinalizam, salvam seus arquivos de vídeo no servidor e então compartilham seu trabalho com seus/suas colegas ou com outros usuários temporários (Cormier & Carss, 2004). O compartilhamento de arquivos é feito movendo-se um vídeo-clipe de uma pasta para outra enquanto conectado ao servidor do *SignLab*. Assim, professores e alunos não ficam *on-line* simultaneamente, em tempo real. Ocorre um intervalo de horas ou dias entre o envio das mensagens de vídeo e o recebimento das respostas.

Ao se conectarem ao *SignLab*, professores e alunos trabalham em pastas separadas intituladas ‘home directories’ (‘diretórios locais’). As pastas ‘home directory’ constituem o local de trabalho de quem quer que entre no *SignLab*. Desse modo, os diretórios locais de todos os usuários estão no servidor e o que quer que esteja em seus desktops também vai estar no servidor. Especificamente, existem três pastas no servidor: ‘Staff Homes’ (‘Diretórios Locais do Corpo Docente’), ‘Staff

<sup>5</sup> N. do T.: v. nota 2 acima.

Private’ (‘Diretório Particular do Corpo Docente’), e ‘Teaching Resources’ (‘Recursos Didático-pedagógicos’) A pasta ‘Staff Homes’ contém os diretórios locais de todo o corpo docente, e pode ser usada por membros do corpo docente e por alunos para o compartilhamento de arquivos. Dentro do diretório de cada pessoa existe uma pasta chamada ‘Public’ (‘Público’), dentro da qual há uma outra pasta chamada ‘Drop Box’ (‘Caixa Coletora’). Qualquer um pode colocar um arquivo dentro de uma pasta ‘Drop Box’, porém, apenas o dono de cada pasta tem acesso ao conteúdo de sua pasta.

‘Staff Private’ é uma pasta compartilhada por todos os membros do corpo docente, que contém o material de ensino criado pelos instrutores. O corpo docente pode ‘ler e modificar’ o conteúdo desta pasta, mas os alunos não podem acessá-la de modo algum. ‘Teaching Resources’ é também uma pasta compartilhada aberta a todos os alunos e membros do corpo docente. Contudo, enquanto o corpo docente pode tanto ‘ler’ (abrir e visualizar) quanto ‘modificar’ (gravar e editar) os arquivos de vídeo desta pasta, os alunos podem apenas ler tais arquivos. Os professores transferem o material da pasta ‘Staff Private’ para a pasta ‘Teaching Resources’ para que os alunos o acessem e nele trabalhem enquanto conectados ao servidor.

Para os propósitos deste estudo, o software *Panda* foi utilizado para gravar, salvar e compartilhar os arquivos de vídeo produzidos pelos alunos e pelo instrutor durante a realização das três tarefas.

### 3.2 Os Participantes

Três alunas ouvintes e um instrutor surdo participaram desta etapa do estudo. Todas as

três alunas faziam curso de pós-graduação e haviam freqüentado aulas de BSL oferecidas pelo CDS (Centre for Deaf Studies). Seus países de origem eram Alemanha, Chipre e Japão. Apenas a aluna um relatou possuir experiência prévia com outra língua de sinais, a Língua de Sinais Alemã. Acreditamos, a partir de conversas com o instrutor, que as participantes foram classificadas como pertencendo a um nível iniciante de proficiência em BSL (ou seja, como possuindo um amplo vocabulário que lhes permite a produção de discurso relacionado a atividades e comunicação cotidianas, além da formação de orações sintaticamente simples na BSL). As idades das participantes eram 24, 29 e 32 anos.

O instrutor era qualificado e experiente no ensino de BSL (em todos os níveis da língua), tinha acima de 50 anos de idade e era membro da equipe do CDS há 15 anos. Ele tinha experiência no uso do *SignLab*. Apenas uma das alunas sabia como usar o *SignLab*, porque, na época em que o estudo foi realizado, ela fornecia suporte técnico ao corpo docente e aos estudantes que freqüentavam o laboratório. As outras duas alunas participaram de um treinamento sobre o uso do *SignLab* e do software *Panda* para poder acompanhar todas as sessões. O instrutor também serviu de modelo e gravou os vídeos educativos usados nas três sessões.

### 3.3 Os Procedimentos

As alunas completaram as três sessões. Cada sessão era composta de vídeo-clipes de instrução que as alunas deveriam assistir, além de uma tarefa a ser realizada. Foram utilizadas três tarefas baseadas na tipologia proposta por Pica, Kanagy & Falodun (1993): uma tarefa de troca de opiniões (sessão um), uma

tarefa de preenchimento de lacunas (sessão dois), e uma tarefa de quebra-cabeças (sessão três). As sessões foram organizadas de modo que o instrutor estivesse *on-line* no momento da execução das tarefas, a fim de dar *feedback* tão logo os cliques postados pelas alunas fossem recebidos. Durante cada sessão, as alunas deveriam se conectar ao servidor do *SignLab* e buscar na pasta ‘*Teaching Resources*’ os vídeos de instrução referentes a cada sessão. Elas tinham 30 minutos para assistir atentamente ao material e mais 30 minutos para interagir com seu instrutor a respeito da tarefa. Todo o discurso produzido pelas alunas e pelo instrutor foi coletado após o término de cada sessão. Todo o discurso produzido *on-line* foi salvo e arquivado e foram analisadas as partes que continham os movimentos de instrução do instrutor e as respostas das alunas. No final de cada sessão, as alunas tiveram a oportunidade de comentar sobre sua experiência em entrevistas semi-estruturadas. As transcrições de tais entrevistas também foram analisadas.

### 3.4 A Análise dos dados

Todo o discurso produzido na CMC baseado em vídeo foi analisado quantitativa e qualitativamente com relação às seguintes características: a quantidade de Negociações de Turnos (NTs) iniciados pelas alunas e pelo instrutor; a quantidade de reações (*uptakes*) das alunas; as reações nos tipos de NTs; e os efeitos de diversas características gerais das NTs sobre as reações. Os tipos de dados coletados para esse estudo não permitiram o uso de estatísti-

ca inferencial. Em contrapartida, a análise foi qualitativa em sua maior parte, visto que este estudo, de natureza expositiva, teve por objetivo analisar os fatores que deveriam ser levados em consideração no desenho da pesquisa de meu estudo controlado principal. Apesar disso, os dados foram quantificados, quando necessário, para indicar tendências gerais durante as sessões.

## 4. Resultados

### 4.1 A Negociação de turnos via Vídeo e a aprendizagem da língua de sinais<sup>6</sup>

De modo geral, 107 NTs foram realizadas durante três sessões, a maioria das quais ocorrendo na primeira sessão. As NTs-Iniciadas-pelo-Instrutor dominaram o intercâmbio via rede, o que mostra que foi o instrutor quem “falou” mais durante a comunicação enquanto as alunas desempenharam um papel responsivo e passivo (Figura 1). Independentemente do tipo de tarefa, as NTs foram iniciadas principalmente a partir da necessidade das alunas de aprender certos itens lingüísticos. As NTs também se mostraram sensíveis ao tipo de tarefa. A sessão um provocou a maior quantidade de NTs enquanto a sessão três provocou a menor quantidade (Figura 1).

Os arquivos de vídeo produzidos durante a comunicação parecem constituir um exemplo da produção forçada das alunas, um fator crucial para a aprendizagem da língua de sinais. No total, foram identificados 60 movimentos de reação (*uptakes*) das alunas nas NTs. A sessão um originou o maior

<sup>6</sup> Data is presented in Appendix A. Os dados são apresentados no Apêndice A.

número de reações ( $n = 42$ , 70%) enquanto a sessão três originou o menor número de reações ( $n = 6$ , 10%). Em 67% das NTs contendo reações, as reações foram bem sucedidas e nas 33% restantes, as reações não foram bem sucedidas. O índice de reações da sessão um foi substancialmente maior do que o das sessões dois e três. Desse modo, a reação das alunas provou também ser sensível ao tipo de tarefa.

Os movimentos de reação bem sucedidos das alunas foram motivados por correção ( $n = 15$ ), seguidos de incorporação ( $n = 5$ ), autocorreção e repetição, estes apresentando o mesmo total ( $n = 4$ ) cada. Nas sessões dois e três, as reações das alunas caracterizaram-se como movimentos de incorporação. Houve também poucas ocorrências de movimentos de correção e repetição na sessão dois. Quanto ao índice de reações bem sucedidas, as sessões diferem entre si. A sessão um gerou todos os tipos de movimento de correção, enquanto as sessões dois e três promoveram principalmente movimentos de incorporação, que ocorreram de forma semelhante durante as sessões. Os movimentos de ‘Correção’ e de ‘Repetição’ foram muito poucos na sessão dois e não ocorreram na sessão três (Figura 3). Todos os tipos de movimentos de reação bem sucedidos indicam que as alunas perceberam seus erros e os corrigiram ou ao menos tentaram corrigir sua produção.

Quanto às reações fracassadas, os movimentos mais frequentes na sessão um foram os de ‘correção parcial’ e de ‘mesmo erro’. Na sessão dois, duas alunas tentaram corrigir seus erros sem sucesso. Elas repetiram os mesmos erros e apenas aceitaram o *feedback* do instrutor sem produzir os itens alvo. Além disso, nas sessões dois e três, houve um número considerável de movimentos de reação

“inválidos”, o que indica que a tarefa de quebra-cabeça não forçou as alunas a usarem os itens alvo nem mesmo de forma equivocada (Figura 4).

As reações ocorreram em 40 NTs, isto é, em NTs-Iniciadas e em NTs-Respondidas pelas alunas. As reações das alunas foram mais frequentes nas NTs-Respondidas e menos frequentes nas NTs-Iniciadas por elas. Conseqüentemente, o índice de NTs-Respondidas foi maior na sessão um do que nas sessões dois e três (Figura 5). Parece provável que as alunas tenham utilizado grande parte da informação derivada das NTs-Respondidas. Assim, elas puderam trabalhar a partir do *feedback* e produzir movimentos de reação bem sucedidos baseados na informação recebida do instrutor.

A reação das alunas foi influenciada pelo tipo de *feedback* dado pelo instrutor. Por exemplo, na sessão um, ocorreram reações bem sucedidas quando o instrutor enviou um *feedback* explícito para as alunas, como a solicitação de esclarecimento e a explicação de itens alvo. Nas sessões dois e três, as reações bem sucedidas ocorreram quando o instrutor enviou *feedback* implícito. Além disso, comparando-se as três sessões, pode-se observar que as alunas produziram um maior número de movimentos de reação durante a sessão um do que durante as outras sessões (Figura 6).

O tipo de *feedback* mais frequente foi a correção explícita usada na sessão um. Os outros tipos de *feedback* estão distribuídos da seguinte forma: solicitação de esclarecimento ( $n = 17$ ), nas sessões dois e três; *feedback* metalingüístico ( $n = 16$ ), nas sessões dois e três; reformulação, na sessão dois e reforço, nas sessões dois e três, ambos apresentando o mesmo total ( $n = 6$ ) cada; e, por fim, elicitación ( $n = 1$ ) na sessão um. A correção ex-

pública ocorreu com mais frequência na sessão um. Nas sessões dois e três, o instrutor parece ter preferido utilizar movimentos de instrução implícitos, como a solicitação de esclarecimento e o *feedback* metalingüístico (Figura 7).

Nestas mesmas sessões, as reações ocorreram com maior frequência durante as NTs relativas à negociação de significados, enquanto na sessão um, as reações ocorreram [com maior frequência] durante as NTs relativas à negociação da forma. Essa comparação sugere que a motivação de uma NT exerce influência sobre a quantidade de reações bem sucedidas produzidas durante as tarefas. Na primeira das tarefas, o foco da aprendizagem são as formas da língua, enquanto na tarefa dos quebra-cabeças, a atenção se volta para o significado e não para as formas da língua de sinais. A comparação entre as três sessões mostra que a maioria das reações ocorreu na sessão um (Figura 8). Como observaram as alunas na entrevista, é possível que a dificuldade das tarefas tenha afetado as suas reações.

A maioria das NTs foi motivada por confusões sintáticas e discursivas ao invés de confusões lexicais. Especificamente, o foco das NTs nas sessões um e dois foi posto no discurso mais frequentemente do que na sessão três (Figura 9). Os movimentos de reação das alunas se referem às NTs com esse foco. Uma porcentagem razoavelmente alta de tais reações foi bem sucedida, particularmente nas tarefas um e três: 67% em cada tarefa. Estes resultados reiteram a idéia de que pôr em foco características específicas da língua influenciou os movimentos de reação das alunas, ou seja, o fato de se ter voltado a atenção para uma função sintático-discursiva particular da BSL influiu no sucesso das reações das alunas.

#### 4.2 Comentários das alunas a respeito da interação via vídeo

Em geral, as alunas se mostraram satisfeitas quanto às discussões via vídeo com seu instrutor. A parte mais interessante foi a interação com o instrutor, especialmente o seu *feedback*. O *feedback* incidiu exatamente sobre os sinais que estavam sendo produzidos e, portanto, foi muito útil para a aprendizagem da BSL. O aspecto positivo do *feedback* dado pelo instrutor foi a informação adquirida pelas alunas a respeito de seus erros e de suas habilidades gerais enquanto sinalizantes. Na composição dos vídeos, o instrutor inseriu comentários e criou seqüências separadas contendo informações sobre a sinalização das alunas, como por exemplo, sobre a forma correta da execução dos sinais alvo, sobre aspectos da gramática e da sintaxe, sobre a produção da língua de sinais pelas alunas e sobre as perguntas feitas por elas. Dessa forma, enquanto as alunas assistiam ao *feedback* via vídeo, elas usavam a informação adquirida para corrigir seus erros e, conseqüentemente, aprendiam os itens específicos ensinados em cada sessão. Houve também ocasiões em que as alunas utilizaram informações dadas no *feedback* para produzir sinais outros que não os sinais alvo.

“Sim, basicamente sim, em cada uma de suas perguntas eu praticava mais meus erros, aqueles que ele percebia que eu não tinha conseguido entender muito bem. Eu me refiro ao estabelecimento de pontos no espaço. Com as palavras foi fácil, mas no estabelecimento de pontos no espaço eu como que parei e fiquei... eu olhava para a câmera e não fazia nada. Então, com, com as perguntas e comentários dele, eu usei a maioria. [...] E isso foi bom para as minhas habilidades de recepção. Quer dizer, quando ele falava das coisas que eu não tinha usado na minha sina-



lização. Eu captei essas informações e expressei outras coisas.”

Outra vantagem do *feedback* via vídeo foi o seu caráter individual, isto é, o instrutor direcionava o *feedback* individualmente para cada aluna, algo que não acontece nas aulas tradicionais de língua de sinais. Em uma aula tradicional, o instrutor não consegue controlar a sinalização de cada aluno, basicamente devido a limitações de tempo e número de alunos em sala de aula. Já na comunicação *on-line* via vídeo, o instrutor tem condições de monitorar o desempenho de cada aluno separadamente. Conseqüentemente, em nosso estudo piloto, esse tipo de *feedback* assíncrono ofereceu a possibilidade de uma aprendizagem individualizada, uma vez que o tempo de ensino foi completamente dedicado às alunas.

“Basicamente, você tem todo o tempo dedicado a você. Quer dizer, quando você senta na frente do computador, ele te dá, por exemplo, dez tarefas, você aprende os sinais sozinho. Quer dizer, todo o tempo (de aprendizagem) é dedicado somente a você, e eu acho que você entende mais rápido e mais facilmente (dessa forma), enquanto numa sala de aula... [...] OK. Tem mais alunos. Você não, não analisa a palavra (o sinal), como, por exemplo, como estabelecer os pontos de um objeto que está sobre a mesa. Você não analisa mais profundamente porque você precisa continuar. Porque se você sentar para analisar com todo mundo, isso leva muito tempo, enquanto quando você está sozinho, você usa todo tempo disponível. O tempo está disponível só para você”.

As alunas também se referiram a alguns aspectos negativos do *feedback* via vídeo,

como a falta de imediatismo e de disponibilidade de tempo de ambas as partes. Elas disseram que a filmagem dos vídeos era demorada e que, por isso, havia um atraso no recebimento da resposta dada pelo instrutor. Isso era incômodo, pois elas tinham que esperar alguns minutos para receber a resposta. Uma solução possível para essa situação seria a criação de vídeos mais longos, contendo mais informações cada um. Além disso, como o tempo de ensino foi curto, as alunas perderam o *feedback* sobre o segundo ou o terceiro vídeo que produziram, ficando a se perguntar se haviam produzido os sinais corretamente ou não.

“[...] Então, eu fiz apenas a primeira parte porque eu nem mesmo recebi comentários sobre o restante da tarefa. Então, o que não conseguimos fazer foi, eu não pude receber comentários sobre toda minha sinalização porque não houve tempo suficiente, e eu não tive um segundo *feedback* sobre minha resposta. Entende o que eu digo? Então, eu sinalizo, ele manda a correção, eu sinalizo de novo e então eu não recebo uma segunda correção porque não houve tempo suficiente.”

Além disso, as alunas descreveram algumas estratégias de aprendizagem por elas desenvolvidas para assimilar os itens alvo. Essas estratégias foram aplicadas não apenas enquanto elas assistiam aos vídeos de instrução mas também enquanto observavam o *feedback* do instrutor. As estratégias foram as mesmas durante as três sessões e foram aplicadas seguindo o mesmo procedimento. Primeiramente, as alunas assistiram aos vídeos de instrução tantas vezes quantas julgaram necessário para entender o seu conteúdo. Ao assistir aos vídeos, elas observavam atentamente o instrutor modelando sinais específi-

cos e então o imitavam. As alunas explicaram que estavam aprendendo sinais que não conheciam e que eram necessários para a realização das tarefas. Os exemplos seguintes são representativos.

“Em geral, eu os assistia apenas uma vez, um ou dois [vídeos]. Eu assistia uma segunda vez para ver novamente como ele fazia o sinal. E assistia de novo quando eu queria sinalizar. Eu assistia mais uma vez para ver como ele fazia”. “O que foi isso? Onde está minha imagem?”

Antes de começarem a tarefa, as alunas ensaiavam sua sinalização fazendo um desenho em um pedaço de papel ou sinalizando para si mesmas, a fim de se lembrarem dos sinais que precisavam produzir. Além disso, elas planejavam e praticavam sua sinalização filmando a si mesmas antes de enviar o clipe definitivo para o instrutor. Isso comprova a preocupação que expressaram com relação à qualidade do conteúdo de suas mensagens em vídeo. Isso é também uma indicação de que a comunicação assíncrona via vídeo na língua de sinais fez com que as alunas tivessem dificuldades ao expressar suas idéias, especialmente pelo fato de que, no nível de proficiência em BSL em que se encontram, elas não são capazes de articular suas idéias de forma clara por meio da sinalização. Desse modo, a estratégia de desenhar os sinais que deveriam produzir as ajudou a expressar seu pensamento. Elas queriam enviar para o instrutor mensagens com sentido e, para garantir que sua sinalização fosse inteligível, fizeram uma gravação preliminar de sua sinalização. Por essa razão, elas assistiam aos cliques e, quando sentiam que podiam modificar sua sinalização, repetiam a gravação.

“OK. Eu penso sobre, sobre como eu quero organizar as coisas e então desenho uma figura, porque se não eu não iria me lembrar se recebesse um feedback dele perguntando onde foi que eu coloquei a garrafa?, sabe? Então, eu pensei e depois eu filmei o vídeo e depois disso, eu recebi os comentários dele sobre a minha sinalização. Isso quer dizer, ou classificador errado ou algo assim”.

As interações das alunas consistiram em respostas relacionadas às tarefas, portanto foram academicamente motivadas. Em outras palavras, as alunas produziram o vídeo visando à conclusão da tarefa, sem ter em mente outra função social como, por exemplo, expressar informações pessoais ou sentimentos. Houve, entretanto, algumas ocasiões em que as alunas expressaram algumas informações pessoais sobre a aprendizagem da BSL ou sobre seus sentimentos com relação às tarefas. A ocorrência de tais interações não acadêmicas está associada ao não entendimento da sinalização feita pelo instrutor devido ao seu posicionamento inadequado na frente da câmera. Por essa razão, as alunas expressaram sentimentos relativos à complexidade da tarefa ou à dificuldade de entender a solução para a tarefa. Mesmo assim, as alunas e o instrutor adotaram algumas funções do discurso conversacional da BSL, como formas de saudação e despedida.

## 5. Discussão e conclusão

Até aqui, demonstramos que a interação negociada pode ocorrer na aprendizagem da língua de sinais em um ambiente de CMC baseada em vídeo. Esse tipo particular de interação proporciona às alunas oportunidades de sinalizar e de discutir a língua de sinais que

elas produzem, e proporciona aos instrutores a oportunidade de lhes oferecer *feedback*. Dessa maneira, as alunas podem usar o *feedback* para desenvolver a língua de sinais. Quando as alunas participaram das interações via vídeo, elas produziram sua língua de sinais visando à conclusão das tarefas, e, seguindo a orientação do *feedback*, elas realizaram todo tipo de movimento de reação a fim de corrigir seus erros. Desse modo, na maioria das correções ou das tentativas de correção de seus erros, as alunas utilizaram-se de negociações que tinham por foco o significado ou a forma. De modo geral, esses resultados indicam que o padrão de correção de erros após o *feedback* assemelha-se ao das interações face-a-face, conclusão esta amplamente corroborada por pesquisas na área da aquisição de segunda língua (falada) (Sheen 2004; Ellis, Basturkmen & Loewen 2001).

A negociação foi elicitada por confusões lexicais e sintático-discursivas, o que confirma pesquisas anteriores sobre CMC (Blake & Zyzik 2003; Morris 2005; Smith 2003). A maioria das negociações de turno foi iniciada pelo instrutor, que muito freqüentemente respondia as perguntas das alunas. A análise revelou a ocorrência de solicitações de esclarecimento, reformulações e outras estratégias de instrução, conforme documentadas tanto nas pesquisas sobre interação face-a-face quanto nas referentes à CMC (Meskill & Anthony 2005). A forma de *feedback* dominante foi a explícita, que pareceu exercer o efeito mais significativo nas reações das alunas, e que ocorreu durante a tarefa de troca de opiniões. As correções explícitas constituíram a forma dominante de movimentos de *feedback*, seguidas pelas solicitações de esclarecimento e pelo *feedback* metalingüístico. Este resultado também mostra que o *feedback* dado pelo instrutor sofre influência do tipo de tarefa, isto é, as tarefas de troca de opinião

incentivam o *feedback* explícito, enquanto as tarefas de preenchimento de lacunas e de quebra-cabeça incentivam o *feedback* implícito (Pica et al. 1993). Em geral, as alunas consideraram o *feedback* do instrutor muito útil para o desenvolvimento de suas habilidades de sinalização, visto que ele se referia exatamente aos seus erros e, dessa maneira, promovia sua aprendizagem individual.

Além disso, mostramos que a CMC assíncrona baseada em vídeo promoveu uma maior percepção dos erros por parte das alunas devido às duas características principais desse ambiente: tempo de processamento mais longo e permanência do vídeo. As alunas tiveram tempo para rever e avaliar a língua por elas produzida não só nas suas demonstrações de desempenho gravadas em vídeo, mas também nas próprias mensagens enviadas para o instrutor. Todas as mensagens foram armazenadas no servidor, e, portanto, estavam disponíveis durante as interações via rede. Conseqüentemente, as alunas puderam assistir a seus vídeos, analisar sua capacidade de sinalização, perceber seus erros, fazer revisões e correções. A propiciação (*affordance*) do *SignLab* corrobora o estudo de Lai & Zhao (2006), que mostrou que a permanência do vídeo permitia às alunas monitorar e resolver problemas em sua produção. Além disso, as alunas gastaram um tempo considerável preparando a sua produção, pois assistiram aos cliques mais de uma vez, ou mesmo regravavam sua sinalização. Ao que parece, as alunas tiveram tempo para processar a informação recebida e para monitorar a produção da BSL. Entretanto, um tempo extra poderia ter lhes proporcionado uma melhor compreensão e a oportunidade de apresentar produções mais adequadas. Esse resultado também corrobora resultados mostrados em outras pesquisas (Lai & Zhao 2006; Smith 2005).

## Apêndice A

Figura 1: Frequência e tipos de NTs

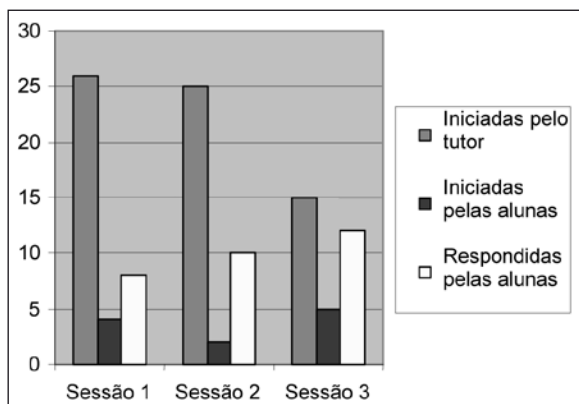


Figura 2: Frequência das reações durante as sessões

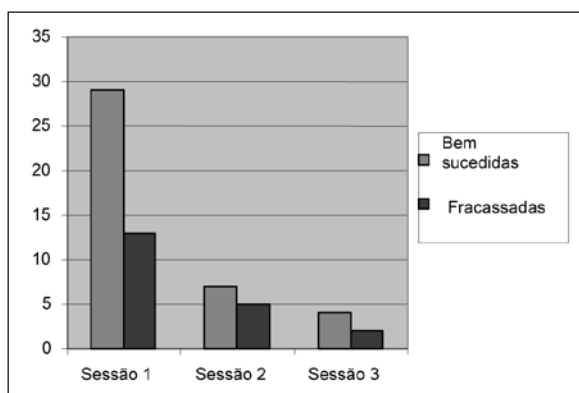


Figura 3: Frequência das reações bem sucedidas

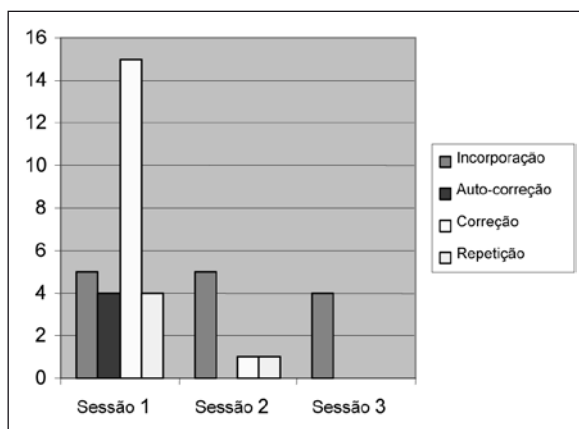


Figura 4: Frequência das reações fracassadas

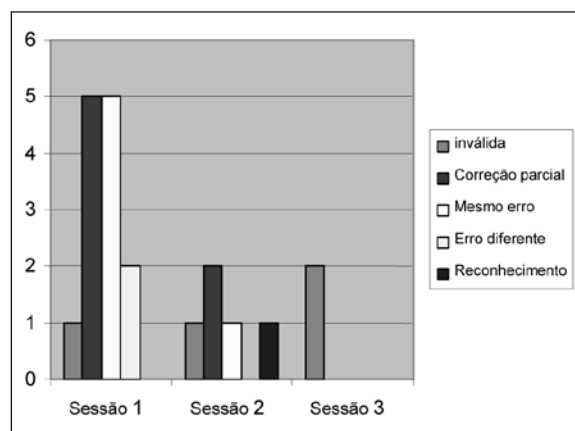


Figura 5: Frequência das reações em NTs-Iniciadas-pelas-alunas e em NTs- Respondidas-pelas alunas

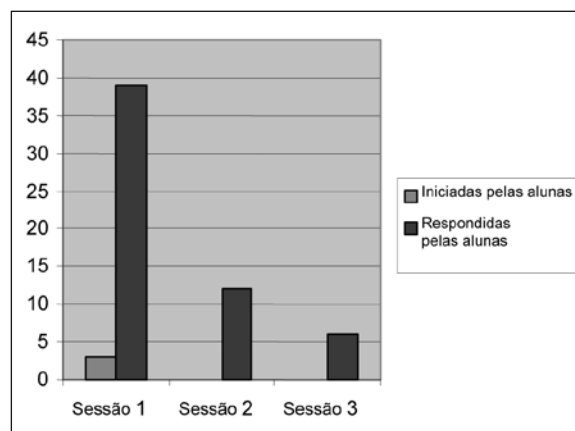


Figura 6: Reações em relação ao *feedback* do instrutor

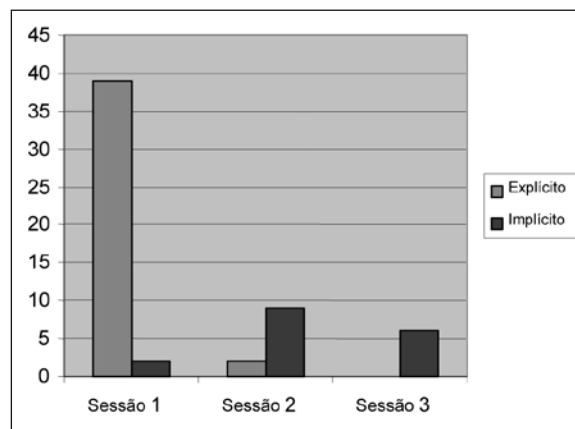


Figura 7: Feedback do instrutor durante as sessões

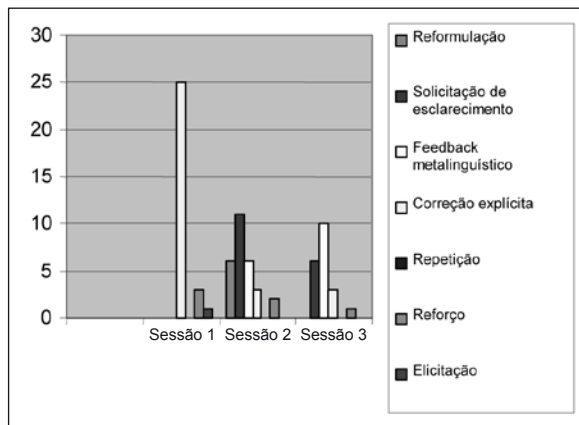


Figura 8: Frequência das reações de acordo com a motivação

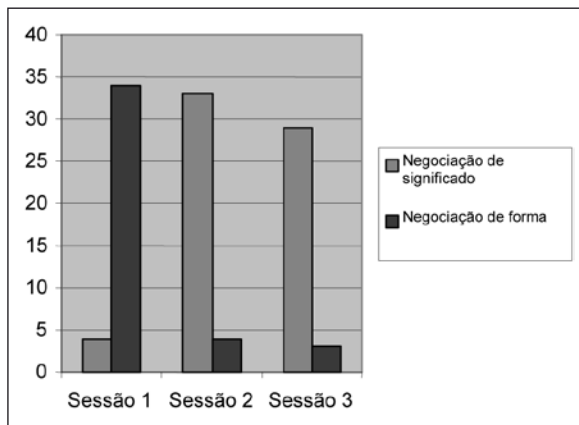
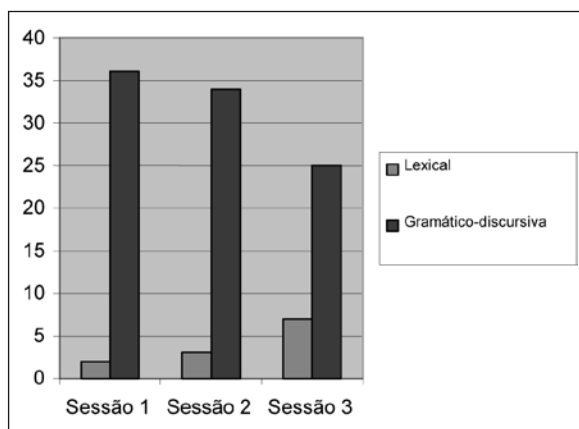


Figura 9: Frequência das reações de acordo com o foco lingüístico



## Referências

- BLAKE, R.J.; & ZYZIK, E.C. Who's Helping Whom? Learner/Herritage – Speakers' Networked Discussions in Spanish. **Applied Linguistics** 24: 4. 2003. p. 519 – 544.
- DICAMILLA, F. & ANTON, M. Private Speech: a Study of Language for Thought in the Collaborative Interaction of Language Learners. **International Journal of Applied Linguistics** 14: 1. 2004. p. 36 – 69.
- ELLIS, R.; BASTURKMEN, H.; & LOEWEN, S. Learner Uptake in Communicative ESL lessons. **Language Learning** 51: 2. 2001. p. 281-318.
- FOURIE, R. J. Efficiency of a Hearing Person Learning Sign Language Vocabulary from Media Versus Teacher. **Deafness and Education International**, 2: 1. 2000. p. 45 - 60.
- LAI, C., & ZHAO, A. Noticing and Text-based Chat. **Language Learning and Technology** 10: 3. 2006. p. 102 -120.
- LAWLEY, E.L. The Sociology of Culture in Computer-Mediated Communication: An Initial Exploration. Acessado em: <http://www.itcs.com/elawley/bourdieu.html> 1994.
- MERTZANI, M. Sign Language Learning through Asynchronous Computer Mediated Communication. In: C. Vettori (Ed.), **Proceedings of the Second Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages: Lexicographic Matters and Didactic Scenarios**, Genova, Italy. May 28 2006. Genova: LREC – European Language Resources Association (ELRA). 2006. p. 64 – 69.
- MESKILL, C., & ANTHONY, N. Foreign Language Learning with CMC: Forms of Online Instructional Discourse in a Hybrid Russian Class. **System**, v. 33. 2005. p. 89 -105.
- MIRZOEFF, N. **An introduction to visual culture**. London: Routledge. 1999.
- MORRIS, F. Child-to-Child Interaction and Corrective Feedback in a Computer Mediated L2



- Class. **Language Learning & Technology** 9: 1. 2005. p. 29 - 45.
- PICA, T.; KANAGY, R.; & FALODUN, J. Choosing and Using Communication Tasks for Second Language Research and Instruction. In: G. Crookes & S. Gass (Eds.), **Tasks and Second Language Learning**. Clevedon, England: Multilingual Matters. 1993. p. 9 - 34
- RYAN, S.; SCOTT, B.; FREEMAN, H.; & PATEL, D. **The Virtual University. The Internet and Resource-Based Learning**. London-Sterling (USA): Kogan Page. 2000.
- SHEEN, Y. Corrective Feedback and Learner Uptake in Communicative Classrooms across instructional settings. **Language Teaching Research** 8: 3. 2004. p. 263 – 300.
- SMITH, B. The Use of Communication Strategies in Computer-Mediated Communication. **System**, v. 31. 2003. p. 29 - 53.
- SMITH, B. The Relationship Between Negotiated Interaction, Learner Uptake, and Lexical Acquisition in Task Based Computer-Mediated Communication. **TESOL Quarterly**, v. 39: 1. 2005. p. 33 – 58.
- WOLL, B.; & SMITH, P. A Multi-Media System for the Teaching of Sign Language. In: B. Elsendoorn & F. Coninx (Eds.), **Interactive Learning Technology for the Deaf**. Berlin Heidelberg New York: Springer-Verlag. 1991. p. 239 – 248.
- YOUN, S. **Situated Learning in Cyberspace: A study of an American Online School**. 2005. Doctor of Philosophy Dissertation, The Ohio State University: <http://www.ohiolink.edu/etd/send-pdf.cgi?osu1123792237>

# Glossário

Glossário:	PROLIBRAS
Autor:	Lautenai Antonio Barthalamei Junior
Língua fonte:	Inglês
Língua alvo:	Português
Alfabeto:	Latino

## **absolute spatial reference**

referência espacial absoluta

**Contexto:** **Absolute spatial reference** means that rather than selecting arbitrary locations in space to set up reference, e.g. on the right and left sides of the signer, the location of referents in the real world determines where the signer will point.

A **referência espacial absoluta** significa que ao invés de selecionar locais arbitrários no espaço para estabelecer referência, por exemplo, à direita ou à esquerda do sinalizante, a localização dos referentes no mundo real determina para onde o sinalizante irá apontar.

**Fonte:** ZESHAN, U.

## **acquisition of sign and spoken language**

aquisição de sinal

**Contexto:** In this category are studies which note potential differences in the path of **acquisition of sign and spoken languages**, and attempt to account for them, often by appealing to the modality.

Nessa categoria, estão os estudos que apontam as diferenças potenciais na trajetória da **aquisição de línguas de sinais e de línguas faladas** e que buscam, frequentemente, explicá-las por meio da modalidade.

**Fonte:** LILLO-MARTIN, D.

## **adult rater**

avaliador adulto

**Contexto:** Each of these sign tokens was then judged by a Deaf **adult rater** as to whether it was more iconic than the adult target sign, less iconic than the adult target sign, or as iconic as the adult target sign.

Cada uma das ocorrências desses sinais foi avaliada por um **avaliador adulto** surdo para verificar se a ocorrência era mais icônica do que o sinal direcionado ao adulto, menos icônico do que o sinal direcionado ao adulto ou tão icônico quanto o que o sinal direcionado ao adulto.

**Fonte:** MEIER, R.

## **adult target sign**

sinal produzido pelo adulto

**Contexto:** The **adult target sign** has a repeated bending at the first knuckles of the extended first and second fingers; Suzie instead produced a repeated bending at the wrist. In an analysis of children's omission errors (from signs that required action at two or more target joints), children were more likely to omit action at the more distal joint than at the more proximal joint.

O **sinhal produzido pelo adulto** tem uma curvatura repetida nas primeiras juntas do primeiro e do segundo dedo estendidos; Suzie produziu, em vez disso, uma curvatura repetida no punho. Numa análise de erros da omissão das crianças (de sinais que exigiam ação de duas ou mais juntas), as crianças costumavam omitir a ação da junta mais distante do que a da mais próxima.

**Fonte:** MEIER, R.

### **agreement inflection**

flexão de concordância

**Contexto:** For the SR task, tokens of verb agreement were collected from Chun-chun and coded for person **agreement inflection**, use of referential loci, and role-shift as well as markers.

Para a tarefa RE, sinais de concordância verbal foram coletados de Chun-chun e codificados para **flexão de concordância** de pessoa gramatical, uso de lóci referenciais e troca de papel, assim como marcadores.

**Fonte:** TANG, G. et al.

### **Al-Sayyid Bedouin Sign Language**

Língua de Sinais Beduína Al-Sayyid (ABSL)

**Contexto:** The sign languages that will be examined in comparison to Jordanian Sign Language (LIU) are **Al-Sayyid Bedouin Sign Language** (ABSL), Kuwaiti Sign Language (KSL), Libyan Sign Language (LSL), and Palestinian Sign Language (PSL).

As línguas de sinais que serão examinadas em comparação com a Língua de Sinais da Jordânia (LIU)<sup>3</sup> são a **Língua de Sinais Al-Sayyid Beduína** (ABSL)<sup>4</sup>, a Língua de Sinais do Kuwait (KSL), a Língua de Sinais da Líbia (LSL) e a Língua de Sinais Palestina (PSL).

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

### **alienable and inalienable possession**

posse alienável

**Contexto:** We will not only ask how a sign language expresses possession, but also whether there is a relationship between possessives and existentials and whether there is a difference between **alienable and inalienable possession**.

Não perguntaremos apenas como uma língua de sinais expressa posse, mas também se há uma relação entre possessivos e existenciais e se há diferença entre **posse alienável e inalienável**.

**Fonte:** ZESHAN, U.

### **American Sign Language (ASL)**

Língua de Sinais Americana (ASL)

**Contexto:** The most common **American Sign Language** (ASL) verb classification follows AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.'s (1983/1988, modified in 1990:119) tripartite grouping: (1) plain verbs which do not inflect for number or person and do not take locative affixes either; (2) agreement verbs which inflect for person and number and do not take locative affixes, and (3) spatial verbs which do not inflect for number, person or aspect, but do take locative affixes.

A classificação verbal mais comum da **Língua de Sinais Americana** segue o agrupamento tripartite de AL-FITYANI, K.; PADDEN, C. (1983/1988, modificada em 1990: 119): (1) verbos simples que não flexionam em número e pessoa e tampouco aceitam afixos locativos; (2) verbos de concordância que flexionam pessoa e número e não aceitam afixos locativos; e, (3) verbos espaciais que não flexionam em número, pessoa ou aspecto, mas aceitam afixos locativos.

**Fonte:** QUADROS, R. M.; QUER, J.

**animate possessor**

possuidor animado

**Contexto:** The most basic configuration for NP possessives in our data is that involving alienable possession of an inanimate possessum by an **animate possessor**. The possessum can be either concrete (11) or abstract (12).

A configuração mais básica para as locuções nominais possessivas em nossos dados é a que envolve a posse alienável de um possuído inanimado por um **possuidor animado**.

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

**animating images of sign language**

imagens animadas de línguas de sinais

**Contexto:** However, text-based material (e.g., textbooks and dictionaries) is not enough for the study of sign language as they consist of pictures and drawings, which cannot express its four-dimensional form (Fourie 2000). Videotapes, CD/DVD-ROMs and animated material solve this problem by incorporating video or/and **animating images of sign language**.

Entretanto, o material baseado em texto (por exemplo, livros-texto e dicionários) não é suficiente para o estudo da língua de sinais, uma vez que tais materiais consistem em figuras e desenhos, os quais não conseguem expressar a forma tetradimensional da língua (Fourie 2000). Videotapes, CD/DVD-ROMs e material animado resolvem esse problema por meio da incorporação de vídeo e/ou de **imagens animadas da língua de sinais**.

**Fonte:** MERTZANI, M.

**argument structure**

estrutura de argumento

**Contexto:** In support of this proposal, Morgan & Woll (2002) conclude: “we found no evidence for the child’s exploitation of an abstract set of verb frames before 3;2. The child appeared to build **argument structure** afresh with each new verb and these verbs were uniquely tied to their communicative function”. Em consonância com essa proposta, Morgan & Woll (2002) concluem: “não encontramos evidências para a exploração abstrata da criança de um conjunto de estruturas verbais antes da idade de 3,2 anos. A criança parecia construir uma **estrutura de argumento** a cada vez, com cada novo verbo e esses verbos foram, individualmente, atrelados à sua função comunicativa”.

**Fonte:** LILLO-MARTIN, D.

**articulatory factors**

fatores articulatórios

**Contexto:** Second, he suggests that **articulatory factors** may promote particular kinds of linguistic organization - especially for children - which might lead us to think that these effects may reflect not only different levels of performance with grammar (for signing and speaking children), but also different competences. Segundo, ele sugere que **fatores articulatórios** podem promover tipos específicos de organização linguística - principalmente para as crianças - o que pode nos levar a crer que esses efeitos podem refletir não apenas diferentes níveis de desempenho gramatical (para crianças sinalizantes e falantes), como também diferentes competências.

**Fonte:** LILLO-MARTIN, D.

**artificial signed systems**

sistemas de sinais artificiais

**Contexto:** It is important to note that these situations of contact involve the spoken language and the written language, **artificial signed systems**, and the use of the manual alphabet (fingerspelling).

É importante ressaltar que essas situações de contato envolvem língua falada e escrita, **sistemas de sinais artificiais** e o uso de alfabeto manual (soletração manual).

**Fonte:** PUST, C. P.; WEINMEISTER, K.

### Auslan

Língua de Sinais Australasiana (Auslan)

**Contexto:** The importation of **Auslan** number signs via Australasian Signed English from 1979, and indeed the general increase in signing from this date, allowed us to hypothesise that age would be a clear predictor of variation in numeral usage.

A incorporação de sinais numerais da **Língua de Sinais Australasiana** (Auslan) via Inglês Australiano Sinalizado desde 1979 e o aumento generalizado do uso de sinais desde essa data possibilitou a criação da hipótese de que a idade seria um claro fator predeterminante da variação no uso de numerais.

**Fonte:** MACKEE, D. et al.

### Austrian Sign Language

Língua de Sinais Austríaca (ÖGS)

**Contexto:** This study describes and compares possessive and existential constructions in three sign languages: American Sign Language (ASL), **Austrian Sign Language** (ÖGS) and Croatian Sign Language (HZJ).

Este trabalho resulta de um estudo interlingüístico sobre estruturas possessivas e existenciais na Língua De Sinais Americana (ASL), na **Língua de Sinais Austríaca** (ÖGS) e na Língua De Sinais Croata (HZJ).

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

### b configuration base hand

configuração de mão “b”

**Contexto:** Interestingly, the present form of the sign DA bears a striking resemblance to the sign used in HZJ sign MJESTO place (the HZJ sign adds a **B configuration base hand**).

É interessante notar que a forma atual do sinal DA mostra uma notável semelhança com o sinal MJESTO place usado na HZJ (o sinal HZJ acrescenta uma **configuração de mão “B”**).

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

### backward verbs

verbos reversos

**Contexto:** A generalization over **backwards verbs** that usually remains unmentioned is that, unlike “regular” agreement verbs, most backwards verbs are not ditransitive.

Uma generalização sobre os **verbos reversos** que geralmente não é mencionada é que, diferentemente de verbos de concordância “regular”, os verbos reversos, em sua maioria, não são bitransitivos.

**Fonte:** QUADROS, R. M.; QUER, J.

### base \* weak hand

base de mão passiva \*

**Contexto:** The A form (like D) is used variably with or without a **base ‘5’ weak hand** by older signers.

A variante A (como a variante D) é usada de forma inconstante, com ou sem uma **base de mão passiva ‘5’** por sinalizantes mais velhos.

**Fonte:** MACKEE, D. et al.

### bilingual bootstrapping

desencadeamento bilíngüe

**Contexto:** The more advanced language may thus fulfil a pioneering function in terms of “**bilingual bootstrapping**” (Gawlitzeck-Maiwald & Tracy 1996).



Na medida em que a língua avança, ela pode responder pela função pioneira em termos de “**desencadeamento bilíngüe**” (Gawlitzek-Maiwald & Tracy 1996).

**Fonte:** PUST, C. P.; WEINMEISTER, K.

**bimanual behaviors**

comportamentos bimanuais

**Contexto:** **Bimanual behaviors** in which one hand must remain static emerge at 9-10 months (Fagard, 1994).

**Comportamentos bi-manuais** em que uma mão deve permanecer estática surgem a partir dos 9-10 meses de idade (Fagard, 1994).

**Fonte:** MEIER, R.

**binding relation**

relação de ligação

**Contexto:** In (2), it is governed by the verb UNDERSTAND and is licensed by a discourse topic through a **binding relation**.

Em (2), ela é controlada pelo verbo ENTENDER e é permitida por um tópico de discurso através de uma **relação de ligação**.

**Fonte:** TANG, G. et al.

**body part possessum**

parte do corpo do possessum

**Contexto:** As we examined our data, we noted similarities across these three languages in terms of the syntactic structures employed to express possession and existence, as well as an apparent restriction on which of these structures can occur with inanimate possessors and certain cases of inalienable possession (eg. **body part possession**).

Ao analisar nossos dados, observamos semelhanças entre essas três línguas quanto às estruturas sintáticas empregadas para expressar posse e existência, bem como uma visível restrição com relação a quais dessas estruturas podem ocorrer com possuidores inanimados e certos casos de posse inalienável (por exemplo, **parte do corpo do possessum**).

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

**body-anchored verbs**

verbos ancorados ao corpo

**Contexto:** We argue that in iconic or partially iconic verbs articulated on the body, the so called “**body-anchored verbs**”, the body represents the subject argument.

Argumentamos que em verbos icônicos ou parcialmente icônicos articulado 3 no corpo, os chamados “**verbos ancorados ao corpo**”, o corpo representa o argumento do sujeito.

**Fonte:** MEIR, I. et al.

**Brasilian Sign Language (LSB)**

Língua de Sinais Brasileira (LSB)

**Contexto:** A fim de sustentar os argumentos, evidências recentes são discutidas a partir da **Língua de Sinais Brasileira - LSB** - e a Língua de Sinais Catalã – LSC.

**Fonte:** QUADROS, R. M.; QUER, J.

**British Sign Language (BSL)**

Língua de Sinais Britânica (BSL)

**Contexto:** NZSL is historically part of the **British Sign Language** family, and has been empirically shown to be closely related to contemporary Auslan and BSL (Johnston 2000; McKee and Kennedy 2000), languages from which signs continue to be freely borrowed.

A NZSL, historicamente, faz parte da família da **Língua de Sinais Britânica** e estudos empíricos têm demonstrado que ela está intimamente relacionada à Auslan contemporânea e à BSL (Johnston 2000; McKee e Kennedy 2000), línguas das quais sinais continuam a serem livremente tomados emprestados.

**Fonte:** MACKEE, D. et al.

### **Catalan Sign Language**

Língua de Sinais Catalã (LSC)

**Contexto:** Relatively few empirical studies have noted lexical variation in the number systems of signed languages. Some researchers have investigated psycholinguistic aspects of number use, such as Fuentes and Tolchinsky's (2004) study of Deaf children's accuracy in transcoding written numbers into **Catalan Sign Language** (LSC), in the hope this would provide further insight into the structure of LSC.

Alguns pesquisadores têm investigado aspectos psicolinguísticos do uso de numerais; por exemplo, o estudo de Fuentes e Tolchinsky (2004) sobre a precisão de crianças surdas na transcodificação de números escritos para a **Língua de Sinais Catalã** (LSC), na expectativa de que esse estudo possibilite novas descobertas sobre a estrutura da LSC.

**Fonte:** MACKEE, D. et al.

### **character view-point gestures**

gestos da perspectiva do sinalizador

**Contexto:** It might also prove useful in bringing together other phenomena as well, for example the fact that **character view-point gestures** are more transparent than observer view-point gesture (Marentette et al 2007), and observations regarding stages of acquisition of verb agreement by deaf children in various sign languages.

É útil também para demonstrar a conexão com outros fenômenos, como por exemplo, o fato de que **gestos da perspectiva do sinalizador** são mais transparentes que os gestos da perspectiva do observador (Marentette et al 2007) e além de observações em relação aos estágios de aquisição da concordância verbal por crianças surdas em várias línguas de sinais.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

### **child-directed signing**

sinalização direcionada à criança

**Contexto:** Those three studies will examine: 1) properties of **child-directed signing**, 2) the interaction of iconicity and infant sign production, and 3) motoric constraints upon infant sign production.

Esses três estudos examinam: 1) propriedades da **sinalização direcionada à criança**, 2) a interação da iconicidade e da produção dos sinais da criança, e 3) restrições motoras à produção dos sinais da criança.

**Fonte:** MEIER, R.

### **classifier constructions**

construções classificadoras

**Contexto:** Our data include several instances of part-whole relationships expressed via **classifier constructions**, in which the whole entity is established as GROUND ground entity, and the part entity as FIGURE figure (cf. Talmy (1978)).

Nossos dados incluem diversos exemplos de relações parte-todo expressadas por meio de **construções classificadoras**, nas quais a entidade *todo* é estabelecida como entidade *base* e a entidade *parte* como *figura* (cf. Talmy (1978)).

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

**classifier handshapes**

configurações de mão classificadoras

**Contexto:** These forms include spatial pointers, direction of movement of the verb as an agreement marker, and the use of **classifier handshapes**.

Essas formas incluem apontadores espaciais, direção de movimento do verbo como um marcador de concordância e o uso de **configurações de mão classificadoras**.

**Fonte:** SUPALLA, T.

**cliticization**

cliticização

**Contexto:** In some cases, these these processes of restructuring and reanalysis gave rise to grammatical paradigms, by triggering a process of **cliticization** where one component becomes specialized for a specific grammatical category, such as gender.

Em alguns casos, esses processos de reestruturação e reanálise deram origem a paradigmas gramaticais, ativando um processo de **cliticização**, onde um componente se torna especializado para uma categoria gramatical específica, como por exemplo, gênero.

**Fonte:** SUPALLA, T.

**code switching**

alternância de códigos

**Contexto:** At the level of individual signers, the evidence gathered suggests that bilingual signers use code-switching and other types of language mixing as an additional resource in specific communication situations. No nível de sinalizantes individuais, evidências coletadas sugerem que sinalizantes bilíngües usam alternância de código e outros tipos de mistura de línguas como recurso adicional em situações específicas de comunicação.

**Fonte:** PUST, C. P.; WEINMEISTER, K.

**communal home sign systems**

sistemas de sinais caseiros compartilhados

**Contexto:** It is the intermediate situations such as the one possibly obtaining in Surinam, the cases of “**communal home sign systems**”, that pose the greatest theoretical puzzle.

São esses pontos intermediários, como possivelmente o de Suriname, os casos de “**sistemas de sinais caseiros compartilhados**”, que se constituem como o maior enigma teórico.

**Fonte:** ZESHAN, U.

**concrete possessum**

possessum concreto

**Contexto:** As we saw for the NP possessives above, predicate possessives in ASL, ÖGS and HZJ occur the most naturally and acceptably with an animate possessor and a **concrete possessum**.

Como observamos acima com relação às locuções nominais possessivas, os predicados possessivos na ASL, na ÖSG e na HZJ ocorrem com mais naturalidade e aceitabilidade com um possuidor animado e um **possessum concreto**.

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

**contact continuum**

continuum de contato

**Contexto:** The range of contact phenomena is commonly referred to in terms of “**contact continuum**”.

A extensão dos fenômenos de contato é geralmente conhecida como “**continuum de contato**”.

**Fonte:** PUST, C. P.; WEINMEISTER, K.

**contrived signs**

sinais artificiais

**Contexto:** The manual component of TC was Australasian Signed English, a sign system based largely on native sign vocabulary from the state of Victoria in Australia, supplemented by **contrived signs** (Collins-Ahlgren, 1986).

O componente manual da CT era do Inglês Australasiano Sinalizado, um sistema de sinais baseado no vocabulário de sinais nativos do estado de Victoria na Austrália, complementado por **sinais artificiais** (Collins-Ahlgren, 1986).

**Fonte:** MACKEE, D. et al.

**Croatian Sign Language**

Língua de Sinais Croata (HZJ)

**Contexto:** This talk is the result of a cross-linguistic study of possessive and existential structures in American Sign Language (ASL), Austrian Sign Language (ÖGS) and **Croatian Sign Language** (HZJ).

Este trabalho resulta de um estudo interlingüístico sobre estruturas possessivas e existenciais na língua de sinais americana (ASL), na língua de sinais austríaca (ÖGS) e na **Língua de Sinais Croata** (HZJ).

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

**cross modal language contact phenomena**

fenômenos de contato de linguagem intermodal

**Contexto:** Secondly, **cross-modal language contact phenomena**, like inter-modal language mixing also reflect the social factors that determine language use in bilingual signers.

Em segundo lugar, **fenômenos de contato de linguagem intermodal**, como, por exemplo, mistura de línguas intermodal, também refletem fatores sociais que determinam o uso da língua por sinalizantes bilíngües.

**Fonte:** PUST, C. P.; WEINMEISTER, K.

**Danish Sign Language (DSL)**

Língua de Sinais Dinamarquesa (DSL)

**Contexto:** Engberg-Pedersen (1993: 193) describes a similar tendency in **Danish Sign Language**: older signers tend to use agreement verbs as single-agreement verbs, agreeing only with their (indirect) object argument.

Engberg-Pedersen (1993: 193) descreve uma tendência similar na **Língua de Sinais Dinamarquesa**: sinalizadores mais velhos tendem a utilizar verbos de concordância como verbos de concordância única, concordando apenas com o argumento-objeto (indireto).

**Fonte:** MEIR, I. et al.

**deaf sign language**

língua de sinais produzida por surdos

**Contexto:** In time, trained **Deaf sign language** specialists and a growing body of knowledge in this field will support efforts toward beneficial linguistic and pedagogical planning for deaf people around the world.

Com o tempo, os especialistas treinados em **língua de sinais para surdos** e um crescente conjunto de conhecimento nessa área darão suporte aos esforços direcionados ao planejamento pedagógico e lingüístico útil para a população surda mundial.

**Fonte:** SUPALLA, T.

**deaf signers**

sinalizantes surdos

**Contexto:** This study analyzes the word-segmentation strategies used in 3 groups of **Deaf signers** (ASL, HZJ, ÖGS) and 3 groups of hearing nonsigners (speakers of English, Croatian, Austrian).

Este estudo analisa as estratégias de segmentação da palavra utilizadas em 3 grupos de **sinalizantes surdos** (ASL, HZJ e ÖGS) e 3 grupos de ouvintes não-sinalizantes (falantes de Inglês, Croata e Austríaco).

**Fonte:** BRENTARI, D.; WILBUR, R..

### **deaf tutors**

tutores surdos

**Contexto:** Professional interpreters were first trained in 1985, and NZSL has been taught in community education settings by **Deaf tutors** since the early 1990s.

Os primeiros intérpretes profissionais foram treinados em 1985 e a NZSL tem sido ensinada em contextos educacionais comunitários, por **tutores surdos** desde o início da década de 1990.

**Fonte:** MACKEE, D. et al.

### **digital sign language laboratory**

laboratório digital de língua de sinais

**Contexto:** This paper presents procedures followed and results taken from a pilot study that investigated the feasibility of a networked video interaction among a Deaf tutor and three hearing learners of BSL within a **digital sign language laboratory**, the SignLab in the Centre for Deaf Studies, University of Bristol, U.K.

Este artigo apresenta os procedimentos seguidos e os resultados obtidos em um estudo piloto que investigou a viabilidade de uma interação por vídeo em rede entre um instrutor surdo e três alunas ouvintes da Língua de sinais britânica (BSL), em um **laboratório digital de língua de sinais**, o SignLab, pertencente ao Centre for Deaf Studies<sup>3</sup>, da Universidade de Bristol, no Reino Unido.

**Fonte:** MERTZANI, M.

### **directionality of movement**

direcionalidade de movimento

**Contexto:** Both are deictic, expressed by directing a sign to a location in space (i.e. referential locus) in order to refer to a definite and specific referent in a signing discourse, and both use **directionality of movement** to mark person value.

Ambos são dêiticos, expressados por meio do direcionamento de um sinal para uma localização no espaço (isto é, locus referencial), para referir-se a um referente definido e específico em um discurso em língua de sinais e ambos utilizam a **direcionalidade de movimento** para marcar o valor da pessoa gramatical.

**Fonte:** TANG, G. et al.

### **distal articulators**

articuladores distantes

**Contexto:** We hypothesized that in early sign production infants might tend to use proximal joints of the arm in lieu of the more **distal articulators** that would be expected in adult signing (MEIER, R. et al., 2007).

Levantamos a hipótese que, nas primeiras produções dos sinais, as crianças tendem a usar as juntas próximas do braço ao invés dos **articuladores** mais **distantes**, que seriam esperadas na produção do adulto (MEIER, R. et al., 2007).

**Fonte:** MEIER, R.

### **distalization errors**

erros de distanciamento

**Contexto:** With the exception of the one class of **distalization errors** that I've just noted, children tended to proximalize.



Com a exceção de uma classe de **erros de distanciamento** que acabei de mencionar, as crianças tenderam a proximalizar.

**Fonte:** MEIER, R.

### **early sign learning**

aprendizagem dos primeiros sinais

**Contexto:** Properties of child-directed signing may be an important contributor to the robustness of **early sign learning** in deaf children born into deaf families. Carefully tuned input might obviate whatever consequences may follow from the relatively lower quantity of input that signing parents may present to their children (Spencer & Harris, 2006).

As propriedades da sinalização direcionada à criança podem contribuir significativamente para a consistência da **aprendizagem dos primeiros sinais** nas crianças surdas nascidas em famílias surdas. Um input cuidadosamente calibrado pode prevenir quaisquer conseqüências que possam resultar da quantidade relativamente baixa de insumo que os pais sinalizantes possam apresentar aos filhos (Spencer & Harris, 2006).

**Fonte:** MEIER, R.

### **facial markers**

marcadores faciais

**Contexto:** Individual signs of different languages were compared based on four phonemic parameters (handshape, movement, location, and orientation of the palm), following McKee et al.'s (2000) more stringent guidelines. For McKee et al., cognates are signs that share at least three out of four parameters. Non-manual differences such as **facial markers** were not included in the comparison.

Os sinais individuais de línguas diferentes foram comparados com base nos quatro parâmetros fonêmicos (configuração de mão, movimento, localização, e orientação da palma) seguindo a orientação mais rigorosa de McKee et al.'s (2000). Para McKee et al., os cognatos são sinais que compartilham pelo menos três desses quatro parâmetros. As diferenças não manuais, tais como **marcadores faciais**, não foram incluídas na comparação.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

### **facing of the hands**

orientação das mãos

**Contexto:** Meir (2002) suggests that directionality of movement reveals crucial thematic properties of Source and Goal and **facing of the hands** can be a dative case assigner.

Meir (2002) sugere que a direcionalidade de movimento revela propriedades temáticas cruciais de Fonte e Alvo e que o movimento de **orientação das mãos** para fora pode ser um atribuidor de caso dativo.

**Fonte:** TANG, G. et al.

### **fingerspelling**

soletração manual

**Contexto:** On the other hand, compounds are not well-studied in HZJ and ÖGS, and a preliminary impression of HZJ is that there are many fewer. In HZJ there are (virtually) no initialized signs or loan signs from **fingerspelling**.

Por outro lado, os compostos não são tão bem estudados na HZJ e na ÖGS e uma primeira impressão é que, na HZJ, existem bem poucos compostos. Na HZJ, não existem (virtualmente) sinais inicializados ou empréstimo de sinas da **soletração manual**.

**Fonte:** BRENTARI, D.; WILBUR, R..

**French Sign Language (FSL)**

Língua de Sinais Francesa (FSL)

**Contexto:** He compared the lexicon of **French Sign Language (FSL)** from a sign language dictionary with ASL, where one set of signs were elicited from an older deaf man and another set from younger ASL signers.

Ele comparou o léxico da **Língua de Sinais Francesa (LSF)** de um dicionário de língua de sinais com a ASL, onde alguns sinais foram elicitados de um homem surdo mais velho e outros sinais de um sinalizante de ASL mais novo.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**German Sign Language (DGS)**

Linguagem de Sinais Alemã(DGS)

**Contexto:** Only Student one had reported previous experience with another sign language, **German Sign Language (DGS)**.

Apenas a aluna um relatou possuir experiência prévia com outra língua de sinais, a **Língua de Sinais Alemã (DGS)**.

**Fonte:** MERTZANI, M.

**gestural repertoire**

repertório gestual

**Contexto:** It is not unlikely then for deaf Arab communities with little or no contact with each other to have similar signs due to a shared *gestural repertoire*.

É provável que para as comunidades surdas árabes com pouco ou nenhum contato entre si tenham sinais similares devido ao **repertório gestual** compartilhado.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**gesture**

gesto

**Contexto:** It is indeed said that speech, **gesture**, and culture are so intimately related to Arabs that to tie an Arab's back while they are speaking is tantamount to tying their tongue (Barakat, 1973).

De fato, é comum dizer que a fala, o **gesto** e a cultura estão tão intimamente interligados para os Árabes que para segurar as costas de um árabe enquanto ele está falando é equivalente a segurar a sua língua (Barakat, 1973).

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**ground entity**

entidade base

**Contexto:** Our data include several instances of part-whole relationships expressed via classifier constructions, in which the whole entity is established as **GROUND ground entity**, and the part entity as **FIGURE figure** (cf. Talmy (1978)).

Nossos dados incluem diversos exemplos de relações parte-todo expressadas por meio de construções classificadoras, nas quais a entidade todo é estabelecida como **entidade base** e a entidade parte como figura (cf. Talmy (1978)).

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

**ground-figure classifier constructions**

construções classificadoras de fundo

**Contexto:** We find the same ambiguity (also noted by Kristofferson (2003) for Danish Sign Language) in the **GROUND-FIGURE ground-figure classifier constructions** such as examples (29), (356) and (412), another alternative structure used in ASL, ÖGS and HZJ to express existence.

Encontramos a mesma ambigüidade (também observada por Kristofferson (2003) para a língua de sinais dinamarquesa) nas **construções classificadoras de figura-base**, como nos exemplos (29), (356) e (41), [que constitui] outra estrutura alternativa usada na ASL, na ÖGS e na HZJ para expressar existência.

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

### **hand-internal closing movement**

movimento de fechamento interno da mão

**Contexto:** But what about the sign ORANGE? This sign has a repeated, **hand-internal closing movement** that is articulated at the mouth.

Mas, e o sinal LARANJA? Este sinal tem um **movimento repetido de fechamento interno da mão** que é articulado na boca.

**Fonte:** MEIER, R.

### **handshape (hs)**

configuração da mão (cm)

**Contexto:** A comparison among spoken languages involves identifying similarities in syllable and segmental structure; in sign languages, cognate similarity is based on comparing **handshapes (hs)**, movements, locations, and orientations of the hand in vocabulary of two different sign languages.

Uma comparação entre as línguas faladas envolve a identificação de similaridades na estrutura silábica e segmental; nas línguas de sinais, a similaridade dos cognatos é baseada na comparação de **configurações de mão (cm)**, movimentos, localizações e orientações da mão no vocabulário de duas línguas de sinais diferentes.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

### **headshake**

movimento de cabeça

**Contexto:** One of the most interesting patterns emerged from studying the non-manual marking of negative clauses across sign languages. In a nutshell, a side-to-side **headshake** in negative clauses occurs in all sign languages for which data about this topic have been available.

Um dos padrões mais interessantes emergiu do estudo da marcação não-manual de orações negativas entre línguas de sinais. Resumidamente, um **movimento de cabeça** para os lados em orações negativas ocorre em todas as línguas de sinais para as quais dados sobre esse tópico estavam disponíveis.

**Fonte:** ZESHAN, U.

### **hearing cultures**

culturas ouvintes

**Contexto:** Examining ASL numerals as evidence of historical creolisation processes, Fischer (1996) argues that they are a hybrid of old American and LSF number signs, which in turn derive from the number gestures used in the **hearing cultures** of their respective countries.

Ao examinar os numerais em ASL como evidência dos processos históricos de creolização, Fischer (1996) argumenta que eles são um híbrido de sinais americanos antigos e sinais em LSF, que por sua vez, derivam dos gestos numéricos usados nas **culturas ouvintes** de seus respectivos países.

**Fonte:** MACKEE, D. et al.

### **hearing impairment**

deficiência auditiva

**Contexto:** They state: “prelingual hereditary **hearing impairment** occurs in the Palestinian population at a frequency of approximately 1.7 per 1,000 and is higher in some villages” (Shahin et al, 2002, p. 284).

Esses autores afirmam: “a **deficiência auditiva** hereditária ocorre na população palestina numa frequência de aproximadamente 1,7 em cada 1.000 e é mais alta em algumas vilas” (Shahin et al, 2002, p. 284).

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

### **hearing learners**

alunos ouvintes

**Contexto:** However, CMC has not yet been incorporated into sign language teaching and this paper attempts to introduce the effect of such application within British Sign Languages classes for **hearing learners**.

Entretanto, a CMC ainda não foi incorporada ao ensino da língua de sinais e este artigo visa iniciar a discussão sobre o efeito de tal aplicação em aulas de Língua de Sinais Britânica para **alunos ouvintes**.

**Fonte:** MERTZANI, M.

### **hearing loss**

perda de audição

**Contexto:** Shahin et al. (2002) document that while approximately one in 1000 infants worldwide are born with **hearing loss**, communities with high levels of consanguinity have especially high frequencies of inherited childhood deafness.

Shahin et al. (2002) documentam que enquanto aproximadamente uma, dentre mil crianças no mundo, nasce com **perda de audição**, comunidades com altos níveis de consangüinidade apresentam uma frequência especialmente alta de surdez genética na infância.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

### **home signs**

sinais caseiros

**Contexto:** The iconic potential of the visual-gestural modality means that deaf children of hearing parents can invent gestures (so-called “**home signs**”) that will be understood by non-signing parents (Goldin-Meadow, 2003).

O potencial icônico da modalidade visual-gestual significa que as crianças surdas de pais ouvintes podem inventar gestos (chamados “**sinais caseiros**”) que serão entendidos pelos pais não-sinalizantes (Goldin-Meadow, 2003).

**Fonte:** MEIER, R.

### **hyper-signing environment**

ambiente de hipersinalização

**Contexto:** Due to the fact that the Internet is basically a non-linear hypertextual environment (Ryan, Scott, Freeman & Patel 2000) - in a sense that it's not a **hyper-signing environment** - it permits web page linking through the medium of text and not through the medium of digital signing (video and or animated signing).

Devido ao fato de que a Internet é basicamente um ambiente hipertextual não-linear (Ryan, Scott, Freeman & Patel 2000), no sentido de que ela não é **um ambiente de hipersinalização**, ela permite a inserção de links para páginas da web por meio do meio textual e não por meio do meio da sinalização digital (sinalização por meio de vídeo ou animada). **Fonte:** MERTZANI, M.

### **iconic or indexic**

icônico ou indicador

**Contexto:** The other two are shared symbolism, where vocabularies share similar motivations either **iconic or indexic**, and finally, by chance.

Os outros dois são simbolismo compartilhado, onde os vocabulários compartilham motivações similares, **icônicas ou indicadoras** e, finalmente, o acaso.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

### **improved sign**

sinal desenvolvido

**Contexto:** An One important aspect of such “**Improved Sign**” was the use of syntax for the expression of abstract concepts.

De certo modo, podemos considerar o sinal caseiro como uma protogramática desse “**sinal desenvolvido**”, com seus gestos seqüenciais atuando como o precursor da justaposição.

**Fonte:** SUPALLA, T.

### **inalienable possession**

posse inalienável

**Contexto:** As we examined our data, we noted similarities across these three languages in terms of the syntactic structures employed to express possession and existence, as well as an apparent restriction on which of these structures can occur with inanimate possessors and certain cases of **inalienable possession** (eg. body part possession).

Ao analisar nossos dados, observamos semelhanças entre essas três línguas quanto às estruturas sintáticas empregadas para expressar posse e existência, bem como uma visível restrição com relação a quais dessas estruturas podem ocorrer com possuidores inanimados e certos casos de **posse inalienável** (por exemplo, posse de parte do corpo).

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

### **inanimate possessum**

possessum inanimado

**Contexto:** The most basic configuration for NP possessives in our data is that involving alienable possession of an **inanimate possessum** by an animate possessor.

A configuração mais básica para as locuções nominais possessivas em nossos dados é a que envolve a posse alienável de um **possessum inanimado** por um possuidor animado.

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

### **index handshape**

cm de indicador

**Contexto:** Noel substituted an **index handshape** (index finger only extended; others fist) for the V-handshape of the target sign, thus obscuring the image of legs.

Noel substituiu uma **CM de indicador** (o dedo indicador estendido e os outros dobrados) por uma CM V do sinal alvo, assim apagando a imagem das pernas.

**Fonte:** MEIER, R.

### **index shake**

movimento do indicador

**Contexto:** The logistic regression analysis showed significant main factor effects for age and gender. Confirmatory chi-square analysis showed a main effect for age, with “**index shake**”(A) more likely in the youngest group, and ‘two fingers’ (B form) more likely in the middle group.

A análise de regressão logística demonstrou efeitos significantes para os fatores principais de idade e gênero. A análise confirmatória de chi-quadrado demonstrou um efeito principal para faixa etária, com o



“**índice de movimento**” (variante A), apresentando maior tendência de ocorrência entre os sinalizantes mais jovens e a variante de “dois dedos” (variante B) apresentando maior tendência de ocorrência entre os sinalizantes do grupo do meio (50%).

**Fonte:** MACKEE, D. et al.

### **infant sign production**

produção de sinais de crianças

**Contexto:** Those three studies will examine: 1) properties of child-directed signing, 2) the interaction of iconicity and infant sign production, and 3) motoric constraints upon **infant sign production**.

Esses três estudos examinam: 1) propriedades da sinalização direcionada à criança, 2) a interação da iconicidade e da produção dos sinais da criança, e 3) restrições motoras à **produção de sinais da criança**.

**Fonte:** MEIER, R.

### **inflected and uninflected forms**

formas flexionadas e não-flexionadas

**Contexto:** There are just 18 tokens for first person subject and third person object (i.e. 1-GIVE-3) and they are evenly distributed over the **inflected and uninflected forms**.

Entretanto, cerca de 68.89% dos sinais nessa categoria são sinais não-flexionados. Existem apenas 18 sinais para sujeito de primeira pessoa gramatical e objeto de terceira pessoa gramatical (isto é, 1-DAR-3) e eles são igualmente distribuídos entre as **formas flexionadas e não-flexionadas**.

**Fonte:** TANG, G. et al.

### **informational load of the sign**

carga informacional contida no sinal

**Contexto:** The hands are the active articulator in sign languages, and they carry most of the **informational load of the sign**.

As mãos são o articulador ativo na língua de sinais e elas concentram a maior parte da **carga informacional contida no sinal**.

**Fonte:** MEIR, I.

### **inherited childhood deafness**

surdez genética na infância

**Contexto:** Shahin et al. (2002) document that while approximately one in 1000 infants worldwide are born with hearing loss, communities with high levels of consanguinity have especially high frequencies of **inherited childhood deafness**.

Shahin et al. (2002) documentam que enquanto aproximadamente uma, dentre mil crianças no mundo, nasce com perda de audição, comunidades com altos níveis de consangüinidade apresentam uma frequência especialmente alta de **surdez genética na infância**.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

### **inter-modal language mixing**

mistura de línguas intermodal

**Contexto:** Secondly, cross-modal language contact phenomena, like **inter-modal language mixing** also reflect the social factors that determine language use in bilingual signers.

Em segundo lugar, fenômenos de contato de linguagem intermodal, como, por exemplo, **mistura de línguas intermodal**, também refletem fatores sociais que determinam o uso da língua por sinalizantes bilíngües.

**Fonte:** PUST, C. P.; WEINMEISTER, K.

**international sign**

sinal internacional

**Contexto:** Presumably because of such similarities among unrelated sign languages, speakers of mutually unintelligible sign languages are able to develop a signed pidgin (called **International Sign**) which retains these morphological structures, and which is thus unexpectedly more complex than spoken pidgins (T. Supalla and Webb, 1995; Webb and T. Supalla, 1995).

Supostamente, devido a essas semelhanças entre línguas de sinais não relacionadas, falantes de línguas de sinais mutuamente inteligíveis são capazes de desenvolver um pidgin sinalizado (denominado **sinal internacional**) que conserva essas estruturas morfológicas e que é, portanto, surpreendentemente, mais complexo que os pidgins falados (T. Supalla e Webb, 1995; Webb e T. Supalla, 1995).

**Fonte:** SUPALLA, T.

**Japanese Sign Language (NS)**

Língua de Sinais Japonesa (NS)

**Contexto:** Currie, MEIER, R., and Walters (2002) counted cognates in their lexicostatistical comparison of LSM with French Sign Language (LSF), Spanish Sign Language (LSE), and **Japanese Sign Language (NS)**.

Currie, MEIER, R., e Walters (2002) contaram os cognatos em suas comparações léxico estatísticas da LSM com a Língua de Sinais Francesa (LSF), Língua de Sinais Espanhola (LSE), e **Língua de Sinais Japonesa (NS)**.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**Jordanian Sign Language (LIU)**

Língua de Sinais da Jordânia (LIU)

**Contexto:** The sign languages that will be examined in comparison to **Jordanian Sign Language (LIU)** are Al-Sayyid Bedouin Sign Language (ABSL), Kuwaiti Sign Language (KSL), Libyan Sign Language (LSL), and Palestinian Sign Language (PSL).

As línguas de sinais que serão examinadas em comparação com a **Língua de Sinais da Jordânia (LIU)** são a Língua de Sinais Al-Sayyid Beduína (ABSL), a Língua de Sinais do Kuwait (KSL), a Língua de Sinais da Líbia (LSL) e a Língua de Sinais Palestina (PSL).

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**kinship terms**

termos de parentesco

**Contexto:** A proportion of the Auslan vocabulary overlapped with signs already in use in NZ, but many traditional NZ signs were supplanted the new TC lexicon (including whole sets of signs such as colours, numbers, days of the week, **kinship terms**).

Uma parte do vocabulário da Auslan coincidia com os sinais já em uso na NZ, porém muitos sinais tradicionais dos neozelandeses foram substituídos pelo novo léxico da CT (incluindo conjuntos inteiros de sinais como cores, números, dias da semana, **termos de parentesco**).

**Fonte:** MACKEE, D. et al.

**knuckle**

junta dos dedos

**Contexto:** Unlike the oral articulators, the manual articulators comprise a series of jointed segments; signs are articulated at joints ranging from the shoulder to the second **knuckles**.

Ao contrário dos articuladores orais, os articuladores manuais compreendem uma série de segmentos realizados nas juntas; os sinais são articulados nas juntas, desde os ombros até as segundas **juntas dos dedos** da mão.

**Fonte:** MEIER, R.

**Kuwaiti Sign Language (KSL)**

Língua de Sinais do Kuwaiti (KSL)

**Contexto:** The sign languages that will be examined in comparison to Jordanian Sign Language (LIU) are Al-Sayyid Bedouin Sign Language (ABSL), **Kuwaiti Sign Language (KSL)**, Libyan Sign Language (LSL), and Palestinian Sign Language (PSL).

As línguas de sinais que serão examinadas em comparação com a Língua de Sinais da Jordânia (LIU)<sup>3</sup> são a Língua de Sinais Al-Sayyid Beduína (ABSL)<sup>4</sup>, a **Língua de Sinais do Kuwait (KSL)**, a Língua de Sinais da Líbia (LSL) e a Língua de Sinais Palestina (PSL).

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**Libyan Sign Language (LSL)**

Língua de Sinais Libanesa (LSL)

**Contexto:** The sign languages that will be examined in comparison to Jordanian Sign Language (LIU) are Al-Sayyid Bedouin Sign Language (ABSL), Kuwaiti Sign Language (KSL), **Libyan Sign Language (LSL)**, and Palestinian Sign Language (PSL).

As línguas de sinais que serão examinadas em comparação com a Língua de Sinais da Jordânia (LIU)<sup>3</sup> são a Língua de Sinais Al-Sayyid Beduína (ABSL)<sup>4</sup>, a Língua de Sinais do Kuwait (KSL), a **Língua de Sinais da Líbia (LSL)** e a Língua de Sinais Palestina (PSL).

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**lip reading; speech reading**

leitura labial

**Contexto:** For this reason, **speech reading** (“**lip reading**”) does not yield sufficient information for a deaf child to understand speech.

Por esta razão, a **leitura labial** não provê informação suficiente para que uma criança surda entenda a fala.

**Fonte:** MEIER, R.

**locative adverb sign**

sinal de advérbio locativo

**Contexto:** Schalber and Hunger (to appear) point out that in its existential use, DA functions to indicate the actual presence and location of the object to which existence is being attributed, and can even be replaced with a **locative adverb sign** such as HIER *here*.

Schalber e Hunger (no prelo) mostram que, o sinal DA, usado em construções existenciais, indica a presença concreta e a locação do objeto ao qual se atribui existência e pode até ser substituído por um **sinal de advérbio locativo** como HIER .

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

**locative gloss**

glosa locativa

**Contexto:** Most obviously is the fact that the ÖGS verb used with possessives and existentials bears a **locative gloss** (*here*).

É evidente o fato de que o verbo usado em construções possessivas e existenciais na ÖGS permite uma **glosa locativa** *here* (aqui).

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

**locative index**

apontação

**Contexto:** For instance, all three in our study languages make use of the **locative index** (including personal pronouns) for expression of possession and existence.

Por exemplo, todas as três línguas do nosso estudo usam a **apontação** (inclusive para pronomes pessoais) para expressar posse e existência.

**Fonte:** MEIER, R.

**locative structure**

estrutura locativa

**Contexto:** As we examined the possessive and existential constructions collected for the present project, we asked ourselves what evidence there might be for an underlying **locative structure** in possessives and existentials in ASL, ÖGS and HZJ.

Ao analisarmos as construções possessivas e existenciais coletadas para o presente projeto, nos perguntamos que evidência poderia haver nelas para a existência de uma **estrutura locativa** subjacente nas construções possessivas e existenciais na ASL, na ÖGS e na HZJ.

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

**locatives**

[construções] locativas

**Contexto:** It has been noted by many researchers that possessive and existential expressions in a large number of spoken languages share certain relationship with **locatives** (cf. Lyons (1968), Clark (1978), Freeze (1992), Harley (2003), *inter alia*).

Muitos pesquisadores observaram que as expressões possessivas e existenciais de um grande número de línguas faladas mantêm uma certa relação com as **construções locativas** (cf. Lyons (1968), Clark (1978), Freeze (1992), Harley (2003), *inter alia*).

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

**locus of the possessor**

locus do possuidor

**Contexto:** All three languages employ a possessive pronoun (glossed as POSS in the examples below) formed by displacing the B hand configuration towards the **locus of the possessor**.

Todas as três línguas empregam um pronome possessivo (glosado como POSS nos exemplos abaixo), formado pelo deslocamento da configuração de mão “B” em direção ao **locus do possuidor**.

**Fonte:** PICHLER, D. et al.

**manual and visual indexes**

apontação manual e visual

**Contexto:** The first, hereafter referred to as the ‘standard’ class has been rather extensively investigated, and is realized through **manual and visual indexes** which establish marked positions in space, often called “loci”, where referents can be symbolically assigned (for overviews highlighting typological uniformity across SL with respect to this basic mechanism see, among others, Cuxac, 2000; Liddell, 2003; LILLO-MARTIN, D.-Martin & Klima, 1990; McBurney, 2002; Rathmann & Mathur, 2002; PIZZUTO, E. et al., 2004/to appear).

A primeira, doravante denominada classe ‘padrão’, tem sido amplamente investigada. Ela é realizada por meio de **apontações manuais e visuais**, que estabelecem posições marcadas no espaço, normalmente chamadas de “loci”, às quais os referentes podem ser atribuídos simbolicamente (para visões gerais que enfatizam a unifor-

midade tipológica na LS com relação a esse mecanismo básico, veja, entre outros, Cuxac, 2000; Liddell, 2003; LILLO-MARTIN, D.-Martin & Klima, 1990; McBurney, 2002; Rathmann & Mathur, 2002; PIZZUTO, E. et al., 2004/no prelo).

**Fonte:** PIZZUTO, E. et al.

#### **manual articulators**

articuladores manuais

**Contexto:** Whereas the **manual articulators** move in a transparent, three-dimensional space, the speech articulators are largely hidden from view.

Enquanto os **articuladores manuais** movem-se em um espaço tridimensional transparente, os articuladores da fala são invisíveis.

**Fonte:** MEIER, R.

#### **Mexican Sign Language (MSL)**

Língua de Sinais Mexicana (MSL)

**Contexto:** The result is that even unrelated signed languages such as Japanese and **Mexican Sign Language (MSL)** may exhibit considerable overlap in their vocabularies.

O resultado é que até mesmo em línguas de sinais que não se relacionam, como a Língua de Sinais Japonesa e a **Língua de Sinais Mexicana (MSL)**, podem exibir similaridades consideráveis em seus vocabulários.

**Fonte:** MEIER, R.

#### **mirror movements**

movimentos espelhados

**Contexto:** Production of these **mirror movements**, or what I have called sympathetic movements, is normal in typically-developing infants, but persists in children with developmental disorders (see Mayston, Harrison, & Stephens, 1999, for a recent report).

A produção desses **movimentos espelhados**, ou o que chamo de movimentos cúmplices (sympathetic movements), é normal no desenvolvimento típico de crianças, mas persiste em crianças com desordens de desenvolvimento (ver um relatório recente em Mayston, Harrison, & Stephens, 1999).

**Fonte:** MEIER, R.

#### **modality-specific constraints;**

#### **modality-specific resources**

restrições específicas de modalidade; estratégias específicas da modalidade

**Contexto:** I'll discuss three arenas of early sign learning in which we might detect the effects of **modality-specific constraints** upon the child and of **modality-specific resources** afforded the child.

Discutirei três contextos de aprendizagem dos primeiros sinais nos quais poderemos detectar os efeitos das **restrições específicas da modalidade** sobre a criança e os efeitos das **estratégias específicas da modalidade** disponibilizadas para a criança.

**Fonte:** MEIER, R.

#### **modality-specific features**

características específicas de modalidade

**Contexto:** This paper explores typological, presumably **modality-specific features** affecting deixis and anaphora in signed languages (hereafter SL).

Este artigo explora fatores tipológicos, supostamente **características específicos da modalidade**, que afetam a dêixis e a anáfora nas línguas de sinais (doravante LS).

**Fonte:** PIZZUTO, E. et al.

**modern sign language**

línguas de sinais modernas

**Contexto:** The 40-year history of **modern sign language** research includes both impressive achievements which have advanced our knowledge and research agendas which have narrowed our focus and limited our knowledge.

A história de 40 anos da pesquisa em **línguas de sinais modernas** inclui tanto as conquistas importantes que fizeram avançar nosso conhecimento, quanto as pautas de pesquisa que delimitaram nosso foco e limitaram o nosso conhecimento.

**Fonte:** SUPALLA, T.

**Modern Standard Arabic (MSA)**

Árabe Moderno Padrão (MSA)

**Contexto:** Should a Yemeni and a Tunisian meet, they can resort to the dialect of movie stars to understand each other or they could use the highly codified language of **Modern Standard Arabic (MSA)** which is used by newscasters and public officials in Arab countries.

Caso um iemenita e um tunisiano se encontrem, eles podem recorrer ao dialeto das estrelas dos filmes para se entenderem ou podem usar a língua altamente codificada da língua **Árabe Moderno Padrão (MSA)**, que é usada pelos apresentadores de jornal e oficiais públicos, nos países árabes.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**motoric constraints**

restrições motoras

**Contexto:** Those three studies will examine: 1) properties of child-directed signing, 2) the interaction of iconicity and infant sign production, and 3) **motoric constraints** upon infant sign production.

Esses três estudos examinam: 1) propriedades da sinalização direcionada à criança, 2) a interação da iconicidade e da produção dos sinais da criança, e 3) **restrições motoras** à produção dos sinais da criança.

**Fonte:** MEIER, R.

**mouthing**

movimentos da boca

**Contexto:** In fact, there are observable differences between the signing of 45 year olds and that of 65 year olds; for example, the oldest signers use more **mouthing** as a primary means of reference, a more restricted sign vocabulary, and little or no use of a conventional manual alphabet.

Na realidade, houve diferenças observáveis entre a sinalização de faixa etária de 45 anos e aquela da faixa etária de 65 anos. Por exemplo, os sinalizantes mais velhos usam mais **movimentos da boca** como principal meio de referência, um vocabulário de sinais mais restrito e pouco ou nenhum uso de um alfabeto manual convencional.

**Fonte:** MACKEE, D. et al.

**movement sympathy**

cumplicidade de movimento

**Contexto:** The infant tendency to **movement sympathy** appears in deaf and hearing children alike, but only for signing infants will this tendency affect their production of language.

A tendência infantil à **cumplicidade de movimento** aparece tanto na criança surda como na criança ouvinte, mas essa tendência só afetará a produção de linguagem nas crianças sinalizantes.

**Fonte:** MEIER, R.



**multimedia sign language environments**

ambientes multimídia de línguas de sinais

**Contexto:** There is a fixed, controlled and limited representation of sign language information that resembles previous computer-based applications; **multimedia sign language environments** stored in a CD constituting simple word – sign sentence drill patterns that students needed to repeat in a mechanistic and linear way.

Existe uma representação fixa, controlada e limitada da informação em língua de sinais que se assemelha a aplicativos computacionais do passado: **ambientes multimídia de língua de sinais** armazenados em um CD e que constituem meros exercícios de repetição de palavra/oração de sinais a serem realizados pelo aluno de uma maneira mecânica e linear.

**Fonte:** MERTZANI, M.

**native deaf signer**

sinalizante nativo surdo

**Contexto:** Chun-chun's naturalistic interactions with either his mother (only for the first few months) or a **native deaf signer** were filmed for about one hour per week.

As interações naturalistas de Chun-chun com sua mãe (apenas nos primeiros meses) ou com um **sinalizante nativo surdo** foram filmadas por aproximadamente uma hora por semana.

**Fonte:** TANG, G. et al.

**native-signing mother**

mãe sinalizante nativa

**Contexto:** A typical example was produced by Noel at 12 months; she produced the monocyclic ASL sign black with three movement cycles; in the same conversation, her **native-signing mother** produced the sign with just one cycle.

Um exemplo típico foi produzido por Noel aos 12 meses de idade; ela produziu o sinal ASL monocíclico de PRETO com três ciclos de movimento; na mesma conversa, sua **mãe sinalizante nativa** produziu o sinal com apenas um ciclo.

**Fonte:** MEIER, R.

**New Zealand Sign Language (NZSL)**

Língua de Sinais Neozelandesa (NZSL)

**Contexto:** McKee et al. (2000) use Woodward's modified core vocabulary list of 100 concepts to establish the relationship between **New Zealand Sign Language (NZSL)**, ASL, Australian Sign Language (Auslan), and British Sign Language (BSL).

McKee et al. (2000) usam a lista modificada de vocabulário nuclear de Woodward, de 100 conceitos, para estabelecer a relação entre a **Língua de Sinais da Nova Zelândia (NZSL)**, a ASL, a Língua de Sinais Australiana (Auslan) e a Língua de Sinais Britânica (BSL).

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**non-manual marking**

marcação não-manual

**Contexto:** One of the most interesting patterns emerged from studying the **non-manual marking** of negative clauses across sign languages.

Um dos padrões mais interessantes emergiu do estudo da **marcação não-manual** de orações negativas entre línguas de sinais.

**Fonte:** ZESHAN, U.

**non-manual differences**

diferenças não-manuais

**Contexto:** For McKee et al., cognates are signs that share at least three out of four parameters. **Non-manual differences** such as facial markers were not included in the comparison.

Para McKee et al., os cognatos são sinais que compartilham pelo menos três desses quatro parâmetros. As **diferenças não-manuais**, tais como as marcas faciais, não foram incluídas na comparação.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**non-signing parents**

pais não sinalizantes

**Contexto:** The iconic potential of the visual-gestural modality means that deaf children of hearing parents can invent gestures (so-called “home signs”) that will be understood by **non-signing parents** (Goldin-Meadow, 2003).

O potencial icônico da modalidade visual-gestual significa que as crianças surdas de pais ouvintes podem inventar gestos (chamados “sinais caseiros”) que serão entendidos pelos **pais não-sinalizantes** (Goldin-Meadow, 2003).

**Fonte:** MEIER, R.

**null arguments**

argumentos nulos

**Contexto:** However, LILLO-MARTIN, D.-Martin (2002) cautions against this outright rejection arguing that there are indeed fixed phonological forms for first person and plural, and person agreement does interact with the licensing conditions for **null arguments** in ASL.

Entretanto, LILLO-MARTIN, D.-Martin (2002) mostra-se cauteloso no que tange essa rejeição imediata, argumentando que existem, na verdade, formas fonológicas estabelecidas para a primeira pessoa gramatical e plural e que a concordância de pessoa gramatical interage com as condições de licença para **argumentos nulos**, em ASL.

**Fonte:** TANG, G. et al.

**one-handed sign**

sinal de uma mão

**Contexto:** There is much to observe in this brief interaction: 1) With the first token of duck (a **one-handed sign** articulated at the mouth that suggests the opening and closing of a duck’s bill), the mother leaned in so that it was possible for her daughter to see a sign such as duck that is articulated on the face.

Há muito a ser observado nesta breve interação: 1) Na primeira ocorrência de PATO (um **sinal de uma mão** articulado na boca, que sugere o abrir e fechar de um bico de pato), a mãe se inclinou de tal forma a entrar no campo visual de sua filha, para que ela visse como o sinal de PATO é articulado no rosto. Ela continuou inclinada durante toda a interação.

**Fonte:** MEIER, R.

**oral-aural**

oral-auditivo

**Contexto:** The differing articulatory and perceptual characteristics of the visual-gestural and **oral-aural** modalities raise the possibility that the two language modalities may place different constraints on the language learner and may offer different resources to that learner.

A articulação diferenciada e as características perceptuais das modalidades gesto-visual e **oral-auditivo**

levantam a possibilidade de que as duas modalidades de línguas podem apresentar restrições diferentes a aprendizes, e podem oferecer estratégias diferentes para os mesmos.

**Fonte:** MEIER, R.

**paired articulators**

articuladores emparelhados

**Contexto:** Spoken and signed languages differ in that signed languages employ **paired articulators**; we have two arms and hands, but only one jaw, one tongue, and one velum.

Línguas sinalizadas e faladas diferenciam-se no sentido de que as línguas sinalizadas usam **articuladores emparelhados**; temos dois braços e duas mãos, mas somente uma mandíbula, uma língua e um palato.

**Fonte:** MEIER, R.

**Palestinian Sign Language (PSL)**

Língua de Sinais Palestina (PSL)

**Contexto:** The sign languages that will be examined in comparison to Jordanian Sign Language (LIU) are Al-Sayyid Bedouin Sign Language (ABSL), Kuwaiti Sign Language (KSL), Libyan Sign Language (LSL), and **Palestinian Sign Language (PSL)**.

As línguas de sinais que serão examinadas em comparação com a Língua de Sinais da Jordânia (LIU)<sup>3</sup> são a Língua de Sinais Al-Sayyid Beduína (ABSL)<sup>4</sup>, a Língua de Sinais do Kuwait (KSL), a Língua de Sinais da Líbia (LSL) e a **Língua de Sinais Palestina (PSL)**.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**path**

trajetória

**Contexto:** Specifically, the children were quite accurate on place of articulation, less accurate on **path** movement, and quite inaccurate on handshape.

Especificamente, as crianças foram bem precisas no que diz respeito ao local de articulação, menos precisas no que diz respeito aos movimentos de **trajetória**, e quase nada precisas no que diz respeito à CM.

**Fonte:** MEIER, R.

**path movement**

movimento de trajetória

**Contexto:** Children thus controlled two movement types: **path movements** articulated at the elbow and hand-internal movements articulated at the first knuckles.

As crianças, então, controlaram dois tipos de movimento: **movimentos de trajetória** articulados no cotovelo e movimentos articulados no interior da mão, nas primeiras juntas.

**Fonte:** MEIER, R.

**place of articulation (poa)**

local de articulação (pa)

**Contexto:** In this study, sign parameters Handshape (HS), **Place of Articulation (POA)**, and Movement (M) are systematically varied to permit us to test the cues that are used for making such decisions.

Neste estudo, os parâmetros de sinais, Configuração de Mão (CM), **Ponto de Articulação (PA)** e Movimento (M) são sistematicamente variados para nos permitir testar as pistas que são utilizados para tomar tais decisões.

**Fonte:** BRENTARI, D.; WILBUR, R..

**pointing signs**

sinais de apontação

**Contexto:** **Pointing signs** were excluded from consideration. Each of these sign tokens was then judged by a Deaf adult rater as to whether it was more iconic than the adult target sign, less iconic than the adult target sign, or as iconic as the adult target sign.

**Sinais de apontação** foram excluídos desse número. Cada uma das ocorrências desses sinais foi avaliada por um avaliador adulto surdo para verificar se a ocorrência era mais icônica do que o sinal direcionado ao adulto, menos icônico do que o sinal direcionado ao adulto ou tão icônico quanto o que o sinal direcionado ao adulto.

**Fonte:** MEIER, R.

**prelingual neurosensory deafness**

surdez neurosensorial prelingual

**Contexto:** Kisch (2004) describes the case of the Al-Sayyid community in the Negev, where consanguineous marriage is common and frequencies of hearing loss is high at 3% of the population due to genetically recessive traits of profound **prelingual neurosensory deafness**.

Kisch (2004) descreve o caso da comunidade de Al-Sayyid no Negev (deserto que ocupa o sul de Israel), onde o casamento consanguíneo é comum e a frequência de perda de audição é alta em 3% da população devido a características genéticas recessivas de profunda **surdez neurosensorial pré-lingual**.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**R-locus**

locus-R (locus referencial)

**Contexto:** Each argument is assigned its own **R-locus**, and therefore it can be regarded more as an index than as feature complex.

Cada argumento designado seu próprio **locus-R** e assim ele pode ser compreendido mais como um indicador do que como um complexo de traços.

**Fonte:** MEIR, I.

**recessive deafness**

surdez recessiva

**Contexto:** As Groce (1985) illustrates in her history of nineteenth-century Martha's Vineyard where there was a high incidence of **recessive deafness**, sign languages are likely to flourish in such communities as deaf people and hearing people use signed communication on a regular basis.

Como Groce (1985) ilustra em sua história do Vinhedo de Marta do século XIX, onde havia um alto incidente de **surdez recessiva**, as línguas de sinais são propensas a aflorar em tais comunidades, uma vez que surdos e ouvintes usam, regularmente, a comunicação sinalizada.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**referential indexes**

indicadores referenciais

**Contexto:** At stage I, **referential indexes** (pronouns) and verb agreement are absent.

No estágio I, **indicadores referenciais** (pronomes) e concordância verbal não estão presentes.

**Fonte:** PUST, C. P.; WEINMEISTER, K.

**referential locus in space**

locus referencial no espaço

**Contexto:** Following TANG, G. et al. and Sze (2002), an agreeing verb in HSKL is realized by directing the sign through a path movement to a **referential locus in space**.

De acordo com TANG, G. et al. e Sze (2002), um verbo de concordância em HSKL é realizado por meio do direcionamento do sinal, através de um movimento de trajetória, para um **locus referencial no espaço**.

**Fonte:** TANG, G. et al.

### **sign bilingualism research**

pesquisa de bilingüismo de sinais

**Contexto:** In **sign bilingualism research**, there is a general agreement about the positive effects deriving from an early exposure to sign language for the acquisition of literacy in young deaf signers in the sense of Cummins' Interdependence theory.

Nos **estudos de bilingüismo em sinais**, há um consenso geral sobre os efeitos positivos que derivam das primeiras exposições à língua de sinais para a aquisição do letramento de jovens sinalizantes surd@s de acordo com a Teoria da Interdependência de Cummin

**Fonte:** PUST, C. P.; WEINMEISTER, K.

### **sign language typology**

tipologia de línguas de sinais

**Contexto:** Finally, it makes interesting predictions regarding **sign language typology** and diachronic developments within sign languages.

Finalmente, esta análise faz previsões interessantes acerca da **tipologia** e avanços diacrônicos em **línguas de sinais**.

**Fonte:** MEIR, I.

### **sign linguists**

lingüistas de sinais

**Contexto:** Woodward (1978) is one of the first **sign linguists** to conduct lexicostatistical research on sign languages.

Woodward (1978) é um dos primeiros **lingüistas de sinais** a conduzir uma pesquisa léxico estatística em línguas de sinais.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

### **sign motherese**

manhês de sinais

**Contexto:** However, these modifications also sometimes appear when the mother already has the child's attention, indicating that these properties of **sign motherese** are not purely a product of the mother's sensitivity to the child's visual attention.

Entretanto, estas modificações podem aparecer algumas vezes quando a mãe já tem a atenção da criança, o que indica que estas propriedades do **manhês de sinais** não são, exclusivamente, produtos da sensibilidade da mãe em relação à atenção visual da criança.

**Fonte:** MEIER, R.

### **sign tokens**

ocorrências de sinais

**Contexto:** We followed their language development longitudinally; children were videotaped in their home while interacting with a parent and/or a signing experimenter. In subsequent coding of these videotapes, we identified a corpus of 632 **sign tokens**.

Seguimos o desenvolvimento de sua aquisição da língua de sinais, longitudinalmente; as crianças foram

filmadas em suas casas enquanto interagem com um dos pais e/ou um experimentador sinalizante. Na transcrição dessas gravações, identificamos um corpus de 632 **ocorrências de sinais**.

**Fonte:** MEIER, R.

### **signed labels**

palavras sinalizadas

**Contexto:** One issue in early sign development is therefore this: how do signing parents make **signed labels** visible to their infants?

Uma questão na aquisição dos primeiros sinais é, portanto: como os pais sinalizantes tornam **palavras sinalizadas** para suas crianças

**Fonte:** MEIER, R.

### **signing space**

espaço de sinalização

**Contexto:** These differences have to do with the use of space. In the spatial semantic field, the **signing space** is taken as an analogous representation of real world space, which is continuous.

Contudo, existem diferenças importantes entre os dois campos. Essas diferenças estão relacionadas ao uso do espaço. No campo semântico espacial, o **espaço de sinalização** é interpretado como uma representação análoga do espaço do mundo real, que é contínuo.

**Fonte:** MEIR, I.

### **single signs**

sinais isolados

**Contexto:** So for example, some of the stimuli that would clearly be two separate signs in HZJ or ÖGS might be allowable **single signs** in ASL, or vice versa.

Por exemplo, alguns dos estímulos que poderiam, claramente, ser separados em dois sinais na HZJ ou ÖGS, na ASL podem ser **sinais isolados** admissíveis, ou vice-versa.

**Fonte:** BRENTARI, D.; WILBUR, R..

### **spatial pointers**

apontadores espaciais

**Contexto:** These forms include **spatial pointers**, direction of movement of the verb as an agreement marker, and the use of classifier handshapes.

Essas formas incluem **apontadores espaciais**, direção de movimento do verbo como um marcador de concordância e o uso de configurações de mão classificadoras.

**Fonte:** SUPALLA, T.

### **urban deaf communities**

comunidades surdas urbanas

**Contexto:** This section is about a type of sign language that differs radically from the better-known situation of largely **urban deaf communities** that are users of minority sign languages and members of a minority cultural group, such as is the case in all sign languages discussed in section 3.

Esta seção analisa o tipo de língua de sinais que difere radicalmente da situação mais conhecida das grandes **comunidades surdas urbanas** que são usuárias das línguas de sinais de minoria e são membros de um grupo cultural minoritário, como é o caso de todas as línguas de sinais analisadas na sessão 3.

**Fonte:** ZESHAN, U.



**visual-gestural modality**

modalidade visual-gestual

**Contexto:** They argue that the **visual-gestural modality** of sign languages and their capacity for iconic representations support at the very least, a minimal level of similarity between unrelated sign languages.

Eles argumentam que a **modalidade visual-gestual** das línguas de sinais e sua capacidade para representações icônicas dão suporte, no mínimo, a um nível mínimo de similaridade entre as línguas de sinais não relacionadas.

**Fonte:** AL-FITYANI, K.; PADDEN, C.

**visually-perceived referents**

referentes percebidos visualmente

**Contexto:** Spoken labels and their referents are generally presented in distinct sensory modalities; auditorily-presented labels are paired with **visually-perceived referents**.

As palavras faladas e seus referentes são geralmente apresentados por meio de modalidades sensoriais diferentes; as palavras são apresentadas de formas audíveis, coordenadas com os **referentes percebidos visualmente**.

**Fonte:** MEIER, R.

**young sign languages**

línguas de sinais jovens

**Contexto:** In an overview article “Sign Language Research at the Millenium”, Newport and Supalla (2000) discuss the tendency toward such structures in **young sign languages**, sign language pidgins, and even home sign systems.

No artigo “Sign Language Research at the Millenium”, Newport e Supalla (2000) discutem a tendência em direção a essas estruturas nas **línguas de sinais jovens**, língua de sinais pidgins e até em sistemas de sinais caseiros.

**Fonte:** SUPALLA, T.

## FICHA TÉCNICA

© 2008 EDITORA ARARA AZUL LTDA.  
Todos os direitos reservados  
Rua das Acácias, 20 – Condomínio Vale União – Araras  
Petrópolis – RJ– CEP.: 25725-040  
Tel.: (24) 2225-8397  
www.editora-arara-azul.com.br

### Organizadoras

*Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos*  
*Ronice Müller de Quadros*

### Coordenação Geral da Tradução

*Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos*

### Tradutores

*Alinne Balduino Pires Fernandes*  
*Carolina Vidal Ferreira*  
*Elaine Espíndola*  
*Gisele Daiana Pereira*  
*Jose Rodolfo da Silva*  
*Ladjane Maria Farias de Souza*  
*Lautenai Antonio Barthalamei Junior*  
*Lincoln Paulo Fernandes*  
*Lucas Hack de Mendonça*  
*Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos*  
*Thiago Blanch Pires*

### Revisores

*Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos*  
*Lincoln Paulo Fernandes*  
*Lautenai Antonio Barthalamei Junior*

### Revisão final

*Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos*  
*Mariana Klôh Rabello*

### Assistentes de Coordenação de Projeto de Tradução

*Gisele Daiana Pereira*  
*Fabio Augusto Prado Marques*

### Compilação do Glossário

*Lautenai Antonio Bartholomei Junior*

### Capa, projeto gráfico e diagramação

*FA Editoração eletrônica*

### apoio

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA  
MEC/SEED

ISBN 978-85-89002-33-2



www.editora-arara-azul.com.br